



CENTAUR

JÚLIO VERNE

Os Navegadores do Século XVIII

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Júlio Verne

OS NAVEGADORES DO SÉCULO XVIII

Título original: *Les Grands Navigateurs du XVIII^e Siècle* (1879)

Tradução: Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895)

2014 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

Índice

CAPÍTULO 1 — ASTRÓNOMOS E CARTÓGRAFOS

I

II

CAPÍTULO 2 — OS PRECURSORES DO CAPITÃO COOK

I

II

III

CAPÍTULO 3 — PRIMEIRA VIAGEM DO CAPITÃO COOK

I

II

CAPÍTULO 4 — SEGUNDA VIAGEM DO CAPITÃO COOK

I

II

CAPÍTULO 5 — TERCEIRA VIAGEM DO CAPITÃO COOK

I

II

CAPÍTULO 6 — OS NAVEGADORES FRANCESES

I

II

III

CAPÍTULO 7 — OS EXPLORADORES DA ÁFRICA

CAPÍTULO 8 — A ÁSIA E OS SEUS POVOS

CAPÍTULO 8 — AS DUAS AMÉRICAS

Capítulo 1 — Astrónomos e Cartógrafos

I

Antes de encetar a narrativa das grandes expedições do século XVIII devemos apontar os imensos progressos realizados pelas ciências durante este período. Retificou-se um grande número de erros consagrados, deram-se bases sérias aos trabalhos dos astrónomos e dos geógrafos. Não falando já senão no assunto que nos ocupa, modificaram radicalmente a cartografia e deram à navegação uma segurança até aí desconhecida.

Apesar de Galileu ter observado em 1610 os eclipses dos satélites de Júpiter, a indiferença dos governos, a falta de instrumentos de bastante força, os erros cometidos pelos discípulos do grande astrónomo italiano, tinham tornado estéril esta importante descoberta.

Em 1668, João Domingos Cassini publicara as suas *Tábuas dos Satélites de Júpiter*, que fizeram com que no ano seguinte Colbert o mandasse chamar e lhe renderam a direção do Observatório de Paris.

No mês de julho de 1671, Filipe de Lahire fora fazer observações a Uraniborg, na ilha de Huen, no próprio lugar onde se levantava o Observatório de Tycho Brahé. Ali, aproveitando-se das *Tábuas* de Cassini, calculou com uma exatidão, a que aiuda se não chegara, a diferença entre as longitudes de Paris e de Uraniborg.

No mesmo ano a Academia das Ciências enviava a Caiena o astrónomo João Richer, para ali estudar as paralaxes do Sol e da Lua e as distâncias de Marte e de Vénus à Terra. Esta viagem, que teve o êxito mais completo, teve também consequências inesperadas e deu

ocasião a que se empreendessem logo depois trabalhos acerca da forma da Terra. Richer observou que a pêndula se atrasava 2 minutos e 28 segundos em Caiena, o que provava que a gravidade era menor em Caiena do que em Paris. Newton e Huyghens tiraram dali a conclusão de que a Terra era achatada nos pólos. Mas, logo depois, as medidas de um grau terrestre, apresentadas pelo abade Picard, os trabalhos de meridiano executados por Cassini pai e filho, levaram estes sábios a um resultado inteiramente oposto e faziam-lhes considerar a Terra como uma elipsoide alongada nas regiões polares.

Foi isto origem de discussões apaixonadas e de imensos trabalhos, que aproveitaram à geografia astronómica e matemática.

Picard empreendera determinar o espaço compreendido entre os paralelos de Amiens e de Matvoisine, que compreende um grau e um terço; mas a Academia, entendendo que se poderia chegar a um resultado mais exato calculando uma distância maior, resolveu medir em graus todo o comprimento da França de norte a sul. Escolheu-se para isso o meridiano que passa pelo Observatório de Paris. Este gigantesco trabalho de triangulação, começado vinte anos antes do fim do século XVII, foi interrompido, continuado e concluído aí por 1720. Ao mesmo tempo, Luís XIV, impelido por Colbert, dava ordens para se levantar um mapa da França. Diferentes viagens foram feitas de 1671 a 1682 por alguns sábios, que fixaram, por meio de observações astronómicas, a posição das costas do oceano Atlântico e do Mediterrâneo.

Contudo, esses trabalhos de Picard, completados pela medida da meridiana, os levantamentos que fixavam a latitude e a longitude de algumas das grandes cidades da França, um mapa minucioso dos

arredores de Paris, cujos pontos tinham sido determinados geometricamente, não bastavam ainda para se levantar um mapa da França. Foram, portanto, obrigados a proceder, como se fizera quando se tratava da meridiana, cobrindo toda a extensão do país com uma rede de triângulos ligados uns aos outros. Tal foi a base do grande mapa da França, que tornou tão justamente célebre o nome de Cassini.

As primeiras observações de Cassini e de Lahire levaram esses dois astrónomos a apertar a França em limites mais estreitos do que os que até ali lhe eram designados.

«Tiraram-lhe — diz Desborough Cooley na sua *História das Viagens* — muitos graus de longitude ao longo da costa ocidental, desde a Bretanha até à baía da Biscaia, e tiraram da mesma forma perto de meio grau nas costas do Languedoc e da Provença. Estas mudanças ocasionaram uma graça de Luís XIV, que, cumprimentando os académicos à sua volta, lhes disse, palavras textuais: “Vejo com desgosto, meus senhores, que a sua viagem me custou uma boa parte do meu reino.”»

Demais, os cartógrafos não tinham até aí feito caso nenhum das correções dos astrónomos. No meado do século XVII, Puresc e Gareindi tinham corrigido nos mapas do Mediterrâneo uma diferença de «quinhentas» milhas de distância entre Marselha e Alexandria. Esta retificação tão importante foi considerada como nula até ao dia em que o hidrógrafo João Mateus de Chazelles, que auxiliara Cassini nos seus trabalhos de meridiana, foi enviado ao Levante para fazer o portulano do Mediterrâneo.

Repare-se igualmente, dizem as *Memórias* da Academia das Ciências, que os mapas estendiam demasiadamente os continentes

da Europa, da África e da América, e apertavam o grande mar Pacífico entre a Ásia e a Europa. Por isso esses erros causavam enganos singulares. Os pilotos, fiando-se nos seus mapas, quando foi da viagem de M. de Chaumont, embaixador de Luís XIV em Sião, enganaram-se nos seus cálculos, tanto à ida como à volta, andando mais caminho do que julgavam, indo do cabo da Boa Esperança à ilha de Java, julgavam estar ainda longe do estreito da Sonda, quando se achavam a mais de sessenta léguas para lá, e foi necessário navegar dois dias com vento favorável para entrarem no tal estreito; e, voltando do cabo da Boa Esperança para França, acharam-se na ilha das Flores, a mais ocidental dos Açores, quando julgavam estar a mais de cento e cinquenta léguas de distância para leste; para chegar às costas da França tiveram de navegar mais doze dias para o oriente.

Foram consideráveis, como dissemos mais acima, as retificações feitas no mapa da França. Resolveu-se que Perpilhão e Cullioure, especialmente, estavam muito mais a leste do que se supunha. Demais, para se formar ideia bem clara do que dizemos, basta olhar para o mapa da França publicado na primeira parte do tomo VII das *Memórias* da Academia das Ciências. Aí se atende às observações astronómicas em que acabámos de falar, e o antigo traçado do mapa, publicado por Samson, torna bem sensíveis as modificações executadas.

Cassini proclamava com razão que a cartografia já não estava à altura da ciência. Efetivamente, Samson seguira cegamente as longitudes de Ptolomeu, sem atender ao progresso das ciências astronómicas. Seus filhos e netos não tinham feito senão reeditar-lhe os mapas, completando-os, e os outros geógrafos seguiram a

mesma rotina. Foi Guilherme Delisle o primeiro que levantou novos mapas, aproveitando os dados modernos, e repeliu de caso pensado tudo o que antes dele se fizera. O seu ardor foi tal que aos vinte e cinco anos estava esse projeto inteiramente executado. Seu irmão José Nicolau ensinava astronomia na Rússia e mandava a Guilherme materiais para os seus mapas. Entretanto, Delisle de la Coyère, seu irmão mais novo, visitava as costas do mar Glacial, fixava astronomicamente a posição dos pontos mais importantes, embarcava no navio de Béringue e morria no Kamtchatka.

Eis o que foram os tais Delisle. Mas a Guilherme pertence a glória de ter revolucionado a cartografia.

«Chegou — disse Cooley — a pôr de acordo as medidas antigas e modernas e a combinar um volume mais considerável de documentos; em vez de limitar as suas correções a uma parte do Globo, ampliou-as a todo, o que lhe dá direito positivíssimo a ser considerado como criador da geografia moderna. Pedro, o Grande, ao passar por Paris, prestou-lhe homenagem, visitando-o para lhe dar todos os esclarecimentos que ele mesmo possuía sobre a Rússia».

Há ato mais concludente do que este depoimento de um estrangeiro? E se os nossos geógrafos são hoje excedidos pelos da Alemanha e da Inglaterra, não é uma consolação e uma animação saber que já primámos numa ciência em que hoje procuramos readquirir a nossa antiga superioridade?

Delisle viveu bastante para ver os triunfos do seu discípulo J. B. d'Anville. Se este último foi inferior, debaixo do ponto de vista da ciência histórica, a Adriano Valois mereceu a sua elevada fama pela

correção relativa do seu desenho, pelo aspeto claro e artístico dos seus mapas.

«Mal se compreende — diz o Sr. E. Desjardins na sua *Geografia da Gália Romana* — a pouca importância que se atribui às suas obras de geógrafo, de matemático e de desenhador. Foi, contudo, nestas últimas que ele deu sobretudo a medida do seu incomparável mérito. D'Anville foi o primeiro que soube construir um mapa por processos científicos, e isto basta à sua glória. No domínio da geografia histórica, deu prova D'Anville sobretudo do seu raro bom senso na discussão e de um instinto topográfico maravilhoso nas identificações; mas devemos reconhecer que não era nem sábio nem sequer suficientemente versado nos textos clássicos».

O mais belo trabalho de D'Anville é o seu mapa da Itália, cuja dimensão, até então exagerada, se prolongava de leste a oeste, segundo as ideias dos antigos.

Em 1735, Filipe Buache, cujo nome é justamente célebre como geógrafo, inaugurava um novo método, aplicando, num mapa dos fundos da Mancha, as curvas de nível à representação dos acidentes do solo.

Dez anos depois, D'Après de Manneville publicava o seu *Neptuno Oriental*, em que retificava os mapas das costas da África, da China e da Índia. Juntava-lhe uma instrução náutica, preciosíssima nessa época, por ser a primeira obra desse género. Até ao fim da sua vida foi aperfeiçoando essa compilação, que serviu de guia a todos os nossos oficiais nos últimos anos do século XVIII.

Em Inglaterra ocupava Halley o primeiro lugar entre os astrónomos e os físicos. Publicava uma *Teoria das Variações Magnéticas* e uma *História das Monções*, que lhe renderam o

comando de um navio, a fim de poder submeter a sua teoria à experiência.

O que D'Aprés fizera em França fê-lo Alexandre Dalrymple em Inglaterra. Mas as suas vistas conservaram sempre até ao fim um quê de hipotético e acreditou na existência de um continente austral. Teve por sucessor Horsburgh, cujo nome será sempre caro aos navegadores.

Mas devemos também falar de duas expedições importantes, que iam pôr fim à discussão apaixonada sobre a forma da Terra. A Academia das Ciências acabava de enviar uma missão, composta de Godin, Bouguer e La Condamine, à América, para medir o arco do meridiano ao equador. Resolveu confiar a direção de uma expedição semelhante, no norte, a Maupertuis.

«Se o achatamento da Terra — dizia esse sábio — não é maior do que Huyghens supôs, a diferença dos graus do meridiano, já medido em França, dos primeiros graus do meridiano próximo do equador, não será tão considerável que não possa atribuir-se aos erros possíveis dos observadores e à imperfeição dos instrumentos. Mas, se o observam no pólo, a diferença entre o primeiro grau do meridiano vizinho da linha equinocial e o grau 66, por exemplo, que corta o círculo polar, será grande bastante, mesmo na hipótese de Huyghens, para se manifestar sem equívoco apesar dos maiores erros cometíveis, porque esta diferença se achará repetida tantas vezes quantos forem os graus intermediários».

O problema estava assim claramente posto e devia receber no pólo, como no equador, uma solução que ia terminar o debate, dando razão a Huyghens e a Newton.

A expedição partiu a bordo de um navio equipado em Dunquerque. Compunha-se, além de Maupertuis, de Dlairaut, Camues e Lemonnier, académicos, do abade Outhier, cónego de Bayeux, de um secretário, Sommereux, de um desenhador, Herbelot, e do sábio astrónomo sueco Celsiux.

Quando recebeu os membros da missão em Estocolmo, o rei da Suécia disse-lhes: «Achei-me em sanguinolentas batalhas, mas antes queria voltar à mais mortífera do que empreender a viagem que vão fazer.»

Seguramente não devia essa ser uma viagem de recreio. Dificuldades de toda a espécie, privações contínuas, um frio excessivo, iam pungir os sábios físicos. Mas o que são esses padecimentos juntos das angústias, dos perigos, das provações que esperavam os navegadores polares, Ross, Parry, Hall, Payer e tantos outros!

«Em Tornéa, no fundo do golfo de Botnia, quase debaixo do círculo polar, as casas estavam enterradas debaixo da neve — diz Damiron no seu *Elogio de Maupertuis*. — Quando se saía, o ar parecia que rasgava o peito, os graus de frio crescente denunciavam-se pelo barulho com que se fendia a madeira de que são construídas todas as casas. Quem visse a solidão que reinava nas ruas julgaria que os habitantes da cidade tinham morrido. Encontravam-se a cada passo pessoas mutiladas, que tinham perdido braços e pernas em resultado de tão cruel temperatura. E contudo não era em Tornéa que os viajantes deviam parar».

Hoje, que estes sítios são mais bem conhecidos, hoje que se sabe o que é o rigor do clima ártico, pode-se fazer ideia mais justa das dificuldades que os observadores ali haviam de encontrar.

Foi em julho de 1736 que principiaram as suas operações. Para além de Tornéa não encontraram senão lugares desabitados. Tiveram de se contentar com os seus próprios recursos para escalar as montanhas, onde plantavam os sinais que deviam formar a cadeia ininterrupta dos triângulos. Repartidos em dois grupos, a fim de obter duas medidas em vez de uma e de diminuir assim as probabilidades de erro, os audaciosos físicos, depois de um grande número de peripécias, cuja narrativa se encontrará nas *Memórias* da Academia das Ciências de 1737, depois de fadigas inauditas, conseguiram verificar que o comprimento do arco do meridiano, compreendido entre os paralelos de Tornéa e Kittis, era de 55 023 toesas e meia. Assim, pois, debaixo do círculo polar, o grau do meridiano tinha perto de mil toesas mais do que Cassini supusera, o grau terrestre excedia em 377 toesas o comprimento que Picard lhe encontrara entre Paris e Amiens. A Terra era, por conseguinte, consideravelmente achatada nos pólos, resultado que por muito tempo se recusaram a reconhecer Cassini pai e filho.

*Correio da ciência, argonauta recente,
que atravessando a serra e o pélogo fremente,
trazes lá dessa terra, onde reinam três cioras,
meridianos, graus e setores e lapoas,
confirmaste no pólo, em região tão fria,
o que, em casa e ao fogão, Newton já conhecia.*

Assim se exprimia Voltaire, não sem um pingo de malícia; depois, aludindo às duas irmãs lapoas, que Maupertuis trouxera consigo, uma das quais o soubera seduzir, dizia o poeta:

*Este erro é muito vulgar,
e mais nenhum se cometeu
lá no círculo polar.*

«Todavia — diz o Sr. A. Maury na sua *História da Academia das Ciências* —, a importância dos instrumentos e dos métodos de que faziam uso os astrónomos enviados ao norte, deu aos defensores do achatamento do nosso globo mais razão do que eles tinham na realidade; e, no século seguinte, o astrónomo sueco Svanberg retificava as suas exagerações involuntárias com um trabalho publicado na nossa língua».

Entretanto, a missão que a Academia expedira para o Peru procedia a operações análogas. Composta de La Condamine, Bouguer e Godin, todos três académicos, de José de Jussieu, reitor da Faculdade de Medicina, encarregado da parte botânica, do cirurgião Seniergues, do relojoeiro Godin des Odonais e de um desenhador, deixou a Rochela no dia 16 de maio de 1735. Estes sábios dirigiram-se a S. Domingos, onde se fizeram algumas observações astronómicas, a Cartagena, Puerto Bello, atravessaram o istmo de Panamá, e desembarcaram, em 9 de março de 1736, em Manta, na terra do Peru.

Ali Bouguer e La Condamine separaram-se dos seus companheiros, estudaram a marcha do pêndulo, e depois partiram para Quito por caminhos diferentes.

La Condamine seguiu a costa até ao rio das Esmeraldas e levantou o mapa de todo esse país, que atravessou com fadigas infinitas.

Bouguer dirigiu-se pelo sul para Guayaquil, atravessando florestas paludosas, e chegou a Caracol, ao pé da Cordilheira, que levou sete dias a atravessar. Era o caminho outrora seguido por P. de Alvarado e onde tinham morrido setenta dos seus homens, e especialmente as três primeiras espanholas que tinham tentado penetrar nesse país. Bouguer chegou a Quito a 10 de Junho. Esta cidade tinha então trinta ou quarenta mil habitantes, um bispo, um presidente de Audiência, grande número de comunidades religiosas e dois colégios. A vida era barata, mas as mercadorias estrangeiras chegavam a preços extravagantes, a ponto de valer um copo de vidro dezoito ou vinte francos.

Os sábios escalaram a Pechincha, montanha próxima de Quito, cujas erupções têm sido mais de uma vez fatais a esta cidade, mas não tardaram a reconhecer que tinham de renunciar a levar a tais alturas os triângulos da sua meridiana e contentaram-se em colocar os marcos nas colinas.

«Vê-se quase todos os dias no cume destas mesmas montanhas — diz Bouguer na memória que leu à Academia das Ciências — um extraordinário fenómeno, que deve ser tão antigo como o mundo e cuja aparição ninguém viu antes de nós. A primeira vez que o notámos, estávamos juntos num monte chamado Pambamarca. Uma nuvem, em que imergimos e que se dissipou, deixou-nos ver o Sol que nascia e que estava muito brilhante. A nuvem passou para o outro lado. Não estava a trinta passos quando vimos as nossas sombras projetadas por cima de nós, e só víamos a nossa, porque a nuvem não mostrava uma superfície lisa. A pouca distância deixava distinguir todas as partes da sombra; viam-se os braços, as pernas e a cabeça; mas o que nos espantou foi ver a

cabeça ornada de auréola formada de três ou quatro coroas pequenas concêntricas, de uma cor muito viva, cada cor com as variedades do arco-íris, ficando o encarnado de fora. Os intervalos entre estes círculos eram iguais; o último era mais fraco, e enfim, a grande distância, víamos um grande círculo branco que rodeava tudo. Era uma espécie de apoteose para o espectador».

Como os instrumentos de que se serviam estes sábios não tinham a exatidão dos que são empregados hoje e estavam sujeitos às mudanças da temperatura, foi preciso proceder com o maior cuidado e a mais minuciosa atenção para que os mais pequenos erros, multiplicados, não produzissem afinal outros mais consideráveis. Também, nos seus triângulos, Bouguer e os seus companheiros não deduziram nunca o terceiro ângulo da observação dos dois primeiros: observaram-nos todos.

Depois de ter obtido em toesas a medida do caminho percorrido, restava descobrir que parte do circuito da Terra formava este espaço, mas não se podia resolver esta questão senão por meio de observações astronómicas.

Depois de grande número de obstáculos, que não podemos contar aqui minuciosamente, e de observações curiosas, entre outras a do desvio que a atração das montanhas produz no pêndulo, os sábios franceses chegaram a conclusões que confirmaram plenamente o resultado da missão da Lapónia. Não voltaram todos a França ao mesmo tempo. Jussieu continuou ainda durante muitos anos as suas investigações de história natural, e La Condamine escolheu para voltar à Europa o caminho do rio Amazonas, viagem importante, a respeito da qual falaremos ainda.

II

Estava-se em plena Guerra da Sucessão de Espanha. Certos armadores de Brístol resolveram então armar alguns navios para correrem sobre os baixéis espanhóis no oceano Pacífico e para devastar as costas da América do Sul. Os dois navios que foram escolhidos, o *Duque* e a *Duquesa*, debaixo do comando dos capitães Rodgers e Courtney, foram armados com esmero e providos de todas as munições necessárias para tão longa viagem. O célebre Dampier, que adquirira tanta reputação pelas suas correrias aventurosas e pelas suas piratarias, não desdenhou aceitar o título de primeiro-piloto. Apesar de esta expedição ter sido mais rica em resultados materiais do que em descobertas geográficas, a sua relação encerra algumas particularidades curiosas, que merecem ser conservadas.

Foi a 2 de agosto de 1708 que o *Duque* e a *Duquesa* deixaram a enseada real de Brístol. Observação interessante que primeiro que tudo se deve fazer: enquanto durou a viagem esteve à disposição das tripulações um registo em que deviam consignar-se todos os acontecimentos da campanha, a fim de que se reparassem os mais leves erros e os mais pequenos esquecimentos, antes que a lembrança dos factos pudesse alterar-se.

Até 22 de dezembro não há nada a dizer a respeito desta viagem. Nesse dia descobriram-se as ilhas Falkland, que poucos navegadores tinham ainda reconhecido.

Rodgers não arribou às ilhas; limita-se a dizer que a costa apresenta o mesmo aspeto que a de Portland, apesar de ser menos

alta.

«Todas as colinas — acrescenta ele — tinham a aparência de terrenos bons; as encostas são suaves, vestidas de florestas, e a costa não deixa de ter bons portos».

Estas ilhas, afinal, não têm nem uma árvore, e os bons portos estão longe de ser frequentes, como veremos depois. Já veem como são exatas as observações que devemos a Rodgers... Por isso os navegadores fizeram bem em se não fiar nelas.

Depois de terem passado para diante desse arquipélago, os dois navios foram direitos ao sul e seguiram nessa direção até 66° 58' de latitude. Não havia noite, o frio era vivo e o mar tão encapelado que a *Duquesa* teve algumas avarias. Os principais oficiais dos dois navios, reunidos em conselho, entenderam então que não deviam caminhar mais para sul, e mudaram de rumo para oeste. A 15 de janeiro de 1709 verificou-se que se dobrara o cabo e que se entrara no mar do Sul.

Nesta época em quase todos os mapas diferia a posição da ilha de João Fernandes. Por isso Wood Rodgers, que queria ir lá arribar para fazer aguada e arranjar um pouco de carne fresca, encontrou-a quase sem a procurar.

No dia 1 de fevereiro deitou ao mar uma embarcação para ir à descoberta de ancoradouro. Enquanto se esperava a sua volta, viu-se uma grande fogueira na praia. Teriam arribado àquele sítio alguns navios espanhóis ou franceses? Seria necessário dar combate para se obterem a água e os víveres de que se precisava? Tomaram-se todas as disposições durante a noite, mas, pela manhã, nem um só navio estava à vista. Já perguntavam todos se o inimigo se retirara, quando a chegada da chalupa veio fixar todas as incertezas,

trazendo um homem vestido de peles de cabra, com a fisionomia ainda mais selvagem do que o seu traje.

Era um marinheiro escocês, chamado Alexandre Selkirk, que, em consequência de uma pendência com o seu capitão, fora abandonado havia quatro anos e meio nessa ilha deserta. A fogueira, que se tinha visto, fora ele que a acendera.

Durante a sua residência em João Fernandes, Selkirk vira passar muitos navios; só dois, que eram espanhóis, ali tinham fundeado. Descoberto pelos marinheiros, Selkirk, depois de ser alvejado a tiro, só escapara à morte graças à sua agilidade, que lhe permitira trepar a uma árvore sem ser visto.

«Fora desembarcado — diz a relação — com o seu fato, a sua cama, uma espingarda, um arrátel de pólvora, balas, tabaco, um machado, uma faca, um caldeirão, uma Bíblia e alguns outros livros de devoção, os seus instrumentos e os seus livros de marinha. O pobre Selkirk proveu às necessidades o melhor que pôde; mas, durante os primeiros meses, custou-lhe muito a vencer a tristeza e a dominar o horror que lhe causava tão horrível solidão. Construiu duas cabanas, a alguma distância uma da outra, com murta. Cobriu-as com uma espécie de junco e forrou-as de peles de cabras, que ia matando à medida que ia precisando delas, enquanto lhe durou a pólvora. Quando a pólvora foi chegando ao fim, achou meio de acender lume com dois pedaços de pau de pimenteira, que esfregava um pelo outro. Quando a pólvora acabou, apanhava as cabras à mão, e tornara-se tão ágil por um exercício continuado, que corria através dos bosques, por colinas e rochedos, com uma velocidade incrível. Tivemos disso a prova quando foi à caça connosco; passava adiante dos nossos melhores corredores e de um

excelente cão que tínhamos a bordo, e esfalfava-os; apanhava logo as cabras e trazia-as às costas. Disse-nos que perseguira um dia um desses animais com tanto ardor que o agarrou à beira de um precipício escondido por umas sarças, e caiu de uma altura enorme com a sua presa. Ficou tão pasmado com a queda que perdeu os sentidos, e, quando os recuperou, achou a cabra morta debaixo de si. Esteve perto de vinte e quatro horas sem se poder mexer, e custou-lhe a arrastar-se até à sua cabana, que ficava uma milha distante e de que só pôde sair ao cabo de dez dias».

Nabos semeados pela tripulação de algum navio, couves e pimenta da Jamaica é que serviam a este abandonado para temperar os seus alimentos. Quando esfarrapou o fato e os sapatos, o que não levou muito tempo, fez outros de pele de cabra com um prego que lhe serviu de agulha. Quando a sua faca se lhe gastou toda até às costas, fez outra com aduelas de barrica, que encontrara na praia. Perdera por tal forma o costume de falar que lhe custava a fazer-se perceber. Rodgers embarcou-o e deu-lhe no seu navio o lugar de contramestre.

Selkirk não fora o primeiro marinheiro abandonado na ilha de João Fernandes. Lembra-se talvez que Dampier já ali encontrara um infeliz Mosquito, abandonado desde 1681 até 1684, e vê-se, na história das aventuras de Sharp e de outros flibusteiros, que o único sobrevivente da tripulação de um navio, que naufragou nessas costas, ali viveu cinco anos, até que outro navio o veio buscar. As desgraças de Selkirk foram contadas por um escritor moderno, por Saintine, num romance intitulado *Só!*

Os dois navios deixaram João Fernandes a 14 de fevereiro e principiaram as suas correrias contra os espanhóis. Rodgers

apoderou-se de Guaiaquil, de que tirou avultado resgate, e capturou muitos navios, que o forneceram mais de prisioneiros que de dinheiro.

Em toda esta parte da sua viagem, de que não temos de nos ocupar, apenas registaremos algumas particularidades acerca da ilha da Gorgona, onde viu um macaco a que o seu extremo vagar fez dar o nome de «preguiça»; acerca de Tecamez, cujos habitantes, armados de frechas envenenadas e de espingardas, o repeliram com perdas, e acerca das ilhas Galápagos, situadas a 2 graus de latitude norte. Este arquipélago é muito numeroso, segundo diz Rodgers, mas, das cinquenta ilhas que o compõem, não encontrou nem uma que desse água doce. Viu rolas em grande quantidade, tartarugas de terra e mar de uma grossura extraordinária — dando os espanhóis a esse grupo o nome desse animal — e cães-marinhos extremamente temíveis, até um dos quais teve mesmo a audácia de o atacar. «Estava eu na praia — diz ele —, quando o vi sair da água, de goela escancarada, com tanta rapidez e tanta ferocidade como o cão mais furioso, quando parte a corrente. Atacou-me três vezes.

Enterrei-lhe o meu chugo no peito, e de cada vez lhe fiz uma larga ferida, que o obrigou a retirar-se, dando gritos horríveis. Depois, voltando-se para mim, parou para ameaçar e mostrar-me os dentes. Ainda não havia vinte e quatro horas que um homem da minha tripulação estivera para ser devorado por um destes mesmos animais».

No mês de dezembro, Rodgers retirou-se, com um galeão de Manila, de que se assenhoreara, para a costa da Califórnia, para Puerto Seguro. Muitos dos seus homens internaram-se na terra. Viram uma grande quantidade de árvores altíssimas, sem a mais

leve aparência de cultura, e numerosos fumos que indicavam que o país era povoado.

«Os habitantes — diz o abade Prévost na sua *História das Viagens* — eram de estatura direita e vigorosa, muito mais negros que nenhum dos índios que vira no mar do Sul. Tinham os cabelos compridos, negros e chatos, que lhes caíam até às coxas. Todos os homens andavam nus, mas as mulheres usavam folhas ou pedaços de uma espécie de fazenda, que de folhas parece composta, ou peles de animais. Alguns traziam colares e braceletes de fasquias de pau e de conchas; outros tinham ao pescoço pequenas bagas vermelhas e pérolas, que decerto não sabem furar, porque são entalhadas à roda e atadas umas às outras com um fio. Achavam tão bonito esse enfeite, que recusavam os colares de vidro dos ingleses. A sua paixão ardente era toda pelas facas e pelos instrumentos de trabalho».

O *Duque* e a *Duquesa* saíram de Puerto Seguro a 12 de janeiro de 1710 e chegaram à ilha Guaham, uma das Marianas, dois meses depois. Ali tomaram víveres, e passando pelos estreitos de Boutan e de Saleyer, chegaram a Batávia. Depois da arribada obrigada a esta cidade e ao cabo da Boa Esperança, Rodgers fundeou nas Dunas no dia 1 de outubro.

Apesar de não referir minuciosamente as imensas riquezas que trazia, pode-se fazer delas elevada ideia quando se ouve Rodgers falar nas barras e na baixela de ouro e prata e nas pérolas que entregou por conta aos seus felizes armadores.

A viagem do almirante Anson, que vamos agora contar, pertence também à categoria das guerras de corso, mas fecha a série destas expedições de piratas, que desonravam os vencedores,

sem arruinar os vencidos. Apesar de ele não trazer nem uma só aquisição nova para a geografia, a sua relação é semeada de reflexões judiciosas, de observações interessantes acerca de regiões pouco conhecidas. São devidas, não ao capelão da expedição, Ricardo Walter, como o título indica, mas sim a Benjamim Robins, segundo as *Nickol's Literary Anedoctes*.

Jorge Anson nascera em 1697 no Staffordshire. Marinheiro desde a infância, não tardara a distinguir-se. Gozava da reputação de capitão feliz e hábil, quando em 1739 recebeu o comando de uma esquadra, composta do *Centurião*, de 60 canhões, do *Glocester*, de 50, do *Severo*, da mesma força, da *Pérola*, de 40, do *Wager*, de 28, da chalupa *Trial* e de dois navios que transportavam víveres e munições. Além dos seus 1460 homens de tripulação, recebera esta frota um reforço de 470 inválidos ou soldados de marinha.

Partindo de Inglaterra a 16 de setembro de 1740, a expedição passou pela Madeira, pela ilha de Santa Catarina, nas costas do Brasil, pela angra de S. Julião e atravessou o estreito de Lemaire.

«Por muito horrível que seja o aspeto da Terra do Fogo — diz a relação —, o da Terra dos Estados é mais horrível ainda. Oferece apenas uma série de rochedos inacessíveis, erçados de pontas agudas, de uma altura prodigiosa, cobertos de neve eterna e cingidos de precipícios. Enfim, a imaginação não pode figurar nada mais triste nem mais selvagem do que esta costa».

Tinham apenas saído do estreito os últimos navios da esquadra quando uma série de ventanias, de rajadas e de borrascas fez confessar aos marinheiros mais experimentados que tudo o que tinham chamado até aí tempestade nada era em comparação. Este horroroso tempo durou sete semanas sem interrupção. É escusado

dizer que os navios sofreram avarias, perderam um grande número de marinheiros, levados pelas ondas, dizimados pelas doenças que uma humidade constante e um sustento insalubre não tardaram a desenvolver.

Foram a pique dois navios, o *Severo* e a *Pérola*, e outros quatro perdidos de vista. Anson não pôde parar em Valdivia, que fixara como ponto de encontro em caso de separação. Levado muito para diante, não lhe foi possível parar senão em João Fernandes, onde entrou a 9 de junho. O *Centurião* tinha a maior necessidade desta arribada. Haviam morrido oitenta homens de tripulação, já não tinha água, e o escorbuto enfraquecera de tal forma os doentes que não havia dez em estado de fazer o quarto. Outros três navios em mau estado também não tardaram a ir ter com ele.

Foi necessário antes de tudo refazer as tripulações exaustas e reparar as avarias maiores dos navios. Anson desembarcou os doentes, estabeleceu-os ao ar livre, num hospital bem abrigado; depois, à frente dos mais valentes marinheiros, percorreu a ilha em todas as direções, a fim de fazer o levantamento das enseadas e das costas. O melhor fundeadouro é, no dizer de Anson, a baía Cumberland. A parte norte de João Fernandes — pequena ilha que não teria mais de cinco léguas de comprimento e duas de largura — é seca, pedregosa, sem árvores; o terreno é baixo e muito liso comparativamente à parte setentrional. Os agriões, as azedas, os nabos e os rábanos da Sicília cresciam em abundância, assim como a aveia e o trevo. Anson mandou semear cenouras, alfaces, plantar caroços de ameixas, de damascos e de pêsegos. Não tardou a reconhecer que o número dos bodes e das cabras, deixados pelos flibusteiros nesta ilha e que ali se tinham multiplicado tão

maravilhosamente, estava muito diminuído. Os espanhóis, para tirarem esse recurso precioso aos seus inimigos, haviam desembarcado uma grande quantidade de cães famintos, que deram caça às cabras e devoraram tamanha quantidade delas que apenas restavam umas duzentas nessa época.

O chefe de esquadra — assim é Anson sempre chamado na relação de viagem — mandou reconhecer a ilha de Mar Branco, que fica a vinte e cinco léguas de João Fernandes. Mais pequena, é também mais arborizada, mais bem regada e possuía mais cabras.

No princípio de dezembro as tripulações tinham podido readquirir forças bastantes para que Anson pensasse em executar os seus projetos de corso contra os espanhóis. Assenhoreou-se primeiro de muitos navios, carregados de mercadorias preciosas e de barras de ouro, depois queimou a cidade de Paita. Os espanhóis avaliaram a sua perda, nesta circunstância, num milhão e meio de piastras.

Anson dirigiu-se depois à baía de Quito, ao pé de Panamá, a fim de espreitar o galeão que, todos os anos, trazia as riquezas das Filipinas a Acapulco. Ali os ingleses não viram nem um só habitante; acharam, ao pé de algumas míseras choças, grandes montes de conchas e de magnífica madrepérola, que os pescadores de Panamá ali deixam de verão. Entre as provisões abundantes neste sítio devemos citar as tartarugas brancas, que pesam ordinariamente duzentos arráteis e cuja pesca se fazia de um modo singular. Quando se via uma flutuar adormecida à superfície do mar, um bom nadador mergulhava algumas toesas, subia, e, agarrando na casca pelo rabo, esforçava-se por meter a tartaruga pela água dentro. Despertando, esta debatia-se, e esse movimento bastava para a

manter à flor das vagas, a ela e ao homem, até uma embarcação os vir receber a ambos.

Depois de vão cruzeiro, Anson teve de se resolver a queimar três navios espanhóis, que aprisionara e armara. Logo que se repartiram pelo *Centurião* e pelo *Glocester*, os únicos dois navios que lhe restavam, a tripulação e a carga, Anson, a 6 de maio de 1742, resolveu dirigir-se para a China, onde esperava encontrar refrescos e reforços. Mas essa travessia, que tencionava fazer em sessenta dias, teve de a realizar em quatro meses. Depois de uma violenta tempestade, o *Glocester*, muito avariado e não podendo já ser manobrado por uma tripulação reduzida, teve de ser queimado. Só o dinheiro e os víveres foram transbordados para o *Centurião*, último resto dessa frota magnífica, que partira havia dois anos apenas das costas da Inglaterra.

Arrojado para fora do seu caminho, muito para o norte, Anson descobriu, a 26 de agosto, as ilhas de Atanacan e de Serigan, no dia seguinte as de Saipan, de Tinian e Agnigan, que fazem parte do arquipélago das Marianas. Um sargento espanhol, que capturou nesta paragem numa pequena embarcação, disse-lhe que a ilha de Tinian era desabitada e que ali se encontravam com abundância bois, aves e frutos excelentes, tais como laranjas, limões, cocos, árvores-do-pão, etc. Nenhuma arribada podia convir mais ao *Centurião*, cuja equipagem não constava já senão de cento e setenta e um homens, exaustos pelas privações e pelas doenças, e que, dos dois mil marinheiros que tripulavam a frota quando ela partira, eram os únicos que sobreviviam.

«O terreno é ali seco e um pouco arenoso — diz a relação —, o que torna a relva dos prados e dos bosques mais fria e mais lisa do

que é ordinariamente nos climas quentes; o terreno vai-se elevando insensivelmente desde a Aguada dos Ingleses até ao meio da ilha, mas, antes de chegar à sua maior altura, encontram-se muitas clareiras em pendor, cobertas de um trevo fino e entremeado de diferentes espécies de flores, e orladas de magníficas florestas, cujas árvores produzem excelentes frutos. Os animais, que durante a maior parte do ano são os únicos senhores desta bela residência, fazem parte dos seus encantos romanescos e não contribuem pouco para lhe dar um ar de maravilhoso. Veem-se ali algumas vezes milhares de bois a pastar juntos numa grande campina, espetáculo tanto mais singular quanto estes animais todos são de um verdadeiro branco de leite, com exceção das orelhas, que têm ordinariamente pretas. Apesar de a ilha ser deserta, os gritos contínuos e a vista de um grande número de animais domésticos, que correm em multidão pelos bosques, suscitam ideias de casais e de aldeias».

Quadro verdadeiramente encantador! Não lhe prestaria o autor muitos encantos que só na sua imaginação existiam? Depois de tão longo cruzeiro, depois de tantas tempestades, não admira que os grandes bosques verdejantes, a exuberância de vegetação, a abundância da vida animal, fizessem profunda impressão no espírito dos companheiros de Lord Anson. Demais, já vamos saber se os seus sucessores em Tinian ficaram tão maravilhados como ele.

Contudo, Anson não deixava de estar inquieto. Mandara consertar o seu navio, isso é verdade, mas muitos marinheiros ficavam em terra para se restabelecerem definitivamente e já não restava a bordo senão um pequeno número de marinheiros. Sendo o fundo de coral, tiveram de se tomar precauções para que as amarras

não fossem cortadas. Apesar disso, por ocasião da lua nova, levantou-se uma ventania furiosa e o navio ia dando à costa. As âncoras resistiram, mas não sucedeu o mesmo às amarras, e o *Centurião* foi arrastado para o mar alto. Os trovões não cessavam de rugir, a chuva caía com tal violência que de terra nem se ouviam os sinais de aflição que partiam do navio. Anson, a maior parte dos oficiais, uma grande parte da tripulação, em número de cento e treze indivíduos, tinham ficado em terra e achavam-se privados do único meio que possuíam de sair de Tinian.

A angústia foi extrema, a consternação inexprimível! Mas Anson, homem enérgico e fecundo em recursos, logo arrancou os seus companheiros ao desespero. Restava-lhes um barco, o que tinham tomado aos espanhóis; tiveram a ideia de o fazer mais comprido, a fim de poder levar toda a gente, com as provisões necessárias para chegar à China. Mas dezanove dias depois, o *Centurião* estava de volta, e os ingleses, embarcando a 21 de outubro, não tardaram a chegar a Macau. Desde a sua partida de Inglaterra, havia dois anos, era a primeira vez que arribavam a um porto amigo e civilizado.

«Macau — diz Anson —, outrora muito rica, muito povoada e capaz de se defender contra os governadores chineses da vizinhança, está extremamente decaída do seu antigo esplendor. Apesar de continuar a ser governada por portugueses e comandada por um governador que o rei de Portugal nomeia, está à mercê dos chineses, que podem esfomeá-la e assenhorear-se dela; por isso o governador português evita cuidadosamente molestá-los».

Foi necessário que Anson escrevesse uma carta altiva ao governador chinês para obter a licença de comprar, até por altíssimo

preço, os víveres e a mastreação, velame e cabos de reserva, recâmbios de que precisava. Depois anunciou publicamente que partia para Batávia, e deu à vela a 19 de abril de 1743. Mas, em vez de se dirigir às possessões holandesas, deu à vela para as Filipinas, onde esperou durante muitos dias que voltasse de Acapulco o galeão, depois de lá ter vendido ricamente a sua carga. Habitualmente esses navios têm quarenta e quatro canhões e uma tripulação de mais de quinhentos homens. Anson tinha apenas uns duzentos, e ainda demais a mais trinta eram simples grumetes; mas a desproporção das forças não o podia embaraçar porque tinha por si o atrativo de uma rica presa e a avidez dos seus homens respondia pela sua coragem. «Porque me não serves, disse um dia Anson ao seu cozinheiro, porque me não serves mais desses carneiros que comprámos na China? Já se comeram todos? — Desculpe-me o senhor chefe de esquadra, respondeu o cozinheiro, ainda há dois a bordo, mas eu estava-os reservando para quando viesse o comandante do galeão».

Portanto, ninguém, nem mesmo o cozinheiro, duvidava do triunfo! Demais, Anson tomou habilmente as suas disposições e soube compensar o pequeno número dos seus homens pela sua mobilidade. O combate foi vivo, pegou fogo nas esteiras que recobriam as amuradas do galeão, e as chamas elevavam-se até à altura do mastro da mezena. Era muito para os espanhóis o terem de combater dois inimigos. Renderam-se depois de uma luta de duas horas, que lhes custou sessenta e sete mortos e oitenta e quatro feridos.

A presa era rica: 1313843 oitavas e 35682 onças de prata em barras, além de uma partida de cochonilha e outras mercadorias de

pouquíssimo valor em comparação do dinheiro. Esta presa, junta às outras, somava 450000 libras esterlinas, sem contar os navios, as mercadorias, etc., que a esquadra inglesa queimara ou destruíra aos espanhóis, e que não podiam subir a menos de 600000 libras esterlinas.

Anson voltou ao rio de Cantão com a sua presa, que ali vendeu por 6000 piastras, soma inferior ao seu valor; partiu a 10 de dezembro, e entrou em Spitzaead a 25 de junho de 1744, depois de uma ausência de três anos e quatro meses. A sua entrada em Londres foi triunfal. Trinta e dois carros transportaram para a cidade, ao som dos tambores, das trombetas e das aclamações da multidão, os dez milhões de francos que representavam a totalidade das suas numerosas presas, que Anson, os seus oficiais e os seus marinheiros dividiram entre si, sem que o rei tivesse direito de figurar na repartição.

Anson foi nomeado contra-almirante, pouco tempo depois de voltar a Inglaterra, e recebeu muitos comandos importantes. Em 1747, aprisionou, depois de uma luta heroica, o marquês de Jonquière-Taffanel. Nomeado, em seguida a esta façanha, primeiro-lorde do Almirantado, o almirante protegeu em 1758 a tentativa de desembarque feita pelos ingleses ao pé de Saint-Malo, e morreu em Londres algum tempo depois do seu regresso.

Capítulo 2 — Os Precusores do Capitão Cook

I

Já no ano de 1669 o pai de Roggewein apresentara à Companhia das Índias Ocidentais da Holanda uma memória em que pedia o armamento de três navios para fazer descobertas no oceano Pacífico. O seu projeto fora favoravelmente acolhido, mas um esfriamento, que sobreviera nas relações entre a Espanha e a Holanda, obrigou o Governo batavo a renunciar provisoriamente a essa expedição. Quando estava para morrer, Roggewein arrancou a seu filho a promessa de prosseguir na execução do plano que concebera.

Circunstâncias independentes da sua vontade impediram este por muito tempo de cumprir a sua promessa. Foi só depois de ter navegado nos mares da Índia, depois de ter sido mesmo conselheiro no Tribunal de Justiça de Batávia, que Jacob Roggewein entrou em negociações com a Companhia das Índias Ocidentais. Que idade teria Roggewein em 1721? Quais eram os seus títulos para o comando de uma expedição de descobertas? Não se sabe. A maior parte dos dicionários biográficos nem duas linhas lhe consagram, e Fleurieu, que num belo e sábio estudo procurou fixar as descobertas do navegador holandês, nada pôde descobrir a esse respeito.

Mais ainda: não foi ele, mas sim um alemão, chamado Behrem, que escreveu a relação das suas viagens. Por isso devem-se atribuir antes ao narrador do que ao navegador as obscuridades, as contradições, a falta de rigor que se lhe observa. Parece até, muitas vezes, o que não deixa, contudo, de se afigurar inverosímil, que

Roggewein não estava ao facto das viagens e das descobertas dos seus predecessores e dos seus contemporâneos.

No dia 21 de abril de 1721 partiram do Texel três navios debaixo do seu comando: a *Águia*, de 36 canhões e 111 homens de tripulação; o *Tienhoven*, de 28 canhões e 100 homens, capitão Tiago Bauman; a galera *Africana*, de 14 canhões e 60 homens de tripulação, capitão Henrique Rosenthal. Esta navegação no Atlântico não oferece particularidade alguma interessante. Depois de ter tocado no Rio, Roggewein pôs-se à procura de uma ilha, a que chama Auke's Magdeland, e que deve ser a Terra da Virgem, a Virgínia de Hawkins, o arquipélago das Falkland ou das Maloínas, a não ser a Geórgia Austral. Apesar de essas ilhas serem então muito conhecidas, devemos acreditar que os holandeses acerca da sua posição só tinham noções muito incertas, porque, depois de terem abandonado a procura das Falkland, puseram-se à procura das ilhas de S. Luís dos Franceses, sem pensarem que fosse o mesmo arquipélago.

Deve dizer-se: há poucas terras que tenham tido mais nomes — ilhas de Pepys, ilhas de Conti, sem falar em muitos outros. Já se vê que não era difícil chegar à dúzia.

Depois de ter descoberto, ou antes entrevisto, debaixo do paralelo do estreito de Magalhães e a oitenta léguas das terras da América, uma ilha de «duzentas léguas» de circuito, a que chamou Bélgica Austral, Roggewein meteu-se pelo estreito de Lemaire, onde as correntes o arrastaram para o sul até sessenta e dois e meio graus de latitude; depois voltou à costa do Chile, fundeou diante da ilha de Mocha, que achou abandonada, alcançou depois a ilha de João Fernandes, onde se encontrou com o *Tienhoven*, de que estava

separado desde 21 de dezembro. Os três navios deixaram esta arribada antes do fim de março e fizeram caminho para oés-noroeste, na direção em que devia encontrar-se a terra descoberta por Davis entre 27° e 28° sul. Depois de uma procura de muitos dias, Roggewein chegou, a 6 de abril de 1722, à vista de uma ilha a que chamou ilha de Páscoa.

Não faremos caso das dimensões exageradas que o navegador holandês dá a esta terra, nem das suas observações dos usos e costumes dos habitantes. Teremos ocasião de tornar ao assunto com as relações mais exatas e mais particularizadas de Cook e de La Pérouse.

«Mas o que se não encontrará nessas relações — diz Fleurieu — será o rasgo de erudição do primeiro-sargento de Roggewein, que, depois de ter descrito a folha da bananeira, cujo comprimento é de seis ou oito pés e a largura de dois ou três, nos diz que foi com essa folha que nossos primeiros pais, depois da sua queda, cobriram a sua nudez», e acrescenta, para maior esclarecimento, «que os que o dizem fundam-se em ser essa folha a maior de todas as plantas que crescem nos países do Oriente e do Ocidente». Esta observação prova a elevada ideia que Behrem fazia das proporções dos nossos primeiros pais.

Um indígena foi sem medo a bordo da *Águia*. Regozijou todos os marinheiros com o seu bom humor, alegria e demonstrações amigáveis. No dia seguinte, Roggewein viu na praia, semeada de altas estátuas, uma imensa multidão de selvagens, que parecia esperar, com impaciência e curiosidade, a chegada dos estrangeiros. Sem se saber porquê, dispararam um tiro de espingarda; um insular caiu morto, e a multidão, assustada, dispersou-se em todas as

direções. Daí a instantes, tornou a aparecer, mais compacta. Roggewein, à frente de cento e cinquenta homens, deu uma descarga geral, que derribou um grande número de vítimas. Os naturais, espantados, apressaram-se, para apaziguar esses terríveis visitantes, a depor a seus pés tudo o que possuíam.

Fleurieu não julga que a ilha de Páscoa seja a Terra de Davis; mas, apesar das razões em que se esteia a sua opinião, apesar das diferenças que marca na descrição e na situação dessas duas ilhas, não pode deixar de se identificar a Terra de Davis com a de Roggewein, porque nenhuma outra ilha existe nestas paragens, hoje bem conhecidas.

Expulso do seu ancoradouro, na costa oriental da ilha de Páscoa, por uma violenta ventania, Roggewein fez caminho para oés-noroeste, atravessou o mar Mau, de Schouten, e, depois de ter andado oitocentas léguas desde a ilha de Páscoa, viu uma ilha que julgou que era a ilha dos Cães, de Schouten, e a que deu o nome de Carlshoff, que conservou.

A esquadra passou por diante dessa ilha sem a visitar, e foi levada, na noite seguinte, pelo vento e pelas correntes, para o meio de um grupo de ilhas baixas, que se não esperava encontrar. A galera *Africana* despedaçou-se num escolho e os dois navios de conserva iam tendo a mesma sorte. Foi só depois de cinco dias de esforços, de inquietações e de perigos que conseguiram desembaraçar-se e voltar para o mar alto.

Os habitantes deste arquipélago eram altos, os seus cabelos lisos e longos, pintados de diferentes cores. Estão hoje todos absolutamente de acordo em reconhecer na descrição, que

Roggewein nos deixou do grupo das ilhas Perniciosas, o arquipélago a que Cook deu o nome de ilhas Palliser.

Na manhã do dia seguinte àquele em que escapara aos perigos das ilhas Perniciosas, Roggewein descobriu uma ilha a que pôs o nome de Aurora. Muito baixa, quase que nem se levantava acima da água, e se o Sol tardasse um pouco a aparecer, o *Tienhoven* lá se teria perdido.

Caía a noite quando se descortinou uma nova terra, que recebeu o nome de Vesper, e que é bastante difícil de reconhecer, se não pertence às Palliser.

Roggewein continuou a singrar para oeste, entre o 15.º e o 16.º paralelo, e não tardou a achar-se, de repente, no meio de ilhas quase completamente submersas.

«À medida que nos fomos aproximando delas — diz Behrem — vimos um grande número de escaleres navegando ao longo das costas e não duvidámos de que o país fosse bem povoado. Aproximando-nos ainda mais, reconhecemos que é um grupo de várias ilhas situadas muito perto umas das outras; enfim, insensivelmente fomos entrando tanto por ali dentro que principiámos a temer que nos não pudéssemos deslindar, e o almirante fez subir ao cimo do mastro um dos pilotos para descobrir por onde é que se podia sair. Devemos a nossa salvação à tranquilidade que então reinava; a mais leve agitação faria naufragar os nossos navios nos rochedos, sem que fosse possível levar-lhes o mínimo socorro. Saímos por conseguinte sem desastre. Estas ilhas são em número de seis, todas muito risonhas, e, juntas, podem ter uma extensão de trinta léguas. Estão situadas a vinte e cinco léguas

a oeste das ilhas Perniciosas. Demos-lhe o nome de *Labirinto*, porque, para de lá sair, fomos obrigados a dar muitas voltas».

Alguns autores identificaram este grupo com as ilhas do Príncipe de Gales, de Byron. Não é essa a opinião de Fleurieu. Dumont d'Urville julga que se trata aqui do grupo de Vllégen, já visto por Schouten e Lemaire.

Depois de três dias de navegação sempre para oeste, os holandeses descortinaram uma ilha de bela aparência. Coqueiros, palmeiras e uma luxuriante verdura anunciavam a sua fertilidade. Como não havia fundo junto da praia, não houve remédio senão mandá-la só visitar por destacamentos bem armados.

Os holandeses derramaram mais uma vez, bem inutilmente, o sangue de uma população inofensiva, que os esperava na praia e que não tinha outra culpa senão a de ser muito numerosa. Em seguida a esta execução, mais digna de bárbaros do que de homens civilizados, procuraram atrair os naturais com presentes aos chefes e demonstrações de amizade bem enganadoras. Eles porém não caíram. Mas, atraindo os marinheiros para o interior da ilha, arrojaram-se a eles e atacaram-nos à pedrada. Apesar de uma descarga ter derribado um grande número deles, continuaram, com grande bravura, a assaltar os estrangeiros, e obrigaram-nos a reembarcar, levando os mortos e feridos.

Os holandeses, é claro, gritaram que era uma traição e declararam que não sabiam com que epíteto haviam de estigmatizar a deslealdade e a infâmia dos seus adversários! Mas quem foi o primeiro culpado? Quem foi o primeiro agressor? E, admitindo que alguns roubos se houvessem cometido, o que é possível, devia punir-se tão severamente, e numa população toda, a culpa de

alguns indivíduos que não podiam ter ideias muito claras acerca de propriedade?

Apesar das perdas que acabavam de sofrer, os holandeses deram a esta terra, em lembrança dos refrescos que ali tinham encontrado, o nome de ilha do Recreio. Roggwein coloca-a no 16.º paralelo, mas a sua longitude está tão mal indicada que foi impossível reconhecê-la.

Roggwein devia continuar para oeste à procura da ilha do Espírito Santo, de Queirós? Devia, pelo contrário, subir ao norte, para chegar às Índias Orientais com monção favorável? O conselho de guerra, a que submeteu esta alternativa, adotou esta última resolução.

No terceiro dia desta navegação foram descobertas a um tempo três ilhas, que receberam o nome de Bauman, por ter sido o capitão do *Tienhoven*, assim chamado, quem as viu primeiro. Os insulares vieram comerciar à roda dos navios, enquanto a praia estava coberta de numerosa multidão de indígenas, armados de arcos e de lanças. Eram brancos e só diferiam dos europeus em terem alguns a pele queimada pelos ardores do sol.

O seu corpo era sarapintado. Uma tira de fazenda, tecida artisticamente e guarnecida de franjas, envolvia-os desde a cintura até aos calcanhares. Abrigava-os um chapéu da mesma fazenda e colares de flores odoríferas lhes rodeavam o pescoço.

«Deve-se confessar — diz Behrem — que foi esta a nação mais humanizada e mais honrada que vimos no mar do Sul; encantados com a nossa chegada, receberam-nos como uns deuses, e, quando nos dispusemos a partir, mostraram os mais vivos pesares».

O mais provável é que sejam habitantes das ilhas dos Navegadores.

Depois de ter reconhecido umas ilhas que Roggewein julgou ser a dos Cucos e dos Traidores, visitadas já por Schouten e Lemaire, e a que Fleurieu, considerando-as como uma descoberta holandesa, chama ilhas Roggewein, depois de ter avistado as ilhas Tienhoven e Groninga, que Pingré julga ser a Santa Cruz, de Mendana, a expedição chegou enfim à costa da Nova Bretanha, onde praticou novas matanças. Daí dirigiu-se às praias da Nova Guiné, e, depois de ter atravessado as Molucas, fundeou em Batávia.

Ali os seus compatriotas, menos humanos do que algumas das tribos que Roggewein avistara, confiscaram os dois navios, prenderam marinheiros e oficiais sem distinção de posto, e mandaram-nos para a Europa, a fim de serem metidos em processo. Crime imperdoável: tinham posto pé em terras pertencentes à Companhia das Índias Orientais, quando estavam debaixo das ordens da Companhia das Índias Ocidentais. Seguiu-se daí um processo, e a Companhia do Oriente foi obrigada a restituir tudo que confiscara e a pagar indemnizações consideráveis. Desde a sua volta ao Texel, em 1723, perdemos completamente de vista Roggewein e não temos a mínima particularidade acerca dos últimos anos da sua existência. Deve-se agradecer muito a Fleurieu ter deslindado o caos dessa longa navegação e ter projetado alguma luz numa expedição que merecia ser mais bem conhecida.

A 17 de junho de 1764 eram entregues ao comodoro Byron umas instruções assinadas pelo lorde do Almirantado. Principiavam assim:

«Como não há nada mais próprio para contribuir para a glória desta nação, na sua qualidade de potência marítima, para a dignidade da coroa da Grã-Bretanha e para os progressos do seu comércio e da sua navegação, do que fazer descobertas de novas regiões, e como há motivo para supor que se podem encontrar no mar Atlântico, entre o cabo da Boa Esperança e o estreito de Magalhães, algumas terras e ilhas muito consideráveis, desconhecidas até agora das potências da Europa, situadas em latitudes cómodas para a navegação e em climas próprios para a produção de diferentes géneros úteis ao comércio; enfim, como as ilhas de Sua Majestade, chamadas ilhas de Pepys ou ilhas de Falkland, situadas no espaço que se acaba de designar, ainda não foram examinadas com bastante cuidado para que se possa formar uma ideia exata das costas e das suas produções, apesar de terem sido descobertas e visitadas por navegadores ingleses: Sua Majestade, atendendo a estas considerações e não imaginando conjuntura alguma tão favorável a uma empresa deste género como o estado de profunda paz de que gozam felizmente os seus reinos, julgou acertado executá-la.»

Quem era o marinheiro experimentado que o Governo inglês escolhera? Era o comodoro John Byron, que nascera a 8 de novembro de 1723. Mostrara desde a sua infância a paixão mais viva pela carreira marítima, e embarcara aos dezassete anos num dos navios da esquadra do almirante Anson, encarregado de ir destruir os estabelecimentos espanhóis nas costas do Pacífico.

Contámos mais acima as desgraças que desabaram sobre esta expedição antes da incrível felicidade que devia assinalar a sua última parte.

O navio em que Byron embarcara, o *Wager*, naufragou ao sair do estreito de Magalhães, e a tripulação, aprisionada pelos espanhóis, foi levada para o Chile. Depois de um cativeiro que não durara menos de três anos, Byron conseguiu escapar-se e foi recebido por um navio de Saint-Malo, que o levou para a Europa. Logo voltou ao serviço, distinguiu-se em muitos recontros durante a guerra contra a França, e foi sem dúvida a lembrança da sua primeira viagem à roda do mundo, tão infelizmente interrompida, que chamou para ele a atenção do Almirantado.

Os navios que lhe confiaram eram equipados com todo o cuidado. O *Delfim* era um navio de guerra de sexta classe, que tinha vinte e quatro canhões, cento e cinquenta marinheiros, três tenentes e trinta e sete oficiais inferiores. O *Tamar* era um *sloop* de dezasseis canhões, em que embarcaram, debaixo do comando do capitão Mouat, noventa marinheiros e vinte e sete oficiais inferiores.

O princípio não foi feliz. A 27 de junho a expedição deixou as Dunas; mas, descendo o Tamisa, o *Delfim* tocou e tiveram de entrar em Plymouth para o consertar.

No dia 3 de julho levantou-se ferro definitivamente, e dez dias depois Byron parava no Funchal, na ilha da Madeira, para tomar alguns refrescos. Foi igualmente obrigado a arribar às ilhas de Cabo Verde para fazer aguada, não tendo tardado a corromper-se a água que se embarcara.

Não houve nada que viesse contrariar a navegação dos dois navios ingleses até à vista do cabo Frio. Byron, porém, fez então esta singular observação, muitas vezes verificada depois, que o forro de cobre dos seus navios parecia afastar o peixe que deveria encontrar com abundância nessas paragens. Os calores

insuportáveis e as chuvas continuadas tinham deitado nas macas uma boa parte das tripulações. Por isso fazia-se sentir a necessidade de uma arribada de víveres frescos.

Deviam encontrar isso tudo no Rio de Janeiro, aonde chegaram a 12 de setembro. Byron recebeu ali um acolhimento obsequioso da parte do vice-rei, e conta assim a sua primeira entrevista:

«Quando o vim visitar fui recebido por ele com o maior aparato; perto de sessenta oficiais estavam formados diante do palácio. A guarda estava em armas. Eram belíssimos homens, com magnífico uniforme. Sua Excelência, acompanhado pela nobreza, veio receber-me à escada. Tive uma salva de quinze tiros de peça, disparados do forte mais próximo. Entrámos depois na sala de audiência, onde, depois de uma conversação de um quarto de hora, me despedi e fui reconduzido com as mesmas cerimónias.»

Diremos depois como a receção feita ao capitão Cook se pareceu pouco com a que acabava de se fazer a Byron. O comodoro obteve sem custo licença de desembarcar os seus marinheiros e encontrou a maior facilidade em arranjar refrescos. Só teve que se queixar das tentativas reiteradas dos portugueses para provocar a deserção dos seus marinheiros.

Os calores insuportáveis que as tripulações sentiam no Rio abreviaram a duração da arribada. A 16 de outubro, enfim, levantou-se ferro, mas foi necessário esperar à entrada da baía, durante quatro ou cinco dias, que um vento de terra permitisse aos navios que saíssem para o mar alto.

Até então o destino dos navios conservara-se secreto. Byron chamou a bordo o comandante do *Tamar*, e, em presença dos marinheiros reunidos, leu as suas instruções, que lhe prescreviam,

não dirigir-se às Índias Orientais, como se tratara até então, mas entrar no mar do Sul para fazer descobertas que poderiam ser de grande importância para Inglaterra. Com essa intenção, os lordes do Almirantado concediam às tripulações paga dobrada, sem falar nas promoções e nas gratificações, se se ficasse contente com eles. Deste discurso a segunda parte foi a mais agradável aos marinheiros, que a acolheram com aclamações alegres.

Até 29 de outubro navegou-se para o sul sem incidentes. Então súbitos temporais e violentas rajadas se sucederam e degeneraram numa horrorosa tempestade, durante a qual o comodoro mandou atirar pela borda fora quatro canhões para evitar o soçobrar. No dia seguinte mostrou-se o tempo um pouco mais maleável, mas estava tanto frio como na Inglaterra nessa época do ano, apesar de novembro corresponder ao mês de maio no hemisfério boreal. Como o vento desviava continuamente o navio para leste, Byron começou a recear que fosse muito difícil seguir a costa da Patagónia.

De súbito, a 12 de novembro, apesar de nenhuma costa estar marcada neste sítio nas cartas, ouviu-se muitas vezes o grito: «Terra! Terra pela proa!» As nuvens escureciam neste momento quase todo o círculo do horizonte e o trovão sucedia aos relâmpagos.

«Julguei notar — diz Byron — que o que ao princípio parecera uma ilha, apresentava duas montanhas escarpadas; mas, olhando para o lado de barlavento, pareceu-me que a terra que se ligava a estas montanhas se estendia ao longe para sueste; por conseguinte, governámos para sudoeste. Mandei subir oficiais ao cimo dos mastros para observar a barlavento e verificar esta descoberta; todos afirmaram que viam uma grande extensão de terra... Depois

inclinámo-nos a és-sudeste. A terra parecia mostrar-se sempre com a mesma aparência. As montanhas pareciam águas, como acontece nos tempos escuros e chuvosos, quando se não está longe delas... Logo depois, alguns julgavam ver e ouvir o mar quebrar numa praia arenosa; mas, tendo governado ainda perto de uma hora com toda a circunspeção possível, o que tínhamos tomado pela terra esvaiu-se de súbito, e ficámos convencidos, com grande espanto nosso, de que não fora senão uma terra de nevoeiro. Tenho estado quase continuamente no mar, continuava Byron, há vinte e sete anos, mas não tinha ideia de uma ilusão tão geral e tão sustentada. Não é duvidoso para nós que, se o tempo não clareasse prontamente para fazer desaparecer aos nossos olhos o que tínhamos tomado por terra, todos os que iam a bordo fariam juramento de que se descobrira terra nesta altura. Achávamo-nos então a 43° 46' de latitude sul e a 60° 5' de longitude oeste».

No dia seguinte sobreveio uma ventania horrorosa, anunciada pelos gritos agudos de muitos centos de pássaros, que fugiam. Não durou mais de vinte minutos. Contudo, foi o bastante para adornar o navio. Ao mesmo tempo a escota da vela grande atirara ao chão o primeiro-tenente, arrojara-o para longe, e a amurada era feita em pedaços.

Os dias que se seguiram não foram muito mais favoráveis. Além disso, o navio tinha tão pouco calado que o seu desvio se tornava muito considerável assim que o vento refrescava bastante.

Em seguida a uma navegação tão atormentada, a 24 de novembro Byron chegou, e imaginem com que alegria, à ilha dos Pinguins e ao porto Desejado. Mas os benefícios dessa estação não

tinham de justificar a impaciência que a tripulação tivera de lá chegar.

Tendo desembarcado, os marinheiros ingleses não descobriram, avançando para o interior da terra, senão um campo deserto, colinas arenosas, e nem uma só árvore. A respeito de caça, viram-se alguns guanacos, mas de tão longe que se não podia fazer fogo sobre eles; o que se pôde apanhar foi um certo número de grandes lebres, que não custaram a caçar. Só a caça de vitelos-marinhos e das aves aquáticas deu o bastante para «regalar uma frota inteira».

Mal abrigado, de mau ancoradouro, o porto Desejado oferecia ainda o grande inconveniente de se não arranjar ali senão água salobra. Quanto a habitantes, não apareceu nem rasto. Sendo inútil e perigosa uma longa demora neste sítio, Byron pôs-se, no dia 25, à procura da ilha Pepys.

A posição desta terra era das mais incertas. Halley colocava-a a 80° a leste do continente. Cowley, o único que assegurava tê-la visto, afirmava que jazia por 47° de latitude sul, mas sem fixar a sua longitude. Havia ali um problema interessante a resolver.

Depois de ter bordejado a norte, a sul e a este, Byron, persuadido de que essa ilha não existia, mudou de rumo para se dirigir às Sebaldinas e ao primeiro porto onde pudesse encontrar a água e a lenha de que precisava urgentemente. Assaltou-o uma tempestade, durante a qual foram tão terríveis as vagas que Byron nunca vira nada semelhante, nem quando dobrara o cabo Horn com o almirante Anson. Passada a tormenta, reconheceu o cabo das Virgens, que forma a entrada setentrional do estreito de Magalhães.

Assim que o navio se aproximou bastante da praia, puderam os marinheiros distinguir um bando de homens a cavalo, que arvoraram uma bandeira branca e lhes faziam sinal para que desembarcassem. Curioso de ver esses patagónios, acerca dos quais os viajantes precedentes estavam tão pouco de acordo, Byron dirigiu-se para a costa com um forte destacamento de soldados armados.

Encontrou ali perto de quinhentos homens, quase todos a cavalo, de uma estatura agigantada, e que pareciam ser monstros com rosto humano. O seu corpo estava pintado do modo mais hediondo, o seu rosto era sulcado por linhas de diversas cores, os seus olhos cercados de círculos azuis, negros, vermelhos, de forma que pareciam usar óculos imensos. Quase todos estavam sem roupa, e apenas tinham uma pele de animal, deitada ao ombro, com o pelo para dentro, e muitos usavam botinas. Vestuário singular, primitivo e pouco dispendioso!

Com eles, viam-se cães em grande quantidade, cavalos muito pequenos, de péssima aparência, mas que nem por isso deixavam de ser extremamente velozes. As mulheres montavam a cavalo, como os homens, sem estribos, e todos caminhavam pela praia apesar de ela estar semeada de pedras muito grossas, excessivamente escorregadias.

Essa entrevista foi amigável. Byron distribuiu a essa raça de gigantes uma infinidade de bagatelas, fitas, missangas e tabaco.

Apenas se juntou o *Delfim*, Byron entrou com a frota no estreito de Magalhães. Não tinha tenção de o atravessar, mas queria só encontrar uma angra segura e cómoda onde pudesse fazer aguada e cortar lenha, antes de se tornar a pôr à procura das ilhas Falkland.

Ao sair do segundo canal, Byron demarcou as ilhas de Santa Isabel, S. Bartolomeu, S. Jorge e a ponta Sandy. Ao pé desta última encontrou uma terra deliciosa: fontes, bosques sempre matizados de flores, que derramavam no ar um perfume penetrante. A paisagem era animada por centos de pássaros, entre os quais havia uma espécie que tinha a plumagem pintalgada das mais brilhantes cores. Mas em parte nenhuma se mostrava um sítio a que o escaler pudesse atracar sem correr os maiores perigos. Por toda a parte a água era muito baixa e o mar quebrava com força. Muitos peixes e muitas aves saborosíssimas pescou ou matou a tripulação.

Byron foi pois obrigado a continuar o seu caminho até ao porto da Fome, aonde chegou a 27 de dezembro.

«Estávamos — diz ele — ao abrigo de todos os ventos, à exceção de sudeste, que sopra raras vezes, e, se um navio viesse a dar à costa no interior da baía, não teria estragos, porque reunia ali um fundo maior. Flutua ao longo das costas uma quantidade de madeira, considerável bastante para com ela carregar facilmente mil navios, de forma que não estavam no caso de a ir cortar ao mato».

Ao fundo dessa baía desemboca um rio, o Sedger, cuja água é excelente. Estão plantadas à borda desse rio grandes e soberbas árvores, próprias para fazer excelentes mastros. Nos seus ramos empoleirava-se uma grande multidão de papagaios e de outros pássaros de plumagem semelhante. Nesse porto da Fome não deixou de reinar a abundância enquanto Byron ali esteve.

No dia 5 de janeiro de 1765, assim que as tripulações se restabeleceram completamente das suas fadigas e os navios se abasteceram, o comodoro voltou à procura das ilhas Falkland. Sete dias depois descobria uma terra em que julgou reconhecer as ilhas

de Sebald, de Weert; mas, aproximando-se, reconheceu que o que tomava por essas ilhas era uma só, que se estendia ao longe para o sul. Não duvidou de que estivesse em presença do arquipélago marcado nos mapas dessa época com o nome de New-Island, por 51° de latitude sul e 63° 32' de longitude oeste.

Ao princípio, Byron conservou-se ao largo, porque importava não ser atirado pelas correntes para uma costa que ele não conhecia. Enfim, depois de um levantamento muito sumário, largou uma embarcação a fim de seguir a costa de mais perto e de procurar uma enseada segura e cómoda, que não tardou a encontrar. Recebeu o nome de porto Egmont, em honra do conde de Egmont, então primeiro lorde do Almirantado.

«Não creio — diz Byron — que se possa encontrar um porto mais belo; o fundo é excelente, a aguada fácil, todos os navios da Inglaterra podiam fundear ali, ao abrigo de todos os ventos. Encontravam-se ali com tanta abundância gansos, patos e outras aves que os marinheiros estavam fartos de as comer. A falta de madeira é aqui geral; apenas aparecem alguns troncos de árvores a flutuar ao longo das águas, que provavelmente vão para ali do estreito de Magalhães».

A azeda brava, o aipo, esses excelentes antiescorbúticos, encontravam-se por todos os lados. O número dos lobos e dos leões-marinhos, etc., era tão considerável que se não podia andar pela praia sem os fazer fugir em bandos numerosos. Animais semelhantes, mas que tinham antes a figura da raposa, menos no tamanho e na cauda, atacaram muitas vezes os marinheiros, que só com muito custo conseguiram defender-se. Não seria fácil dizer como é que vieram para este país, afastado do continente pelo

menos cem léguas, nem em que sítio encontram refúgio, porque essas ilhas não produzem, no que respeita a vegetais, senão juncos e nem uma árvore só.

A narrativa desta parte da viagem de Byron não forma na biografia Didot senão um tecido intrincadíssimo de erros. «A flotilha — diz o Sr. Alfredo de Lacaze — meteu-se a 17 de fevereiro no estreito de Magalhães, mas foi obrigada a arribar ao pé do porto da Fome, a uma baía que tomou o nome de porto Egmont...» Confusão singular, que demonstra a leviandade com que são às vezes redigidos os artigos desta importante compilação.

Byron tomou posse do porto Egmont e das ilhas adjacentes, chamadas Falkland, em nome do rei de Inglaterra. Cowley dera-lhes o nome de ilhas Pepys, mas, segundo todas as probabilidades, o primeiro que as descobriu foi o capitão Davis, em 1592. Dois anos depois, Sir Richard Hawkins viu uma terra que se supõe ser a mesma e a que deu o nome de Virgínia, em nome da sua soberana, a rainha Isabel. Enfim, esses navios de Saint-Malo visitaram este arquipélago; foi sem dúvida o que fez com que Frégier lhes desse o nome de ilhas Maloínas.

Depois de ter dado nomes a um certo número de rochedos, de ilhotas e de cabos, a 27 de janeiro Byron saiu do porto de Egmont e fez-se à vela para o porto Desejado, a que chegou nove dias depois. Ali encontrou a *Florida*, navio de Inglaterra, os víveres e os sobresselentes necessários à sua longa navegação. Mas esse ancoradouro era tão perigoso, a *Florida* e o *Tamar* estavam em tão mau estado que não era possível proceder a uma operação tão longa como é um transbordo. Byron enviou, por conseguinte, na *Florida*, um dos seus oficiais inferiores, que tinha perfeito

conhecimento do estreito de Magalhães, e fez-se à vela, com os seus dois navios de conserva, para o porto da Fome.

Por muitas vezes encontrou no estreito um navio francês, que parecia seguir o mesmo caminho que ele. De volta a Inglaterra soube que esse navio era a *Águia*, comandado por Bougainville, que ia às costas da Patagónia fazer os cortes de madeira necessários para a nova colónia francesa das ilhas Falkland.

Durante essas diferentes escalas no estreito, recebeu a expedição inglesa a visita de muitíssimas hordas de fuegianos.

«Ainda não vira — diz Byron — tão míseras criaturas! Estavam nus, tendo apenas às costas uma pele de lobo-do-mar, muito malcheirosa; estavam armados de arcos e flechas, que me deram em troca de algumas contas de coral e de outras bagatelas. As flechas, do comprimento de dois pés, eram feitas de canas e armadas com uma pedra esverdeada; os arcos, que tinham corda de tripa, eram de três pés de comprimento.

Alguns frutos, mariscos, restos de peixe podre, arrojados pelo temporal à praia, formavam todo o seu alimento. Só os porcos se atreveriam a provar o seu manjar predileto. Era um grande pedaço de baleia já em putrefação, cujo cheiro infetava até ao longe. Um deles partia-o e dava os bocados partidos aos seus companheiros, que os comiam com a voracidade dos animais ferozes.

Muitos destes miseráveis selvagens determinaram ir a bordo. Querendo festejá-los, um dos meus oficiais inferiores tocou rabeca e alguns marinheiros dançaram. Ficaram encantados com este pequeno espetáculo. Como estavam muito desejosos de mostrar o seu reconhecimento, um deles apressou-se a saltar para a sua piroga, donde trouxe um saquível de pele de lobo-do-mar, em que

estava uma banha vermelha com que esfregou a cara do rabequista. Desejaria também fazer-me a mesma honra, coisa a que eu me esquivei, e tive imenso trabalho para me escapar de receber a prova de estima que ele me queria dar».

Não é inútil referir aqui a opinião de Byron, marinheiro experimentado, acerca das vantagens e inconvenientes que oferece a travessia do estreito de Magalhães. Não está de acordo com a maior parte dos outros navegadores que visitaram estas paragens.

«Os perigos e dificuldades que sofremos — diz ele — poderiam fazer acreditar que não é prudente tentar esta passagem e que os navios que partem da Europa e que se dirigem para o mar do Sul deveriam todos dobrar o cabo Horn. Não sou nada dessa opinião, apesar de ter duas vezes dobrado o cabo Horn. Há uma estação do ano em que não só um navio, mas uma esquadra toda, pode em três semanas atravessar o estreito, e, para aproveitar a estação mais favorável, é conveniente entrar ali no mês de dezembro. Uma vantagem inestimável e que deve sempre decidir os navegadores é encontrar-se ali com abundância aipo, cocleária, frutas e muitos outros vegetais antiescorbúticos... Os obstáculos que tivemos de vencer, e que nos retiveram no estreito desde 17 de fevereiro até 8 de abril, não podem ser imputados senão à estação do equinócio, estação normalmente procelosa e que por mais de uma vez experimentou a nossa paciência».

Até 26 de abril, dia em que teve conhecimento de Mas-a-fuero, uma das ilhas do grupo de João Fernandes, Byron seguira caminho para noroeste. Apressou-se a desembarcar ali alguns marinheiros, que, depois de terem feito provisão de água e de lenha, deram caça

às cabras monteses, a que acharam gosto tão delicado como à melhor veação de Inglaterra.

Durante esta arribada, deu-se um facto muito singular. Uma violenta ressaca quebrava na costa e impedia as embarcações de se aproximarem da praia. Apesar de se ter munido de um cinto de salvação, um dos marinheiros desembarcados, que não sabia nadar, não quis nunca atirar-se ao mar para voltar à chalupa. Ameaçado de ser abandonado nessa ilha deserta, recusava-se energicamente a arriscar-se, quando um dos seus camaradas lhe passou habilmente, à roda do corpo, uma corda a que fizera uma laçada, deixando na chalupa a outra ponta. Quando chegou a bordo, o desgraçado engolira tanta água, que ao tirarem-no parecia estar sem vida. Penduraram-no pelos pés; logo recuperou os sentidos, e no dia imediato estava perfeitamente restabelecido. Apesar desta cura, verdadeiramente maravilhosa, não tomaremos a responsabilidade de a recomendar às sociedades de socorros aos náufragos.

Saindo de Mas-a-fuero, Byron mudou de rumo, a fim de procurar a Terra de Davis, hoje ilha de Páscoa, que os geógrafos colocavam a 27° 30' e a perto de cem léguas para oeste da costa americana. Consagraram-se oito dias a esta busca. Byron, não tendo descoberto coisa alguma depois deste cruzeiro, que não podia prolongar por mais tempo, porque tinha tenção de visitar o arquipélago de Salomão, seguiu caminho para noroeste. A 22 de maio apareceu o escorbuto nos navios e não tardou a fazer progressos assustadores. Felizmente, a 7 de junho, por 14° 58' de longitude oeste, descobriu-se a terra do alto dos mastros.

No dia seguinte, achavam-se em presença de duas ilhas, que pareciam oferecer uma risonha perspectiva. Eram grandes árvores

frondosas, arbustos e bosques, no meio dos quais circulavam alguns indígenas, que não tardaram a reunir-se na praia e a acender fogueiras.

Byron mandou logo uma embarcação procurar um ancoradouro. Voltou sem ter encontrado fundo a uma amarra do litoral. Os pobres escorbúticos, que se tinham arrastado para os castelos, olhavam com ânsia dolorosa para essa ilha fértil, onde estava o remédio para os seus males, mas cuja entrada a natureza lhes proibia.

«Viam — diz a relação — abundantíssimos coqueiros, cujo leite é talvez o mais poderoso antiescorbútico conhecido; supunham com razão que deveria haver limões, bananas e outras frutas dos trópicos, e, para cúmulo de desgosto, viam cascas de tartarugas espalhadas na praia. Todos esses refrescos, que lhes teriam restituído a vida, estavam tanto a seu alcance como se deles os separasse metade do Globo; mas, vendo-os, sentiam mais violentamente a desgraça de ser privados deles.

Byron não quis prolongar por mais tempo o suplício de Tântalo a que estavam sujeitos os seus infelizes marinheiros; depois de ter dado a esse grupo o nome de ilhas do Desapontamento, tornou a fazer-se à vela, no dia 8 de junho. Logo no dia seguinte teve conhecimento de uma nova terra, comprida, baixa, coberta de coqueiros. No meio estendia-se uma lagoa com uma pequena ilhota. Bastava esse aspeto para indicar a formação madrepórica dessa terra, simples *atoll*, que não era ainda, mas ia ser uma ilha. Por isso a embarcação, enviada para sondar, encontrou por toda a parte uma costa tão escarpada como uma parede.

Entretanto, os indígenas entregavam-se a demonstrações hostis. Dois deles chegaram a penetrar na embarcação. Um roubou a véstia de um marinheiro, outro deitou a mão ao bico do chapéu do quartel-mestre, mas, não sabendo como se havia de apoderar dele, puxou-o para si em vez de o levantar, o que permitiu ao quartel-mestre opor-se a essa tentativa. Duas grandes pirogas, tripuladas cada uma delas por uns trinta remeiros, mostraram querer atacar as chalupas, mas estas logo lhes deram caça. Quando encalharam na praia travou-se uma luta, e os ingleses, vendo que iam ser esmagados pelo número, tiveram de fazer uso das armas. Morreram três ou quatro insulares.

No dia seguinte, alguns marinheiros e os escorbúticos que puderam deixar a cama foram a terra. Os naturais, assustados com a lição que tinham recebido na véspera, conservaram-se escondidos, enquanto os ingleses apanhavam nozes de coco e plantas antiescorbúticas. Estes refrescos prestaram-lhes grande auxílio, tanto que daí a alguns dias já não havia a bordo nenhum doente. Papagaios, pombas de uma beleza rara e muito familiares e outros pássaros desconhecidos compunham toda a fauna desta ilha, que recebeu o nome do Rei Jorge. À que foi descoberta logo depois deram o nome de ilha do Príncipe de Gales. Todas estas terras faziam parte do arquipélago das Pomotu, também chamadas ilhas Baixas, nome que lhes quadra perfeitamente.

A 21, nova cadeia de ilhas rodeadas de baixos de areia. Também Byron renunciou a tomar mais amplo conhecimento com elas, porque se o fizesse corria muito perigo e o desembarque não teria vantagem alguma. Byron chamou-lhes as ilhas do Perigo.

Seis dias depois descobriram a ilha do Duque de Iorque. Os ingleses não encontraram habitantes nela, mas levaram duzentos cocos, que lhes pareceram de um valor inestimável.

Um pouco mais adiante, por 1° 18' de latitude sul e 173° 46' de longitude oeste, estava uma ilha deserta, situada a este do arquipélago Gilberto, que recebeu o nome de Byron. Havia aí tanto calor que os marinheiros, enfraquecidos por esta longa viagem, alimentando-se com pouco comer, e esse pouco doentio, não bebendo senão água podre, foram quase todos atacados de disenteria.

Finalmente, a 28 de julho, Byron reconheceu com alegria as ilhas Saipan e Tinian, que fazem parte do arquipélago das Marianas, e veio fundear no mesmo lugar onde Lord Anson tinha ancorado com o *Centurião*.

Não tardou muito que se armassem barracas para os escorbúticos. Quase todos os marinheiros sentiam os efeitos dessa terrível doença; muitos estavam mesmo a decidir. O comandante tratou então de penetrar nos espessos bosques, que iam até ao último limite da praia, para lá procurar essas paisagens deliciosas de que o capelão de Lord Anson faz uma encantadora descrição na narrativa da sua viagem. Como essas narrativas entusiásticas estavam longe da realidade! Por todos os lados não havia senão florestas impenetráveis, espessuras de plantas, silvas ou arbustos enlaçados, que não se podiam atravessar sem se rasgar o fato aos pedaços. Ao mesmo tempo, nuvens de mosquitos caíram sobre os exploradores e picaram-nos cruelmente. A caça era rara e esquiva, a água detestável, a enseada muito perigosa nessa estação do ano.

A arribada anunciava-se pois com maus auspícios. Contudo, vieram a descobrir limões, laranjas amargas, cocos e fruto da árvore-do-pão, goiabas e muitos outros frutos. Se estes produtos ofereciam excelentes recursos para os escorbúticos, a quem puseram, em pouco tempo, a pé, o ar, carregado de emanções pantanosas, determinou acessos de febre tão violentos que morreram dois marinheiros. Demais a mais, a chuva não cessava de cair e o calor era sufocante. «Tenho estado — diz Byron — nas costas da Guiné, nas Índias Ocidentais e na ilha de S. Tomé, que está debaixo da linha, e nunca tive tanto calor».

Contudo, chegou-se a caçar muito facilmente aves e porcos selvagens, que pesavam ordinariamente duzentas libras; mas era preciso consumir essas carnes imediatamente, senão apodreciam no fim de uma hora. Enfim, o peixe que se pescava nesta costa era tão doentio, que todos os que comeram dele, pouco que fosse, estiveram gravemente doentes e correram perigo de vida.

No dia 1 de outubro, os dois navios, providos amplamente de refrescos e de provisões, deixaram a enseada de Tinian, depois de lá terem estado nove semanas. Byron reconheceu a ilha de Anatacan, avistada já por Anson, e continuou a navegar para o norte, na esperança de encontrar a monção do nordeste, antes de chegar aos Bashees, arquipélago que forma a extremidade norte das Filipinas. A 22 avistou a ilha de Grafton, a mais setentrional deste grupo, e, a 3 de novembro, chegou à ilha de Timoan, que Dnmpier indicara como um lugar onde se podiam achar mais facilmente refrescos. Mas os habitantes, que são da raça malaia, repeliram com desdém os machados, as facas e os instrumentos de ferro que lhes ofereciam em troca de algumas galinhas. Queriam rupias. Todavia,

contentaram-se com alguns lenços em troca de uma dúzia de galinhas, de uma cabra e de um cabrito. Por felicidade, a pesca foi abundante; porém, foi quase impossível achar víveres frescos.

Byron soltou as velas do seu navio a 7 de novembro, passou ao largo de Pulo-Condor, arribou a Pulo-Taya, onde encontrou um *sloop* com a bandeira holandesa, mas onde não vinham senão malaios. Depois, chegou a Sumatra, que costeou, e lançou ferro a 28 de novembro em Batávia, sede principal do poder holandês nas Índias Orientais.

Na enseada estavam então mais de cem navios, grandes ou pequenos, tal era o comércio da Companhia das Índias nesta época. A cidade estava então em toda a sua prosperidade. As suas ruas largas e bem rasgadas, os canais admiravelmente conservados e orlados de grandes árvores, as casas regulares, davam-lhe um aspeto que recordava singularmente as cidades dos Países Baixos. Portugueses, chineses, ingleses, holandeses, persas, mouros e malaios cruzavam-se em todas as direções nos passeios e nos bairros de negócios. As festas, as receções, os prazeres de toda a espécie davam ao estrangeiro uma ideia elevada da prosperidade desta cidade e contribuía para fazer dela uma residência agradável. O único inconveniente — e era considerável para guarnições que acabavam de fazer tão longa campanha — era a insalubridade do sítio, onde as febres são endémicas. Byron, que o sabia, tratou de embarcar as suas provisões e deu à vela depois de onze dias de arribada.

Por mais curta que tivesse sido esta demora, fora ainda assim longa de mais. Apenas os navios acabavam de transpor o estreito da

Sonda, logo uma febre pútrida prostrou metade da guarnição e matou três marinheiros.

A 10 de fevereiro, depois de quarenta e oito horas de navegação, Byron avistou a costa da África e fundeou daí a três dias na baía de Mesa.

A cidade do Cabo deu-lhe todos os recursos de que podia necessitar. Víveres, água, medicamentos, embarcou-se tudo com uma rapidez que explicava a impaciência da volta, e a proa dos navios foi enfim dirigida para a pátria.

Dois incidentes marcaram a travessia do Atlântico:

«Pelas alturas de Santa Helena — diz Byron —, com bom tempo e vento fresco, a distância considerável de terra, o navio recebeu um choque tão forte como se tivesse ido contra um banco de areia. A violência desse movimento assustou-nos a todos e corremos para a tolda. Vimos o mar tingir-se de sangue até grande distância, o que dissipou os nossos terrores. Concluímos disso que tínhamos dado um encontrão numa baleia ou noutra cetáceo, e que provavelmente o nosso navio não tinha sofrido nenhuma avaria, o que era verdade».

Enfim, passados alguns dias, o *Tamar* estava num tal destroço, o leme sofrera avarias tão graves que tiveram de inventar uma máquina para o substituir e ajudá-lo a chegar às Antilhas, porque era arriscar muito o continuar a viagem até ao seu destino.

A 9 de maio de 1766, o *Delfim* ancorava nas Dunas, depois de uma viagem à roda do mundo, que durara perto de vinte e três meses.

De todas as circum-navegações tentadas pelos ingleses, esta foi a mais feliz. Até esta época, nenhuma viagem puramente

científica se tentara. Se os resultados não foram tão fecundos como se esperava, deve-se deitar a culpa, não ao comandante, que deu provas de habilidade, mas antes aos lordes do Almirantado, cujas instruções não foram muito acertadas e que não tiveram o cuidado de embarcar, como se fez mais tarde, sábios especiais para os diversos ramos da ciência.

De resto, fizeram plena justiça a Byron. Deram-lhe o título de almirante e um comando importante nas Índias Orientais. Mas esta última parte da sua vida, que acabou em 1786, não é da nossa conta. Não falemos pois dela.

II

O impulso estava dado, enfim, e a Inglaterra entrava no caminho dessas grandes expedições científicas, que deviam ser tão fecundas e levar tão alto a reputação da sua marinha. Que admirável escola estas viagens de circum-navegação, em que as tripulações, oficiais e marinheiros estão a toda a hora em presença do imprevisto, em que os predicados do marinheiro, do militar e do homem acham em que se exercer! Se durante as guerras da Revolução e do Império, a marinha inglesa nos esmagou quase sempre com a sua superioridade, não devemos atribuí-lo tanto ao facto de se terem os marinheiros formado nesse trabalho como aos dilaceramentos da nossa pátria, que nos tinham privado dos serviços de quase todo o estado-maior marítimo?

Seja como for, o Almirantado inglês organizou, assim que Byron voltou, uma nova expedição. Parece mesmo que se apressou muito nos seus preparativos. O *Delfim* voltara para as Dunas no princípio de maio, e seis semanas depois, a 19 de junho, o capitão Samuel Wallis recebia o comando do navio.

Este oficial, depois de ter conquistado os seus postos todos na marinha militar, exercera um comando importante no Canadá e contribuirá para a tomada de Luisburgo. Quais foram os predicados que o recomendaram, mais do que qualquer dos seus companheiros de armas, à escolha do Almirantado para uma expedição desse género? Não sabemos, mas os nobres lordes não tiveram motivo para se arrependem da escolha que fizeram.

Wallis procedeu sem demora às reparações de que o *Delfim* precisava, e no dia 21 de agosto, quer dizer, menos de um mês depois de ter recebido a sua patente, juntou-se, na enseada de Plymouth, com a *Swallow* e o *Príncipe Frederico*. Destes dois navios, o segundo era comandado pelo tenente Brine; o primeiro tinha por capitão Filipe Carteret, oficial dos mais distintos, que acabava de dar volta ao mundo com o comodoro Byron e cuja reputação ia aumentar muito com esta segunda viagem.

Desgraçadamente a *Swallow* parecia pouco própria para a campanha que se ia exigir dela. Tendo já trinta anos de serviço, esse navio estava muito ligeiramente forrado, e a sua quilha nem estava guarnecida de pregos, que, à falta de forro, o poderiam defender dos bichos; enfim, os víveres e as mercadorias de troca repartiram-se de um modo tão singular que a *Swallow* recebeu uma quantidade muito menor que o *Delfim*. Debalde Carteret reclamou uma forja, ferro e diferentes objetos, que sabia por experiência que lhe deviam ser indispensáveis. O Almirantado respondeu que o navio e o armamento eram muito próprios para o uso que deles se esperava. Esta resposta confirmou Carteret na ideia de que não iria para diante das ilhas Falkland. Nem por isso deixou de tomar todas as medidas que a sua experiência lhe ditava.

Assim que se completou a cargação, quer dizer, a 22 de agosto de 1766, os navios fizeram-se de vela. Não precisou Wallis de muito tempo para perceber que a *Swallow* era um péssimo navio de vela e que lhe reservava um enorme embaraço durante a campanha. Contudo, não houve incidente algum na viagem até à Madeira, onde os navios pararam para substituir as provisões já consumidas.

Deixando este porto, o comandante entregou a Carteret cópia das suas instruções e marcou-lhe o porto da Fome, no estreito de Magalhães, como sítio de encontro, no caso de chegarem a separar-se. A paragem no porto da Praia, na ilha de Santiago, foi abreviada porque as bexigas faziam ali grandes devastações, e Wallis até proibiu as suas equipagens de desembarcar. Pouco tempo depois de ter passado o equador, o *Príncipe Frederico* sofreu pequena avaria, e foi necessário enviar-lhe o carpinteiro para tapar um rombo a bombordo. Esse navio, cujos víveres eram de «má qualidade, contava já um grande número de doentes.

A 19 de novembro, pelas oito horas da noite, as tripulações descortinaram para nordeste um meteoro de aparência muito extraordinária, que correu horizontalmente para sudoeste com prodigiosa rapidez. Durante perto de um minuto foi visível, e deixou atrás de si um rasto de luz tão vivo que iluminou o tombadilho como se se estivesse em pleno meio-dia.

A 6 de dezembro foi, enfim, reconhecida a costa da Patagónia. Wallis seguiu-a até ao cabo da Virgem Maria, onde saltou em terra com destacamentos armados da *Swallow* e do *Príncipe Frederico*. Um bando de indígenas, que os esperava na praia, recebeu, com testemunhos de satisfação, as facas, as tesouras e as outras bagatelas que é costume distribuir em semelhante ocorrência; mas não quiseram ceder por preço algum os guanacos, os avestruzes e a caça que se lhes via nas mãos e que não era muita.

«Tomámos a medida dos que eram mais altos — diz Wallis. — Um deles tinha seis pés e seis polegadas, muitos tinham cinco pés e cinco polegadas, mas o tamanho do maior número era de cinco pés e seis polegadas ou seis pés».

Note-se que se trata aqui de pés ingleses, que são de 305 milímetros. Se a estatura desses indígenas não igualava a dos gigantes em que tinham falado os primeiros viajantes, nem por isso deixava de ser extraordinária.

«Cada um deles — diz a relação — trazia à cintura uma arma de tiro singular: eram duas pedras redondas cobertas de couro e pesando cada uma delas perto de um arrátel, que estavam atadas às duas pontas de uma corda de perto de oito pés de comprimento. Servem-se delas como de uma funda, segurando uma das pedras na mão e fazendo girar a outra à roda da cabeça até adquirir uma força suficiente; atiram-na ao objeto que querem alcançar. São tão destros no manejo desta arma que, à distância de quinze varas, podem acertar com as duas pedras ao mesmo tempo num alvo que não seja maior do que um xelim. Não têm, contudo, o costume de ferir com ela o guanaco e o avestruz quando dão caça a esses animais».

Wallis levou oito desses patagônios a bordo. Esses selvagens não se mostravam tão surpreendidos como se poderia imaginar à vista de tantos objetos extraordinários e novos para eles. Só um espelho teve o dom de excitar o seu espanto. Avançavam, recuavam, faziam mil pelotiquices e mil visagens diante do espelho, riam às gargalhadas e falavam com animação uns aos outros. Os porcos vivos fizeram-nos parar por um momento; mas divertiam-se sobretudo a olhar para as galinhas-da-guiné e para os perus. Houve muito trabalho em resolvê-los a deixar o navio. Todavia, voltaram à praia cantando e fazendo sinais de alegria aos seus compatriotas que os esperavam na praia.

No dia 17 de dezembro, Wallis fez sinal à *Swallow*, que tomava a frente da esquadilha, para penetrar no estreito de Magalhães. No

porto da Fome o comandante mandou armar em terra duas grandes tendas para os doentes, para os cortadores de madeira e para os fabricantes das velas. Peixe em quantidade suficiente para se comer sempre uma vez ao dia, grande quantidade de aipo e de frutas ácidas, tais foram os recursos que ofereceu esta arribada e que, em menos de quinze dias, puseram completamente a pé os numerosos escorbúuticos de bordo. Quanto aos navios, foram consertados e calafetados em grande parte, remendadas as velas, fizeram-se enfim todos os arranjos necessários, e em breve a esquadra se pôde fazer de novo ao mar.

Mas, antes, Wallis mandou cortar uma grande quantidade de madeira, que se meteu a bordo do *Príncipe Frederico* para se transportar para as ilhas Falkland, onde não a há. Mandou ao mesmo tempo arrancar com o maior cuidado muitos milhares de árvores novas, cujas raízes foram cercadas de torrão a fim de facilitar a sua transplantação para o porto de Egmont, o que devia constituir, se pegassem, como era de esperar, um recurso precioso para este arquipélago deserdado. Enfim, as provisões do *Príncipe Frederico* foram repartidas pela *Swallow* e pelo *Delfim*. A primeira levou mantimentos para um ano, e o segundo para dez meses.

Não nos demoraremos com os diversos incidentes que assinalaram a navegação dos dois navios pelo estreito de Magalhães, tais como ventanias imprevistas, tempestades e rajadas de neve, correntes incertas e rápidas, grandes marés e grandes nevoeiros, que puseram por mais de uma vez os dois navios a dois dedos da sua perda. A *Swallow*, sobretudo, estava num estado de ruína tão desastroso que o capitão Carteret pediu a Wallis que considerasse

que o seu navio já não podia ser útil à expedição e que lhe ordenasse o que fosse de mais vantagem para o bem público.

— As ordens do Almirantado são formais — respondeu Wallis —; deve conformar-se com elas e acompanhar o *Delfim* enquanto lhe for possível. Sei que a *Swallow* não é boa veleira; seguirei portanto os seus movimentos e tomarei o seu passo, porque é importante que, se algum dos dois navios tiver alguma avaria, o outro esteja ao alcance de lhe dar todo o auxílio que estiver em seu poder.

Carteret não tinha que responder; calou-se, mas agourava mal do fim da expedição.

Quando os navios se aproximaram da abertura do estreito para o Pacífico tornou-se o tempo detestável. Uma bruma espessa, rajadas de neve e de chuva, correntes que atiraram com os navios para cima dos escolhos, um mar terrível, tais foram os obstáculos que demoraram os navegadores no estreito até 10 de abril. Nesse dia, na altura do cabo Pílares, o *Delfim* e a *Swallow* separaram-se e não se tornaram a encontrar, porque Wallis esquecera-se de fixar sítio de encontro em caso de separação.

Antes de seguirmos Wallis na sua viagem pelo Pacífico, daremos com ele algumas particularidades acerca dos míseros habitantes da Terra do Fogo e do aspeto geral do país. Guerreiros e miseráveis o mais possível, esses indígenas sustentavam-se de carne crua de vitelos-marinhos.

«Um dos nossos homens, que pescava à linha — disse Wallis —, deu a um desses americanos um peixe vivo que acabara de pescar e que era um pouco mais grosso que o arenque. O americano pegou-lhe com a avidez de um cão a quem se dá um osso. Matou

primeiro o peixe, dando-lhe uma dentada ao pé dos ouvidos, e começou a comê-lo da cabeça até ao rabo, sem deitar fora nem as espinhas, nem as barbatanas, nem as tripas.

Demais, esses indígenas engoliam tudo o que se lhes dava, quer fosse cru ou cozido, fresco ou salgado, mas não quiseram nunca beber senão água. Não tinham para se cobrir senão uma mísera pele de foca, que lhes caía até aos joelhos. As suas armas eram uns dardos com um osso de peixe. Eram todos doentes dos olhos, o que os ingleses atribuíram ao seu costume de viver no meio do fumo para se garantirem contra os mosquitos. Enfim, exalavam um cheiro insuportável, comparável ao das raposas, e que provinha sem dúvida da sua excessiva porcaria».

Este quadro não é atrativo, mas é de uma aparência singular, como todos os viajantes notaram. Para esses selvagens tão próximos dos brutos parece que o mundo não caminhou. Os progressos da civilização são para eles letra morta, e continuam a vegetar miseravelmente como seus pais, sem lhes importar melhorar a sua existência, sem sentir a necessidade de melhor conchego.

«Deixámos assim — diz Wallis — essa ilha selvagem e desabitada, onde, durante perto de quatro meses, estivemos sem cessar em perigo de fazer naufrágio, onde, no meio do verão, o tempo estava nebuloso, frio e proceloso, onde quase por toda a parte os vales estavam sem verdura e as montanhas sem bosques, enfim, onde a terra, que se apresenta à vista, se parece mais com as ruínas de um mundo do que com a habitação de entes animados».

Apenas se viu fora do estreito, Wallis seguiu caminho para oeste com ventos impetuosos, nevoeiros intensos e mares tão grossos que durante muitas semanas a fio não houve um único sítio

enxuto a bordo. Esta humidade constante produziu constipações e grandes febres, a que sucedeu em breve o escorbuto. Quando chegou a 32° de latitude sul e a 100° de longitude oeste, o navegador seguiu direito para o norte.

No dia 6 de junho descobriram-se duas ilhas, com alegria geral. Assim que as canoas se prepararam, seguiram logo para terra debaixo do comando do tenente Furneaux. Colheram-se alguns cocos e uma grande quantidade de plantas antiescorbúticas; mas os ingleses, se viram cabanas e telheiros, habitantes é que não encontraram nem um só. Esta ilha, descoberta na véspera de Pentecostes, nome que se lhe deu, *Whitsunday*, e situada a 19° 26' de latitude sul e a 137° 56' de longitude oeste, pertence, como as seguintes, ao arquipélago das Pomotu.

No dia seguinte, os ingleses procuraram entrar em relações com os habitantes da outra ilha, mas os indígenas mostraram disposições tão hostis, a praia era de tal forma pedregosa, que foi impossível desembarcar. Depois de ter bordejado toda a noite, Wallis mandou embora as embarcações com ordem de não se fazer mal nenhum aos habitantes, a não se ser a isso obrigado pela necessidade.

Ao aproximar-se da terra, o tenente Furneaux ficou surpreendido de ver sete grandes pirogas de dois mastros, em que todos os indígenas iam embarcar. Logo depois da sua partida, os ingleses saltaram em terra e percorreram a ilha em todos os sentidos. Encontraram ali muitas cisternas cheias de boníssima água.

O solo era plano, arenoso, coberto de árvores, sobretudo de palmeiras e de coqueiros, e semeado de vegetais antiescorbúticos.

«Os habitantes dessa ilha — diz a relação — eram de uma estatura mediana, a sua tez morena e tinham longos cabelos negros espalhados nos ombros. Os homens eram bem feios e as mulheres bonitas. O seu fato era uma espécie de fazenda grosseira, amarrada à cintura, e que parecia própria para se levantar à roda dos ombros».

De tarde, Wallis tornou a mandar o tenente a terra para fazer aguada, tomar posse dessa nova descoberta, em nome de Jorge III, dando-lhe o nome de ilha Rainha Carlota, em honra da rainha de Inglaterra.

Depois de ter operado em pessoa um reconhecimento, Wallis resolveu demorar-se neste sítio uma semana, por causa das facilidades de abastecimento que ali encontrava.

Durante os seus passeios, os marinheiros ingleses juntaram ferramentas de conchas e de pedras afiadas, com cabos e feitos de tesoura, etc. Viram igualmente muitas canoas em construção, feitas de tábuas cosidas umas às outras. Mas o que mais os surpreendeu foram uns túmulos em que os cadáveres estavam expostos debaixo de uma espécie de teto e apodreciam ao ar livre.

Quando partiram deixaram machados, pregos, garrafas e outros objetos em reparação dos prejuízos que tinham causado aos indígenas.

Se o século XVIII mostrou grandes pretensões de filantropia, vê-se, pelas narrativas de todos os viajantes, que essas teorias, tanto da moda, foram praticadas quase em todas as circunstâncias. A humanidade dera um grande passo. A diferença de cor já não impedia que se visse um irmão em qualquer homem e a Convenção, no fim do século, decretando a emancipação dos negros, ia

consagrar definitivamente uma ideia que encontrava numerosos adeptos.

No mesmo dia foi demarcada, a oeste da ilha da Rainha Carlota, uma nova terra, cujas costas o *Delfim* seguiu sem achar fundo. Baixa, coberta de árvores, sem coqueiros, sem vestígio sequer de habitações, não parecia servir senão de sítio de caça e de pesca aos naturais das ilhas próximas. Por isso Wallis entendeu que não valia a pena demorar-se ali. Deu-lhe o nome de Egmont, em honra do conde de Egmont, então primeiro lorde do Almirantado.

No dia seguinte novas descobertas. Foram, sucessivamente, as ilhas Gloucester, Cumberland, Guilherme Henrique e Osnabrugh. O tenente Furneaux, sem desembarcar nesta última, pôde arranjar alguns refrescos. Tendo descortinado na praia muitas pirogas duplas, entendeu que devia haver, a pouca distância, ilhas mais extensas, onde se poderiam sem dúvida encontrar provisões em abundância e cujo acesso seria, talvez, menos difícil.

Estas previsões não tardariam a realizar-se. No dia 19, ao nascer do Sol, os marinheiros ingleses ficaram muito espantados de se ver cercados de muitas centenas de pirogas, grandes e pequenas, tripuladas por mais de oitocentos indivíduos. Depois de se terem combinado algum tempo à parte, alguns dos indígenas aproximaram-se, trazendo na mão ramos de bananeiras. Tinham-se resolvido a trepar ao navio, e as trocas iam a principiar quando um incidente bastante grotesco esteve para pôr em risco estas relações amigáveis.

Um dos indígenas, que estava a bordo, levou um encontrão de uma cabra. Volta-se, e vê este animal desconhecido, levantado nas patas traseiras e que se prepara para o assaltar de novo. Cheio de

terror, atira consigo ao mar e todos os outros fazem o mesmo. Dir-se-iam os carneiros de Panúrgio. Recobriram-se contudo desse susto, voltaram a bordo, e empregaram toda a sua habilidade e toda a sua subtileza em furtar algum objeto. Só a um oficial lhe roubaram o chapéu. Entretanto, o navio continuava a seguir a praia à procura de uma angra segura e bem abrigada, enquanto as embarcações iam costeando a terra o mais perto que podiam para sondar.

Nunca, durante essa viagem, os ingleses tinham visto país tão pitoresco nem tão atraente. À beira-mar, pequenos bosques, donde emergiam os graciosos penachos dos coqueiros que ensombravam as cabanas dos naturais. No interior, uma série de colinas, de encostas fertilíssimas, elevavam-se em andares, e distinguíam-se, no meio da verdura, os sulcos prateados de uma infinidade de riachos, que desciam até ao mar.

À entrada de uma larga baía, as chalupas, que se tinham afastado para sondar, viram-se de súbito rodeadas de um grande número de pirogas. A fim de evitar um conflito, Wallis mandou disparar nove tiros de pedreiros por cima das cabeças dos indígenas, mas, apesar do susto que lhes causaram as detonações, estes foram continuando a aproximar-se. O capitão fez então sinal às suas embarcações para que voltassem para bordo. Alguns naturais, vendo-se a bom alcance, principiaram a atirar pedras, que feriram muitos marinheiros. Mas o patrão da chalupa respondeu a esta agressão com um tiro de espingarda carregada com chumbo, que apanhou um dos assaltantes e pôs em fuga todos os outros.

No dia seguinte, na embocadura de um belo rio, o *Delfim* pôde ancorar com vinte braças de água. A alegria foi unânime entre os marinheiros. Ao princípio, as pirogas rodearam em chusma os

navios, trazendo porcos, aves e uma grande quantidade de fruta, trocados em breve por quinquilharia e pregos, mas uma das embarcações enviadas para sondar ao pé da terra foi assaltada à bordada e os marinheiros viram-se obrigados a servir-se das suas armas. Um natural foi morto, outro gravemente ferido e os restantes atiraram-se à água.

Vendo que ninguém os perseguia, tendo a consciência de que eram eles que tinham provocado esse castigo, voltaram a comerciar a bordo do *Delfim*, como se não se tivesse passado coisa alguma.

Voltando para bordo, os oficiais contaram que os indígenas os tinham obrigado a saltar em terra, as mulheres sobretudo, cujos gestos não eram equívocos. Demais, ao pé da costa havia um bom ancoradouro, perto da aguada. O único inconveniente era uma ressaca bastante forte. O *Delfim* levantou, por conseguinte, as âncoras e ia fazer-se ao largo e tomar o vento quando Wallis viu abrir-se diante dele, a sete ou oito milhas de distância, uma formosa baía, onde resolveu entrar. Diz um ditado que o melhor é o inimigo do bom. O capitão devia experimentá-lo.

Apesar de as chalupas caminharem adiante para sondar, o *Delfim* bateu num recife e a proa enrascou-se. Tomaram-se sem demora as medidas que em tais circunstâncias se recomendam. Mas, fora da cadeia dos rochedos madrepóricos, não se encontrou fundo. Era impossível portanto deixar cair as âncoras. O que se havia de fazer nesta crítica situação? O navio batia no escolho com violência, e muitas centenas de pirogas pareciam esperar um naufrágio certo para se arrojamem ao saque. Ao cabo de uma hora, felizmente, uma brisa favorável, que soprava de terra, soltou o *Delfim*, que pôde

alcançar sem transtorno uma boa ancoragem. As avarias não eram sérias. Consertaram-se e esqueceram-se depressa.

Wallis, a quem as tentativas reiteradas dos naturais aconselhavam prudência, repartiu a sua gente em quatro quartos, um dos quais devia estar sempre armado, e mandou carregar os canhões. Contudo, depois de algumas trocas, o número das pirogas aumentou. Em vez de virem carregadas de porcos, de aves e de fruta, parecia que não traziam senão pedras. As maiores tinham tripulações mais numerosas.

De súbito, a um sinal dado, uma chuva de pedras caiu sobre o navio. Wallis ordenou uma descarga geral e mandou disparar duas peças carregadas com metralha. Depois de alguma desordem e de alguma agitação, os assaltantes voltaram duas vezes à carga com grande bravura, e o capitão, vendo a multidão cada vez mais cerrada dos combatentes, não deixava de ter algum receio acerca do resultado final da luta quando um incidente inesperado lhe veio pôr termo.

Entre as pirogas que atacavam com mais ardor a proa do *Delfim* havia uma que parecia transportar algum chefe, porque fora de lá que partira o sinal de combate.

Um tiro de peça bem dirigido partiu ao meio essa piroga dupla.

Não foi necessário mais para decidir a retirada dos indígenas. Operaram-na até com tal precipitação que meia hora depois não se conservava à vista nem uma só embarcação. O navio foi então rebocado para o porto e disposto para proteger o desembarque. À frente de um forte destacamento de marinheiros e de soldados da marinha, o tenente Furneaux saltou em terra, arvorou o pavilhão

inglês e tomou posse da ilha em nome do rei de Inglaterra, em honra do qual recebeu o nome de Jorge III. É a Taiti dos indígenas.

Depois de se terem prostrado e terem dado provas do seu arrependimento, os indígenas pareciam querer travar com os estrangeiros um comércio amigável e de boa fé, quando Wallis, que uma grave indisposição retinha a bordo, reparou que um ataque simultâneo por terra e por mar se preparava contra os seus homens ocupados a fazer aguada. Quanto mais curta fosse a luta, menos mortífera seria. Por isso, quando viu os naturais a tiro de peça, mandou disparar algumas descargas para dispersar a sua flotilha.

Para evitar a repetição destas tentativas, era necessário dar um exemplo. Wallis resolveu-se a isso com pena. Expediu imediatamente para terra um forte destacamento com os seus carpinteiros, para destruir todas as pirogas que tinham sido puxadas para a praia. Mais de cinquenta, algumas das quais de sessenta pés de comprimento, foram feitas em pedaços. Esta execução resolveu os taitianos a submeter-se. Depuseram porcos, cães, fazendas e frutas na praia, depois retiraram-se. Os ingleses deixaram-lhes em troca machados e bagatelas, que eles levaram para as florestas com grandes demonstrações de alegria. Estava feita a paz, e logo no dia seguinte se estabeleceu um comércio regular e abundante, que forneceu as equipagens de víveres frescos à discrição.

Havia motivo para esperar que as relações amigáveis continuassem durante a estada dos ingleses, agora que os indígenas tinham experimentado o poder e o alcance das armas dos estrangeiros. Wallis mandou por conseguinte armar uma tenda ao pé da aguada e desembarcou os seus numerosos escorbúticos, enquanto os homens válidos se ocupavam em consertar as

enxárcias, em remendar as velas, em calafetar, em repintar o navio, e em pô-lo, numa palavra, em estado de aguentar a viagem que o devia fazer voltar à Inglaterra.

Neste momento, a doença de Wallis tomou caráter assustador. Não era melhor o estado de saúde do imediato. Toda a responsabilidade caiu portanto sobre o tenente Furneaux, que não se mostrou abaixo da sua tarefa. Ao cabo de quinze dias, durante os quais não fora perturbada a paz, Wallis tornou a encontrar toda a sua gente a pé e de saúde.

Entretanto os víveres iam rareando. Os indígenas, a quem a abundância dos pregos e dos machados tornava mais ruins de contentar, mostravam-se mais exigentes. No dia 15 de julho, uma mulher alta, de perto de quarenta e cinco anos, de porte majestoso e a quem os indígenas mostravam grande respeito, veio a bordo do *Delfim*. Wallis, pela dignidade do seu porte, por essa liberdade de maneiras que distingue as pessoas habituadas a comandar, reconheceu que devia ocupar uma alta posição. Fez-lhe presente de um grande manto azul, de um espelho e de outras bagatelas, que ela recebeu com as provas do mais profundo contentamento. Ao sair do navio pediu ao comandante que desembarcasse e a fosse visitar. Wallis foi logo no dia seguinte, apesar de estar ainda muito fraco. Foi admitido numa grande casa, que ocupava um espaço de terreno de trezentos e vinte e sete pés de comprimento e quarenta e dois de largura, e que era coberta por um teto de folhas de palmeira, assente em cinquenta e três pilares. Considerável multidão, reunida para essa circunstância, formava alas na passagem de Wallis e recebeu-o respeitosamente. Esta visita foi alegrada por um incidente

bastante cómico. O cirurgião do navio, que a marcha pusera a escorrer em suor, tirou a cabeleira para se refrescar.

«Uma exclamação súbita de um dos índios, ao ver isto, chamou a atenção de todos os outros para esse prodígio que atraiu todos os olhos. Toda a assembleia ficou por algum tempo sem movimento e no silêncio do espanto, que não seria maior se tivessem visto um dos membros do nosso companheiro separado do seu corpo».

No dia seguinte um mensageiro, que ia levar um presente à rainha Oberéa, para agradecer a sua graciosa receção, encontrou-a dando um festim a um milhar de pessoas.

«Os seus criados levavam-lhe os manjares preparados, a carne dentro de cocos e os mariscos numa espécie de tarros de madeira, semelhantes àqueles de que se servem os nossos carneiros; distribuía-os ela com as suas próprias mãos a todos os hóspedes, que estavam sentados e formados em torno da casa grande. Acabado isto, sentou-se ela mesma numa espécie de estrado, e deram-lhe de comer duas mulheres colocadas ao seu lado. As mulheres apresentavam-lhe a comida com os dedos, e ela não tinha outro trabalho senão o de abrir a boca».

A repercussão desta troca de amabilidades não tardou a fazer-se sentir, o mercado foi mais uma vez amplamente abastecido, mas sem que os preços tornassem a ser tão baixos como na ocasião da chegada dos ingleses.

Foi operado um reconhecimento pelo tenente Furneaux, ao longo da costa, a oeste, para fazer ideia da ilha, e ver o que seria possível tirar dessa terra nova. Os ingleses foram bem recebidos por toda a parte. Viram um país agradável, muito povoado, cujos

habitantes não pareciam ter muita pressa de vender os géneros. Todas as ferramentas eram de pedra ou de osso, o que fez conjecturar ao tenente Furneaux que os taitianos não conheciam metal algum. Não possuindo vasos de barro, não faziam por isso mesmo ideia alguma de que a água se pudesse aquecer. Percebeu-se isso num dia em que a rainha almoçava a bordo. Uma das principais personagens da sua comitiva, tendo visto o cirurgião deitar água da chaleira no bule, abriu a torneira, e recebeu em cima da mão o líquido a ferver. Sentindo-se queimado, soltou gritos horrorosos e começou a correr em torno da câmara, fazendo as contorções mais extravagantes. Os seus companheiros, não podendo perceber o que lhe acontecera, estavam pasmados a olhar para ele, com uma mistura de espanto e de susto. O cirurgião apressou-se a intervir, mas passou-se algum tempo antes que o pobre taitiano se pudesse sentir aliviado.

Alguns dias depois, Wallis percebeu que os marinheiros furtavam pregos para os dar às mulheres. Tinham até chegado a ponto de levantar e de arrancar as tábuas do navio, a fim de arranjar os parafusos, os pregos, enfim todos os pedaços de ferro que os prendiam ao cavename. Por mais que Wallis procedesse com severidade, não conseguiu coisa alguma, e, apesar da precaução que tomou de não deixar ninguém ir para terra sem ser apalpado, esses factos renovaram-se muitas vezes.

Uma expedição, enviada ao interior da ilha, reconheceu um largo vale, que um belo rio banhava. O terreno estava cultivado por toda a parte com extremo desvelo e tinham-se praticado umas sangrias para regar os jardins e os pomares. Quanto mais se penetrava no interior, mais caprichosas se tornavam as sinuosidades

do rio; o vale estreitava-se, as colinas transformavam-se em montanhas, o caminho tornava-se cada vez mais difícil. Escalou-se um pico, afastado perto de seis milhas do sítio de desembarque, na esperança de que se descobriria a ilha toda até aos seus mais insignificantes recessos. Mas a vista estava limitada por montanhas ainda mais elevadas. Do lado do mar, todavia, nenhum obstáculo vinha esconder o quadro encantador que se desenrolava diante dos olhos; por toda a parte, colinas atapetadas de bosques magníficos, destacavam-se num claro relevo sobre o fundo de verdura as cabanas dos indígenas; nos vales o espetáculo era ainda mais risonho, com uma infinidade de cabanas e de jardins cercados de sebes vivas. A cana-de-açúcar, o gengibre, o tamarinho, fetos arborescentes, coqueiros, tais eram as principais essências deste fértil país.

Wallis, que queria enriquecer essa região com muitas produções dos nossos climas, mandou semear caroços de pêsego, de ginja e de ameixa, assim como pevides de laranja, de limão e de lima, e sementes de uma grande quantidade de legumes. Ao mesmo tempo fazia presente à rainha de uma gata grávida, de dois galos, galinhas, patos, e muitos outros animais, que supunha que se poderiam reproduzir facilmente.

Contudo, o tempo urgia e Wallis teve de se resolver a partir. Quando anunciou a sua resolução à rainha, esta atirou-se para uma poltrona e chorou muito tempo, com tanta sensibilidade que não havia nada que a pudesse acalmar. Conservou-se até ao último momento a bordo, e quando o navio se fez à vela, «abraçou-nos do modo mais terno — diz Wallis —, derramando muitos prantos, e os nossos amigos taitianos disseram-nos adeus com tanta pena e de

um modo tão tocante, que se me confrangeu o coração e arrasaram-se-me os olhos de lágrimas».

O modo pouco cortês como os ingleses tinham sido acolhidos, as tentativas reiteradas dos indígenas para se apoderarem do navio, não podiam fazer suspeitar tão penosa separação; mas bom foi que tudo acabasse em bem.

Das informações que Wallis colheu acerca dos usos e costumes dos indígenas só reproduziremos as seguintes, porque teremos ocasião de nos referir a elas de novo quando contarmos as viagens de Bougainville e de Cook.

Altos, bem feitos, ágeis, um pouco queimados, esses indígenas vestem-se de uma espécie de fazenda branca, fabricada da casca de uma árvore. Das duas peças de fazenda que compõem todo o seu vestuário, uma é quadrada e parece um cobrejão. Furada no centro para se meter a cabeça, lembra o «zarape» dos mexicanos e o «poncho» dos indígenas da América do Sul. A outra enrola-se à roda do corpo sem se apertar. Quase todos, homens e mulheres, têm o costume de se sarapintar com linhas negras muito juntas, que representam diversas figuras. Esta operação pratica-se do modo seguinte: pica-se a pele, e os buracos enchem-se de uma espécie de massa, composta de azeite e sebo, que deixa um vestígio indelével.

A civilização estava pouco adiantada. Dissemos mais acima que os taitianos não conheciam os vasos de barro. Por isso Wallis fez presente à rainha da sua marmita, que todos foram ver com extrema curiosidade.

Quanto à religião desses indígenas, não percebeu o comandante que tivessem alguma. Só reparou que entravam em

certos sítios, que supôs que seriam cemitérios, com um porte respeitoso e com o aparato da dor.

Um dos taitianos, que parecia mais disposto do que os seus companheiros a imitar e a adotar as maneiras inglesas, recebeu um fato completo, que lhe ficava muito bem. Jonathan — era assim que o tinham chamado — estava todo ufano com os seus novos enfeites. Para levar ao seu auge a distinção das maneiras, quis aprender a servir-se do garfo, mas não pôde conseguir manejar este último instrumento. Arrastado pela força do costume, levava sempre a mão à boca, e o bocado, cravado nos dentes do garfo, passava-lhe ao lado da orelha.

Foi a 27 de julho que Wallis deixou a ilha de Jorge III. Depois de ter seguido a costa da ilha do Duque de Iorque, descobriu sucessivamente muitas ilhas e ilhotas, a que não atracou. Tais são as ilhas de Charles Saunders, de Lord Howe, de Scilly, de Boscawen e de Keppel, onde as disposições hostis dos indígenas e a dificuldade do desembarque o impediram de desembarcar.

Ia principiar o inverno na região austral. O navio metia água por todos os lados, a popa sobretudo estava muito cansada com o leme. Seria prudente, nessas condições, fazer-se de vela para o cabo Horn ou para o estreito de Magalhães? Não seria correr ao encontro de um naufrágio certo? Não seria melhor dirigir-se a Tinian ou a Batávia, onde se poderiam fazer consertos, e voltar à Europa pelo cabo da Boa Esperança? Foi esta última resolução que Wallis tomou. Governou por conseguinte para noroeste e a 19 de setembro, depois de uma navegação tão feliz que não podia ter história, fundeou na angra de Tinian.

Os incidentes que tinham assinalado a arribada de Byron a este sítio reproduziram-se com grande regularidade. Da mesma maneira que o seu predecessor, Wallis não teve grandes motivos de satisfação com respeito às facilidades de abastecimento e à temperatura do país. Se os escorbúuticos se curaram em poucos dias, se as velas se puderam remendar, se o navio se pôde consertar e calafetar, teve a tripulação a felicidade inesperada de não contrair febres.

A 16 de outubro de 1767, o *Delfim* fez-se de novo ao mar; mas, desta vez, sofreu uma série de horrorosas tempestades, que rasgaram as velas, abriram outra vez os rombos da quilha, demoliram em parte o leme, e levaram os tombadilhos com tudo o que estava no castelo de proa.

Entretanto dobraram-se as Bachis e atravessou-se o estreito da Formosa. As ilhas Sandy, Small-Key, Long-Island e New Island foram reconhecidas, assim como Condor, Timor, Araos e Pisang, Pulo-Taya, Pulo-Tote e Sumatra, antes de se chegar a Batávia, a 30 de novembro.

A última parte da viagem fez-se em localidades de que já tivemos por muitas vezes ocasião de falar. Basta-nos dizer que de Batávia, onde a tripulação apanhara as febres, dirigiu-se Wallis ao Cabo, depois a Santa Helena, e chegou a 20 de maio de 1768 às Dunas, depois de seiscentos e trinta e sete dias de navegação.

É de lamentar que Hawk Sworth não reproduzisse as instruções dadas a Wallis pelo Almirantado. Não as conhecendo, não podemos decidir se esse audacioso marinheiro executou rigorosamente as ordens que lhe tinham sido dadas. Vemos que seguiu, sem se afastar em coisa alguma, o caminho traçado pelos seus

predecessores no oceano Pacífico. Efetivamente, quase todos vão ter ao arquipélago Perigoso, deixando de banda a parte da Oceânia em que as ilhas são mais numerosas e em que Cook devia fazer tantas e tão importantes descobertas.

Hábil navegador, Wallis soube tirar de um armamento feito à pressa, e por isso mesmo incompleto, recursos imprevistos, que lhe permitiram levar a bom termo uma empresa aventureira. Também se deve louvar a sua humanidade e os esforços que fez para juntar documentos sérios sobre os povos que visitou. Se tivesse a seu bordo alguns sábios especialistas, a colheita científica teria sido mais abundante. A culpa foi do Almirantado.

Dissemos que a 10 de abril de 1767, no momento em que o *Delfim* e a *Swallow* desembocavam no oceano Pacífico, o primeiro destes navios, levado por uma boa brisa, não tardara a perder de vista o segundo, que estava incapaz de seguir. O capitão Carteret lamentou muito esta separação. Conhecia melhor do que ninguém a sua tripulação, o estado lamentável do seu navio e a insuficiência de provisões. Enfim, já sabia que não tornaria a ver o *Delfim* senão em Inglaterra, pois que não se tinha combinado nenhum plano de operações e nenhum ponto de reunião, culpa grave de Wallis, que, no entanto, sabia o estado gravíssimo do navio que ia de conserva com ele. Todavia, Carteret fez com que a tripulação não suspeitasse as suas inquietações a esse respeito.

Depois, o mau tempo que apanhou a *Swallow* no oceano Pacífico — como o nome engana! — não permitiu aos homens refletir. Os perigos do presente, a que era necessário ocorrer sob pena de se ser engolido, escondiam-lhe os perigos do futuro.

Carteret governou ao norte, seguindo ao longo da costa do Chile. Quando soube a quantidade de água doce que ainda ia a bordo, reconheceu que era insuficiente para a travessia que ia empreender. Por isso, antes de se fazer à vela para leste, resolveu abastecer-se de água na ilha de João Fernandes ou em Mas-a-fuero.

Entretanto, o tempo continuava a ser mau. A 27, à noite, uma rajada fortíssima fez de súbito saltar o vento, que apanhou o navio. A violência do furacão ia levando os mastros e fazendo soçobrar a *Swallow*. A tempestade continuava com toda a sua fúria e as velas, estando extremamente molhadas, pegaram-se por tal forma aos mastros e às enxárcias que era quase impossível manobrá-las.

No dia seguinte, um golpe de mar quebrou a verga da gata no sítio em que a vela estava rizada e meteu, durante alguns minutos, o navio debaixo de água. A tempestade só serenou para dar à tripulação da *Swallow* o tempo para descansar e reparar as avarias do navio; depois recomeçou e continuou em violentas borrascas até 7 de maio. O vento tornou-se então favorável e três dias depois descobriu-se a ilha de João Fernandes.

Carteret ignorava que os espanhóis tivessem fortificado essa ilha; por isso ficou muito surpreendido ao ver um grande número de homens na praia, de descortinar à borda de água uma bateria de quatro peças e numa colina um forte com vinte canhoneiras e arvorando o pavilhão espanhol. Umas ventanias o impediram de entrar na baía Cumberland e, depois de ter cruzado um dia inteiro, teve de se resignar a ir para Mas-a-fuero. Mas os mesmos obstáculos e a ressaca da praia contrariaram as suas operações; foi com grande custo que conseguiu embarcar algumas pipas cheias de água. Muitos dos seus homens, que o estado do mar obrigara a ficar

em terra, mataram aves em quantidade bastante para regalar a tripulação toda. Foram, juntamente com vitelos-marinhos e muitos peixes, as únicas vantagens de uma estação assinalada por uma série de rajadas e de temporais, que puseram o navio por mais de uma vez em perigo de dar à costa.

Carteret, que, açoitado pelos ventos impetuosos, teve ocasião de observar a ilha de Mas-a-fuero de cada vez que lá tornava, emenda muitos erros do redator da viagem do almirante Anson e apresenta algumas informações preciosas para os navegadores. Quando partiu de Mas-a-fuero, Carteret navegou para o norte com esperança de encontrar a monção de sueste. Levado para mais longe do que contava, resolveu procurar as ilhas de Santo Ambrósio, de S. Félix ou de S. Paulo. Agora, que João Fernandes estava ocupada e fortificada pelos espanhóis, estas ilhas podiam ser úteis aos ingleses em caso de guerra. Mas os mapas de Green e os *Elementos de Navegação* de Robertson não estavam de acordo sobre a sua posição. Carteret, confiando mais nesta última obra, procurou-as no norte e não as encontrou. Relendo a descrição que delas fizera Waser, cirurgião de Davis, pensou que essas duas ilhas eram terra encontrada por esse flibusteiro no seu caminho ao sul das ilhas Galápagos e que a Terra de Davis não existia. Era um duplo erro identificar as ilhas de S. Félix com a Terra de Davis e negar a existência desta última, que é, afinal de contas, a ilha de Páscoa.

«Tivemos — diz Carteret — nesse paralelo (a 18° a oeste do seu ponto de partida) ligeiras brisas, uma forte corrente para o norte e outras razões de conjeturar que estávamos ao pé dessa Terra de Davis, que procurávamos com tanto cuidado. Mas levantando-se de novo vento de feição, governámos a ¼ sudoeste e chegámos aos

28° e meio de latitude sul. De onde se segue que se essa terra, ou alguma coisa semelhante, existisse, tê-la-ia infalivelmente encontrado ou, pelo menos, tê-la-ia visto. Fui em seguida para o vigésimo oitavo grau de latitude sul, 40° a oeste do meu ponto de partida, e, segundo os meus cálculos, a 121° a oeste de Londres».

Continuando todos os navegadores a admitir a existência de um continente austral, Carteret não podia imaginar que a Terra de Davis fosse apenas uma pequena ilha, um ponto perdido no meio da imensidão do oceano. De não encontrar continente, deduzia a não existência dessa Terra de Davis. Ainda nisso se enganava.

Até 7 de junho, continuou Carteret a sua busca. Estava a 28° de latitude sul e a 142° de longitude oeste, o que quer dizer que se achava na vizinhança imediata da ilha de Páscoa. Estava-se então no meio do inverno; os mares eram continuamente grossos, os ventos violentos e variáveis, o tempo sombrio, brumoso e glacial, com acompanhamento de trovões, de chuva e de neve. Foi sem dúvida essa escuridão prodigiosa, esse nevoeiro espesso, que escondeu o Sol por muitos dias, o que impediu Carteret de descobrir a ilha de Páscoa, porque certos indícios, a multidão dos pássaros, as algas flutuantes, lhe tinham denunciado a vizinhança de alguma terra.

Estas turbações atmosféricas eram próprias para ainda demorar a viagem. Além disso, a *Swallow* era um péssimo navio de vela, e pode-se imaginar o aborrecimento, as preocupações e a angústia do capitão, que via a sua tripulação em vésperas de morrer de fome. Fosse como fosse, a navegação continuou-se com velas pandas, de dia e de noite, na direção de oeste até 2 de julho.

Nesse dia descobriu-se uma terra ao norte, e, no dia seguinte, Carteret costeou-a de perto e pôde reconhecê-la. Era apenas um

grande rochedo de cinco milhas de circunferência, coberto de árvores, que parecia desabitado, e a que a vaga, muito violenta nessa estação, o impediu de atracar. Chamaram-lhe Pitcairn, do nome daquele que primeiro a descobrira. Foi nestas paragens que os marinheiros, até então de boa saúde, sentiram os primeiros ataques do escorbuto.

No dia 11 descobriu-se uma nova terra a 22° de latitude sul e a 141° 34' de longitude. Deram-lhe o nome de Osnabrug, em honra do segundo filho do rei.

No dia seguinte, Carteret expediu um destacamento a outras duas ilhas, onde se não encontraram nem vegetais comestíveis nem água. Agarraram-se à mão muitos pássaros, tão pouco selvagens que nem fugiam com a aproximação do homem.

Todas estas terras faziam parte do arquipélago Perigoso, longa cadeia de ilhas baixas, de *atolls*, que fizeram o desespero de todos os navegadores pelos poucos recursos que lhes ofereciam, e Carteret julgou reconhecer a terra vista por Queirós, mas esta última, que tem o nome indígena de Taiti, está situada mais ao norte.

A doença fazia contudo todos os dias novos progressos. Os saltos do vento, e acima de tudo as avarias do navio, tornavam a marcha muito vagarosa, e Carteret julgou necessário seguir o caminho em que tinha probabilidade de encontrar os refrescos e as facilidades de reparação de que tanto precisava.

«Tencionava — diz Carteret —, se o navio pudesse consertar-se, prosseguir a minha viagem para o sul, quando voltasse a ocasião própria para fazer novas descobertas nessa parte do Globo. Projetava, enfim, se descobrisse um continente e pudesse lá

encontrar quantidade suficiente de provisões, manter-me ao longo da costa do sul, até o Sol passar o equador, alcançar então uma latitude meridional muito avançada e puxar para oeste, para o cabo da Boa Esperança, ou voltar a leste, depois de ter tocado nas ilhas Falkland, se fosse necessário, e partir dali prontamente para a Europa».

Estes louváveis projetos, que mostravam que Carteret era um verdadeiro explorador, mais estimulado que intimidado pelo perigo, ia ele ver-se na impossibilidade absoluta de os pôr em execução.

Efetivamente, só encontrou o vento regular a 16°, e o tempo continuou péssimo. Assim, apesar de navegar nas proximidades da ilha do Perigo, descoberta por Byron em 1765, e de outras, não viu terra alguma.

«Passámos, provavelmente — diz ele —, por ao pé de alguma que o nevoeiro não nos deixou ver, porque nesta travessia grande número de aves de arribação andaram à roda do meu navio. O comodoro Byron, na sua última viagem, passara os limites setentrionais dessa parte do oceano, em que se diz que estão situadas as ilhas de Salomão; e, como eu mesmo passei para lá dos limites do sul sem as ver, tenho razão para dizer que, se estas ilhas existem, a sua posição está mal determinada em todos os mapas».

Esta última suposição era exata; mas as ilhas de Salomão tanto existiam que Carteret, alguns dias depois, fundeava nelas sem as reconhecer.

Entretanto, os víveres estavam quase consumidos ou estragados, as enxárcias e as velas cortadas pela tempestade, as de sobresselente esgotadas; metade da tripulação pregada nos beliches, quando sobreveio, para o capitão, um novo motivo de

susto. Deu-se por água-aberta. Colocado abaixo da linha de flutuação, era impossível tapar o rombo enquanto se estivesse no mar alto. Por uma felicidade inesperada, no dia seguinte descobriu-se terra. Dizer com que gritos de alegria, com que aclamações foi saudada, seria supérfluo. O sentimento de surpresa e de alívio que experimentou a tripulação não pode comparar-se, conforme as próprias expressões de Carteret, senão ao que sente o criminoso que recebe no cadafalso a notícia de que está perdoado. Era a ilha de Nitendit, já vista por Mendana.

Apenas a âncora tocara no fundo, logo se expediu uma embarcação à procura de aguada. Indígenas pretos, de cabeça encarapinhada, inteiramente nus, apareceram na praia e fugiram antes de a canoa poder atracar. Uma bela corrente de água doce, no meio de uma floresta impenetrável de árvores e de arbustos, que até entravam pelo mar, uma terra selvagem, erizada de montanhas, eis o quadro que fez do país o patrão do escaler.

No dia seguinte, o mestre foi mandado outra vez à procura de um sítio de desembarque mais fácil, com ordem de conquistar com presentes a benevolência dos indígenas. Era-lhe expressamente recomendado que se não expusesse, que voltasse a bordo se muitas pirogas se dirigissem para ele, que não saísse da embarcação e que não deixasse desembarcar senão dois homens de cada vez, enquanto os outros se conservariam na defensiva. Pela sua parte, Carteret mandou o seu escaler a terra para fazer aguada. Alguns indígenas atiraram-lhe frechas, que felizmente não feriram ninguém. Entretanto a chalupa voltava para a *Swallow*. O mestre trazia três frechas no corpo, e metade da sua tripulação estava tão

perigosamente ferida que ele e mais três marinheiros morreram alguns dias depois.

Eis o que se passara. Desembarcando, com mais quatro, num sítio em que vira muitas cabanas, o mestre entrara em relações de troca com os indígenas. Em breve o número destes aumentou, e dirigindo-se muitas pirogas grandes para a sua chalupa, ele não pudera chegar lá senão no momento em que o ataque principiava. Perseguido afrechadas pelos indígenas, que se meteram na água até aos ombros, caçado pelas pirogas, não conseguira escapar-se senão depois de ter morto muitos indígenas e metido a pique uma das suas embarcações.

Esta tentativa, à procura de um sítio mais favorável para encalhar a *Swallow*, fora tão infeliz que Carteret mandou tombar o navio no mesmo sítio em que estava, e ali se trabalhou em se tapar a água-aberta. Se o carpinteiro, único homem da tripulação cuja saúde estava sendo sofrível, não pôde conseguir tapá-la inteiramente, ao menos diminuiu-a muito. Enquanto uma nova embarcação se dirigia para a aguada, varreram-se os bosques, do navio, a tiro de peça, da chalupa, a tiro de mosquete. Contudo, os marinheiros trabalhavam havia um quarto de hora quando foram assaltados por uma saraivada de frechas, que feriu gravemente um deles no peito. Foi necessário recorrer às mesmas medidas todas as vezes que se quis fazer aguada.

Neste momento, trinta homens estavam incapazes de fazer o seu serviço. O mestre achava-se moribundo em consequência das feridas. O tenente Gower estava muito mal. O próprio Carteret, atacado por uma doença biliosa e inflamatória, era obrigado a ficar

de cama. Só estes três oficiais eram capazes de reconduzir a *Swallow* para Inglaterra e estavam quase a sucumbir.

Querendo obstar aos progressos da doença, era necessário a todo o custo alcançar refrescos, e nesse sítio era impossível. Carteret, portanto, levantou ferro a 17 de agosto, depois de ter dado a essa ilha o nome de Egmont, em honra do lorde do Almirantado, e de ter chamado baía Swallow* àquela em que fundeara. Persuadido de que era essa a terra a que os espanhóis deram o nome de Santa Cruz, o navegador foi sempre cedendo à mania, então em voga, de dar nomes novos a todos os sítios que se visitavam. Depois seguiu a costa. Conservando-se a pouca distância, verificou que a população era numerosíssima, e teve muitas vezes dares e tomares com os seus habitantes. Estes obstáculos, assim como a impossibilidade de obter refrescos, impediram Carteret de reconhecer as outras ilhas deste grupo, a que pôs o nome de ilhas da Rainha Carlota.

«Os habitantes da ilha de Egmont — diz ele — são extremamente ágeis, vigorosos, ativos. Parecem tão próprios para viver na água como em terra, porque saltam das suas pirogas para o mar quase a cada momento. Uma das frechas que dispararam atravessou as tábuas do barco e feriu perigosamente um oficial de popa na coxa. Estas frechas têm a ponta de pedra, e não vimos nesta população espécie alguma de metal. O país, em geral, é coberto de bosques e de montanhas e entrecortado por grande número de vales.

Foi no dia 18 de agosto de 1767 que Carteret deixou este arquipélago, com tenção de ir à Nova Bretanha. Antes de lá chegar contava encontrar algumas ilhas onde fosse mais feliz. Efetivamente, a 20 descobriu-se uma ilhota baixa a que chamou Gower, onde

achou alguns cocos. No dia seguinte reconheceu as ilhas Simpson e Carteret, depois um grupo de nove ilhas, que julgou que seriam as Ohang-Java descobertas por Tasman; e sucessivamente as de Sir Charles Hardy, Winchelsea, que não pensou que faziam parte do arquipélago de Salomão, a ilha de S. João de Schouten, e enfim a Nova Bretanha, aonde chegou a 28 de agosto.

Carteret costeou esta ilha, procurando um porto cómodo e seguro, e deteve-se em diversas baías, onde procurou madeira, água, cocos, noz-moscada, aloés, cana-de-açúcar, bambus e couves.

«Esta couve — diz ele — é branca, encrespada, com uma substância cheia de açúcar; quando se come crua, tem o gosto da castanha, e quando está cozida é superior à melhor cenoura. Cortámo-las em bocadinhos, juntámo-las com os nossos biscoitos no caldo, e esse caldo, engrossado logo com farinha de cevada, deu-nos uma excelente comida».

Os bosques eram animados por numerosos bandos de pombos, de rolas, de papagaios e de diversos pássaros desconhecidos. Os ingleses visitaram muitas habitações abandonadas. Se é permitido julgar a civilização de um povo pelas suas casas, estes insulares deviam estar no último grau da escala, porque habitavam as mais miseráveis choupanas que Carteret nunca vira.

O comandante aproveitou-se da sua demora neste lugar para virar outra vez a *Swallow* e visitar o rombo, que os carpinteiros taparam o melhor que puderam. Estando o forro muito gasto e a quilha muito roída dos bichos, besuntaram-na com uma porção de pez e de alcatrão quente.

No dia 7 de setembro, Carteret procedeu à ridícula cerimónia de tomar posse do país em nome de Jorge III, depois expediu, em

reconhecimento, uma das suas embarcações, que trouxe grande quantidade de cocos e de outros frutos, refrescos dos mais preciosos para os numerosos doentes de bordo.

Apesar de a monção dever continuar a soprar de leste ainda por muito tempo, o comandante, que conhecia o mau estado do seu navio, resolveu partir logo para Batávia, onde esperava poder refazer a sua equipagem e reparar a *Swallow*. Deixou, por conseguinte, a 9 de setembro a angra de Carteret, a melhor que ele encontrara desde que partira do estreito de Magalhães.

Não tardou a penetrar num golfo que Dampier chamara baía de S. Jorge e que logo reconheceu que era um estreito que separava a Nova Bretanha da Nova Irlanda. Reconheceu esse canal, a que deixou o nome de S. Jorge, e descreve-o na sua relação com um cuidado que muito deviam apreciar os navegadores do seu tempo. Depois seguiu a costa da Nova Irlanda até à sua extremidade ocidental. Ao pé de uma ilhota, a que chamou Sanduíche, teve algumas relações com os indígenas.

«Estes insulares — diz ele — são negros e têm carapinha como os pretos, mas não têm o nariz chato nem os lábios grossos. Pensámos que era a mesma raça de homens que os habitantes da ilha de Egmont. Como eles, andam inteiramente nus, trazendo unicamente alguns enfeites de conchas nos braços e nas pernas. Adotaram contudo uma prática, sem a qual nem os nossos elegantes nem as nossas elegantes se podiam dizer vestidos. Os seus cabelos, ou, antes, a sua carapinha, estavam carregados de polvilhos brancos, de onde se segue que a moda dos polvilhos é da mais alta antiguidade e de uso mais geral do que vulgarmente se supõe.

Andavam armados com chuços e com grandes paus em forma de maça, mas não vimos que tivessem nem arcos nem frechas».

Na extremidade sudoeste da Nova Holanda, Carteret reconheceu ainda uma terra a que deu o nome de Novo Hanôver, e em seguida, logo depois, o arquipélago do Duque de Portland.

Apesar de toda esta parte das suas relações de viagem, em países desconhecidos antes dele, abundar em particularidades preciosas, Carteret, navegador muito mais exato e muito mais zeloso do que os seus predecessores Byron e Wallis, desculpa-se ainda de não ter podido juntar mais.

«A descrição do país — diz ele —, das suas produções e dos seus habitantes, seria muito mais completa e mais minuciosa se eu não estivesse tão enfraquecido e tão exausto pela doença a que sucumbia, quase esmagado pelas funções que recaíam todas em cima de mim, por falta de oficiais. Quando mal me podia arrastar, era obrigado a fazer quartos sobre quartos e a partilhar de outros trabalhos com o meu imediato, cuja saúde estava também muito abalada».

Saindo do canal de S. Jorge, fez-se caminho para oeste. Carteret descobriu ainda muitas ilhas, mas, tendo-o a doença, durante muitos dias, impedido de subir à tolda, não lhes pôde determinar exatamente a posição. Deu-lhes o nome de ilhas do Almirantado e viu-se obrigado a empregar, por duas vezes, as armas de fogo para repelir os ataques dos indígenas. Reconheceu depois as ilhas Duror, Matty e Cuédes, cujos habitantes ficaram muito alegres recebendo alguns pedaços de uma aduela de ferro. Carteret declara que, com alguns instrumentos desse metal, compraria todas as produções da terra. Apesar de serem vizinhos da Nova Guiné e dos

arquipélagos que acabava de explorar, esses povos não eram pretos, mas sim acobreados. Tinham belos cabelos negros, muito compridos, as feições regulares e dentes de uma alvura brilhante. De estatura mediana, fortes e ágeis, eram alegres, familiares, e subiam sem receio para bordo do navio. Um deles pediu a Carteret que o deixasse acompanhá-lo na viagem, e, apesar do que os seus compatriotas e o próprio capitão lhe disseram, recusou-se a sair da *Swallow*. Carteret, em presença de tão firme vontade, cedeu, mas o pobre índio, que recebera o nome de José Freewil, não tardou a definhar e morreu em Celebes.

No dia 29 de outubro chegaram os ingleses à parte nordeste de Mindanau. Sempre à busca de água e de víveres frescos, procurou Carteret debalde a baía que Dampier designara como abundantíssima em caça. Um pouco mais adiante, encontrou uma aguada, mas as disposições hostis dos habitantes forçaram-no mais uma vez a fazer-se de novo ao mar.

Saindo de Mindanau, o comandante deu à vela para alcançar o estreito de Macáçar, entre as ilhas de Bornéu e Celebes. Entrou por ele a 14 de novembro. O navio andava então tão mal que levou quinze dias para percorrer apenas vinte e oito léguas.

«Doentes — diz ele —, enfraquecidos, moribundos, vendo terras a que não podíamos chegar, expostos a tempestades que não podíamos vencer, fomos atacados por um pirata».

Este, esperando encontrar a tripulação inglesa adormecida, atacou a *Swallow* no meio da noite, mas, longe de se deixarem abater por esse novo perigo, os marinheiros defenderam-se com tanta valentia e tanta habilidade que meteram a pique o pirata malaio.

Pouco tempo depois Carteret teve o desgosto de ver que principiava a monção de oeste. A *Swallow* não se achava em estado de lutar contra esse vento e contra a corrente para chegar a Batávia pelo ocidente. Não houve remédio senão resignar-se a ir para Macáçar, que era então o principal estabelecimento dos holandeses nas Celebes. Quando os ingleses ali chegaram, havia trinta e cinco semanas que tinham saído do estreito de Magalhães.

Apenas se fundeou à vista do porto, um holandês, despachado pelo governador, veio a bordo da *Swallow*. Sabendo que este navio pertencia à marinha militar inglesa, mostrou-se muito assustado. Por isso, no dia seguinte, quando Carteret mandou o seu tenente Gower pedir autorização para entrar no porto a fim de comprar refrescos para a sua tripulação moribunda, reparar o seu navio arruinado e esperar a inversão da monção, não só lhe não permitiram que desembarcasse, mas os holandeses apressaram-se a reunir as suas tropas e a armar os seus navios. Enfim, daí a cinco horas, chegou a bordo a resposta do governador. Era uma recusa pouco polida e pouco disfarçada. Ao mesmo tempo proibia-se aos ingleses que desembarcassem em qualquer lugar sujeito ao Governo holandês.

Todos os reparos de Carteret, que observou quanto era desumano esse procedimento, mesmo as suas demonstrações hostis, não deram outros resultados senão a venda de algumas provisões e a autorização de fundear numa pequena baía próxima. Ali acharia, dizia-se, um abrigo seguro contra a monção; poderia ali estabelecer um hospital para os seus doentes; enfim, obteria refrescos mais abundantes do que em Macáçar, de onde lhe mandariam também tudo de que pudesse precisar. Sob pena de morrer de fome e de ir a pique, tiveram de se sujeitar a estas

exigências, e Carteret de se resolver a ir para a enseada de Bonthain.

Ali os doentes, metidos numa casa, viram que até se lhes recusava licença para se afastarem mais de trinta varas do seu hospital. Estavam guardados à vista e não podiam comunicar com os indígenas. Enfim, era-lhes proibido comprar coisa alguma que não fosse por intermédio dos soldados holandeses, que abusaram estranhamente do seu poder, porque às vezes tiravam mais de mil por cento de lucro. Todas as queixas dos ingleses foram inúteis; tiveram de se submeter durante toda a sua residência a uma vigilância humilhante em supremo grau.

Foi só a 22 de maio de 1768, à volta da monção, que o capitão Carteret pôde deixar Bonthain, depois de uma longa série de sensaborias, de vexames e de sustos, que nos é impossível contar minuciosamente e que tinham sujeitado a sua paciência a uma rude provação.

«Celebes — diz ele — é a chave das Molucas, ou ilhas das Especiarias, que estão necessariamente debaixo do domínio do povo que for senhor desta ilha. A cidade de Macáçar está construída numa ponta de terra e é banhada por um rio ou dois, que a atravessam ou que correm na sua vizinhança. O terreno é plano e de bela aparência. Há muitas plantações e bosques de coqueiros, misturados com grande número de casas, que mostram que o país está bem povoado. Em Bonthain a carne é excelente, mas seria difícil encontrar a suficiente para abastecer uma esquadra. Podem-se alcançar o arroz, as aves e os frutos que se desejarem; há também nos bosques uma grande abundância de porcos bravos, que é fácil

arranjar baratos, porque os naturais do país, que são maometanos, não os comem nunca...»

Estas informações, apesar de incompletas, tinham o seu interesse na época em que foram dadas, e inclinamo-nos a acreditar que, apesar de terem mais de cem anos, apresentam ainda hoje um certo fundo de verdade.

Nenhum incidente assinalou a travessia para Batávia. Depois de muitas delongas causadas pelo desejo que tinha a Companhia Holandesa de obter do comandante um *satisfecit* com relação ao procedimento que tivera com ele o governador de Macáçar, o que ele recusou com muita firmeza, Carteret obteve licença para mandar consertar o navio.

A 15 de setembro, a *Swallow*, sofrivelmente reparada, fez-se à vela. Ia munida de um suplemento de marinheiros ingleses, sem os quais lhes seria impossível voltar para a Europa. Vinte e quatro homens da sua tripulação primitiva tinham morrido e outros vinte e quatro estavam em tal estado que sete morreram antes de chegar ao Cabo.

Depois de uma estação neste porto, que foi muito salutar à tripulação e que se prolongou até 6 de janeiro de 1769, Carteret fez-se de novo ao mar e encontrou um pouco acima da Ascensão, em que tocara, um navio francês. Era a fragata *Desconfiada*, em que Bougainville acabava de dar volta ao mundo.

A 20 de março de 1769, a *Swallow* ancorava na baía de Spithead, depois de trinta e um meses de uma viagem tão penosa como perigosa.

Fora necessária toda a habilidade náutica, todo o sangue-frio, todo o ardor de Carteret, para não naufragar com um navio tão

insuficiente e para fazer descobertas importantes em tais condições. Se a sua glória tira novo lustre dos obstáculos que teve de superar, a vergonha de tão miserável armamento cai toda no Almirantado inglês, que, desprezando as representações do hábil capitão, arriscou a sua vida e a de tantos intrépidos marinheiros em tão longa viagem.

III

Enquanto Wallis acabava de dar volta ao mundo, enquanto Carteret continuava a sua longa e penosa circum-navegação, preparava-se uma expedição francesa com o fim de fazer descobertas no mar do Sul.

No antigo regime, em que tudo era arbitrário, os títulos, os postos, os empregos davam-se por favoritismo. Não era por conseguinte de admirar que um militar, que acabava de deixar havia quatro anos apenas o serviço de terra e o posto de coronel, para entrar na marinha com o posto de capitão de mar e guerra, recebesse tão importante comando.

Por extraordinário, esta singular medida foi justificada, graças aos talentos daquele a quem se aplicou.

Luís António Bougainville nascera em Paris, no dia 13 de novembro de 1729. Filho de um tabelião, destinou-se primeiramente ao foro e entrou na advocacia. Mas, sem gosto pela profissão paterna, entregava-se especialmente às ciências e publicava um *Tratado de Cálculo Integral*, na mesma ocasião em que entrava nos mosqueteiros negros. Das três carreiras que principiara a seguir, abandonou completamente as primeiras duas, fez algumas infidelidades à terceira por causa de uma quarta — a diplomacia —, até a deixar definitivamente por outra — a marinha. Devia vir a morrer senador, depois de um sexto avatar.

Ajudante de campo de Chevert, depois secretário de embaixada em Londres, onde foi eleito membro da Sociedade Real, partiu de Brest em 1756, com o posto de capitão de dragões, para ir

servir debaixo das ordens de Montcalm, no Canadá. Ajudante de campo deste general, distinguiu-se em diferentes ocasiões, o que lhe mereceu a confiança do seu chefe, e foi mandado a França para pedir reforços.

A nossa infeliz pátria sofria reveses sobre reveses na Europa, onde precisava de todos os seus recursos. Por isso, quando o jovem Bougainville expôs ao Sr. Choiseul o objeto da sua missão, o ministro respondeu bruscamente:

— Quando há fogo em casa não se pensa nas cavaliças.

— O que ninguém poderá dizer, nesse caso — respondeu Bougainville —, é que V. Ex.^a fala como um cavalo.

Esta saída era tão espirituosa e tão mordente que não podia alcançar para o seu autor a benevolência do ministro. Felizmente, Madame de Pompadour gostava dos homens de espírito; apresentou Bougainville ao rei, que, se não pôde obter coisa alguma para o seu general, teve a habilidade de fazer com que o nomeassem coronel e cavaleiro de S. Luís, apesar de ter apenas sete anos de serviço. De volta para o Canadá, tomou a peito justificar a confiança de Luís XV e distinguiu-se em muitos combates. Depois da perda dessa colônia, serviu na Alemanha debaixo das ordens do Sr. Choiseul Stainville.

A paz de 1763 veio interromper a sua carreira militar. A vida de guarnição não podia convir a um espírito tão ativo, tão apaixonado pelo movimento como era Bougainville. Concebeu então o singular projeto de colonizar as ilhas Falkland, na extremidade meridional da América do Sul, e de transportar para ali, de boa vontade, os colonos canadenses que tinham emigrado para França, para escapar ao jogo tirânico da Inglaterra. Entusiasmado com essa ideia, dirigiu-se a alguns armadores de Saint-Malo, que, desde o princípio do

século, frequentavam esse arquipélago e lhe tinham dado o nome de ilhas Maloínas.

Apenas lhe conquistou a confiança, Bougainville fez cintilar, aos olhos do ministério, as vantagens, aliás bastante problemáticas, desse estabelecimento, que, pela sua feliz situação, podia servir de ponto de arribada aos navios que fossem para o mar do Sul. Fortemente protegido, obteve a autorização que pedia e alcançou a sua nomeação de capitão de mar e guerra.

Estava-se em 1763. Não é muito provável que os oficiais de marinha, que tinham conquistado o seu acesso, passando por todos os postos, vissem com bons olhos uma nomeação que até ali nada justificara. Isso também pouco importava ao ministro da Marinha, o Sr. Choiseul Stainville. Tivera Bougainville debaixo das suas ordens e era um grande fidalgo, que desprezava completamente a gritaria da corporação dos oficiais da Armada.

Bougainville, depois de ter convertido aos seus projetos os Srs. Neville e D'Arboulín, seu primo e seu tio, mandou logo construir e armar em Saint-Malo, debaixo da direção do Sr. Guyot-Duclos, a *Águia*, de vinte canhões, e a *Esfinge*, de doze, em que embarcou muitas famílias canadianas. Partindo de Saint-Malo a 15 de setembro de 1763, arribou à ilha de Santa Catarina, na costa do Brasil, e a Montevideu, onde apanhou muitos cavalos e animais corníferos, e desembarcou nas Maloínas, numa grande baía que lhe pareceu muito própria para os seus projetos; mas não lhe foi necessário muito tempo para ver que o que fora tomado por todos os navegadores por bosques de mediana altura eram apenas canaviais. Nem uma árvore, nem um arbusto crescia nessa ilha. Podia

felizmente substituir-se como combustível por um excelente carvão. A pesca e a caça ofereciam recursos abundantes.

A colônia ao princípio compôs-se unicamente de vinte e nove pessoas, a quem se construíram casas e um depósito de víveres. Ao mesmo tempo traçava-se e principiava-se um forte capaz de conter catorze peças. O Sr. Neville consentiu em ficar à frente do estabelecimento, enquanto Bougainville partia de novo para França no dia 5 de abril. Ali recrutou novos colonos e tomou uma carga considerável de provisões de toda a espécie, que no dia 5 de janeiro de 1765 desembarcou. Depois foi procurar no estreito de Magalhães uma carga de madeira, e encontrou, como dissemos mais atrás, os navios do comodoro Byron, que seguiu até ao porto da Fome. Ali embarcou mais de dez mil pés de árvores de diferentes idades, que tinha tenção de transportar para as Maloínas. Quando deixou este arquipélago, no dia 27 de abril seguinte, a colônia compunha-se de oitenta pessoas, compreendendo um estado-maior pago pelo rei. No fim de 1765, os mesmos dois navios foram mandados embora com víveres e novos habitantes.

O estabelecimento principiava então a tomar um certo aspeto, quando os ingleses vieram estabelecer-se no porto Egmont, reconhecido por Byron. Ao mesmo tempo o capitão Macbride procurava conseguir que lhe entregassem o estabelecimento, alegando que essas terras pertenciam ao rei de Inglaterra, apesar de Byron não ter reconhecido as Maloínas senão em 1765, dois anos depois de lá estarem estabelecidos os franceses. Neste meio tempo, a Espanha reivindicou-as também como uma dependência da América Meridional. A Inglaterra, da mesma forma que a França, não quis romper a paz por causa da posse desse arquipélago, sem

grande importância comercial, e Bougainville foi obrigado a abandonar a sua empresa, com a condição de que a corte de Madrid o indenizaria das suas despesas. Mais ainda, foi encarregado pelo Governo francês de efetuar a entrega das Maloínas aos comissários espanhóis.

Esta tentativa insensata de colonização foi origem e fonte de fortuna de Bougainville, porque, para utilizar este último armamento, o ministério encarregou-o de voltar pelo mar do Sul e de fazer por lá descobertas.

Nos primeiros dias de novembro de 1766, Bougainville voltou a Nantes, onde o seu imediato, o Sr. Guyot-Duclos, capitão de brulote e hábil marinheiro, envelhecido nos postos inferiores porque não era nobre, vigiava o armamento da fragata a *Desconfiada*, de vinte e seis peças.

Foi a 15 de novembro que Bougainville partiu da enseada de Mindin, na embocadura do Loire, para o rio da Prata, onde encontraria as fragatas espanholas, a *Esmeralda* e a *Liebre*. Mas assim que a *Desconfiada* se fez ao largo, levantou-se uma terrível tempestade.

A fragata, cujo velame era novo, teve avarias tão graves que foi obrigada a vir reparar-se a Brest, onde entrou a 21 de novembro. Essa experiência bastara ao seu comandante para ver que a *Desconfiada* não era boa para o serviço que ia prestar. Mandou, pois, diminuir a altura dos mastros, trocou a artilharia por outra mais leve, mas, apesar dessas modificações, a *Desconfiada* não convinha para os mares verdes e para as tempestades do cabo Horn. Entretanto, o ponto de reunião fora fixado com os espanhóis, e Bougainville fez-se ao largo. O estado-maior da fragata era de onze oficiais e três

voluntários, entre os quais estava o príncipe de Nassau-Siegen. A tripulação era de duzentos e três marinheiros, grumetes ou criados.

Até ao rio da Prata, o mar esteve sossegado e deixou Bougainville fazer observações sobre as correntes, causas frequentes dos erros cometidos pelos navegadores nos seus cálculos.

A 31 de janeiro, a *Desconfiada* fundeou na baía de Montevideu, onde a esperavam, havia um mês, as duas fragatas espanholas, sob o comando de D. Filipe Ruis-Puente. A demora de Bougainville nesta enseada e logo depois em Buenos Aires, onde foi entender-se com o governador a respeito da sua missão, deu-lhe tempo para tomar sobre a cidade e seus habitantes apontamentos tão curiosos que os não deixaremos passar em claro. Buenos Aires pareceu-lhe grande de mais para o número dos seus habitantes, que não excedia dois mil. As casas não têm senão um andar com um grande pátio e um jardim. Não só não tem porto, mas nem ao menos um cais. Por isso os navios são obrigados a desembarcar a carga em botes, que entram num pequeno rio, onde vêm carros buscar os volumes para os levar para a cidade.

O que dá a Buenos Aires um característico original é o grande número de comunidades de frades e freiras.

«Enche-se ali o ano — diz Bougainville — de dias santos, que festejam com procissões e fogo de artifício. As cerimónias do culto tomam o lugar de espetáculos... Os jesuítas ofereciam à piedade das mulheres um meio de santificação mais austero que os precedentes. Tinham, pegada com o seu convento, uma casa chamada *Casa de los ejercicios de las mujeres*, que quer dizer casa dos exercícios das mulheres. As mães e as filhas, sem consentimento dos maridos nem dos pais, iam santificar-se aí por um retiro de doze dias. Eram

hospedadas e sustentadas à custa da Companhia. Nenhum homem penetrava nesse santuário se não vestisse o hábito de Santo Inácio; os criados, mesmo do sexo feminino, não podiam acompanhar suas amas. Os exercícios nesse santo lugar eram a meditação, a oração, os catecismos, a confissão e a flagelação. Mostraram-nos as paredes da capela ainda tintas de sangue, que, segundo nos disseram, jorrava debaixo das disciplinas com que a penitência armava as mãos dessas Madalenas».

Os arredores da cidade eram bem cultivados e alegrados por um grande número de casas de campo, chamadas «quintas», mas a duas ou três léguas de Buenos Aires já se não viam senão planícies imensas, sem uma só ondulação, abandonadas aos touros e aos cavalos, que são quase os seus únicos habitantes. «Estes animais eram em tal abundância — diz Bougainville —, que os viajantes, quando têm fome, matam um boi, tiram o que podem comer e deixam o resto, que fica sendo presa dos cães bravos e dos tigres».

Os índios que habitam as margens do rio da Prata ainda não haviam sido subjugados pelos espanhóis. Tinham o nome de índios bravos.

«São de estatura mediana, muito feios e quase todos sarnentos. A cor é muito amulatada e a banha com que se esfregam continuamente torna-os ainda mais pretos. Não vestem senão um grande manto de pele de cabrito, que lhe desce até aos calcanhares e no qual se enrolam... Esses índios passam a vida a cavalo, pelo menos os que vivem ao pé dos estabelecimentos espanhóis. Algumas vezes vêm com as mulheres comprar aguardente e não deixam de beber senão quando a embriaguez os prostra absolutamente sem movimento... Outras vezes, reúnem-se em

bandos de duzentos ou trezentos para ir roubar gado às terras dos espanhóis, ou para atacar as caravanas dos viajantes. Roubam, matam e escravizam, o que é um mal sem remédio. Como domar uma nação nómada, num país imenso e inculto, onde seria mesmo impossível encontrá-la?»

Quanto ao comércio, estava longe de florescer depois que era proibido levar, por terra, ao Peru e ao Chile, mercadorias da Europa. Contudo, Bougainville viu ainda sair de Buenos Aires um navio que levava um milhão de piastras, «e se todos os habitantes desse país, acrescenta ele, pudessem vender os couros, que possuem, na Europa, esse comércio bastaria para os enriquecer».

O porto de Montevideu é seguro, ainda que às vezes haja pampeiros, ventanias de sudoeste, acompanhadas de horríveis temporais. A cidade não tem nada em si de interessante; os arredores são tão incultos que é preciso ir buscar a Buenos Aires farinha, bolacha e tudo que é necessário para as embarcações. Há fruta em abundância, como figos, pêsegos, maçãs, marmelos, etc., assim como a mesma quantidade de carne de açougue que no resto do país.

Esses documentos, que datam de mais de cem anos, são muito curiosos para comparar com os que nos dão hoje os viajantes contemporâneos e principalmente o Sr. Emílio Daireaux, no seu livro sobre o rio da Prata. A respeito de certas coisas, esse livro ainda é exato; mas há outras, como a instrução, de que Bougainville não tinha que falar porque não existia, que depois fizeram imensos progressos.

Quando acabaram de embarcar os víveres, as provisões de água e de carne, a 28 de fevereiro de 1767, fizeram-se ao largo para

as ilhas Maloínas. A viagem não foi boa. O mau tempo, os ventos variáveis e o mar desfeito causaram avarias à *Desconfiada*. A 23 de março é que pôde ancorar na baía Francesa, onde no dia seguinte se reuniu com os dois navios espanhóis, que tinham sido seriamente açoutados pelo temporal.

A 1 de abril realizou-se a entrega solene do estabelecimento aos espanhóis. Muito poucos franceses se aproveitaram da licença que o rei lhes dera de ficar nas Maloínas; quase todos preferiram embarcar nas fragatas espanholas, que partiam para Montevidéu. Quanto a Bougainville, tinha de esperar o barinel *Estrela*, que devia levar-lhe mantimentos e acompanhá-lo na viagem à roda do mundo.

Mas os meses de março, abril e maio passaram sem que a *Estrela* aparecesse. Era impossível atravessar o oceano Pacífico só com seis meses de víveres que tinha a *Desconfiada*. Bougainville determinou então, a 2 de junho, ir ao Rio de Janeiro, que indicara ao Sr. La Giraudais, comandante da *Estrela*, como ponto de reunião, no caso de circunstâncias imprevistas o impedirem de chegar às Maloínas.

O tempo foi tão favorável nesta travessia, que chegaram a essa colónia portuguesa em dezoito dias. A *Estrela*, que aí o esperava havia quatro dias, deixara a França mais tarde do que contava. Procurara abrigo contra a tempestade em Montevidéu, de onde partira para o Rio segundo as suas instruções.

Muito bem recebidos pelo conde da Cunha, vice-rei do Brasil, os franceses puderam ver, na Ópera, as comédias de Metastásio, representadas por uns mulatos, e ouvir as obras-primas dos grandes mestres italianos, executadas por uma orquestra má, regida por um padre corcunda, com vestes eclesiásticas.

Mas o bom acolhimento do conde da Cunha não durou muito tempo. Bougainville que, com a permissão do vice-rei, comprara um barco, viu, sem motivos para isso, recusar-lhe a entrega. Foi-lhe proibido tirar do estaleiro real a madeira que comprara e que lhe era necessária; enfim, não o deixaram hospedar-se com o seu estado-maior, enquanto duravam os reparos da *Desconfiada*, numa casa perto da cidade, que um particular pusera à sua disposição. Para evitar alguma altercação, Bougainville tratou à pressa dos preparativos da partida.

Antes de deixar a capital do Brasil, o comandante francês dá notícias da beleza do porto e do pitoresco dos arrabaldes, e finda com uma curiosa digressão sobre as riquezas prodigiosas do país de que esse porto é empório.

«As minas chamadas Gerais — diz ele — são as que estão mais perto da cidade, e distam setenta e cinco léguas. Dão ao rei todos os anos, por direito de quinto, cento e doze arrobas de ouro; no ano de 1682, deram cento e dezanove. Sujeitas à capitania das Minas Gerais, estão as de Rio dos Mortos, de Sabara, e de Serro Frio. Esta última, fora o ouro que se tira dela, dá todos os diamantes que vêm do Brasil. Todas essas pedras, exceto os diamantes, não são contrabando; pertencem aos mineiros, que são obrigados a dar conta exata dos diamantes achados e entregá-los ao intendente nomeado pelo rei para esse fim. Esse intendente mete-os logo numa caixa com arcos de ferro e fechada com três fechaduras. A primeira chave tem-na o intendente, a segunda o vice-rei e a terceira o provedor da Fazenda Real. Esta caixinha é metida noutra, onde se põem os sinetes das três pessoas acima mencionadas e que contém as três chaves da primeira. O vice-rei não tem o direito de ver o que

ela encerra. Só deposita tudo num terceiro cofre, que manda para Lisboa, depois de ter selado a fechadura».

Apesar de todas estas precauções e da severidade com que eram punidos os ladrões dos diamantes, fazia-se um contrabando infrene. Mas não era esse o único ramo da receita, e Bougainville calcula que, desfalcando o necessário para a manutenção das tropas, o soldo dos oficiais civis e todas as despesas de administração, o rendimento que o rei de Portugal tirava do Brasil excedia a dez milhões de libras.

Do Rio a Montevideu nenhum incidente se manifestou; mas no rio da Prata, durante uma tormenta, a *Estrela* foi abalroada por um navio espanhol, que lhe partiu o gurupés e estragou mais peças do aparelho. As avarias e a violência do embate, que aumentara o rombo do navio, obrigaram-no a subir a enseada de Baragan, onde era mais fácil do que em Montevideu fazer os consertos necessários. Não foi por conseguinte possível sair do Rio senão a 14 de novembro.

Treze dias depois, os dois navios estavam à vista do cabo das Virgens, à entrada do estreito de Magalhães, onde não tardaram a penetrar. A baía Possessão, a primeira que ali se encontra, é uma grande abertura desabrigada e que só oferece péssimos ancoradouros. Do cabo das Virgens ao cabo de Orange contam-se perto de quinze léguas, e o estreito tem em toda a parte a largura de cinco a sete léguas. A primeira goleta foi atravessada sem dificuldade e fundeou-se então na baía Boucault, onde desembarcaram uns dez oficiais e marinheiros. Não tardaram a travar conhecimento com os Patagónios e a trocar algumas bagatelas, preciosas para estes, por peles de guanacos. Esses

naturais eram de estatura elevada, mas nenhum chegava a ter seis pés.

«O que me pareceu agigantado neles — diz Bougainville — foi a sua enorme corporatura, a grossura da sua cabeça e a espessura dos seus membros. São robustos e nutridos; têm os nervos retesados, a carne firme; é o homem que, entregue à natureza e a uma alimentação abundante em sucos, tomou todo o acrescentamento de que é suscetível».

Da primeira para a segunda goleta, que foi passada com a mesma facilidade, pode haver seis ou sete léguas. Essa goleta só tem légua e meia de largura e quatro de comprimento. Nessa parte do estreito, não tardaram os navios a encontrar as ilhas de S. Bartolomeu e de Santa Isabel. Os franceses desembarcaram nesta última. Não encontraram nem lenha nem água. É uma terra absolutamente estéril.

Deste sítio para diante, a costa americana do estreito está abundantemente guarnecida de bosques. Se os primeiros passos difíceis tinham sido atravessados com facilidade, Bougainville ia ter ocasião de recorrer à sua paciência. Efetivamente, o caráter distintivo deste clima é sucederem-se as variações da atmosfera com tal prontidão que é impossível prever as suas bruscas e perigosas revoluções. Daí resultam avarias que é impossível prevenir e que estragam os navios, quando os não forçam a procurar um abrigo nas costas para se repararem.

A baía Guyot-Duclos é um excelente ancoradouro, em que se encontram, com bom fundo, seis ou oito braças de água. Bougainville demorou-se ali para encher algumas pipas e procurar arranjar uma pouca de carne fresca, mas só encontrou um pequeno

número de animais selvagens. Depois foi marcada a ponta de Sant'Ana. Ali se estabelecera, em 1581, a colónia de Philippeville, por Sarmiento. Contámos num volume precedente a horrorosa catástrofe que rendeu a este sítio o nome de porto da Fome.

Os franceses reconheceram depois muitas baías, cabos e angras, em que entraram arribados. São a baía de Bougainville, em que a *Estrela* foi consertada, o porto de Beau-Bassin, a baía de Cormandière, na costa da Terra do Fogo, o cabo Forward, que forma a ponta mais meridional do estreito e da Patagónia, a baía da Cascata, na Terra do Fogo, que pela segurança, comodidade de ancoragem, facilidade em se fazer aguada e em se cortar a lenha, é um asilo que não deixa nada a desejar aos navegadores. Estes portos, que Bougainville acabava de descobrir, são preciosos por permitirem bordejar vantajosamente para dobrar o cabo Forward, um dos pontos mais temidos dos marinheiros, por causa dos ventos impetuosos e ponteiros que normalmente ali se encontram.

O ano de 1768 foi principiado na baía Fortescue, ao fundo da qual se abre o porto Galant, cuja planta fora outrora muito exatamente levantada pelo Sr. Gennes. Um tempo detestável, de que o pior inverno de Paris nem pode dar ideia, reteve ali a expedição francesa durante mais de três semanas. Veio visitá-la um bando de Pecherais, habitantes da Terra do Fogo, que subiram a bordo dos navios.

«Fizeram-nos cantar — diz a relação —, dançar, ouvir instrumentos, e sobretudo comer, o que eles fizeram com grande apetite. Tudo lhes servia, pão, carne salgada, sebo, devoravam tudo o que se lhes apresentava. Não mostraram a mínima surpresa, nem ao ver os navios, nem ao ver os objetos diversos que se lhes

ofereceram; sem dúvida é que, para se ficar surpreendido com obras de arte, é necessário ter da arte algumas ideias elementares. Esses homens brutos tratavam as obras-primas da indústria humana como tratam as leis da natureza e os seus fenómenos. Esses selvagens são pequenos, feios, magros e de um fétido insuportável. Andam quase nus, vestem apenas detestáveis peles de lobos-marinhos, tão pequenas que nem os podem envolver. As suas mulheres são horrendas e os homens parecem ter por elas poucas atenções. Esses selvagens habitam todos misturados, homens, mulheres e crianças, em cabanas, no meio das quais se acende o lume. Sustentam-se principalmente de mariscos; entretanto têm cães e redes feitas de barba de baleia. Parecem ser boa gente, mas são tão fracos que se vê que não podem ser maus. De todos os selvagens que vi, os Pecherais são os mais privados de tudo».

A arribada neste lugar foi entristecida por um penoso acontecimento. Uma criança de uns doze anos viera a bordo, onde lhe deram bocados de vidro, não se adivinhando o uso que faria desses presentes. Esses selvagens, ao que parece, têm o costume de meter para a garganta bocados de tabaco em guisa de talismã. O pequeno quisera sem dúvida fazer o mesmo com o vidro; por isso, quando os franceses desembarcaram, viram-no a vomitar violentamente e a deitar escarros de sangue. A goela e as gengivas estavam cortadas e ensanguentadas. Apesar dos encantamentos e das fricções violentas de um feiticeiro ou talvez por causa dessa massagem ser muito forte, a criança sofria horrivelmente e não tardou que morresse. A morte do pequeno foi, para os Pecherais, sinal de uma fuga precipitada. Tiveram medo de que os franceses

lhe deitassem alguma sorte e que viessem todos a morrer do mesmo modo.

A 16 de janeiro, quando procurava alcançar a ilha Rupert, a *Desconfiada* foi arrastada pela corrente até meia amarra da praia. A âncora, que logo se lançara, quebrou, e, se não fosse uma ligeira brisa terral, a fragata encalhava. Foi necessário voltar para o porto Galant. Voltaram a tempo, porque no dia seguinte desencadeou-se um horroroso furacão.

«Depois de ter sido açoitado, durante vinte e seis dias, no porto Galant, por ventos constantemente maus e contrários, trinta e seis horas de um vento de feição, como nunca o ousaríamos esperar, bastaram para nos levar para o oceano Pacífico, exemplo que julgo único de uma navegação sem ancoragem desde o porto Galant até à saída do Pacífico. Avalio todo o comprimento do estreito, desde o cabo das Virgens até ao cabo dos Pilaes, em perto de cento e catorze léguas. Empregámos uns cinquenta e dois dias em percorrê-las. Apesar das dificuldades que tivemos na passagem do estreito de Magalhães (e aqui Bougainville está de acordo com Byron), aconselharei sempre que se prefira este caminho ao do cabo Horn, desde o mês de setembro até ao fim de março. Nos outros meses do ano, tomaria a resolução de ir pelo mar alto. Os ventos ponteiros e os mares grossos não constituem perigos, ao passo que não é prova de juízo ir-se às apalpadelas por entre terras. Sem dúvida se estará retido algum tempo no estreito, mas essa demora não é completamente perdida. Encontram-se ali com abundância água, lenha e mariscos, às vezes também peixes excelentes, e seguramente não duvido de que o escorbuto faça mais estragos numa tripulação que chegue ao mar Ocidental, dobrando o cabo

Horn, do que na que tiver entrado nele pelo estreito de Magalhães. Quando de lá saímos não tínhamos ninguém nos beliches».

Esta opinião de Bougainville tem encontrado, aí por estes últimos tempos, numerosos contraditores, e o caminho que tão calorosamente recomendara ficou abandonado completamente pelos navegantes. Com muita mais razão acontece o mesmo hoje, que o vapor transformou completamente a marinha e mudou todas as condições da arte náutica.

Apenas penetrara no mar do Sul, logo Bougainville, com grande surpresa sua, encontrou os ventos suões. Por isso teve de renunciar a ir ter à ilha de João Fernandes, como resolvera.

Combinara-se com o comandante da *Estrela*, o Sr. La Giraudais, que, a fim de descobrir maior espaço de mar, os dois navios se conservariam tão afastados um do outro quanto fosse possível, sem se perderem de vista, e que todas as noites se juntariam conservando-se a distância de meia légua, de forma que, se a *Desconfiada* viesse a encontrar algum perigo, a *Estrela* o pudesse mais facilmente evitar.

Bougainville procurou algum tempo a ilha de Páscoa sem a encontrar, depois chegou, durante o mês de março, ao paralelo das terras e das ilhas marcadas por engano, no mapa do Sr. Bellin, com o nome de ilhas de Queirós. No dia 22 do mesmo mês teve conhecimento de quatro ilhotas, a que deu o nome de Quatro Facardins, e que faziam parte desse arquipélago Perigoso, agregado de ilhotas madreporicas, baixas e inundadas, que todos os navegadores que penetram no oceano Pacífico pelo estreito de Magalhães, ou pelo cabo Horn, pareciam ter-se combinado para encontrar. Um pouco mais adiante descobriu-se uma ilha fértil,

habitada por selvagens inteiramente nus e armados de longos chuços, que brandiam com demonstrações de ameaça, o que lhe valeu o nome de ilha dos Lanceiros.

Não repetiremos o que já tivemos ocasião de dizer por muitas vezes a respeito da natureza dessas ilhas, da dificuldade do acesso a elas, da sua população selvagem e inóspita. Esta mesma ilha dos Lanceiros foi chamada, por Cook, Thrum-Cap, e a ilha da Harpa, que Bougainville reconheceu a 24, é a ilha Barr do mesmo navegador.

O comandante, sabendo que Roggewein ia morrendo visitando essas paragens, e pensando que o interesse da sua exploração não valia os perigos que se poderiam correr, marchou para o sul e perdeu logo de vista esse imenso arquipélago, que se estende por um comprimento de quinhentas léguas e não compreende menos de sessenta ilhas ou grupos de ilhas.

No dia 2 de abril, Bougainville descobriu um monte alto, escarpado, a que deu o nome de pico da *Desconfiada*. Era a ilha Maitea, a que Queirós já chamara a Decena.

No dia 4, ao nascer do Sol, estavam os navios em presença de Taiti, ilha comprida, composta de duas penínsulas reunidas por uma língua de terra, que não tem mais de uma milha de largura.

Mais de cem pirogas vieram rodear os navios; estavam carregadas de cocos e de uma infinidade de frutas deliciosas, que facilmente se trocaram por toda a espécie de bagatelas. Quando sobreveio a noite, iluminou-se a praia com mil fogos, a que se respondeu de bordo atirando alguns foguetes.

«O aspeto dessa costa, elevada em anfiteatro — diz Bougainville —, oferecia-nos o mais risonho espetáculo. Apesar de as montanhas serem de uma grande altura, o rochedo não mostra

em parte alguma a sua árida nudez; tudo está coberto de bosques. Mal acreditávamos nos nossos olhos quando descobrimos um pico carregado de árvores, até ao isolado cume, que se elevava ao nível das montanhas; não parecia ter mais de trinta toesas de diâmetro e diminuía de grossura à medida que ia subindo. Tomar-se-ia por uma pirâmide imensa, que mão de um hábil decorador tivesse ornado com grinaldas de folhagens. Os terrenos menos elevados são entrecortados de prados e de bosques, e em toda a extensão da costa reina, à beira-mar, no sopé das regiões altas, uma orla de terra baixa e lisa, coberta de plantações. Foi ali que, no meio das bananeiras, dos coqueiros e de outras árvores cobertas de frutos, descobrimos as casas dos insulares».

Todo o dia seguinte se passou em trocas. Além dos frutos, os indígenas ofereciam galinhas, pombos, instrumentos de pesca, ferramentas, fazendas, mariscos, pelos quais pediam pregos e brincos.

No dia 6, pela manhã, depois de três dias passados a bordejar para reconhecer a costa e procurar uma enseada, Bougainville resolveu-se a fundear na baía que vira no dia da sua chegada.

«A afluência das pirogas — diz ele — foi tamanha em torno dos navios, que tivemos muito trabalho para ancorar no meio da multidão e da bulha. Todos vinham gritando: «Tayo!», que quer dizer amigo, e dando-nos mil testemunhos de amizade. As pirogas estavam cheias de mulheres, que não cedem em encanto de fisionomia à maior parte das europeias, e que, quanto a beleza do corpo, podiam rivalizar vantajosamente com todas».

O cozinheiro de Bougainville achara modo de se escapar, apesar das proibições que se tinham feito, e de alcançar a praia.

Mas, apenas chegou a terra, viu-se rodeado de uma multidão considerável, que o despiu inteiramente, para considerar todas as partes do seu corpo. Não sabia o que lhe iam fazer, e já se julgava perdido quando os indígenas o tornaram a vestir e o levaram para bordo, mais morto que vivo. Bougainville queria repreendê-lo; mas o pobre homem confessou-lhe que, por mais que o ameaçasse, nunca lhe meteria tanto medo como o que acabava de ter em terra.

Assim que o navio se amarrou, Bougainville saltou para terra com alguns oficiais para reconhecer a aguada. Não tardou a rodeá-los uma multidão enorme e a contemplá-los com extrema curiosidade, gritando: «Tayo! Tayo!» Um indígena recebeu-os em sua casa e mandou-lhes servir fruta, peixe assado e água. Quando voltaram à praia, encontraram os franceses um insular de bela aparência, que, deitado debaixo de uma árvore, lhes ofereceu partilhar a relva que lhe servia de leite.

«Aceitámos — diz Bougainville. — Esse homem então inclinouse para nós, e com um modo terno, ao som de uma flauta em que outro índio soprava com o nariz, cantou-nos lentamente uma canção, sem dúvida anacreônica, cena encantadora e digna do pincel de Boucher. Quatro insulares vieram com confiança cear e dormir a bordo. Fizemos-lhes ouvir flauta, rabecão, rabeca e demos-lhes um fogo-de-vistas composto de foguetes e de fogo preso. Este espetáculo causou-lhes uma surpresa misturada de terror».

Antes de ir mais adiante e de reproduzir outros extratos da narrativa de Bougainville, julgamos a propósito prevenir o leitor de que não tome ao pé da letra estes quadros dignos das *Bucólicas*. A imaginação fértil do narrador quer embelezar tudo. As cenas encantadoras que tem diante dos olhos, essa natureza pitoresca,

não lhe bastam, e julga que acrescenta novos encantos no quadro quando não faz senão carregá-lo. Esse trabalho executa-o de boa fé, quase inconscientemente. Nem por isso deixa de ser verdade que se não devem aceitar todas estas descrições senão com extrema reserva. Desta tendência geral nesta época encontramos um exemplar muito singular na narrativa da segunda viagem de Cook. O pintor que fora agregado à expedição, Mr. Hodges, querendo representar o desembarque dos ingleses na ilha de Middelburgo, pinta-nos indivíduos que não têm nada o ar oceânico, e com a sua toga se tomariam antes por contemporâneos de César ou de Augusto. E, contudo, tivera os originais diante dos olhos e nada lhe seria mais fácil do que representar com fidelidade uma cena de que fora testemunha.

Como hoje sabemos respeitar melhor a verdade! Nenhum ornato, nenhum alindamento nas relações dos novos viajantes. Se às vezes é apenas um processo verbal um pouco seu, que só agrada mediocrementemente ao homem da sociedade, o sábio encontra neles quase sempre os elementos de um estudo sério, as bases de um trabalho útil ao progresso da ciência.

Feitas estas reservas, continuemos a seguir o narrador.

Nas margens do pequeno rio que desembocava no fundo da baía, Bougainville mandou estabelecer os seus doentes e as suas pipas de água com uma guarda para sua segurança. Estas suas disposições não deixaram de despertar a suscetibilidade e a desconfiança dos indígenas. Não tinham estes mostrado dúvida em permitir aos estrangeiros que desembarcassem e passeassem na sua ilha de dia, mas com a condição de os verem dormir a bordo dos

navios. Bougainville insistiu, e finalmente teve de fixar a duração da sua demora.

Desde esse momento restabeleceu-se a boa harmonia. Foi designado um telheiro vastíssimo para receber os escorbúticos, em número de trinta e quatro, e a sua guarda, que se compunha de trinta homens. Esse telheiro foi cuidadosamente fechado por todos os lados e não se deixou senão uma saída, diante da qual os indígenas traziam em quantidade os objetos que queriam trocar. O único dissabor que houve foi o de ter constantemente os olhos fitos em tudo o que se desembarcara, porque não há na Europa mais destros ratoneiros do que essa gente. Segundo um louvável costume que principiava a generalizar-se, Bougainville fez presente ao chefe desta região de um casal de perus e de patos, depois mandou arrotear um terreno em que semeou trigo, cevada, aveia, arroz, milho, cebolas, etc.

No dia 1, um insular foi morto com um tiro, sem que Bougainville, apesar das mais rigorosas pesquisas, pudesse saber quem fora o autor desse abominável assassínio. Os naturais entenderam sem dúvida que a culpa fora do seu compatriota, porque continuaram a alimentar o mercado com a sua costumada confiança. Contudo, o capitão sabia que a enseada não era bem abrigada; além disso, o fundo era de grosso coral.

No dia 12, durante uma grande ventania, a *Desconfiada*, que tivera uma amarra cortada pelo coral, ia causando grossas avarias à *Estrela*, para cima da qual garrou. Enquanto os homens, que tinham ficado a bordo, se ocupavam em reparar as avarias, e enquanto uma canoa ia à procura de um segundo canal que permitisse aos navios sair com todos os ventos, Bougainville soube que três insulares

tinham sido mortos ou feridos nas suas cabanas às baionetadas, e que, tendo-se espalhado o susto, os naturais todos tinham fugido para o interior do país.

Apesar do perigo que podiam correr os navios, o capitão desembarcou imediatamente e mandou pôr a ferros os autores supostos de um crime que poderia sublevar contra os franceses toda a população. Graças a essa medida rigorosa e imediata, os indígenas acalmaram-se e a noite passou sem incidentes.

Demais, as grandes inquietações de Bougainville não eram essas. Voltou, por conseguinte, para bordo logo que pôde. Durante um forte temporal, acompanhado por ventanias, grande vaga e trovoadas, os dois navios dariam à costa se não fosse um vento de terra que se levantou muito a propósito. As amarras das âncoras partiram-se, e pouco faltou para que os navios batessem nos escolhos, onde seriam destruídos. Por felicidade, a *Estrela* pôde fazer-se ao largo e a *Desconfiada* não tardou a fazer o mesmo, abandonando numa enseada seis âncoras, que lhe serviriam de grande auxílio no resto da viagem.

Logo que haviam percebido a próxima partida dos franceses, os insulares tinham vindo em chusma com refrescos de toda a espécie. Ao mesmo tempo um indígena, chamado Aotourou, pediu e acabou por alcançar licença de acompanhar Bougainville na sua viagem. Chegando à Europa, Aotourou esteve onze meses em Paris, onde encontrou na melhor sociedade o acolhimento mais obsequioso e mais benévolo. Em 1770, quando quis voltar para a sua pátria, o Governo aproveitou uma ocasião para o mandar para a ilha de França. Devia dirigir-se a Taiti, assim que a estação o permitisse, mas morreu nessa ilha, sem ter podido transportar para o seu país a

imensa cargação de ferramentas de primeira necessidade, de sementes e de animais, que lhe fora entregue pelo Governo francês.

Taiti, que recebera de Bougainville o nome de Nova Citera por causa da beleza das suas mulheres, é a maior do grupo da Sociedade. Apesar de ter sido visitada por Wallis, como dissemos mais atrás, reproduziremos algumas das informações que devemos a Bougainville.

As principais produções eram então o coco, a banana, a árvore-do-pão, o inhame, a cana-de-açúcar, etc. M. de Commerson, naturalista, embarcado na *Estrela*, reconhecia nestas produções a flora das Índias. Os únicos quadrúpedes eram os porcos, os cães e os ratos, que pululavam.

«O clima é tão saudável — diz Bougainville — que, apesar dos trabalhos forçados que ali tivemos, apesar de os nossos homens estarem continuamente metidos dentro de água e ao sol, apesar de dormirem no chão ao ar livre, ninguém adoeceu. Os escorbúuticos que ali tínhamos desembarcado e que não tiveram nem uma só noite sossegada, ali recuperaram forças e se restabeleceram em pouquíssimo tempo, a ponto que alguns se curaram depois perfeitamente a bordo. Demais, a saúde e a força dos insulares, que habitam em casas abertas a todos os ventos, e cobrem apenas com algumas folhagens a terra que lhes serve de cama, a feliz velhice a que chegam sem incómodo algum, a firmeza de todos os seus sentidos e a beleza singular dos seus dentes, que conservam até na velhice mais adiantada, são as melhores provas que se podem dar da salubridade dos ares e da excelência do regime que os habitantes seguem!»

A índole destes povos a todos pareceu meiga e boa. Se não parece que haja entre eles guerra civil, apesar de o país estar dividido em quatro comarcas, cujos chefes são independentes uns dos outros, estão todavia muito frequentemente em guerra com os habitantes das ilhas vizinhas. Não contentes com matar os homens e as crianças do sexo masculino que apanham com as armas na mão, arrancam-lhes a pele do queixo juntamente com a barba, se a têm, e conservam preciosamente esse hediondo troféu. Bougainville não colheu a respeito da sua religião e das suas cerimónias senão noções extremamente vagas. Pôde, contudo, conhecer o culto que prestam aos mortos. Conservam muito tempo os cadáveres ao ar livre, numa espécie de essa abrigada por um telheiro. Apesar do fétido que exalam esses corpos em decomposição, as mulheres vão chorar para a vizinhança desses monumentos uma parte do dia, e ungem com as suas lágrimas e com óleo de coco as repugnantes relíquias da sua afeição.

As produções do solo são de tal forma abundantes, exigem tão pouco trabalho, que os homens e as mulheres vivem numa ociosidade quase continuada. Por isso não devemos espantar-nos de que o cuidado de agradar seja a única preocupação destas últimas. A dança, os cantos, as longas conversações em que reina a mais franca alegria, tinham desenvolvido nos Taitianos uma mobilidade de impressões, uma ligeireza de espírito, que até surpreenderam os franceses, povo que não passa contudo por ser muito sério, sem dúvida porque é mais alegre, mais vivo, mais engraçado do que aqueles que lhe dirigem essa censura. É impossível fixar a atenção desses indígenas. Uma bagatela os impressiona, mas não havia nada que os ocupasse. Apesar dessa falta de reflexão, eram industriosos e

destros. As suas pirogas eram construídas de um modo tão engenhoso como sólido. Os seus anzóis e todos os seus instrumentos de pesca eram delicadamente lavrados. As suas redes pareciam-se com as nossas. As suas fazendas, feitas da casca de uma árvore, eram tecidas habilmente e tingidas de diversas cores.

Parece-nos que resumimos as impressões de Bougainville dizendo que os Taitianos são um povo de lazarones.

No dia 16 de abril, às oito horas da manhã, Bougainville estava perto de dez léguas para o norte de Taiti, quando descortinou uma terra a sotavento. Apesar de parecer que formava três ilhas separadas, era só uma na realidade. Chamava-se Oumaitia, no dizer de Aotourou. O comandante, não julgando a propósito demorar-se ali, dirigiu o seu caminho de forma que evitasse as ilhas Perniciosas, de que o desastre de Roggewein lhe ordenava que fugisse. Durante o resto do mês de abril o tempo foi belíssimo, mas com pouca ventania.

No dia 3 de maio, Bougainville mandou aproar para uma nova terra, que acabava de descobrir, e não tardou no mesmo dia a descobrir muitas outras. As costas da maior eram por toda a parte escarpadas; para bem dizer, era só uma montanha coberta de árvores até ao cimo, sem vales nem praias. Viram-se ali alguns fogos, cabanas construídas à sombra dos coqueiros e uns trinta homens que corriam à beira-mar.

À noite, muitas pirogas se aproximaram dos navios, e, depois de alguns instantes de uma hesitação muito natural, principiaram as trocas. Os insulares, em troca de cocos, de inhames e de fazendas menos belas que as de Taiti, exigiam pedaços de pano vermelho, e repeliam com desprezo o ferro, os pregos e esses brincos que

acabavam contudo de obter tamanho êxito no arquipélago Bourbon, nome pelo qual Bougainville designa o grupo taitiano. Os naturais tinham o peito e as pernas, até acima do joelho, pintados de azul-ferrete; não usavam barbas e levantavam os cabelos em trunfa no alto da cabeça.

No dia seguinte foram reconhecidas novas ilhas, que pertenciam ao mesmo arquipélago. Os seus habitantes, que pareciam muito selvagens, não quiseram nunca aproximar-se dos navios.

«A longitude destas ilhas — diz a relação — é quase a mesma em que julgava estar Abel Tasman quando descobriu as ilhas de Amesterdão, de Roterdão, das Pilstaars, do Príncipe Guilherme, e os recifes de Heemskerke. É também a que se atribui, pouco mais ou menos, às ilhas de Salomão. Demais, as pirogas, que vimos vogar ao largo e para o sul, parecem indicar que há outras ilhas para esse lado. Assim, essas terras parecem formar uma cadeia extensa debaixo do mesmo meridiano. As ilhas que compõem esse arquipélago dos Navegadores ficam debaixo do 14.º paralelo austral, entre 171 e 172 graus de longitude a oeste de Paris».

O escorbuto principiava a reaparecer com a falta de víveres frescos. Era necessário por conseguinte pensar em arribar de novo. No dia 22 do mesmo mês e nos dias seguintes, reconheceram-se as ilhas de Pentecostes, Aurora e a dos Leprosos, que fazem parte do arquipélago das Novas Hébridas, que Queirós descobrira em 1606. A abordagem parecia fácil; o comandante resolveu mandar a terra um destacamento que trouxesse cocos e outros frutos antiescorbúticos. Nesse mesmo dia, Bougainville foi ter com ele. Os marinheiros estavam a cortar lenha e os indígenas ajudavam-nos a embarcá-la.

Apesar dessas boas disposições aparentes, não tinham estes últimos abandonado toda a desconfiança e conservavam as armas na mão; os próprios que as não tinham estavam agarrados a pedregulhos, que podiam atirar quando quisessem. Assim que os barcos estiveram cheios de lenha e de fruta, Bougainville mandou reembarcar a sua gente toda. Os indígenas aproximaram-se nesse momento em numeroso bando, fizeram voar uma nuvem de flechas, de lanças e de azagaias. Alguns até se meteram pela água dentro para fazer melhor pontaria aos franceses.

Não tendo produzido efeito algum muitos tiros disparados para o ar, uma boa descarga fez fugir os naturais.

Dias depois, um escaler, que procurava um ancoradouro na costa da ilha dos Leprosos, deu motivo para ser atacado. Duas flechas, que lhe foram atiradas, serviram de pretexto à primeira descarga, seguida logo por um fogo tão continuado, que Bougainville julgou a sua embarcação em grande perigo. O número das vítimas foi considerável, e os indígenas soltavam gritos horrorosos nos bosques em que se tinham refugiado. Foi uma verdadeira matança. O comandante, muito inquieto com essa prolongada fuzilaria, ia destacar em socorro do seu escaler uma nova embarcação, quando o viu dobrar uma ponta. Fez logo o sinal da chamada. «Tomei — diz ele — medidas para que não tornássemos a ser desonrados por semelhante abuso da superioridade das nossas forças».

Que triste que é essa facilidade com que todos os navegadores abusam do seu poder! Essa mania da destruição, sem móbil algum, sem atrativo mesmo, não suscita verdadeira indignação? A qualquer nação que pertençam os exploradores, vemo-los cometer os

mesmos atos. Não é pois a este ou àquele povo que se deve fazer uma acusação de crueldade, mas sim à humanidade toda.

Depois de ter alcançado os recursos de que precisava, Bougainville fez-se de novo ao mar.

Parece que este navegador desejava sobretudo fazer muitas descobertas, porque todas as terras que encontrava reconhecia-as muito superficialmente, à pressa, e, de todos os mapas que ilustram a relação da sua viagem, nenhum mostra arquipélago que esteja inteiro, nenhum resolve as diversas questões que sempre levanta uma descoberta nova. Não foi assim que procedeu o capitão Cook. As suas explorações, sempre feitas com cuidado, com uma perseverança raríssima, colocaram-no muito acima do navegador francês.

Essas terras, que os franceses acabavam de descobrir, eram as ilhas do Espírito Santo, de Mallicolo, com S. Bartolomeu e as ilhotas que a rodeiam. Apesar de ter reconhecido a identidade desse grupo com a Terra dei Espírito Santo, de Queirós, Bougainville não pôde resistir a dar-lhe outro nome e chamou-lhe o arquipélago das Grandes Cíclades — denominação à qual preferiram a de Novas Hébridas.

«Parece — diz ele — que foi a sua extremidade setentrional que Roggewein via no décimo primeiro paralelo e a que chamou Tienhoven e Groninga. Quando aí fundeámos, pareceu-nos que estávamos na Terra austral do Espírito Santo. As aparências mostravam confirmar a relação de Queirós, e o que descobríamos todos os dias animava as nossas investigações. É bem singular que, exatamente na mesma latitude e longitude em que Queirós coloca a sua grande baía de S. Tiago e S. Filipe, numa costa que parecia ser,

à primeira vista, a de um continente, achássemos uma passagem de largura igual à que ele dá à foz da sua baía. O navegador espanhol viu mal? Quis mascarar as suas descobertas? Adivinharam os geógrafos, fazendo da Terra do Espírito Santo um continente com a Nova Guiné? Para resolver este problema era necessário seguir ainda o mesmo paralelo durante mais de trezentas e cinquenta léguas. A isso me resolvi, apesar de o estado e a quantidade dos nossos víveres nos avisarem da necessidade de ir prontamente procurar algum estabelecimento europeu. Ver-se-á que estivemos por pouco a ser vítimas da nossa constância».

Enquanto Bougainville estava nestas paragens, tendo-o chamado certos negócios de serviço a bordo do seu navio de conserva — a *Estrela* —, verificou ali um facto singular, objeto, havia já algum tempo, das conversações de toda a tripulação. O Sr. Commerson, o naturalista, tinha um criado chamado Barré. Infatigável, inteligente e já botânico muito exercitado, vira-se Barré tomar parte em todas as herborizações, transportar as caixas, as provisões, as armas e os cadernos de plantas com uma coragem que lhe merecera do botânico o sobrenome da sua «azémola». Ora havia algum tempo já que Barré passava por ser uma mulher. O seu rosto pálido e imberbe, o som da sua voz, a sua reserva e vários outros indícios pareciam justificar essa suposição, quando um facto, ocorrido em Taiti, veio mudar as suspeitas em certeza.

O Sr. Commerson desembarcara para herborizar, e, segundo o seu costume, seguia-o Barré com as caixas, quando o rodeiam os indígenas que, gritando que é uma mulher, se preparavam para verificar as suas asserções. Um guarda-marinha, o Sr. Bournand,

teve um trabalho imenso para o arrancar das mãos dos indígenas e para o escoltar até à embarcação.

Durante a sua visita à *Estrela*, recebeu Bougainville a confissão de Barré. Lavado em lágrimas, o naturalista ajudante confessou-lhe o seu sexo e pediu-lhe desculpa de ter enganado o seu amo, apresentando-se com fato de homem no próprio momento do embarque. Não tendo família, arruinada por uma demanda, essa menina vestira fato masculino para se fazer respeitar. Demais a mais, quando embarcou sabia que devia fazer uma viagem de circum-navegação, e essa perspectiva, longe de a assustar, confirmara-a na sua resolução.

«Será a primeira mulher que deu a volta ao mundo — disse Bougainville —, e devo fazer-lhe a justiça de reconhecer que sempre se portou a bordo com o mais escrupuloso juízo. Não é feia nem bonita, e não tem mais de vinte e seis ou vinte e sete anos. Devemos confessar que, se os dois navios tivessem naufragado nalguma ilha deserta, Barré ter-se-ia visto em singulares condições».

Foi a 29 de maio que a expedição cessou de ver terra. O caminho foi dirigido para oeste. No dia 4 de junho, por 15° 50' de latitude e 148° 10' de longitude leste, descobriu-se um escolho perigosíssimo, que emerge tão pouco da água que a duas léguas de distância já se não vê do alto dos mastros. O encontro de outros cachopos, de uma grande quantidade de troncos de árvores, de frutos e de limos, a tranquilidade do mar, tudo indicava a vizinhança de uma grande terra a sueste. Era a Nova Holanda.

Bougainville resolveu então sair dessas paragens perigosas, onde não tinha probabilidade de encontrar senão uma região ingrata, um mar semeado de escolhos e de recifes. Outra razão o

levava a mudar de caminho: as suas provisões estavam a acabar, a carne salgada era infeta, e todos preferiam comer os ratos que podiam apanhar. Já não restavam senão dois meses de pão e quarenta dias de legumes. Tudo ordenava que se subisse para o norte.

Infelizmente, os ventos do sul amainaram, e quando se restabeleceram foi para pôr a expedição a dois passos da sua perda. No dia 10 de Junho via-se a terra ao norte. Era o fundo do golfo da Luisiáda, que recebeu o nome de Beco do Laranjal.

O país era esplêndido. À beira-mar uma planície baixa, coberta de árvores e de bosques, cujos aromas balsâmicos chegavam aos navios, levantava-se em anfiteatro para as montanhas que perdiam os seus píncaros nas nuvens.

Em breve se tornou impossível visitar este rico e fértil país, tanto como procurar, para o ocidente, uma passagem para o sul da Nova Guiné, que, pelo golfo da Carpentaria, rapidamente fosse ter às Molucas. Demais, existiria essa passagem? Não havia nada mais problemático, porque se julgava ter-se visto a terra estender-se ao longe para o ocidente. Era necessário sair o mais depressa possível do golfo em que imprudentemente se tinham metido.

Mas vai grande distância do desejo à realidade. Até ao dia 21 de junho, os dois navios esforçaram-se, debalde, por se afastar para o ocidente desta costa, semeada de escolhos e de recifes, para cima da qual o vento e as correntes pareciam querer atirá-los. O nevoeiro e a chuva entraram por tal forma na dança que não havia meio de marchar de conserva com a *Estrela* senão disparando-se tiros de peça. Se o vento mudava, aproveitava-se isso logo para se fazerem ao largo; mas não tardava a soprar de novo de és-sueste, e o

caminho que se ganhara logo se tornava a perder. Durante este rude cruzeiro foi necessário diminuir a ração do pão e de legumes, proibir, com penas severas, que se comessem os couros velhos, e sacrificar a última cabra que havia a bordo.

O leitor, sentado tranquilamente ao canto do seu fogão, dificilmente imagina com que inquietação se navegava por esses mares desconhecidos, vendo-se ameaçado por todos os lados com o encontro inopinado de escolhos e de cachopos, com ventos ponteiros, correntes ignoradas, e um nevoeiro que escondia a vista dos perigos.

Foi só a 26 que se dobrou o cabo do Livramento. Daí em diante era impossível fazer caminho por nor-nordeste.

Dois dias depois, tinham-se andado quase sessenta léguas para o norte quando se viram muitas terras pela proa. Bougainville pensava que faziam parte do grupo da Luisíada, mas são mais ordinariamente consideradas como dependentes do arquipélago de Salomão, que Carteret, que as vira no ano precedente, da mesma forma que o navegador francês, não julgava ter encontrado.

Não tardaram numerosas pirogas a rodear os dois navios. Eram tripuladas por homens tão negros como africanos, de cabelos encarapinhados, compridos e ruivos. Armados de azagaias, soltavam grandes gritos e anunciavam disposições pouco pacíficas. Demais, não houve remédio senão renunciar a atacar. A vaga quebrava por toda a parte com violência, e a praia era tão estreita que parecia quase não a haver.

Rodeado de ilhas por todos os lados, afogado numa bruma espessa, Bougainville entrou instintivamente numa passagem da largura de quatro ou cinco léguas, em que o mar era tão mau que a

Estrela foi obrigada a fechar as escotilhas. Na costa oriental via-se uma linda baía, que prometia um bom ancoradouro. Enviaram-se algumas embarcações para sondar. Enquanto estavam ocupados neste trabalho, uma dezena de pirogas, em que podiam ir embarcados cento e cinquenta homens armados de escudos, de lanças e de arcos, avançaram contra eles. Separaram-se logo essas pirogas em dois bandos para envolver as embarcações francesas. Os naturais, assim que chegaram a alcance, fizeram chover sobre os barcos uma nuvem de flechas e de dardos. Uma primeira descarga não os fez parar. Foi necessária segunda para os pôr em fuga. Capturaram-se duas pirogas, cuja tripulação se deitara ao mar. Compridas e bem trabalhadas, estavam ornadas na proa com uma cabeça de homem esculpida, que tinha os olhos de madrepérola, as orelhas de casca de tartaruga, os lábios pintados de vermelho. O rio em que se dera este ataque recebeu o nome de rio dos Guerreiros, e a ilha tomou o nome de Choiseul, em honra do ministro da Marinha.

À saída desta passagem, descobriu-se uma nova terra: foi a ilha de Bougainville, cuja extremidade setentrional, ao cabo de Laverdy, parece juntar-se à ilha de Bouka. Esta última, que Carteret vira no ano precedente e a que chamara Winchelsea, parecia excessivamente povoada, a avaliar pelo número de cabanas que a cobriam. Os habitantes que Bougainville qualifica de negros, sem dúvida para os distinguir dos Polinésios e dos Malaios, são Papuas, da mesma raça que os indígenas da Nova Guiné. Os seus cabelos, encarapinhados e curtos, estavam tintos de vermelho, os seus dentes tinham tomado a mesma cor do bétele, que mastigam constantemente. A costa, plantada de coqueiros e de outras árvores,

permitia refrescos abundantes, mas os ventos ponteiros e as correntes arrastaram rapidamente os dois navios.

A 6 de julho, Bougainville fundeou na costa meridional da Nova Irlanda, que fora descoberta por Schouten, no porto Praslin, no mesmo sítio em que parara Carteret.

«Enviámos a terra as nossas pipas de água — diz a relação —, armámos ali tendas e principiou-se a fazer aguada, a fazer barreias e a cortar lenha, coisas de primeira necessidade. O desembarque era magnífico, numa areia fria, sem rocha nem vaga; o interior do porto, num espaço de quatrocentos passos, continha quatro regatos. Tomámos três para nosso uso; um destinado para se fazer a aguada da *Desconfiada*, outro para se fazer a da *Estrela* e o terceiro para lavagens. A lenha achava-se à beira-mar, e havia-a de muitas espécies, todas excelentes para queimar, algumas soberbas para as obras de carpintaria e de marcenaria. Os dois navios estavam a alcance da voz um do outro e da praia. Demais, o porto e os seus arredores, muito ao longe, estavam desabitados, o que nos proporcionava uma paz e uma liberdade preciosas. Assim não podíamos desejar ancoragem mais segura, sítio mais cómodo para fazer aguada, para cortar lenha, para proceder aos diversos consertos de que os navios tinham a mais urgente necessidade e para deixar vaguear a seu capricho os nossos escorbúticos nos bosques. Tais eram as vantagens dessa arribada; tinha também os seus inconvenientes. Apesar das buscas que se fizeram, não se descobriram nem cocos, nem bananas, nem nenhum dos recursos que, por vontade ou por força, se poderiam tirar de um país habitado. Se a pesca não fosse abundante, não se podia esperar aqui senão a segurança e o estritamente necessário. Havia então

todo o motivo para recear que os doentes se não restabelecessem. Na verdade, não tínhamos nenhuns que estivessem fortemente atacados, mas todos o estavam alguma coisa, e, se não melhorassem aqui, o progresso do mal não podia deixar de ser rapidíssimo».

Havia apenas alguns dias que os franceses estavam parados neste sítio, quando um marinheiro encontrou um pedaço de chapa de chumbo em que se lia ainda um fragmento de inscrição em inglês. Não foi custoso reconhecer o sítio onde Carteret acampara no ano precedente.

Os recursos que o país oferecia aos caçadores eram muito medíocres. Viram, é certo, alguns javalis ou porcos monteses, mas foi-lhes impossível atirar-lhes. Em troca deitaram abaixo pombos da maior beleza, de um branco-cinzento no ventre e no pescoço, de plumagem verde-dourada, rolas, viúvas, papagaios, aves-coroadas e uma espécie de corvo, cujo grito se parece imenso com o ladrar de um cão. As árvores eram altas e magníficas: eram o bétele, a areca, o junco, a pimenteira, etc.

Os répteis malfazejos formigavam nesses terrenos paludosos, no meio dessas florestas virgens: serpentes, escorpiões e uma grande quantidade de outros animais venenosos. Infelizmente não era só na terra que os havia. Um marinheiro que procurava um molusco bivalve raríssimo foi mordido por uma espécie de serpente. Depois de cinco a seis dias de padecimentos terríveis e de convulsões assustadoras as dores diminuíram, e, enfim, a teriaga que se lhe ministrou depois da mordedura pô-lo bom. Este acidente afrouxou singularmente o zelo dos amadores de conquiologia.

No dia 22, depois de grossa tormenta, os navios sentiram muitos abalos de tremores de terra, o mar levantou-se e abaixou-se muitas vezes a fio, o que assustou terrivelmente os marinheiros ocupados em pescar. Apesar da chuva e das tempestades, que se sucediam continuamente, todos os dias um destacamento partia à procura de rolas e de frutos. Esperavam-se mundos e fundos, mas a maior parte das vezes voltava-se de mãos vazias e sem outro resultado senão o de virem molhados até aos ossos. Uma curiosidade natural, mil vezes mais bela do que as maravilhas inventadas para ornamento dos palácios dos soberanos, atraía todos os dias, a alguma distância do ancoradouro, numerosos visitantes, que se não cansavam de a admirar.

«Era uma cascata. Descrevê-la seria impossível. Para lhe fazer compreender toda a beleza, deveriam reproduzir-se com o pincel os fogos cintilantes das toalhas de água feridas pelo sol, a sombra vaporosa das árvores tropicais, que rebentavam de dentro de água, os jogos fantásticos da luz numa paisagem grandiosa, que a mão do homem ainda não estragara».

Assim que o tempo mudou, os navios deixaram o porto Praslin e continuaram a seguir a costa da Nova Bretanha até 3 de agosto. A *Estrela*, atacada no caminho por uma infinidade de pirogas, fora obrigada a responder às pedradas e às frechadas com alguns tiros de espingarda, que tinham posto em fuga os assaltantes. No dia 4 foram vistas as terras chamadas por Dampier ilha Matias e ilha Tempestuosa. Três dias depois, reconheceu-se a ilha dos Anacoretas, assim chamada porque um grande número de pirogas, ocupadas na pesca, se não afastaram à vista da *Estrela* e da *Desconfiada*,

desdenhando travar com estes estrangeiros relações de qualquer espécie.

Depois de uma série de ilhotas meio submergidas, em que os navios iam encalhando e a que Bougainville chamara Xadrez, avistou-se a costa da Nova Guiné. Alta e montuosa, corria para oés-noroeste. A 12 descobriu-se uma grande baía, mas as correntes, que até então tinham sido contrárias, não tardaram a arrastar os navios para longe dessa baía, assinalada, a mais de vinte léguas ao largo, por duas sentinelas gigantescas, os montes Ciclope e Bougainville.

As ilhas Arimoa, a maior das quais tem apenas quatro milhas de extensão, foram em seguida reconhecidas, mas o mau tempo e as correntes obrigaram os dois navios a conservar-se no mar alto e a cessar toda e qualquer exploração. Foi necessário, contudo, aproximarem-se de terra para se não cometer algum erro perigoso e poder desembocar no mar das Índias. As ilhas Mispulu e Waigiu, esta última na extremidade nordeste da Nova Guiné, foram sucessivamente deixadas para trás.

O canal dos Franceses, que permitiu aos navios deixar este montão de ilhotas e de rochedos, foi atravessado sem novidade. Desde então, penetrava Bougainville no arquipélago das Molucas, em que contava encontrar os refrescos necessários para os quarenta e cinco escorbúticos que tinha a bordo.

Na ignorância absoluta dos acontecimentos que poderiam ter-se passado na Europa desde a sua partida, Bougainville não queria arriscar-se numa colónia onde não seria ele o mais forte. A pequena feitoria que os Holandeses tinham estabelecido na ilha de Boera ou Bourou, convinha perfeitamente aos seus projetos, tanto mais que era fácil obter ali refrescos. As tripulações receberam, com a mais

viva alegria, ordem de penetrar no golfo de Cajeti. Não havia ninguém a bordo que não tivesse sido atacado pelo escorbuto, e metade das tripulações achava-se, diz Bougainville, na impossibilidade absoluta de fazer o seu serviço.

«Os víveres que nos restavam eram tão pobres e de um cheiro tão cadavérico, que os momentos mais cruéis dos nossos tristes dias eram aqueles em que a sineta nos avisava para irmos tomar desses alimentos repugnantes e insalubres. Quanto embelezava ainda essa situação aos nossos olhos a encantadora paisagem da ilha Boera! No meio da noite um cheiro agradável, exalado das plantas aromáticas de que estão cobertas as ilhas Molucas, fizera-se sentir muitas léguas pelo mar dentro e parecera precursor do fim dos nossos males. O aspeto da imensa vila situada no fundo do golfo, o dos navios ancorados, a vista dos animais que vagueavam pelos campos que rodeiam a vila, causaram transportes que sem dúvida partilhei e que não poderia pintar».

Apenas a *Desconfiada* e a *Estrela* tinham fundeado, logo o residente da feitoria mandou dois soldados perguntar ao comandante francês quais os motivos que o faziam parar neste sítio, quando devia saber que a entrada era só permitida aos navios da Companhia das Índias. Bougainville despachou-lhe um oficial, encarregado de explicar que, apertado pela fome e pela doença, era obrigado a entrar no primeiro porto que encontrasse no caminho. Demais, sairia de Boera assim que houvesse recebido os socorros de que tinha a mais urgente precisão e que reclamava em nome da humanidade. O residente mandou-lhe então a ordem do governador de Amboíno, que lhe proibia expressamente o receber no seu porto qualquer navio estrangeiro e pediu a Bougainville que lhe fizesse o

obséquio de consignar por escrito os motivos da sua arribada, a fim de poder provar ao seu superior que só infringira as suas ordens debaixo da pressão da mais imperiosa necessidade.

Logo que Bougainville assinou este atestado, presidiu a mais franca cordialidade às relações que se estabeleceram imediatamente com os holandeses. O residente quis receber à sua mesa o estado-maior dos dois navios e concluiu-se uma convenção para fornecimento de carne fresca. Foi substituído o pão pelo arroz, sustento habitual dos holandeses, e os legumes fornecidos às tripulações pelo residente, que os tirou da horta da Companhia. Certamente seria para desejar, para o restabelecimento dos doentes, que se pudesse prolongar essa arribada, mas o fim da monção de leste obrigava Bougainville a partir sem demora para Batávia.

Foi a 7 de setembro que o comandante saiu de Boera, persuadido de que a navegação nesse arquipélago não era tão difícil como os holandeses diziam. Quanto a fiarem-se nas cartas francesas, nisso é que nem se podia pensar; eram mais próprias para perder os navios do que para guiá-los, e Bougainville dirigiu portanto o seu caminho pelos estreitos de Button e Saleyer. Esse caminho, frequentado pelos holandeses, era muito pouco conhecido pelas outras nações. Por isso a relação descreve com o maior cuidado e de cabo a cabo o caminho que seguiu. Não insistiremos nesta parte da viagem, apesar de ter sido muito instrutiva, mas, por isso mesmo, dirige-se especialmente aos homens do ofício.

A 28 de setembro, depois de dez meses e meio de viagem desde a partida de Montevideu, a *Estrela* e a *Desconfiada* chegavam a Batávia, uma das mais belas colónias do Universo. Pode-se dizer que, desde então, estava concluída a viagem. Depois de ter tocado

na ilha de França, no cabo da Boa Esperança e na ilha da Ascensão, junto da qual encontrou Carteret, Bougainville entrou, no dia 16 de fevereiro de 1769, em Saint-Malo, tendo perdido apenas sete homens, dois anos e quatro meses depois de ter saído de Nantes.

O resto da carreira deste feliz navegador não entra no nosso quadro; por isso dela diremos poucas palavras. Tomou parte na guerra da América e sustentou em 1781 um combate honroso diante do forte real da Martinica. Chefe de esquadra desde 1780, foi encarregado, dez anos depois, de restabelecer a ordem na flotilha amotinada do Sr. D'Albert de Rions. Nomeado vice-almirante em 1792, entendeu não dever aceitar esse posto eminente, que considerava, segundo a sua própria expressão, como um título sem funções. Chamado sucessivamente para o Observatório e para o Instituto, elevado à dignidade de senador, criado conde por Napoleão I, Bougainville morreu a 31 de agosto de 1811, carregado de anos e de honras.

O que tornou popular o nome de Bougainville foi o ter sido o primeiro francês que deu volta ao mundo. Se teve o mérito de descobrir e reconhecer, se não de explorar muitos arquipélagos ignorados ou pouco conhecidos antes dele, pode-se dizer que deveu a sua reputação muito mais ao encanto, à facilidade, à animação da sua narrativa de viagem, do que aos seus trabalhos. Se é mais conhecido do que tantos outros marinheiros franceses, seus émulos, não é por ter feito mais ou melhor do que eles, é porque soube contar as suas aventuras de modo a encantar os seus contemporâneos.

Quanto a Guyot-Duclos, o seu posto secundário na expedição e a sua origem plebeia fizeram com que não tivesse recompensa

alguma. Se foi nomeado depois cavaleiro de S. Luís, deveu isso a ter salvado a *Belle-Poule* num naufrágio. Apesar de ter nascido em 1722, e de navegar desde 1734, era apenas primeiro-tenente em 1791.

Foi necessário que subissem ao poder ministros imbuídos no espírito novo para ele obter nessa época o posto de capitão de mar e guerra, tardia recompensa de longos e assinalados serviços. Morreu em Saint-Servan no dia 10 de março de 1794.

Capítulo 3 — Primeira Viagem do Capitão Cook

I

Quando se trata de contar a carreira de um homem célebre, é bom não desprezar nenhum desses pequenos factos que noutra qualquer pareciam de pequeno interesse. Tomam então uma importância singular, porque neles se descobrem muitas vezes os indícios de uma vocação, que a si própria se ignora, e lançam sempre uma viva luz sobre o carácter do herói que se quer pintar. Por isso estender-nos-emos um pouco sobre os humildes princípios de um dos mais ilustres navegadores de que a Inglaterra se pode ufanar.

No dia 27 de outubro de 1728, nasceu James Cook em Morton, no Yorkshire. Era o nono filho de um criado de lavoura e de uma camponesa chamada Grace. Tinha apenas oito anos e já o pequeno James ajudava seu pai nos seus rudes trabalhos no casal de Ayri-Holme, ao pé de Ayton. A sua gentileza, o seu ardor no trabalho, interessaram o rendeiro, que lhe mandou ensinar a ler. Depois, quando completou treze anos, foi metido como caixeiro em casa de William Sanderson, merceeiro em Staith, pequena angra de pescarias muito importante. Mas ser assíduo ao balcão não era coisa que pudesse agradar ao jovem Cook, que aproveitava todos os instantes de liberdade para ir conversar com os marinheiros do porto.

Com consentimento de seu pai, não tardou James a sair da loja do merceeiro, para se alistar como grumete, apadrinhado por João e Henrique Walker, cujos navios serviam para o transporte de carvão nas costas da Inglaterra e da Irlanda. Grumete, marinheiro, depois

patrão, Cook familiarizara-se rapidamente com todas as minúcias da sua nova profissão.

Na primavera de 1755, quando rebentaram as primeiras hostilidades entre a França e a Inglaterra, o navio em que Cook servia estava fundeado no Tamisa. A marinha militar recrutava então as tripulações agarrando os marinheiros pelo sistema do «cordel». Cook principiou por se esconder, mas, impelido sem dúvida por algum pressentimento, foi sentar praça na *Águia*, navio de sessenta canhões, que dentro em pouco o capitão Hugo Palliser devia ir comandar.

Inteligente, ativo, ao facto de todos os trabalhos do seu ofício, Cook foi em pouco tempo distinguido pelos seus oficiais e recomendado à atenção do comandante. Este último recebia ao mesmo tempo uma carta dum membro do Parlamento, Sir Scarborough, que lhe recomendava calorosamente, a solicitação instante de todos os habitantes da aldeia de Ayton, o jovem Cook, que não tardou a obter a nomeação de mestre de marinheiros. A 15 de maio de 1759, embarcou a bordo da nau *Mercúrio*, com destino ao Canadá, onde se juntou à esquadra de Sir Charles Saunders, que, de combinação com o general Wolf, estava cercando Quebeque.

Foi durante essa viagem que Cook encontrou a primeira ocasião de se distinguir. Encarregado de sondar a ilha de S. Lourenço, entre a ilha de Orleães e a margem setentrional do rio, desempenhou essa missão com habilidade e pôde levantar uma carta do canal, apesar das dificuldades e dos perigos da empresa. Tão exatas e tão completas se reconheceu que eram essas demonstrações hidrográficas, que recebeu ordem de examinar as passagens do rio abaixo de Quebeque. Desempenhou essa missão

com tanto cuidado e tanta inteligência que o seu mapa de S. Lourenço foi publicado por conta do Almirantado inglês.

Depois da tomada de Quebeque, Cook passou para bordo da *Northumberland*, comandada por Lord Colville, e aproveitou a sua estação nas costas da Terra Nova para se aplicar ao estudo da astronomia. Em breve lhe confiaram trabalhos importantes. Levantou a planta de Placentia e das costas de S. Pedro e Miquelon. Foi nomeado em 1764 engenheiro de marinha para a Terra Nova e o Lavrador, foi empregado durante três anos consecutivos em trabalhos hidrográficos, que chamaram para ele a atenção do ministério e serviram para emendar os inumeráveis erros dos mapas da América. Ao mesmo tempo dirigia à Sociedade Real de Londres uma memória sobre um eclipse do Sol, que observou na Terra Nova em 1766, memória que apareceu nas *Transações Filosóficas*. Cook não devia tardar a receber a recompensa de tantos trabalhos tão habilmente dirigidos, de estudos pacientes e ainda mais meritórios por isso que lhe faltara a primeira instrução e que tivera de se formar sem socorro de mestres.

Uma questão científica de elevada importância, a passagem de Vénus pelo disco do Sol, anunciada para 1769, apaixonava então os sábios do mundo inteiro. O Governo inglês, persuadido de que essa observação só podia ser feita com êxito no mar do Sul, resolvera mandar para lá uma expedição científica. O comando foi oferecido ao famoso hidrógrafo A. Dalrymple, tão célebre pelos seus conhecimentos astronómicos como pelas suas investigações geográficas acerca dos mares austrais. Mas as suas exigências, o seu pedido de uma patente de capitão de mar e guerra, que lhe recusava obstinadamente Sir Eduardo Hawker, determinaram o

secretário do Almirantado a propor outro comandante para a expedição projetada. A sua escolha fixou-se em James Cook, apoiado calorosamente por Sir Hugo Palliser, e que recebeu, com o posto de primeiro-tenente, o comando do *Endeavour*.

Cook tinha então quarenta anos. Era o seu primeiro comando na marinha real. A missão que lhe confiavam exigia qualidades múltiplas, que se encontravam então raras vezes reunidas num marinheiro. Efetivamente, se a observação da passagem de Vénus era o principal objeto da viagem, não era o único, e Cook devia fazer uma campanha de reconhecimento e de descoberta no oceano Pacífico. O humilde filho do Yorkshire não devia mostrar-se inferior à difícil tarefa que lhe impunham.

Enquanto se procedia ao armamento do *Endeavour*, que se escolhiam os oitenta e quatro homens da sua tripulação, que se embarcavam os seus dezoito meses de víveres, os seus dez canhões e os seus doze pedreiros com as munições necessárias, o capitão Wallis, que acabava de dar volta ao mundo, entrava nos portos de Inglaterra. Consultado acerca do sítio mais favorável para a observação da passagem de Vénus, esse navegador designou uma ilha que ele descobrira, a que dava o nome de Jorge III, que se soube depois que era chamada Taiti pelos indígenas.

Foi o sítio em que se ordenou a Cook que fizesse as suas observações.

Com ele embarcaram Charles Green, assistente do Dr. Bradley no Observatório de Greenwich, o Dr. Solander, médico sueco, discípulo de Lineu, professor no British Museum, encarregado da parte botânica, e enfim Sir Joseph Banks, que procurava nas viagens o emprego da sua atividade e da sua imensa riqueza. Saindo da

Universidade de Oxford, esse homem da boa sociedade visitara as costas da Terra Nova e do Lavrador, e tomara, durante essa viagem, um gosto vivíssimo pela botânica. Agregou a si dois pintores, um para paisagem e figura, outro para objetos da história natural, mais um secretário e quatro criados, sendo dois negros.

No dia 26 de agosto de 1768, o *Endeavour* saiu de Plymouth e arribou no dia 13 de setembro ao Funchal, na ilha da Madeira, para receber víveres frescos e fazer algumas investigações. O acolhimento que a expedição ali recebeu foi dos mais obsequiosos. Numa visita que fez o estado-maior do *Endeavour* a um convento de freiras Claras, essas pobres e ignorantes reclusas pediram-lhes a sério que lhes dissessem quando fazia trovoada, e pediram-lhes também que lhes descobrissem no recinto do convento lima fonte de boa água, de que precisavam. Apesar de muito instruídos, Cook, Banks e Solander viram-se na impossibilidade de satisfazer estes ingênuos pedidos.

Da Madeira ao Rio de Janeiro, aonde a expedição chegou a 13 de novembro, nenhum incidente assinalou a viagem, mas o acolhimento que Cook recebeu dos portugueses não foi o que ele esperava. Todo o tempo da arribada se passou em altercações com o vice-rei, homem pouquíssimo instruído e completamente fora de estado de compreender a importância científica da expedição. Não pôde, contudo, recusar-se a fornecer os ingleses dos víveres frescos, que absolutamente lhes faltavam. Todavia, a 5 de dezembro, no momento em que Cook passava por diante do forte de Santa Cruz, para sair da baía, atiraram-lhe dois tiros de peça com bala, o que o fez imediatamente fundear e pedir satisfação por este insulto. O vice-rei respondeu que o comandante do forte recebera ordem de

não deixar sair navio algum sem ser prevenido, e que, apesar de o vice-rei ter recebido de Cook o anúncio da sua partida, fora por pura negligência que se não avisara o comandante do forte. Era de propósito que o vice-rei se queria mostrar agressivo? Era simplesmente incúria? Se esse funcionário tivesse a mesma negligência em todos os atos da sua administração, a colónia portuguesa devia estar bem governada!

Foi a 4 de janeiro de 1769 que Cook penetrou no estreito de Lemaire.

«Era então a maré por tal forma forte — diz Kippie na sua *Vida do Capitão Cook* — que a água levantara-se até acima do cabo de San Diego e o navio, impellido com violência, teve muitas vezes o seu gurupés debaixo de água. No dia seguinte fundeu-se numa pequena angra, que se reconheceu que era o porto Maurício, e logo depois foi-se fundear na baía do Bom Sucesso. Enquanto o *Endeavour* estava fundeado neste sítio, aconteceu uma singular e triste aventura aos Srs. Banks e Solander, ao Dr. Green, a M. Monkhouse, cirurgião do navio, e às pessoas da sua comitiva. Tinham-se encaminhado para uma montanha a fim de procurar plantas; subiam-na, quando foram surpreendidos por um frio tão vivo e tão imprevisto que estiveram quase todos em perigo de sucumbir. O Dr. Solander sentiu um entorpecimento geral. Dois criados negros morreram ali mesmo; enfim, só no fim de dois dias é que esses senhores puderam voltar para o navio. Felicitaram-se pelo seu livramento, com uma alegria que só pode ser percebida por quem tenha escapado a perigos semelhantes, enquanto Cook lhes testemunhava o gosto que tinha por ver cessar as inquietações que lhe causara a sua ausência. Este acontecimento deu-lhes uma prova

do rigor do clima. Era então o meado do verão para essa parte do mundo, e o princípio do dia em que o frio os surpreendeu fora tão quente como o mês de maio é ordinariamente em Inglaterra».

James Cook pôde fazer também algumas observações curiosas sobre os selvagens habitantes dessas terras devastadas. Desprovidos de todas as comodidades da existência, sem roupa, sem abrigo sério contra as intempéries quase continuadas desses climas gélidos, sem armas, sem indústria que lhes permita fabricar os utensílios mais necessários, levam uma vida miserável e só a muito custo podem prover à sua existência.

Contudo, de todos os objetos de troca que se lhes ofereceram, foram os que lhes podiam ser menos úteis que eles preferiram. Aceitaram com entusiasmo as pulseiras e os colares, deixando de parte os machados, as facas e os anzóis. Insensíveis ao bem-estar que tanto apreciamos, o supérfluo era para eles o necessário.

Cook não teve senão a aplaudir-se de ter seguido esse caminho. Efetivamente, só levou trinta dias a dobrar a Terra do Fogo, desde a entrada do estreito de Lemaire até três graus ao norte do de Magalhães. Não há dúvida que precisaria de tempo mais considerável para atravessar as passagens sinuosas deste último estreito. As exatíssimas observações astronómicas que fez, de combinação com Green, as instruções que redigiu para essa navegação perigosa, tornaram mais fácil a tarefa dos seus sucessores e retificaram as cartas de L'Hermite, de Lemaire e de Schouten.

Desde 21 de janeiro, dia em que dobrou o cabo Horn, até ao 1.º de março, num espaço de seiscentas e sessenta léguas de mar, Cook não observou nenhuma corrente sensível. Descobriu certo

número de ilhas do arquipélago Perigoso, a que deu os nomes de ilhas do Lagon, do Boné, do Arco, dos Grupos, dos Pássaros e da Cadeia. A maior parte eram habitadas e cobertas de uma vegetação que pareceu luxuriante a marinheiros habituados havia três meses a ver só o céu, a água e as rochas geladas da Terra do Fogo. Depois foi a ilha Maitéa, a que Wallis chamara Osnabrough, e no dia seguinte, 11 de junho, pela manhã, foi descoberta a ilha de Taiti.

Dois dias depois, o *Endeavour* ancorou no porto de Matavai, chamado por Wallis baía do Porto Real, e onde esse capitão tivera de lutar contra os indígenas, de quem aliás triunfara sem custo. Cook, conhecendo os incidentes que tinham assinalado a arribada do seu predecessor a Taiti, quis a todo o custo evitar a repetição das mesmas cenas. Para mais, importava ao êxito das suas observações o não ser perturbado por inquietação alguma, nem distraído por nenhuma preocupação. Por isso o seu primeiro cuidado foi ler à sua equipagem um regulamento, que era, sob as penas mais severas, proibido infringir.

Além disso, para garantir os observadores contra todo e qualquer ataque, Cook resolveu construir uma espécie de forte, em que estariam metidos a tiro de peça do *Endeavour*. Desembarcou, por conseguinte, com os Srs. Banks, Solander e Green, achou logo o sítio favorável, e traçou diante dos indígenas o recinto do terreno que tencionava ocupar. Um destes, chamado Owhaw, que tivera boas relações com Wallis, mostrou-se especialmente pródigo de demonstrações amigáveis. Assim que a planta do forte se traçou, Cook deixou treze homens com um oficial para guardarem as tendas, e meteu-se com os seus companheiros pelo interior do país. Quase imediatamente os chamaram detonações de armas de fogo.

Acabava de se dar um incidente muito penoso e cujas consequências podiam ser gravíssimas.

Um dos naturais, que vagueava em torno das tendas, surpreendera uma sentinela e apoderara-se da sua espingarda. Deu-se logo uma descarga geral sobre a multidão inofensiva, mas que felizmente não feriu ninguém. Todavia, o ladrão, tendo sido perseguido, foi preso e morto.

É fácil perceber a agitação que se seguiu. Cook teve de prodigalizar protestos para chamar a si outra vez os indígenas. Pagou-lhes tudo aquilo de que precisava para a construção do seu forte e não consentiu que se tocasse numa árvore sem autorização deles. Enfim, mandou amarrar a um mastro e chibatar o carneiro do *Endeavour*, que ameaçara de morte a mulher de um dos principais chefes. Esse procedimento fez esquecer o que tivera de penoso o primeiro incidente, e, salvo alguns furtos cometidos pelos insulares, as relações não cessaram de ser amigáveis.

Contudo, aproximava-se o momento de levar a efeito o principal objeto da viagem. Cook tomou logo as suas medidas para executar as instruções que recebera. Para isso expediu parte dos observadores, com Joseph Banks, para Eiméo, uma das ilhas próximas. Outros quatro foram para um sítio cómodo e bastante desviado do forte, onde Cook tencionava esperar a passagem do planeta, e que conservou o nome de «ponta de Vénus».

A noite que precedeu a observação passou-se em receios de que o tempo não fosse favorável, mas, a 3 de junho, o Sol mostrou-se desde pela manhã em todo o seu brilho e nem uma só nuvem veio durante o dia todo incomodar os observadores.

«A observação foi muito fatigante para os astrónomos — diz o Sr. W. de Fonvielle num artigo da *Natureza*, de 28 de março de 1874 —, porque principiou às 9 horas e 21 minutos da manhã e terminou às 3 horas e 10 minutos da tarde, num momento em que o calor era abafadiço. O termómetro marcava 120 graus de Fahrenheit.

Cook adverte-nos, e facilmente se acredita, que ele mesmo não confiava na última parte da sua observação. Em semelhantes condições termométricas, o organismo humano, esse admirável instrumento, perde o seu poder».

Entrando no Sol, a borda de Vénus alongou-se como se tivesse sido atraída pelo astro; formou-se um ponto negro ou ligamento obscuro um pouco menos negro do que o corpo do astro. O mesmo fenómeno se manifestou por ocasião do segundo contacto interior.

«Em suma — diz Cook —, a observação foi feita com igual êxito no forte e pelas pessoas que eu tinha mandado para leste da ilha. Desde o nascer até ao pôr do Sol, não houve uma só nuvem no céu, e observámos, o Sr. Green, o Dr. Solander e eu, toda a passagem de Vénus com a maior facilidade. O telescópio do Sr. Green e o meu eram da mesma força, o do Dr. Solander era maior. Vimos à roda de todo o planeta uma atmosfera ou nevoeiro luminoso, que tornava menos distintos os tempos dos contactos e sobretudo dos contactos interiores, o que nos fez diferir uns dos outros nas nossas observações mais do que se devia esperar».

Enquanto os oficiais e os sábios estavam ocupados com essa observação importante, alguns homens da tripulação, arrombando a porta do armazém das mercadorias, roubaram um quintal de pregos. Era um facto grave, que poderia ter consequências desastrosas para a expedição. O mercado achava-se de súbito atulhado desse artigo

de troca, que os indígenas mostravam o mais vivo desejo de possuir, e era de recear que eles aumentassem as suas exigências. Um dos ladrões foi descoberto, mas só se lhe encontraram setenta pregos, e, apesar de se lhe darem vinte e quatro chibatadas, não quis denunciar os seus cúmplices.

Outros incidentes do mesmo género se manifestaram ainda, mas as relações não foram seriamente perturbadas. Os oficiais puderam por conseguinte dar alguns passeios pelo interior da ilha para estudar os costumes dos habitantes e entregar-se às investigações científicas.

Foi durante uma dessas excursões que Joseph Banks encontrou um bando de músicos ambulantes e de improvisadores. Não foi sem surpresa que percebeu que a vinda dos ingleses e as diversas particularidades da sua residência formavam assunto de canções indígenas. Banks internou-se profundamente no rio, que se lançava no mar em Matavai, e pôde distinguir muitos vestígios de um vulcão extinto havia muito tempo. Semeou e distribuiu aos indígenas um grande número de plantas de horta e pomar, tais como melancias, laranjas, limões, etc., e mandou traçar ao pé do forte um jardim, onde lançou uma grande quantidade de sementes que levava do Rio de Janeiro.

Antes de levantar ferro, Cook e os seus principais colaboradores quiseram fazer o périplo inteiro da ilha, a que deram umas trinta léguas de circunferência. Durante essa viagem puseram-se em relações com os chefes dos diversos distritos e colheram grande número de observações interessantes sobre os usos e costumes dos naturais.

Um dos mais curiosos consiste em deixar os mortos decompor-se ao ar livre e em só enterrar as ossadas. O cadáver coloca-se debaixo de um telheiro de quinze pés de comprido e onze de largo, com uma altura proporcionada; uma das extremidades está aberta, e as outras três fecha-as um gradeamento de vime. O sobrado em que descansa o corpo eleva-se perto de cinco pés acima do chão. Ali estende-se o cadáver envolto em fazendas, com a sua maça e um machado de pedra. Alguns cocos, enfiados em rosário, suspendem-se da extremidade aberta do telheiro; enche-se de água doce metade de um coco, posto no exterior, e um saco, encerrando pedaços de pão torrado, pendura-se de um poste. Esta espécie de moimento tem o nome de *toupapou*. Como se introduziu esse costume singular de levantar o morto acima da terra até a carne ser consumida pela putrefação? É o que foi impossível saber. Cook só observou que os cemitérios, chamados *morai*, são uns sítios onde os indígenas vão prestar uma espécie de culto religioso e que nunca eles viram os ingleses aproximar-se desses cemitérios sem inquietação.

Uma das comidas que se consideram mais delicadas é o cão. Todos os cães que se criam para a mesa não comem carne, mas só frutos de árvores-do-pão, cocos, inhames e outros vegetais. Estendido dentro de um buraco em cima de pedras esbraseadas, coberto de folhas verdes e de pedras quentes, para cima das quais se lança terra, em quatro horas está o animal estufado, e Cook, que comeu esse petisco, declara que a carne é deliciosa.

No dia 7 de julho principiaram-se os preparativos de partida. Em pouco tempo as portas e as paliçadas da fortaleza foram desmanchadas e as muralhas demolidas.

Foi nesse momento que um dos naturais que tinham mais familiarmente recebido os europeus veio a bordo do *Endeavour* com um rapazito de treze anos, que lhe servia de criado. Aquele chamava-se Tupia. Outrora primeiro-ministro da rainha Oberéa, era então um dos padres principais de Taiti. Pedia que o levassem para Inglaterra. Muitas razões decidiram Cook a aceitá-lo a bordo. Muito ao facto de tudo o que dizia respeito a Taiti, pela alta situação que ocupara, pelas funções que desempenhara ainda, esse indígena achava-se em situação de dar as informações mais circunstanciadas sobre os seus compatriotas, ao mesmo tempo que os poderia iniciar na civilização europeia. Enfim, visitara as ilhas vizinhas e conhecia perfeitamente a navegação destas paragens.

A 13 de julho houve muita gente a bordo do *Endeavour*. Os naturais vinham despedir-se dos seus amigos ingleses e do seu compatriota Tupia. Uns, penetrados de uma dor modesta e silenciosa, derramavam lágrimas; os outros pareciam, pelo contrário, disputar entre si a proeminência na berraria, mas havia nas suas manifestações mais afetação do que verdadeira dor.

Na vizinhança imediata de Taiti achavam-se, no dizer de Tupia, quatro ilhas, Huaheine, Ulietéa, Otaha e Bolabola, onde seria fácil arranjar porcos, aves e outros refrescos, que tinham faltado um pouco durante a última parte da residência em Matavai. Contudo, Cook preferia visitar uma pequena ilha chamada Tethuroa, colocada a oito léguas para o norte de Taiti, mas os indígenas não tinham ali estabelecimento fixo. Por isso entendeu-se que era inútil parar ali.

Quando se chegou à vista de Huaheine, aproximaram-se umas pirogas do *Endeavour*, e foi só depois de terem visto Tupia que os naturais consentiram em subir para bordo. O rei Oréa, que se achava

no número dos passageiros, ficou cheio de surpresa ao ver tudo o que o navio encerrava. Tranquilizado em breve pelo acolhimento amigável dos ingleses, familiarizou-se a ponto de querer trocar o nome com Cook; durante o tempo todo da arribação não se chamou senão Cookéa e não designava o comandante senão pelo seu próprio nome. Caiu a âncora numa formosa angra, e o estado-maior desembarcou imediatamente. Os mesmos costumes, a mesma linguagem e as mesmas produções que em Taiti.

A sete ou oito léguas para sudoeste, acha-se Ulietéa. Cook desembarcou ali também e tomou solenemente posse desta ilha e das suas três vizinhas. Ao mesmo tempo aproveitou a sua demora procedendo ao levantamento hidrográfico das costas, enquanto se tapava um rombo que se declarara debaixo do paiol do *Endeavour*. Enfim, depois de ter reconhecido algumas outras ilhotas, deu ao grupo todo o nome de ilhas da Sociedade.

Cook tornou-se a fazer à vela a 7 de agosto. Seis dias depois reconhecia a ilha de Oteroah. As disposições hostis dos habitantes impediram o *Endeavour* de se demorar ali, e fez-se de vela para o sul.

A 25 de agosto foi celebrado pela equipagem o aniversário da sua partida de Inglaterra. No dia 1 de setembro, por 4° 22' de latitude sul e 174° 29' de longitude ocidental, o mar, que um violento vento de oeste sublevara, tornou-se fortíssimo; o *Endeavour* foi obrigado a virar a proa ao norte e a fugir diante da tempestade. Até ao dia 3 o tempo foi o mesmo, depois restabeleceu-se, e foi possível retomar o caminho do Ocidente.

Durante os últimos dias do mês, diferentes indícios, bocados de madeira, montes de ervas flutuantes, pássaros da terra, anunciaram

a vizinhança de uma ilha ou de um continente. A 5 de Outubro, a água mudou de cor, e a 6 pela manhã via-se uma grande costa que corria a oés-quarto-noroeste. À medida que dela se iam aproximando, ia parecendo maior. Foi a opinião de todos que esse famoso continente, que havia tanto tempo que se procurava e que se declarava necessário para servir de contrapeso ao resto do mundo, segundo os cosmógrafos, a «Terra Austrália incógnita», estava, finalmente, descoberto. Era a costa oriental da mais setentrional das duas ilhas que receberam o nome de Nova Zelândia.

Não se tardou a reparar no fumo que se elevava de diferentes pontos da praia, cujas minuciosidades todas se distinguiram logo. As colinas estavam cobertas de bosques e nos vales viam-se árvores grossíssimas. Em seguida apareceram casas pequenas, mas asseadas, pirogas, indígenas reunidos na praia. Enfim, numa pequena eminência descortinou-se uma paliçada alta e regular, que cercava todo o cimo da colina. Uns quiseram ver nisso uma tapada de veados, outros uma arribana, não contando um grande número de suposições igualmente engenhosas, mas que todas se reconheceram falsas quando se soube depois o que era um *i-pah*.

No dia 8 de outubro, pelas quatro horas da tarde, lançou-se a âncora numa baía, na embocadura de um pequeno rio. De ambos os lados, altos rochedos brancos; no meio um solo queimado, que se ia levantando gradualmente e parecia, por uma sucessão de outeiros em anfiteatro, ir-se juntar uma grande cordilheira, que ficava muito longe para o interior, tal era o aspeto dessa parte da costa.

Cook, Banks e Solander meteram-se em duas embarcações, tripuladas por um destacamento da equipagem. Quando se aproximaram do sítio em que os indígenas estavam reunidos,

desataram estes a fugir. Isso não impediu os ingleses de desembarcar, deixando quatro grumetes de guarda a uma das embarcações, enquanto a outra se conservava ao largo.

Apenas estavam a pouca distância da chalupa, logo quatro homens, armados de compridas lanças, saíram dos bosques e se precipitaram para se apoderarem dela. Tê-lo-iam conseguido facilmente se a equipagem da embarcação, que se conservava ao largo, os não tivesse visto e não tivesse gritado aos grumetes que se deixassem arrastar pela corrente.

Foram estes perseguidos de tão perto que o patrão do escaler teve de disparar um tiro por cima da cabeça dos indígenas. Depois de terem parado um instante, os indígenas continuaram a sua perseguição, quando segundo tiro estendeu um deles morto. Os seus companheiros procuraram um instante levá-lo consigo, mas tiveram de o abandonar para não demorar a sua fuga. Ao som das detonações, os oficiais desembarcados voltaram para o navio, donde não tardaram a ouvir os indígenas, que, tendo voltado, discutiam entre si acerca do que se passara.

Entretanto, Cook desejava entrar em relações com eles. Mandou, por conseguinte, armar três embarcações, e foi para terra com Banks, Solander e Tupia. Uns cinquenta indígenas, sentados na praia, estavam à espera deles. Por armas traziam compridas lanças ou um instrumento de talco verde, bem polido, de um pé de comprimento e que podia pesar quatro ou cinco arráteis. Era o *patou-patou* ou *toki*, espécie de machado de batalha com um fio agudíssimo. Todos se levantaram logo e fizeram sinal aos ingleses para que se fossem embora.

Assim que os soldados de marinha desembarcaram, Cook e os seus companheiros dirigiram-se logo para os indígenas. Disse-lhes Tupia que os ingleses tinham vindo com intenções pacíficas, que não queriam senão água e provisões e que pagariam tudo o que se lhes trouxesse com ferro, cujo uso lhes explicou. Viu-se com prazer que esses povos o entendiam perfeitamente, porque a sua língua não era senão um dialeto particular da que se fala em Taiti.

Depois de diferentes negociações, uns trinta selvagens atravessaram o rio. Deu-se-lhes missanga e ferro, de que parece que não fizeram grande caso. Mas tendo um deles conseguido apoderar-se por surpresa da faca de mato de Green, e começando os outros as suas manifestações hostis, foi necessário atirar sobre o ladrão, que caiu morto, e todos se deitaram a nado para chegar à outra margem.

Essas diversas tentativas para entrar em relações comerciais com os naturais foram infelizes de mais para que Cook teimasse mais tempo com essa ideia. Resolveu então fazer aguada noutra parte. Entretanto, foram avistadas duas pirogas, que tratavam de alcançar a costa. Cook tratou então de lhes cortar o caminho. Uma escapou à força de remos, a outra foi apanhada, e, apesar de Tupia gritar aos naturais que os ingleses eram amigos, eles pegaram nas armas e começaram o ataque. Uma descarga matou quatro, e os outros três, que se tinham deitado ao mar, foram agarrados apesar da viva resistência que fizeram.

As reflexões que esse triste incidente sugeriu a Cook são tão honrosas para ele e estão tanto em contradição com o modo de proceder desse tempo, que não podemos deixar de as reproduzir textualmente:

«Conheço bem — diz ele — que todas as almas humanitárias e sensíveis me hão de censurar por ter mandado fazer fogo sobre esses desgraçados índios, e ser-me-ia impossível não censurar eu mesmo semelhante violência, se a examinasse a sangue-frio. Sem dúvida, não mereciam a morte por terem recusado fiar-se nas minhas promessas e vir a bordo dos navios, ainda que nisso não tivessem visto perigo algum; mas a natureza da minha comissão obrigava-me a tomar conhecimento do seu país, e não podia consegui-lo senão penetrando lá à força aberta ou obtendo a confiança e a boa vontade dos habitantes. Eu já tentara, sem êxito, o caminho dos presentes; o desejo de evitar novas hostilidades fizera-me tentar o ter alguns a bordo, como o único meio de os convencer de que, longe de lhes querer fazer mal, estávamos dispostos a ser-lhes úteis. Até aí, as minhas intenções nada tinham certamente de criminosas; é verdade que no combate, que eu não esperava, a nossa vitória poderia ter sido igualmente completa sem tirar a vida a quatro desses índios, mas deve-se considerar que, em semelhante situação, quando se dá ordem para fazer fogo já se não podem prescrever nem moderar os seus efeitos».

Acolhidos a bordo com todas as demonstrações necessárias, se não para lhes fazer esquecer, pelo menos para lhes tornar menos penosa a lembrança do seu cativeiro, cheios de presentes, enfeitados com braceletes e colares, dispunham-se os ingleses a desembarcar esses indígenas, quando eles declararam, vendo os barcos dirigirem-se para a embocadura do rio, que os seus inimigos habitavam neste sítio e que em breve seriam mortos e comidos. Apesar disso, foram desembarcados, e deve-se pensar que não lhes sucedeu nada de mau.

No dia seguinte, 11 de outubro, pela manhã, Cook deixou esse mísero cantão. Deu-lhe o nome de baía da Pobreza, porque, de todas as coisas de que tinha precisão, só lenha ali pudera arranjar. Situada a 38° 42' de latitude sul e a 181° 36' de longitude oeste, essa baía tem a forma de uma ferradura e oferece um bom ancoradouro, apesar de ser aberta aos ventos entre leste e sul.

Continuou Cook a seguir a costa descendo para o sul, dando nomes aos pontos notáveis, e chamando Portland a uma ilha a que achou grande semelhança com a ilha do mesmo nome que existe na Mancha. As relações com os naturais eram sempre más; se não degeneraram em luta aberta, era porque os ingleses mostravam uma paciência a toda a prova.

Um dia, muitas pirogas rodearam o navio, trocavam-se pregos e missanga por peixe, quando os indígenas se apoderaram de Tayeto, o criado de Tupia, e fizeram logo força de remos para se escapar. Foi necessário fazer fogo sobre os raptos; o pequeno taitiano aproveitou-se da desordem causada pela descarga para saltar ao mar, onde foi recebido pela canoa do *Endeavour*.

A 17 de outubro, Cook, não tendo podido encontrar angra, e considerando que, tornando-se o mar cada vez pior, perderia um tempo que melhor se empregaria em reconhecer a costa ao norte, virou de bordo e retomou o caminho que acabava de seguir.

A 23 de outubro, o *Endeavour* chegou a uma baía, chamada Tolaga, onde a vaga se não fazia sentir. A água era excelente, fácil completar ali as provisões, tanto mais que os indígenas mostravam disposições amigáveis.

Depois de terem regulado tudo para proteção dos trabalhadores, os Srs. Banks e Solander desembarcaram, a fim de

colherem plantas, e viram no seu passeio muitas coisas dignas de nota. No fundo de um vale, apertado no meio de montanhas escarpadas, levantava-se um rochedo furado, de forma que de um lado via-se o mar e do outro descobria-se uma parte da baía e das colinas que a rodeavam. Voltando para bordo, os excursionistas foram obrigados a parar por um velho, que os fez assistir a exercícios militares do país com a lança e o *patou-patou*. Noutro passeio, o Dr. Solander comprou um pião perfeitamente semelhante aos piões europeus, e os indígenas fizeram-lhe perceber por sinais que era necessário fustigá-lo para o fazer andar.

Numa ilha à esquerda da entrada da baía, viram os ingleses a maior piroga que haviam encontrado. Não tinha menos de sessenta e oito pés e meio de comprimento, cinco de largura, três pés e seis polegadas de altura, e ostentava na proa esculturas em relevo de um gosto extravagante, em que dominavam as linhas em espiral e figuras contornadas de um modo estranho.

A 30 de outubro, assim que acabou as suas provisões de lenha e água, Cook tornou a fazer-se à vela e continuou a seguir a costa para o norte.

Nos arredores de uma ilha, a que o capitão deu o nome de Maire, os indígenas mostraram-se mais insolentes e mais ladrões ainda do que tinham sido até aí. Todavia, era necessária uma demora de cinco ou seis dias nesse sítio para se observar a passagem de Mercúrio. A fim de provar a esses selvagens que os ingleses não podiam ser maltratados impunemente, deu-se uma descarga de chumbo num ladrão que acabava de furtar uma peça de pano; mas a descarga que ele apanhou nas costas não lhe fez mais efeito do que uma violenta cacetada. Porém, uma bala de artilharia,

que ricocheteou à superfície da água e passou muitas vezes por cima das pirogas, encheu os indígenas de terror tal que voltaram para a costa à força de remos.

No dia 9 de novembro, Cook e Green desembarcaram para observar a passagem de Mercúrio. Foi só Green quem observou a imersão, enquanto Cook tomava a altura do Sol.

Não é nossa intenção seguir, dia a dia, hora a hora, os navegadores ingleses no seu reconhecimento muito profundado da Nova Zelândia. Os mesmos incidentes, incessantemente repetidos, a narrativa das mesmas lutas com os habitantes, as descrições de belezas naturais, por bastante atraentes que sejam, não poderiam por muito tempo agradar ao leitor. Vale por conseguinte mais passar rapidamente a parte hidrográfica da viagem para só cuidarmos da pintura dos costumes dos indígenas, hoje tão profundamente modificados.

A baía Mercúrio está situada na base da longa península recortada que, correndo de leste para nordeste, forma a extremidade setentrional da Nova Zelândia. A 15 de novembro, quando o *Endeavour* saiu da baía, muitas canoas avançaram a um tempo para o navio.

«Duas delas — diz a relação —, que transportavam perto de sessenta homens armados, aproximaram-se a alcance de voz e os indígenas começaram a cantar a sua canção de guerra, mas, vendo que se fazia pouco reparo neles, começaram a atirar pedras aos ingleses e recuaram para o lado da praia. Daí a pouco voltaram à carga, resolvidos aparentemente a combater os nossos viajantes, animando-se entre si pela sua canção, sem que ninguém a isso os excitasse. Dirigiu-lhes Tupia algumas censuras e disse-lhes que os

ingleses tinham armas capazes de os fulminar instantaneamente. Mas responderam nestes termos:

— Venham a terra e matamo-los a todos.

— Perfeitamente — disse Tupia —, mas porque vêm insultar-nos, quando nós estamos no mar? Não desejamos combater e não aceitamos o vosso desafio, porque não há entre nós motivo algum de discórdia. O mar não vos pertence, do mesmo modo que não pertence ao nosso navio.

Esta eloquência tão simples e tão justa não fora sugerida a Tupia e por isso surpreendeu muito Cook e os outros ingleses.

Enquanto estava na baía da Pobreza, reconheceu Cook um rio bastante considerável, a que deu o nome de Tamisa. Estava orlado de belas árvores, da mesma espécie das que se tinham encontrado na baía da Pobreza. Uma delas, a seis pés acima da terra, media dezanove pés de circunferência; outra não tinha menos de noventa pés desde o solo até aos primeiros ramos.

Se as alterações com os indígenas eram frequentes, estes últimos, contudo, nem sempre deixavam de ter razão.

«Alguns homens do navio — diz Kippis —, que, assim que apanhavam os índios em falta, não deixavam de mostrar uma severidade digna de Licurgo, julgaram a propósito entrar numa plantação zelandesa e furtar de lá muitas batatas. O Sr. Cook condenou-os a doze chibatadas. Dois deles receberam-nas tranquilamente; mas o terceiro sustentou que não era um crime para um inglês saquear as plantações dos índios. O método que o Sr. Cook julgou conveniente para responder a esse casuísta foi mandá-lo para o fundo do porão e não permitir que de lá saísse sem que consentisse em receber seis chibatadas a mais».

No dia 30 de dezembro, os ingleses dobraram o que julgaram que era o cabo Maria Van-Diemen, de Tasman, mas foram logo assaltados por ventos contrários, que obrigaram Cook a percorrer apenas dez léguas em três semanas. Felizmente, conservou-se esse tempo todo a curta distância da praia. Se não fosse isso, não teríamos provavelmente hoje que contar as suas aventuras.

No dia 16 de janeiro de 1770, depois de ter dado nome a um certo número de acidentes da costa ocidental, Cook chegou à vista de um pico imponente e coberto de neve, a que chamou monte Egmont, em honra do conde desse nome. Apenas esse pico se dobrou, viu-se a costa descrever um grande arco de círculo. Estava recortada num grande número de enseadas, em que Cook resolveu entrar, a fim de consertar o seu navio e de fazer provisão de água e de lenha. Desembarcou em o fundo de uma enseada, onde encontrou um belo regato e árvores em grandíssima abundância, porque a floresta só acabava à beira-mar, onde lhe faltava o terreno. Aproveitou-se das boas relações que se mantiveram nesse sítio com os indígenas para lhes perguntar se já tinham visto algum navio semelhante ao *Endeavour*, mas verificou que todas as tradições relativas a Tasman estavam apagadas, apesar de se estar apenas a quinze milhas ao sul da baía dos Assassinos.

Num dos cestos de provisões dos zelandeses encontraram-se dois ossos meio roídos. Não pareciam ossos de cães, e, examinando-se de perto, reconheceu-se que eram restos humanos. Os indígenas, interrogados, declararam sem dificuldade que tinham o costume de comer os seus inimigos. Dias depois, trouxeram até a bordo do *Endeavour* sete cabeças de homens, a que aderiam ainda os cabelos e a carne, mas a que haviam tirado os miolos, que consideravam

como um manjar finíssimo. A carne era mole, e sem dúvida a tinham preservado da putrefação por meio de algum ingrediente, porque não tinha cheiro desagradável. Banks comprou a muito custo uma dessas cabeças, mas não pôde resolver o velho que as trazia a ceder-lhe segunda, talvez por os zelandeses as considerarem como um troféu e uma prova da sua bravura.

Os dias seguintes foram consagrados a visitar os arredores e a alguns passeios. Numa dessas excursões, Cook, tendo subido uma altíssima colina, viu distintamente todo o estreito, a que dera o nome de canal da Rainha Carlota, e a costa fronteira, que lhe pareceu afastada perto de quatro léguas. Por causa do nevoeiro, foi-lhe impossível descobri-la ao longe para sueste. Mas vira bastante para compreender que ali findava a grande ilha, cujos contornos todos acabavam de seguir. Restava-lhe, por conseguinte, explorar a que descobrira ao sul. Foi o que ele tencionou fazer, logo que se tivesse certificado, percorrendo-o em toda a sua extensão, de que o canal da Rainha Carlota era efetivamente um estreito.

Nos arredores, teve Cook ensejo de visitar um *i-pah*. Construído numa pequena ilha ou num rochedo de acesso difícil, o *i-pah* é simplesmente uma aldeia fortificada.

A maior parte das vezes, os indígenas acrescentam às dificuldades naturais fortificações que tornam a aproximação perigosíssima. Muitos dos que se visitaram eram defendidos por um duplo fosso, cujo interior tinha um parapeito e uma dupla paliçada. O segundo fosso não media menos de vinte e quatro pés de profundidade. Dentro da paliçada interior, erguia-se, a vinte pés de altura, uma plataforma de quarenta pés de comprimento sobre seis de largo. Sustentada por grossos postes, era destinada para sobre

ela estarem os defensores da praça, que dali podiam facilmente esmagar os agressores com pedras e dardos, de que há sempre montes enormes preparados para caso de necessidade. Essas praças fortes são impossíveis de forçar para os naturais, a não ser que, por um longo bloqueio, a guarnição seja obrigada a render-se.

«É muito surpreendente — observa Cook — que a indústria e o cuidado que empregaram em construir, quase sem instrumentos, praças tão próprias para a defesa, lhes não fizesse inventar, pela mesma razão, uma só arma de tiro, a não ser a lança, que arrojam com a mão. Não conhecem um arco para os ajudar a vibrar um dardo, nem a funda para arrojar uma pedra, o que é tanto mais espantoso quanto é certo que a invenção das fundas, dos arcos e das frechas é muito mais simples do que a das obras que esses povos constroem, e que se encontram demais a mais essas duas armas em quase todos os países do mundo, nas nações mais selvagens».

A 6 de fevereiro, Cook saiu da baía e fez-se de vela para leste, com a esperança de encontrar fácil a entrada do estreito antes do refluxo da maré. Às sete horas da noite, o navio foi arrastado, pela violência da corrente, até junto de uma ilhota fora do cabo Koamaroo. Elevavam-se rochedos muito pontiagudos do fundo do mar. A cada instante aumentava o perigo. Restava um único meio de salvar o navio. Tentaram-no e conseguiram-no. Só o comprimento de uma amarra separava o *Endeavour* do escolho quando se deixou cair a âncora por setenta e cinco braças de água. Felizmente, a âncora mordeu, e a corrente, que mudava de direção depois de ter batido na ilha, arrastou o navio para além do escolho. Mas não estava

ainda salvo, porque continuava a estar muito ao pé das rochas e a corrente fazia cinco milhas por hora.

Contudo, quando o fluxo diminuiu, o navio pôde levantar-se, e, tornando-se favorável o vento, foi rapidamente arrastado para a parte mais apertada do estreito, que atravessou sem perigo.

A ilha mais setentrional da Nova Zelândia, que tem o nome de Eaheinomauwe, ainda não estava contudo reconhecida em todas as suas partes: havia umas quinze léguas de costas que ainda se não tinham levantado. Alguns oficiais aproveitaram isso para sustentar, contra a opinião de Cook, que não era um ilha, mas sim um continente. Apesar de a sua opinião estar formada, o comandante dirigiu a sua navegação de modo que esclarecesse a dúvida que podia subsistir no espírito dos seus oficiais. Depois de dois dias de caminho, durante os quais se passou para diante do cabo Palliser, chamou-os à tolda e perguntou-lhes se estavam convencidos. Em presença da sua resposta afirmativa, Cook, renunciando a subir até ao ponto mais meridional a que chegara na costa ocidental de Eaheinomauwe, resolveu prolongar em toda a sua extensão a terra de que acabava de ter conhecimento e que tinha o nome de Tawai-Pounamou.

A costa era a maior parte das vezes estéril e não parecia habitada. Demais, foi necessário estar-se quase sempre a quatro ou cinco léguas da praia.

Na noite de 9 de março, o *Endeavour* passou por cima de alguns rochedos, e reconheceu-se, pela manhã, que correra os maiores perigos. Deu-se o nome de Armadilhas a esses recifes, que parecem colocados para surpreender os navegadores demasiadamente confiados.

No mesmo dia. Cook reconheceu o que supôs ser a extremidade meridional da Nova Zelândia, e chamou-lhe cabo Sul. Era a ponta da ilha Steward. As grossas vagas, vindas do sudoeste, que bateram no navio, enquanto ele dobrava esse cabo, convenceram o capitão Cook de que não havia terra nessa direção. Por isso retomou o caminho do norte para acabar, pela margem ocidental, o périplo da Nova Zelândia.

Quase na extremidade meridional dessa costa descobriu-se uma baía a que foi dado o nome de Dusky. Essa região era estéril, escarpada e coberta de neve. Medindo na sua entrada três ou quatro milhas, a baía Dusky, que parecia ser tão profunda como larga, encerrava muitas ilhas, por trás das quais um navio encontraria, sem dúvida alguma, excelente abrigo. Mas Cook julgou prudente não se demorar ali, sabendo que o vento necessário para sair sopra só uma vez por mês nessas paragens. Não esteve de acordo, nessa circunstância, com muitos dos seus oficiais, que, só considerando a vantagem presente, não pensavam nos inconvenientes de uma arribada cuja duração não se podia prever.

Nenhum incidente assinalou o reconhecimento da margem ocidental de Tawai-Pounamou.

«Desde a baía Dusky — diz Cook — até 44° 20' de latitude, há uma cadeia estreita de colinas, que se elevam diretamente do mar e que são cobertas de florestas. Detrás e muito ao pé dessas colinas veem-se montanhas, que formam outra cordilheira, de elevação prodigiosa, e que se compõe de rochedos inteiramente estéreis e nus, exceto nos sítios em que estão cobertos de neve, que se vê pela maior parte em grandes massas... Não é possível imaginar uma perspectiva mais selvagem, mais bruta e mais assustadora do que a

deste país, quando se contempla do mar, porque, em todo o alcance da vista, só se veem os cimos dos rochedos, que estão tão perto uns dos outros, que, em vez de vales, só há fendas entre eles».

De 44° 20' até 42° 8', muda o aspeto; as montanhas penetram no interior, o mar está orlado de colinas e de vales férteis.

De 42° 8' até 41° 30' só há uma costa que surge verticalmente do mar e que está coberta de sombrias florestas. Demais, o *Endeavour* conservou-se muito longe da praia, e o tempo estava tão sombrio que se não podiam distinguir as particularidades do litoral. Depois de ter assim dado volta ao país todo, o navio voltou à entrada da Rainha Carlota.

Cook fez ali provisão de água e de lenha; depois resolveu tornar para Inglaterra, seguindo o caminho que melhor lhe permitisse desempenhar o objeto da sua viagem. Com grande pena sua, porque desejaria decidir se existia um continente austral, era-lhe tão impossível voltar para a Europa pelo cabo Horn como pelo cabo da Boa Esperança. No meio do inverno, numa latitude muito meridional, não estava o navio em condições de levar a bom termo essa empresa. Não havia por conseguinte outra resolução a tomar senão o fazer caminho pelas Índias Orientais e para esse fim governar para oeste até à costa da Nova Holanda.

Mas, antes de contar as peripécias dessa segunda parte da campanha, é bom lançar uma vista de olhos para trás e resumir as observações que os viajantes tinham colhido sobre a situação, as produções e os habitantes da Nova Zelândia.

Vimos no volume precedente que esse país fora descoberto por Abel Tasman, e referimos os incidentes que tinham marcado o seu reconhecimento pelo capitão holandês com um traço de sangue.

Nunca a Nova Zelândia, salvo as costas vistas por Tasman em 1642, fora visitada por um navio europeu. Era a tal ponto desconhecida que se não sabia se fazia parte do continente austral, como supusera Tasman, que lhe dera o nome de Terra dos Estados. A Cook pertencia a glória de determinar a posição e de levantar as costas dessas duas grandes ilhas, situadas entre 34° 48' de latitude sul e 189° 19' de longitude oeste.

Tawai-Pounamou era montuosa, estéril, e parecia pouquíssimo povoada. Eaheinomauwe apresentava um aspeto mais atraente: colinas, montanhas e vales cobertos de bosques, regados por alegres riachos. Segundo as observações feitas pelos Srs. Banks e Solander a respeito do clima e do solo, Cook formulava assim as suas conclusões, que os acontecimentos depois confirmaram: «Que se os Europeus formassem um estabelecimento nesse país, não lhes custaria muito semear aí tudo de que precisassem mais.»

Com relação a quadrúpedes, a Nova Zelândia não sustentava senão ratos e cães; os últimos eram reservados para comer. Mas se a fauna era pobre, a flora parecia riquíssima. Entre os vegetais que os ingleses notaram mais, eis o que diz a relação:

«Os habitantes servem-se, em lugar de cânhamo e de linho, de uma planta que excede todas as que se empregam noutros países... O fato ordinário dos neozelandeses é feito de folhas desta planta sem muitos preparativos; desta maneira fabricam com ela as suas cordas, cordame e as redes, que são muito mais fortes que todas as que se fazem com cânhamo, às quais se não podem comparar. Tiram da mesma planta, arranjada de outra maneira, compridas fibras delgadas, luzidias como seda e brancas como a neve; manufacturam as suas mais belas fazendas com essas fibras, que são

também de uma força surpreendente. As suas redes, de uma grandeza enorme, formam-se dessas folhas; todo o trabalho consiste em cortá-las em faixas de largura conveniente, que se atam umas às outras».

Essa planta maravilhosa, pela qual se tinham todos entusiasmado, depois da descrição lírica que dela se acaba de ler e de outra, não menos entusiástica, que devia fazer anos depois La Billardière, é hoje conhecida pelo nome de *phormium tenax*.

Efetivamente, foi necessário reduzir ao seu justo valor as esperanças que estas narrativas tinham feito nascer. Segundo a opinião do eminente químico Duchartre, a ação prolongada do calor húmido, e sobretudo a lavagem, desagregam em pouco tempo as células dessa planta, e, depois de uma ou duas barreias, os tecidos que dela se fabricam reduzem-se a estopa. Contudo, dá lugar a um comércio de exportação considerável. O Sr. Al. Kennedy, na sua curiosíssima obra sobre a Nova Zelândia, diz-nos que em 1865 se exportaram só 15 pacotes de *phormium*; quatro anos depois, o que é quase inverosímil, elevava-se esse algarismo a 12162 pacotes, para subir em 1870 a 32820 pacotes, cujo valor era de 132578 libras esterlinas.

Quanto aos habitantes, altos e bem proporcionados, eram espertos, vigorosos e muito destros. As mulheres não tinham essa delicadeza de órgãos, essa graciosidade de formas que as distinguem em outro qualquer país.

Vestidas da mesma forma que os homens, não se podiam conhecer senão pela doçura da voz e pela vivacidade da fisionomia. Se os naturais de uma mesma tribo tinham entre si as relações mais afetuosas, implacáveis com os seus inimigos, não lhes davam

quartel, e os cadáveres serviam para horríveis festins, que a falta de alimentação animal explica sem os desculpar.

«Talvez — diz Cook — pareça estranho que haja guerras frequentes num país onde há tão pouca vantagem em alcançar a vitória».

Mas, além da necessidade de alcançar carne, que produz a frequência dessas guerras, o que Cook ignorava era que a população estava dividida em duas raças distintas e naturalmente inimigas.

Antigas relações referem que os Maores vieram, há perto de mil e trezentos anos, das ilhas Sanduíche. Devemos supô-las exatas, se refletirmos que essa bela raça polinésia povoou todos os arquipélagos semeados nessa imensa parte do oceano Pacífico. Tendo partido da ilha Haonaiki, que deve ser a Havai das ilhas Sanduíche ou a Saouai do arquipélago dos Navegadores, os Maores levaram adiante de si ou quase que destruíram a raça autóctone.

Efetivamente, os primeiros colonos observaram nos indígenas da Nova Zelândia dois tipos perfeitamente distintos; um, o mais importante, lembrava, sem ilusão possível, os naturais das Havai e das Marquesas, das Tonga, enquanto o outro apresentava a maior semelhança com a raça melanésia. Estas informações, colhidas por Freycinet e mais recentemente confirmadas por Hochstetter, estão em perfeito acordo com o facto curioso, que Cook refere, de Tupia, originário de Taiti, ter podido fazer-se compreender sem custo pelos neozelandeses.

As emigrações dos polinésios são hoje muito conhecidas, graças aos progressos da linguística e da antropologia; mas eram suspeitadas apenas no tempo de Cook, que foi um dos primeiros a colher as lendas relativas a esse assunto.

«Cada um desses povos — diz ele — acredita, por tradição, que seus pais vieram há muito tempo de outro país e pensam todos, por essa mesma tradição, que esse país se chamava Heawise».

O solo não sustentava nessa época nenhum quadrúpede, a não ser o cão, e esse ainda tivera de ser importado. Por isso os neozelandeses não tinham por subsistência quotidiana senão vegetais e certos voláteis, em pequeno número, que ficaram desconhecidos aos ingleses. Felizmente as costas eram extremamente piscosas, o que permitia aos habitantes não morrerem de fome.

Costumados à guerra e olhando todo o estrangeiro como um inimigo, não vendo talvez nele senão um animal para matar, os indígenas eram impelidos naturalmente a atacar os ingleses. Mas assim que ficaram bem convencidos da fraqueza dos seus meios de ação e do poder dos seus adversários, assim que perceberam que se evitava, o mais possível, servirem-se dos engenhos de morte, cujos terríveis efeitos tinham visto, trataram os navegadores como amigos e portaram-se sempre com uma lealdade surpreendente.

Se os insulares, que os navegadores haviam contactado até então, não tinham ideia alguma da decência e do pudor, não sucedia o mesmo com os neozelandeses, e Cook dá disso mais de uma prova curiosa. Sem serem tão asseados como os habitantes de Taiti, cujo clima é muito mais quente, sem se banharem também tantas vezes, cuidavam contudo das suas pessoas e davam provas de certa garridice. Era assim que ungiam os seus cabelos com óleo ou banha de peixe e de pássaro, a qual, tornando-se rançosa em pouco tempo, os tornava quase tão desagradáveis ao olfato como os hotentotes. Tinham o costume de se pintar, e algumas dessas

pinturas denotavam tanto uma habilidade de mão prodigiosa como um bom gosto que se não esperava encontrar nessas populações primitivas.

Com grande surpresa sua, notaram os ingleses que as mulheres davam menos atenção ao seu vestuário do que os homens. Os seus cabelos eram cortados muito curtos, sem ornamentos, e usavam as mesmas roupas que os seus maridos. A garridice que tinham era meter nas orelhas as coisas mais extraordinárias, estofos, penas, ossos de peixe, pedaços de madeira, e penduravam, além disso, por meio de um cordão, agulhas de talco verde, unhas ou dentes dos seus parentes falecidos e em geral quantos objetos podiam alcançar.

Isto lembra uma aventura acontecida a uma taitiana, que Cook refere na sua relação. Cobiçosa de todos os objetos que via, essa mulher quis meter um cadeado no lóbulo da orelha. Consentiu-se nisso; depois, diante dela, atirou-se a chave ao mar. No fim de certo tempo, ou porque a incomodasse o peso de tão singular ornamento, ou porque quisesse substituí-lo por outro, pediu por muitas vezes que lho tirassem. Recusando-lhe a satisfação desse desejo, fizeram-lhe perceber que o seu pedido fora indiscreto, e, visto que desejara este brinco singular, era justo que lhe suportasse os inconvenientes.

Quanto aos fatos dos neozelandeses, consistiam apenas numa primeira peça de fazenda, presa nos ombros e caída sobre os joelhos, e noutra enrolada em torno da cintura, que descia até ao chão. Esta última parte do seu fato não era do uso habitual. Por isso, quando só tinham a parte superior desse fato e se acocoravam, pareciam uma casa coberta de colmo. Estas espécies de cobertores eram às vezes enfeitadas de um modo muito elegante, por meio de

franjas de diversas cores, e, mais raras vezes, de pele de cão, cortada em tiras.

Sobretudo a construção das suas pirogas é que marcava bem a indústria destes povos. As embarcações de guerra podiam transportar quarenta ou cinquenta homens armados, e uma delas, que foi medida em Ulaga, não tinha menos de sessenta e oito pés de comprimento. Enfeitavam-nas magnificamente obras rendilhadas e guarneciam-nas franjas flutuantes de plumas negras. Ordinariamente as mais pequenas têm uma espécie de maromas. Sucede também às vezes amarrarem-se uma à outra duas pirogas. Quanto às embarcações de pesca, estavam ornadas na popa e na proa com uma figura de homem a fazer visagens, de rosto hediondo, de língua pendente, com os olhos formados de duas conchas brancas. Muitas vezes amarravam-se duas pirogas, e só as mais pequenas levavam maromas, destinadas a assegurar o seu equilíbrio.

«Como a intemperança e a falta de exercício são talvez as causas únicas das doenças — diz Cook —, não parecerá surpreendente que esses povos gozem, sem interrupção, de uma saúde perfeita. Sempre que fomos às suas vilas, as crianças e os velhos, os homens e as mulheres juntavam-se à roda de nós, excitados pela mesma curiosidade que nos levava a olhar para eles; nunca vimos nem um só que parecesse afetado de alguma doença, e, entre os que vimos inteiramente nus, nunca notámos nem a mais ligeira erupção na pele, nem vestígio algum de pústulas nem de botões».

II

Foi a 31 de março de 1770 que Cook deixou o cabo Farewell e a Nova Zelândia, para fazer caminho para oeste. A 19 de abril viu uma terra, que se estendia de nordeste a oeste, por 37° 58' de latitude sul e 210° 39' de longitude oeste. Era, no seu entender e segundo a carta de Tasman, o país a que este navegador chamava Terra de Van-Diemen. Em todo o caso, não pôde verificar se a parte da costa que tinha diante de si se ligava com a Tasmânia. Subiu para o norte, deu nome a todos os acidentes da costa, ponta de Hicks, Ram-head, cabo Howe, monte Dromedário, ponta Upright, Pigeon-House, etc., etc.

Essa porção da Austrália era montanhosa e coberta de árvores espacejadas. Alguns fumos indicavam que o litoral era habitado, mas a população, aliás muito dispersa, o que fez foi fugir imediatamente, assim que os ingleses se prepararam para desembarcar. Os primeiros indígenas que foram visitar estavam armados de pequenos chuços e de uma peça de pau cuja forma se parecia bastante com uma cimitarra. Era a famosa *boomerang*, arma de arremesso, tão terrível nas mãos dos indígenas, tão inofensiva nas dos europeus.

O rosto destes selvagens parecia estar coberto de um pó branco; o seu corpo era zebrado por largas riscas da mesma cor, que, passando obliquamente por cima do peito, se pareciam com as bandoleiras dos soldados, e tinham nas coxas e nas pernas riscas da mesma cor, que se tomariam a distância por ligas de meias, se não andassem completamente nus.

Um pouco mais adiante, os ingleses tentaram de novo desembarcar, mas dois naturais, que primeiro procuraram amansar, atirando-lhes pregos, missanga e outras bagatelas, entregaram-se a demonstrações tão ameaçadoras que os ingleses viram-se obrigados a disparar um tiro por cima da cabeça deles. A detonação primeiro encheu-os de assombro, mas, logo que se não sentiram feridos, renovaram as hostilidades, arrojando pedras e dardos. Um tiro de espingarda, carregada com chumbo, foi atirado então às pernas do mais velho. O pobre selvagem fugiu imediatamente para uma das choupanas, e voltou logo com um escudo para recomeçar o combate, que acabou, contudo, logo que ele se convenceu da sua impotência. Os ingleses aproveitaram-se disso para desembarcar e dirigir-se às habitações, onde encontraram um grande número de lanças. Nesta mesma baía desembarcou-se um destacamento com pipas para fazer aguada, mas foi impossível entrar em comunicação com os indígenas, que fugiam assim que alguém se dirigia para o seu lado.

Numa excursão que fizeram a terra, Cook, Banks e Solander viram restos de muitos animais. Os pássaros eram numerosos e de uma beleza notável. A grande quantidade de plantas que os naturalistas acharam neste lugar levaram Cook a dar-lhe o nome de Botany-Bay (Baía Botânica). Extensa, segura e cómoda, está situada a 34° de latitude e a 208° 37' de longitude oeste. Achava-se aí facilmente água e lenha.

«As árvores — diz Cook — são tão grandes como os carvalhos de Inglaterra, e lá vi uma que se parecia imenso com o carvalho. É esta que destila a goma encarnada semelhante ao sangue-de-drago».

Era, sem dúvida, uma espécie de eucalipto. Entre as diferentes espécies de peixes que pululavam nestas paragens, havia a raia, que, depois de se ter aberto uma e tirado tudo quanto tinha dentro do corpo, ainda pesava trezentos e trinta e seis arráteis.

A 6 de maio, Cook deixou Botany-Bay e continuou a subir o litoral para o norte, conservando-se afastado duas ou três milhas. A navegação ao longo desta costa foi muito monótona. Os únicos incidentes que vieram animá-la um pouco foram as diferenças súbitas e imprevistas do fundo do mar e as linhas de cachopos que foi necessário evitar.

Num desembarque que efetuaram um pouco mais adiante, os exploradores reconheceram que o país era manifestamente pior do que nos arredores de Botany-Bay. O solo era seco e arenoso, as rampas das colinas estavam cobertas de árvores, disseminadas, isoladas e sem tojos. Os marinheiros mataram uma abetarda, que foi declarada a melhor caça que se comera desde a partida de Inglaterra. Por isso é que este sítio recebeu o nome de Bustard-Bay. Ali se colheram igualmente uma grande quantidade de ostras de toda a espécie e principalmente de pequenas ostras de pérolas.

No dia 25 de maio, o *Endeavour* achou-se a uma milha de terra, defronte de uma ponta que cortava exatamente o trópico de Capricórnio. Verificou-se no dia seguinte que a maré subira e descera sete pés. O fluxo ia para oeste e o refluxo para leste, exatamente o contrário do que se experimentara em Bustard-Bay. Nesse sítio as ilhas eram numerosas, o canal estreito, de pouquíssimo fundo.

A 29, Cook, esperando encontrar um sítio cómodo para limpar a quilha e os fundos do seu navio, desembarcou com Solander e

Banks numa larga baía. Mas, apenas saltaram em terra, acharam-se muito embaraçados na sua marcha por uma erva espessa, barbuda e cheia de sementes picantes — sem dúvida uma espécie de *spinifex* — que se agarrava aos fatos, traspassava-os, e penetrava até à carne. Ao mesmo tempo, nuvens de mosquitos caíam sobre eles e enchiam-nos de picadas dolorosas. Descobriu-se um lugar cómodo para as reparações que havia a fazer, mas foi inutilmente que se procurou uma aguada. Árvores de goma, semeadas aqui e além, tinham enormes ninhos de formigas-brancas, que, atacando os pimpolhos, não tardavam a despojá-los da sua goma. Bandos numerosos de borboletas de cores brilhantes brincavam em torno dos exploradores.

Eram essas, sem dúvida, observações curiosas, interessantes debaixo de mais de um ponto de vista, mas não satisfaziam o comandante, que não achava modo de refazer a sua provisão de água. Assim se revelara desde logo o que forma o carácter mais distinto deste novo mundo: a falta de fontes, de riachos e de rios.

Uma segunda excursão, feita na tarde desse mesmo dia, não foi mais frutífera. Todavia, Cook verificou que a baía era profundíssima e resolveu dar-lhe volta logo no dia seguinte. Não tardou a notar que a largura da passagem em que entrara aumentava rapidamente e acabava por formar um vasto lago em comunicação com o mar pelo noroeste. Outro braço se metia também para leste e podia-se supor que esse lago devia ter outra comunicação com o mar pelo fundo da baía.

Essa parte da Austrália recebeu de Cook o nome de Nova Gales do Sul. Estéril, árida, arenosa, era desprovida de tudo quanto é indispensável para o estabelecimento de uma colónia. Esse exame

superficial, esse reconhecimento puramente hidrográfico, não podia dizer aos ingleses que era essa, contudo, debaixo do ponto de vista mineralógico, uma das partes mais ricas desse novo mundo.

De 31 de maio a 10 de Junho, a navegação continuou igualmente monótona. Nesta última data, o *Endeavour*, que acabava de percorrer sem incidentes, nessa costa desconhecida, pelo meio de baixos e de bancos de areia, um espaço de vinte e dois graus, ou mil e trezentas milhas, achou-se exposto de repente ao maior perigo que é possível imaginar.

Estavam a 16 graus de latitude sul e a 214° 39' de longitude oeste, quando Cook, vendo diante de si duas ilhotas baixas e cobertas de florestas, ordenou que se estivesse ao largo durante a noite, a fim de procurar as ilhas descobertas por Queirós nestas paragens, arquipélago que certos geógrafos juntaram erradamente à Grande Terra. Desde as nove horas da noite, a sonda acusou, de quarto em quarto de hora, uma profundidade cada vez menor. Estavam todos na cobertura e a âncora achava-se pronta para se lançar, quando o mar se tornou mais fundo. Concluiu-se que o navio passara pela extremidade dos bancos de areia avistados ao pôr do Sol e regozijaram-se de terem evitado esse perigo. A profundidade ia aumentando sempre, quando Cook e os oficiais que não estavam de quarto entraram nas suas câmaras.

Contudo, às onze horas, a sonda, depois de ter marcado vinte braças, passou de repente a dezassete, e, antes que tivessem tempo de a tornar a deitar ao mar, o *Endeavour* tocara e, batido pelas ondas, encalhara nas pontas de um rochedo.

A situação era gravíssima. Levado por uma onda para cima da borda de um recife de coral, o *Endeavour* caíra numa cavidade da

penedia. Já se podia ver, à luz do luar, flutuar à tona de água, à roda do navio, parte da quilha falsa e do forro.

Por infelicidade, o encalhe fora na preia-mar. Não se podia contar com as ondas para desencalhar o navio. Sem perda de tempo, atiraram para cima do rochedo as seis peças de artilharia, os barris, os tonéis, o lastro de ferro e tudo o que podia aliviar o navio, que continuava a guinar no rochedo. Deitaram a chalupa ao mar, cortaram as vergas e o mastro grande, a amarra foi lançada a estibordo, e ia-se deitar para o mesmo lado a âncora quando se viu que o mar era mais fundo na popa. Mas, ainda que se virasse com arte o cabrestante, foi impossível safar o navio.

Ao nascer da aurora a posição do navio apareceu em todo o seu horror. Oito léguas o separavam da terra. Nem uma ilha intermediária onde pudessem refugiar-se, se acontecesse o navio partir-se ao meio, como era de recear. Posto que estivesse desembaraçado de mais de cinquenta tonéis cheios, a preia-mar não lhe deixou ganhar senão pé e meio de água. Felizmente, o vento abrandava, sem o que o *Endeavour* bem depressa se faria em pedaços. Entretanto, a água aumentava rapidamente, apesar de estarem duas bombas sempre em movimento. Foi preciso montar mais uma.

Terrível incerteza! Se o navio se safasse, iria a pique desde que deixasse de estar seguro ao rochedo; se ficasse encalhado, seria logo demolido pelas ondas, que desuniam as tábuas! E as embarcações eram poucas para levar todos ao mesmo tempo para terra!

Não havia a recear que nessa emergência a disciplina fosse calcada aos pés? Quem poderia dizer que uma luta fratricida não

tornaria o desastre irreparável? E se mesmo uma parte dos marinheiros alcançasse a costa, que sorte lhes estava reservada numa plaga inóspita, onde as redes e as armas de fogo mal bastariam para lhes granjear o sustento? Que seria feito dos que ficassem a bordo do navio? Estas reflexões terríveis faziam-nas todos. Mas tão grande é o sentimento do dever, tão forte é o poder de um comandante que soube fazer-se amar pela sua tripulação, que esses receios não se traduziram em nenhum grito, por nenhuma desordem.

As forças dos homens que não estavam empregados nas bombas foram poupadas sagazmente para o instante em que se ia decidir da sorte comum. As medidas foram tão habilmente tomadas que, no momento em que o mar bateu em cheio, todos se agarraram ao cabrestante, e, safado o navio, verificou-se logo que não fazia mais água do que quando estava no recife.

Mas esses marinheiros, que havia vinte e quatro horas tinham já passado por tantas angústias, estavam sem forças. Não houve remédio senão revezá-los nas bombas de cinco em cinco minutos, porque caíam exaustos.

Neste momento uma notícia má veio levar o desânimo ao seu auge. O homem encarregado de medir a altura da água no porão anunciou que tinha subido dezoito polegadas em poucos instantes. Felizmente, logo se viu que ele tomara mal as suas medidas, e a alegria da tripulação foi tal que lhe pareceu que passara de todo o perigo.

Um oficial, chamado Monkhouse, teve então uma ideia excelente. Mandou aplicar no casco do navio uma espécie de emplastro, composto de cabos, com os quais se misturara lã e os

excrementos dos animais embarcados. Conseguiu assim tapar esse rombo. Desde esse momento, os homens, que falavam em encalhar o navio na costa, para reconstruir com os seus restos uma embarcação que os conduzisse às Índias Orientais, não pensaram já senão em encontrar uma angra conveniente para o consertar.

Encontraram essa angra desejada, no dia 17 de junho, na embocadura de uma corrente, que Cook chamou rio do *Endeavour*. Os trabalhos necessários para o conserto do navio foram logo empreendidos e conduzidos o mais rapidamente possível. Os doentes foram desembarcados e o estado-maior foi muitas vezes a terra, a fim de tentar matar alguma caça e arranjar para os escorbúuticos uma pouca de carne fresca. Tupia viu um animal que Banks, pela sua descrição, entendeu que devia ser um lobo. Mas, dias depois, caçaram-se muitos lobos, que saltavam sobre as duas patas dianteiras e davam pulos prodigiosos. Eram, afinal, cangurus, animais que só se encontram na Austrália e que nenhum europeu observara ainda.

Nesse sítio os naturais mostraram-se muito menos bisonhos do que em todos os outros pontos desta costa. Não só consentiram que se aproximassem deles, mas, tratados cordialmente pelos ingleses, demoraram-se muitos dias na sua companhia.

«Eram em geral — diz a relação — de uma estatura normal, mas tinham os membros de uma pequenez notável; a sua pele era cor de ferrugem ou o que se pode chamar cor de chocolate bem escuro; os seus cabelos, negros sem serem encarapinhados, eram cortados muito curtos; uns tinham-nos lisos e os outros anelados. Muitas partes do seu corpo haviam sido pintadas de vermelho, e um deles tinha no lábio superior e no peito riscas de branco a que

chamava *carbanda*. As feições do seu rosto estavam muito longe de ser desagradáveis; tinham os olhos muito vivos, os dentes brancos e unidos, a voz doce e harmoniosa».

Muitos tinham um enfeite singular, que Cook só vira na Nova Zelândia: era um osso de pássaro, da grossura de um dedo, atravessado na cartilagem que separa as duas narinas.

Um pouco depois rebentou uma discórdia a propósito de umas tartarugas, de que a tripulação se apoderara e de que os naturais queriam apanhar o seu quinhão, sem terem de modo algum participado na sua captura. Vendo que se não queria aceder ao seu pedido, retiraram-se furiosos e deitaram fogo às ervas no meio das quais estava assente o acampamento dos ingleses. Estes perderam no incêndio tudo o que era combustível, e o fogo, correndo ao longe pelas colinas, ofereceu-lhes durante a noite um magnífico espetáculo.

Os Srs. Banks, Solander e muitos outros tinham feito entretanto caçadas felizes: haviam morto cangurus, opossums, lobos, muitas espécies de serpentes, algumas das quais eram venenosas. Viram também bandos de pássaros, milhafres, falcões, catatuas, papagaios, pombos e um grande número de outros pássaros, que lhes eram desconhecidos.

Assim que saiu o rio Endeavour, pôde Cook avaliar a dificuldade da navegação nestas paragens. Por todos os lados não se viam senão escolhos e recifes. Nessa mesma tarde foi obrigado a fundear, porque era impossível caminhar de noite através desse dédalo de cachopos, sem se arriscar a encalhar.

Longe, o mais longe a que a vista podia chegar, o mar quebrava numa linha de escolhos com mais violência do que nos

outros e parecia que devia ser a última.

Quando Cook ali chegou, depois de cinco dias de luta contra um vento contrário, descobriu três ilhas, que jaziam a quatro ou cinco léguas para o norte. Mas as suas atribulações ainda não estavam próximas a findar. O navio achou-se de novo rodeado de recifes e de cadeias de ilhotas baixas e próximas, entre as quais parecia impossível que se arriscasse alguém. Cook perguntou a si mesmo se não seria mais prudente voltar atrás para procurar outra passagem. Mas a demora que devia ocasionar semelhante rodeio tê-lo-ia certamente impedido de chegar a tempo às Índias. Enfim, tinha esse projeto um obstáculo invencível: só havia provisões para três meses a bordo do navio.

No momento em que a situação parecia desesperada, resolveu Cook afastar-se o mais possível da costa e tentar atravessar a barra exterior dos cachopos.

Não tardou a encontrar um canal, que o conduziu em pouco tempo ao mar alto.

«Tão feliz mudança de situação fez-se vivamente sentir — diz Kippis. — A alma dos ingleses estava cheia de alegria, e os seus modos anunciavam a sua satisfação. Tinham estado perto de três meses continuamente ameaçados de morrer. Quando passavam a noite ancorados, ouviam em torno de si um mar impetuoso, que quebrava nos rochedos, e sabiam que, se desgraçadamente se partisse o cabo da amarra, não escapariam ao naufrágio. Tinham percorrido trezentas e sessenta milhas, obrigados a ter incessantemente um homem ocupado a deitar o prumo e a sondar os escolhos através dos quais navegavam, coisa de que nenhum outro navio poderia dar talvez tão longo exemplo».

Se não acabassem de escapar a tão iminente perigo, os ingleses teriam tido ainda mais de um motivo de inquietação, lembrando-se da extensão do caminho que lhes restava a percorrer, através de mares pouco conhecidos, num navio que fazia nove polegadas de água por hora, com bombas em mau estado e provisões que estavam a acabar.

Demais, os navegadores não tinham escapado a esses perigos terríveis senão para se expor, a 16 de agosto, a um perigo quase igual. Arrastados pela maré para uma linha de cachopos, por cima da qual a espuma do mar saltava a uma altura prodigiosa, na impossibilidade de lançar ferro, sem o menor sopro de vento, não lhes restava outro recurso senão o de deitarem as canoas ao mar para levar o navio a reboque. Apesar dos esforços dos marinheiros, o *Endeavour* estava já apenas a cem passos do recife, quando uma brisa ligeira, tão débil que em qualquer outra circunstância ninguém daria por ela, se levantou e bastou para afastar o navio. Mas, dez minutos depois, a viração caía, as correntes retomavam a sua força, e o *Endeavour* era mais uma vez arrastado para uma distância de duzentos pés dos cachopos. Depois de muitas alternativas não menos ilusórias, descobriu-se uma abertura estreita.

«O perigo que ela oferecia era menos cruel do que o de ficar numa situação tão horrível — diz a relação. — Um vento ligeiro, que felizmente se levantou, o trabalho dos escaleres e a preia-mar levaram o navio para diante da abertura, que atravessou com espantosa rapidez. A força dessa corrente impediu o *Endeavour* de tombar para qualquer dos lados do canal, que não tinha contudo mais de uma milha de largura e cuja profundidade era

extremamente desigual, dando umas vezes trinta braças, outras vezes sete, de um fundo sujo».

Se nos demorámos um pouco em referir as peripécias dessa campanha, foi porque se fazia em mares inexplorados, no meio de cachopos e de correntes que, perigosos para os marinheiros, quando estão marcados nas cartas, o são muito mais quando se avança, como fazia Cook, desde que seguiu a costa de Nova Holanda, no meio de obstáculos desconhecidos, que a segurança da vida e o instinto do marinheiro nem sempre conseguem evitar.

Restava esclarecer uma última questão: a Nova Holanda e a Nova Guiné formam uma terra só? Estão separadas por um braço de mar ou por um estreito?

Cook aproximou-se portanto de terra, apesar dos perigos desse caminho, e seguiu a costa da Austrália para o norte. A 21 de agosto, dobrou a ponta mais setentrional da Nova Holanda, a que deu o nome de cabo Iorque, e meteu-se num canal semeado de ilhas próximo da Grande Terra, o que lhe fez conceber a esperança de ter encontrado enfim a passagem para o mar da Índia. Depois tomou terra de novo, arvorou o pavilhão inglês, tomou solenemente posse, em nome do rei Jorge III, de toda a costa oriental, desde o trigésimo oitavo grau de latitude até esse sítio, que fica no décimo e meio grau do sul, deu a esse país o nome de Nova Gales do Sul, e, para fechar condignamente essa cerimónia, mandou dar três salvas.

Cook penetrou então no estreito de Torres, a que chamou estreito do *Endeavour*, descobriu e deu o nome às ilhas Wallis, situadas no meio da entrada sudoeste, à ilha Booby, às ilhas do Príncipe de Gales, e dirigiu-se para a costa meridional da Nova

Guiné, que seguiu até ao dia 3 de setembro, sem poder desembarcar.

Nesse dia, com onze pessoas bem armadas, entre as quais estavam Solander, Banks e os seus criados, Cook desembarcou. Apenas se tinha afastado do barco um quarto de milha, saíram três índios dos bosques, soltando grandes gritos, e atacaram os ingleses.

«O que mais se chegou — diz a relação — arremessou com a mão uma coisa qualquer, que caiu de lado e que ardia como pólvora, mas não ouvíamos bulha».

Cook e os seus companheiros foram obrigados a fazer fogo sobre esses naturais para voltar à sua embarcação, donde puderam examiná-los com seu vagar. Pareciam-se muito com os australianos, usavam como eles os cabelos curtos e andavam inteiramente nus, mas a pele é que parecia menos escura, talvez porque não estivesse tão suja.

«Entretanto, os indígenas disparavam os seus tiros, com intervalos, quatro ou cinco ao mesmo tempo. Não pudemos imaginar o que são esses fogos nem qual era o seu fim arremessando-os; traziam nas mãos um bastão curto, uma espécie de bengala oca, que agitavam para um lado e para o outro, e no mesmo instante víamos fogo e fumo, exatamente como o que sai de uma espingarda que se dispara. Observou-se do navio esse fenómeno surpreendente, e foi tamanha a ilusão que as pessoas que iam a bordo julgaram que os índios tinham armas de fogo; e nós mesmos não duvidaríamos de que eles disparavam tiros sobre nós, se o nosso barco não estivesse tão perto que não podia deixar de se ouvir nesse caso a bulha da explosão».

Foi esse um facto que ficou inexplicado, apesar do grande número de comentários a que deu lugar e que só pode tornar crível o testemunho, sempre verídico, do grande navegador.

Muitos dos oficiais ingleses pediam com instância para desembarcar, a fim de colherem cocos e outros frutos, mas o comandante não quis arriscar a vida dos seus marinheiros por uma satisfação tão fútil. Demais tinha pressa de ir para Batávia, no intuito de mandar limpar o navio. Enfim, julgava inútil demorar-se mais tempo numas paragens há muito frequentadas pelos espanhóis e pelos holandeses e em que não havia já descobertas a fazer.

Contudo, retificou, de passagem, a posição das ilhas Arrow e Weasel; depois dirigiu-se a Timor e arribou à ilha de Savu, onde os holandeses se tinham estabelecido havia pouco tempo. Ali Cook abasteceu-se, e, por uma observação cuidadosa, determinou a sua posição por $10^{\circ} 35'$ de latitude sul e $237^{\circ} 30'$ de longitude oeste.

Depois desta curta arribada, o *Endeavour* chegou a Batávia, onde foi arranjado. Mas, depois de tantas fadigas, essa estada num país doentio, em que a febre é endémica, foi fatal à tripulação. Banks, Solander, Cook e a maior parte dos marinheiros caíram doentes; muitos morreram, nomeadamente Monkhouse, o cirurgião, Tupia e o pequeno Tayeto. Só dez homens não tiveram ataques de febre.

A 27 de dezembro o *Endeavour* fez-se de novo ao mar e parou, no dia 5 de janeiro de 1771, na ilha do Príncipe, para tomar víveres.

Desde esse momento agravaram-se as doenças, que tinham principiado a perseguir a tripulação. Vinte e três pessoas sucumbiram, entre as quais se deve especialmente lamentar a morte do astrónomo Green.

Depois de ter arribado ao cabo da Boa Esperança, em que recebeu o excelente acolhimento de que tanto precisava, Cook fez-se de novo ao mar, tocou em Santa Helena e fundeou nas Dunas, no dia 11 de junho de 1771, depois de uma ausência que durara mais de quatro anos.

Assim acabou a primeira viagem de Cook, «viagem — diz Kippis — em que afrontou tantos perigos, descobriu tantos países e mostrou tantas vezes que possuía uma alma superior, digna das perigosas empresas e dos esforços corajosos a que se expusera».

Capítulo 4 — Segunda Viagem do Capitão Cook

I

Ainda mesmo que o Governo não quisesse recompensar James Cook pela maneira como acabava de desempenhar a missão que lhe fora confiada, a voz pública ter-se-ia pronunciado em seu favor. Nomeado *commander* na marinha real, em data de 29 de agosto, o grande navegador, ufano dos serviços que prestara à Inglaterra e à Ciência, não achou a recompensa à altura do seu mérito. Desejaria vivamente o posto de capitão de mar e guerra. Lord Sandwich, então à frente do Almirantado, fez-lhe observar que lho não podia dar sem derrogar todos os usos admitidos e ferir a ordem do serviço naval.

Fosse como fosse, Cook estava tratando de reunir todos os materiais necessários para a redação da sua viagem; mas, em breve, encarregado de um trabalho nimiamente importante, entregou os seus apontamentos e os seus diários nas mãos do Dr. Hawkesworth, que devia encarregar-se de levar a bom termo a sua publicação.

Ao mesmo tempo as observações que fizera de combinação com o Sr. Green sobre a passagem de Vénus, os seus cálculos e os seus levantamentos astronómicos eram submetidos à Sociedade Real, que não tardou a reconhecer-lhes todo o seu mérito.

Os resultados tão importantes que o capitão Cook obtivera não eram, contudo, completos, no sentido de não destruírem de um modo irrefutável a crença num continente austral. Essa quimera era ainda uma paixão de muitos sábios. Sendo forçados a reconhecer que nem a Nova Zelândia nem a Austrália faziam parte desse continente e que o *Endeavour* navegara por latitudes onde ele se

devia encontrar, afirmavam que se achava mais para o sul e deduziam todas as consequências que a sua descoberta devia produzir.

O Governo resolveu dar solução a uma questão há tantos anos suspensa e mandar para esse fim uma expedição, cujo comandante estava naturalmente designado. A natureza dessa viagem exigia navios de uma construção especial. Tendo sido o *Endeavour* mandado às ilhas Falkland, a Repartição de Marinha recebeu ordem de comprar os dois navios que lhe parecessem mais próprios para este serviço. Cook, consultado, exigiu que fossem sólidos, que demandassem pouca água e tivessem, não obstante, grandeza bastante para levar víveres e munições proporcionados para a tripulação e para o tempo que durasse a campanha.

O Almirantado comprou dois navios, construídos em Whitby, no mesmo estaleiro onde se construía o *Endeavour*. O maior era de 462 toneladas e foi chamado a *Resolução*. O segundo não ia além de 336 e chamou-se a *Aventura*. Armaram-nos em Deptford e em Woolwich. Cook foi nomeado para comandar a *Resolução* e o capitão Tobias Furneaux, que fora segundo-tenente de Wallis, foi nomeado para o comando da *Aventura*. Os segundo e terceiro-tenentes, assim como muitos dos oficiais inferiores e dos marinheiros embarcados, tinham feito já a campanha do *Endeavour*.

Como se pode imaginar, teve-se muito cuidado no equipamento. Lord Sandwich e o capitão Palliser seguiram pessoalmente as suas diversas fases.

Cada navio levava provisões de toda a espécie para dois anos e meio. Concederam-se artigos extraordinários a Cook, que os reclamara como antiescorbúticos. Esses artigos eram cevada moída,

couve salgada, salepo, mostarda, marmelada de cenouras e cerveja condensada, que o encarregaram de experimentar por recomendação do barão Storch, de Berlim, e do Sr. Pelham, secretário da Repartição dos Comissários de Víveres.

Tiveram também o cuidado de meter em cada navio uma embarcação de 20 toneladas, destinada a embarcar a tripulação no caso de os navios soçobrarem.

Um pintor de paisagem, William Hodges, dois naturalistas, João Reinhold Forster e seu filho Jorge, dois astrónomos, Wales e Bayley, repartiram-se pelos dois navios com os melhores instrumentos de observação.

Numa palavra, nada esqueceram para tirar partido dessa expedição. Efetivamente, a expedição daria um contingente imenso de novas informações, que contribuiriam singularmente para os progressos das ciências naturais e físicas, da etnografia, da navegação e da geografia.

«Recebi em Plymouth — diz Cook — instruções datadas de 25 de junho. Ordenavam-me que fosse depressa à ilha da Madeira, que lá embarcasse vinho e navegasse depois para lá do cabo da Boa Esperança, onde devia refrescar as tripulações e fornecer-me de provisões e de outras coisas de que eu precisasse; que navegasse para o sul e tratasse de procurar o cabo da Circuncisão, que se diz que foi descoberto pelo Sr. Bouvet no 54.º paralelo sul e a 11º 20' de longitude este do meridiano de Greenwich; se encontrasse esse cabo, que me assegurasse se fazia parte do continente ou se era uma ilha; no primeiro caso, que não desprezasse nada para lhe percorrer a maior extensão possível, para fazer lá as observações, de

toda a espécie, que fossem de alguma utilidade à navegação e ao comércio e que tendessem para o progresso das ciências naturais.

Também me recomendavam que observasse o gênio, o temperamento, o caráter e o número dos habitantes, se os houvesse, e que tomasse todas as medidas honestas, a fim de formar com eles uma ligação de aliança e de amizade.

As instruções ordenavam-me que depois tentasse fazer descobertas a este ou a oeste, conforme a situação em que me achasse, e que me aproximasse do pólo austral o mais perto que fosse possível e me demorasse o tempo que o estado dos meus navios, a saúde da tripulação e as provisões o permitissem; que tivesse cuidado de guardar bastante provisões para chegar a algum porto conhecido onde metesse a bordo novas provisões para voltar para Inglaterra.

Prescreviam-me mais, se o cabo da Circuncisão fosse uma ilha, ou se eu não chegasse a achá-lo, que fizesse no primeiro caso o levantamento necessário, e, em ambos, de navegar para o sul enquanto me restasse esperança de achar o continente; que navegasse depois para este, a fim de procurar esse continente e de descobrir as ilhas que poderiam estar situadas nessa parte do hemisfério austral; que marcasse sempre as latitudes e que continuasse as minhas descobertas, como já disse, o mais perto do pólo, até que tivesse dado a volta ao mundo; finalmente, que voltasse depois ao cabo da Boa Esperança e daí a Spithead».

A 13 de julho, Cook partiu do canal de Plymouth e chegou a 29 do mesmo mês ao Funchal, na ilha da Madeira. Aí, tomou alguns refrescos e continuou o caminho para o sul. Mas logo, convencido de que a provisão da água não chegaria até ao cabo da Boa Esperança,

resolveu cortar a travessia, parando nas ilhas de Cabo Verde, e fundeou, a 10 de agosto, no porto da Praia, que deixou quatro dias depois.

Cook aproveitara-se da arribada a este porto para reunir, como costumava fazer, todos os indícios que podiam ser úteis aos navegadores. A sua descrição é hoje tanto mais preciosa quanto os lugares mudaram completamente e as condições da arribada foram modificadas por causa dos trabalhos feitos no porto.

A 23 do mesmo mês, depois de violentas ventanias, que forçaram toda a marinhagem e oficiais a estar na tolda, Cook, conhecendo os efeitos perniciosos da humidade nos climas quentes, e continuamente preocupado em ter a sua tripulação com boa saúde, mandou arejar a segunda coberta. Até mandou acender lume, a fim de a defumar e de a secar rapidamente; e não só tomou as precauções recomendadas por Lord Sandwich e Sir Hugh Palliser, mas também as que lhe tinham sido sugeridas pela experiência da sua campanha precedente.

Assim, graças à previdência de Cook, não havia um único doente na *Resolução* quando chegou, em 30 de outubro, ao cabo da Boa Esperança. Acompanhado pelo capitão Furneaux e pelos Srs. Forster, pai e filho, Cook foi logo visitar o governador holandês, o barão de Plettemberg, que se apressou a pôr à sua disposição todos os recursos da colónia. Aí, soube que dois navios franceses, saídos da ilha Maurícia, no mês de março, tinham tocado no Cabo antes de se dirigirem aos mares austrais, aonde iam tentar descobertas sob o comando do capitão Marion.

Foi também durante essa arribada, mais longa do que se contara, que Forster encontrou o botânico sueco Sparmann,

discípulo de Lineu, e que o convidou a acompanhá-lo, prometendo-lhe um ordenado elevado. São poucos todos os louvores nessa circunstância para o desinteresse de Forster, que não receou agregar a si um rival, a quem até ele mesmo pagou com o seu dinheiro, a fim de tornar mais completos os estudos que tinham de fazer sobre a história natural dos países que visitassem.

A 2 de novembro levantaram ferro, e os dois navios retomaram o caminho do sul, no intento de procurarem o cabo da Circuncisão, descoberto pelo capitão Bouvet, no dia 1 de janeiro de 1739. Como a temperatura não tardaria a esfriar, Cook fez distribuir pelos seus marinheiros os fatos quentes de que o fornecera o Almirantado.

De 29 de novembro a 6 de dezembro, desencadeou-se uma terrível tempestade. Os navios, arremessados para fora do caminho, foram arrastados para este, a tal ponto que se renunciou a procurar o cabo da Circuncisão. Uma outra consequência desse mau tempo e da passagem súbita do calor ao frio extremo foi a perda de quase todos os animais vivos embarcados no Cabo. Enfim, a humidade incomodou de maneira tal os marinheiros que foi preciso aumentarlhes as rações de aguardente para os excitar ao trabalho.

A 10 de dezembro, por 50° 40' de latitude austral, foram encontrados os primeiros gelos. A chuva, a neve, sucediam-se sem interrupção. O nevoeiro era mesmo tão denso que os navios não avistavam um desses escolhos flutuantes senão quando estavam distantes dele apenas uma milha. «Uma dessas ilhas — diz a relação — não tinha menos de 200 pés de altura, 400 de largo e 2000 de comprimento.

A supor que esse bocado fosse de uma forma absolutamente regular, a sua profundidade debaixo da água devia ser de 1800 pés,

e a sua altura toda próximo de 2000 pés, e, pelas dimensões que acabamos de enunciar, toda a sua massa devia conter 1600 milhões de metros cúbicos de gelo».

Quanto mais se engolfavam no sul, mais o número desses pedaços aumentava. O mar estava tão agitado que as vagas escalavam essas montanhas geladas e caíam do outro lado, numa fina e impalpável poeira. Este espetáculo enchia a alma de admiração! Mas a esse sentimento sucedia logo o do terror, quando se pensava que, se uma dessas massas prodigiosas batesse no navio, iria ele imediatamente a pique! Contudo, o hábito do perigo não tardava a gerar a indiferença, e já se não pensava senão nas sublimes belezas dessas lutas do terrível elemento.

A 14 de dezembro, um enorme banco de gelo, cuja extremidade se perdia no horizonte, impediu os dois navios de continuar mais tempo para o sul, e foi preciso costeá-lo. Não era uma planície lisa, porque lá se viam aqui e acolá montanhas semelhantes às que tinham encontrado nos dias precedentes. Algumas pessoas julgaram avistar terra no gelo. O próprio Cook se enganou por um instante, mas o nevoeiro, dissipando-se, tornou evidente um erro facilmente explicável.

Verificou-se no dia seguinte que os navios eram arrastados por uma corrente vivíssima. Forster pai e o astrónomo Wales meteram-se numa chalupa para medir a velocidade. Enquanto procediam a esta operação, o nevoeiro condensou-se de tal maneira que perderam de vista o navio. Numa miserável chalupa, sem instrumentos e sem provisões, no meio de um mar imenso, longe de qualquer costa, rodeados de gelo, a sua situação era terrível. Vaguearam muito tempo nesse deserto, não podendo fazer-se ouvir.

Depois, pararam de remar, para não se afastarem muito. Enfim, já começavam a perder as esperanças quando o som longínquo de um sino chegou aos seus ouvidos. Remaram logo a toda a força nessa direção; a *Aventura* respondeu aos seus gritos e recolheu-os, depois de algumas horas de terrível angústia.

A opinião então geralmente admitida era que os gelos se formavam nas baías ou na embocadura dos rios. Por isso, os exploradores se julgavam na vizinhança de uma terra, situada sem dúvida ao sul, atrás do banco impossível de atravessar.

Já mais de trinta léguas tinham sido percorridas para oeste, sem ter sido possível encontrar no gelo uma abertura que fosse ter ao sul. O capitão Cook resolveu então andar caminho igual para leste. Se não encontrasse a terra, esperava ao menos dobrar o banco, penetrar mais pelo pólo dentro e pôr termo às incertezas dos físicos.

Contudo, apesar de se estar no meio do verão, nessa parte do Globo, o frio tornava-se cada dia mais intenso. Os marinheiros queixavam-se e apareciam a bordo sintomas de escorbuto. Distribuições de fatos mais quentes e o recurso dos medicamentos indicados em semelhantes casos, mosto de cerveja e sumo de limão, em breve domaram a doença e permitiram às tripulações suportar os rigores da temperatura.

No dia 29 de dezembro, Cook adquiriu a certeza de que o banco não estava preso a terra alguma. Resolveu então seguir para leste, a uma distância igual à do meridiano da Circuncisão, a não ser que algum obstáculo o viesse impedir.

Enquanto executava este projeto, o vento tornou-se tão violento e o mar tão agitado que a navegação no meio dos gelos

flutuantes, que se embatiam com um barulho assustador, se tornou extremamente perigosa. O perigo aumentou ainda quando se viu ao norte um campo de gelo, que se estendia a perder de vista. Não ficaria o navio preso por largas semanas, «apanhado», para empregar a locução própria dos baleeiros, e não correria perigo de ser imediatamente esmagado?

Cook não tentou fugir nem para oeste, nem para leste. Meteu direito ao sul. Demais, estava na latitude atribuída ao cabo da Circuncisão e a setenta e cinco léguas para o sul do ponto em que este fora marcado.

Estava pois provado, se a terra assinalada por Bouvet existia realmente — coisa de que hoje se tem a certeza —, que não podia ser senão uma ilha pouco importante e não um grande continente.

O comandante não tinha já razões para se conservar nas mesmas paragens. Aos 67° 15' de latitude sul, uma nova barreira de gelo, correndo de leste a oeste, fechava-lhe a passagem e não encontrava por ali abertura alguma. Enfim, a prudência ordenava-lhe que se não demorasse mais tempo nessa região, porque já tinham passado dois terços do verão. Resolveu, portanto, procurar sem demora a terra descoberta recentemente pelos franceses.

No dia 1 de fevereiro de 1773, os navios estavam a 48° 30' de latitude e a 38° 7' de longitude oeste, o que é quase o meridiano atribuído à ilha de S. Maurício. Depois de um vão cruzeiro a leste e a oeste, que não produziu resultado algum, foi-se levado a concluir que, se havia nessas paragens alguma terra, não podia ser senão uma pequeníssima ilha; de outra forma não teria escapado às suas indagações.

A 8 de fevereiro, o capitão verificou com pesar que a *Aventura* já não vogava de conserva com ele. Durante dois dias esperou-a debalde, mandando disparar as peças com intervalos próximos e acender grandes fogueiras no tombadilho durante a noite toda; a *Resolução* teve de continuar sozinha a campanha.

Na manhã de 17 de fevereiro, entre a meia-noite e as três horas, a tripulação foi testemunha de um magnífico espetáculo, que nunca até então europeu algum contemplara. Era uma aurora austral.

«O oficial de quarto — diz a relação — observou que, de tempos a tempos, partiam de lá raios de luz em forma de espiral e circular, e que então a sua claridade aumentava e fazia-a parecer extremamente bela. Parecia não ter direção alguma; pelo contrário, imóvel nos céus, enchia-lhes de tempos a tempos a extensão, derramando a sua luz brilhante por todos os lados».

Depois de uma nova tentativa para atravessar o círculo antártico — tentativa a que os nevoeiros, a chuva, a neve e os pedaços enormes de gelo flutuante o forçaram a renunciar—, Cook retomou o caminho do norte, convencido de que não deixava atrás de si nenhuma grande terra, e voltou para a Nova Zelândia, onde resolvera encontrar-se com a *Aventura* em caso de separação.

No dia 25 de março, fundeava na baía Dusky, depois de cento e setenta dias de mar consecutivos, durante os quais não andara menos de três mil seiscentas e sessenta léguas, sem ver a terra uma só vez.

Assim que encontrou um ancoradouro cómodo, o comandante apressou-se a prodigalizar à sua tripulação os numerosos recursos que se encontravam no país, as aves, peixes e vegetais, enquanto

ele mesmo percorria, a maior parte das vezes de sonda na mão, os arredores da baía, onde não encontrou senão um pequeno número de indígenas, com os quais só teve relações pouco frequentes. Contudo, uma família, domesticando-se um pouco, estabeleceu-se a cem passos da aguada. Cook mandou-lhe dar um concerto, em que o pífaró e a gaita de foles rivalizaram sem êxito, porque os neozelandeses deram a palma ao tambor.

No dia 18 de abril veio um chefe a bordo com sua filha. Mas, antes de entrar no navio, bateu-lhe nas amuradas com um ramo verde, que tinha na mão, e dirigiu aos estrangeiros uma espécie de discurso ou invocação, com cadência regular — costume geral dos insulares do mar do Sul. Apenas pôs o pé na tolda oferecia ao comandante uma peça de fazenda e um machado de talco verde, generosidade sem precedente nos neozelandeses.

O chefe visitou minuciosamente o navio, e, para testemunhar o seu reconhecimento ao comandante, meteu os dedos num saco que trazia ao cinto e quis tingir-lhe os cabelos com o óleo infeto que ele encerrava. Cook teve um trabalho imenso para se subtrair a essa prova de afeição, que também não tivera o dom de agradar a Byron no estreito de Magalhães; mas o pintor Hodges foi obrigado a suportar a operação, com grande júbilo de toda a equipagem. Depois, esse chefe desapareceu para não tornar, levando nove machados e umas trinta tesouras, de que os oficiais lhe tinham feito presente. Mais rico do que todos os neozelandeses, apressou-se a ir pôr em segurança os seus tesouros, com receio que lhos quisessem tirar.

Antes de partir, Cook largou cinco gansos, os últimos dos que trouxera do Cabo, pensando que poderiam multiplicar-se nesse sítio

pouco habitado, e mandou arrotear um terreno, em que semeou algumas plantas de horta e de pomar. Era trabalhar a um tempo para os indígenas e para os viajantes futuros, que poderiam encontrar nesse sítio recursos preciosos.

Assim que Cook pôs termo ao reconhecimento hidrográfico da baía Dusky, virou a proa para o estreito da Rainha Carlota, ponto de encontro marcado ao capitão Furneaux.

A 17 de maio foi a tripulação testemunha de um espetáculo magnífico. Seis trombas, tendo uma delas sessenta pés de largura na sua base, passaram a cem pés do navio, elevaram-se sucessivamente, pondo, por uma aspiração enérgica, as nuvens e o mar em comunicação. Este fenómeno durou perto de três quartos de hora, e, ao sentimento de terror que primeiro inspirara, sucedeu logo o da admiração, que excitavam, sobretudo nessa época, esses meteoros pouco conhecidos.

No dia seguinte, no momento em que a *Resolução* entrava no canal da Rainha Carlota, viram a *Aventura*, que chegara havia já seis semanas. Depois de ter atracado no dia 1 de março à Terra de Van-Diemen, Furneaux costeara-a durante dezassete dias, mas fora obrigado a deixá-la antes de se poder assegurar, como pensava, se fazia parte da Nova Holanda. Estava reservado ao capitão Bass refutar esse erro.

A 9 de abril, depois de ter alcançado o estreito da Rainha Carlota, o comandante da *Aventura* aproveitara as suas horas de ócio em semear um jardim e relacionar-se com os neozelandeses, que lhe deram provas irrefutáveis da sua antropofagia.

Antes de continuar a sua viagem de descobertas, Cook obedeceu ao mesmo pensamento que inspirara o seu proceder na

baía Dusky. Pôs em terra um carneiro e uma ovelha, um bode e uma cabra, um porco e duas porcas. Plantou também batatas, de que não havia até então amostras senão na mais setentrional das duas ilhas que compõem a Nova Zelândia.

Os indígenas lembravam muito os da baía Dusky, mas pareciam mais descuidados, corriam de uma casa à outra, durante a comida, e devoravam tudo o que se lhes oferecia. Foi impossível fazer-lhes provar uma gota de vinho ou de aguardente, mas gostavam muito de água com açúcar.

«Mexiam em tudo o que viam — diz Cook —, mas punham as coisas no mesmo sítio, se nós lhes dizíamos por sinais as que não queríamos ou não podíamos dar. Gostavam muito das garrafas de vidro, que eles chamavam *Tawhaw*, mas, quando lhes explicámos a dureza e o uso do ferro, preferiram-no ao vidro, às fitas e ao papel branco. Havia, entre eles, algumas mulheres, cujos lábios estavam cheios de preguinhos pintados de azul-ferrete; um encarnado-vivo, feito com almagre e óleo, cobria-lhes as faces. Tinham, como as da baía Dusky, as pernas delgadas e tortas e os joelhos grossos, o que provém do pouco exercício que fazem e do costume de se assentarem de pernas cruzadas; o acocoramento quase contíguo em que estão nas suas pirogas contribui também um pouco. A tez era de uma cor cinzenta, os cabelos muito pretos, a cara redonda, o nariz e os lábios um pouco grossos, mas não achatados, os olhos negros muito vivos e expressivos. Formados em fila, os naturais despojaram-se dos seus fatos de cima; um deles cantou com um modo grosseiro, e o resto imitou os gestos que ele fazia. Estendiam os braços e batiam alternativamente com o pé no chão, com contorções frenéticas; repetiam em coro as últimas palavras, e nós

percebíamos uma espécie de metrificação, mas não estou certo se havia rima; a música era muito selvagem e pouco variada».

Alguns zelandeses pediram notícias de Tupia; quando souberam que tinha morrido, exprimiram a sua dor por uma espécie de lamentação mais fictícia que verdadeira.

Cook não reconheceu um só dos indígenas que vira na sua primeira viagem. Concluiu disso, com aparências de razão, que os naturais que habitavam o estreito em 1770 tinham sido expulsos dali, ou que por sua vontade se haviam retirado para outra parte. O número dos habitantes tinha diminuído dois terços, e o *i-pah* achava-se abandonado, assim como muitas habitações ao longo do canal.

Os dois navios estavam prontos para se fazer ao mar. Cook deu as suas instruções ao capitão Furneaux. Queria continuar para o sul de 41° a 46° de latitude até 140° de longitude oeste, e, se não encontrasse terra, dirigir-se para Taiti, que era o lugar de reunião, depois voltar à Nova Zelândia, e reconhecer todas as partes desconhecidas do mar entre esta ilha e o cabo Horn.

Pelos fins de junho, o escorbuto começou a atacar a tripulação da *Aventura*, depois de alguns dias de calor. A da *Resolução*, graças às precauções de que se não tinham afastado um dia só e ao exemplo que Cook mesmo dera de comer constantemente aipo e cocleária, escapou à doença.

A 1 de julho, estavam os dois navios a 25° 1' de latitude e a 134° 6' de longitude oeste, posição em que Carteret põe a ilha de Pitcairn. Cook procurou-a e não a achou. Deve-se dizer que o estado dos doentes da *Aventura* abreviou o cruzeiro, com grande pena sua. Desejava verificar ou retificar a longitude desta ilha, e, por aí,

também a de todas as terras circunvizinhas, descobertas por Carteret, que não tinham podido ser confirmadas por observações astronómicas. Não tendo esperanças já de achar um continente austral, fez-se de vela para noroeste e não tardou a reconhecer muitas das ilhas descobertas por Bougainville.

«Estas ilhas baixas, de que o mar do Sul está cheio entre os trópicos — diz ele —, estão ao nível do mar nas partes inferiores e elevadas apenas uma vara ou duas nas superiores. A sua forma é muitas vezes circular; têm no centro uma bacia de água do mar, e a profundidade da água é incomensurável. Produzem pouca coisa; os coqueiros são o que há por ali de melhor; apesar desta esterilidade, apesar da sua pequena extensão, a maior parte delas são habitadas. Não é fácil dizer como se povoaram esses pequenos cantões, e ainda menos determinar de onde as ilhas mais elevadas do mar do Sul tiraram os seus habitantes».

A 15 de agosto, Cook reconheceu a ilha de Osnabrug ou Maitéa, descoberta por Wallis, e navegou para a baía de Oaiti-Piha, onde contava embarcar o maior número possível de refrescos, antes de chegar a Matavai.

«Ao nascer do Sol — diz Forster —, gozámos uma dessas belas manhãs que os poetas de todas as nações tentaram pintar. Um ligeiro sopro de vento trazia-nos da terra um perfume delicioso e enrugava a superfície das águas. As montanhas, cobertas de florestas, elevavam as suas cabeças majestosas, nas quais víamos já a luz do Sol nascente. Muito perto de nós, via-se uma fileira de colinas, de uma inclinação mais suave, mas arborizadas como as primeiras, agradavelmente entremeadas de tintas verdes e escuras; no sopé, uma planície ornada de férteis árvores-do-pão, e por trás

uma grande quantidade de palmeiras, que presidiam a esses bosques encantadores. Tudo parecia dormir ainda. A aurora não fazia senão assomar, e uma escuridão pacífica envolvia a paisagem. Distinguíamos contudo casas entre as árvores e pirogas na costa. A meia milha da praia, as vagas mugiam contra um banco de rochedos ao nível do mar, e nada igualava a tranquilidade das vagas no interior da angra. O astro do dia principiava a iluminar a planície; os insulares levantavam-se e animavam a pouco e pouco essa encantadora cena. Ao ver os nossos navios, muitos se apressaram a deitar ao mar as suas pirogas e remaram ao pé de nós, que tínhamos tanta alegria em contemplá-los. Não pensávamos que íamos correr o maior de todos os perigos e que a destruição não tardaria a ameaçar os navios e a tripulação à beira dessa praia afortunada».

Que hábil escritor, que feliz pintor, que sabe encontrar cores tão frescas e tão variadas! Poucas expressões envelheceram nesse quadro encantador! Lamenta a gente não ter acompanhado esses audaciosos marinheiros, esses sábios que compreendiam tão bem a natureza! Porque não visitámos nós com eles essas populações inocentes e pacíficas, nessa idade de ouro, cuja desapareição o nosso século de ferro nos torna mais penosa ainda!

Os navios estavam a meia légua de um recife, quando o vento amainou. Apesar de todos os esforços das chalupas, iam encalhar desgraçadamente nos escolhos, à vista dessa terra tão ardentemente desejada, quando uma hábil manobra do comandante, felizmente auxiliada pela maré e pela brisa de terra, os veio tirar do perigo. Tinham sofrido, contudo, algumas avarias e a *Aventura* perdera três âncoras.

Uma infinidade de pirogas rodeava os navios e frutos de toda a espécie se trocavam por algumas missangas. Contudo, os indígenas não traziam nem aves nem porcos. Os que se viam em torno das cabanas pertenciam ao rei, e não tinham eles licença para os vender. Muitos taitianos pediam notícias de Banks e dos outros companheiros de Cook na sua primeira viagem. Alguns pediram também informações de Tupia, mas não tornaram a falar nele, assim que souberam as circunstâncias da sua morte.

No dia seguinte, os dois navios fundeavam na enseada de Oaiti-Piha, a duas amarras da praia, e foram logo atulhados por visitantes e mercadores. Alguns aproveitaram-se do aperto para atirar para as suas pirogas os géneros que tinham vendido, a fim de fazer com que lhes pagassem segunda vez. Para pôr fim a essa ladroeira, Cook mandou pôr fora os ladrões, depois de os ter mandado fustigar, castigo que eles também suportaram sem se queixar.

De tarde, os dois capitães desembarcaram para examinar a aguada, que acharam muito conveniente. Durante essa pequena excursão, uma multidão de indígenas vieram a bordo confirmar a triste reputação que lhes tinham dado as narrativas anteriores de Bougainville e de Cook.

«Um dos oficiais, colocado no castelo de popa — diz a relação —, querendo dar missangas a uma criança de seis anos, que estava numa piroga, deixou-lhas cair ao mar. A criança atirou-se logo à água e mergulhou até as trazer do fundo. A fim de recompensar a sua destreza, atirámos-lhe com outras bagatelas; essa generosidade tentou uma multidão de homens e de mulheres, que nos divertiram com rasgos surpreendentes de agilidade no meio das ondas. Vendo

a sua posição cômoda na água e a flexibilidade dos seus membros, quase que os considerávamos animais anfíbios».

Todavia, os taitianos, que tinham subido a bordo, foram apanhados a roubar diferentes objetos. Um deles, que se demorara a maior parte do dia no quarto de Cook, apressou-se a voltar ao mar, e o capitão, irritado com o seu procedimento, disparou-lhe dois tiros por cima da cabeça. Um barco, que se desamarrou para ir apanhar as pirogas dos ladrões, foi assaltado com pedras quando chegou ao pé da praia, e foi necessário disparar um tiro de peça para resolver os assaltantes a retirar. Essas hostilidades não tiveram consequências; os naturais voltaram para bordo como se nada se tivesse passado. Cook soube deles que a maior parte dos seus antigos amigos dos arredores de Mata vai tinham morrido numa batalha que se travara entre os habitantes das duas penínsulas.

Os oficiais deram em terra muitos passeios; Forster, impelido pelo seu ardor pelas investigações botânicas, não faltou a um só. Durante um desses passeios foi testemunha do modo como os Taitianos preparam os seus estofos.

«Apenas andámos alguns passos — diz ele —, sentimos um barulho que vinha da floresta. Seguindo o som, chegámos a um pequeno telheiro, em que cinco ou seis mulheres, sentadas dos dois lados de uma comprida tábua quadrada, batiam a casca fibrosa da amoreira, a fim de fabricar com ela os seus estofos. Serviam-se para isso de um pedaço de madeira quadrada, que tinha sulcos longitudinais e paralelos, mais ou menos apartados segundo os diferentes lados. Pararam um momento para nos deixar examinar a casca, o malho e a trave que lhes servia de mesa; mostraram-nos também, num grande coco, uma espécie de água glutinosa, de que

se serviam de tempos a tempos para colar umas às outras as peças de cortiça. Essa cola, que, pelo que percebemos, vem do *hibiscus esculentus*, é absolutamente necessária no fabrico dessas imensas peças de fazenda que, tendo às vezes duas e três varas de largura e cinquenta de comprimento, se compõem de pedacinhos de cortiça de pequeníssima espessura... As mulheres ocupadas nesse trabalho usavam vestidos velhos, sujos e esfarrapados, e as suas mãos eram duríssimas e calosíssimas».

No mesmo dia Forster viu um homem que usava unhas extremamente compridas, coisa de que se ufanava muito como prova de que não era obrigado a trabalhar para viver. No império de Aname, na China, e em muitos outros países, foi assinalada uma mania singular e pueril. Um dedo só é que está provido de uma unha menos comprida: é a que serve para se coçar, ocupação frequentíssima nos países do Extremo Oriente.

Durante outro dos seus passeios, Forster viu um insular molemente estendido num tapete de relva, passando o dia a deixar-se catar pelas suas mulheres. Essa triste personagem, que engordava sem prestar serviço algum à sociedade, lembrou ao naturalista inglês a cólera de Sir John Mandeville, indignando-se por ver «semelhante glutão, que consumia os seus dias sem se distinguir por nenhum feito de armas, e que vivia no prazer como um porco que se ceva».

A 22 de agosto, Cook, tendo sabido que o rei Waheatua estava na vizinhança e manifestava desejo de o ver, desembarcou com o capitão Furneaux, os Srs. Forster e muitos indígenas. Encontrou-o quando ele vinha ao seu encontro com uma numerosa comitiva, e reconheceu-o logo, porque o vira muitas vezes em 1769.

Esse rei era então criança e chamava-se Té-Áréa, mas mudara de nome quando morrera seu pai Waheatua. Mandou sentar o capitão no seu tamborete e informou-se com solicitude de muitos ingleses com quem tratara na precedente viagem. Cook, depois dos cumprimentos habituais, fez-lhe presente de uma camisa, de um machado, de pregos e de outras bagatelas, mas, de todos esses presentes, o que pareceu mais precioso e que excitou da parte dos naturais gritos de admiração foi um penacho de plumas vermelhas.

Waheatua, rei da Pequena Taiti, podia ter de idade dezassete ou dezoito anos. Alto, bem feito, teria um ar majestoso, se a expressão habitual da sua fisionomia não fosse a do receio e da desconfiança. Vinha rodeado de muitos chefes e nobres personagens, notáveis pela sua estatura, e um dos quais, pintado de modo singular, era de uma corpulência enorme. O rei, que mostrava ter por ele muita deferência, consultava-o a cada instante. Cook soube então que um navio espanhol arribara a Taiti alguns meses antes; soube depois que era o de Domingos Buenechea, que vinha de Callao.

Enquanto Etéa, o gordo confidente do rei, conversava com alguns oficiais em matérias religiosas e perguntava aos ingleses se tinham algum deus, Waheatua entretinha-se com o relógio do comandante. Espantado do barulho que ele fazia, o que exprimia dizendo: «Fala», perguntava para que é que servia. Explicaram-lhe que media o tempo e que nisso se parecia com o Sol. Waheatua deu-lhe logo o nome de «pequeno sob) para mostrar que percebera a explicação.

Os navios deram à vela no dia 24 pela manhã e foram muito tempo seguidos por uma grande quantidade de pirogas, carregadas

de cocos e de outros frutos. Para não perderem essa ocasião de adquirir mercadorias da Europa, os indígenas venderam os seus géneros muito baratos. Até foi possível arranjar uma dúzia de excelentes cocos só por uma missanga. Essa abundância de refrescos não tardou a restabelecer a saúde a bordo dos navios, e a maior parte dos marinheiros, que, ao chegarem a Osnabrugh, mal podiam mexer-se, andavam perfeitamente na ocasião da partida.

No dia 26, a *Resolução* e a *Aventura* chegaram à baía de Matavai. Não tardou a invadir as cobertas uma multidão de taitianos, O capitão conhecia-os pela maior parte, e o tenente Pickersgill, que acompanhara Wallis em 1767 e Cook dois anos depois, recebeu deles um acolhimento afectuosíssimo.

Cook mandou armar as tendas para os doentes, os tanoeiros e os sirgueiros; depois partiu para Oparrée com o capitão Fumeaux e os dois Forster. A embarcação que os transportava não tardou a passar por diante de um *morai* de pedra e de um cemitério, já conhecido pelo nome de *morai* de Tootahah. Quando Cook o designou por esse nome, um dos indígenas que o acompanhavam interrompeu-o, dizendo que desde a morte de Tootahah lhe chamavam *morai* de O-Too.

«Bela lição para os príncipes, a quem assim se recorda durante a vida que são mortais e que depois da sua morte o terreno que o seu cadáver ocupar lhes não pertencerá! O chefe e sua mulher tiram, ao passar, as suas vestes de cima dos ombros, sinal de respeito que dão os insulares de todas as classes diante de um *morai* e que parece dar a estes sítios uma ideia especial de santidade».

Cook foi logo admitido na presença do rei O-Too. Depois de alguns cumprimentos, ofereceu-lhe tudo o que ele podia apreciar, porque sentia quanto lhe seria vantajoso conquistar a amizade desse homem, cuja timidez de caráter se denotava nas suas mínimas palavras. Alto e bem feito, o rei teria os seus trinta anos. Perguntou por Tupia e pelos companheiros de Cook, apesar de não ter visto nenhum. Numerosos presentes foram depois distribuídos às pessoas do seu séquito que pareciam ter mais influência.

As mulheres mandaram logo os seus criados buscar «grandes peças das suas mais belas fazendas, tintas de escarlata, de cor-de-rosa, ou de cor de palha e perfumadas com o seu óleo mais odorífero. Puseram-nas sobre os nossos fatos e carregaram-nos tanto que mal nos podíamos mexer».

No dia seguinte O-Too veio visitar o capitão. Não entrou senão depois de se ter envolvido Cook numa quantidade considerável de fazendas indígenas das mais preciosas, e não ousou descer à coberta senão depois de seu irmão a ter primeiro visitado. Fizeram sentar o rei e os seus ministros para almoçar, e todos os indígenas se extasiaram logo com a comodidade das cadeiras. O-Too não quis provar de nenhum prato, mas os seus companheiros estiveram longe de imitar a sua reserva. Admirou muito um soberbo cão espanhol, que pertencia a Forster, e mostrou o desejo de o possuir; deram-lho imediatamente e daí por diante levou-o sempre ao colo atrás dele um dos senhores da sua comitiva. Depois de almoçar, o comandante em pessoa acompanhou até à sua chalupa O-Too, a quem o capitão Furneaux fizera presente de uma cabra e de um bode. Durante uma excursão que fez ao interior, o Sr. Pickersgill encontrou a velha Oberéa, que mostrara tanta afeição a Wallis. Parecia ter perdido

todas as suas dignidades e estava tão pobre que se achou na impossibilidade de fazer um presente aos seus amigos.

Quando Cook partiu, no dia 1 de setembro, um jovem taitiano, chamado Poreo, pediu-lhe o favor de o acompanhar. O comandante consentiu, na esperança de que ele lhe poderia ser útil. No momento em que viu desaparecer a terra no horizonte, não pôde Poreo reprimir as lágrimas. Foi necessário que os oficiais o consolassem, assegurando-lhe que lhe serviriam de pais.

Cook dirigiu-se então para a ilha de Huaheine, que não estava afastada mais de vinte e cinco léguas, e ali fundeou no dia 3 pela manhã. Os insulares trouxeram uma grande quantidade de aves domésticas grandes, que tanto mais gosto deram quanto fora impossível arranjá-las em Taiti. Em breve afluíram ao mercado os porcos, os cães e os frutos, que se trocaram com proveito por machados, pregos e missanga.

Esta ilha, como Taiti também, apresentava vestígios de erupções vulcânicas, e o cume de uma das suas colinas lembrava muito a forma de uma cratera. O aspeto do país é o mesmo que em Taiti, mas em ponto pequeno, porque a circunferência de Huaheine não é senão de sete a oito léguas.

Cook foi visitar o seu velho amigo Oréa. O rei, banindo todo o cerimonial, lançou-se ao pescoço do capitão, chorando de alegria, depois apresentou-lhe os seus amigos, aos quais o capitão fez alguns presentes. Quanto ao rei, esse ofereceu-lhe o que possuía de mais precioso, porque considerava esse homem como um pai. Oréa prometeu abastecer os ingleses de tudo aquilo de que precisassem, e cumpriu a sua palavra com a maior liberalidade.

Contudo, no dia 6 pela manhã, os marinheiros que presidiam às trocas foram insultados por um indígena coberto de vermelho, fato de guerra, que, segurando em cada mão uma grande clava, ameaçava toda a gente. Cook, chegando a terra nesse momento, atirou-se ao indígena, lutou com ele, e acabou por se apoderar da sua clava, que despedaçou.

No mesmo dia manifestou-se outro incidente. Sparrman penetrara imprudentemente no interior da ilha para ali fazer investigações de botânica. Alguns indígenas, aproveitando-se do momento em que examinava uma planta, arrancaram aos pedaços uma parte das suas vestes. Todavia, Sparrman chegou a levantar-se e pôs-se a correr para a praia. Mas, embaraçado com sarças e tojais, foi apanhado pelos indígenas, que lhe iam cortar as mãos para lhe tirar a camisa, cujas mangas estavam abotoadas, quando pôde rasgar os punhos com os dentes. Outros indígenas, vendo-o nu e rasgado, enfiaram-lhe o seu fato, e conduziram-no à praça do mercado, onde estava uma multidão de indígenas. No momento em que Sparrman apareceu neste estado, todos deitaram a fugir sem se combinarem.

Cook julgou primeiro que acabavam de cometer algum roubo. Desenganado ao ver o naturalista, chamou logo alguns indígenas, assegurou-lhes que se não vingaria em inocentes e levou a sua queixa imediatamente a Oréa. Este, aflito e furioso com o que se passara, dirigiu ao seu povo as mais exuberantes repreensões, e prometeu fazer tudo para encontrar os ladrões e os objetos roubados.

Efetivamente, apesar das súplicas dos indígenas, o rei embarcou na chalupa do comandante, e pôs-se com ele à procura

dos culpados. Estes tinham-se safado, e nesse momento não houve remédio senão renunciar a apanhá-los. Oréa acompanhou, por conseguinte, Cook a bordo, jantou com ele, e, quando voltou para terra, foi acolhido com as demonstrações de alegria mais vivas pelos seus súbditos, que não esperavam já tornar a vê-lo.

«Uma das reflexões mais agradáveis que nos sugeriu essa viagem — diz Forster — foi que, em vez de encontrar os habitantes dessas ilhas inteiramente imersos na volúpia, como disseram falsamente os primeiros viajantes, observámos entre eles os sentimentos mais humanos e mais delicados. Em todas as sociedades há caracteres viciosos; mas encontrar-se-ão cinquenta vezes mais malvados em Inglaterra ou em qualquer outro país civilizado do que nestas ilhas».

No momento em que os navios davam à vela, veio Oréa prevenir o comandante de que os ladrões estavam apanhados, e convidou-o a desembarcar para assistir ao seu suplício. Era impossível. O rei quis então acompanhar Cook meia légua pelo mar fora, e fez-lhe as mais ternas despedidas.

Esta arribada fora muito produtiva. Os dois navios levavam mais de trezentos porcos, sem contar as aves e os frutos. Não há dúvida de que poderiam arranjar muito mais, se a sua demora fosse maior.

O capitão Furneaux consentiu em levar para bordo um mancebo chamado Omai, cuja modéstia e cuja inteligência deviam dar elevada ideia dos habitantes das ilhas da Sociedade. À sua chegada a Inglaterra, esse taitiano foi apresentado ao rei pelo conde de Sandwich, primeiro-lorde do Almirantado. Ao mesmo tempo encontrou nos Srs. Banks e Solander protetores e amigos, que lhe

proporcionaram uma recepção amigável da parte das primeiras famílias da Grã-Bretanha. Residiu dois anos nesse país, e embarcou com Cook, na sua terceira viagem, para voltar à sua pátria.

O comandante dirigiu-se depois a Uliétéa, onde o acolhimento que lhe fizeram os indígenas foi dos mais simpáticos. Perguntaram com interesse por Tupia e pelos ingleses que tinham visto a bordo do *Endeavour*. O rei Oréa apressou-se a travar de novo conhecimento com o capitão e deu-lhe todos os refrescos que a sua ilha produzia. Durante essa arribada, Poreo, que embarcara na *Resolução*, saltou em terra com uma jovem taitiana, que soubera cativá-lo, e não tornou a aparecer a bordo. Foi substituído por um moço de dezassete ou dezoito anos, natural de Bolabola, chamado Oedidi, que declarou querer vir para Inglaterra. A dor, que esse indígena mostrou ao separar-se dos seus compatriotas, deu bons indícios do seu coração.

Os navios, carregados com mais de quatrocentos porcos, com aves e com frutas, deixaram definitivamente as ilhas da Sociedade a 17 de setembro, e singraram para oeste. Seis dias depois reconhecia-se uma das ilhas Harvey, e no dia 1 de outubro fundeava o navio diante de Eoa, a ilha Middelburgo, de Tasman e de Cook.

O acolhimento dos indígenas foi cordial. Um chefe, chamado Tai-One, subiu a bordo, tocou com uma raiz de pimenteira no nariz do capitão, e sentou-se sem dizer palavra. Estava concluída a aliança e foi ratificada pelo presente de algumas bagatelas.

Tai-One guiou os ingleses ao interior da ilha. Enquanto durou esse passeio, os recém-chegados foram rodeados de uma multidão compacta de indígenas, que lhes ofereciam fazendas e esteiras em troca de pregos. Muitas vezes mesmo, os indígenas levaram a

liberalidade a ponto de não quererem aceitar coisa alguma em troca dos seus presentes.

Tai-One levou os seus novos amigos à sua habitação, agradavelmente situada no fundo de um belo vale. à sombra de alguns *sadhecks*. Mandou-lhes servir um licor, que foi extraído diante deles do sumo do *cava*, e cujo uso é tão comum em quase todas as ilhas da Polinésia.

Foi preparado da seguinte maneira: começaram por mastigar pedaços dessa raiz, que é uma espécie de pimenteira, depois puseram-na num grande vaso de pau e deitaram-lhe água por cima. Quando o licor ficou potável, os indígenas trasvazaram-no para folhas verdes dobradas em forma de copo, que encerravam mais de meia canada. Cook foi o único que provou. O modo como o licor se fizera matara a sede aos seus companheiros, mas os indígenas não tiveram a mesma reserva, e o vaso num instante se despejou.

Os ingleses visitaram depois muitas plantações ou jardins separados por sebes ou canas entrelaçadas, que comunicavam entre si por portas feitas de tábuas e presas com gonzos. A perfeição da cultura, o instinto tão desenvolvido da propriedade, tudo indicava um grau de civilização superior à do Taiti.

Apesar da afabilidade da receção que lhe fizeram, Cook, que não podia obter por nenhum preço nem porcos nem galinhas, deixou esta ilha para ir à de Amesterdão, a Tonga Tabon dos indígenas, onde esperava alcançar os víveres de que necessitava.

Os navios não tardaram a fundear na enseada de Van-Diemen, com fundo de dezoito braças de água e à distância de cento e vinte braças dos cachopos que orlam a costa. Os naturais, muito dados, trouxeram estofos, esteiras, ferramentas, armas, enfeites, e, logo

depois, porcos e galinhas. Oedidi comprou-lhes imediatamente plumas encarnadas, que, segundo ele dizia, teriam valor extraordinário no Taiti.

Cook foi a terra com um indígena, chamado Attago, que se lhe afeiçoara logo. Durante este passeio, viu um templo igual ao dos *morais* e a que davam o nome genérico de Faitoka. Elevado num cômodo, feito por mão de homem, dezasseis ou dezoito pés acima do solo, esse templo tinha uma forma oblonga e subia-se lá por duas escadas de pedra. Construído como as habitações dos naturais, isto é, com barrotes, estava coberto com folhas de palmeira. Duas imagens de pau, grosseiramente esculpidas, de dois pés de comprimento, ocupavam os cantos.

«Como os não queria ofender nem a eles nem aos seus deuses — diz o comandante —, não lhes ousei tocar, mas perguntei a Attago se eram estátuas ou deuses.

Ignoro se me compreendeu, mas no mesmo instante manejou-os e virou-os tão grosseiramente como se tocasse num simples pedaço de pau, o que me convenceu de que não representavam a divindade».

Houve alguns roubos, mas não perturbaram as relações, e pôde obter-se uma quantidade considerável de refrescos.

Antes da sua partida, teve o capitão uma entrevista com uma personagem rodeada de um respeito extraordinário e que todos os indígenas qualificavam de rei.

«Achei-o sentado — diz Cook — com uma gravidade tão estúpida e tão sombria que, apesar de tudo o que dele me haviam dito, o tomei por um idiota, que o povo adorava por algumas ideias supersticiosas. Cumprimentei-o e falei-lhe, mas não me respondeu e

nem sequer fez caso de mim. Ia deixá-lo, quando um indígena se explicou de modo que não podia deixar dúvida alguma de que era o rei. Ofereci-lhe de presente uma camisa, um machado, um pedaço de fazenda vermelha, alguns pregos, medalhas e missangas. Recebeu-os, ou, antes, consentiu que os pusessem em cima do seu corpo e à roda dele, sem perder coisa alguma da sua gravidade, sem dizer uma palavra, sem virar sequer a cabeça, nem para a direita, nem para a esquerda».

Apesar disso, no dia seguinte, esse chefe mandou cestos de bananas e um porco assado, dizendo que era um presente do *ariki* da ilha ao *ariki* do navio.

Esse arquipélago recebeu de Cook o nome de ilhas dos Amigos. Essas ilhas tinham sido vistas por Schouten e Tasman, que as designam pelo nome de ilhas dos Cocos, dos Traidores, da Esperança e de Horn.

Cook, que não pudera alcançar água doce, foi por conseguinte obrigado a deixar Tonga mais cedo do que desejaria. Teve contudo tempo de reunir um certo número de observações acerca das produções do país e dos costumes dos habitantes. Vamos resumir as mais salientes.

A Natureza semeou com prodigalidade os seus mais ricos tesouros nas ilhas Tonga e Eoa. Os coqueiros, as palmeiras, as árvores-do-pão, os inhames, as canas-de-açúcar, são os mais comuns. Em animais comestíveis só se encontram porcos e aves, mas, se o cão lá não existe, o seu nome contudo é conhecido. Formigam nas costas os peixes mais delicados.

Da mesma estatura que os europeus e quase tão brancos como eles, os habitantes dessas ilhas são bem proporcionados e têm

feições agradáveis. Os seus cabelos são originariamente negros, mas têm o costume de os tingir com pó, de forma que os há brancos, vermelhos e azuis, o que produz um singularíssimo efeito. A prática das pinturas na pele é universal. Quanto aos trajos, são simplicísimos. Uma peça de fazenda, enrolada em torno da cintura e pendente até aos joelhos, é em que se resume o fato. Mas as mulheres, que são em Tonga, da mesma forma que em outros sítios, mais garridas do que os homens, arranjam um avental de fibras de cocos, que semeiam de conchas, de pedaços de fazendas de cor e de penas.

Esses naturais têm alguns costumes singulares, que os ingleses ainda não tinham observado. É assim que põem na cabeça tudo quanto se lhes dá e empregam essa prática para concluir um mercado. Quando um dos seus parentes ou dos seus amigos morre, têm também o costume de cortar uma ou muitas falanges e até muitos dedos. Enfim, as suas habitações não se reúnem em aldeias, estão espalhadas e semeadas no meio das plantações. Feitas com os mesmos materiais e concebidas pelo mesmo plano que as das ilhas da Sociedade, o que são é mais elevadas acima do solo.

A *Aventura* e a *Resolução* aparelharam a 7 de outubro, reconheceram no dia seguinte a ilha Pylstart, descoberta por Tasman, e lançaram a âncora, a 21 do mesmo mês, na baía Hawke, na Nova Zelândia.

Cook desembarcou um certo número de animais, que queria aclimatar no país, e tornou a fazer-se de vela para entrar no canal da Rainha Carlota; mas, assaltado por uma violenta tempestade, foi separado da *Aventura* e só a tornou a ver em Inglaterra.

No dia 5 de novembro foram consertadas as avarias, e Cook, antes de empreender nova campanha nos mares austrais, quis conhecer a quantidade e a qualidade das suas provisões. Verificou que estavam inteiramente estragados quatro mil e quinhentos arráteis de biscoito e que mais de três milheiros não se achavam em muito melhor estado.

Durante a sua residência neste sítio, Cook teve uma nova prova, e mais concludente que as precedentes, da antropofagia dos neozelandeses. Tendo um oficial comprado a cabeça de um rapaz, que fora morto e comido, muitos indígenas, assim que a viram, manifestaram o desejo de que se lhes desse algum bocado. Cook cedeu-lha, e, pela avidez com que se atiraram a esse repugnante manjar, pôde convencer-se do gosto que sentem esses canibais em se saciar com um alimento que lhes é difícil obter.

A *Resolução* deixou a Nova Zelândia a 26 de novembro, internando-se nas gélidas regiões que percorrera já. Mas quanto eram mais penosas as circunstâncias em que se fazia esta segunda tentativa! Se a tripulação estava de boa saúde, os homens, muito enfraquecidos pelas fadigas, ofereciam sem dúvida menos resistência às doenças, tanto mais que não havia víveres frescos a bordo! A *Resolução* já não tinha a sua conserva, e estavam agora todos persuadidos da não existência do continente austral! Era por conseguinte, para assim dizer, uma viagem «platónica». Era necessário provar, até à última evidência, que se não descobririam novas terras um pouco importantes nessas paragens desoladas.

Foi só a 12 de dezembro que se encontraram os primeiros gelos, e muito mais ao sul do que no ano precedente.

Desde esse momento, reproduziram-se todos os dias os incidentes próprios das navegações nestas latitudes. Oedidi estava pasmado dessa chuva branca, dessa neve que se lhe derretia na mão, mas o seu espanto não teve limites quando descobriu o primeiro gelo, que qualificou de terra branca.

«Já um primeiro fenómeno impressionara o seu espírito debaixo da zona tórrida — diz a relação. — Enquanto os navios se tinham demorado nestas paragens, quase que não tivéramos noite, e tínhamos podido escrever à meia-noite à luz do Sol. Oedidi quase que não podia acreditar o que via, e assegurava que os seus compatriotas lhe chamariam mentiroso quando ele lhes falasse na chuva petrificada e no dia perpétuo».

O jovem taitiano teve demais a mais tempo de se habituar a este fenómeno, porque o navio avançou até ao 76° de latitude sul, através dos gelos flutuantes. Então, convencido de que, se existia um continente, os gelos tornavam o seu acesso quase impossível, Cook resolveu-se a navegar para o norte. A satisfação foi geral. Não havia ninguém a bordo que não sofresse de constipações tenazes e violentas ou que não estivesse atacado de escorbuto. O capitão estava também muito seriamente atacado de uma doença biliosa, que o obrigou a meter-se na cama.

Durante oito dias, esteve em perigo de morte, e a sua convalescença devia ser e foi tão longa como penosa. Seguiu-se o mesmo caminho até ao dia 11 de março. Que alegria quando, ao nascer do Sol, a vigia gritou: «Terra! Terra!»

Era a ilha de Páscoa, de Roggewein, a Terra de Davis. Ao aproximarem-se da praia, a primeira coisa que deu nas vistas dos

navegantes foram essas agigantadas estátuas erguidas na praia, que tinham outrora excitado o espanto dos holandeses.

«A latitude da ilha de Páscoa — diz Cook — corresponde, com um ou dois minutos de diferença, à que está marcada no diário manuscrito de Roggewein, e na sua longitude só há o erro de um grau».

Essa praia, composta de rochas quebradas, de aspeto negro e ferruginoso, mostrava os vestígios de uma violenta erupção subterrânea. No meio desta ilha, estéril e deserta, viam-se algumas plantações espalhadas.

Singularidade maravilhosa! A primeira palavra, que pronunciaram os insulares ao aproximarem-se do navio para pedir uma corda, foi um termo taitiano. Demais, tudo anunciava que os habitantes tinham a mesma origem. Como os Taitianos, tinham a pele pintada e vestiam fazendas que se pareciam com as das ilhas da Sociedade.

«A ação do sol na sua cabeça — diz a relação — obrigou-os a imaginar diferentes meios para se garantir contra ela. A maior parte dos homens trazem um círculo de cerca de duas polegadas de espessura, entrançado com ervas de um a outro lado e coberto com uma grande quantidade dessas compridas penas negras que ornaram o pescoço das fragatas. Outros têm enormes penas negras de maçarico escuro, quase tão largas como as vastas cabeleiras dos jurisconsultos europeus; e muitos, enfim, uma simples aduela de madeira, rodeada de penas brancas de gaivota, que se baloiçam no ar. As mulheres põem um grande e largo chapéu de uma esteira muito asseada, que forma uma ponta para a frente, uma ponta no alto, e dois grossos lóbulos de cada lado».

Todo o campo, que foi percorrido por muitos destacamentos, estava coberto de pedras negras e porosas e oferecia a imagem da desolação. Duas ou três espécies de ervas enrugadas, que cresciam no meio dos rochedos, magros arbustos, principalmente a amoreira, o hibisco, a mimosa, algumas bananeiras, eis toda a vegetação que podia nascer no meio dessa aglomeração de lava.

Perto do lugar do desembarque, elevava-se uma muralha perpendicular, de pedras de cantaria quadradas, juntas segundo todas as regras da arte e encaixadas de modo que pudessem durar muito tempo. Mais longe, no meio de um largo bem calçado, erguia-se um monólito, representando uma figura humana em meio-corpo, de cerca de vinte pés de altura e de mais de cinco de largura, muito grosseiramente esculpida, com a cabeça mal desenhada, com os olhos, o nariz e a boca apenas indicados; só as orelhas muito compridas, como é moda trazê-las nesse país, estavam mais acabadas do que o resto.

Esses monumentos, muito numerosos, não pareciam ter sido levantados e esculpidos pela raça que os ingleses encontraram, ou essa raça se abastardara muito. Demais, se os habitantes não prestavam o mínimo culto a essas estátuas, rodeavam-nas, em todo o caso, de uma certa veneração, porque testemunhavam o seu descontentamento quando se andava no campo calçado que as rodeava. Não era só à beira-mar que se viam essas sentinelas gigantes. Nos flancos das montanhas, nas anfractuosidades dos rochedos, havia outras, umas de pé ou caídas por alguma comoção da terra, outras ainda imperfeitamente desbastadas do pedregulho em que estavam cinzeladas. Que catástrofe súbita interrompeu esses trabalhos? O que representam esses monólitos? A que época

longínqua remontam esses testemunhos da atividade de um povo que desapareceu para sempre ou cujas recordações se perderam na noite dos tempos? Problemas para sempre insolúveis!

As trocas tinham-se feito com bastante facilidade. Só se tivera que reprimir a destreza verdadeiramente maravilhosa com que os insulares sabiam despejar as algibeiras. Os poucos refrescos que se haviam podido obter tinham sido de grande socorro; todavia, a falta de água potável impediu Cook de fazer mais longa estação na ilha de Páscoa.

Dirigiu-se então para o arquipélago das Marquesas, de Mendana, a que não se voltara desde 1595. Apenas o navio se fez ao largo, a febre biliosa logo o atacou. Os escorbúuticos recaíram, e todos os que fizeram a estação da ilha de Páscoa tinham o rosto queimado pelo sol.

A 7 de abril de 1774, Cook avistou, enfim, o grupo das Marquesas, depois de ter passado durante cinco dias consecutivos pelas diferentes posições que lhe tinham dado os geógrafos. Fundearam em Tao-Wati, a Santa Cristina de Mendana. A *Resolução* foi logo rodeada de pirogas, que vinham carregadas de pedras, e cada homem tinha uma funda enrolada à roda da mão. No entanto, as relações amigáveis e as trocas começaram.

«Estes insulares eram bem feitos — diz Forster —, com bonita fisionomia, de tez amarelada ou cor de castanha, e as picadas, espalhadas por todo o corpo, faziam-nos quase pretos... Os vales da nova angra estavam cheios de árvores e tudo aí correspondia à descrição feita pelos espanhóis. Víamos muitos fogos através das florestas, muito longe da praia, do que deduzimos que o país era muito povoado».

A dificuldade de alcançar víveres decidiu Cook a partir imediatamente. Teve, no entanto, tempo de juntar um certo número de observações interessantes a respeito deste povo, que considera como um dos mais belos da Oceânia. Esses naturais parecem exceder todos os outros na regularidade das suas feições. Entretanto, a semelhança da sua linguagem com a que falam os Taitianos parece denunciar uma comunidade de origem.

As Marquesas são cinco: Madalena, S. Pedro, Dominica, Santa Cristina e a ilha Hood, assim chamada do nome do voluntário que primeiro a avistou. Santa Cristina é cortada por uma cordilheira de uma elevação considerável, na qual vêm entroncar-se colinas que saem do mar. Vales estreitos, fundos, férteis, ornados de árvores frutíferas e banhados por uma água excelente, cortam estas montanhas. O porto de Madre de Dios, que Cook chamou porto da Resolução, está pouco mais ou menos no meio da costa ocidental de Santa Cristina. Há aí duas enseadas arenosas onde desembocam dois rios.

II

Cook deixara estas ilhas a 12 de abril e ia para Taiti quando, cinco dias depois, caiu no meio do arquipélago das Pomotu. Abordou à ilha Tioukea, de Byron, cujos habitantes, que tinham tido razões de queixa desse navegador, acolheram com frieza os ingleses. Estes não puderam conseguir aí senão duas dúzias de cocos e cinco porcos, que pareciam abundar nesta ilha. Num outro cantão a recepção foi mais amigável. Os indígenas abraçaram os estrangeiros e tocaram-lhes com o nariz à moda dos neozelandeses. Oedidi comprou muitos cães, cujo pelo, comprido e branco, serve no seu país para ornar as couraças dos guerreiros.

«Os indígenas — diz Forster — ensinaram-nos que quebram a cocleária, que a misturam com peixes de concha, e que a deitam ao mar quando avistam um banco de peixes. Esta isca embriaga por algum tempo os peixes, que então vêm à tona de água, onde os apanham muito facilmente».

Em seguida, o comandante viu muitas outras ilhas deste imenso arquipélago, que achou semelhantes à que acabara de deixar e principalmente o grupo das ilhas Perniciosas, onde Roggewein perdera a sua galera, a *Africana*, e às quais Cook chamou ilhas Palliser. Depois virou a proa para Taiti, que os seus marinheiros, seguros da benevolência dos indígenas, consideravam como uma nova pátria. A *Resolução* fundeou, a 22 de abril, na baía de Matavai, onde a recepção foi tão amigável como esperavam. Alguns dias depois, o rei O-Too e vários outros chefes visitaram os

ingleses e levaram-lhes um presente e dez ou doze porcos gordos e frutas.

Cook tivera primeiro a intenção de não se demorar neste lugar senão o tempo necessário para que o astrónomo, o Sr. Wales, fizesse muitas observações, mas a abundância de víveres levou-o a prolongar a sua estação.

No dia 26, de manhã, o capitão, que fora a Oparrée com alguns dos seus oficiais para fazer uma visita em forma ao rei, avistou uma imensa frota de mais de trezentas pirogas, todas armadas, alinhadas ao longo da costa. Ao mesmo tempo formava-se na praia um número considerável de guerreiros. Este formidável armamento, reunido numa só noite, suscitou primeiro as suspeitas dos oficiais, mas o acolhimento que lhes fizeram sossegou-os logo.

Cento e sessenta grandes duplas pirogas de guerra, ornadas de pavilhões e de bandeiras, cento e setenta outras mais pequenas, destinadas a transportar provisões, compunham essa frota, que não contava menos de sete mil setecentos e sessenta homens, guerreiros ou remeiros.

«O espetáculo dessa frota — diz Forster — aumentava ainda as ideias de poder e de riqueza que formávamos dessa ilha, e toda a tripulação estava pasmada. Pensando nas ferramentas que possuíam esses povos, admirávamos a paciência e o trabalho que lhes foram necessários para derribar árvores enormes, cortar e polir as tábuas, e, enfim, levar esses pesados navios a tão elevado grau de perfeição. Foi com um machado de pedra, um cinzel, um pedaço de coral e uma pele de arraia que tinham produzido essas obras. Os chefes e todos os que ocupavam as plataformas de combate estavam revestidos dos seus trajes militares, quer dizer, de uma

grande quantidade de fazendas, de turbantes, de couraças e de capacetes. O comprimento de alguns desses capacetes embaraçava muito os que os traziam. Todo o seu equipamento parecia mal imaginado para um dia de batalha e mais próprio para a representação do que para o serviço. Seja como for, dava seguramente grandeza a esse espetáculo, e esses guerreiros não deixavam de se mostrar debaixo do ponto de vista mais vantajoso.

Chegando a Matavai, Cook soube que esse armamento formidável era destinado ao ataque de Eimeo, cujo chefe sacudira o jugo de Taiti e se tornara independente.

Nos dias seguintes o capitão recebeu a visita de alguns dos seus antigos amigos. Todos se mostravam muito desejosos de possuir plumas vermelhas, que tinham um valor considerável. Uma só formava um presente muito superior a uma missanga e a um prego. A avidez era tal da parte dos Taitianos que ofereceram em troca as suas singulares vestes de luto, que tinham recusado vender durante a primeira viagem de Cook.

«Essas vestes, compostas das produções mais raras da ilha e do mar que a rodeia, e trabalhadas com um cuidado e uma destreza extremas, devem ser, entre eles, de um preço considerável. Não comprámos menos de dez, que trouxemos para Inglaterra».

Oedidi, que tivera o cuidado de arranjar um número considerável dessas plumas, pôde satisfazer todos os seus caprichos. Os Taitianos consideravam-no como um prodígio e pareciam escutar avidamente as suas histórias todas. Não só os principais da ilha, mas ainda a família real, procuravam a sua companhia. Casou com a filha do chefe de Matavai e conduziu sua mulher a bordo, onde todos folgaram de lhe fazer algum presente. Depois decidiu-se a ficar em

Taiti, onde acabava de encontrar sua irmã casada com um chefe poderoso.

Apesar dos roubos, que perturbaram por mais de uma vez essas relações, os ingleses arranjaram, durante essa arribada, mais provisões do que tinham juntado até aí. A velha Oberéa, que passava por ser rainha da ilha, durante a arribada do *Delfim*, em 1767, veio trazer em pessoa porcos e frutos, sobretudo com o propósito de arranjar essas plumas vermelhas, que tinham tamanho êxito. Foi-se muito liberal nos presentes, e divertiram-se os índios com fogos-de-vistas e manobras militares.

O capitão foi, alguns dias antes da sua partida, testemunha de uma nova revista marítima. O-Too ordenou um simulacro de combate; mas durou tão pouco tempo que foi impossível seguir-lhe todas as peripécias. Essa frota devia dar batalha cinco dias depois da partida de Cook, e este tinha vontade de se demorar até esse tempo; mas, julgando que os indígenas receavam que ele esmagasse vencedores e vencidos, decidiu-se a partir.

Apenas a *Resolução* estava fora da baía, quando um artilheiro ajudante, seduzido pelas delícias de Taiti e talvez também pelas promessas de O-Too, que contava que um europeu lhe proporcionasse grandes vantagens, atirou-se ao mar. Mas não tardou a ser apanhado por uma embarcação que Cook mandara atrás dele. Cook lamentou muito que a disciplina o obrigasse a proceder assim, porque, se esse homem, que não tinha nem parentes nem amigos na Inglaterra, lhe tivesse pedido licença para ficar em Taiti, não lha teria recusado.

No dia 15 de maio, a *Resolução* fundeou na angra O-Wharre, na ilha Huaheine. O velho chefe Oréa foi um dos primeiros a felicitar

os ingleses pela sua volta e a trazer os presentes das boas-vindas. O capitão fez-lhe presente de plumas vermelhas, mas o que o velho chefe parecia preferir era o ferro, os machados e os pregos. Parecia mais indolente do que na primeira visita; a sua cabeça estava muito enfraquecida, o que se deve sem dúvida atribuir ao gosto imoderado que mostrava pela bebida inebriante que esses indígenas tiram da pimenteira. A sua autoridade parecia cada vez mais desprezada; foi necessário que Cook perseguisse uma quadrilha de ladrões, refugiados no centro da ilha, que não receavam roubar o próprio chefe.

Oréa mostrou-se reconhecido pelo bom tratamento que os ingleses sempre lhe tinham dado. Foi o último a sair do navio quando este deu à vela a 24 de maio, e, quando Cook lhe disse que se não tornariam a ver, desatou a chorar, e respondeu: «Deixe vir para cá os seus filhos, que os trataremos bem.»

Outra vez Oréa perguntara ao capitão como se chamava o lugar em que seria enterrado. «Stepney» — respondeu Cook. — Oréa pediu-lhe que repetisse essa palavra até ele estar em estado de a pronunciar. Então cem indivíduos exclamaram ao mesmo tempo: «*Stepney, morai no Toote!* Stepney, o túmulo de Cook!» Mal suspeitava o grande navegador, ao dar essa resposta, a triste sorte que o esperava e o trabalho que os seus compatriotas teriam para encontrar os seus restos!

Oedidi, que acabara por vir a Huaheine com os ingleses, não encontrara o mesmo acolhimento obsequioso que tivera em Taiti. Demais, as suas riquezas estavam singularmente diminuídas e a sua influência ressentia-se disso.

«Verificava bem — diz a relação — a máxima de que nunca se é profeta na sua terra... Deixou-nos com saudades que mostravam bem a estima que nos tinha; quando tivemos de nos separar, correu de camarote em camarote para abraçar toda a gente. Enfim, não posso descrever as angústias que encheram a alma desse moço quando se foi embora; olhava para o navio, debulhou-se em lágrimas e deitou-se de desespero no fundo da sua piroga. Ao sair dos recifes, vimo-lo ainda a estender os braços para nós».

A 6 de junho, Cook reconheceu a ilha Hove, de Wallis, chamada Mohipa pelos indígenas; em seguida, poucos dias depois, um grupo de muitas ilhotas desabitadas, cercadas de uma cadeia de cachopos, a que se deu o nome de Palmerston, em honra de um dos lordes do Almirantado.

No dia 20 descobriu-se uma ilha escarpada e pedregosa. Alcatifada de grandes bosques e de arbustos, não apresentava senão uma praia arenosa e estreita, à qual correram logo muitos indígenas escuríssimos. Com um chuço, com uma clava na mão, entregaram-se a demonstrações ameaçadoras, mas tiveram cuidado de se retirar assim que viram desembarcar os ingleses. Não tardaram a vir alguns campeões provocar os estrangeiros e assaltá-los com uma nuvem de frechas e de pedras. Sparrman foi ferido num braço, e Cook ia sendo atravessado por um dardo. Uma descarga geral dispersou esses insulares inospitais e a sua recepção pouco cortês rendeu à sua pátria o nome de ilha Selvagem.

Quatro dias depois, Cook tornava a ver o arquipélago das Tonga. Parou desta vez em Namouka, a Roterdão de Tasman.

Apenas o navio fundeou, foi logo rodeado por uma multidão de pirogas, carregadas de bananas e de frutas de toda a espécie, que

se trocavam por pregos e velhos pedaços de fazenda. Essa recepção amigável determinou os naturalistas a desembarcarem e a meterem-se pelo interior, à procura de novas plantas e de produções desconhecidas. À sua volta, não se fartavam de elogiar a beleza e o pitoresco das românticas paisagens que tinham encontrado, assim como a afabilidade e a obsequiosidade dos indígenas.

Contudo, muitos roubos já se tinham cometido, quando um furto, mais importante do que os outros, veio obrigar o comandante a proceder. Nesta circunstância, um indígena, que tentara opor-se à captura de duas pirogas, que os ingleses queriam guardar até se lhes restituírem umas armas furtadas, foi gravemente ferido com um tiro. Foi durante esta segunda visita que Cook deu a essas ilhas o nome de arquipélago dos Amigos — sem dúvida por antífrase —, denominação hoje substituída pelo vocábulo indígena Tonga.

Continuando a fazer-se de vela para oeste, o infatigável explorador reconheceu sucessivamente a ilha dos Leprosos, Aurora, a ilha de Pentecostes, e, enfim, Mallicolo, arquipélago que recebera de Bougainville o nome de Grandes Cíclades.

As ordens que dera o capitão eram, como sempre, que se procurasse travar com os indígenas relações de comércio e de amizade. Passara-se o primeiro dia sem novidade, e os indígenas tinham celebrado com jogos e danças a chegada dos ingleses, quando um incidente esteve para produzir, no dia seguinte, um conflito geral.

Um dos indígenas, ao ver que lhe recusavam a entrada no navio, mostrou querer atirar uma seta a um dos marinheiros. Os seus compatriotas primeiro impediram-no de fazer tal. Nesse momento aparecia Cook na tolda com uma espingarda na mão; o

seu primeiro cuidado foi interpelar o ilhéu, que apontava segunda vez para o marinheiro. Sem o escutar, o selvagem ia disparar a sua frecha contra ele, quando este se antecipou e o feriu com um tiro de espingarda. Foi o sinal de uma descarga de frechas, que caíram em cima do navio, sem fazerem grande mal. Cook foi então obrigado a mandar disparar um tiro de peça por cima da cabeça dos assaltantes para os dispersar.

Não obstante, horas depois, os indígenas cercavam de novo o navio, e as tréguas recomeçaram como se nada se tivesse passado.

Cook aproveitou essas boas disposições para desembarcar, cortar lenha e fazer aguada. Estavam quatro ou cinco insulares armados reunidos na praia. Destacou-se um chefe do grupo e veio ao encontro do capitão, trazendo, com ele, um ramo verde. Os dois ramos foram trocados, a paz foi concluída, e alguns pequenos presentes acabaram de a cimentar. Cook obteve então licença de cortar lenha, mas sem se afastar da praia, e os naturalistas, que queriam meter-se no interior para proceder às suas costumadas buscas, foram obrigados a voltar à praia, apesar dos seus protestos.

Esses indígenas não davam valor algum às ferramentas de ferro. Por isso foi muito difícil arranjar refrescos. Só um pequeno número consentiu em trocar armas por fazendas, e deu prova nessas transações de uma proibidade a que os ingleses não estavam costumados. A *Resolução* estava já à vela, ainda continuavam as trocas, e os indígenas, nas pirogas, esforçavam-se por segui-la para entregar os objetos cujo preço tinham recebido.

Um deles, depois de vigorosíssimos esforços, conseguiu apanhar o navio, trazendo as suas armas a um marinheiro, que as pagara e que já se não lembrava delas, tal era o tempo que se tinha

passado. Quando o marinheiro lhe quis dar alguma coisa, o selvagem recusou, dizendo que já recebera a paga.

Cook deu a essa angra, que deixou no dia 23 de julho pela manhã, o nome de porto de Sanduíche.

Se o comandante estava favoravelmente impressionado pelas qualidades morais dos insulares de Mallicolo, não acontecia o mesmo com as suas qualidades físicas. Baixos e mal proporcionados, de cor bronzeada, de cara chata, esses selvagens eram hediondos. Se as teorias do darwinismo fossem então conhecidas, sem dúvida alguma Cook reconheceria neles esse grau perdido entre o macaco e o homem, que faz o desespero dos transformistas. Os seus cabelos, pretos, grossos, encarapinhados e curtos, estavam longe de os favorecer. Mas o que acabava de os tornar grotescos era o terem o costume de apertar a barriga com uma corda, a tal ponto que pareciam grandes formigas. Brincos e grandes anéis de tartaruga, braceletes de dentes de porco, uma pedra branca e chata atravessada no nariz, eis as suas joias e seus enfeites. As suas armas eram o arco e a flecha, a lança e a clava. As pontas das suas flechas, que são às vezes em número de duas e de três, estavam besuntadas com uma substância que os ingleses julgaram que era venenosa, ao verem o cuidado com que os naturais as metiam sempre numa espécie de aljava.

Apenas a *Resolução* acabara de sair do porto de Sanduíche, logo toda a equipagem foi atacada por cólicas, vômitos e violentas dores na cabeça e nos ossos. Tinham-se pescado e comido dois peixes muito grandes, que estavam talvez debaixo da influência da droga narcótica de que acima falámos. O que é certo é que passaram dez dias antes de os marinheiros estarem completamente

curados. Um papagaio e um cão, que se tinham alimentado com estes peixes, morreram no dia seguinte. Os companheiros de Queirós haviam sentido os mesmos efeitos, e mais de uma vez se observaram nestas paragens, desde essa época, os mesmos sintomas de envenenamento.

Ao partir de Mallicolo, Cook governou para a ilha de Ambrim, que parece conter um vulcão, e descobriu em breve um grupo de pequenas ilhas, a que deu o nome de Sheferd, em honra do professor de astronomia de Cambridge. Depois viu a ilha das Duas Colinas, Montagu, Hinchinbrook, e a ilha Sanduíche, a mais considerável de todas, que se não deve confundir com o grupo desse nome. Estas ilhas todas, unidas e protegidas por cachopos, estavam cobertas de uma rica vegetação e contavam numerosos habitantes.

Dois ligeiros acidentes vieram perturbar a tranquilidade de que se gozava a bordo. Declarou-se um incêndio, que foi em breve extinto, e um dos soldados de marinha, caindo ao mar, foi salvo quase imediatamente.

No dia 3 de agosto foi descoberta a ilha de Koro-Mango, a cuja praia Cook chegou no dia seguinte, com a esperança de ali encontrar uma aguada e um sítio de desembarque. A maior parte dos que haviam sido envenenados pelos peixes de Mallicolo ainda não tinham recuperado a saúde e esperavam obter melhoras notáveis numa residência em terra. Mas a recepção que lhes foi feita por esses indígenas, armados de maças, de lanças e de arcos, parecia não ser muito franca. Por isso o capitão acautelou-se bem. Vendo que não podiam resolver os ingleses a puxar a sua embarcação para a praia, os indígenas quiseram obrigá-los a isso.

Um chefe e muitos homens se esforçaram por arrancar os remos das mãos dos marinheiros. Cook quis disparar um tiro, mas só queimou a escorva. Os ingleses foram logo atacados com pedras e frechas. O capitão ordenou então uma descarga geral; felizmente mais de metade dos mosquetes erraram fogo. Se não fosse essa circunstância seria horrível a matança.

«Esses insulares — diz Forster — pareciam ser uma raça diferente da que habita em Mallicolo, por isso que nem falam a mesma língua. São de estatura mediana, mas bem feitos, e as suas feições não são desagradáveis; é muito bronzeada a sua tez e pintam a cara, uns de preto, outros de vermelho; os seus cabelos são amarelados e um pouco encarapinhados. As poucas mulheres que vi pareciam ser muito feias. Não vi pirogas em nenhum sítio da costa; vivem em casas cobertas de folhas de palmeiras e as suas plantações são alinhadas e cercadas de um canavial».

Não se podia pensar em se tentar um novo desembarque. Cook, depois de ter dado ao sítio onde se dera esse conflito o nome de cabo dos Traidores, alcançou uma ilha reconhecida na véspera e a que os indígenas chamam Tanna.

«A colina mais baixa de todas as da mesma fileira — diz Forster —, e todas de uma forma cónica, tinha uma cratera no meio, era de um vermelho-escuro e compunha-se de um monte de pedras queimadas, perfeitamente estéreis. Jorrava de tempos a tempos uma espessa coluna de fumo, semelhante a uma grande árvore, que se alongava à medida que subia».

A *Resolução* viu-se logo rodeada de umas vinte pirogas, transportando as maiores vinte e cinco homens. Estes procuraram logo apropriar-se de tudo o que estava ao seu alcance, pavilhões,

gonzos do leme, que tentaram fazer saltar. Foi necessário disparar uma peça de quatro por cima das suas cabeças para os resolver a tornar para a costa. Chegou-se a terra; mas, apesar de todas as bugigangas que se distribuíram, nunca se pôde fazer com que esses povos deixassem a sua atitude de desconfiança e de bravata. Era evidente que o mais leve equívoco bastaria para produzir efusão de sangue.

Cook julgou perceber que esses naturais eram antropófagos, apesar de possuírem porcos, galinhas, raízes e frutos em abundância.

Durante essa arribada, aconselhava a prudência que se afastassem da beira-mar. Apesar disso, Forster aventurou-se um pouco e descobriu uma fonte de água tão quente que se não podia ter o dedo lá dentro mais de um segundo.

Apesar de toda a vontade que os ingleses tinham, foi impossível chegar ao vulcão central, que projetava até às nuvens torrentes de fogo e de fumo e arrojava ao ar pedras de prodigiosa grossura. O número das solfataras era considerável em todas as direções, e o solo estava sujeito a convulsões plutónicas muito acusadas.

Contudo, sem nunca se afastarem da sua reserva, os Tannianos familiarizaram-se um pouco e as relações tornaram-se menos difíceis.

«Esses povos — diz Cook — mostravam-se hospitaleiros, afáveis e de uma boa índole, quando lhes não excitavam o ciúme. Não se pode censurar o seu procedimento, porque, enfim, debaixo de que ponto de vista nos deviam eles considerar? Era-lhes impossível conhecer os nossos verdadeiros desígnios. Entramos nos

seus portos sem que eles a isso se ousem opor; procuramos desembarcar como amigos; mas saltamos em terra e mantemo-nos ali pela superioridade das nossas armas. Em tais circunstâncias que opinião podiam formar de nós os insulares? Deve-lhes parecer muito mais plausível supor que viéssemos para invadir o seu país do que para o visitar amigavelmente. Só o tempo e as ligações mais íntimas lhes fizeram perceber as nossas boas intenções».

Seja como for, os ingleses é que não puderam adivinhar o motivo pelo qual os naturais os impediram de penetrar no interior do país. Era o efeito de um carácter naturalmente desconfiado? Estavam os habitantes expostos a incursões frequentes da parte dos seus vizinhos, como o poderiam fazer supor a sua bravura e a sua destreza em servir-se das suas armas? Não se sabe.

Como os indígenas não davam nenhum valor aos objetos que os ingleses lhes podiam oferecer, não lhes trouxeram nunca em grande abundância os frutos e as raízes de que eles tinham precisão. Não consentiram nunca em se desfazer dos porcos, nem mesmo em troca de machados, de que tinham podido reconhecer a utilidade.

A árvore-do-pão e os cocos, um fruto que se parece com o pêsego, a que se chama *pavia*, e o inhame, a batata doce, o figo bravo, a noz-moscada e muitos outros de que Forster ignorava o nome, tais eram as produções desta ilha.

Cook saiu de Tanna a 21 de agosto e descobriu sucessivamente as ilhas Erronam e Annatom, prolongou a ilha de Sanduíche, e, passando por diante de Mallicolo e da terra do Espírito Santo, de Queirós, em que facilmente reconheceu a baía de S. Tiago e de S. Filipe, deixou definitivamente esse arquipélago, depois de lhe ter dado o nome de Novas Hébridas, pelo qual é hoje conhecido.

A 5 de setembro o comandante fez uma nova descoberta. A terra que tinha à vista nunca fora pisada pelo pé de um europeu. Era a extremidade setentrional da Nova Caledônia. O primeiro ponto descoberto chamou-se cabo Colnett, do nome de um dos voluntários que primeiro a viram. A costa estava orlada de um cinto de cachopos, detrás do qual duas ou três pirogas pareciam dirigir a sua navegação de modo que viessem ao encontro dos estrangeiros. Mas ao nascer do Sol ferraram as velas e ninguém mais as viu.

Depois de bordejar duas horas ao longo do recife exterior, Cook descobriu uma chanfradura, que lhe devia permitir arribar. Entrou por ela e desembarcou em Balade.

O país parecia estéril, unicamente coberto de uma erva esbranquiçada. Só de longe a longe ali se viam algumas árvores de tronco branco, cuja forma lembrava a do salgueiro. Eram *maoulis*. Ao mesmo tempo descobriam-se muitas casas que pareciam cortiços de abelhas.

Apenas se lançou a âncora, logo umas quinze pirogas rodearam o navio. Os indígenas tiveram bastante confiança para se aproximar e proceder a trocas. Alguns chegaram a entrar no navio, de que visitaram todos os cantos com extrema curiosidade. Recusaram tocar em diferentes manjares que se lhes ofereceram, puré de ervilhas, carne de vaca e carne de porco salgada, mas comeram com gosto inhames. O que os surpreendeu mais foram as cabras, os porcos, os cães e os gatos, animais que lhes eram totalmente desconhecidos, porque nem sequer tinham palavras para os designar. Os pregos, em geral todos os instrumentos de ferro, as fazendas vermelhas, pareciam ter grande preço para eles. Altos, fortes, bem proporcionados, com barba e cabelo bem frisados, tez

de um castanho-escuro, esses indígenas falavam uma língua que parecia não ter relação alguma com todas as que os ingleses tinham ouvido até então.

Quando o comandante desembarcou foi recebido com demonstrações de alegria e com a surpresa natural num povo que vê pela primeira vez objetos de que não tem a mínima ideia. Muitos chefes, tendo mandado restabelecer o silêncio, pronunciaram curtas arengas, e Cook principiou a costumada distribuição de quinquilharias. Depois os oficiais meteram-se na multidão para fazer as suas observações.

Muitos desses indígenas pareciam afetados de lepra, e tinham os braços e as pernas prodigiosamente inchados. Quase inteiramente nus, tinham por fato uma corda apertada na cintura, de onde pendia um pedaço de fazenda de figueira. Alguns usavam enormes chapéus cilíndricos e abertos por ambos os lados, que se pareciam com as barretinas dos hussardos húngaros. Das suas orelhas, fendidas e alongadas, pendiam brincos de tartaruga, ou rolos de folhas de cana-de-açúcar. Não se tardou a encontrar uma pequena aldeia por cima das mangueiras que orlavam a praia. Estava rodeada de plantações de inhame e de bananeiras, banhada por pequenos canais, muito habilmente derivados da corrente principal. Cook facilmente verificou que não devia esperar nada desse povo, a não ser licença para visitar livremente o país.

«Esses indígenas — diz ele — ensinaram-me algumas palavras da sua língua, que não tem relação alguma com a das outras ilhas. O seu génio era meigo e pacífico, mas muito indolente; acompanhavam-nos raras vezes nas nossas digressões. Se passávamos ao pé das suas choças e se lhes falávamos,

respondiam-nos; mas, se seguíamos o nosso caminho sem lhes dirigir a palavra, não faziam reparo em nós. As mulheres eram, contudo, um pouco mais curiosas, e escondiam-se em moitas afastadas para nos observar, mas não consentiam em chegar ao pé de nós senão em presença dos homens.

Não pareceram nem zangados, nem assustados, por matarmos pássaros com tiros de espingarda; pelo contrário, quando nos aproximávamos das suas casas, os rapazes não deixavam de no-los mostrar, para terem o gosto de nos ver atirar. Parece que não tinham muito que fazer nesta estação do ano; haviam preparado a terra e plantado raízes e bananas, cuja colheita esperavam no verão imediato; era talvez por isso que eles estavam menos em condição do que em outra época de vender as suas provisões, porque tínhamos realmente motivos para supor que conheciam esses princípios de hospitalidade, que tornam os insulares do mar do Sul tão interessantes para os navegadores».

O que diz Cook da indolência dos Neocaledónios é perfeitamente exato. Quanto ao seu caráter, a sua demora nesta costa foi tão curta que o não pôde apreciar com acerto, e certamente não suspeitou nunca que eram dados à antropofagia. Só viu muito poucas aves, ainda que a rola, o pombo, a galinha-sultana, o pato e algumas outras aves viviam por lá no estado selvagem. Não conheceu a presença de quadrúpede algum; os seus esforços para arranjar refrescos foram sempre infrutíferos.

Em Balade, o comandante fez muitas excursões pelo interior e escalou uma cordilheira a fim de ter uma vista geral do país. Do cimo de um rochedo viu o mar de ambos os lados e percebeu que a Nova Caledónia, neste sítio, não tinha mais de dez léguas de largura.

Em geral, o país assemelhava-se muito a alguns cantões da Nova Holanda, situados debaixo do mesmo paralelo. As produções pareciam ser idênticas, e faltava às florestas o mato rasteiro, como nessa grande ilha. Outra observação que se fez foi que as montanhas encerravam minerais, observação que se achou verificada pela descoberta recente de ouro, de ferro, de cobre, de carvão e de níquel.

O mesmo acidente que ia sendo funesto a uma parte da tripulação nas paragens de Mallicolo se produziu durante esta arribada.

«O meu secretário — diz Cook — comprou um peixe que um índio fisgara nos arredores da aguada e mandou-mo a bordo. Esse peixe, de uma espécie absolutamente nova, tinha algumas parecenças com os que se chamam *sol*; era do género a que o Sr. Lineu chama *tetrodon*. A sua cabeça hedionda era grande e comprida. Não suspeitando que tivesse coisa alguma de venenoso, mandei-o cozinhar para que nessa mesma noite se servisse à mesa. Felizmente o tempo necessário para o desenhar e descrever não permitiu que se cozesse, e só se serviu o fígado. Tendo provado o Sr. Forster e eu, sentimos pelas três horas da manhã uma extrema fraqueza e um desfalecimento em todos os membros. Eu já tinha perdido o sentido do tato e não distinguia os corpos pesados dos corpos ligeiros quando os queria mover. Um jarro de água e uma pena eram na minha mão do mesmo peso. Primeiro fizeram-nos tomar emético, e depois fizeram-nos suar, o que nos aliviou muitíssimo. Pela manhã, um dos porcos que tinham comido as entranhas do peixe foi encontrado morto. Quando os habitantes vieram a bordo, e viram o peixe que estava dependurado, deram-nos

logo a entender que era um sustento doentio; até mostraram horror por ele; mas na ocasião de o venderem, e até depois de estar comprado, nenhum deles mostrara essa aversão».

Cook mandou proceder ao levantamento de uma grande parte da costa oriental. Durante essas excursões, viu-se um indígena tão branco como um europeu, brancura que foi atribuída a algum achaque. Era um albino, semelhante aos que já se tinham encontrado em Taiti, nas ilhas da Sociedade.

O comandante, que queria aclimatar os porcos na Nova Caledónia, teve muito trabalho para fazer aceitar aos indígenas um leitão e uma leitoa; precisou gabar a excelência desses animais, a facilidade da sua reprodução, e de lhes exagerar mesmo o valor, para eles consentirem em que os pusessem em terra.

Em resumo, Cook pinta os Neocaledónios como altos, robustos, ativos, afáveis, pacíficos; reconheceu-lhes uma qualidade bem rara: não são ladrões. Os seus sucessores neste país, e principalmente D'Entrecasteaux, reconheceram à sua custa que esses insulares não haviam perseverado na sua honradez.

Alguns tinham os lábios espessos, o nariz chato e perfeitamente o aspeto de negros. Os seus cabelos, naturalmente anelados, contribuía também para lhes dar essa semelhança.

«Se eu tivesse de julgar — diz Cook — a origem desta nação, tomá-la-ia por uma raça média entre os povos de Tanna e as ilhas dos Amigos, ou entre os de Tanna e os da Nova Zelândia, ou mesmo entre os três, pela razão de que a sua língua não é a alguns respeitos senão uma mistura destas diferentes terras.»

A quantidade das armas ofensivas destes indígenas, clavas, lanças, dardos, era um indício da frequência das suas guerras. As

pedras, que arrojavam com as fundas, eram polidas e ovoides. Quanto às casas, construídas num plano circular, a maior parte pareciam cortiços de abelhas, e o seu teto, de uma elevação considerável, terminava em ponta no cimo. Tinham um ou dois fogões sempre acesos; mas, não tendo o fumo outra saída senão a porta, era quase impossível a europeus residirem ali.

Esses naturais não se sustentavam senão de peixes, de raízes, entre outras o inhame, e da casca de uma árvore que é muito pouco succulenta. As bananas, as canas-de-açúcar, o fruto da árvore-do-pão, eram raros neste país, e os coqueiros não vinham tão vigorosos como nas ilhas já visitadas pela *Resolução*. Quanto ao número dos habitantes, poder-se-ia supor que era considerável; mas Cook observa acertadamente que a sua chegada provocara a reunião de todos os indígenas vizinhos, e o tenente Pickersgill teve ocasião de verificar, durante o seu reconhecimento hidrográfico, que o país era muito povoado.

Os Neocaledónios tinham o costume de enterrar os mortos. Muitas pessoas da tripulação visitaram os seus cemitérios e especialmente o túmulo de um chefe, ornado de lanças, de dardos, de azagaias pregadas à roda.

A 13 de setembro, Cook saiu da angra de Balade e continuou a seguir a costa da Nova Caledónia, sem poder alcançar alimento fresco. O país apresentava quase por toda a parte o mesmo aspeto de esterilidade. Enfim, de súbito, ao sul dessa grande terra, descobriu-se outra mais pequena, que recebeu o nome de ilha dos Pinheiros, por causa do grande número de árvores dessa espécie que a assombrevam.

Era uma espécie de pinheiro da Prússia, muito próprio para fazerem com ele os reparos de que a *Resolução* precisava imenso. Por isso Cook mandou uma chalupa e alguns trabalhadores para escolher e cortar as árvores que lhe eram necessárias. Algumas tinham vinte polegadas de diâmetro e setenta pés de altura, de forma que se poderia fazer delas um mastro para o navio, se fosse preciso. A descoberta desta ilha pareceu portanto preciosa, porque ela e a Nova Zelândia eram as únicas que podiam fornecer mastros e vergas em todo o oceano Pacífico.

Fazendo caminho ao sul para a Nova Zelândia, Cook teve conhecimento, a 10 de outubro, de uma pequena ilha desabitada, em que os botânicos fizeram ampla messe de vegetais desconhecidos. É a ilha Norfolk, assim chamada em honra da família Howard, e que deviam depois colonizar uma parte dos revoltados da *Bounty*.

No dia 18, a *Resolução* fundeava mais uma vez no canal da Rainha Carlota. Os pomares e hortas, que os ingleses tinham plantado com tanto zelo, haviam sido inteiramente abandonados pelos zelandeses, apesar de algumas plantas ali se desenvolverem maravilhosamente.

A princípio os habitantes só se mostraram com circunspeção e pareceram pouco desejosos de encetar novas relações. Contudo, quando reconheceram os seus antigos amigos, mostraram a sua alegria pelas demonstrações mais extravagantes. Interrogados acerca do motivo que os levara a guardar logo essa reserva e essa espécie de receio, responderam de um modo evasivo, e pôde-se perceber que se tratava de batalhas e de mortes.

Os receios de Cook relativamente à sorte da *Aventura*, de que não tivera notícias desde a última arribada neste sítio, tornaram-se então vivíssimos; mas, por mais perguntas que fizesse, não conseguiu saber a verdade. Não tinha de saber o que se passara na sua ausência senão no cabo da Boa Esperança, onde encontrou cartas do capitão Furneaux.

Depois de ter desembarcado novos porcos, de que ele desejava à viva força dotar a Nova Zelândia, o comandante deu à vela, no dia 10 de novembro, e seguiu para o cabo Horn.

A primeira terra que ele viu, depois de um vão cruzeiro, foi a costa ocidental da Terra do Fogo, perto da entrada do estreito de Magalhães.

«A parte da América que nos dava nas vistas — diz o capitão Cook —, era de um aspeto tristíssimo; parecia recortada em pequenas ilhas, que, apesar de pouco altas, eram contudo muito negras e quase completamente estéreis. Por trás dessas, víamos outras terras cobertas de neve, quase à beira da água. É a costa mais selvagem que tenho visto. Parece cheia inteiramente de montanhas, de rochas, sem a mínima aparência de vegetação. Estas montanhas vão dar a horríveis precipícios, cujos cimos escarpados se elevam a grande altura. Não há talvez nada na Natureza que ofereça ponto de vista tão selvagem. As montanhas do interior estavam cobertas de neve, mas as da costa do mar não o estavam. Julgámos que as primeiras pertenciam à Terra do Fogo e que as outras eram pequenas ilhas agrupadas, de modo que na aparência formavam uma costa ininterrupta».

Entretanto, o comandante julgou bom demorar-se algum tempo nesta região devastada, a fim de aí arranjar para a sua

tripulação alguns víveres frescos, e encontrou um fundeadouro seguro no canal de Natal, de que fez, com o seu cuidado habitual, o reconhecimento hidrográfico.

A caça deu algumas aves, e o Sr. Pickersgill trouxe para o navio trezentos ovos de andorinhas-do-mar e catorze gansos. «Pude assim — diz Cook — distribuir ovos por toda a tripulação, o que deu imenso gosto aos marinheiros, principalmente por se estar próximo do Natal; se não fosse esta feliz circunstância, não teriam tido para se regalar senão carne de vaca e de porco salgada».

Alguns naturais, pertencentes ao reino que Bougainville chamara Pecherais, vieram a bordo, sem ser necessário instar muito com eles. Estes selvagens são pintados por Cook com cores que lembram as que empregara o navegador francês. Da carne de vitelo-marinho podre com que se alimentavam, preferiam a parte oleosa, sem dúvida, observa o capitão, porque esse óleo aquece os corpos e os garante contra os rigores do frio.

«Se alguma vez — acrescenta ele — pôde alguém pôr em dúvida a preeminência da vida civilizada sobre a vida selvagem, só o ver estes indígenas bastaria para resolver a questão. Até que me provem que um homem, atormentado continuamente pelo rigor do frio, é feliz, não acreditarei nas declamações eloquentes dos filósofos, que nunca tiveram ocasião de contemplar a natureza humana em todas as suas modificações, ou que não contaram o que viram».

A *Resolução* não tardou a fazer-se ao mar e a dobrar o cabo Horn; depois atravessou o estreito de Lemaire e reconheceu a Terra dos Estados, onde encontrou um bom fundeadouro. Estas paragens eram animadas por uma quantidade prodigiosa de baleias, que

estavam então na época do amor, por vitelos e leões-marinhos e por pássaros aquáticos em bandos inumeráveis.

«O Dr. Sparrman e eu — diz Forster — estivemos quase sendo atacados por um desses velhos ursos-do-mar, num rochedo onde estavam juntos muitos centos deles, que todos pareciam esperar o resultado do combate. O doutor disparara o seu tiro de espingarda sobre um pássaro, e ia apanhá-lo quando o velho urso resmungou, mostrou os dentes e pareceu disposto a opor-se ao meu camarada. Assim que me sentei, estendi o animal morto com um tiro de espingarda, e no mesmo instante o bando todo, vendo o seu campeão prostrado, fugiu para o lado do mar. Muitos atiraram-se com tanta pressa à água, que saltaram a dez ou doze varas perpendiculares sobre os rochedos pontiagudos. Creio que se não magoaram, porque a sua pele é muito dura, e a sua banha, muito elástica, se presta facilmente à compressão».

Depois de ter deixado a Terra dos Estados a 3 de janeiro, Cook fez-se de vela para o sueste, a fim de explorar esta parte do oceano, a única que até então lhe escapara. Chegou daí a pouco à Geórgia Austral, vista em 1675 por La Roche, e em 1756 pelo Sr. Guyot-Duclos, que comandava então o navio espanhol *Leão*. Esta descoberta foi feita a 14 de janeiro de 1775. O comandante desembarcou em três sítios diferentes e tomou posse deles em nome do rei de Inglaterra, Jorge III, cujo nome lhes deu. O fundo da baía Possessão era orlado de rochedos de gelo perpendiculares, de todo o ponto semelhantes aos que tinham sido vistos nas altas latitudes austrais.

«O interior do país — diz a relação — não era nem menos selvagem nem menos horrível. Os rochedos sumiam os seus altos

píncaros nas nuvens, e os vales estavam cobertos de uma neve eterna. Não havia uma só árvore e não se via nem o mais pequeno arbusto».

Saindo da Geórgia, Cook ainda se meteu mais para sueste, no meio dos gelos flutuantes. Os perigos continuados dessa navegação traziam os marinheiros exaustos. Descobriram-se, sucessivamente, a Tule austral, a ilha Saunders, as ilhas da Purificação, e enfim a Terra de Sanduíche.

Esses arquipélagos estéreis e desolados hão de ser sempre sem utilidade prática para o comerciante e para o geógrafo. Depois de assinalada a sua existência, não havia motivos senão para passar adiante, porque era arriscar-se, querendo reconhecê-los minuciosamente, a pôr em perigo os documentos tão preciosos que a *Resolução* trazia para Inglaterra.

A descoberta destas terras austrais deu em resultado convencer Cook de que há ao pé do pólo «uma extensão de terra em que se formam a maior parte dos gelos espalhados neste vasto oceano meridional». Observação engenhosa, que as descobertas dos exploradores do século XIX vieram confirmar de todo o ponto.

Depois de uma nova busca infrutífera do cabo da Circuncisão, de Bouvet, Cook resolveu-se a voltar para o cabo da Boa Esperança, aonde chegou a 22 de março de 1775.

A *Aventura* arribara a este sítio, e o capitão Furneaux deixara uma carta que relatava o que se passara na Nova Zelândia.

Chegando ao canal da Rainha Carlota a 13 de novembro de 1773, o capitão Furneaux fizera o seu abastecimento de água e de lenha. Depois enviara um dos seus escaleres, comandado pelo Sr. Rowe, tenente de popa, para colher plantas comestíveis. Mas, não o

tendo visto voltar para bordo, nem nessa noite, nem no dia seguinte, o capitão Furneaux, sem imaginar o que sucedera, mandou à sua procura, e eis em resumo o que se soube:

Depois de muitas idas e voltas inúteis, o oficial que comandava a chalupa descobriu alguns indícios, ao desembarcar numa praia, ao pé da enseada da Erva. Descobriram-se restos da canoa e muitos sapatos, um dos quais pertencera a um oficial de popa. Ao mesmo tempo um dos marinheiros trazia um pedaço de carne fresca, que se julgou que era carne de cão, porque ainda se ignorava que esta população fosse antropófaga.

«Abrimos — diz o capitão Furneaux — perto de vinte cestos colocados na praia e amarrados com cordas. Uns estavam cheios de carne assada, e outros de umas raízes que servem de pão aos naturais. Continuando as nossas buscas, encontrámos maior número de sapatos e uma mão, que reconhecemos imediatamente que era a de Tomás Hill, porque tinha um T. H. picado na pele, à moda dos Taitianos».

Um pouco mais adiante, o oficial viu quatro pirogas e uma grande multidão de indígenas, reunidos em torno de uma grande fogueira. Ao desembarcar, os ingleses deram uma descarga, que pôs em fuga todos os zelandeses, menos dois, que se retiraram com grande sangue-frio. Um destes foi ferido gravemente, e os marinheiros avançaram pela praia.

«Em breve uma cena horrível de carnificina se ofereceu aos nossos olhos; as cabeças, os corações e os pulmões de muitos dos nossos homens estavam espalhados pela areia, e a pouca distância uns cães roíam-lhes as entranhas».

O oficial tinha pouca gente consigo — dez homens apenas — e não podia procurar vingar-se dessa abominável matança. Além disso, o tempo tornava-se mau e os selvagens reuniam-se em grande número. Teve portanto de voltar para a *Aventura*.

«Não creio — diz o capitão Furneaux — que esta carnificina resultasse de um desígnio premeditado da parte dos selvagens, porque na manhã em que o Sr. Rowe partiu do navio encontrou duas pirogas, que se aproximaram de nós e estiveram toda a manhã na enseada do navio. A matança foi provavelmente produzida por alguma desordem, que imediatamente se decidiu; talvez também que, não tendo tomado a nossa gente precaução alguma para sua segurança, a ocasião tentasse os índios. O que animou os zelandeses, depois de verem a primeira explosão, foi o sentirem que uma espingarda não era uma arma infalível, que às vezes errava fogo e que depois do primeiro tiro era preciso carregá-la de novo para poder servir outra vez».

Nesta fatal emboscada, a *Aventura* perdeu dez dos seus melhores marinheiros. Furneaux deixara a Nova Zelândia a 23 de dezembro de 1773, dobrara o cabo Horn, arribara ao cabo da Boa Esperança e chegara a Inglaterra a 14 de julho de 1774.

Cook, depois de ter metido a bordo os refrescos necessários e de ter consertado o navio, deixou False-Bay a 27 de maio, arribou a Santa Helena, a Ascensão, a Fernando de Noronha, ao Faial, e entrou finalmente em Plymouth a 29 de julho de 1775. Não tinha a lamentar, durante essa longa viagem de três anos e dezoito dias, senão a perda de quatro homens, não contando, é claro, os dez marinheiros que tinham sido assassinados na Nova Zelândia.

Nunca até aí uma expedição trouxera tão rica mercê de descobertas e de observações hidrográficas, físicas e etnográficas. Muitos pontos obscuros nas relações dos antigos viajantes eram elucidados pelas sábias e engenhosas investigações do capitão Cook. Tinham-se feito descobertas importantes, especialmente as da Nova Caledónia e da ilha de Páscoa. Estava definitivamente provada a não existência do continente austral. O grande navegador recebeu quase imediatamente a recompensa merecida das suas fadigas e dos seus trabalhos. Foi nomeado capitão de mar e guerra, nove dias depois do seu desembarque, e membro da Sociedade Real de Londres, a 29 de fevereiro de 1776.

Capítulo 5 — Terceira Viagem do Capitão Cook

I

Nessa época, a ideia que outrora determinara tantos viajantes a explorar os mares da Gronelândia estava na ordem do dia. Existia alguma passagem ao Norte que pusesse em comunicação o Atlântico e o Pacífico, seguindo as costas da Ásia ou as da América? E esta passagem, se existia, era praticável? É certo que se tentara, ainda ultimamente, a busca dessa via marítima, pelas baías de Hudson e de Baffin; quiseram tentá-la pelo oceano Pacífico.

A tarefa era árdua. Os lordes do Almirantado perceberam que deviam, antes de tudo, dirigir-se a algum navegador ao facto dos perigos dos mares polares, que tivesse dado mais de uma prova de sangue-frio nas ocasiões difíceis, cujos talentos, cuja experiência e cujos conhecimentos científicos o habilitassem a tirar partido do poderoso armamento em que se estava trabalhando.

Ninguém como o capitão Cook reunia no mesmo grau as qualidades requeridas. Dirigiram-se portanto a ele, apesar de ele poder passar o resto dos seus dias no lugar que lhe fora dado no Observatório de Greenwich, e gozar em descanso da estima e da glória que lhe tinham conquistado essas duas viagens à roda do mundo. Cook não hesitou nem um instante.

Foram-lhe confiados dois navios, a *Resolução* e a *Discovery*, esta última debaixo das ordens do capitão Clerke, e recebeu o mesmo armamento que na precedente viagem.

As instruções do comandante da expedição prescreviam-lhe alcançar o cabo da Boa Esperança e singrar para o sul, para procurar as ilhas recentemente descobertas pelos Franceses, a 48° de latitude

e no meridiano da ilha Maurícia. Deviam em seguida tocar em Nova Zelândia, se o julgassem a propósito, refrescar-se nas ilhas da Sociedade, desembarcar ali o taitiano Mai, depois dirigir-se à Nova Albion, evitar desembarcar em qualquer das possessões espanholas da América, e dirigir-se dali, pelo oceano Glacial Ártico, para as baías de Hudson e de Baffin; em outros termos, procurar por leste a passagem de noroeste. Feito isto, depois de ter refrescado as suas equipagens no Kamtchatka, devia fazer uma nova tentativa, e voltar a Inglaterra pelo caminho que julgasse mais útil aos progressos da geografia e da navegação.

Os dois navios não partiram juntos. A *Resolução* deu à vela de Plymouth, a 12 de julho de 1776, e foi ter com ele, no dia 10 do seguinte mês de novembro, a *Discovery*, que não pudera sair de Inglaterra senão no dia 1 de agosto. Este último, experimentado pela tempestade, tinha precisão de ser calafetado, e esse trabalho reteve os dois navios no Cabo até 30 de novembro. O comandante aproveitou esta longa estação para comprar animais vivos, que tencionava depor em Taiti e na Nova Zelândia, e para abastecer esses navios em vista de uma viagem de dois anos.

Depois de doze dias de caminho para sueste, descobriram-se duas ilhas por $46^{\circ} 53'$ de latitude sul e $37^{\circ} 46'$ de longitude este. O canal que as separa foi atravessado e reconheceu-se que as suas costas, escarpadas e estéreis, eram desabitadas. Tinham sido descobertas, assim como outras quatro, situadas de 9° a 10° mais a leste, pelos capitães franceses Marion Dufresne e Crozet, em 1772.

A 24 de dezembro, Cook encontrou as ilhas que o Sr. Kerguelen levantara nas suas duas viagens de 1772 e 1773.

Não relataremos aqui as observações que o navegador inglês colheu sobre este arquipélago. Como estão completamente de acordo com as do Sr. Kerguelen, reservá-las-emos para a ocasião em que contarmos a viagem deste navegador. Limitemo-nos a dizer que Cook levantou cuidadosamente as costas e as deixou a 31 de dezembro. Durante mais de trezentas léguas, os dois navios fizeram caminho no meio de um denso nevoeiro.

A 26 de janeiro, lançaram ferro na baía da Aventura, na Terra de Van-Diemen, no mesmo sítio em que o capitão Furneaux tocara quatro anos antes. Alguns naturais vieram visitar os ingleses e receberam todos os presentes, como seus filhos, sem testemunhar satisfação alguma.

«Eram — diz a relação — de uma estatura regular, mas um pouco delgada; tinham a pele negra, o cabelo da mesma cor, e tão encarapinhado como os dos negros da Nova Guiné, mas não tinham os lábios grossos e o nariz chato dos negros da África. As suas feições não apresentavam nada de desagradável; os seus olhos pareceram-nos até bonitos e os seus dentes bem postos, mas muito sujos. O cabelo e a barba da maior parte deles estavam besuntados de uma espécie de unguento vermelho; o rosto de alguns era pintado com a mesma droga».

Esta descrição, apesar de concisa, não deixa de ser preciosa. Efetivamente, o último dos tasmanianos morreu, há alguns anos, e os seus vestígios desapareceram completamente.

Cook levantou ferro a 30 de janeiro e veio fundear no seu ponto de arribada habitual, no canal da Rainha Carlota. As pirogas dos indígenas não tardaram a rodear os navios, mas nem um só indígena se atreveu a subir a bordo, por tal forma estavam

persuadidos de que os ingleses não tinham vindo senão para vingar a matança dos seus compatriotas. Quando se convenceram de que tal não era a intenção dos ingleses, baniram toda a desconfiança e toda a reserva. O comandante logo soube, por intermédio de Mai, que percebia o zelandês, qual fora a causa deste horroroso acontecimento.

Sentados nas relvas, tomavam os ingleses a sua refeição da noite, quando os indígenas roubaram diferentes coisas. Um destes foi surpreendido e ferido por um dos marinheiros. Ao grito que o selvagem soltou, os seus compatriotas arrojaram-se aos marinheiros da *Aventura*, que mataram dois, mas não tardaram a sucumbir, esmagados pelo número. Muitos zelandeses designaram ao capitão o chefe que presidira à carnificina, e aconselharam-lhe vivamente a que o matasse. Cook recusou, com grande surpresa dos naturais e com assombro de Mai: «Na Inglaterra mata-se um homem que assassinou outro; este matou dez e não se vingam!»

Antes de partir, Cook pôs em terra porcos e cabras, com esperança de que esses animais acabariam por se aclimatar na Nova Zelândia.

Mal formara o projeto de levar para Taiti um neozelandês, apresentaram-se dois para o acompanhar. Cook consentiu em recebê-los, prevenindo-os, todavia, de que não tornariam a ver a sua pátria. Por isso, quando o navio perdeu de vista as costas da Nova Zelândia, eles não puderam conter as lágrimas. À sua dor veio juntar-se o enjoo; todavia, quando desapareceu o enjoo, desapareceu o desgosto, e não precisaram de muito tempo para se afeiçoarem aos seus novos amigos.

A 29 de março descobriu-se uma ilha, que os seus habitantes chamaram Mangéa. A instâncias de Mai, os seus indígenas decidiram-se a entrar a bordo dos navios.

Baixos, mas vigorosos e bem proporcionados, traziam os cabelos atados no cimo da cabeça, a barba comprida, e estavam sarapintados com picadas em diferentes partes do corpo. Cook desejava vivamente desembarcar, mas as disposições hostis da população impediram-no de o fazer.

Quatro léguas mais adiante, reconheceu-se uma nova ilha, em tudo semelhante à primeira. Os seus habitantes mostraram-se desde logo mais bem dispostos que os de Mangéa, e Cook aproveitou-se disso para enviar a terra um destacamento debaixo das ordens do tenente

Gore, com Mai por intérprete. Anderson, o naturalista, Gore, outro oficial, chamado Burney, e Mai, desembarcaram sozinhos e sem armas, em risco de serem maltratados.

Recebidos com solenidade, conduzidos, no meio de uma ala de homens de clava ao ombro, ao pé de três chefes cujas orelhas estavam ornadas de plumas encarnadas, viram logo umas vinte mulheres, que dançavam com uma música de uma ondulação grave e séria, e que não fizeram o mínimo reparo na sua chegada. Separados uns dos outros, os oficiais não tardaram a perceber que os naturais se esforçavam por lhes despejar as algibeiras e começavam a temer pela sua segurança quando Mai foi ter com eles. Foram assim retidos todo o dia, e muitas vezes obrigados a tirar o fato para que os naturais pudessem examinar de perto a cor da sua pele, mas, enfim, a noite chegou sem incidentes desagradáveis, e os visitantes voltaram para a sua chalupa, onde

lhes levaram cocos, bananas e outras provisões. Talvez os ingleses devessem a sua salvação à descrição que Mai fizera do poder das armas de fogo e à experiência que Mai fez, diante dos indígenas, inflamando a pólvora de um cartucho.

Mai encontrara três dos seus compatriotas no meio da multidão que se apinhava na praia. Tendo partido vinte numa piroga para se dirigir a Ulitea, esses taitianos tinham sido arrojados para fora do seu caminho por uma ventania impetuosa. Devendo ser curta a travessia, não tinham levado víveres; por isso a fadiga e a fome haviam reduzido a tripulação a quatro homens semimortos, quando a piroga se virou. Esses naufragos tiveram força contudo para se agarrar à amurada da embarcação e para se aferrar a ela com toda a força, até serem recolhidos pelos habitantes desta Waterloo. Havia doze anos que os acasos do mar os tinham arrojado a esta costa, afastada mais de duzentas léguas da sua ilha. Tinham contraído laços de família e ligações de amizade com estes povos, cujos costumes e cuja linguagem eram conformes com os seus. Por isso também recusaram voltar a Taiti.

«Este facto — diz Cook — pode servir para explicar, melhor do que todos os sistemas, como todas as partes destacadas do Globo, e em especial as ilhas do mar Pacífico, puderam ser povoadas, sobretudo as que estão afastadas de todos os continentes e a grande distância umas das outras».

Esta ilha Waterloo fica a 20° 1' de latitude sul e 201° 45' de longitude oriental.

Os dois navios digiriram-se em seguida a uma ilha próxima, chamada Wenoa, em que o Sr. Gore desembarcou para tomar forragens.

Era desabitada, apesar de lá se verem restos de choupanas e de túmulos.

A 5 de abril, Cook chegou à vista da ilha Harvay, que ele descobrira em 1773, durante a sua segunda viagem. Parecera-lhe nessa época que era deserta. Por isso espantou-se de ver muitas pirogas sair da praia e dirigirem-se para os navios. Mas esses indígenas não puderam resolver-se a subir a bordo. O seu porte bisonho e a sua fala ruidosa não anunciavam disposições amigáveis. O seu idioma aproximava-se mais da língua de Taiti do que das ilhas que se tinham encontrado.

O tenente King, que fora enviado à procura de um ancoradouro, não pôde achar nenhum que conviesse. Os naturais, armados de chuços e de clavas, pareciam prontos a repelir pela força qualquer tentativa de desembarque.

Em vista disso, Cook, tendo precisão de água e de forragens, resolveu ir para as ilhas dos Amigos, onde estava certo de encontrar refrescos para os seus homens e forragens para os seus animais. Para mais, a estação ia tão adiantada, a distância que separava estas paragens do pólo era tão considerável, que nada se podia tentar no hemisfério setentrional.

Obrigado pelo vento a renunciar a chegar a Middelburgo ou a Eoa, como primeiro tencionava, o comandante dirigiu-se para a ilha Palmerston, aonde chegou a 14 de abril e onde encontrou aves em abundância, cocleária e coqueiros. Esta ilha é apenas uma reunião de nove ou dez ilhotas pouco elevadas, que podem considerar-se como pontas dos recifes de um mesmo banco de coral.

A 28 de abril, os ingleses chegaram à ilha Comango, cujos naturais trouxeram em profusão cocos, bananas e outras provisões.

Depois chegaram a Annamooka, que faz igualmente parte do arquipélago Tonga, ou dos Amigos.

Cook recebeu a 6 de maio a visita de um chefe de Tonga-Tabou, chamado Finaou, que se dava com o rei de todas as ilhas dos Amigos.

«Recebi desta alta personagem um presente de dois peixes, que me trouxe um dos seus criados, e eu fui-lhe fazer uma visita à tarde. Aproximou-se de mim, assim que me viu em terra. Parecia ter trinta anos pouco mais ou menos. Era alto, mas delgado, e não encontrei nestas ilhas uma fisionomia que mais parecenças tivesse com a fisionomia dos Europeus».

Quando todas as provisões desta ilha se esgotaram, Cook visitou um grupo de ilhas chamadas Hapae, onde a receção, graças às ordens de Finaou, foi amigável, e onde pôde obter porcos, água, frutos e raízes. Deram alguns guerreiros aos ingleses o espetáculo de muitos combates singulares, combates com maça e pugilato.

«O que mais nos espantou — diz a relação — foi ver aparecer duas mulheres gordas no meio da liça e jogar o murro sem a mínima cerimónia e com tanta destreza como os homens. O seu combate não durou mais de meio minuto, e uma delas confessou-se vencida. A heroína vitoriosa recebeu da assembleia os aplausos que se davam aos homens, cuja força e cuja flexibilidade tinham triunfado dos seus rivais».

As festas e os jogos não pararam aí. Uma dança foi executada por quinhentos atores ao som de dois tambores, ou antes, de dois troncos de árvore cavados, a que se juntava um coro de música vocal. Cook correspondeu a estas demonstrações mandando fazer exercício de fogo pelos seus soldados de marinha e queimando um

fogo-de-vistas, que causou aos naturais um espanto que se não pode imaginar. Não querendo mostrar-se vencidos nessa luta de divertimentos, os insulares deram primeiro um concerto, depois ofereceram uma dança executada por vinte mulheres, coroadas de grinaldas de rosas-da-china. Este grande bailado foi seguido por outro, executado por quinze homens. Mas não acabaríamos se quiséssemos contar por miúdo as maravilhas desta recepção entusiástica, pela qual mereceu o arquipélago de Tonga o nome de ilhas dos Amigos.

A 23 de maio, Finaou, que se dissera rei do arquipélago todo, veio anunciar a Cook a sua partida para a ilha vizinha de Vavao. Tinha para isso boas razões, porque acabava de saber a chegada do verdadeiro soberano, que se chamava Futtafaihe ou Poulaho.

Primeiro, Cook recusou reconhecer ao recém-vindo o caráter que ele se atribuía; mas não tardou a colher provas irrefutáveis de que realmente lhe pertencia o título de rei.

Poulaho era extremamente gordo, o que o fazia parecer um tonel, com a sua pequena estatura. Se a jerarquia é proporcional nesses insulares à grossura do corpo, era este seguramente o mais graúdo dos chefes que os ingleses tinham encontrado. Inteligente, grave, refletido, examinou minuciosamente e com muito interesse tudo o que para ele era novo, fez perguntas judiciosas e informou-se do motivo da vinda dos navios. Os seus cortesãos opuseram-se a que ele descesse à segunda coberta, porque era *tabu*, diziam, e não se podia consentir que alguém andasse por cima da cabeça dele. Cook mandou responder por intermédio de Mai que proibiria que andassem por cima da sua câmara, e Poulaho jantou com o comandante. Comeu pouco, bebeu ainda menos, e convidou Cook a

ir a terra. Os sinais de respeito que prodigalizavam a Poulaho todos os insulares convenceram o comandante de que realmente tratava com o rei do arquipélago.

Cook tornou a dar à vela a 29 de maio, voltou a Annamooka, depois a Tonga-Tabou, onde foi dada em sua honra uma festa ou *heiva*, cuja magnificência excedia todas aquelas de que fora testemunha.

«À noite — disse ele — tivemos o espetáculo de um *bonai*, quer dizer, executaram-se as danças da noite diante da casa ocupada por Finaou. Duraram perto de três horas; nesse intervalo vimos doze danças. Houve algumas executadas por mulheres, e no meio destas vimos aparecer um bando de homens, que formaram um círculo por dentro do das dançadoras. Vinte e quatro homens, que executaram uma terceira dança, fizeram com as mãos uma infinidade de movimentos aplaudidíssimos, que ainda não tínhamos visto. A orquestra renovou-se uma vez. Finaou apareceu na cena à frente de cinquenta dançarinos; vinha magnificamente vestido; uma peça de pano e outra de gaze constituíam o seu fato, e trazia figurinhas penduradas do pescoço».

Cook, depois de uma estada de três meses, entendendo que tinha de deixar esses lugares encantadores, distribuiu uma parte do gado que trouxera do Cabo, e mandou explicar por Mai, com a maneira de o sustentar, os serviços que prestaria. Depois, antes de partir, visitou um *fiatooka*, ou cemitério, que pertencia ao rei, composto de três casas bastante vastas, edificadas à borda de uma espécie de colina. Os sobrados desses edifícios, assim como as colinas artificiais que os sustentavam, estavam cobertos de lindas pedrinhas móveis, e pedras chatas, postas de lado, rodeavam tudo.

«O que não tínhamos visto até então era que um desses edifícios estava aberto por um dos lados, e havia lá dentro dois bustos de pau grosseiramente fabricados, um ao pé da entrada e outro um pouco mais para dentro. Os naturais seguiram-nos até à porta, mas não se atreveram a franquear-lhe o limiar. Perguntámo-lhe o que significavam esses bustos; responderam-nos que não representavam divindade alguma e que serviam para avivar a recordação dos chefes enterrados no *fiatooka*».

Tendo partido de Tonga-Tabou a 10 de julho, Cook dirigiu-se à pequena ilha Eoa, onde o seu antigo amigo Tai-One o recebeu com cordialidade. O comandante soube por ele que a propriedade das diferentes ilhas do arquipélago pertence aos chefes de Tonga-Tabou, a que chamam a terra dos chefes. É assim que Poulaho tem debaixo do seu domínio cento e cinquenta e três ilhas. As mais importantes são Vavao e Hamao. Quanto às ilhas Viti ou Fidgi, compreendidas nesta nomenclatura, eram habitadas por uma raça belicosa, muito superior pela inteligência à da ilha dos Amigos.

Das numerosas e interessantíssimas observações colhidas pelo comandante e pelo naturalista Anderson, reteremos unicamente as que forem relativas à doçura e à afabilidade dos indígenas. Se Cook, durante as suas diferentes arribadas a este arquipélago, não teve senão a louvar-se do acolhimento dos habitantes, é porque nunca suspeitou o projeto que tinham concebido Finaou e os outros chefes de o assassinar durante a festa noturna de Hapae e de surpreender os navios. Os navegadores que o seguiram não tiveram motivo para prodigalizar os mesmos elogios, e se não conhecêssemos a sinceridade do ilustre marinheiro, julgaríamos que foi por antífrase que deu a esse arquipélago o nome de ilhas dos Amigos.

Quando morre um parente, os insulares de Tonga não deixam nunca de dar grandes murros nas faces e de as rasgar com dentes de tubarão, o que explica os numerosos tumores e cicatrizes que eles têm na cara. Se estão em perigo de morte, sacrificam uma ou duas falanges do dedo mínimo para apaziguar a divindade, e Cook não viu um indígena em cada dezena que não estivesse assim mutilado.

«A palavra *tabu* — diz ele —, que representa tão grande papel nos usos deste povo, tem uma significação muito extensa... Quando não é permitido tocar numa coisa qualquer, dizem que ela é *tabu*. Também nos disseram que se o rei entra numa casa que pertença a algum dos seus súbditos, essa casa passa a ser *tabu* e o proprietário não pode tornar a habitá-la».

Quanto à sua religião, Cook julgou que a percebera bem. O seu deus principal, Kallafoutonga, destrói, na sua cólera, as plantações, semeia as doenças e a morte. Nem todas as ilhas têm as mesmas ideias religiosas, mas em toda a parte se admite unanimemente a imortalidade. Enfim, se não levam aos seus deuses, em oferta, frutas e outras produções da terra, esses selvagens oferecem-lhes, contudo, em sacrifício, vítimas humanas.

A 17 de julho, Cook perdeu de vista as ilhas Tonga, e a 8 de agosto a expedição, depois de uma série de ventanias, que causaram avarias bastante sérias à *Discovery*, chegou à vista de uma ilha chamada Tabouai pelos seus habitantes.

Toda a eloquência que os ingleses empregaram para persuadir aos indígenas que subissem a bordo foi inútil. Nunca estes consentiram em deixar as suas canoas, e limitaram-se a convidar os estrangeiros a ir visitá-los. Mas, como urgia o tempo e Cook não

tinha necessidade de provisões, passou sem parar por diante desta ilha, que lhe pareceu fértil e que, no dizer dos ingleses, abundava em porcos e em aves. Fortes, ativos, esses naturais, de modos duros e ferozes, falavam a língua taitiana. As relações foram portanto fáceis com eles.

Dias depois desenhavam-se no horizonte os píncaros verdejantes de Taiti, e os dois navios não tardaram a parar diante da península de Tairabou, onde o acolhimento que Mai recebeu dos seus compatriotas foi o mais indiferente possível.

O seu próprio cunhado, o chefe Outi, quase que o não quis reconhecer; mas quando Mai lhe mostrou os tesouros que trazia, e sobretudo as formosas plumas vermelhas, que tinham obtido tamanho êxito nas precedentes viagens de Cook, Outi mudou de modo de proceder, tratou Mai com afabilidade, e propôs-lhe mudar de nome com ele. Mai deixou-se cativar por estas novas demonstrações de ternura, e, se não fosse a intervenção de Cook, ter-se-ia deixado despojar de todos os seus tesouros.

Os navios estavam abastecidos de plumas vermelhas. Por isso as frutas, os porcos, as aves, vieram em abundância durante esta arribada. Mas Cook não tardou a dirigir-se para a baía de Matavai, e o rei Otoo deixou a sua residência de Paré para vir visitar o seu antigo amigo. Ali também Mai foi desdenhosamente tratado pelos seus, e, por mais que se deitasse aos pés do rei, apresentando-lhe um penacho de plumas vermelhas e duas ou três peças de pano dourado, não conseguiu que o rei lhe prestasse a mínima atenção. Todavia, da mesma forma que em Tairabou, essas disposições mudaram subitamente quando a riqueza de Mai foi conhecida; mas como este não se sentia bem senão na companhia de vagabundos

que exploravam o seu rancor e o roubavam ao mesmo tempo, não soube adquirir sobre O too e os principais chefes a influência necessária para o desenvolvimento da civilização.

Cook sabia havia muito tempo que os sacrifícios humanos estavam em uso em Taiti, mas sempre se recusara a acreditá-lo. Uma cerimónia solene, de que foi testemunha em Atahourou, não lhe permitiu continuar a duvidar da existência desta prática. A fim de tornar o Atona, ou deus, favorável à expedição que se preparava contra a ilha Eimeo, um homem de baixa estirpe foi assassinado à bordada em presença do rei. Depuseram-se em oferenda diante deste os cabelos e um olho da vítima, últimos símbolos da antropofagia que existia outrora neste arquipélago. No fim desta bárbara cerimónia, que fazia mancha num povo de costumes tão brandos, uma ave aquática volteou na folhagem. «É o Atona!» — exclamou Otoo, felicíssimo com esse excelente agouro.

No dia seguinte, a cerimónia devia continuar por um holocausto de porcos. Os padres, como costumavam fazer os arúspices romanos, procuraram ler nas últimas convulsões das vítimas a sorte reservada à expedição.

Cook, que assistira silencioso a esta cerimónia toda, não pôde esconder, assim que ela se acabou, o horror que lhe inspirava. Mai foi seu intérprete eloquente e vigoroso. Por isso Towha a custo conteve a sua cólera. «Se o rei matasse um homem em Inglaterra — disse o jovem taitiano —, como acabava de fazer à desgraçada e inocente vítima que oferecia ao seu Deus, seria impossível subtraí-lo à força, único castigo reservado aos matadores e assassinos».

Esta reflexão violenta de Mai pelo menos não vinha muito a propósito, e Cook deveria lembrar-se de que os costumes variam

com os países. Era absurdo querer aplicar a Taiti, para o que ali era costume, o castigo reservado em Londres, para aquilo que em Londres se considera um crime. O carvoeiro deve ser dono da sua casa, diz um ditado popular. As nações europeias têm-no esquecido em demasia. Debaixo do pretexto de civilização, muitas vezes têm feito correr mais sangue do que o que se derramaria se elas se tivessem absterido de intervir.

Antes de deixar Taiti, Cook entregou a Otoo os animais que tanto trabalho tivera para trazer da Europa. Eram patos e gansos, galos-da-Índia, cabras, carneiros, cavalos e bois. Otoo não soube como havia de exprimir o seu reconhecimento ao «areeke no Pretone» (ao rei da Britânia), sobretudo quando viu que os ingleses não puderam meter a bordo, por causa das suas dimensões, uma magnífica piroga dupla, que ele mandara construir pelos seus mais hábeis artistas para ser oferecida ao rei de Inglaterra, seu amigo.

A *Resolução* e a *Discovery* deixaram Taiti a 30 de setembro, e foram fundear em Eimeo. A residência neste sítio foi entristecida por um penoso incidente. Tinha havido roubos frequentes desde alguns dias, quando uma vez se furtou uma cabra. Cook, para dar um exemplo, queimou cinco ou seis choupanas, incendiou maior número de pirogas, e ameaçou o rei com toda a sua cólera se o animal lhe não fosse imediatamente restituído. Logo que obteve satisfação, o comandante partiu para Huaheine com Mai, que se devia estabelecer nessa ilha. Um terreno bastante vasto foi cedido pelos chefes da comarca de Ouare, a troco de ricos presentes. Cook mandou construir ali uma casa e plantar uma horta, que foi semeada de legumes europeus. Depois deixaram a Mai dois cavalos, cabras e aves. Ao mesmo tempo deram-lhe de presente uma cota de malha,

uma armadura completa, pólvora, balas e espingardas. Um órgão portátil, uma máquina elétrica, peças de fogo-de-vistas e instrumentos de cultura ou de cozinha completavam a coleção dos presentes, engenhosos ou extravagantes, destinados a dar aos Taitianos uma elevada ideia da civilização europeia. Mai tinha uma irmã casada em Huaheine, mas o marido dela ocupava uma posição humilde e não podia impedir que roubassem o cunhado. Cook declarou, pois, solenemente que o indígena era seu amigo, que voltaria daí a pouco a informar-se do modo como ele fosse tratado, e que castigaria severamente aqueles que se portassem mal com ele.

Essas ameaças deviam produzir o seu efeito, porque, poucos dias antes, uns ladrões, apanhados em flagrante delito pelos ingleses, tinham tido a cabeça rapada e as orelhas cortadas. Pouco depois, em Raiatea, a fim de obter que lhe entregassem uns marinheiros desertores, Cook prendera toda a família do chefe Oréa. A moderação do que o capitão dera provas na sua primeira viagem ia diminuindo sempre. Tornava-se cada dia mais exigente e mais severo. Esse procedimento tinha, porém, de lhe vir a ser fatal.

Os dois zelandeses que haviam pedido para acompanhar Mai foram desembarcados com ele. O mais velho consentiu sem custo em viver em Huaheine, mas o mais novo criara tal afeição aos ingleses, que foi necessário desembarcá-lo quase à força, no meio de testemunhos do mais tocante afeto.

Cook, no momento de levantar ferro, recebeu as despedidas de Mai, cujos modos e cujas lágrimas mostravam que percebia bem a extensão da sua perda.

Se Cook partia satisfeito de ter carregado de tesouros o jovem taitiano, que confiara nele, sentia sérios receios pelo seu futuro.

Efetivamente, conhecia-lhe o génio inconstante e ligeiro, e tivera pena de lhe deixar armas de que receava fizesse mau uso. Estas apreensões deviam ser infelizmente justificadas. O rei de Huaheine encheu-o de atenções, deu-lhe sua filha em casamento, mudou-lhe o nome no de Paori, pelo qual ficou sendo daí por diante conhecido. Mai aproveitou-se da sua alta posição para se mostrar cruel e desumano. Sempre armado, chegou a experimentar a sua pontaria nos seus compatriotas com tiros de espingarda e de pistola. Por isso a sua memória não inspira senão horror em Huaheine, onde a lembrança dos seus assassínios ficou por muito tempo vinculada à da viagem dos ingleses.

Depois de ter deixado esta ilha, Cook visitou Raiatea, onde encontrou o seu amigo Oréa, que perdera o supremo poder; depois desceu a Bolabola, a 8 de dezembro, e comprou ao rei Pouni uma âncora que Bougainville perdera no ancoradouro.

Durante as suas longas estações nas diferentes ilhas da Sociedade, Cook completou a sua provisão de informações geográficas, hidrográficas, etnográficas e os seus estudos de história natural. Foi auxiliado nesta tarefa delicada por Anderson e por todo o seu estado-maior, que não cessou de mostrar o mais louvável zelo pelo adiantamento da ciência.

A 24 de dezembro, Cook descobria uma ilha baixa, desabitada, onde as tripulações encontraram abundante provisão de tartarugas e que recebeu o nome de *Christmas* (Natal), em honra da festa solene do dia seguinte.

Apesar de terem já decorrido dezassete meses depois da sua partida de Inglaterra, Cook não considerou a sua viagem como principiada. Efetivamente, ainda não pudera executar a parte das

suas instruções relativa à exploração do Atlântico setentrional e à procura de uma passagem pelo Norte.

II

A 18 de janeiro de 1778, a 16° de longitude e 20° de latitude norte, os dois navios encontraram as primeiras terras do arquipélago Sanduíche ou Havai. Não foi necessário muito tempo aos navegadores para se convencerem de que esse grupo era habitado. Um grande número de pirogas saíram da ilha Atooi ou Tawai e reuniram-se em torno dos navios.

Os ingleses não ficaram pouco espantados de ouvir esses indígenas falar a língua de Taiti. Por isso logo se estabeleceram relações amigáveis, e no dia seguinte um grande número de insulares foi autorizado a entrar nos navios. O seu espanto, a sua admiração à vista de tantos objetos desconhecidos, exprimiam-se pelos seus olhares, os seus gestos e as suas exclamações continuadas. Contudo conheciam o ferro, a que eles chamavam *hamaite*.

Mas tantas curiosidades, tantos objetos preciosos, não tardaram a excitar a sua cobiça, e esforçaram-se por se assenhorear deles por todos os meios, lícitos ou não.

A sua destreza, o seu gosto pelo roubo, eram tão vivos como os de todos os povos do mar do Sul; foi necessário tomar mil precauções — e ainda assim foram inúteis a maior parte das vezes — para impedir os seus furtos. Quando os ingleses, debaixo do comando do tenente Williamson, se aproximaram da praia no intuito de sondar e procurar um ancoradouro, tiveram de repelir as tentativas dos naturais à viva força. A morte de um desses selvagens

serviu para reprimir a sua turbulência e para lhes dar uma ideia elevada do poder dos estrangeiros.

Assim que a *Resolução* e a *Discovery* deixaram cair a âncora na baía de Ouai-Mea, Cook fez-se transportar para terra. Apenas chegou à praia, os naturais, reunidos em bando numeroso, prostraram-se a seus pés e acolheram-no com os testemunhos do mais profundo respeito. Esta receção extraordinária prometia uma arribada agradável, porque as provisões pareciam abundantes e também os frutos; os porcos, as aves, principiaram a afluir de todos os lados. Ao mesmo tempo uma parte dos indígenas ajudava os marinheiros ingleses a encher de água as vasilhas e a embarcá-las nas chalupas.

Estas disposições conciliadoras determinaram Anderson e o desenhador Webber a meter-se pelo interior do país. Não tardaram a achar-se em presença de um *morai*, de todo o ponto semelhante aos *morais* taitianos. Esta descoberta confirmou os ingleses nas ideias que fizera nascer neles a parecença da língua de Havai com a de Taiti. Uma gravura da relação de Cook representa o interior desse *morai*. Veem-se ali duas figuras de pé, cuja cabeça desaparece no alto, em parte, debaixo de um grande barrete cilíndrico, semelhante aos que cobrem as cabeças das estátuas da ilha de Páscoa. Há pelo menos nisso uma aproximação estranha, que faz pensar.

Cook demorou-se ainda dois dias nesse ancoradouro, não tendo senão a louvar-se do seu comércio com os indígenas; depois explorou a ilha próxima de Oneeheow. Apesar de todo o desejo que o comandante tinha de visitar minuciosamente esse arquipélago tão interessante, levantou ferro e descortinou de longe a ilha de Ouahou e o recife de Tahoorá, que designou pelo nome genérico de

arquipélago Sanduíche — nome que foi depois substituído pelo vocábulo indígena Havai.

Vigorosos e bem feitos, ainda que de mediana estatura, os Havaianos são representados por Anderson como tendo um caráter franco e leal. Menos sérios do que os habitantes das ilhas dos Amigos, são também menos ligeiros do que os Taitianos. Industriosos, destros, inteligentes, tinham plantações que provavam conhecimentos desenvolvidos em economia rural e um gosto bem entendido pela agricultura. Não só não sentiam pelos objetos europeus essa curiosidade banal e infantil que os ingleses tinham tantas vezes notado, mas informavam-se do seu uso e deixavam transparecer um certo sentimento de tristeza, inspirado necessariamente pela sua inferioridade.

A população parecia considerável, e calcula-se em trinta mil indivíduos só na ilha de Tawai. No modo de se vestirem, na escolha do sustento, na maneira de o preparar, assim como nos hábitos gerais, reconheciam-se os usos de Taiti. Era por conseguinte para os ingleses assunto de reflexão a identidade destas duas populações, separadas por um espaço de mar considerável.

Durante essa primeira estação, Cook não esteve em relações com chefe algum; mas o capitão Clerke, da *Discovery*, recebeu enfim a visita de um deles. Era um homem novo e bem feito, envolto em fazendas dos pés até à cabeça, a quem os indígenas testemunharam o seu respeito prostrando-se diante dele. Clerke fez-lhe alguns presentes e recebeu em troca um vaso ornado de dois figurinos muito habilmente lavrados, que servia para o *kava*, bebida favorita dos Havaianos, assim como dos indígenas de Tonga. As suas armas consistiam em arcos, maças e lanças, estas últimas de madeira dura

e forte, e numa espécie de punhal, chamado *pahooa*, terminado em ponta nas duas extremidades.

O costume do *tabu* era tão universalmente praticado como nas ilhas dos Amigos, e os indígenas, antes de tocar nos objetos que se lhes mostravam, tinham sempre o cuidado de perguntar se não eram *tabus*.

A 27 de fevereiro, Cook retomou o seu caminho para o norte e encontrou em breve essas algas das rochas em que fala o redator da viagem de Lord Anson.

No 1.º de março fez caminho para leste, para se aproximar das costas da América, e, cinco dias depois, teve conhecimento das terras da Nova Albion, assim chamada por Francis Drake.

A expedição continuou a prolongá-la ao largo, marcou o cabo Branco, visto já por Martin de Aguilar, a 19 de janeiro de 1603, e perto do qual os geógrafos tinham marcado uma larga entrada para o estreito cuja descoberta atribuíam a esse navegador. Chegou-se em breve às paragens do estreito de Juan de Fuca, mas não se descobriu nada que se parecesse com isso, apesar de esse estreito existir e separar do continente a ilha de Vancôver.

Cook reconheceu em breve, a 49° 15' de latitude, uma baía, a que deu o nome de baía Hope. Fundeou ali para fazer aguada e dar um pouco de descanso às suas tripulações. Essa costa era habitada, e três canoas se aproximaram dos navios.

«Um dos selvagens — diz ele — levantou-se, fez um longo discurso e gestos, que tomámos por um convite para desembarcar. No meio tempo atirou penas para nós, e muitos dos seus companheiros nos arrojaram punhados de poeira ou de pó vermelho; aquele que desempenhava as funções de orador estava

coberto de uma pele e tinha em cada mão alguma coisa que sacudia e donde tirava um som semelhante aos dos guizos das nossas crianças. Quando se fatigou de fazer a sua arenga e as suas exortações, de que não percebemos nada, descansou; mas outros dois homens tomaram sucessivamente a palavra; o seu discurso não foi tão longo e não o pronunciaram com tanta veemência».

Muitos desses indígenas tinham o rosto pintado de uma maneira extraordinária e penas pregadas na cabeça. Apesar de mostrarem disposições pacíficas, foi absolutamente impossível decidir um só a subir a bordo.

Contudo, quando os navios fundearam, o comandante mandou desenvergar as velas, prender os mastros da gata e desaparelhar o mastro da mezena da *Resolução*, a fim de lhe fazer alguns consertos. As trocas principiaram logo com os índios, e presidiu a esse comércio a honradez mais rigorosa. Os objetos que ofereciam eram peles de urso, de lobo, de raposa, de gamo, de marta, e especialmente dessas lontras do mar, que se encontram nas ilhas situadas a leste do Kamtchatka, depois fatos feitos duma espécie de cânhamo, arcos, lanças, anzóis, figuras monstruosas, uma espécie de fazenda de pelo ou de lã, sacas cheias de ocre vermelho, pedaços de madeira lavrada, brincos de cobre e de ferro em forma de ferradura, que penduravam do nariz.

«Crânios e mãos de homens, que ainda não estavam despojados das suas carnes, foi o que mais nos impressionou entre as coisas que eles nos ofereceram; fizeram-nos perceber de um modo claro que tinham comido o que faltava, e reconhecemos efetivamente que esses crânios e essas mãos tinham estado ao lume».

Os ingleses não tardaram a perceber que esses indígenas eram ladrões mais hábeis do que todos os que até então tinham encontrado. Eram até mais perigosos, porque, possuidores de instrumentos de ferro, não perdiam ocasião de cortar o cordame. Demais, combinavam os seus roubos com esperteza: uns entretinham a sentinela numa das extremidades da embarcação, enquanto os outros arrancavam o ferro na extremidade oposta. Venderam uma grande quantidade de azeite ótimo e muitos peixes, principalmente sardinhas.

Quando se acabaram os numerosos consertos de que os navios precisavam e se embarcou a erva necessária para as poucas cabras e carneiros que restavam a bordo,

Cook tornou a fazer-se de vela, a 26 de abril de 1778. O ilustre navegador dera ao sítio onde acabava de estacionar o nome de Entrada do Rei Jorge, apesar de ser chamado Nootka pelos indígenas.

Apenas os navios chegaram ao mar alto, foram assaltados por uma violenta tempestade, durante a qual a *Resolução* meteu água a estibordo. Arrastado pelo furacão, Cook passou para diante do sítio em que os geógrafos tinham colocado o estreito do Almirante de Fonte, o que ele lamentou vivamente, porque desejava dissipar todas as dúvidas a esse respeito.

O comandante continuou, por conseguinte, a seguir a costa da América, marcando e dando nomes a todos os pontos principais. Durante esse cruzeiro, teve frequentes relações com os índios e não tardou a observar que as embarcações haviam sido substituídas por canoas, que tinham só a armação de madeira e a que se adaptavam peles de vitelos-marinhas.

Depois de uma arribada à entrada do Príncipe Guilherme, onde foi consertado o rombo da *Resolução*, Cook seguiu o seu caminho, reconheceu e deu nome aos cabos Isabel e Santo Hermógenes, a ponta de Banks, os cabos de Douglas, Bede, o cabo de Santo Agostinho, o rio de Cook, a ilha Kodiak, a ilha da Trindade e as ilhas a que Behring chamou Schumagin. Depois foram a baía de Brístol, a ilha Redonda, a ponta Sossegada, o cabo Newenham, onde o tenente Williamson desembarcou, e a ilha Anderson, assim chamada em honra do naturalista, que morreu nesse sítio de uma doença de peito; depois a ilha King e o cabo do Príncipe de Gales, a extremidade mais ocidental da América.

Então Cook passou para a costa da Ásia e pôs-se em relação com os Tchouktchis; penetrou a 11 de agosto no estreito de Béringue e achou-se, na semana seguinte, em contacto com o gelo. Debalde tentou elevar-se em muitas direções. Por toda a parte o banco de gelo lhe oferecia uma barreira inultrapassável.

A 17 de agosto de 1778, a expedição estava a 70° 41' de latitude. Durante um mês inteiro se costeou o banco, na esperança de encontrar alguma abertura que permitisse elevarem-se mais ao norte, mas debalde. Demais, observou-se que o gelo era por toda a parte puro e transparente, exceto na parte superior, que se achava um pouco porosa.

«Julguei — diz Cook — que era neve gelada, e pareceu-me que se formara toda no mar, porque, além de ser inverosímil ou antes impossível que massas tão enormes flutuem nos rios em que há apenas água bastante para uma canoa, não vimos lá nenhuma das coisas que a terra produz e que deveríamos ver se ela se formasse em rios grandes ou pequenos».

Até aqui, o caminho do estreito de Beringue tem sido o menos seguido para chegar às regiões boreais; esta observação é portanto preciosíssima, porque prova que defronte desta abertura deve existir uma vasta extensão de mar sem terra alguma. E talvez, era pelo menos o que pensava o malogrado Gustavo Lambert, esse mar seja livre. O que é verdade é que ninguém se elevou, depois de Cook, muito mais alto nessa direção, a não ser na costa da Sibéria, onde se descobriram as ilhas Long e Plover.

Depois desta exploração tão cuidadosa, depois dessas tentativas repetidas para chegar a altas latitudes, Cook, vendo a estação adiantada, encontrando todos os dias gelos mais numerosos, não tinha outra resolução a tomar senão procurar os seus quartéis de inverno num país mais clemente, a fim de continuar com a sua exploração no verão seguinte. Tornou a fazer, portanto, uma parte do caminho que seguira até à ilha de Ounalaska, e singrou, no dia 26 de outubro, para as ilhas Sanduíche, cujo conhecimento tencionava completar durante essa última hibernação.

No dia 26 de novembro descobriu-se uma ilha, cujos habitantes venderam às tripulações uma quantidade muito considerável de frutos e de raízes, frutos da árvore-do-pão, batatas doces, *taro*, e raízes de *eddy*, que trocaram por pregos e ferramentas de ferro. Era a ilha Mowee, que faz parte do arquipélago de Sanduíche. Logo depois, divisou-se Owhyhee ou Havai, cujos píncaros estavam cobertos de neve.

«Eu nunca tinha encontrado um povo selvagem tão livre nos seus modos como este — diz o capitão. — Enviavam habilmente aos navios os diferentes artigos que queriam vender, subiam depois eles mesmos a bordo e faziam os seus negócios no castelo de popa. Os

Taitianos, apesar das nossas arribadas multiplicadas, não têm tanta confiança em nós. Conclui daí que os habitantes de Owhyhee devem ser mais exatos e mais fiéis no seu comércio recíproco do que os de Taiti, porque, se não tivessem boa fé, não estariam tão dispostos a acreditar na boa fé dos estrangeiros».

No dia 17 de janeiro, Cook e Clerke fundearam numa baía chamada pelos naturais Karakakoou. As velas foram imediatamente desenhavadas. Os navios estavam atulhados de visitantes, rodeados de pirogas, e a praia coberta de uma multidão inumerável de curiosos. Até então nunca vira Cook semelhante entusiasmo.

Entre os chefes que vieram a bordo da *Resolução* logo os ingleses distinguiram um mancebo chamado Pareea. Era, dizia ele, «Jakanse», sem que se pudesse saber se isso era nome de uma dignidade, ou se esse termo designava um grau de aliança ou de parentesco com o rei. O que é certo é que tinha uma grande autoridade no baixo povo. Alguns presentes, feitos a propósito, prenderam-no aos ingleses, e prestou-lhes mais de um serviço nessas circunstâncias.

Se, durante a sua primeira estada em Havai, Cook verificara que os habitantes tinham pouca propensão para o roubo, não sucedera o mesmo desta vez. O seu grande número facilitava-lhe muito o roubo de objetos miúdos, e levou-os a acreditar que se recearia punir os seus furtos. Enfim, logo se tornou evidente que eram animados pelos seus chefes, porque se viram nas mãos destes muitos dos objetos que tinham sido roubados.

Pareea e outro chefe, chamado Kaneçna, trouxeram para bordo da *Resolução* um certo Koad, velho muito magro, cujo corpo estava coberto de uma lepra branca devido ao uso imoderado da *kava*. Era

um padre. Quando se viu em presença de Cook, pôs-lhe aos ombros uma espécie de manto vermelho que trouxera, e pronunciou gravemente um longo discurso, apresentando-lhe um leitão. Era isso, como logo se adquiriu a prova, vendo todos os ídolos revestidos de um estofa semelhante, uma fórmula de adoração. Os ingleses ficaram profundamente espantados com as cerimónias extravagantes do culto com que se parecia rodear a pessoa do capitão Cook. Só depois é que compreenderam a sua significação, graças às investigações do sábio missionário Ellis. Vamos resumir aqui brevemente a sua interessante descoberta. Isso tornará mais compreensível a narrativa dos acontecimentos que se seguiram.

Dizia uma certa tradição que um tal Rono, que vivia no tempo dos mais antigos reis de Havai, matara, num acesso de ciúme, sua mulher, que amava ternamente. Enlouquecido pelo desgosto e pela dor do ato que cometera, percorrera a ilha, provocando, ferindo toda a gente; depois, fatigado, mas não saciado de matança, embarcou, prometendo voltar um dia numa ilha flutuante, trazendo coqueiros, porcos e cães. Esta lenda fora consagrada por um canto nacional e tornara-se artigo de fé para os padres, que tinham posto Rono no número dos seus deuses. Confiando na sua predição, esperavam a sua vinda, todos os anos, com uma paciência que nada havia que pudesse cansar.

Não há uma curiosa aproximação a fazer entre essa lenda e a que nos mostra o deus mexicano Quatzalcoatl, obrigado a fugir da cólera de uma divindade mais poderosa, embarcando num esquife de peles de serpente e prometendo, aos que o tinham acompanhado, voltar depois, com os seus descendentes, a visitar o país?

Quando os navios ingleses apareceram, o grão-sacerdote Koad e seu filho One-La declararam que era o próprio Rono que cumpria a sua predição. Daí por diante, para a população toda, Cook foi verdadeiramente Deus. Quando ele passava, os indígenas prostravam-se, os padres dirigiam-lhe discursos ou orações, tê-lo iam incensado, se fosse moda em Havai. O comandante sentiu que havia nestas demonstrações alguma coisa extraordinária, mas, não podendo perceber coisa alguma, resignou-se a tirar partido, para comodidade das suas tripulações e para adiantamento da ciência, de circunstâncias misteriosas que lhe era impossível esclarecer.

Por consequência, era obrigado a prestar-se a toda a espécie de cerimónias que lhe pareciam, pelo menos, ridículas. Assim, por exemplo, foi conduzido a um *morai*, sólida construção de pedra de quarenta varas de comprimento e de catorze de altura. O cimo, bem construído, era cercado de uma balaustrada de madeira, em que estavam alinhados os crânios dos cativos que se tinham sacrificado à divindade.

À entrada da plataforma erguiam-se duas grossas figuras de pau, de máscara burlesca, com o corpo envolto numa fazenda vermelha, a cabeça coberta com uma comprida peça de madeira esculpida em forma de cone invertido. Aí, sobre uma espécie de mesa, na qual estavam um porco podre e montes de frutas, Koad subiu com o capitão Cook. Uns doze homens trouxeram em procissão um porco vivo, oferecido ao capitão, e uma peça de estofado escarlate, com a qual se vestiu. Depois, os padres cantaram alguns hinos religiosos enquanto os assistentes estavam devotamente prostrados à entrada do *morai*.

Depois de diferentes cerimónias, que levariam muito tempo a descrever, entregaram ao capitão um porco, cozido no forno, assim como frutas e raízes, que servem para a composição da *kava*.

«A *kava* foi em seguida servida a todos — diz Cook —, e, logo que a provámos, Koad e Pareea partiram a carne em bocadinhos, que nos meteram na boca. Eu não tinha repugnância em consentir que Pareea, que era muito asseado, me desse de comer — disse o tenente King —, mas o Sr. Cook, a quem Koad prestava o mesmo serviço, ao pensar no porco podre, não pôde engolir um só pedaço; o velho, querendo redobrar de delicadeza, tentou dar-lhe os bocados já mastigados, e imagine-se como a repugnância do nosso comandante aumentaria».

Depois desta cerimónia, Cook foi reconduzido ao seu escaler por homens trazendo varas e que repetiam as mesmas palavras e as mesmas frases que diziam no desembarque, no meio de uma ala de habitantes ajoelhados.

Repetiam-se as mesmas cerimónias cada vez que o capitão ia a terra. Um dos padres caminhava sempre adiante dele, anunciando que Rono desembarcara, e ordenava ao povo que ajoelhasse.

Se os ingleses tinham razão de estar contentes com os padres que os maçavam com delicadezas e presentes, não acontecia o mesmo com os *earees*, ou guerreiros. Estes animavam os roubos que se cometiam diariamente, e reconheceram-se muitas outras deslealdades deles.

Apesar disso, até 24 de janeiro de 1779 não acontecera nada importante. Nesse dia os ingleses ficaram muito surpreendidos ao ver que nenhuma piroga largava a praia para vir comerciar com os navios. A chegada de Terreeoboo fizera «tabuar» a baía e impedira

toda a comunicação com os estrangeiros. Nesse mesmo dia, esse chefe, ou antes, esse rei, veio sem aparato visitar os navios. Vinha numa piroga sozinho com sua mulher e seus filhos. No dia 26, nova visita, desta vez oficial, de Terreeoboo.

«Cook — diz a relação —, notando que esse príncipe vinha à terra, seguiu-o, e chegou quase ao mesmo tempo que ele. Levámo-los para a barraca; assim que se assentaram, o príncipe levantou-se e pôs graciosamente o manto nos ombros do comandante; pôs-lhe ainda mais um capacete com plumas na cabeça e um curioso leque nas mãos do Sr. Cook, aos pés do qual estendeu ainda cinco ou seis mantos muito bonitos e de grande valor».

Entretanto, Terreeoboo e os chefes do seu séquito faziam muitas perguntas aos ingleses sobre a data da sua partida. O comandante quis saber que ideia tinham os havaianos a respeito dos ingleses. O que veio a saber foi que eles os supunham originários de um país onde os víveres haviam faltado, e que vinham só para «encher a barriga». A magreza de alguns marinheiros e o cuidado que tinham em embarcar víveres frescos, haviam-lhes dado essa convicção. Contudo, não receavam esgotar as suas provisões, apesar da imensa quantidade que se consumira depois da chegada dos ingleses. É mais provável que o rei quisesse ter tempo de preparar o presente que tencionava oferecer aos estrangeiros no momento da partida.

Efetivamente, na véspera do dia fixado, o rei pediu aos capitães Cook e Clerke que o acompanhassem à sua residência. Enormes montes de vegetais de toda a espécie, de pacotes de fazendas, de plumas amarelas e encarnadas, uma vara de porcos, tudo aí estava junto. Era uma dádiva gratuita, feita ao rei pelos seus

vassalos. Terreeoboo escolheu pouco mais ou menos o terço de todos esses objetos e deu o resto aos dois capitães, presente de um valor considerável, como nunca tinham recebido, nem em Tonga nem em Taiti.

A 4 de fevereiro, os dois navios saíram da baía, mas por causa de avarias, sofridas pela *Resolução*, tiveram de entrar outra vez alguns dias depois. Apenas os navios lançaram ferro, os ingleses viram que as disposições dos indígenas tinham mudado. Contudo, houve sossego até ao dia 13 de tarde. Nesse dia, alguns chefes quiseram impedir que os naturais ajudassem os marinheiros a encher as pipas de aguada. Seguiu-se uma desordem. Os indígenas armaram-se de pedras e mostraram-se ameaçadores. O oficial que comandava o destacamento recebeu de Cook ordem para atirar à bala sobre os naturais, se continuassem a apedrejar os ingleses e a mostrar-se insolentes. Neste meio tempo uma piroga foi perseguida a tiro, e logo se percebeu que algum roubo fora cometido pelos seus tripulantes.

Ao mesmo tempo levantava-se uma outra disputa mais séria.

Uma chalupa, pertencente a Pareea, foi aprisionada por um oficial, que a conduziu a bordo da *Discovery*. O chefe não tardou a vir reclamá-la, protestando a sua inocência. A discussão animou-se e Pareea foi derribado por uma pancada com um remo. Os naturais, que tinham sido até então espectadores sossegados, armaram-se logo de pedras, forçaram os marinheiros a fugir precipitadamente e apoderaram-se do escaler que os tinha conduzido. Nesse momento Pareea, esquecendo o seu ressentimento, interveio, entregou o escaler aos ingleses e fez-lhes restituir alguns objetos miúdos que tinham sido roubados.

«Receio bem que os índios me forcem a empregar medidas violentas — disse Cook, ao saber o que se passara. — É necessário não os deixar supor que levaram vantagem de superioridade sobre nós».

Durante a noite de 13 para 14 de fevereiro foi roubada a chalupa da *Discovery*. O comandante resolveu então apoderar-se de Terreoboo ou de algumas das principais personagens, e guardá-los como reféns até que os objetos roubados lhe fossem restituídos.

Efetivamente, foi a terra com um destacamento de soldados de marinha, e dirigiu-se logo à residência do rei. Recebeu pelo caminho os costumados sinais de respeito, e, ao avistar Terreeoboo e os seus dois filhos, aos quais disse algumas palavras acerca do roubo da chalupa, convidou-os a passar o dia a bordo da *Resolução*.

Os negócios tomavam bom aspeto, e já os dois jovens príncipes estavam embarcados no escaler quando uma das mulheres de Terreeoboo lhe pediu, banhada em lágrimas, que não fosse a bordo. Outros dois chefes se juntaram a ela, e os insulares, assustados com os preparativos de hostilidades de que eram testemunhas, começaram a rodear, em multidão, o rei e o comandante. Este último apressava-se a embarcar, mas, quando o príncipe pareceu disposto a segui-lo, os chefes opuseram-se e recorreram à força para o impedir.

Cook, vendo que o seu projeto falhava ou que não poderia pô-lo em execução senão derramando muito sangue, desistiu, e já caminhava sossegadamente na praia para ir embarcar, quando se espalhou o boato de ter sido morto um dos principais chefes. As mulheres e as crianças foram logo mandadas embora e todos se dirigiram para os ingleses.

Um indígena, armado com um *pahooa*, pôs-se a desafiar o capitão, e, como não quisesse cessar as suas ameaças, Cook atirou-lhe um tiro de pistola, carregada com chumbo miúdo. O indígena, protegido por uma espessa esteira, não se sentindo ferido, tornou-se mais audacioso; mas, como muitos outros naturais avançaram, o comandante descarregou a sua espingarda sobre o que lhe ficava mais perto e matou-o.

Foi o sinal de um ataque geral. A última vez que se avistou Cook, fazia ele sinais às canoas para cessar fogo e para se aproximarem, a fim de embarcar o seu pequeno bando. Mas foi baldado! Cook jazia morto no solo.

«Os insulares deram gritos de alegria quando o viram cair — diz a relação —, arrastaram imediatamente o seu corpo pela praia, e, arrancando um punhal uns aos outros, crivaram-no de golpes com um ardor feroz, mesmo quando ele já não respirava».

Assim morreu este grande navegador, seguramente o mais ilustre dos que tem produzido a Inglaterra. A audácia dos seus planos, a perseverança em os executar, a extensão dos seus conhecimentos, fizeram dele o marinheiro das descobertas.

Que serviços ele prestou à geografia! Na sua primeira viagem marcou as ilhas da Sociedade, provou que a Nova Zelândia era formada por duas ilhas, percorreu o estreito que as separa e reconheceu-lhes o litoral; enfim, visitou toda a costa oriental da Nova Holanda.

Na sua segunda viagem, desterrara para o país das quimeras esse famoso continente austral, sonho dos geógrafos caseiros; descobriu a Nova Caledónia, a Geórgia Austral, a Terra de

Sanduíche, e penetrou no hemisfério meridional até aonde ainda ninguém se atrevera a ir antes dele.

Na sua terceira expedição descobriu o arquipélago de Havai, levantou a planta da costa ocidental da América desde o 43.º grau, isto é, numa extensão de mais de 3500 milhas. Transpôs o estreito de Beringue e aventurou-se a esse oceano Boreal, terror dos navegantes, até que os gelos lhe opuseram uma barreira invencível.

Os seus talentos de marinheiro não precisam de ser enaltecidos; os seus trabalhos hidrográficos ainda servem; mas o que devemos sobretudo apreciar são os cuidados de que soube rodear as suas tripulações e que lhe permitiram levar ao fim essas rudes e longas campanhas com perdas insignificantes.

Depois desse dia fatal, os ingleses, consternados, levantaram as barracas e foram para bordo. Debalde fizeram tentativas e ofertas para possuir o corpo do seu infeliz comandante. Encolerizados, iam recorrer às armas quando dois padres, amigos do tenente King, trouxeram, sem outros chefes saberem, um pedaço de carne humana, que pesava nove a dez libras. Era o que restava — disseram eles — do corpo de Rono, que fora queimado, segundo o costume.

O verem isso não fez senão tomar mais ardente a sede da vingança. Pelo seu lado, os insulares tinham de vingar a morte de cinco chefes e de uns vinte dos seus. Por isso, cada vez que os ingleses iam a terra para fazer aguada, encontravam uma multidão furiosa, armada de pedras e de cacetes. Para dar um exemplo, o capitão Clerke, que tomara o comando da expedição, teve de lançar fogo à aldeia dos padres e matar todos os que se opuseram a essa execução.

Afinal chegaram à fala, e, a 19 de fevereiro, os restos de Cook, as suas mãos, reconhecidas por uma grande cicatriz, a sua cabeça despojada de carne e mais alguns pedaços, foram entregues aos ingleses, que, três dias depois, prestaram a esses restos preciosos as últimas honras. Desde então, as trocas recomeçaram como se nada tivesse havido, e nenhum incidente marcou o fim da arribada às ilhas Sanduíche.

O capitão Clerke entregara o comando da *Discovery* ao tenente Gore e arvorara o seu pavilhão a bordo da *Resolução*. Depois de ter acabado o reconhecimento das ilhas Havai, fez-se de vela para o norte, tocou em Kamtchatka, onde os russos lhe fizeram bom acolhimento, transpôs o estreito de Beringue, e avançou até 69° 50' de latitude norte, ponto em que os gelos lhe impediram o caminho.

A 22 de agosto de 1779, o capitão Clerke morreu com uma tísica pulmonar, na idade de trinta e oito anos. O capitão Gore tomou então o comando-chefe, arribou novamente ao Kamtchatka, depois a Cantão e ao cabo da Boa Esperança, e fundeou no Tamisa, no dia 1 de outubro de 1780, depois de mais de quatro anos de ausência.

A morte do capitão Cook foi um luto geral para a Inglaterra. A Sociedade Real de Londres, que o contava como membro, mandou cunhar em sua honra uma medalha, à custa de uma subscrição pública, para a qual concorreram as mais altas personagens.

O Almirantado apresentou logo uma memória ao rei, pedindo-lhe que olhasse pela família do capitão. O rei concedeu 5000 francos de pensão e 600 francos a cada um dos três filhos de Cook. Os mapas e os desenhos relativos à última viagem foram gravados à custa do Governo, e o preço da venda foi partilhado entre a família de Cook, os herdeiros do capitão Clerke e do capitão King. Enfim, a

3 de setembro de 1785, foi dado o título de nobreza aos filhos de Cook.

Se o nome desse grande navegador está extinto hoje, a sua memória permanece viva, como se pôde convencer o público pela sessão solene da Sociedade Francesa de Geografia de 14 de fevereiro de 1879.

Uma numerosa assembleia se reunira para celebrar o centenário da morte de Cook.

Viam-se ali muitos representantes de colônias australianas, hoje tão florescentes, e desse arquipélago onde ele achara a morte. Uma grande quantidade de relíquias do grande navegador, os seus mapas, as magníficas aguarelas de Weber, instrumentos e armas dos insulares da Oceânia, ornavam a elegante sala.

Essa tocante homenagem, depois de cem anos, prestada por um povo cujo rei recomendara que não se inquietasse a missão científica e civilizadora de Cook, era bem própria para encontrar eco na Inglaterra e para estreitar os laços de amizade que ligam a França ao Reino Unido.

Capítulo 6 — Os Navegadores Franceses

I

Fizera-se uma descoberta na primeira metade do século XVIII que devia exercer feliz influência nos progressos da geografia. Um capitão de mar e guerra da Companhia das Índias, João Batista Carlos Bouvet de Lozier, impressionado por esse vácuo imenso em torno do pólo austral, a que os geógrafos chamavam «Terra Austrália incógnita», solicitou a honra de descobrir essas terras desconhecidas. As suas instâncias foram por muito tempo sem resultado, mas finalmente, em 1738, a Companhia cedeu, na esperança de abrir um novo empório ao seu comércio.

Duas pequenas fragatas, a *Águia* e a *Maria*, convenientemente equipadas, partiram de Brest a 19 de julho de 1738, debaixo do comando de Bouvet de Lozier. Demoraram-se durante mais de um mês na ilha de Santa Catarina, na costa do Brasil, fizeram-se ao mar a 13 de novembro, e deram à vela para sueste.

Logo no dia 26, as duas fragatas encontraram tão espesso nevoeiro que lhes era necessário disparar as peças para continuarem a marchar de conserva, pois foram muitas vezes obrigadas a mudar de rumo e a cada instante se receava um abalroamento. A 5 de dezembro, apesar de isso parecer impossível, adensou-se ainda mais o nevoeiro, de forma que da *Águia* ouvia-se a *Maria* manobrar, sem se poder distinguir. O mar estava coberto de limos e não tardaram a ver-se uns pássaros que nunca se afastam muito da terra.

«A 15 de dezembro — diz o Sr. Fabre no seu estudo sobre Bouvet —, estando a 48° 50' de latitude sul (a latitude de Paris ao norte) e a 7° de longitude este (meridiano de Tenerife), viu-se, das

cinco para as seis horas da manhã, um enorme bloco de gelo; depois muitos outros, rodeados de grande número de pedaços de gelo de diferentes grossuras. A fragata *Maria* fez sinal de estar em perigo e mudou de rumo. Bouvet, vivamente contrariado com esta manobra, que podia diminuir a confiança das equipagens, fez força de vela com a *Águia* e, passando ao longo da *Maria*, fez conhecer a sua intenção de continuar o seu caminho para o sul. Para sossegar os espíritos, disse que o encontro dos gelos devia ser considerado como um feliz presságio, pois que eram indício certo de terra».

Continuou-se a caminhar para o sul, e a perseverança de Bouvet foi logo recompensada com a descoberta de uma terra, a que deu o nome de cabo da Circuncisão. Era muito alta, coberta de neve, e apertada por grossos gelos, que a defendiam sete ou oito léguas ao redor. Parecia ter quatro ou cinco léguas de norte a sul.

«Calculou-se que esta terra — diz Mr. Fabre, pelas cartas de Piétergos de que se servia Bouvet — estaria a 54° de latitude sul e a 26° e 27' de longitude este do meridiano de Tenerife, ou entre 5° 30' e 6° 30' este do meridiano de Paris».

Bouvet desejava bem reconhecer esta terra de mais perto e desembarcar ali, mas as brumas e os ventos ponteiros não o deixaram aproximar-se e teve de limitar-se a observá-la a distância.

«A 3 de janeiro de 1739 — diz Bouvet no seu relatório à Companhia — ganhou-se o que se perdera nos dias precedentes, e pelas quatro horas da tarde, estando o tempo menos coberto, viu-se a terra distintamente; a costa, escarpada em toda a sua extensão, formava muitas reentrâncias; o alto das montanhas estava coberto de neve, as encostas pareciam arborizadas».

Depois de muitas tentativas infrutíferas para se aproximar da terra, Bouvet teve de ceder. Os seus marinheiros estavam exaustos de fadiga, desanimados, prostrados pelo escorbuto. Expediu-se a *Maria* para a ilha de França e a *Águia* dirigiu-se para o cabo da Boa Esperança, aonde chegou a 28 de fevereiro.

«Andámos — diz Bouvet no seu relatório já citado — mil e duzentas léguas num mar desconhecido. Tivemos durante setenta dias um nevoeiro quase continuado, estivemos quarenta dias nos gelos, apanhámos ali saraivada e neve quase todos os dias. Muitas vezes se cobriram de neve e de pedra as cobertas e as enxárcias. Gelaram os ovéns e os cabos. A 10 de janeiro não pudemos arriar um cesto da gávea. O frio era excessivo para gente que vinha dos países quentes e que estava mal vestida. Muitos tinham frieiras nos pés e nas mãos. E, contudo, era necessário manobrar continuamente, atravessar, aparelhar e sondar ao menos uma vez por dia. Um marinheiro da *Águia*, depois de atirar para baixo a verga de um cesto da gávea, caiu gelado na gávea da mezena. Foi necessário puxá-lo para a tolda com um cabo e custou a aquecê-lo. Vi outros, a quem as lágrimas caíam, largar a linha de prumo. Pois estávamos na boa estação, e eu tinha todo o cuidado em atenuar o mais possível o seu trabalho».

Obtido este insignificante resultado, facilmente se percebe que a Companhia das Índias não renovasse as suas tentativas nestas paragens. Se não podiam dar o mínimo lucro, eram suscetíveis de custar muito pela perda de navios e de homens. Mas a descoberta de Bouvet era o primeiro golpe vibrado a essa crença na existência de um continente austral. Estava dado o exemplo, e muitos navegadores, entre os quais outros dois franceses, lhe iam seguir as

pisadas. Dizendo algumas palavras dessa expedição pouco conhecida, o que quisemos foi prestar homenagem àquele dos nossos compatriotas que foi quem abriu caminho às navegações austrais e que teve a glória de servir de exemplo ao grande explorador inglês, a James Cook.

Outro capitão da Companhia das Índias, que se ilustrara em muitos combates contra os ingleses, João Francisco Maria de Surville, devia fazer, trinta anos depois, descobertas importantes na Oceânia, e tomar a encontrar, quase ao mesmo tempo que Cook, a terra outrora descoberta por Tasman e chamada por ele Terra dos Estados. Vamos dizer em que circunstâncias.

Os Srs. Law e Chevalier, administradores na Índia Francesa, tinham resolvido armar à sua custa um navio para comerciar nos mares australianos. Associaram Surville aos seus projetos e mandaram-no para França, a fim de obter da Companhia as autorizações necessárias e proceder ao armamento do navio. O *S. João Batista* foi equipado em Nantes e recebeu três anos de víveres com tudo o que era indispensável para uma expedição tão remota. Depois Surville chegou à Índia, onde Law lhe deu vinte e quatro soldados indígenas. Partindo da baía de Angely a 3 de março de 1769, o *S. João Batista* foi sucessivamente a Masulipatão, a Yanaon e a Pondichéry, onde recebeu o complemento da sua carga.

Foi a 2 de junho que Surville deixou esta última cidade e se dirigiu para as Filipinas. Fundeou, a 20 de agosto, nas ilhas Bashees ou Baschy. Dampier dera-lhe esse nome, que é o de uma bebida inebriante, que os insulares compunham com sumo de cana-de-açúcar, em que se punha de infusão por muitos dias uma certa semente preta.

Alguns marinheiros de Dampier haviam outrora desertado para estas ilhas; tinham ali recebido dos indígenas uma mulher, um campo e instrumentos aratórios. Esta lembrança resolveu três marinheiros do *S. João Batista* a seguir o seu exemplo. Mas Surville não era homem que assim deixasse esfarelar a sua equipagem. Mandou por conseguinte agarrar vinte e seis índios, que tencionava conservar em reféns até que lhe trouxessem os seus homens.

«Entre esses índios, que estavam assim amarrados — diz Crozet na relação que publicou da viagem de Surville —, houve muitos que tiveram a coragem de se deitar ao mar, e, com grande espanto da tripulação, tiveram o valor e a habilidade de nadar até uma das suas pirogas, que estava a tamanha distância do navio que ali não havia nada a temer».

Explicou-se aos selvagens que se não procedera dessa forma com eles senão para resolver os seus camaradas a trazer os três desertores. Fizeram sinal então de que percebiam, e todos foram soltos, com exceção de seis, que tinham sido tomados em terra. A sua pressa em deixar o navio e em se atirar para as suas pirogas não tornava a sua volta muito provável. Por isso ficaram todos muito surpreendidos de os ver voltar pouco tempo depois com exclamações de alegria. Não era possível haver dúvidas, não podiam ser senão os desertores que eles traziam ao comandante. Efetivamente, subiram a bordo e depuseram, bem ligados, presos e amarrados, três soberbos porcos.

Surville achou o gracejo detestável, se era gracejo, e repeliu os indígenas com um modo tão irritado que eles atiraram-se para as suas pirogas e desapareceram. Vinte e quatro horas depois, o *S.*

João Batista deixava as Bashees e levava três dos índios capturados para substituir os desertores.

A 7 de outubro, depois de larguíssima navegação para sueste, viu-se uma terra a 6° 50' de latitude meridional e a 151° 30' de longitude a leste do meridiano de Paris, a que foi dado o nome de ilha de Primeira Vista.

«Costeou-se até 13 de outubro, dia em que se descobriu um excelente porto, abrigado de todos os ventos, formado por uma infinidade de pequenas ilhas. Surville fundeou aí e chamou-lhe porto Praslin; está situado a 7° 25' de latitude sul e a 151° 55' de longitude calculada a leste do meridiano de Paris.

Entrando neste porto os franceses viram alguns índios, armados de lanças, que levavam às costas uma espécie de escudos. Em breve o *S. João Batista* foi rodeado de pirogas, tripuladas por uma multidão de índios, muito pródigos em demonstrações hostis. Conseguiu-se contudo apaziguá-los. Uns trinta dos mais audaciosos treparam a bordo e examinaram com a maior atenção tudo o que tinham diante dos olhos. Em breve foi necessário conter os outros, porque, tendo a tripulação muitos doentes, importava não deixar muitos indígenas invadir o navio.

Todavia, apesar do bom acolhimento que recebiam, os selvagens não pareciam tranquilizados e os seus modos indicavam uma excessiva desconfiança. Ao mais leve movimento que se fazia no navio, saltavam para as suas pirogas ou atiravam-se ao mar. Um deles parecia contudo mostrar mais alguma confiança. Surville fez-lhe alguns presentes e o índio correspondeu a esta polidez dizendo que havia no fundo do porto um sítio onde se podia fazer aguada.

O comandante deu ordem para se armarem as embarcações e entregou o comando ao imediato, chamado Labbé.

«Os selvagens pareciam impacientes de ver os escaleres largar o navio — diz Fleurieu nas suas *Descobertas dos Franceses* —, e apenas eles se desamarraram foram logo seguidos por todas as pirogas. Uma das embarcações parecia servir de guia às outras; era ela tripulada pelo índio que fizera a Surville ofertas de serviços. Na popa do barco um figurão de pé, tendo na mão pacotes de ervas, levantava-os à altura da cabeça e fazia diversos gestos em cadência. No meio da mesma piroga, um moço, em pé também e encostado a uma longa lança, conservava o porte mais grave. Tinham flores vermelhas metidas nas orelhas e no nariz, e os seus cabelos estavam polvilhados de sal».

Contudo, certas idas e voltas despertaram as suspeitas dos franceses, que foram levados a uma espécie de beco, onde os naturais afirmaram que se encontraria água doce. Labbé, apesar dos convites instantes dos indígenas, não quis meter as suas embarcações, com dois ou três pés de água, num fundo de vasa.

Limitou-se portanto a desembarcar um cabo e quatro soldados. Estes voltaram logo, declarando que não tinham visto por toda a parte senão pântanos, em que se enterrava uma pessoa até à cintura. Evidentemente os selvagens haviam meditado uma traição. Labbé teve toda a cautela em lhes não mostrar que adivinhara os seus desígnios e pediu-lhes que indicassem uma fonte.

Os indígenas conduziram então as embarcações a um sítio afastado três léguas e de onde era impossível ver o navio. O cabo foi de novo destacado com alguns homens, mas só encontrou uma fonte muito pobre, apenas suficiente para o dessedentar a ele e aos

seus companheiros. Durante a sua ausência os naturais tinham empregado todos os meios para resolver Labbé a desembarcar, mostrando-lhe a abundância de cocos e de outros frutos, procurando mesmo lançar mão dos remos da chalupa.

«Mais de duzentos e cinquenta insulares — diz a relação —, armados com lanças de sete e oito pés de comprido, de espadas ou de clavas de pau, de frechas e de pedras, alguns com escudos, estavam reunidos na praia e observavam os movimentos dos brancos. Quando os cinco homens, que tinham formado o destacamento, puseram pé a bordo para reembarcar, os selvagens caíram sobre eles e feriram um soldado com uma bordoadá, o cabo com uma lançada e mais outras pessoas de diferentes modos».

O Sr. Labbé recebeu também duas frechas nas coxas e uma pedra na perna. Fez-se fogo sobre os traidores. Uma primeira descarga atordoou-os a ponto que ficaram como que imóveis; foi muitíssimo mortífera, porque, estando reunidos em pelotão, apenas a uma ou duas toesas do navio, todas as balas acertaram. O seu assombro deu tempo para se fazer segunda descarga, que os pôs em fuga, mas pareceu que a morte do seu chefe contribuiu muito para precipitar a retirada. O Sr. Labbé, tendo-o distinguido separado dos combatentes, levantando as mãos ao céu, batendo no peito e animando-os com a voz, fez-lhe pontaria e matou-o com um tiro. Arrastaram ou levaram às costas todos os seus feridos e deixaram trinta ou quarenta mortos no campo de batalha. Então os franceses desembarcaram, juntaram as armas que encontraram espalhadas, destruíram as pirogas dos indígenas, e limitaram-se a levar uma a reboque.

Entretanto, Surville desejava ardentemente capturar algum indígena que pudesse servir-lhe de guia e que, percebendo a superioridade das armas europeias, aconselhasse os seus compatriotas a nada empreenderem contra os franceses. Com esse fim, imaginou um expediente singular. Por sua ordem, embarcaram-se na piroga, de que se tinham apoderado, dois marinheiros pretos, a quem haviam empoadado a cabeça e que se tinham disfarçado de forma tal que os naturais deviam enganar-se.

Com efeito, uma piroga em breve se aproximou do *S. João Batista*, e os que a tripulavam, vendo dois dos seus a parecer que faziam algumas trocas com os estrangeiros, avançaram mais. Quando os franceses julgaram que estava a boa distância, lançaram duas embarcações em sua perseguição. Os naturais ganhavam terreno; os franceses então decidiram-se a fazer fogo para os obrigar a parar. Efetivamente, um dos indígenas, ao cair morto, fez virar a embarcação, e o segundo, que não tinha mais de catorze a quinze anos, tentou alcançar a costa a nado.

«Defendeu-se com a maior bravura, fingindo às vezes morder-se, mas mordendo realmente aqueles que o seguravam. Amarraram-se-lhe os pés e as mãos e conduziram-no ao navio, onde ele se fingiu morto durante uma hora; mas quando o obrigaram a sentar-se e que ele se deixava cair, tinha sempre todo o cuidado em que os ombros batessem na tábua primeiro que a cabeça. Quando se cansou de representar esse papel, abriu os olhos e, vendo que a tripulação estava a comer, pediu biscoito, comeu com muito apetite e fez diversos sinais bastante expressivos. Houve todo o cuidado em o amarrar e em o vigiar de perto, para o impedir de se atirar ao mar».

Durante a noite, foi necessário empregar a mosquetaria para afastar as embarcações que se aproximavam com intenção de surpreender o navio. No dia seguinte, embarcou-se o indígena e levou-se a uma ilhota, que depois se chamou ilha da Aguada.

Apenas ele desembarcou, viu-se que cortara quase inteiramente as cordas com uma concha.

Fez-se voltar o jovem selvagem por outro caminho à beira-mar. Quando viu que o queriam tornar a embarcar, rebolou-se na praia, soltando verdadeiros uivos, e na sua fúria chegava a morder a areia.

Os marinheiros conseguiram enfim descobrir uma fonte bastante abundante e puderam cortar lenha. Uma das árvores que se cortou pareceu-lhes que era própria para a tintura, porque tingia de vermelho a água do mar. Fez-se cozer a cortiça, e as peças de algodão que se molharam nessa decocção tomaram uma cor vermelha muito pronunciada.

Algumas palmeiras, excelentes ostras e várias conchas forneceram a tripulação de magníficos refrescos. O *S. João Batista* contava, efetivamente, muitos escorbúticos. Surville esperara que esta arribada os restabelecesse; mas a chuva, que não cessou de cair durante seis dias, piorou de tal modo a sua doença, que três deles morreram ainda antes de se ter deixado o ancoradouro.

Este porto recebeu o nome de porto Praslin, e a grande ilha ou arquipélago a que pertence, o de terra dos Arsácidas, por causa da duplicidade dos seus habitantes.

«O porto Praslin — diz Fleurieu — seria um dos melhores portos do universo se a qualidade do fundo não se opusesse a que fosse um bom porto. É de forma quase circular, se nele se compreenderem todas as ilhas que se descobriram do ponto onde o

S. *João Batista* estava fundeado. A ferocidade dos povos que habitam as ilhas do porto Praslin não permitiu penetrar no interior do país, e não se puderam examinar senão as partes próximas do mar. Não se descobriu nenhum terreno cultivado, nem numa digressão que os barcos fizeram até ao fundo do porto, nem na ilha da Aguada, que se visitou em todos os sentidos».

Tais são as informações, bastante superficiais, que Surville pôde obter por si mesmo, ou pelos seus homens. Foram felizmente completadas pelas que deu o indígena capturado, cujo nome era Lova-Salega, e que era dotado de uma maravilhosa faculdade de aprender as línguas.

As produções da ilha eram, no dizer deste último, a palmeira, o coqueiro, muitas outras árvores de amêndoas, o cafezeiro silvestre, a árvore do ébano, a tacamaca, assim como diversas árvores resinosas ou gomosas, a bananeira, a cana-de-açúcar, o inhame, o anis, enfim uma planta chamada *binao*, de que os indígenas se serviam como se fosse pão. Os bosques eram animados por bandos de catatuas, de pombos, de melros um pouco maiores que os da Europa. Nos pauis achavam-se diferentes aves aquáticas, e entre elas os patos. Em quadrúpedes, só sustentava o país cabras e porcos meio bravos.

«Os habitantes do porto Praslin — diz Fleurieu, seguindo os diários manuscritos que teve na mão — são de uma estatura vulgar, mas são fortes e nervosos. Não parecem ter a mesma origem (observação preciosa); uns são perfeitamente pretos, outros têm a tez acobreada; os primeiros têm os cabelos encarapinhados e macios. A sua testa é pequena, os olhos são medianamente encovados, o queixo inferior é pontiagudo e tem alguma barba, a

sua fisionomia tem um cunho de ferocidade; alguns dos acobreados têm os cabelos lisos; em geral cortam-nos à roda da cabeça, na altura das orelhas. Alguns não os conservam senão no alto da cabeça; rapam o resto com uma pedra cortante e reservam apenas em baixo um círculo da largura de um dedo polegar. Os cabelos e as sobrancelhas são empoados com cal, o que lhes dá a aparência de estarem tintos de amarelo.

Os homens e as mulheres andam absolutamente nus; mas deve-se confessar que a impressão causada por esta nudez não é tão repugnante como se se visse um europeu sem fato, porque o rosto, os braços e geralmente todas as partes do corpo destes indígenas são sarapintados, e alguns desses desenhos até anunciam um gosto extremamente singular. As suas orelhas são furadas, da mesma forma que a divisão das ventas, e a cartilagem, com o peso dos objetos que ali se penduram, cai muitas vezes até ao lábio superior.

O ornato mais comum que usam os habitantes do porto Praslin é um rosário de dentes de homens. Logo daí se concluíra que eram antropófagos, apesar de se ter encontrado a mesma moda em populações que não eram de canibais; mas as respostas embrulhadas de Lova e a cabeça de homem meio grelhada que Bougainville encontrou numa piroga da ilha Choiseul, não deixam a mínima dúvida sobre a existência desta prática bárbara».

Foi no dia 21 de outubro, quer dizer, depois de nove dias de arribada, que o S. *João Batista* deixou o porto Praslin. No dia seguinte e no imediato, não deixaram de estar à vista de terras altas e montanhosas. No dia 2 de novembro, Surville descortinou uma

ilha, que recebeu o nome de ilha das Contrariedades, por causa dos ventos que se opuseram, durante três dias, à marcha do navio.

Esta ilha apresentava uma paisagem deliciosa. Estava bem cultivada e devia ser muito povoada, a avaliar pelo número de pirogas que não deixavam de rodear o *S. João Batista*.

Os indígenas só a custo se decidiram a subir a bordo. Enfim, um chefe trepou à tolda. O seu primeiro cuidado foi apoderar-se da roupa de um marinheiro, e só com dificuldade se conseguiu que a restituísse. Dirigiu-se depois para a popa e arriou o pavilhão branco, de que se queria apropriar. Só a muito custo se conseguiu impedi-lo de o fazer. Por fim trepou até à gávea da gata, contemplou desse lugar elevado todas as partes do navio, e, depois de descer, começou aos pulos; e dirigindo-se aos seus companheiros, que tinham ficado nas canoas, convidou-os com as suas palavras e com gestos, pelo menos muito singulares, a trepar a bordo.

Uma dúzia deles arriscaram-se. Pareciam-se com os indígenas do porto Praslin, mas falavam outra língua e não podiam fazer-se entender por Lova-Salega. A sua estada a bordo não foi de longa duração, porque, havendo-se um deles apoderado de um frasco e tendo-o deitado ao mar, o comandante mostrou com isso algum descontentamento, o que os resolveu logo a voltar para as suas pirogas.

O aspeto da terra era tão risonho e os escorbúticos tinham tal necessidade de refrescos, que Surville resolveu expedir uma chalupa, a fim de apalpar as disposições dos habitantes.

Apenas a embarcação saiu de bordo, foi logo rodeada de pirogas tripuladas por uma multidão de guerreiros. Foi necessário prevenir as hostilidades iminentes disparando alguns tiros de

espingarda, que dispersaram os assaltantes. De noite, uma flotilha dirigiu-se para o *S. João Batista*, e, com uma ideia humanitária, Surville não esperou que os naturais estivessem muito ao pé para mandar disparar algumas peças carregadas de metralha, o que os pôs logo em fuga.

Não se podia pensar em desembarcar, e Surville fez-se de novo ao mar. Descobriu sucessivamente as ilhas das Três Irmãs, do Golfo e as do Livramento, as últimas do grupo.

Este arquipélago, que Surville acabava de reconhecer, era o das ilhas de Salomão, cuja primeira descoberta por Mendana já contámos. O hábil navegador acabava de subir cento e quarenta léguas de costas, cuja carta levantara, e, além disso, desenhara uma série de catorze vistas muito curiosas desse litoral.

Contudo, mesmo a todo o custo, se não quisesse ver a morte dizimar a sua tripulação, tinha Surville de chegar a uma terra onde pudesse desembarcar os seus doentes e arranjar-lhes víveres frescos.

Resolveu-se portanto a ir para a Nova Zelândia, que não fora visitada desde Tasman.

Foi no dia 12 de dezembro de 1769 que Surville lhe descortinou as costas por 35° 37' de latitude austral, e cinco dias depois lançava ferro numa baía a que chamou baía Lauriston. No fundo havia uma enseada, que recebeu o nome de Chevalier, em honra dos promotores da expedição. É bom observar que o capitão Cook andava a reconhecer essa terra desde o começo de outubro e que devia passar alguns dias depois por diante da baía Lauriston, sem dar pelo navio francês.

No ancoradouro da angra Chevalier, Surville foi surpreendido por uma horrorosa tempestade, que o pôs a dois dedos da perda; mas a sua habilidade náutica era tão bem conhecida pelos seus marinheiros, que se não perturbaram nem um instante e executaram as manobras ordenadas pelo seu capitão com um sangue-frio de que só os Zelandeses, infelizmente, foram testemunhas.

Efetivamente, ainda a chalupa que levava os doentes a terra não tivera tempo de voltar para bordo, quando a tempestade rebentou com toda a fúria e a chalupa foi atirada para uma enseada, que recebeu o nome de enseada do Refúgio. Os marinheiros e os doentes receberam um acolhimento afetuoso da parte de um chefe chamado Naginouï, que os recebeu na sua choupana e lhes prodigalizou todos os refrescos que pôde alcançar durante a sua estada.

Um dos escaleres, que ia a reboque na esteira do *S. João Batista*, fora levado pelas vagas. Surville viu-o encalhado na enseada do Refúgio. Mandou-o buscar, mas só se encontrou a amarra; os naturais tinham-no levado. Foi debalde que se subiu o rio: não havia o mínimo vestígio da embarcação. Surville não quis deixar este roubo impune: fez sinal a alguns índios, que estavam ao pé das suas pirogas, para que fossem ter com ele. Um deles aproximou-se; foi agarrado logo e levado para bordo. Os outros fugiram.

«Apoderaram-se de uma piroga — diz Crozet —, queimaram-se as outras, deitou-se fogo às choupanas e voltou-se para o navio. O índio preso foi reconhecido pelo cirurgião por ser o chefe que tão generosamente os socorrera durante a procela; era o infeliz Naginouï, que, depois dos serviços que prestara, devia estar muito

longe de esperar o tratamento que lhe preparavam quando correu ao primeiro sinal de Surville».

Morreu no dia 24 de março de 1770, diante da ilha de João Fernandes.

Passaremos em silêncio as observações que o navegador francês fez acerca dos habitantes e das produções da Nova Zelândia, porque não faríamos senão repetir as de Cook.

Surville, convencido de que não poderia alcançar os víveres de que precisava, fez-se de novo ao mar alguns dias depois e fez caminho por 27° a 28° de latitude sul; mas o escorbuto, que fazia todos os dias novas devastações, resolveu-o a alcançar o mais depressa possível a costa do Peru. Encontrou-a a 5 de abril de 1770, e três dias depois fundeava diante da barra de Chilca, à entrada de Callao.

Na pressa com que estava de desembarcar para obter socorros para os seus doentes, Surville não quis confiar a ninguém o cuidado de ir ver o governador. Infelizmente, a sua embarcação foi virada pelas vagas, que quebravam na barra, e apenas um só dos marinheiros que a tripulavam se salvou. Surville e todos os outros afogaram-se.

Assim morreu miseravelmente esse hábil navegador, cedo de mais para os serviços que podia prestar à ciência e à sua pátria. Quanto ao *S. João Batista*, esteve retido «três anos» diante de Lima, pelas delongas intermináveis das alfândegas espanholas. Foi Labbé que tomou o comando do navio e o trouxe para Lorient, a 23 de agosto de 1773.

Como contámos precedentemente, Bougainville levara para a Europa um taitiano que se chamava Aoutourou. Quando esse

indígena manifestou o desejo de tornar a ver a sua pátria, o Governo francês mandou-o para a ilha de França, com ordem aos administradores dessa colônia de lhe facilitar o regresso para Taiti.

Um oficial da marinha militar, Marion-Dufresne, aproveitou logo este ensejo, e veio propor a Poivre, intendente das ilhas de França e de Borbom, transportar, à sua custa e num navio que lhe pertencesse, o jovem Aoutourou para Taiti. Só pedia que lhe agregassem um navio do Estado e que lhe adiantassem algum dinheiro para o ajudar nos preparativos da expedição.

Nicolau Tomás Marion-Dufresne, nascido em Saint-Malo a 22 de dezembro de 1729, entrara muito novo na marinha. Nomeado a 16 de outubro de 1746 tenente-de-fragata, não era ainda nessa época senão capitão de brulote. Servira contudo por toda a parte com distinção, mas em parte nenhuma tinha prestado serviços com mais felicidade do que nos mares da Índia.

A missão que se oferecia para desempenhar não era para ele senão o pretexto de uma viagem de descobertas que queria fazer nos mares oceânicos. Esses projetos foram aprovados por Poivre, administrador inteligente e amigo do progresso, que lhe deu instruções minuciosas sobre as investigações que ia tentar no hemisfério meridional. Nessa época ainda Cook não demonstrara a não existência do continente austral.

Poivre desejava vivamente descobrir a parte setentrional dessas terras, que julgava próximas das nossas colônias, e onde esperava encontrar um clima mais temperado. Contava igualmente encontrar madeiras para mastreação e a maior parte dos recursos e dos abastecimentos que era obrigado a mandar vir, com grande despesa, da metrópole; enfim, talvez ali existisse um porto seguro,

onde os navios estivessem ao abrigo dos furacões que devastam quase periodicamente as ilhas de França e de Borbom. Demais, a corte acabava de enviar um primeiro-tenente, o Sr. Kerguelen, para fazer descobertas nesses mares desconhecidos. A expedição de Marion, que ia tentar um novo caminho, não podia deixar de concorrer seriamente para a solução do problema.

Foi a 18 de outubro de 1771 que o *Mascarin*, comandado por Marion, e o *Marquês de Castries*, debaixo das ordens do cavaleiro Du Clesmeur, guarda-marinha, deram à vela. Arribaram primeiro a Borbom. Ali receberam a bordo Aoutourou, que, desgraçadamente, levava consigo o gérmen das bexigas, que contraíra na ilha de França. A doença declarou-se e foi necessário sair de Borbom para não a comunicar aos habitantes. Os dois navios partiram então para o forte Delfim, na costa de Madagáscar, a fim de dar à doença tempo para produzir o seu efeito antes de chegar ao Cabo, onde tinham de completar os abastecimentos. O jovem Aoutourou não tardou a sucumbir.

Nessas condições devia-se voltar para a ilha de França, desarmar os navios e abandonar a viagem? Marion não pensou assim. Ficando com mais liberdade de movimentos, resolveu ilustrar-se por alguma viagem nova e fez entrar no espírito dos seus companheiros o entusiasmo que o animava.

Dirigiu-se portanto ao cabo da Boa Esperança, onde completou em poucos dias os víveres necessários para uma viagem de dezoito meses. Dirigiu-se logo o rumo para o sul, para as terras descobertas em 1739 por Bouvet de Lozier, e que tinham de se procurar a leste do meridiano de Madagáscar.

Desde 28 de dezembro de 1771, dia em que os navios tinham deixado o Cabo, até 11 de janeiro de 1772, a navegação nada teve de notável. Reconheceu-se então, pela observação da latitude, 20° 43' a leste do meridiano de Paris, que se estava no paralelo (40 a 41 graus, sul) das ilhas designadas no mapa de Van Keulen pelo nome de Dina e Marvezen, e que não vinham marcadas nas cartas francesas.

Apesar do grande número dos pássaros terrestres fazer conjecturar a Marion que não estava muito longe dessas ilhas, deixou essas paragens a 9 de janeiro, persuadido de que a procura do continente austral devia exclusivamente fixar a sua atenção.

A 11 de janeiro, estava-se a 45° 43' de latitude sul, e, apesar de se estar então no estio dessas regiões, o frio era vivíssimo e a neve não cessava de cair. Dois dias depois, no meio de um nevoeiro densíssimo, a que sucedera a chuva, Marion descobriu uma terra que se estendia de oés-sudoeste a oés-noroeste, a quatro para cinco léguas de distância. A sonda indicou oitenta braças com um fundo de areia grossa, misturada com coral. Esta terra foi costeada até se ver para trás dos navios, quer dizer, num percurso de seis a sete léguas. Parecia elevadíssima e coberta de montanhas. Recebeu o nome de Terra da Esperança. Isso mostrava quanto Marion esperava chegar ao continente austral. Esta ilha tinha de ser designada, quatro anos depois, por Cook, pelo nome de Príncipe Eduardo.

Ficava outra terra ao norte da primeira.

«Observei — diz Crozet, redator da viagem de Marion —, correndo ao longo dessa ilha, que na sua parte do N.-E. havia uma enseada, diante da qual se abria uma grande caverna. Em torno desse antro via-se uma profusão de grandes nódoas brancas, que de

longe pareciam um rebanho de carneiros. Era provável que, se o tempo o houvesse permitido, tivéssemos encontrado um ancoradouro nessa enseada. Julguei ver ali uma cascata que caía das montanhas. Depois de dobrarmos a ilha, descobrimos três ilhotas destacadas: duas estavam dentro de uma grande reentrância, que forma a costa, e a terceira terminava a sua ponta setentrional. Esta ilha pareceu-nos árida, de perto de sete a oito léguas de circunferência, sem verdura, a sua costa bastante salubre e sem perigo. O Sr. Marion deu-lhe o nome de ilha da Caverna».

Estas duas terras austrais estão situadas na latitude de 45° 45' sul e 34° 31' leste do meridiano de Paris, meio grau a leste do caminho seguido por Bouvet. No dia seguinte, a Terra da Esperança foi reconhecida a seis léguas da praia e pareceu muito verdejante. O cume das montanhas era muito elevado e coberto de neve. Os navegadores preparavam-se para procurar um ancoradouro quando os dois navios abalroaram, durante as operações da sondagem, e fizeram mútuas avarias. Os consertos demoraram três dias. O tempo, que fora favorável, enfarruscou-se, tornou-se violento. Foi necessário continuar o caminho seguindo o quadragésimo sexto paralelo.

No dia 24 de janeiro descobriram-se novas terras.

«Pareceu-nos primeiro que formavam duas ilhas — diz Crozet —; desenhei-lhes a vista à distância de oito léguas; tomaram-se logo por dois cabos e julgou-se ver ao longe entre ambos uma continuidade de terra. Estão situadas a 42° 5' de latitude sul e na longitude avaliada a leste do meridiano de Paris de 42°. O Sr. Marion chamou-lhes ilhas Frias».

Apesar de se ter andado pouco de noite, foi impossível tornar a ver as ilhas no dia seguinte. O *Castries* fez nesse dia sinal de que avistava terra. Jazia a dez ou doze léguas da primeira; mas um denso nevoeiro, que não durou menos de doze horas, a chuva incessante, o frio vivíssimo e aspérrimo para homens pouco vestidos, impediram-nos de se aproximar a menos de seis ou sete léguas.

No dia seguinte, 25, essa costa foi tornada a ver, assim como uma terra nova, que recebeu o nome de ilha Árida e que é hoje conhecida pelo nome de ilha Crozet. Marion pôde enfim deitar um escaler ao mar e ordenou a Crozet que fosse tomar posse, em nome do rei, da maior das duas ilhas, a que está situada na latitude meridional de 46° 30' e na longitude, avaliada para oriente do meridiano de Paris, de 43°.

«O Sr. Marion deu-lhe o nome de ilha da Posse (é hoje designada pelo nome de ilha Marion). Era a décima sexta ilha que descobríamos nesta parte austral... Logo cheguei a uma elevação, de onde descobri neve em muitos vales; a terra parecia árida, coberta de um pequeno *gramen* finíssimo... Não pude descobrir na ilha nem árvores nem arbustos... Esta ilha, exposta às devastações contínuas dos ventos procelosos de oeste, que reinam todo o ano nestas paragens, não parece habitável. Não encontrei ali senão lobos-marinhos, mergulhões, etc., e toda a espécie de aves aquáticas que os navegadores encontram no mar alto quando passam para diante do cabo da Boa Esperança. Estes animais, que nunca tinham visto homens, não eram ariscos e deixavam-se agarrar à mão. As fêmeas destes pássaros chocavam os seus ovos com tranquilidade, outras alimentavam os seus pequenos; os lobos-

marinhos continuavam os seus saltos e os seus brinquedos na nossa presença, sem parecerem nada assustados».

Marion seguiu depois os graus 46 e 47 de latitude no meio de um nevoeiro tão intenso que era continuamente necessário disparar tiros de peça para se não perderem, não se vendo nada de uma para a outra extremidade da tolda.

A 2 de fevereiro, os dois navios achavam-se a 47° 22' de longitude oriental, quer dizer, a 1° 18' das terras descobertas, a 13 do mesmo mês, pelos navios do rei a *Fortuna* e o *Barrigudo*, sob o comando dos Srs. Kerguélen e Saint-Allouarn. Não se podia duvidar de que, se não fosse o acidente sucedido ao *Castries*, Marion tê-los-ia encontrado.

Quando chegou a 90° a leste do meridiano de Paris, Marion mudou de rumo e fez-se de vela para a Terra de Van-Diemen. Não houve incidente algum durante essa travessia, e os dois navios fundearam na baía de Frederico Henrique.

Os escaleres foram imediatamente deitados ao mar, e um forte destacamento se dirigiu para terra, onde se descobriram uns trinta indígenas, terra que devia ser muito povoada, a avaliar pelo fogo e pelo fumo que se vira.

«Os indígenas — diz Crozet —, mostraram-se sem hesitação, apanharam lenha e fizeram uma espécie de fogueira. Apresentaram em seguida aos desembarcados alguns ramos secos e acesos, e pareceram convidá-los a acender a fogueira. Ignorava-se o que queria dizer esta cerimónia e acendeu-se. Os selvagens não pareceram espantados; ficaram em torno de nós, sem fazer a mais leve demonstração nem de amizade nem de hostilidade. Tinham consigo suas mulheres e seus filhos. Os homens, da mesma forma

que as mulheres, eram de estatura regular, de cor preta, cabelos encarapinhados, e todos igualmente nus, mulheres e homens. Algumas mulheres traziam os filhos às costas, amarrados com cordas de junco. Os homens estavam todos armados de varapaus pontiagudos e de algumas pedras, que nos pareceram cortantes, semelhantes a ferros de machado.

Tentámos ganhar a sua confiança por meio de pequenos presentes; rejeitaram com desprezo tudo o que se lhes apresentou, mesmo o ferro, os espelhos, os lenços e os pedaços de pano. Mostraram-se-lhes galinhas e patos, que se tinham trazido do navio, para lhes fazer compreender que se desejava comprar animais semelhantes que eles tivessem. Pegaram nesses animais, que mostraram não conhecer, e atiraram-nos fora com um modo encolerizado».

Havia já uma hora que se procurava conquistar a confiança desses selvagens, quando Marion e Du Clesmeur desembarcaram. Apresentaram-lhes logo um archote inflamado, e estes também não hesitaram em acender uma fogueira já preparada, na persuasão de que era uma cerimónia pacífica. Enganavam-se, porque os indígenas retiraram-se logo e desfecharam uma nuvem de pedras, que feriram os dois comandantes. Respondeu-se-lhes com alguns tiros de espingarda, e todos voltaram a bordo.

Quando se fez nova tentativa de desembarque, tentativa a que se opuseram os selvagens com grande bravura, não houve remédio senão responder às suas agressões com uma descarga, que feriu muitos e matou um. Os homens desembarcaram logo e perseguiram os indígenas, que nem tentaram resistir.

Dois destacamentos foram depois enviados à descoberta de uma aguada e de árvores próprias para se refazer a mastreação do *Castries*. Passaram-se seis dias nestas pesquisas infrutíferas. Todavia não foram perdidos para a ciência, porque se fizeram um grande número de observações curiosas.

«Pelos montes consideráveis de conchas, que encontrámos de distância a distância — diz Crozet —, imaginámos que o sustento habitual dos selvagens eram mariscos».

Não é singular encontrar na Nova Zelândia esses restos de cozinha tão vulgares nas costas escandinavas, e que já notámos também no istmo de Panamá? O homem não é por toda a parte o mesmo e as mesmas necessidades não lhe inspiram os mesmos atos?

Vendo que era inútil passar mais tempo a procurar água e madeira, a fim de dar nova mastreação ao *Castries* e de calafetar o *Mascarin*, que metia muita água, Marion levantou ferro a 10 de março para a Nova Zelândia, a que chegou catorze dias depois.

Descoberta em 1642 por Tasman, visitada em 1772 por Cook e Surville, essa terra principiava a ser conhecida.

Os dois navios fundearam junto do monte Egmont; mas a costa estava por tal forma áspera que Marion mandou que se fizessem de novo ao mar e voltou a tomar conhecimento da terra a 31 de março, por 36° 30' de latitude. Seguiu então ao longo da costa, e, apesar dos ventos ponteiros, subiu para o norte até às ilhas dos Três Reis. Não havia modo de abordar a essas ilhas. Foi necessário, portanto, voltar à Terra Grande, e lançou-se ferro ao pé do cabo Maria Van-Diemen, que é a extremidade mais setentrional da Nova Zelândia. O ancoradouro era mau, como foi fácil perceber,

e, depois de diversas tentativas, Marion parou, a 11 de maio, na baía das ilhas de Cook.

Armaram-se tendas numa das ilhas onde se encontrou água e madeira, e os doentes ali se estabeleceram, guardados por um forte destacamento. Os indígenas vieram logo a bordo, alguns mesmo dormiram nos navios, e as trocas, facilitadas pelo uso de um vocabulário de Taiti, logo se fizeram em larga escala.

«Notei com espanto — diz Crozet —, entre os selvagens que vieram a bordo dos navios logo no primeiro dia, três espécies de homens: uns, que pareciam os verdadeiros indígenas, são de um branco que deita para amarelo; estes são os mais altos, e a sua estatura ordinária é de cinco pés, nove a dez polegadas, os seus cabelos negros são lisos e chatos; outros mais trigueiros e um pouco mais baixos, com os cabelos um pouco encarapinhados; enfim, verdadeiros negros de carapinha e muito mais baixos do que os outros, mas em geral mais largos de peito. Os primeiros têm pouquíssima barba e os negros têm muita».

Observações curiosas, cuja exatidão tinha de verificar-se.

É inútil alongarmo-nos largamente na notícia dos costumes dos Neozelandeses, das suas aldeias fortificadas, de que Marion dá minuciosa descrição, das suas armas, do seu vestuário e do seu alimento; essas particularidades são já do conhecimento dos nossos leitores.

Os franceses tinham três postos em terra: o dos doentes, na ilha Matuaro; outro na Terra Grande, que servia de depósito e de ponto de comunicação com o terceiro, que era a oficina dos carpinteiros, estabelecida no meio dos bosques, duas léguas mais adiante. A gente da tripulação, seduzida pela amabilidade dos

selvagens, dava longos passeios pelo interior e recebia por toda a parte cordial acolhimento. Enfim, a confiança estabeleceu-se por forma tal que, apesar das representações de Crozet, Marion mandou que se desarmassem as chalupas e os escaleres quando fossem a terra. Imprudência imperdoável no país em que Tasman tivera de chamar «baía dos Assassinos» ao primeiro sítio a que abordara, onde Cook encontrara antropófagos e estivera para ser assassinado!

A 8 de junho, Marion desembarcou e foi acolhido em terra com demonstrações de amizade, maiores ainda que de costume. Proclamaram-no grande chefe do país, e os indígenas puseram-lhe no cabelo quatro plumas brancas, insígnia da soberania. Quatro dias depois, Marion desembarcou de novo, com dois oficiais, os Srs. Vaudricourt e Le Houx, um voluntário e o sargento, alguns marinheiros, ao todo dezassete pessoas.

À noite ninguém voltou para o navio. Não se inquietaram os tripulantes com isso, porque se conheciam os costumes hospitaleiros dos selvagens. Julgou-se apenas que Marion dormira em terra para estar mais ao alcance de visitar no dia seguinte os trabalhos da oficina.

A 13 de junho, o *Castries* mandou a sua chalupa fazer aguada e cortar lenha para o seu consumo diário. Às nove horas, foi visto um homem que nadava para os navios. Enviaram-lhe um barco para o trazer para bordo. Era um dos homens da chalupa, o único que escapara à matança de todos os seus camaradas. Levara duas lançadas na ilharga e estava muito maltratado.

Segundo a sua narrativa, os selvagens tinham primeiro mostrado disposições tão amigáveis como de costume. Haviam até transportado para terra às costas os marinheiros que receavam

molhar-se. Depois, quando estes se dispersaram para apanhar a lenha, os indígenas tinham reaparecido, armados com lanças, cacetes e clavas, e haviam-se atirado em número de sete ou oito sobre cada um dos marinheiros. Ele não fora atacado senão por dois homens, que o tinham ferido com duas lançadas, e como por felicidade não estava muito longe do mar, pudera fugir até à praia, onde se escondera no meio do mato. Daí assistira à matança de todos os seus companheiros. Os selvagens haviam-nos depois despojado, tinham-lhes aberto o ventre, e começavam a fazê-los em pedaços quando ele saíra sem bulha do seu esconderijo e se atirara à água, com esperança de alcançar o navio a nado.

Os dezasseis homens do escaler, que acompanhavam Marion, e de que não havia notícia, teriam tido a mesma sorte? Era provável. Em todo o caso, era necessário, sem perda de um minuto, tomar medidas para salvar os três postos estabelecidos em terra.

O cavalheiro Du Clesmeur tomou logo o comando da expedição, e foi graças à sua energia que o desastre se não tornou maior.

A chalupa do *Mascarin* foi armada e expedida à procura do escaler de Marion e da sua chalupa, com ordem de avisar todos os postos e de ir em socorro do mais afastado — a oficina onde se faziam os mastros e as outras peças do aparelho. No caminho, pelo litoral, descobriram-se as duas embarcações ao pé da aldeia de Tacoury; estavam rodeadas de selvagens, que as tinham roubado depois de terem morto os marinheiros.

Sem se demorar com tentativas para retomar as embarcações, o oficial fez força de remo a fim de chegar a tempo à oficina. O posto, felizmente, não fora ainda assaltado pelos indígenas. Os

trabalhos foram logo suspensos, reuniram-se as ferramentas e as armas, carregaram-se as espingardas, e enterraram-se os objetos, que se não podiam levar, debaixo das ruínas da barraca, a que se deitou fogo.

Depois operou-se a retirada no meio de muitos bandos de selvagens, que repetiam estas sinistras palavras: «*Tacoury maté Marion* (Tacoury matou Marion!)». Andaram-se assim duas léguas, sem que se tentasse nem uma só agressão contra os sessenta homens de que se compunha o destacamento.

Quando os franceses chegaram à chalupa, os selvagens aproximaram-se. Crozet mandou embarcar primeiro os marinheiros carregados com trouxas, depois, traçando uma linha no chão, fez compreender aos indígenas que o primeiro que a passasse seria imediatamente fuzilado. Deu-lhes ordem então para se sentarem, e foi um espetáculo imponente o deste milhar de indígenas obedecendo sem resistência, apesar do seu desejo de se precipitarem sobre uma presa que viam que lhes escapava.

Crozet foi o último a embarcar. Apenas pôs pé na chalupa, ressoou o grito de guerra, e os dardos e as pedras silvaram no ar. Às demonstrações ameaçadoras tinham sucedido as hostilidades, e os selvagens metiam-se pela água dentro, para melhor fazer pontaria aos seus adversários. Crozet viu-se então na necessidade de fazer sentir a esses infelizes a superioridade das suas armas, e mandou começar o fogo. Os neozelandeses, vendo cair os seus camaradas mortos ou feridos, sem parecer que tinham sido tocados, ficaram estupefactos. Todos teriam sido mortos se Crozet não pusesse termo à matança. Os doentes foram levados a bordo sem transtorno, e o posto, reforçado e vigilante, não foi inquietado.

No dia seguinte, os indígenas, que tinham na ilha Matuaro uma aldeia importante, tentaram impedir os marinheiros de fazer aguada e de cortar a lenha de que precisavam. Estes marcharam então contra eles com a baioneta na boca da espingarda, e perseguiram-nos até à sua aldeia, onde eles se meteram. Ouvia-se a voz dos chefes, que os excitavam ao combate. Rompeu o fogo, apenas se chegou a tiro de pistola da porta da aldeia, e foi tão bem dirigido que os chefes foram as primeiras vítimas. Apenas os viram cair, os indígenas deitaram a fugir. Mataram-se uns cinquenta, arrojou-se o resto ao mar, e queimou-se a aldeia.

Não se podia já pensar em trazer para a praia esses magníficos mastros, feitos com cedros, que tanto tinham custado a derribar, e, para refazer a mastreação, tiveram de se contentar com umas poucas de madeiras embarcadas nos navios. Quanto ao abastecimento de setecentos barris de água e setenta feixes de lenha indispensáveis para a viagem, como não havia já senão uma chalupa, foi necessário um mês inteiro para o concluir.

Contudo, não se sabia com certeza qual fora a sorte do capitão Marion e dos homens que o acompanhavam. Um destacamento, bem armado, partiu, por conseguinte, para a aldeia de Tacoury.

A aldeia estava abandonada, e lá se encontraram apenas alguns velhos, que não tinham podido seguir os seus companheiros fugitivos e que estavam sentados à porta das suas casas. Quiseram os franceses capturá-los; um deles, então, com a maior serenidade, feriu um soldado com um dardo que tinha na mão. Mataram-no, mas não fizeram mal nenhum aos outros, que se deixaram ficar na aldeia. Todas as casas foram cuidadosamente revistadas. Encontrou-se na cozinha de Tacoury um crânio de um homem que fora cozido

havia poucos dias; nesse crânio restava ainda uma porção de carne, em que se via a marca dos dentes dos antropófagos. Viu-se também um pedaço de uma perna humana, metida num espeto de pau, e que estava quase toda devorada.

Noutra casa encontrou-se uma camisa, que se reconheceu ter pertencido ao infeliz Marion. O colarinho dessa camisa estava todo ensanguentado, e nela se viam três ou quatro buracos igualmente sujos de sangue nas bordas. Em outras casas encontraram-se uma parte do fato e as pistolas do jovem Vaudricourt, que acompanhara o seu comandante, as armas do escaler, e um monte de farrapos da roupa dos desgraçados marinheiros.

Infelizmente já não podia haver dúvida. Levantou-se auto da morte das vítimas, e o cavalheiro Du Clesmeur procurou nos papéis de Marion quais eram os seus projetos para a continuação da viagem. Só encontrou as instruções dadas pelo intendente da ilha de França.

Reuniu-se então o estado-maior, e, em presença do lamentável estado dos navios, decidiu-se que se abandonasse a procura de novas terras, que se alcançassem as ilhas de Amesterdão e de Roterdão, depois as Marianas e as Filipinas, onde havia probabilidades de se poderem ver livres da carregação antes de voltar para a ilha de França.

A 14 de julho, o porto de Traição — foi assim que Du Clesmeur chamou à baía das ilhas — foi abandonado, e os navios dirigiram-se para as ilhas de Amesterdão e de Roterdão, ao norte das quais passaram a 6 de agosto. A navegação foi favorecida por um tempo esplêndido, circunstância feliz, porque o escorbuto fizera tais

devastações entre os marinheiros que bem poucos restavam em estado de trabalhar.

Enfim, a 20 de setembro foi descoberta a ilha Guaham, a maior das Marianas, onde não foi possível fundear senão sete dias depois.

A relação publicada por Crozet encerra notícias muito exatas e muito circunstanciadas acerca desta ilha, das suas produções e dos seus habitantes. Não citaremos senão esta frase, tão curta como explícita:

«A ilha Guaham — diz ele — pareceu-nos um paraíso terreal; os ares são excelentes, as águas boas, os legumes e as frutas magníficos, as manadas de bois inumeráveis, da mesma forma que os rebanhos de cabras e as varas de porcos; todas as aves de capoeira ali se multiplicam até ao infinito».

Entre as produções cita Crozet o «rima», cujo fruto é bom para se comer, quando chega a toda a sua grossura e está ainda verde.

«É nesse estado — diz ele — que estes insulares o colhem para o comer; tiram-lhe a casca áspera e cortam-no em fatias, como um pedaço de pão. Quando querem conservá-lo cortam-no em fatias circulares e, nesta forma de biscoito delgadíssimo, põem-no a secar ao sol ou no forno. Este biscoito natural conserva a sua qualidade de pão por muitos anos e muito mais tempo que o nosso biscoito de embarque».

Do porto de Agana dirigiu-se Crozet para as Filipinas, onde fundeou em Cavite, na baía de Manila. Foi neste sítio que o *Castries* e o *Mascarin* se deixaram para voltar separadamente para a ilha de França.

Alguns anos antes, um valente oficial da marinha militar, o cavalheiro Jaime Raimundo de Giron de Grenier, que pertencia a

essa plêiade de homens distintos: os Chazelles, os Borda, os Fleurieu, os Du Maitz de Goimpy, os Chovert, os Verdun de la Crenne, que contribuíram, com tanto zelo, para o progresso da navegação e da geografia, utilizara as suas horas vagas durante uma estação na ilha de França em explorar os mares próximos. Na corveta *L'Heure de Berger* fizera um cruzeiro muito frutuoso, retificando as posições do escolho de S. Brandão, do banco de Saia de Malha, reconhecendo minuciosamente, nas Séchelles, as ilhas S. Miguel, Rocquepire e a Galega, corrigindo a carta das ilhas do Adu e de Diogo Garcia. Baseando-se então nas relações das correntes com os ventos de monção, que estudara especialmente, propôs um caminho breve e constante para ir da ilha de França às Índias. Era uma economia de oitocentas léguas de caminho; valia a pena de se estudar isso seriamente.

O ministro da Marinha, que vira a proposta de Grenier acolhida pela Academia de Marinha, resolveu confiar o cuidado de a examinar a algum oficial que estivesse costumado a esse género de trabalhos.

Foi Ivo José de Kerguelen o escolhido. Durante as duas viagens de 1767 e de 1768 para animação e proteção da pesca do bacalhau nas costas da Islândia, este navegador levantara a planta de grande número de portos e de enseadas, e reunira numerosíssimas observações astronómicas, retificara o mapa da Islândia, colhera acerca deste país, ainda pouquíssimo conhecido, uma infinidade de observações tão exatas como interessantes.

Era assim que se lhe deviam as primeiras particularidades autênticas acerca dos géiseres, essas fontes de água quente que se elevam às vezes a grandes alturas, e informações curiosas a respeito da existência de bosques fósseis, que provam que, numa época

geológica anterior, a Islândia, hoje completamente desprovida de árvores, possuía imensas florestas.

Ao mesmo tempo, Kerguelen publicara particularidades novíssimas acerca dos usos e costumes dos habitantes.

«As mulheres — dizia ele — têm vestidos, camisolas e aventais de um pano chamado *wadmél*, que se faz na Islândia; põem por cima das suas camisolas uns vestidos amplíssimos, bastante semelhantes às batinas dos jesuítas, mas os vestidos não chegam tanto abaixo como as saias, que deixam ver. Estes vestidos são de diferentes cores, mas a maior parte das vezes pretos; chama-se-lhes *hemp*, e guarnecem-se com uns galões de veludo ou com qualquer outro enfeite... O seu toucado tem o aspeto de uma pirâmide ou de um pão de açúcar, de dois ou três pés de altura. Põem na cabeça um grande lenço de um pano muito grosseiro e muito direito, tendo por cima outro lenço mais fino, que forma a figura que acabo de dizer».

Enfim, este oficial reunira documentos muito sérios acerca da Dinamarca, dos Lapónios e dos Samoiedos, e dos arquipélagos de Ferroé, das Órcades e das Shetland, que ele explorara minuciosamente.

Kerguelen, encarregado de reconhecer o caminho proposto por Grenier, pediu ao ministro que se aproveitasse do seu armamento para lhe mandar reconhecer as terras austrais, descobertas em 1739 por Bouvet de Lozier. O abade Terray, que acabava de suceder ao duque Praslin, deu-lhe o comando do navio *Berrier*, que levou de Lorient víveres para catorze meses, trezentos homens de tripulação e algumas munições destinadas para a ilha de França. O abade

Rochon ia agregado a Kerguélen para fazer algumas observações astronómicas.

Assim que chegou à ilha de França, a 20 de agosto de 1771, Kerguélen trocou o *Berrier* pela *Fortuna*, um navio ligeiro, a que se juntou outro de dezasseis canhões, o *Barrigudo*, com cem homens de equipagem, debaixo do comando do Sr. Saint-Allouarn.

Logo que esses dois navios foram equipados, Kerguélen fez-se à vela e seguiu para o norte, a fim de reconhecer o arquipélago das ilhas Mahé. Durante uma tempestade furiosa, as sondagens da *Fortuna* acusaram profundidades cada vez menores: trinta, dezanove, dezassete, catorze braças. Neste momento lançou-se a âncora, que resistiu até ao fim da procela.

«Veio enfim o dia tirar-nos de cuidados — diz Kerguélen —, não vimos nem terras nem rochedos. O *Barrigudo* estava a três léguas a sotavento; não podia saber que eu estava fundeado, porque o rugir do trovão e a luz fugitiva dos relâmpagos não lhe tinham permitido distinguir nem ouvir os meus sinais.

Efetivamente, não há exemplo de que um navio fundeasse nunca de noite no mar alto num recife desconhecido. Aparelhei e deixei-me garrar sondando sempre. Encontrei por muito tempo catorze braças, depois vinte, vinte e cinco e vinte e oito braças. Perdi de súbito o fundo, o que prova que estava no cimo de uma montanha submarina. Este novo banco, que eu chamei banco da Fortuna, jaz N O. a S O.; fica a 7° 16' de latitude sul e 55° 50' de longitude oeste».

A *Fortuna* e o *Barrigudo* subiram depois até ao quinto grau sul, caminho recomendado pelo cavalheiro De Grenier. Os dois comandantes reconheceram que os ventos sopravam

constantemente de leste nessa estação, chegaram às Maldivas e seguiram ao longo de Ceilão, desde a Ponta de Galle até à baía de Trinquemale. À volta estava a monção mudada. Os ventos reinantes eram os de oeste e de sudoeste, como anunciava Grenier. O caminho, que este último propunha, oferecia portanto incontestáveis vantagens. A experiência veio demonstrá-las tão completamente que já se não segue outro.

Fundeados a 8 de dezembro na ilha de França, Kerguelen acelerou por tal forma os seus preparativos de partida que pôde fazer-se à vela a 12 de janeiro de 1772. Seguiu direito para o sul, porque, a supor que ele descobrisse alguma terra nessa direção, as que estivessem menos afastadas seriam evidentemente as mais úteis para a nossa colónia.

Desde o dia 1 de fevereiro numerosos bandos de pássaros pareceram indicar a proximidade da terra. Sucedia o granizo à neve, encontrava-se mau tempo, ventos ponteiros e mares encapelados. Reconheceu-se a primeira terra a 12. No dia seguinte descobriu-se outra, e logo depois um grande cabo elevadíssimo. No dia imediato, às sete horas da manhã, tendo o sol dissipado as nuvens, distinguiu-se muito claramente uma linha de costas, que se estendia num comprimento de 25 léguas. Estava-se então a 49° 40' de latitude austral e a 61° 10' de longitude oriental. Infelizmente, as tempestades sucediam às tempestades e aos dois navios custou imenso o não serem atirados à costa. Kerguelen foi arrastado para o norte pelas correntes, pouco tempo depois de ter destacado uma embarcação, que devia procurar chegar a terra.

«Vendo-me tão longe da terra — diz Kerguelen na sua relação —, examinava a resolução que devia tomar, considerava que o

estado da minha mastreação não me permitia desfraldar as velas para me afastar da costa, e que, não tendo chalupa para levar as âncoras, expunha-me imenso na proximidade da terra, que era quase impossível encontrar no nevoeiro o *Barrigudo*, de que estava separado havia muitos dias, tanto mais que os ventos tinham sido sempre variáveis e que tínhamos apanhado um temporal... Estas reflexões, juntas ao facto de o *Barrigudo* ser um excelente navio e de ter sete meses de víveres, determinaram-me a seguir caminho para a ilha de França, aonde cheguei a 16 de março».

Felizmente, não sucedera nada de funesto ao *Barrigudo*. O seu escaler tivera tempo de voltar. O Sr. Boisguéhenneuc, que desembarcara, tomara posse dessa terra com todas as formalidades requeridas, e deixara um escrito numa garrafa, que foi encontrada em 1776 pelo capitão Cook.

Kerguélen voltou a França, mas o êxito da sua viagem criara-lhe numerosos inimigos. Os seus ataques ainda se tornaram mais vivos quando se viu que o rei o nomeava capitão de mar e guerra e cavaleiro de S. Luís no 1.º de janeiro de 1773. Espalharam-se os boatos mais caluniosos. Chegou-se até a acusá-lo de ter metido a pique o *Barrigudo*, que ia de conserva com ele, para ser o único a lucrar com as descobertas, que fizera, de combinação com o Sr. Saint-Allouam.

Entretanto toda essa gritaria não teve influência no ministro, que resolveu confiar o comando da segunda expedição a Kerguélen. A nau *Roldão* e a fragata *Pássaro*, indo esta última debaixo das ordens do Sr. Saux de Rosnevet, deixaram Brest a 26 de março de 1773.

Quando chegou ao Cabo, Kerguelen foi obrigado a ter aí uma arribada de quarenta dias. A tripulação toda fora atacada de febres pútridas, o que se devia atribuir à humidade de um navio novo.

«Parece isto provável — diz a relação —, porque todos os legumes secos, como ervilhas, favas, feijões e lentilhas, estavam estragados no porão, assim como o arroz e uma porção de biscoito; os legumes formavam um verdadeiro monte de estrume, que infetava tudo, e saía desse mesmo porão uma grande quantidade de bichos brancos».

A 11 de julho, o *Roldão* saiu do Cabo, mas foi quase imediatamente assaltado por um horrível temporal, que lhe levou o cesto da gávea, o mastro de gata, etc. Enfim, chegou à ilha de França com mastros provisórios.

Os Srs. Des Roches e Poivre, que tinham contribuído tanto para o êxito da primeira expedição, haviam sido substituídos pelo Sr. Ternay e o intendente Maillard. Estes últimos parece que tomaram a peito embarçar de todos os modos imagináveis a execução das ordens que recebera Kerguelen. Assim não lhe deram socorro algum em víveres frescos, de que a tripulação tinha contudo a mais instante urgência, nem o habilitaram a substituir os seus mastros derrubados pela procela; além disso, não lhe deram, em lugar de trinta e quatro marinheiros seus que haviam entrado no hospital, senão soldados varados ou marcados, de que tinham o maior interesse em se desembaraçar. Uma expedição às terras austrais, preparada nestas condições, não podia deixar de ter mau resultado, e foi isso exatamente o que sucedeu.

A 5 de janeiro, Kerguelen tomou a ver as terras que descobriu na sua primeira viagem, e até 16 reconheceu muitos pontos: a ilha

da Cruz, a ilha da Reunião, a ilha Roldão, que, pelos seus cálculos, formavam mais de oitenta léguas de costas. A temperatura era extremamente rigorosa: densos nevoeiros, neve, granizo, ventanias continuadas. A 21, não se pôde continuar a seguir de conserva, senão graças a tiros de peça. Nesse dia o frio foi tão áspero que muitos marinheiros caíram desmaiados na tolda...

«Os oficiais — diz Kerguélen — declaram que a ração ordinária de biscoito não é suficiente, e que, sem um aumento, a tripulação não poderá resistir aos frios e às brumas. Mando aumentar a ração de cada homem quatro onças de biscoito por dia».

A 8 de janeiro de 1774, o *Roldão* juntou-se com a fragata na ilha da Reunião. Comunicou com ela, e o Sr. Rosnevet assegurou que encontrara um ancoradouro ou uma baía detrás do cabo Francês, que a 6 enviara o seu escaler para a sondar, e que a sua gente, desembarcando para tomar posse, tinha morto um leão-marinho e outros animais aquáticos.

Desta vez ainda a completa prostração das tripulações, a má qualidade dos víveres, a ruína dos navios, impediram Kerguélen de fazer um reconhecimento profundo desse arquipélago devastado. Teve de voltar para trás, mas, em vez de ir para a ilha de França, foi desembarcar na baía de Antão Gil, em Madagáscar. Sabia que encontrava aí em abundância cidrões, limões, ananases e outros antiescorbúticos, assim como carne fresca.

Um aventureiro, cuja história é bastante singular, Beniowsky, acabara de criar ali para a França um estabelecimento, mas faltava-lhe tudo. Kerguélen abasteceu-o de reparos de campanha, de tijolos para fornos, de ferramentas de ferro, de camisas e cobertores, e,

enfim, mandou-lhe construir, pelos seus carpinteiros, um depósito de víveres.

Trinta e cinco homens da tripulação do *Roldão* tinham morrido depois de ele ter deixado as terras austrais.

Se Kerguélen ficasse oito dias mais nestas paragens, teriam morrido decerto cem homens.

Quando voltou a França, por tantas fadigas valentemente suportadas Kerguélen não colheu senão o ódio e a calúnia. Foi tal a irritação contra ele que um dos seus oficiais não receou publicar uma memória em que todos os factos eram narrados à luz mais desfavorável e em que toda a responsabilidade de malogro da expedição caía sobre Kerguélen. Não queremos dizer que este último não tivesse algumas culpas, mas consideramos como profundamente injusta a sentença do conselho de guerra que lhe arrancava o posto e o condenava à pena de prisão no castelo de Saumur. Esta condenação foi sem dúvida julgada excessiva, e o Governo reconheceu que havia nela mais animosidade do que justiça, porque Kerguélen foi solto meses depois. O grande argumento que se empregara contra ele fora o abandono de uma chalupa e da sua tripulação nas terras austrais, tripulação que só fora salva pela volta inesperada e fortuita da *Fortuna*.

Devemos acreditar que este facto fora também singularmente desfigurado, porque existe uma carta do oficial abandonado, o Sr. Rosily, depois vice-almirante, que pedia que o deixassem tornar a servir debaixo das ordens de Kerguélen.

A história destas duas viagens é extraída da *Apologia* publicada por Kerguélen durante a sua prisão, obra que o Governo mandou confiscar e que por isso mesmo se tornou extremamente rara.

Entremos agora na história de expedições que, se não deram em resultado descobertas, tiveram pelo menos uma importância capital no sentido de contribuírem para a retificação das cartas, para o progresso da navegação e da geografia, mas sobretudo porque resolveram um problema havia muito procurado, a determinação das longitudes no mar.

Para determinar a posição de uma localidade é preciso conhecer a sua latitude, a sua distância para o norte ou para o sul do equador, e a sua longitude, em outros termos, a sua distância a leste ou oeste de algum meridiano conhecido.

Nessa época, para calcular a posição de um navio, havia só o *loch*, que, deitado ao mar, media a distância que ele percorreria em meio minuto; deduzia-se disso, proporcionalmente, a velocidade do navio por hora, mas o *loch* não está imóvel, e a velocidade do navio nem sempre é a mesma.

Havia portanto nisso duas causas importantíssimas de erros.

Quanto à direção do caminho, essa direção era dada pela bússola ou compasso. Ora todos sabem que a bússola está sujeita a variações, que o navio não segue sempre o caminho indicado por ela, e nunca é fácil determinar o valor do desvio.

Conhecidos estes inconvenientes, tratava-se de encontrar um método que fosse isento deles.

Com o oitante de Hadley chegava-se a determinar a latitude com aproximação de um minuto, isto é, de um terço de légua, mas não se devia pensar nem sequer nessa exatidão aproximativa para encontrar as longitudes.

Se se pudessem reduzir a leis simples e invariáveis os diferentes fenómenos de variação da agulha magnética, tanto em

inclinação como em declinação, então seria fácil. Mas em que se haviam de basear? Sabia-se que no mar das Índias, entre Borbom, Madagáscar e Rodrigo, quatro graus de variação na declinação da agulha correspondiam a cinco graus pouco mais ou menos de variação na longitude, mas o que se não ignorava também era que a declinação da agulha magnética está sujeita nos mesmos sítios a variações cuja causa se não conhecia.

«Uma declinação de doze graus de norte a oeste indicava há vinte anos — diz Verdun de la Crenne, que escreve em 1778 — uma longitude de 61° a oeste de Paris, numa latitude dada; é muito possível que de vinte anos para cá a declinação tenha variado dois graus, o que produziria dois graus e meio, ou perto de cinquenta léguas de erro na longitude que se queria concluir desta declinação».

Se se conhece a hora de bordo, queremos dizer, a hora verdadeira que se deve contar pelo meridiano do navio, no instante de uma observação qualquer, e se se sabe no mesmo instante a hora do porto de onde se saiu, ou a de um meridiano conhecido, a diferença das horas dará evidentemente a do meridiano, à razão de quinze graus por hora, ou de um grau por quatro minutos de tempo. O problema das longitudes pode por conseguinte reduzir-se ao de determinar, para um instante dado, a hora de qualquer meridiano conhecido. Para isso tratava-se de ter um relógio de algibeira, ou de parede, que conservasse um isocronismo perfeito, apesar do estado do mar e das diferenças de temperatura.

Muitas investigações se tinham feito neste sentido. Besson, no século XVI, Huyghens, no século XVII, depois Sully, Harrisson,

Dutertre, Gallonde, Rivas, Leroy e Fernando Berthoud tinham procurado ou procuravam ainda a solução deste problema.

Além disso, os Governos inglês e francês, cômnicos dos serviços que prestaria um instrumento perfeito, prometeram recompensas elevadas, e a Academia das Ciências abriu um concurso solene. Em 1765, Leroy apresentou dois relógios nesse concurso, enquanto Berthoud, que trabalhava para o rei, era obrigado a abster-se. Os relógios de Leroy saíram vitoriosos das experiências a que foram sujeitos em terra. Tratava-se de ver se eles se portariam igualmente bem no mar.

O marquês de Courtanvaux mandou construir, à sua custa, a fragata ligeira *Aurora*, para servir nesta experiência. Mas Leroy foi o primeiro a entender que uma viagem marítima, com paragens em Calais, Dunquerque, Roterdão, Amesterdão e Bolonha, que só durara de 25 de maio a 29 de agosto, fora demasiadamente curta, e pediu segunda experiência. Desta vez os seus relógios foram metidos a bordo da fragata *Jovial*, que partiu do Havre, arribou a S. Pedro, ao pé da Terra Nova, a Salé, na África, a Cádiz, e entrou em Brest, depois de quatro meses e meio de viagem. A experiência era séria, a latitude variara, assim como o estado do mar. Se o relógio se não desarranjara, merecia o prêmio. Foi efetivamente concedido a Leroy.

Contudo, a Academia sabia que outros artistas se ocupavam do mesmo assunto e que não tinham podido entrar no concurso por diferentes motivos. Propôs, por conseguinte, o mesmo para o prêmio de 1770 e duplicou-o para 1773.

F. Berthoud julgava ter chegado à perfeição, mas o seu relógio precisava da consagração de uma longa viagem marítima.

Uma fragata de dezoito canhões, a *Ísis*, foi armada em Rochefort durante os últimos meses de 1768, e o comando desse navio foi confiado ao cavalheiro D'Eveux de Fleurieu, conhecido depois pelo nome de Claret de Fleurieu; Fleurieu, então guarda-marinha, era já, apesar de não ter mais de trinta anos, um sábio distinto. Já tivemos ocasião de citar o seu nome; encontrá-lo-emos de novo e por mais de uma vez.

Nessa ocasião, Fleurieu, apaixonado pela mecânica, auxiliara Berthoud nos seus trabalhos, mas, para que se não pudesse pôr em dúvida o seu desinteresse, agregou a si muitos oficiais, a fim de observar o andamento do relógio que lhe fora confiado.

Tendo partido no mês de novembro de 1768, a *Ísis* arribou sucessivamente a Cádiz, às Canárias, à Goréa, às ilhas de Cabo Verde, à Martinica, a S. Domingos, à Terra Nova, às Canárias, a Cádiz, e voltou à ilha de Aix a 31 de outubro de 1769.

Os relógios, transportados para climas alternativamente frios, quentes e temperados, tinham experimentado todas as vicissitudes da temperatura, assim como haviam estado expostos a todas as agitações do mar durante a estação mais áspera do ano.

Depois desta experiência, de que saíram com honra, Berthoud obteve a patente e a pensão de inspetor dos relógios marítimos.

Mas esta viagem tivera outros resultados que nos importam muito mais diretamente. Fleurieu fizera um grande número de observações astronómicas e de levantamentos hidrográficos, que lhe permitiam julgar com conhecimento de causa e condenar os mapas do seu tempo.

«Por muito tempo me repugnou — diz ele na história da sua viagem — fazer uma crítica minuciosa dos mapas do Depósito;

queria limitar-me a indicar as novas determinações pelas quais se deviam retificar, mas os erros são tão multiplicados, tão perigosos, que me consideraria culpado para com os marinheiros se não cuidasse de lhes fazer conhecer minuciosamente...»

Um pouco mais adiante critica, com razão, os mapas de um geógrafo que tivera a sua hora de reputação.

«Não tentarei — diz ele — referir aqui todos os erros que reconheci nas cartas do Sr. Bellin. A sua enumeração seria infinita. Limitar-me-ei apenas, para provar a necessidade do trabalho a que me entreguei, a indicar os erros que merecem atenção especial, ou se queiram comparar as posições de certos lugares, tomadas nesses mapas, com as que deveriam ter, se *o Sr. Bellin quisesse fazer uso das observações astronómicas que foram publicadas*, ou que se comparem outras posições com aquelas que nós determinámos para as nossas próprias observações».

Enfim, termina, depois de ter apontado uma longa lista de erros na situação das localidades mais frequentadas da Europa, da costa de África e da América, com estas palavras tão judiciosas:

«Lançando os olhos para a tabela dos diversos erros que acabo de apontar nos mapas do Sr. Bellin, sentimo-nos levados para uma reflexão, triste na verdade, mas em que é necessário demorarmos. Se os mapas que encerram a parte do Globo mais bem conhecida, para a qual se tinham mais observações, estão ainda tão longe de ser exatos, que exatidão podemos esperar dos mapas que representam costas e ilhas menos frequentadas, desenhadas e colocadas por um cálculo vago e conjeturas aventureiras?»

Até então os relógios tinham sido examinados separados e por comissários diferentes. Tratava-se agora de os submeter ao mesmo

tempo às mesmas experiências e de ver quais sairiam vitoriosos. Com esse fim a fragata *Flora* foi armada em Brest e o comando desse navio foi confiado a um oficial dos mais distintos, a Verdun de la Crenne, que devia vir a ser o chefe de esquadra em 1786. Cádiz, a Madeira, as Selvagens, Tenerife, Goréa, a Martinica, Guadalupe, a Dominica e a maior parte das pequenas Antilhas, S. Pedro, Terra Nova, a Islândia, que os nossos exploradores só encontraram com dificuldade, as Feroé, a Dinamarca e Dunquerque, tais foram as estações desta viagem. A narrativa que Verdun de la Crenne publicou abunda, como a de Fleurieu, em retificações de toda a espécie. Nela se vê com que cuidado e com que regularidade as sondagens eram feitas, com que exatidão se levantaram as costas. Mas o que aí se encontra não sem vivo interesse, e o que falta à publicação de Fleurieu, são as descrições dos países, as reflexões críticas sobre os usos e costumes dos diferentes povos.

Entre as informações mais interessantes, espalhadas nesses dois grossos volumes in-4.º, devemos citar as relativas às Canárias e aos seus antigos habitantes, os Sereros e o Jalofos, sobre a Islândia, sobre o Estado da Dinamarca, e as reflexões, ainda hoje tão cheias de atualidade, de Verdun sobre o meridiano da ilha de Ferro.

«Foi o meridiano mais ocidental destas ilhas — diz ele — que Ptolomeu escolheu para primeiro meridiano... Era-lhe fácilimo, sem dúvida, escolher para primeiro meridiano o de Alexandria, mas este grande homem percebeu que de semelhante escolha não resultaria honra alguma real para a sua pátria; que Roma e outras cidades ambicionariam talvez essa honra imaginária, que escolhendo cada geógrafo, cada autor de relações de viagem, arbitrariamente, o seu

primeiro meridiano, não poderia isso deixar de gerar confusão ou pelo menos embaraço no espírito do leitor...»

Vê-se que Verdun encarava de alto esta questão do primeiro meridiano, como fazem hoje todos os espíritos verdadeiramente desinteressados. É mais um título para a nossa simpatia.

Terminaremos dizendo com esse autor: «Os relógios saíram com honra sua desta experiência. Haviam suportado o frio e o calor, a imobilidade e os abalos, tanto do navio — quando tinham encalhado em Antígua — como das descargas de artilharia; numa palavra, realizaram as esperanças que tínhamos concebido, merecem a confiança dos navegadores, são, enfim, de ótimo uso para a determinação das longitudes no mar.»

A solução do problema estava encontrada.

II

A viagem de Cook não era ainda conhecida senão pela morte desse grande navegador, quando o Governo francês quis aproveitar-se dos ócios que criava à sua marinha a paz recentemente concluída. Parecia ter-se apoderado uma nobre emulação dos nossos oficiais, zelosos dos sucessos adquiridos noutra teatro pelos seus eternos rivais, os ingleses. A quem se havia de dar o comando dessa importante expedição? Os concorrentes de mérito não faltavam. Era nisso que estava a dificuldade.

A escolha do ministro fixou-se em João Francisco Galaup de La Pérouse, que os seus importantes serviços militares tinham rapidamente elevado ao posto de capitão de mar e guerra. Durante a última guerra, fora encarregado da delicadíssima missão de destruir os estabelecimentos da Companhia Inglesa na baía de Hudson, e desempenhara essa tarefa como consumado militar, como hábil marinheiro, como homem que sabe ligar os sentimentos da humanidade com as exigências do dever de profissão. Deram-lhe para imediato o Sr. Langle, que o secundara valentemente durante a expedição da baía de Hudson.

Embarcou-se numeroso estado-maior nas duas fragatas, a *Bússola* e o *Astrolábio*. Na *Bússola* iam La Pérouse, De Clonard, que foi feito capitão de mar e guerra durante a campanha, o engenheiro Monneron, o geógrafo Bernizet, o cirurgião Rollin, o astrónomo Lepaut-Dagelet, da Academia das Ciências, o físico Lamanon, os desenhadores Duché de Vancy e Prevost Júnior, o botânico Collignon e o relojoeiro Guery. No *Astrolábio*, além do seu comandante, o

capitão Langle, ia também o tenente Monti, que foi feito capitão durante a viagem, e o ilustre Monge, que, felizmente para a ciência, desembarcou em Tenerife a 29 de agosto de 1785.

A Academia das Ciências e a Sociedade de Medicina tinham entregado ao ministro da Marinha memórias em que chamavam a atenção dos viajantes para diversos pontos. Enfim, Fleurieu, então diretor dos portos e arsenais da marinha, fizera ele mesmo as cartas que deviam servir para essa viagem, e juntara-lhes um volume inteiro de notas mais eruditas e de discussões sobre os resultados de todas as viagens conhecidas desde as de Cristóvão Colombo.

Os dois navios levavam uma prodigiosa quantidade de objetos de troca, um enorme abastecimento de víveres e de roupas, uma barca de perto de vinte toneladas, duas chalupas biscainhas, mastros, um jogo de velas e outras peças de aparelho de sobresselente.

As duas fragatas fizeram-se à vela no dia 1 de agosto de 1785 e fundearam na Madeira treze dias depois. Os franceses ali foram acolhidos pelos residentes ingleses com uma cortesia e uma afabilidade que os surpreenderam e encantaram a um tempo. No dia 19, La Pérouse arribou a Tenerife.

«As diferentes observações dos Srs. Fleurieu, Verdun e Borda nada deixam a desejar — diz ele — sobre as ilhas da Madeira, Selvagens e Tenerife. Por isso as nossas tiveram apenas por objeto a verificação dos nossos instrumentos...»

Vê-se por esta frase que La Pérouse sabia fazer justiça aos trabalhos dos seus antecessores. Não será esta a última vez que teremos de o observar.

Enquanto os astrónomos gastavam o seu tempo a determinar a marcha dos relógios astronómicos, os naturalistas e muitos oficiais faziam uma ascensão ao pico e colhiam algumas plantas curiosas. Monneron conseguira medir a altura dessa montanha com muito mais exatidão do que os seus antecessores, Herberdeen, Feuillée, Bouguer, Verdun e Borda, que lhe davam, respetivamente, 2409, 2213, 2100 e 1904 toesas. Desgraçadamente esse trabalho, que teria posto fim às contestações, nunca chegou a França.

A 16 de outubro foram avistadas as ilhas, ou, antes, os rochedos de Martim Vaz. La Pérouse determinou a sua posição e fez depois caminho pelo sítio mais próximo, para a ilha da Trindade, que não estava senão à distância de umas nove léguas para oeste. O comandante da expedição, esperando encontrar aí água, lenha e alguns víveres, mandou uma chalupa a terra com um oficial. Este falou com o governador português, que tinha sob as suas ordens cerca de duzentos homens, quinze dos quais tinham uniforme e outros só uma camisa. Era visível a pobreza daquela gente, e os franceses tiveram de tornar a embarcar sem obter coisa alguma.

Depois de ter debalde procurado a ilha da Ascensão, a expedição chegou à ilha de Santa Catarina, na costa do Brasil.

«Depois de noventa e seis dias de navegação — lê-se na relação da viagem publicada pelo general Millet-Mureau —, não tínhamos nem um só doente; a diferença dos climas, as chuvas, os nevoeiros, nada alterara a saúde das tripulações, mas os nossos víveres eram de excelente qualidade. Não me descuidara de tomar nem uma só das precauções que a experiência e a prudência me podiam indicar. Havíamos tido, além disso, o maior cuidado em

manter a alegria, fazendo dançar todas as noites as tripulações, quando o tempo o permitia, desde as oito horas até às dez.

A ilha de Santa Catarina, de que temos tido por muitas vezes ocasião de falar no decurso desta obra, estende-se desde 27° 19' 10" de latitude sul até 27° 49'; a sua largura de leste a oeste é apenas de duas léguas; não está separada do continente, no sítio mais apertado, senão por um canal de duzentas toesas. É na ponta desta goleta que está construída a cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital desta capitania, onde reside o governador; encerra quando muito três mil almas e quatrocentas casas pouco mais ou menos; o seu aspeto é muito agradável. Segundo a relação de Fraiser, esta ilha servia em 1712 de asilo aos vagabundos, que para ali fugiam de diversas partes do Brasil; não eram senão nominalmente vassallos de Portugal e nenhuma outra autoridade reconheciam. O país é tão fértil que podia subsistir sem o mínimo socorro das colónias próximas. Os navios que ali arribavam não lhes davam em troca das suas provisões senão casacos e camisas, que lhes faltavam completamente».

Esta ilha, efetivamente, é muitíssimo fértil, e o solo prestar-se-ia facilmente à cultura da cana-de-açúcar, mas a extrema pobreza dos habitantes impedia-os de comprar os escravos necessários.

Os navios franceses encontraram nestes sítios tudo quanto lhes era preciso, e os seus oficiais receberam um acolhimento extremamente afável das autoridades portuguesas.

«O seguinte facto dará uma ideia da hospitalidade deste bom povo. Tendo-se virado com a vaga o meu escaler numa enseada onde eu estava mandando cortar lenha — conta La Pérouse —, os habitantes que ajudaram a salvá-lo obrigaram os nossos

marinheiros, que tinham naufragado, a meter-se nas camas deles, e dormiram no chão em cima de esteiras, no meio dos quartos em que exerciam esta tocante hospitalidade. Poucos dias depois, trouxeram para bordo do meu navio as velas, os mastros, a fateixa e o pavilhão desse escaler, objetos preciosos para eles e que lhes seriam da maior utilidade para as suas pirogas».

A *Bússola* e o *Astrolábio* levantaram ferro a 19 de novembro, dirigindo o rumo para o cabo Horn. Em consequência de uma violenta procela, durante a qual as fragatas se portaram muito bem, e depois de quarenta dias de procuras infrutíferas da ilha Grande, descoberta pelo francês António de La Roche e chamada Geórgia pelo capitão Cook, La Pérouse atravessou o estreito de Lemaire. Achando os ventos favoráveis nessa estação adiantada, resolveu-se a evitar uma arribada na baía do Bom Sucesso, e a dobrar imediatamente o cabo Horn, a fim de poupar uma demora possível, que poderia expor o seu navio a avarias e as suas tripulações a inúteis fadigas.

As demonstrações amigáveis dos habitantes da Terra do Fogo, a abundância das baleias, que nunca tinham sido até aí incomodadas, os bandos imensos de albatrozes, não puderam mudar a resolução do comandante. O cabo Horn foi dobrado com muito mais facilidade do que se ousaria esperar. A 9 de fevereiro achava-se a expedição pelo través do estreito de Magalhães, e a 24 fundeava no porto da Conceição, arribada que La Pérouse tivera de preferir à de João Fernandes, por causa de se acharem os seus víveres exaustos. A saúde florescente das tripulações surpreendeu o comandante espanhol. Nunca talvez navio algum dobrara o cabo

Horn e chegara ao Chile sem levar doentes, e não havia um só nos dois navios.

A cidade, derrubada por um tremor de terra em 1751, fora reconstruída a três léguas do mar, à beira do rio Biobio. As casas tinham um só andar, o que dava à Conceição uma extensão considerável, porque não encerrava menos de doze mil habitantes. A baía é uma das mais cómodas do mundo; o mar é ali sereno e quase que não tem correntes.

Esta parte do Chile é de uma incomparável fertilidade. O trigo produz sessenta sementes por um, a vinha produz com a mesma abundância, e os campos estão cobertos de inumeráveis rebanhos, que ali se multiplicam de um modo incrível.

Apesar destas condições de prosperidade, o país não fizera progresso algum por causa do regime proibitivo que florescia nessa época. O Chile, com as suas produções, que alimentariam sem custo metade da Europa, as suas lãs, que bastariam para as manufaturas da França e da Inglaterra, as suas cames, de que se poderia fazer carne salgada, não fazia nenhum comércio. Ao mesmo tempo, os direitos da exportação eram excessivos. Deste modo a vida era dispendiosíssima. A classe média, o que se chama hoje a burguesia, não existia. A população dividia-se em duas categorias, os ricos e os pobres, como o prova a seguinte passagem:

«O traje das mulheres consiste numa saia franzida, desses antigos estofos de ouro ou de prata, que se fabricavam dantes em Lião. Essas saias, que se reservam para as grandes ocasiões, podem, como os diamantes, constituir morgado nas famílias e passar de avós a netas. Demais, esses enfeites só estão ao alcance

de pequeno número de cidadãs; as outras mal têm com que se vestir».

Não seguiremos La Pérouse nas particularidades da recepção entusiástica que se lhe fez, e passaremos em silêncio as descrições de bailes e de *toilettes*, que, aliás, lhe não faziam perder de vista o objeto da sua viagem. A expedição não percorrera ainda senão regiões muitas vezes sulcadas pelos navios europeus. Era tempo que se lançasse num campo menos explorado. Levantou-se ferro a 15 de março, e, depois de uma navegação sem incidentes, as duas fragatas fundearam, a 9 de abril, na baía de Cook, na ilha de Páscoa.

La Pérouse afirma que M. Hodges, o pintor que acompanhava o célebre navegador inglês, desenhou muito mal a fisionomia dos insulares. É geralmente agradável, mas não se pode dizer que tenha um caráter distintivo.

Demais, não é só neste ponto que o viajante francês não está de acordo com o capitão Cook. Julga que essas famosas estátuas, de que um dos seus desenhadores tirou uma vista muito interessante, poderiam ser a obra da geração que então vivia, cujo número avaliava em duas mil pessoas. Pareceu-lhe também que a falta absoluta de árvores, e, por isso mesmo, de lagos e regatos, provinha da exploração exagerada das florestas pelos antigos habitantes. Demais, nenhum incidente desagradável assinalou esta arribada. Os roubos, é verdade, foram frequentes, mas os franceses, não tendo de ficar senão um dia nesta ilha, julgaram supérfluo dar à população ideias mais exatas sobre a propriedade.

Deixando a ilha de Páscoa, a 10 de abril, La Pérouse seguiu pouco mais ou menos o mesmo caminho que Cook em 1777, quando

se fez de vela de Taiti para a costa da América, mas ia cem léguas mais para oeste. La Pérouse empenhava-se em fazer alguma descoberta nessa parte pouco conhecida do oceano Pacífico e prometera uma recompensa ao marinheiro que primeiro avistasse terra.

A 29 de maio chegou-se ao arquipélago Havai.

Os relógios marítimos serviram de muito nessa circunstância e retificaram o cálculo. La Pérouse, quando chegou à ilha Sanduíche, achou cinco graus de diferença entre a longitude calculada e a longitude observada. Se não fossem os relógios, colocaria esse grupo cinco graus mais a este. Isto explica que todas as ilhas descobertas pelos espanhóis, Mendana, Queirós, etc., estão demasiadamente próximas da costa da América. Daí concluiu também a não existência do grupo chamado pelos espanhóis de a Mesa, os Majos, a Desgraciada. Há razões sérias para considerar este grupo idêntico às Sanduíche, por causa, por exemplo, do nome de Mesa, o capitão King, efetivamente, compara a montanha chamada Maunaloa a uma mesa, Table-Land. Demais, não se contentara com essas razões especulativas, cruzara no sítio atribuído a os Majos e não encontrara nem a mais leve aparência de terra.

«O aspeto de Mowée — diz La Pérouse — era arrebatador. Víamos a água precipitar-se em cascatas do cimo das montanhas e descer ao mar, depois de ter banhado as habitações dos índios; são tão multiplicadas essas habitações que se poderia tomar um espaço de três a quatro léguas por uma só aldeia. Mas todas as cabanas ficam à beira-mar, e as montanhas são tão próximas que o terreno habitável me pareceu que tinha menos de meia légua de profundidade. É preciso ser-se marinheiro e estar-se reduzido, como

nós estávamos nesses climas ardentes, a uma garrafa de água por dia, para formar ideia das sensações que experimentávamos. As árvores, que coroavam as montanhas, a verdura, as bananeiras que se avistavam à roda das habitações, tudo em nós produzia um encanto inexprimível, mas o mar quebrava na costa com a maior força, e, novos Tântalos, estávamos reduzidos a desejar e a devorar com a vista o que nos era impossível alcançar».

Apenas as duas fragatas fundearam, logo foram rodeadas por pirogas e indígenas, que traziam porcos, batatas doces, bananas, etc. Muito hábeis no negócio, davam o maior apreço a pedaços de ferro velho. Este conhecimento do ferro e do seu emprego, que não deviam a Gook, é uma nova prova das relações que estes povos tinham tido outrora com os espanhóis, aos quais se deve provavelmente atribuir a descoberta deste arquipélago.

A recepção feita a La Pérouse foi das mais cordiais, apesar do aparato militar de que ele entendera dever rodear-se. Apesar de os franceses serem os primeiros a desembarcar na ilha de Mowée, La Pérouse entendeu que não devia tomar posse dela.

«Os costumes dos Europeus — diz ele — são a esse respeito completamente ridículos. Os filósofos devem gemer, sem dúvida, por ver que alguns homens, só porque têm canhões e baionetas, não façam caso algum de setenta mil dos seus semelhantes; que, sem respeito pelos direitos mais sagrados, esses homens considerem como um objeto de conquista uma terra que os seus habitantes regaram com o seu suor e que há tantos séculos serve de túmulo aos seus antepassados».

La Pérouse não se demora em dar notícia particularizada dos habitantes de Sanduíche. Só ali esteve algumas horas, ao passo que

os ingleses residiram ali quatro meses. Por conseguinte, com muita justiça, manda ler a relação do capitão Cook.

Mais de cem porcos, esteiras, frutas, uma piroga, pequenos objetos de penas e de conchas, bonitos capacetes cobertos de plumas vermelhas, tais foram as coisas compradas nesta curta arribada.

As instruções que La Pérouse recebera quando partira prescreviam-lhe que reconhecesse as costas da América, uma parte das quais, até ao monte de Santo Elias, com exceção, todavia, do porto de Nootka, só fora avistada pelo capitão Cook.

Chegou a essas costas, por 60° de latitude, a 23 de junho, e reconheceu, no meio de uma longa cordilheira, coberta de neve, o monte Santo Elias, de Behring. Depois de ter seguido por algum tempo ao longo da costa, La Pérouse expediu três embarcações, debaixo do comando de um dos seus oficiais, o Sr. Monti, que descobriu uma grande baía, a que deu o seu nome. A costa foi seguida a pouca distância e fizeram-se levantamentos, que formaram uma série ininterrupta até um rio importante, que recebeu o nome de Béringue.

Era, segundo todas as probabilidades, aquela a que Cook dera esse nome.

A 2 de julho, a 58° 36' de latitude norte e 140° 31' de longitude oeste foi descoberto um recanto, que pareceu ser uma formosíssima baía. Uns escaleres, debaixo das ordens dos Srs. Pierrevert, Flassan e Boutervilliers foram imediatamente mandados fazer o seu reconhecimento. Sendo favorável a participação desses oficiais, as duas fragatas chegaram à entrada dessa baía, mas o *Astrolábio* foi repellido para o mar alto por uma corrente violenta e a

Bússola teve de ir ter com o outro navio. Às seis horas da manhã, depois de uma noite passada à vela, os navios apresentaram-se de novo.

«Mas às sete horas da manhã — diz a relação —, quando estivemos na entrada, os ventos saltaram para oés-noroeste e para noroeste-quarto-oeste, de forma que foi necessário talingar. Felizmente a vaga levou as nossas fragatas para a baía, obrigando-nos a seguir ao longo dos rochedos da ponta de leste, a meio tiro de pistola. Fundeei dentro com três braças e meia, fundo de rocha, a meia amarra da praia. O *Astrolábio* fundeara com o mesmo fundo. Há trinta anos que navego, nunca me sucedeu ver dois navios tanto a pique de se perderem. A nossa situação não seria nada embaraçosa se não estivéssemos ancorados num fundo de rocha, que se estendia até uma distância de muitas amarras, à roda de nós, o que era muito contrário às informações dos Srs. Flassan e Boutervilliers. O momento não era azado para reflexões; o que era necessário era sair desse mau ancoradouro, e a rapidez da corrente era um grande obstáculo.

La Pérouse, contudo, sempre o conseguiu, graças a uma série de manobras hábeis.

Desde que haviam entrado na baía, os navios tinham estado sempre rodeados de pirogas de selvagens. De todos os objetos de troca que se lhes ofereciam para se alcançar peixe, peles de lontra e de outros animais, era o ferro o que os indígenas preferiam. O seu número aumentou rapidamente no fim de alguns dias de arribada, e não tardaram a tornar-se, se não perigosos, pelo menos incómodos.

La Pérouse estabelecera um observatório numa ilha da baía e armara tendas para os veleiros e para os ferreiros. Não obstante

esse estabelecimento ser guardado com vigilância, os indígenas, «arrastando-se como cobras, quase sem agitar uma folha, chegavam, apesar das nossas sentinelas, a furtar coisas nossas. Enfim, tiveram a habilidade de entrar, de noite, na tenda onde dormiam os Srs. Lauriston e Darbaud, que estavam de guarda ao observatório; levaram uma espingarda guarnecida de prata, assim como os fatos desses dois oficiais, que os tinham metido por precaução debaixo do travesseiro. Uma guarda de doze homens não os avistou, e os dois oficiais não acordaram».

Entretanto o tempo que La Pérouse tencionava consagrar a essa arribada no porto dos Franceses ia chegando ao seu termo. Os trabalhos de sondagem, de levantamento das plantas e as observações astronómicas acabavam, mas, antes de a deixar definitivamente, queria La Pérouse explorar em todas as suas minuciosidades o fundo da baía. Supunha que algum grande rio ali devia desaguar, rio que lhe permitiria penetrar no interior.

Mas no fundo dos canais estreitos em que se meteu, encontrou La Pérouse apenas imensas geleiras, que só terminavam no monte Beautemps.

Nenhum incidente, nenhuma doença, viera agourar a feliz sorte que até aí acompanhara a expedição.

«Considerávamo-nos — diz La Pérouse — como os mais felizes dos navegadores, por havermos chegado a tamanha distância da Europa sem ter tido um só doente, nem um só homem atacado de escorbuto, mas a maior das desgraças, a que era mais impossível de prever, nos esperava nesse termo».

No mapa do porto dos Franceses, levantado pelos Srs. Monneron e Bernizet, já não restava senão indicar as sondagens. Era

aos oficiais de marinha que incumbia essa tarefa. Três embarcações, às ordens dos Srs. D'Escures, Marchainville e Boutin, foram encarregadas dessa operação. La Pérouse, que conhecia o zelo às vezes nimamente ardente do Sr. D'Escures, recomendou-lhe no momento da partida que trabalhasse com a mais minuciosa prudência e não operasse a sondagem do canal senão no caso de a vaga ali não quebrar.

As canoas partiram às seis horas da manhã. Era tanto um divertimento como uma expedição de serviço. Devia-se caçar e almoçar à sombra das árvores.

«Às dez horas da manhã — diz La Pérouse —, vi voltar a nossa pequena canoa. Um pouco surpreendido, porque não a esperava tão cedo, perguntei ao Sr. Boutin, antes que ele subisse para bordo, se havia alguma novidade. Receei, no primeiro momento, algum ataque dos selvagens. O modo do Sr. Boutin não era de tranquilizar; estava pintada no seu rosto a mais viva dor.

Contou-me logo o terrível naufrágio de que acabava de ser testemunha, e ao qual não escapara senão porque a firmeza do seu caráter lhe permitira ver todos os recursos que restavam em tão extremo perigo. Arrastado, seguindo o seu comandante ao meio dos cachopos do caminho do canal, enquanto a maré subia com uma ligeireza de três ou quatro léguas por hora, imaginou apresentar à vaga a popa da sua canoa, que dessa maneira, impelida pela vaga e cedendo-lhe, podia não se encher, mas devia contudo ser arrastada para fora aos empurrões pela maré.

Em breve viu da proa da sua canoa os cachopos e achou-se no mar alto. Mais preocupado da salvação dos seus camaradas que da sua própria, percorreu a orla dos cachopos, na esperança de salvar

algun, até que de novo se meteu entre eles, mas foi repellido pela maré; enfim, subiu aos ombros do Sr. Mouton para descobrir um espaço mais largo. Vã esperança, tudo fora engolido... e o Sr. Boutin voltou para trás.

Tendo o mar amansado, esse oficial conservara alguma esperança de que se salvasse a biscoinha do *Astrolábio*; não vira perecer senão a nossa. O Sr. Marchainville estava nesse momento a um quarto de légua do perigo, isto é, num mar tão perfeitamente tranquilo como o do porto mais bem abrigado; mas este jovem oficial, impellido por uma generosidade sem dúvida imprudente, pois que todo o socorro era impossível nessas circunstâncias, tendo a alma tão elevada e tendo tanta coragem que não podia fazer essa reflexão quando os seus amigos estavam num tal extremo perigo, voou em seu socorro, lançou-se nos mesmos cachopos, e, vítima da sua generosidade e da desobediência formal do seu chefe, pereceu com ele.

Em breve o Sr. Langle chegou a meu bordo tão acabrunhado de dor como eu mesmo, e me contou, derramando lágrimas, que a desgraça era ainda infinitamente maior do que eu julgava. Desde a nossa partida seguira, como regra invariável, nunca destacar os dois irmãos, Srs. La Borde-Marchainville e La Borde-Boutervilliers, para o mesmo serviço, e cedera, só nessa ocasião, ao desejo que haviam mostrado de ir passear e caçar juntos, porque era quase debaixo desse ponto de vista que um e outro tínhamos encarado a ida dos nossos escaleres, que julgávamos tão pouco expostos como se fosse na enseada de Brest, quando está lindíssimo o tempo».

Muitas embarcações foram logo despachadas à procura dos náufragos. Tinham-se prometido recompensas aos indígenas se

chegassem a salvar alguém, mas o regresso da chalupa destruiu as nossas ilusões. Todos haviam perecido.

Dezoito dias depois desta catástrofe, deixavam as duas fragatas o porto dos Franceses. No meio da baía, na ilha que foi chamada ilha do Cenotáfio, elevara La Pérouse um monumento à memória dos nossos infelizes compatriotas. Nele se lia a seguinte inscrição:

À ENTRADA DO PORTO, PERECERAM VINTE E UM BRAVOS
MARINHEIROS: QUEM QUER QUE SEJAIS, MISTURAI COM
AS NOSSAS AS VOSSAS LÁGRIMAS!

Ao pé do monumento fora enterrada uma garrafa, que encerrava a história deste deplorável acontecimento.

Situado por 58° 37' de latitude norte e 139° 50' de longitude oeste, o porto dos Franceses apresenta grandes vantagens, mas também alguns inconvenientes, entre os quais se devem colocar em primeiro lugar as correntes da passagem. O clima é infinitamente mais suave do que o da baía de Hudson, na mesma latitude; por isso também a vegetação é extremamente vigorosa. Os pinheiros de seis pés de diâmetro com cento e cinquenta de altura não eram raros; o aipo, a azeda, o tremoço, a ervilha brava, a chicória, o mímulo, encontravam-se por toda a parte, assim como um grande número de plantas de horta, cujo uso contribuiu para conservar as tripulações em boa saúde.

O mar fornece com abundância salmões, trutas, solhas, bacalhaus, etc.

Nos bosques vivem ursos negros e cor de café, lincos, arminhos, martas, esquilos, raposas, etc.; as peles mais preciosas são as da lontra do mar, do lobo e do urso-marinho.

«Mas se as produções vegetais e animais deste país o aproximam de muitos outros, o seu aspeto não se pode comparar, e duvido que os mais profundos vales dos Alpes e dos Pirenéus ofereçam um quadro tão assustador, mas ao mesmo tempo tão pitoresco, que mereceria ser visitado pelos curiosos se não estivesse numa das extremidades da Terra».

Quanto aos habitantes, o retrato que La Pérouse deles traçou merece ser conservado.

«Metidos nas suas pirogas, havia sem cessar índios à roda das nossas fragatas; passavam por ali três ou quatro horas antes de principiar a troca de alguns peixes ou de duas ou três peles de lontra; aproveitavam todas as ocasiões de nos roubar, arrancavam o ferro que era fácil de tirar, e examinavam sobretudo por que meios poderiam de noite enganar a nossa vigilância. Mandava entrar para bordo da minha fragata as principais personagens, enchia-as de presentes, e esses mesmos homens, que eu tão particularmente distinguia, nunca desdenhavam o roubo de um prego ou de uns calções velhos; quando tomavam uns modos risonhos e agradáveis, já eu tinha a certeza de que acabavam de roubar alguma coisa, e a maior parte das vezes fingia não dar por isso».

As mulheres fazem um buraco na parte mais espessa do lábio inferior e em toda a largura do queixo, e metem ali uma espécie de escudela de pau, sem asa, que encostam às gengivas, «a que este lábio rasgado serve de almofada para fora, de maneira que a parte inferior da boca tem uma saliência de duas ou três polegadas».

A arribada forçada que La Pérouse acabava de fazer no porto dos Franceses impediu-o de parar noutra sítio e de proceder ao reconhecimento de todas as denticulações da costa, como tencionava, porque tinha de chegar a todo o custo à China durante o mês de fevereiro, a fim de empregar o verão seguinte no levantamento da costa da Tartária.

Reconheceu sucessivamente nessa costa a entrada de Cross-Sound, onde terminam as altas montanhas cobertas de neve, a baía das ilhas de Cook, o cabo Engano, terra baixa que se adianta muito para o mar e que tem o monte S. Jacinto, o monte e o cabo Edgecumbe, de Cook, a entrada de Nelfork, onde havia de fundear no ano seguinte o inglês Dixon, os portos Necker e Guibert, o cabo Tschirikow, as ilhas da Croyère, assim chamadas em memória do irmão do famoso geógrafo Delisle, companheiro de Tschirikow, as ilhas S. Carlos, a baía de La Touche e o cabo Heitor.

Esta linha de costas, na opinião de La Pérouse, devia ser formada por um vasto arquipélago, e tinha razão, porque eram os arquipélagos de Jorge III, do Príncipe de Gales e a ilha da Rainha Carlota, cuja extremidade meridional era formada pelo cabo Heitor.

A estação já muito adiantada e o pouco tempo de que dispunha não permitiram a La Pérouse observar minuciosamente essa série de terras, mas o seu instinto não o enganara, fazendo-lhe reconhecer uma série de ilhas e não um continente na sucessão dos pontos que levantara.

Depois do cabo Fleurieu, que formava a ponta de uma ilha muito elevada, La Pérouse encontrou muitos grupos de ilhas, aos quais deu o nome de Sartines, e tornou a descer a costa até à entrada de Nootka, que reconheceu a 25 de agosto. Visitou em

seguida diversas partes do continente de que Cook fora obrigado a conservar-se a distância e que foram uma lacuna no seu mapa. Esta navegação não foi sem perigo por causa das correntes, que são nessa costa de violência extrema e «que não permitiam governar com um vento de andar três nós por hora a uma distância de cinco léguas de terra».

A 5 de setembro, a expedição descobriu nove ilhotas, afastadas perto de uma légua do cabo Branco, e às quais o comandante deu o nome de ilhas Necker. A névoa era muito espessa e mais de uma vez foi forçado a afastar-se de terra para não encontrar alguma ilhota ou algum escolho cuja presença não pudesse ser suspeitada. O tempo continuou a estar mau até à baía de Monterey, onde La Pérouse encontrou dois navios espanhóis.

A baía de Monterey era, nessa época, frequentada por grande número de baleias, e o mar estava literalmente coberto de pelicanos, que eram muito comuns em toda a costa da Califórnia. Uma guarnição de duzentos e oitenta cavaleiros bastava para conter uma população de cinquenta mil índios vagueando nesta parte da América. Deve dizer-se que esses índios, geralmente pequenos e fracos, não eram dotados desse amor da independência que caracteriza os seus congêneres do norte, e não tinham, como estes, o sentimento das artes nem o gosto da indústria.

«Estes índios — diz a relação — são muito destros a atirar o arco; mataram diante de nós os mais pequenos pássaros. É verdade que a sua paciência para se aproximar deles é inexprimível; escondem-se e insinuam-se de certo modo até próximo da caça e não lhe atiram senão a quinze passos.

A sua indústria contra a caça grossa é ainda mais admirável. Vimos um índio, com uma cabeça de veado amarrada à sua, caminhar de mãos no chão, fingir que pastava e representar essa pantomima com tal verdade que todos os nossos caçadores lhe teriam atirado a trinta passos se não estivessem prevenidos. Aproximam-se assim do rebanho de veados e matam-nos a frechadas, quase à queima-roupa».

La Pérouse dá em seguida muitíssimas particularidades sobre o presídio de Loreto e sobre as missões da Califórnia, mas esses apontamentos, que têm o seu valor histórico, não podem aqui entrar. Os que dá acerca da fecundidade do país adaptam-se melhor ao nosso quadro.

«As colheitas de milho, de cevada, de trigo e de ervilha — diz ele — não podem ser comparadas senão com as do Chile; os nossos cultivadores da Europa não podem ter ideia alguma de semelhante fertilidade; o produto médio do trigo é de setenta a oitenta por um; os extremos, sessenta ou cem».

A 22 de setembro, as duas fragatas fizeram-se ao largo depois de terem recebido acolhimento benévolo do governador espanhol e dos missionários. Levavam um pleno carregamento de provisões de toda a espécie, que lhes deviam ser muito úteis durante a longa travessia que lhes restava fazer até Macau.

A parte do oceano que os franceses iam percorrer era quase desconhecida. Só os espanhóis a praticavam havia muito tempo; mas a sua política invejosa não lhes permitira publicar as descobertas e as observações que aí haviam feito. Demais, La Pérouse queria fazer caminho para sudoeste até 28° de latitude,

onde alguns geógrafos tinham colocado a ilha de Nuestra Señora de la Gorta.

Foi debalde que a procurou, num longo e penoso cruzeiro, durante o qual os ventos contrários puseram mais de uma vez à prova a paciência dos navegadores.

«As nossas velas e as nossas enxárcias — diz ele — advertiam-nos todos os dias de que estávamos no mar havia dezasseis meses; a cada instante o nosso aparelho se rompia, e os nossos veleiros não bastavam para reparar panos que estavam inteiramente gastos».

A 5 de novembro foi descoberta uma ilhota, ou, antes, um rochedo de quinhentas toesas de comprimento, no qual não se balouçava uma árvore, e que era coberto por uma espessa camada de guano. A sua longitude e a sua latitude são $166^{\circ} 52'$ a oeste de Paris e $23^{\circ} 34'$ norte. Foi chamada ilha Necker.

Não estivera nunca mar mais belo nem noite mais serena. De repente, pela uma hora e meia da manhã, avistaram-se uns cachopos a duas amarras da proa da *Bússola*. O mar estava tão sossegado que não fazia quase nenhum ruído e não quebrava senão de longe a longe e nalguns sítios. Imediatamente se virou a bombordo, mas essa manobra tinha levado tempo e o navio não estava já senão a uma amarra dos rochedos quando obedeceu à manobra.

«Acabávamos de escapar ao perigo mais iminente em que navegadores se podem achar — diz La Pérouse —, e devo à minha tripulação a justiça de dizer que não houve nunca, em tal circunstância, menos desordem e menos confusão; a mais leve negligência na execução das manobras que tínhamos a fazer, para

nos afastarmos dos cachopos, traria consigo necessariamente a nossa perda».

Este baixo não era conhecido; era preciso pois determiná-lo exatamente para que outros navegadores não corressem os mesmos perigos. La Pérouse não faltou a esse dever e chamou-lhe Baixo das Fragatas Francesas.

A 14 de dezembro, o *Astrolábio* e a *Bússola* tiveram conhecimento das ilhas Marianas. Não se desembarcou senão na ilha vulcânica da Assunção. A lava formou aí quebradas e precipícios marginados por alguns coqueiros enfezados e muito separados, entremeados de lianas e de um pequeno número de plantas. Era quase impossível andar nesse sítio cem toesas por hora. O desembarque e o embarque foram difíceis, e os cem cocos, as conchas e as bananeiras desconhecidas, que os naturalistas trouxeram, não valeram os perigos que tinham corrido.

Era impossível demorarem-se mais tempo nesse arquipélago se quisessem chegar à costa da China antes da partida, para a Europa, dos navios que deviam levar a narrativa dos trabalhos da expedição da costa da América e a relação da travessia até Macau. Depois de ter determinado, sem parar, a posição das Bashees, a 1 de janeiro de 1787, La Pérouse teve conhecimento da costa da China e no dia seguinte fundeava na enseada de Macau.

La Pérouse encontrou aí uma pequena embarcação francesa, comandada pelo Sr. Richery, guarda-marinha, cuja missão consistia em navegar nas costas de este e proteger o nosso comércio. A cidade de Macau é tão conhecida que não nos demoraremos a descrevê-la com La Pérouse. As afrontas de todo o género com que os chineses incomodavam todos os dias os europeus, as suas

humilhações constantes, devidas ao governo mais tirânico e mais covarde que pode haver, excitaram a indignação do comandante francês, que vivamente desejaria que uma expedição internacional viesse pôr termo a essa situação intolerável.

As peles que a expedição colheira na costa da América foram vendidas em Macau por dez mil piastras. O produto devia ser repartido entre as tripulações, e o chefe da companhia sueca encarregou-se de o fazer passar a ilha de França. Os nossos desgraçados compatriotas não tinham de receber nunca semelhante quantia!

Partindo de Macau a 5 de fevereiro, os navios dirigiram-se para Manila, e depois de ter reconhecido os bancos de Pratas, de Buliano, de Mansiloq e de Marivelle, mal colocados nos mapas de D'Aprés, foram obrigados a arribar ao porto de Marivelle, para esperar melhores ventos ou correntes mais favoráveis. Apesar de Marivelle estar a uma légua a sotavento de Cavite, foram necessários três dias para chegar a este último porto.

«Achámos — diz a relação — diferentes casas para trabalhar nas nossas velas, fazer as nossas salmouras, construir duas canoas, alojar os nossos naturalistas, os nossos engenheiros geógrafos, e o bom comandante emprestou-nos a sua para aí se estabelecer o nosso observatório. Gozávamos de tão completa liberdade como se estivéssemos no campo e achávamos no mercado e no arsenal os mesmos recursos que num dos melhores portos da Europa».

Cavite, a segunda cidade das Filipinas, capital da província deste nome, não era então senão uma detestável aldeia, onde não residiam outros espanhóis que não fossem oficiais militares ou de administração; mas, se a cidade só oferecia aos olhos um montão de

ruínas, não acontecia o mesmo com o porto, onde as fragatas francesas acharam todos os recursos desejáveis. No dia seguinte ao da sua chegada, La Pérouse, acompanhado pelo comandante Langle e pelos seus principais oficiais, foi visitar o governador e partiu para Manila num escaler.

«Os arredores de Manila são encantadores — diz ele —; por eles serpeia o mais belo rio, que se divide em diferentes canais, conduzindo os dois principais a essa famosa lagoa ou lago de Bay, que está a sete léguas para o interior, orlado de mais de cem aldeias Índias, situadas no meio do território mais fértil.

Manila, construída à beira da baía do seu nome, que tem mais de vinte e cinco léguas de perímetro, está na embocadura de um rio navegável até ao lago onde nasce. É talvez a cidade do Universo mais felizmente situada. Todos os comestíveis ali se acham na maior abundância e o mais barato possível; mas os fatos, as quinquilharias da Europa, os móveis, vendem-se por um preço excessivo. A falta de emulação, as proibições, os embaraços de toda a espécie postos ao comércio, tornam as produções e as mercadorias da Índia e da China pelo menos tão caras como na Europa, e essa colónia, posto que diferentes impostos rendam ao fisco perto de oitocentas mil piastras, custa ainda cada ano à Espanha um milhão e quinhentas mil libras, que são enviadas do México. As imensas possessões dos Espanhóis na América não têm permitido ao Governo ocupar-se essencialmente das Filipinas; são ainda como essas terras de fidalgos, que ficam em pousio e que contudo seriam a riqueza de muitas famílias.

Não recearei afirmar que uma grande nação que não tivesse por colónia senão as ilhas Filipinas e que nelas estabelecesse o

melhor governo que pudessem comportar, poderia ver sem inveja todos os estabelecimentos europeus da África e da América».

A 9 de abril, depois de saber da chegada a Macau do Sr. D'Entrecasteaux, que viera da ilha de França contra a monção, e de ter recebido pela fragata *Subtil* despachos da Europa e um reforço de oito marinheiros com dois oficiais, os Srs. Guyet, aspirante, e Le Gobien, guarda-marinha, as duas tripulações fizeram-se de vela para a costa da China.

A 21, La Pérouse avistou a Formosa e meteu-se logo no canal que separa essa ilha da China. Descobriu nesse canal um banco muito perigoso, desconhecido dos navegadores, e determinou-lhe cuidadosamente as sondagens e as proximidades. Logo depois, passou diante da baía do antigo forte holandês da Zelândia, onde está situada a cidade de Taywan, capital desta ilha.

Por causa de a monção não ser favorável para subir o canal da Formosa, La Pérouse decidiu-se a passar para este dessa ilha. Retificou a posição da ilha dos Pescadores, grupo de rochedos que afetam toda a espécie de figuras, reconheceu a ilhota de Botol-Tabaco-Xima, aonde nunca abordara um único viajante, prolongou a ilha Kimu, que faz parte do reino de Likeu, cujos habitantes não são nem chineses nem japoneses, mas parecem ter alguma coisa de uns e de outros, e viu as ilhas Hoapinsu e Tiaoyu-su, que fazem parte do arquipélago de Likeu, conhecido somente pelas cartas de um jesuíta, o padre Gaubil.

As fragatas entraram então no mar Oriental e dirigiram-se para a entrada do canal que separa a China do Japão. La Pérouse encontrou névoas tão densas como nas costas do Lavrador e correntes variáveis e violentas. O primeiro ponto interessante a fixar,

antes de entrar no golfo do Japão, era a ilha Quelpaert, conhecida dos europeus pelo naufrágio de Sparrow-Hawk, em 1635. La Pérouse determinou-lhe a ponta do sul e levantou-a com muito cuidado num prolongamento de doze léguas.

«Não é possível — diz ele — encontrar uma ilha que ofereça mais belo aspeto; um pico de cerca de mil toesas, que se pode avistar de dezoito a vinte léguas, eleva-se no meio da ilha, de que é sem dúvida reservatório; o terreno desce em ladeira suavíssima até ao mar, de onde as habitações parecem estar dispostas em anfiteatro. O solo pareceu-nos cultivado até grande altura. Avistávamos, com o auxílio de óculos, as repartições dos campos; são muito divididos, o que indica uma grande população. Os matizes variadíssimos das diferentes culturas tornavam a vista desta ilha ainda mais agradável».

Os exploradores puderam felizmente fazer as melhores observações de longitude e de latitude, o que era tanto mais importante quanto nunca navio europeu percorrera esses mares, que não estavam traçados nos nossos mapas-múndi senão pelas cartas chinesas e japonesas publicadas pelos jesuítas.

A 25 de maio, as fragatas meteram-se no estreito da Coreia, que foi minuciosamente levantado e no qual se praticaram sondagens de meia em meia hora.

Como podiam seguir a costa de perto, foi fácil observar algumas fortificações à europeia e todas as suas minuciosidades.

A 27, avistou-se uma ilha que não estava marcada em nenhuma carta e que parecia afastada umas vinte léguas da costa da Coreia. Recebeu o nome de ilha Dagelet.

Dirigiu-se depois o rumo para o Japão. Os ventos contrários não lhes permitiram aproximar-se senão com extremo vagar. A 6 de junho reconheceram-se o cabo Noto e a ilha Iootsi-Sima.

«O cabo Noto, na costa do Japão — diz La Pérouse —, é um ponto que os geógrafos podem tomar por ponto de reparo; dará, com o cabo Nabo na costa oriental, determinado pelo capitão King, a largura desse império na parte setentrional. As nossas determinações prestarão ainda um serviço mais especial à geografia, porque farão conhecer a largura do mar da Tartária, para o qual tomei a resolução de me dirigir».

Foi a 11 de junho que La Pérouse teve conhecimento da costa da Tartária. O ponto na qual fundeou estava exatamente no limite da Coreia e da Manchúria. As montanhas pareciam ter seiscentas a setecentas toesas de altura. Nos seus cumes avistava-se neve, mas em pequena quantidade. Não se descobriu vestígio algum de cultura ou de habitação. Num comprimento de costas de quarenta léguas a expedição não encontrou a foz de qualquer rio. Teria sido contudo desejável que se pudesse arribar, a fim de que os naturalistas e os litólogos pudessem fazer algumas observações.

«Até 14 de junho, a costa correra para nordeste um quarto norte; estávamos já a 44° de latitude e tínhamos alcançado a que os geógrafos dão ao suposto estreito de Tersoy, mas achávamo-nos a cinco graus mais a oeste que a longitude dada a esse estreito; esses cinco graus devem ser tirados da Tartária e aumentados ao canal que a separa das ilhas situadas ao norte do Japão».

Desde que as fragatas prolongavam essa costa, não se vira vestígio algum de habitação; nem uma piroga largara da praia; esse

país, ainda que coberto de árvores magníficas e de uma vegetação luxuriante, parecia não ter um único habitante.

A 23 de junho, a *Bússola* e o *Astrolábio* fundearam numa baía situada a 45° 13' de latitude norte e a 135° 9' de longitude oriental. Recebeu o nome de baía Temay.

«Ardíamos de impaciência — diz La Pérouse — por ir reconhecer essa terra de que a nossa imaginação estava ocupada desde a nossa partida de França; era a única parte do Globo que escapara à atividade infatigável do capitão Cook, e devemos talvez ao funesto acontecimento que terminou os seus dias a pequena vantagem de sermos os primeiros que a encontramos.

Cinco pequenas angras formam o contorno dessa enseada (a baía Ternay): são separadas entre si por colónias cobertas de árvores até ao cume. Nunca uma primavera mais fresca em França oferecera matizes de um verde tão vigoroso e tão variado... Antes de os nossos escaleres atracarem, os nossos óculos estavam voltados para a praia, mas não avistávamos senão veados e ursos, que pastavam tranquilamente à borda do mar. Essa vista aumentou a impaciência que todos tinham em desembarcar... O solo era atapetado das mesmas plantas que crescem nos nossos climas, mas mais vigorosas; a maior parte estavam em flor.

Encontravam-se a cada passo rosas, lírios amarelos, lírios roxos, junquinhos, e geralmente todas as flores dos nossos prados. Os pinheiros coroavam o cume das montanhas; os carvalhos só começavam a meia encosta e diminuía de grossura e de vigor à medida que se aproximavam do mar. As margens dos rios e dos riachos estavam plantadas de salgueiros, de álamos, de áceres, e na

ourela dos grandes bosques viam-se macieiras e azaroleiros floridos, com maciços de aveleiras, cujos frutos começavam a amadurecer».

Foi depois de uma pescaria que os franceses descobriram um túmulo tártaro. A curiosidade levou-os a abri-lo e acharam dois esqueletos deitados ao lado um do outro. A cabeça estava coberta com um barretinho de tafetá; o corpo envolto numa pele de urso; da cintura pendiam pequenas moedas chinesas e joias de cobre. Encontraram-se igualmente dez braceletes de prata, um machado de ferro, uma faca e outras miudezas, entre as quais havia um saquinho de ganga azul cheio de arroz.

No dia 27 de manhã, La Pérouse deixou essa baía solitária, depois de lá ter deposto muitas medalhas e uma inscrição que dava a data da sua chegada.

Um pouco mais adiante, as embarcações pescaram mais de oitocentos bacalhaus, que foram logo salgados, e trouxeram do fundo do mar uma grande quantidade de soberbas ostras de madrepérola.

Depois de ter arribado à baía Suffren, situada a 47° 51' de latitude norte e 137° 25' de longitude oriental, La Pérouse descobriu, a 6 de julho, uma ilha que era a Saghalien. A sua costa era tão arborizada como a da Tartária. No interior elevavam-se altas montanhas, das quais a mais elevada recebeu o nome de pico Lamanon. Como se avistavam fumos e cabanas, M. de Langle e muitos oficiais desembarcaram. Os habitantes tinham fugido muito recentemente, porque as cinzas das suas fogueiras ainda não estavam frias.

No momento em que os navegadores iam reembarcar, depois de ter deixado alguns presentes para os habitantes, uma piroga

desembarcava sete naturais, que não pareceram nada assustados.

«Nesse número — diz a relação — havia dois velhos com longa barba branca, vestidos com uma fazenda de cortiça, muito semelhante às tangas de Madagáscar. Dois dos sete insulares usavam fato de ganga azul enchumado e a forma do seu vestuário diferia pouco da dos Chineses. Outros trajavam um longo vestido, que fechava inteiramente por meio de um cinto e de alguns pequenos botões, o que os dispensava do uso de calças. A sua cabeça estava descoberta, e, em dois ou três, cingida somente de uma faixa de pele de urso; tinham o alto da cabeça e as faces rapadas, os cabelos de trás conservados no comprimento de oito ou dez polegadas, mas de uma maneira diferente dos Chineses, que deixam apenas um rabicho, a que chamam *pentsec*. Todos calçavam botas de lobo-marinho com um bico à chinesa, muito artisticamente trabalhado.

As suas armas eram arcos, lanças e flechas guarnecidas de ferro. O mais velho desses insulares, aquele a quem testemunhavam mais respeito, tinha os olhos em péssimo estado. Trazia à roda da cabeça uma pala para se resguardar da claridade do sol. As maneiras desses habitantes eram graves, nobres e muito afetuosas».

M. de Langle aprazou-os para se encontrarem no dia seguinte. La Pérouse e a maior parte dos seus oficiais compareceram. As informações que obtiveram desses tártaros eram importantes e deviam determinar La Pérouse a levar o seu reconhecimento mais para o norte.

«Conseguimos fazer-lhes compreender — diz ele — que desejávamos que figurassem o seu país e o dos Manchus. Então um

dos velhos levantou-se e, com a ponta da sua lança, traçou a costa da Tartária, para oeste, correndo pouco mais ou menos norte e sul. A leste, em frente, e na mesma direção, figurou a sua ilha, e, levando a mão ao peito, fez-nos entender que acabava de traçar o seu próprio país. Deixara entre a Tartária e a sua ilha um estreito, e, voltando-se para os nossos navios, que se avistavam da praia, indicou com um traço que se podia atravessar. Ao sul dessa ilha, figurara outra e deixara um estreito, indicando que era também caminho para os nossos navios.

A sua sagacidade para nos compreender era muito grande, porém menor que a de um outro insular, de pouco mais ou menos trinta anos, que, vendo que as figuras desenhadas na areia se apagavam, pegou num dos nossos lápis e em papel. Traçou a sua ilha, que chamou Tchoka, e indicou por um traço o pequeno rio na margem do qual estávamos, que colocou a dois terços do comprimento da ilha, desde o norte para o sul. Desenhou em seguida a terra dos Manchus, deixando, como o velho, um estreito no fundo do funil, e, com grande surpresa nossa, ajuntou-lhe o rio Saghalien, cujo nome os insulares pronunciavam como nós; colocou a foz desse rio um pouco ao sul da ponta do norte da sua ilha...

Quisemos em seguida saber se esse estreito era muito largo; procurámos fazer-lhe compreender a nossa ideia; apanhou-a, e, colocando as suas mãos perpendicularmente e paralelamente, a duas polegadas uma da outra, fez-nos entender que figurava assim a largura do rio da nossa aguada; e, afastando-as mais, que essa segunda largura era a do rio Saghalien; e, afastando-as enfim muito mais, que era a largura do estreito que separa o seu país da Tartária...

M. de Langle e eu julgávamos que era da maior importância reconhecer se a ilha que prolongávamos era aquela a que os geógrafos deram o nome de ilha Saghalien, sem lhe suspeitar a extensão para o sul. Dei ordem para que se dispusesse tudo nas duas fragatas para levantar ferro no dia seguinte. A baía onde fundeáramos recebeu o nome de baía de Langle, do nome desse capitão que a descobrira e fora o primeiro a pôr o pé em terra».

Numa outra baía, na mesma costa, que foi chamada baía de Estaing, os escaleres atracaram ao pé de dez a doze cabanas. Eram maiores que as que se tinham visto até então e divididas em dois quartos. A do fundo continha o fogão, os utensílios de cozinha e a bancada que corre em torno da casa; a da frente estava absolutamente desprezada e parecia destinada a receber os estrangeiros. As mulheres tinham fugido ao verem desembarcar os franceses. Duas delas foram apanhadas, e, enquanto as sossegavam, tiveram tempo de as retratar. A sua fisionomia era um pouco extraordinária, mas agradável; os olhos eram pequenos, os lábios grossos, e o lábio superior era pintado ou picado.

M. de Langle encontrou os insulares reunidos à roda de quatro barcos carregados de peixe fumado, que ajudavam a deitar ao mar.

Eram manchus, vindos das margens do rio Saghalien. Num canto da ilha encontrou-se uma espécie de circo rodeado de quinze ou vinte estacas, em cada uma das quais estava espetada uma cabeça de urso. Supôs-se, não sem razão, que esses troféus eram destinados a perpetuar a lembrança de uma vitória contra esses animais.

Nesta costa pescaram-se inúmeros bacalhaus, e na foz de um rio pescou-se uma massa prodigiosa de salmões.

Depois de ter conhecido a baía de La Jonquière, La Pérouse fundeou na baía de Castries. A provisão de água estava a acabar e já não havia madeira. Quanto mais se metia no canal que separa Saghalien do continente, mais o fundo diminuía. La Pérouse, vendo que não poderia dobrar, pelo norte, a ilha de Saghalien, e receando não poder sair da garganta em que se metera senão pelo estreito de Shangar, que estava muito mais ao sul, resolveu demorar-se só cinco dias na baía de Castries, tempo estritamente necessário para fazer as suas provisões.

Estabeleceu-se o observatório numa ilhota, enquanto os carpinteiros cortavam madeira e os marinheiros enchiam as talhas de água.

«Cada cabana dos insulares, que se chamavam Orotchis — diz a relação —, era rodeada de um espaço destinado à seca de salmões, que ficavam expostos em cima de varas aos ardores do sol, depois de terem sido defumados durante três ou quatro dias à roda do fogão, que está ao meio da sua casa; as mulheres encarregadas desta operação têm o cuidado, logo que o fumo os penetra, em os pôr ao ar livre, onde adquirem a dureza da madeira.

Pescavam no mesmo rio que nós, com redes ou dardos, e podíamos vê-los a comer crus, com uma avidez repugnante, o focinho, os ouvidos, as espinhas e às vezes a pele inteira do salmão, que tiravam com muita habilidade; chupavam a mucilagem dessas partes como nós engolimos uma ostra. O maior número dos seus peixes não chegavam a casa senão despojados, exceto quando a pesca fora abundantíssima; então as mulheres procuravam com a mesma avidez os peixes inteiros e devoravam de uma maneira

igualmente repugnante as suas partes mucilaginosas, que lhes pareciam os mais saborosos manjares.

Este povo é de uma porcaria e de um fedor revoltantes; não há talvez um único mais debilmente constituído, nem uma fisionomia mais afastada das formas às quais ligamos a ideia de beleza. A sua estatura mediana é inferior a quatro pés e dez polegadas; o corpo é delgado, a voz fraca e aguda, como a das crianças. Têm os ossos das faces salientes, os olhos pequenos, remelosos e rasgados diagonalmente; a boca grande, o nariz chato, o queixo curto, quase imberbe, e uma pele cor de azeitona envernizada de óleo e de fumo. Deixam crescer os cabelos e penteiam-nos pouco mais ou menos como nós. Os das mulheres caem-lhes espalhados nos ombros, e o retrato que acabo de traçar quadra tanto à sua fisionomia como à dos homens, de que seria difícil distingui-las, se uma ligeira diferença no vestir não indicasse o seu sexo. Não estão contudo sujeitas a qualquer trabalho forçado que pudesse, como entre os índios da América, alterar a elegância das suas formas, se a natureza lhes tivesse dado essa prenda.

Todas as suas ocupações se limitam a cortar e a coser os vestidos, a dispor o peixe para secar e a cuidar dos seus filhos, aos quais dão de mamar até à idade de três ou quatro anos. A minha surpresa foi extrema ao ver uma criança dessa idade, depois de ter retesado um pequeno arco, de ter disparado com boa pontaria a frecha e ter dado com um pau num cão, lançar-se ao peito de sua mãe e tomar o lugar de uma criança de cinco ou seis meses, que adormecera nos seu colo».

La Pérouse obteve dos Bitchis e dos Orotchis informações análogas às que lhe tinham sido já dadas. Delas resultava que a

ponta setentrional de Saghalien não estava reunida ao continente senão por um banco de areia no qual cresciam ervas marinhas e onde havia muito pouca água. Esta concordância das informações não podia deixar-lhe dúvida alguma, sobretudo quando chegara já a encontrar só seis braças no canal. Só lhe restava um ponto interessante a esclarecer: levantar a extremidade meridional de Saghalien, que não conhecia senão até à baía de Langle, por 37° 47'.

A 2 de agosto, o *Astrolábio* e a *Bússola* deixaram a baía de Castries, desceram para o sul, descobriram e reconheceram sucessivamente a ilha Monneron e o pico Langle, dobraram a ponta meridional de Saghalien, chamada cabo Crillon, e entraram num estreito entre Oku-Jesso e Jesso, que recebeu o nome de La Pérouse. Era esse um dos pontos geográficos mais importantes que os navegadores modernos deixaram aos seus sucessores. Até então a geografia dessas regiões era absolutamente fantástica: para Sansão, a Coreia é uma ilha, Jesso e Oku-Jesso e Kamtchatka não existem; para G. Delisle, Jesso e Oku-Jesso não são senão uma ilha determinada no estreito de Sangaar; enfim, Buache, nas suas *Considerações Geográficas*, pág. 105, diz: «O Jesso, depois de ter sido transportado para o oriente, ligado ao sul, depois para o ocidente, foi-o enfim para o norte...»

Era, como se vê, um verdadeiro caos, a que punham termo os trabalhos da expedição francesa.

La Pérouse teve algumas relações com os habitantes do cabo Crillon, que diz serem muito mais bonitos, muito mais industriosos, mas também muito menos generosos que os Orotchis da baía de Castries.

«Têm — diz ele — um objeto de comércio muito importante, desconhecido no resto da Tartária, e cuja troca lhes dá todas as suas riquezas: é o óleo de baleia. Obtêm quantidades consideráveis. Contudo a sua maneira de o extrair não é a mais económica: consiste em cortar em pedaços a carne da baleia e deixá-la apodrecer ao ar livre, num talude exposto ao sol.

O óleo que daí escorre é recebido em vasos de cortiça ou em odres de lobo-marinho».

Depois de ter reconhecido o cabo de Aniva, dos Holandeses, as fragatas costearam a Terra da Companhia, país árido, sem árvores e sem habitantes, e não tardaram a avistar as Kuriles; depois passaram entre as ilhas de Marikon e a dos Quatro Irmãos, dando a esse estreito, o mais belo que se encontra entre as Kuriles, o nome de canal da Desconfiada.

A 3 de setembro, avistou-se a costa do Kamtchatka, região horrorosa, «onde a vista se pousa a custo, e quase com terror, em massas enormes de rochedos, que a neve cobria ainda no começo de setembro e que pareciam não ter tido nunca vegetação».

Três dias depois, conheceu-se a baía de Avatscha, ou S. Pedro e S. Paulo. Os astrónomos procederam logo às suas observações e os naturalistas fizeram a ascensão muito penosa e perigosa de um vulcão, situado a oito léguas para o interior, enquanto o resto da tripulação, que não estava ocupada nos trabalhos de bordo, se dava ao prazer da caça ou da pesca.

Graças ao bom acolhimento do governador, os divertimentos foram variados.

«Convidou-nos — diz La Pérouse — para um baile que quis dar em nossa honra e a todas as senhoras, tanto kamtchadais como

russas, de S. Pedro e S. Paulo. Se a assembleia não foi numerosa, era pelo menos extraordinária. Treze mulheres vestidas de seda, em que entravam dez kamtchadais com umas caras gordas, olhos pequenos e narizes chatos, estavam sentadas em bancos à roda dos quartos. As kamtchadais tinham, assim como as russas, lenços de seda que lhes envolviam a cabeça, pouco mais ou menos como as mulatas das nossas colónias... Começou-se por danças russas, cuja música é bastante agradável e que lembrava muito a cossaca, que se dançou em Paris há anos. Sucederam-lhes as danças kamtchadais; não podem ser comparadas senão com a dos convulsionários do famoso túmulo de Saint-Médard. Só são necessários braços, ombros e quase nada de pernas aos dançarinos dessa parte da Ásia. As dançarinas kamtchadais, pelas suas convulsões e os seus movimentos de contração, inspiram um sentimento penoso a todos os espectadores; é ainda mais vivamente excitado pelo grito de dor que sai do fundo do peito dessas dançarinas, que não têm senão essa música para compasso dos seus movimentos. A sua fadiga é tal, durante esse exercício, que estão todas banhadas em suor e ficam estendidas por terra sem terem força para se levantar.

«As abundantes exalações que emanam do seu corpo perfumam o quarto com o cheiro de óleo de peixe, a que narizes europeus estão pouco costumados, de forma que lhe não sentem as delícias».

O baile foi interrompido pela chegada de um correio de Okotsch. As notícias que trazia foram boas para todos, mas mais particularmente para La Pérouse, que acabava de ser promovido ao posto de chefe de esquadra.

Durante essa arribada, os navegadores encontraram o túmulo de Luís Deslile e la Croyère, sócio da Academia das Ciências, que morrera no Kamtchatka em 1741, no regresso de uma expedição feita por ordem do czar, com o fim de levantar as costas da América. Os seus compatriotas colocaram no seu túmulo uma chapa de cobre gravada, e prestaram a mesma homenagem ao capitão Clerke, imediato e sucessor do capitão Cook.

«A baía de Avatscha — diz La Pérouse — é certamente a mais bela, a mais cómoda, a mais segura que é possível encontrar-se em qualquer parte do mundo. A sua entrada é estreita, e os navios seriam forçados a passar debaixo dos canhões dos fortes que aí se poderiam estabelecer; o abrigo é excelente; o fundo é de vasa; dois portos vastos, um na costa de leste e outro na de oeste, poderiam receber todos os navios da marinha de França e de Inglaterra».

A 29 de setembro de 1787, a *Bússola* e o *Astrolábio* fizeram-se de vela. O Sr. Lesseps, vice-cônsul da Rússia, que tinha até então acompanhado La Pérouse, estava encarregado de ir a França por terra, viagem tão longa como penosa, nessa época sobretudo, e de transportar para a corte os despachos da expedição.

Tratava-se agora de procurar uma terra descoberta pelos espanhóis em 1620. As duas fragatas cruzaram sobre 37° 30' o espaço de trezentas léguas, sem lhe descobrirem o mínimo vestígio, cortaram a linha pela terceira vez, passaram sobre a posição dada por Byron às ilhas do Perigo sem as avistar, e tiveram conhecimento, a 6 de dezembro, do arquipélago dos Navegadores, cuja descoberta era devida a Bougainville.

Muitas pirogas rodearam imediatamente os dois navios. Os naturais que as tripulavam não eram próprios para dar a La Pérouse

uma boa ideia da beleza dos insulares.

«Vi só duas mulheres — diz ele —, e as suas feições não eram delicadas. A mais nova, à qual se podiam atribuir dezoito anos, tinha numa perna uma úlcera repugnante. Muitos desses insulares tinham chagas consideráveis, e seria possível que fosse um começo de lepra, porque notei entre eles dois homens cujas pernas ulceradas e tão grossas como o corpo não podiam deixar dúvida alguma sobre o género da sua doença. Aproximaram-se de nós com receio e sem armas, e tudo anuncia que são tão sossegados como os habitantes das ilhas da Sociedade ou dos Amigos».

A 9 de dezembro fundeava-se diante da ilha de Maouna. Na manhã seguinte, o nascer do Sol anunciava um dia bonito. La Pérouse resolveu aproveitá-lo para visitar o país, fazer aguada e armar em seguida, porque o ancoradouro era muito mau para que lá se passasse outra noite. Tomadas todas as precauções, La Pérouse foi desembarcar no sítio onde os seus marinheiros faziam aguada. Quanto ao capitão Langle, foi a uma pequena enseada afastada uma légua da aguada, «e esse passeio, de que voltou encantado, transportado pela beleza da aldeia que visitara, foi, como se verá, a causa das nossas desgraças».

Em terra estabelecera-se um mercado muito frequentado. Os homens e as mulheres vendiam toda a espécie de coisas — galinhas, periquitos, porcos e frutas. Durante esse tempo, um indígenuo, tendo-se introduzido na chalupa, pegara num malho e dava golpes redobrados nas costas de um marinheiro. Agarrado imediatamente por quatro valentes marujos, foi lançado ao mar.

La Pérouse meteu-se ao interior, acompanhado de mulheres, crianças e velhos, e deu um delicioso passeio através de um país

encantador, que reunia a dupla vantagem de uma fertilidade sem cultura e de um clima que não exigia nem o mais leve vestuário.

«Árvores-do-pão, cocos, bananas, goiabas, laranjas, apresentavam a esses felizes povos um alimento são e abundante; galinhas, porcos, cães, que viviam da fruta que sobejava, ofereciam-lhes uma agradável variedade de manjares».

A primeira visita passou-se sem rixa séria. Houve contudo algumas disputas; mas, graças à prudência e à reserva dos franceses, que estavam em guarda, não tinham tomado aspeto de gravidade. La Pérouse dera as ordens necessárias para levantar ferro: mas o Sr. Langle insistiu para meter ainda a bordo alguma provisão de água.

«Adotara o sistema do capitão Cook; julgava que a água fresca era cem vezes mais preferível à que tínhamos no porão e, como algumas pessoas da sua tripulação tinham ligeiros sintomas de escorbuto, pensava, com razão, que lhes devíamos dar todos os meios de alívio».

Um secreto pressentimento impediu primeiro La Pérouse de consentir; cedeu contudo às instâncias do Sr. Langle, que lhe fez compreender que o comandante seria responsável pelos progressos da doença, que, demais, o porto onde ele contava desembarcar era muito cómodo, que ele próprio tomaria o comando da expedição e que em três horas tudo estaria acabado.

«O Sr. Langle — diz a relação — era um homem de juízo tão sólido e de tal capacidade, que essas considerações, mais que qualquer outro motivo, determinaram o meu consentimento ou, antes, fizeram ceder a minha vontade à sua...

No dia seguinte, duas embarcações, às ordens dos Srs. Boutin e Mouton, levando todos os escorbúticos com seis soldados armados e o sargento, ao todo vinte e oito homens deixaram o *Astrolábio* para se porem às ordens do Sr. Langle. Os Srs. Lamanon e Collinet, apesar de doentes, e Vaujuas, convalescente, acompanharam o Sr. Langle no seu grande escaler. O Sr. Le Gobien comandava a chalupa. Os Srs. La Martinière, Lavaux e o padre Receveur faziam parte das trinta e três pessoas enviadas pela *Bússola*. Eram ao todo sessenta e um indivíduos, que compunham a fina flor da expedição.

O Sr. Langle fez armar toda a gente com espingardas e colocou seis pequenos canhões nas chalupas. A surpresa do Sr. Langle e de todos os seus companheiros foi extrema ao encontrar, em vez de uma baía vasta e cómoda, uma enseada cheia de coral, na qual só se penetrava por meio de um canal tortuoso, estreito, onde a onda quebrava com violência. O Sr. Langle reconhecera essa baía na maré cheia; por isso, ao vê-la, o seu primeiro movimento foi voltar à primeira aguada.

Mas o aspeto dos insulares, o grande número de mulheres e de crianças que avistou no meio deles, a abundância de porcos e de frutas, que vinham trazer para venda, fizeram desvanecer essas veleidades de prudência.

Desembarcou os barris das quatro embarcações com a maior tranquilidade; os seus soldados estabeleceram a melhor ordem na praia; formaram uma ala que deixou um espaço livre aos nossos trabalhadores; mas esse sossego não foi de longa duração; muitas das pirogas que tinham vendido as suas provisões aos nossos navios, voltaram a terra e abordaram todas à baía da aguada, de forma que a baía, pouco a pouco, enchera-se; em lugar de duzentos

habitantes, entrando mulheres e crianças, que o Sr. Langle encontrara quando chegara à meia noite, acharam-se mil a mil e duzentos às três horas.

A situação do Sr. Langle tornava-se cada vez mais embaraçosa; conseguiu, todavia, auxiliado pelos Srs. Vaujuas, Boutin, Collinet e Gobien, embarcar a água. Mas a baía estava quase em seco, e não podia esperar desencalhar a suas chalupas senão às quatro horas da tarde. No entanto, embarcou, assim como o seu destacamento, e postou-se à frente, com a sua espingarda e os seus fuzileiros, proibindo-lhes que atirassem antes de ele dar ordem.

Começava, todavia, a sentir que seria em breve forçado a isso; já as pedras voavam, e esses índios, que só tinham água até aos joelhos, rodeavam as chalupas a menos de uma toesa de distância; os soldados, que estavam embarcados, faziam vãos esforços para os afastar.

Se o receio de romper as hostilidades e de ser acusado de barbaridade não atuasse no Sr. Langle, sem dúvida mandaria fazer sobre os índios uma descarga de mosquetaria e de pedreiros, que certamente afastaria essa multidão; mas lisonjeava-se de os poder conter sem efusão de sangue e foi vítima da sua humanidade.

Imediatamente, uma chuva de pedras, vibrada a pequeníssima distância com o vigor de uma funda, alcançou quase todos os que estavam na chalupa. O Sr. Langle só teve tempo de atirar dois tiros de espingarda; foi derrubado e caiu desastrosamente para bombordo da chalupa, onde mais de duzentos índios o mataram à cacetada e à pedrada. Depois de morto, ataram-no por um braço à chalupa, a fim, sem dúvida, de se aproveitarem com mais segurança dos seus despojos.

A chalupa da *Bússola*, comandada pelo Sr. Boutin, estava encalhada a duas toesas da do *Astrolábio*, e deixavam paralelamente entre si um pequeno canal, que não estava ocupado pelos índios. Foi por ali que se salvaram a nado todos os feridos que tiveram a felicidade de não cair para o lado do mar; alcançaram os nossos escaleres, que, tendo felizmente ficado a nado, se acharam a alcance de salvar quarenta e nove homens dos sessenta e um que compunham a expedição.

O Sr. Boutin imitara todos os movimentos e seguira todos os passos do Sr. Langle; não deixou atirar e não mandou ao seu destacamento dar a descarga senão depois dos tiros do seu comandante. Percebe-se que, à distância de quatro ou cinco passos, cada tiro de espingarda por força matou um índio, mas não se teve tempo de tornar a carregar. O Sr. Boutin foi igualmente derrubado por uma pedra; caiu felizmente entre as duas embarcações encalhadas; os que se haviam salvo a nado para os dois escaleres tinham todos muitas feridas, quase todas na cabeça. Os que, pelo contrário, tiveram a infelicidade de cair para o lado dos índios, foram mortos no mesmo instante à cacetada.

Deve-se à prudência do Sr. Vaujuas, à boa ordem que estabeleceu, à pontualidade com a qual o Sr. Mouton, que comandava o escaler da *Bússola*, soube mantê-la, a salvação das quarenta e nove pessoas das duas tripulações.

O escaler do *Astrolábio* ia tão carregado que se afundou. Este acontecimento despertou aos insulares a ideia de perturbar os feridos na sua retirada; foram em grande número para os recifes da entrada, pelos quais os escaleres haviam necessariamente de passar

a dez pés de distância; gastaram-se com estes furiosos as poucas munições que restavam, e os escaleres saíram enfim desse antro».

La Pérouse teve primeiro a ideia, muito natural, de vingar a morte dos seus desgraçados companheiros. O Sr. Boutin, que as suas feridas retinham na cama, mas que conservara todo o seu juízo, despersuadiu-o disso muito vivamente, representando-lhe que se, por desgraça, alguma chalupa desse à costa, a disposição da baía era tal, as árvores, que desciam quase até ao mar, ofereciam aos indígenas abrigos tão seguros, que nem um único francês sairia de lá vivo. La Pérouse teve de permanecer durante dois dias diante do teatro desse sanguinolento acontecimento, sem poder dar satisfação às suas tripulações, sedentas de vingança.

«O que parecerá sem dúvida inacreditável — diz La Pérouse — é que, durante esse tempo, cinco ou seis pirogas largaram da costa e vieram, com porcos, pombos e cocos, propor-nos trocas; era a cada instante obrigado a reprimir a minha cólera para não ordenar que as metessem no fundo».

Compreende-se facilmente que os acontecimentos que privaram os dois navios de uma parte dos seus oficiais, de trinta e dois dos seus melhores marinheiros e de duas chalupas deviam modificar os projetos de La Pérouse, porque o mais pequeno contratempo forçá-lo-ia a queimar uma das fragatas para armar a outra. Não tinha outro partido a tomar senão fazer-se de vela para Botany-Bay, reconhecendo sempre as diferentes ilhas que encontrasse e determinando-lhes a posição astronomicamente.

A 14 de dezembro, avistou-se a ilha de Oyolava, que faz parte do mesmo grupo e que Bougainville avistara de muito longe. Taiti mal pode ser-lhe comparada pela beleza, extensão, fertilidade e

densidade da população. De todo o ponto semelhantes aos de Maoua, os habitantes de Oyolava rodearam logo as duas fragatas e ofereceram aos navegadores as produções múltiplas da sua ilha. Segundo parecia, os franceses eram os primeiros a comerciar com esses povos, que não tinham conhecimento algum do ferro, porque preferiam muito mais uma só conta de missanga a um machado ou a um prego de seis polegadas. Entre as mulheres, algumas tinham fisionomia agradável; o seu corpo era elegante; os olhos, os gestos, anunciavam doçura, ao passo que a fisionomia dos homens indicava velhacaria e ferocidade.

A ilha de Pola, diante da qual a expedição passou a 17 de dezembro, pertencia ainda ao arquipélago dos Navegadores. Deve crer-se que a notícia da matança dos franceses chegara aí, porque nenhuma piroga largou da praia para atracar aos navios.

A 20 de dezembro, reconheceram-se a ilha dos Cocos e a ilha dos Traidores, de Schouten. Esta última é dividida ao meio por um canal, cuja existência teria escapado aos navegadores, se não tivessem prolongado a ilha de muito perto. Umas vinte pirogas vieram trazer aos navios os mais belos cocos que La Pérouse na sua viagem vira, algumas bananas, inhames e um só leitão.

As ilhas dos Cocos e dos Traidores, que Wallis coloca a um grau e treze minutos mais a oeste e que designa com os nomes de Boscawen e Keppel, podem ser igualmente ligadas ao arquipélago dos Navegadores. La Pérouse considera os habitantes deste arquipélago como pertencendo à mais bela raça da Polinésia. Altos, vigorosos, bem feitos, excediam pela beleza do tipo os das ilhas da Sociedade, cuja língua se assemelhava muito à sua. Em qualquer outra circunstância, o comandante desembarcaria nas belas ilhas de

Oyolava e de Pola; mas a efervescência era ainda muito grande, a lembrança dos acontecimentos de Maouna muito recente, para que não tivesse a recear ver levantar-se, com o pretexto mais fútil, uma rixa sanguinolenta, que imediatamente degeneraria numa matança.

«Cada ilha que avistávamos — diz ele — recordava-nos um rasgo de perfídia da parte dos insulares; as tripulações de Roggewein tinham sido atacadas e lapidadas nas ilhas do Recreio, a leste das dos Navegadores; as de Schouten, na ilha dos Traidores, que estava à nossa vista, e ao sul da ilha de Maouna, onde tínhamos sido também assassinados de uma maneira tão atroz.

Estas reflexões haviam mudado as nossas maneiras de manobrar a respeito dos índios. Reprimíamos pela força os mais pequenos roubos e as mais pequenas injustiças; mostrávamos-lhes, pelo efeito das nossas armas, que a fuga não os salvaria do nosso ressentimento; recusávamos-lhes licença de entrar a bordo e ameaçávamos de castigar com pena de morte os que ousassem desobedecer-nos».

Vê-se, pela amargura destas reflexões, quanto La Pérouse teve razão de impedir toda a comunicação ulterior das suas tripulações com os indígenas. Esta irritação é tão natural que nos não surpreende, mas não se pode louvar bastante a prudência e a humanidade do comandante que soube resistir ao furor da vingança.

Das ilhas dos Navegadores, o rumo foi dirigido para o arquipélago dos Amigos, que Cook não pudera explorar todo. A 27 de dezembro, descobriu-se a ilha de Vavao, uma das maiores do grupo e que o navegador inglês não tivera ocasião de visitar. Igual a Tonga-Tabou, é mais elevada e abundante de água doce. La Pérouse reconheceu muitas ilhas desse arquipélago e teve algumas relações

com os seus habitantes, que não lhe proporcionaram víveres em quantidade bastante para compensar o seu consumo. Por isso resolveu, a 1 de janeiro de 1788, ir a Botany-Bay, tomando um rumo que não fora ainda seguido por navegador algum.

A ilha Pilstaart, que Tasman descobrira, ou, antes, esse rochedo, porque a sua maior largura é só de um quarto de légua, apenas oferece uma costa escarpada e não pode servir de retiro senão às aves aquáticas. Era por isso que La Pérouse, que não tinha razão alguma para aí se demorar, queria apressar a ida para a Nova Holanda; mas há um fator a que se deve atender, mesmo ainda hoje: é o vento, e La Pérouse esteve retido durante três dias diante de Pilstaart.

A 13 de janeiro, avistou-se a ilha de Norfolk e as suas duas ilhotas. O comandante, fundeando a uma milha de terra, só queria fazer reconhecer pelos naturalistas o solo e as produções da ilha. Mas as vagas que quebravam na praia pareciam defender o litoral contra qualquer desembarque, e contudo Cook fundeara aí com a maior facilidade.

Passou-se um dia inteiro em vãs tentativas e não teve resultados científicos para a expedição. No dia seguinte, La Pérouse fazia-se de vela. No momento em que as suas fragatas entravam na passagem de Botany-Bay, avistou-se uma frota inglesa. Era a do comodoro Phillip, que ia lançar os alicerces de Port-Jackson, embrião dessa poderosa colónia, cujas imensas províncias chegaram hoje, depois de menos de um século de existência, ao auge da civilização e da prosperidade.

Para aqui o diário de La Pérouse. Sabemos, por uma carta que escreveu, de Botany-Bay, a 5 de fevereiro, ao ministro da Marinha,

que devia ali construir duas chalupas para substituir as que tinham sido destruídas em Maoua. Todos os feridos, e principalmente o Sr. Lavaux, cirurgião-mor do *Astrolábio*, que sofrera a operação do trépano, estavam então de perfeita saúde. O Sr. Clonard tomara o comando do *Astrolábio*, e o Sr. Monti substituíra-o na *Bússola*.

Uma carta dois dias antes dava particularidades acerca do rumo que o comandante tencionava seguir. La Pérouse dizia:

«Irei às ilhas dos Amigos e farei absolutamente tudo o que me é ordenado nas minhas instruções relativamente à parte meridional da Nova Caledónia, à ilha de Santa Cruz, de Mendana, à costa do sul da Terra dos Arsácidas, de Surville, e à Terra da Luisiada, de Bougainville, procurando conhecer se esta última faz parte da Nova Guiné ou se é separada dela. Passarei no fim de julho de 1788 entre a Nova Guiné e a Nova Holanda por um outro canal sem ser o de Endeavour, se todavia existe algum. Visitarei, durante o mês de setembro e uma parte de outubro, o golfo da Carpentaria e toda a costa ocidental da Nova Holanda até à Terra de Diemen, mas de maneira, contudo, que me seja possível subir para o norte cedo bastante para chegar no começo de dezembro de 1788 à ilha de França.»

Não só La Pérouse não foi exato no ponto de reunião que ele mesmo fixara, mas passaram-se dois anos inteiros sem que houvesse notícias da sua expedição.

Apesar de a França atravessar nessa época uma crise de importância excepcional, o interesse público, violentamente sobre-excitado, acabou por se traduzir na barra da Assembleia Nacional pelo órgão dos membros da Sociedade de História Natural de Paris. Um decreto de 9 de fevereiro de 1791 convidou o rei a mandar

armar um ou mais navios para irem à procura de La Pérouse. No caso de um naufrágio verosímil interromper o curso da expedição, era possível que a maior parte das tripulações tivesse sobrevivido; importava, pois, que se lhe levassem socorros o mais rapidamente possível.

Sábios, naturalistas e desenhadores deviam fazer parte dessa expedição, a fim de a tornar útil e vantajosa à navegação, à geografia, ao comércio, às artes e às ciências. Tais são os termos do decreto que acima citámos.

O comando da esquadra foi dado ao contra-almirante Bruny d'Entrecasteaux. A atenção do ministro fora chamada para esse oficial pela sua campanha na Índia contra a monção. Davam-lhe dois navios, a *Busca* e a *Esperança*, este último debaixo do comando do Sr. Huon de Kermadec, capitão de mar e guerra. O estado-maior dos dois navios compreendia muitos oficiais, que depois haviam de vir a ocupar elevadas posições militares. Eram Rossel, Willaumez, Trobriand, La Grandière, Laignel e Jurien. No número dos sábios embarcados, contavam-se o naturalista La Billardière, os astrónomos Bertrand e Pierson, os naturalistas Ventenat e Riche, o hidrógrafo Beautemps-Beaupré e o engenheiro Jouvency.

Os dois navios levavam um rico sortimento de objetos de troca e dezoito meses de víveres.

A 28 de setembro deixaram Brest e chegaram a Tenerife a 13 de outubro. Nessa época era obrigatória uma ascensão ao famoso pico.

La Billardière foi lá testemunha de um fenómeno que observara já na Ásia Menor: o seu corpo desenhava-se com as mais belas

cores do arco-íris sobre nuvens colocadas acima dele, do lado oposto ao Sol.

A 23 de outubro, isto é, depois que as provisões consumidas se renovaram, levantou-se ferro e dirigiu-se o rumo para o Cabo. Durante esta travessia, La Billardière fez uma experiência interessante e descobriu que a fosforescência do mar é devida a pequenos animálculos de forma esférica suspensos nas águas. A travessia até ao Cabo, onde os navios fundearam a 18 de janeiro de 1792, não apresentara outros incidentes senão o encontro de uma quantidade desusada de bonitos e outros peixes, sem falar de um ligeiro rombo, que foi facilmente tapado.

D'Entrecasteaux encontrou no Cabo uma carta do Sr. Saint-Félix, comandante das forças francesas na Índia, que ia mudar toda a economia da sua viagem e ter sobre o seu objetivo uma influência desfavorável. No dizer desta comunicação, dois capitães de navios franceses, vindos da Batávia, tinham contado que o comodoro Hunter, comandante da fragata inglesa *Syrius*, vira, «perto das ilhas do Almirantado, no mar do Sul, homens cobertos de fazendas europeias e particularmente de fatos, que julgou serem uniformes franceses. Verá, dizia o Sr. Saint-Félix, que o comodoro não duvidou que fossem os restos do naufrágio do Sr. La Pérouse...»

Hunter achava-se na enseada do Cabo ao tempo da chegada de D'Entrecasteaux, mas duas horas depois da chegada dos navios franceses levantava ferro. Este procedimento pareceu, pelo menos, extraordinário. O comodoro tivera tempo de saber que era a expedição enviada à procura de La Pérouse, e contudo não fazia ao seu comandante comunicação alguma sobre facto tão grave! Mas soube-se logo que Hunter afirmara não ter conhecimento dos factos

expostos pelo Sr. Saint-Félix. Devia-se considerar pois como nula a comunicação do comandante francês? D'Entrecasteaux entendeu que não, apesar de tudo o que havia nela de inverosímil.

A estação do Cabo fora aproveitada pelos sábios, que deram numerosos passeios nos arrabaldes da cidade, e principalmente por La Billardière, que se metera tão longe pelo interior quanto o permitia o pouco tempo que devia durar a demora das fragatas na enseada.

Levantou-se ferro a 16 de fevereiro, e D'Entrecasteaux, resolvido a dobrar o cabo de Diemen para entrar nos mares do Sul, mandou dirigir o rumo para passar entre as ilhas de S. Paulo e Amesterdão. Descobertas em 1696 pelo capitão Valming, tinham sido reconhecidas por Cook na sua última viagem. A ilha de S. Paulo, junto da qual passaram a *Busca* e a *Esperança*, estava envolta em nuvens de denso fumo, por cima das quais se elevavam montanhas. Eram as suas florestas que ardiam.

A 21 de abril, as duas embarcações penetravam numa baía da costa de Van-Diemen, que se julgava ser a da Aventura, mas que tem na realidade o nome de baía das Tempestades. A extremidade interna dessa baía recebeu o nome de porto D'Entrecasteaux. Foi fácil encontrar lenha e pescou-se abundantemente toda a espécie de peixes. Entre as árvores muito belas que se encontraram neste sítio, La Billardière cita muitas espécies de eucaliptos, dos quais se ignoravam as quantidades múltiplas. As caçadas numerosas em que tomou parte forneceram-lhe espécimes de cisnes pretos e de cangurus, então muito pouco conhecidos.

Foi a 16 de maio que as fragatas saíram do porto e se dirigiram para um estreito onde D'Entrecasteaux tinha tenção de penetrar e

que depois recebeu o nome desse almirante.

«Muitas fogueiras avistadas a pouca distância da praia — diz a relação — determinaram os Srs. Crétin e D'Auribeau a desembarcar; e, apenas entrados nos bosques, encontraram quatro naturais ocupados em atear três pequenas fogueiras, ao pé das quais estavam sentados. Esses selvagens fugiram logo apesar de todos os sinais de amizade que se lhes fizeram, abandonando as lagostas e os mariscos que assavam nas fogueiras. Viam-se muito perto tantas cabanas como fogueiras...

Um dos selvagens, de altíssima estatura e fortes músculos, esquecera um cestinho cheio de pedaços de sílex; não receou vir procurá-lo e avançou para junto de Crétin com os ares de sossego que a sua força parecia dar-lhe. Uns estavam todos nus e outros tinham uma pele de canguru nos ombros. Esses selvagens são de uma cor negra pouco carregada; deixam crescer a barba e têm carapinha».

Quando desembocaram do estreito D'Entrecasteaux, as duas fragatas fizeram rumo para ir levantar a costa sudoeste da Nova Caledónia, que La Pérouse havia de ter visitado. O primeiro ponto reconhecido foi uma parte da ilha dos Pinheiros, que está ao sul desta grande ilha. A *Busca* esteve quase a soçobrar na barreira dos recifes madrepóricos, que marginam a praia, deixando entre si e a terra um canal de cinco a seis quilómetros. Na extremidade setentrional, foram observadas muitas ilhas montanhosas e rochedos destacados, que tomam essas paragens excessivamente perigosas. Receberam dos navegadores que as reconheceram os nomes de recifes D'Entrecasteaux e de ilhas Huon.

O reconhecimento perigoso, que acabava de ser feito à vista de uma costa tão bem defendida, durou desde 16 de junho até 3 de julho. Era um verdadeiro serviço prestado aos geógrafos e aos marinheiros, e foi essa uma das partes mais ingratas dessa campanha de buscas.

Como a estação favorável se aproximava, D'Entrecasteaux resolveu aproveitar-se dela para alcançar a Terra dos Arsácidas, reconhecida precedentemente por Surville e visitada alguns anos depois por Shortland, que, tendo julgado fazer uma nova descoberta, lhe deu o nome de Nova Geórgia.

A 9 de julho, «avistámos, pelas quatro horas e meia, a um miriâmetro e meio a noroeste, o rochedo chamado Eddy-Stone — diz La Billardièrre —; de longe tomámo-lo, como Shortland, por um navio de vela. A ilusão era completa, porque tem pouco mais ou menos a cor das velas de um navio; alguns arbustos coroavam-lhe o cume. As terras dos Arsácidas, em frente desse rochedo, são escarpadas e cobertas de grandes árvores até aos seus cumes».

Depois de ter retificado a posição das rochas de EddyStone e a das ilhas da Tesouraria, em número de cinco, mas tão próximas que Bougainville as tomara por uma só e mesma terra, D'Entrecasteaux prolongou a ilha de Bougainville. Separada por um canal muito estreito da ilha Bouka, esta última estava coberta de plantações e parecia muito povoada. Fizeram-se algumas trocas com os naturais desta ilha, mas foi impossível determiná-los a entrar a bordo.

«A cor da sua pele — diz La Billardièrre — é de um negro pouco carregado. Esses selvagens são de estatura mediana; andavam nus e os seus músculos, muito pronunciados, anunciavam grande força. A sua fisionomia é desagradável, mas cheia de expressão. Têm a

cabeça muito grossa, a fronte larga, assim como a cara, que é muito achatada, particularmente acima do nariz, o queixo espesso, as feições um pouco salientes, o nariz chato, a boca muito grande e os lábios bastante delgados.

O bétele, que tinge com uma cor sanguinolenta a sua grande boca, aumenta ainda a fealdade da sua fisionomia. Parece que esses selvagens sabem atirar ao arco com muita destreza. Um deles trouxera a bordo da *Esperança* um pássaro que acabara de matar; pois notou-se no ventre do pássaro o buraco da frecha que o penetrara.

Estes insulares têm particularmente voltado a sua indústria para o lado da fabricação das suas armas; são trabalhadas com muito cuidado. Admirámos a destreza com que besuntaram com resina a corda dos seus arcos, de forma que a tomámos à primeira vista por uma corda de intestinos; era guarnecida, no meio, de cortiça de bambu, para que se gastasse menos quando vibrassem as frechas».

A 15 de julho terminou o reconhecimento da costa ocidental dessas duas ilhas, de que Bougainville levantara a parte oriental.

No dia seguinte, a ilha a que Carteret deu o nome de Sir Charles Hardy e logo depois a extremidade sudoeste da Nova Irlanda apareceram aos olhos dos navegadores franceses.

As duas fragatas fundearam na enseada Carteret, e as tripulações estabeleceram-se na ilha dos Cocos, coberta de grandes árvores sempre verdes, que cresciam com vigor, apesar da pouca terra vegetal amontoada entre as pedras calcárias. Foi muito difícil encontrar cocos, que tinham contudo, pela sua abundância, granjeado a esta terra o nome que se lhe dava. Em desforra,

ofereceu aos naturalistas uma abundância considerável de vegetais e de insetos, cuja variedade alegrou La Billardière.

Durante toda a arribada choveu abundantemente. Era uma torrente de água tépida, que corria sem cessar.

Depois de terem feito aguada e cortado a lenha necessária, a *Busca* e a *Esperança* levantaram ferro, a 24 de julho de 1792, e saíram do porto Carteret. Nesta manobra, a *Esperança* perdeu uma âncora, cuja amarra fora cortada pelos recifes de coral. As duas fragatas meteram-se então pelo canal de S. Jorge, tendo na sua extremidade meridional uma largura de seis a sete miriâmetros, quer dizer, tendo pouco mais ou menos metade do que Carteret lhe dá. Levadas por correntes rápidas, passaram diante das ilhas de Man e de Sanduíche sem poderem parar.

Depois que tomou conhecimento das ilhas Portland, ilhotas chatas, em número de sete, que estão a 2° 39' 44" de latitude sul e 147° 15' de longitude leste, D'Entrecasteaux continuou o caminho para as ilhas do Almirantado, que tencionava visitar. Segundo as informações dadas ao comodoro Hunter, era na mais oriental dessas ilhas que se tinham visto indígenas vestidos com uniformes da marinha francesa.

«Os selvagens apareceram em chusma — diz a relação. — Uns corriam ao longo da praia; outros, com os olhos fitos nos nossos navios, convidam-nos por sinais a desembarcar; os seus gritos exprimiam alegria... À meia-noite, fundeou-se e expediu-se de cada navio um escaler com diferentes objetos, que deviam ser distribuídos aos habitantes dessa pequena ilha. Enquanto os nossos escaleres se aproximavam o mais possível, as fragatas conservavam-se ao alcance de os proteger em caso de ataque da parte dos

selvagens, porque a perfídia dos habitantes do sul das ilhas do Almirantado a respeito de Carteret deixava-nos inquietações sobre a sorte destes».

A costa era cingida de recifes. As embarcações não puderam aproximar-se senão até cem metros de distância. Um grande número de indígenas orlavam a praia e, pelos seus sinais, convidavam os franceses a desembarcar.

«Um selvagem, distinto dos outros por uma dupla fieira de pequenas conchas de que tinha a fronte ornada, parecia gozar de muita autoridade. Ordenou a um dos indígenas que se lançasse à água para nos trazer alguns cocos. O receio de se aproximar, a nado e sem defesa, de pessoas cujas intenções não conhecia, fez hesitar um momento este insular. Mas o chefe, certamente pouco costumado a encontrar resistência às suas vontades, não lhe permitiu refletir; umas cacetadas, que ele mesmo logo lhe deu na barriga, seguiram de perto as suas ordens, e o outro teve de obedecer imediatamente... Logo que voltou à ilha, a curiosidade reuniu todos os outros à roda dele; todos quiseram ter parte nos nossos presentes. Foram logo lançadas pirogas ao mar. Muitos outros indígenas avançaram a nado, e, em pouco tempo, havia uma grande concorrência à roda dos nossos escaleres. Estávamos espantados vendo que a força da ressaca e a da vaga nos cachopos não os retinham na ilha».

Talvez o que esses índios fizeram, os franceses tivessem podido executá-lo. Todavia, não parece que tivessem perguntado aos selvagens se alguns navios, ou pelo menos uma pequena embarcação, teriam naufragado no seu arquipélago.

A única observação feita foi que esses indígenas conheciam o uso do ferro e apreciavam esse metal acima de todas as outras coisas.

D'Entrecasteaux reconheceu imediatamente a parte setentrional deste arquipélago, fez trocas com os indígenas, mas não desembarcou em sítio algum, e não parece ter cumprido, com o cuidado minucioso e a dedicação que se esperavam dele, essa parte da comissão.

A *Busca* e a *Esperança* visitaram em seguida as ilhas Hermitas, descobertas em 1781 pela fragata espanhola *La Princesa*. Como todos os que tinha encontrado até então a expedição, os indígenas testemunharam vivo desejo de ver os estrangeiros desembarcar na sua ilha, sem poderem determiná-los a isso.

Depois foram vistas sucessivamente as ilhas do Echiquier, de Bougainville, muitas ilhotas sem nomes, baixas e cobertas de uma vegetação luxuriante, as ilhas Schouten e a costa da Nova Guiné, no interior da qual se desenrolava uma cordilheira de montanhas, das quais as mais elevadas pareciam ter pelo menos mil e quinhentos metros.

Depois de ter costeado de muito perto a praia dessa grande ilha, a *Busca* e a *Esperança* entraram no estreito de Pitt para chegar às Molucas.

Foi com alegria que, a 5 de setembro de 1792, os franceses fundearam na enseada de Amboine. Havia um grande número de escorbúticos a bordo, e todos, oficiais e marinheiros, tinham necessidade de uma arribada de alguma duração para reparar as suas forças. Os naturalistas, os astrónomos e os diversos sábios da expedição desembarcaram logo e estabeleceram-se comodamente

para proceder às suas buscas e às suas observações habituais. A exploração dos naturalistas foi particularmente frutuosa. La Billardière fala com prazer da multiplicidade de plantas e de animais que pôde colher.

«Quando estava na praia — diz ele —, ouvi instrumentos de vento, cujos sons, ainda que muito afinados, eram entremeados de dissonâncias, que não desagradavam. Esses sons, cadenciados e harmoniosos, pareciam vir de tão longe, que julguei, durante algum tempo, que os naturais tocavam do outro lado da enseada, perto de um miriâmetro de distância do lugar em que eu estava. O meu ouvido era muito enganado pela distância, porque eu não estava a cem metros do instrumento. Era um bambu de vinte metros pelo menos de altura, que fora fixado numa situação vertical nas praias do mar. Notava-se entre cada nó uma fenda de três centímetros de comprimento e centímetro e meio de largura; essas fendas formavam tantas embocaduras, que, quando o vento nelas se introduzia, davam sons agradáveis e variados. Como os nós desse comprido bambu eram muito numerosos, tiveram o cuidado de fazer cortes em diferentes sentidos, a fim de que, de qualquer lado que o vento soprasse, pudesse sempre encontrar alguns. Não posso comparar melhor os sons deste instrumento senão aos da harmónica».

Durante esta longa arribada de um mês, os navios foram calafetados, as vergas examinadas com atenção, e tomaram-se todas as medidas de precaução usadas nesses climas húmidos e ardentes.

Algumas particularidades sobre a angra de Amboine, os costumes e os usos da população indígena não são despidas de

interesse.

«A enseada de Amboine — diz La Billardièrre — forma um canal de perto de dois miriâmetros de comprimento e uma largura média de dois terços de miriâmetro. As margens oferecem um bom ancoradouro e algumas vezes, contudo, um fundo de coral.

O forte chamado o forte da Vitória é construído de tijolos; o governador e alguns membros do conselho estabeleceram ali a sua residência.

Caía então em ruínas, e, quando se disparava a artilharia, sofria sempre dano visível.

A guarnição era composta de perto de duzentos homens, sendo pela maior parte indígenas; os outros eram alguns soldados da Companhia, vindos da Europa, e um pequeno destacamento do regimento de Vurtemberga.

O pequeno número dos soldados que sobrevivem à estada na Índia toma ainda mais preciosos os que lá passaram alguns anos; assim a Companhia Holandesa é raras vezes fiel às promessas que lhes faz de os deixar voltar para a Europa quando acabarem o seu tempo... Encontrei alguns desses desgraçados, que estavam demorados havia mais de vinte anos, apesar de que, nos termos dos contratos, deviam estar livres havia muito tempo...

Os habitantes de Amboine falam o malaio, língua muito suave e musical. Quanto às produções, são as especiarias, o café, que é inferior ao da Reunião, e sobretudo o sagu, que é cultivado em todos os sítios pantanosos.

O arroz que se consome em Amboine não é produção da ilha; dar-se-ia contudo, muito bem, na maior parte dos terrenos baixos. Mas a Companhia Holandesa proibiu que se cultivasse este género,

porque a sua venda é um meio de retirar das mãos dos indígenas o numerário que é obrigada a dar-lhes em troca do cravo-da-Índia, de que eles a fornecem. Impedem assim o aumento do numerário e conservam sempre num preço muito módico o produto do trabalho dos habitantes.

É assim que o Governo, não consultando senão os seus próprios interesses, abafa nestes povos toda a indústria, forçando-os a abandonar, por assim dizer, qualquer outra espécie de cultura para se ocuparem da do cravo-da-Índia e da noz-moscada.

Os Holandeses têm cuidado de limitar a cultura das especiarias, a fim de que não exceda muito o consumo normal. Esses meios, destruidores de toda a atividade, adaptam-se, aliás, bastante à índole desleixada destes povos».

Foi a 23 de Vendemiário do ano I, para nos conformarmos com o novo estilo empregado por La Billardièrre, que as duas fragatas deixaram Amboine, amplamente abastecidas de provisões, galinhas, patos e gansos-da-guiné, porcos, cabras, batatas, inhames, bananas e abóboras.

A carne, todavia, era em muito pequena quantidade; a farinha era de má qualidade; quanto ao sagu, que se embarcou para a substituir, nunca a tripulação se pôde costumar com ele. Já nos não resta mais nada a citar da longa lista de provisões com que os navios foram carregados senão os bambus, os cravos-da-Índia feitos em compota e a araca.

«Vergôntes novas de bambu, cortadas em fatias e feitas em compota com vinagre — diz La Billardièrre —, formam uma excelente provisão para uma viagem de longo curso; levámos muitas connosco. Essas vergôntes são em geral muito tenras. Tem-se

cuidado de as colher a tempo; vendem-se no mercado como legumes e podem perfeitamente substituí-los. O seu comprimento é muitas vezes de um metro e a sua espessura de um terço de centímetro.

Essas vergôntes novas de bambu são um legume apreciadíssimo pelos Chineses, que lhes acham um gosto que lembra muito o dos espargos.

Tínhamo-nos abastecido de cravos e de nozes-moscadas feitas com açúcar. Os cravos, que estavam já do tamanho de azeitonas, possuíam um gosto tão aromático que não podiam formar um doce agradável; é preciso ter um paladar indiano para se deliciar com semelhantes gulodices; direi o mesmo do gengibre, de que também tínhamos feito compotas.

O único licor espirituoso que pudemos arranjar foi a araca, de que comprámos muitos barris. Alguns viajantes gabam demasiadamente este licor, que não vale tanto como a mais inferior das aguardentes feitas de vinho».

Ao sair de Amboine, a expedição seguiu para a costa sudoeste da Austrália. Sucessivamente se reconheceram, sem se parar, a ilha Kisser, a costa setentrional de Timor, a ilha Batu, Savu, de um panorama encantador, e enfim, a 16 de Frimário, a extremidade ocidental da costa sudoeste da Nova Holanda, que fora descoberta, em 1622, por Leuwin.

A praia só apresentava uma série de dunas arenosas, no meio das quais se elevavam rochas a prumo, que ofereciam o espetáculo da mais completa aridez.

A navegação, nesta costa desabrigada, foi muito perigosa. O mar estava forte, o vento era violento, e era necessário navegar no

meio dos cachopos. A fragata *Esperança*, no meio de uma forte borrasca, ia ser atirada à costa, quando um oficial, chamado Legrand, reconheceu, do alto do mastro grande, um ancoradouro, onde afirmava que os navios estariam em segurança.

«A salvação dos dois navios — diz a relação — dependia desta descoberta, porque a *Busca*, obrigada a bordejar durante a noite, no meio desses escolhos perigosos, depois de ter lutado tanto tempo quanto pudera contra a força da tempestade, na esperança de que uma mudança de vento lhe permitisse voltar ao mar alto, ter-se-ia perdido infalivelmente. Essa baía, que tem o nome do cidadão Legrand, lembrará o serviço assinalado que esse hábil marinheiro prestou à nossa expedição».

As ilhotas que orlavam essa costa foram reconhecidas pelos navegadores. Um deles, o engenheiro geógrafo da *Busca*, chamado Riche, que desembarcara na terra grande para fazer algumas observações, perdeu-se, e não pôde voltar senão dois dias depois, extenuado de fadiga e a morrer de fome.

É no pequeno arquipélago de que acabamos de falar que termina a descoberta de Nuyts.

«Ficámos espantados — diz La Billardière — da precisão com que a sua latitude fora determinada por esse navegador, numa época em que os instrumentos de observação eram ainda imperfeitíssimos. Devo fazer a mesma observação a respeito de quase tudo o que Leuwin reconheceria dessa terra».

A 15 de Nivose estava-se a 31° 52' de latitude e 129° 10' de longitude oriental, quando o capitão Huon de Kermadec fez saber a D'Entrecasteaux que o seu leme sofrera avarias, que a bordo se estava reduzido a três quartos de garrafa de água por dia, que fora

obrigado a suprimir a distribuição das bebidas antiescorbúlicas e que já não tinha mais de trinta barris de água. A situação não era melhor a bordo da *Busca*. D'Entrecasteaux fez caminho por conseguinte para o cabo Diemen, depois de ter seguido ao longo de cento e sessenta miriâmetros de uma costa excessivamente árida e que lhe não oferecera observações interessantes.

A 3 de Pluviose, fundeavam os navios na baía das Rochas, reentrância da baía das Tempestades, que tinham reconhecido no ano precedente.

Esta estação foi extremamente produtiva em esclarecimentos de todo o género. La Billardière, maravilhado da variedade de produções deste canto da Terra de Diemen, não se podia cansar de admirar as imensas florestas de árvores verdadeiramente gigantescas e de maciços de arbustos e de plantas desconhecidas, no meio dos quais era obrigado a abrir caminho. Durante uma das numerosas excursões que fez nos arredores da baía, apanhou lindos pedaços de hematite vermelha-bronzeada, e, mais longe, uma terra barrenta, de um vermelho muito vivo, que revelava a presença do ferro. Não tardou a achar-se em presença de alguns indígenas, e os esclarecimentos que dá acerca dessa raça, hoje completamente extinta, são bastante interessantes para que os reproduzamos. Demais, completarão os que devemos ao capitão Cook.

«Estes selvagens eram em número de quarenta e dois, sendo sete homens feitos e oito mulheres; os outros pareciam ser seus filhos, entre os quais notámos várias raparigas já nubentes e ainda menos vestidas do que suas mães... Esses indígenas têm o cabelo encarapinhado e deixam crescer a barba. O lábio superior avança, nas crianças, muito para diante do inferior, mas, caindo com a idade,

acha-se no adulto quase na mesma linha. A sua pele não é de um negro muito carregado, mas é sem dúvida uma beleza nesses povos o serem muito negros. Para o parecerem ainda muito mais do que efetivamente são, cobrem de pó de carvão principalmente as partes superiores do corpo.

Veem-se na pele, especialmente no peito e nos ombros, tubérculos dispostos simetricamente, oferecendo umas vezes linhas de um decímetro de comprimento, outras vezes pontos colocados a diferentes distâncias uns dos outros... O uso de arrancar dois dos dentes incisivos superiores, que, segundo a narrativa de alguns viajantes, se supusera que era geral entre esses habitantes, não está certamente introduzido nesta população, porque não vimos nem um só a quem faltassem dentes na maxila superior, e tinham-nos todos até magníficos. Estes povos estão cobertos de bichos. Admirámos a paciência de uma mulher que empregou imenso tempo em catar um dos seus filhos; mas vimos, com muita repugnância, que, como a maior parte dos negros, esmagava com os dentes esses nojentos insetos e engolia-os imediatamente. É de notar que os macacos têm os mesmos costumes.

Os pequeninos tinham muita curiosidade de tudo o que possuía um pouco de brilho; não se escondiam para arrancar os botões de metal dos nossos casacos. Não devo esquecer-me de citar a travessura de um jovem selvagem praticada com um dos nossos marinheiros. Este pusera ao pé de uma rocha um saco cheio de conchas. Logo o indígena o transportou furtivamente e deixou-lho procurar por muito tempo; depois tomou-o a pôr no mesmo sítio, e divertiu-se muito com a peça que acabava de pregar».

Logo ao romper do dia, 26 de Pluviose, os dois navios levantaram ferro, meteram-se no estreito D'Entrecasteaux e fundearam, a 5 de Ventose, na baía da Aventura. Depois de cinco dias de arribada e de observações nesta baía, D'Entrecasteaux fez-se de vela para a Nova Zelândia, tocando na sua extremidade setentrional.

Depois de uma entrevista com os indígenas, tão curta que nada pôde acrescentar aos esclarecimentos tão numerosos e tão precisos que devemos ao capitão Cook, D'Entrecasteaux seguiu para o arquipélago dos Amigos, que La Péruse devia ter visitado. Fundeou na baía de Tonga-Tabou. Os navios foram logo rodeados por uma infinidade de pirogas e literalmente tomados à abordagem por uma horda de insulares, que vinham vender porcos e frutas de toda a espécie.

Um dos filhos de Poulao, o rei que Cook conhecera, acolheu os navegadores benevolmente e vigiou até escrupulosamente as trocas que se fizeram com os indígenas. Não era fácil tarefa, porque estes desenvolviam uma destreza maravilhosa para roubar tudo o que ficava ao seu alcance.

La Billardière conta uma excelente peça de que foi vítima. Fora seguido, na tenda em que estavam depositados os abastecimentos, por dois indígenas, que ele tomara por chefes.

«Um deles — diz — mostrou o maior zelo em me escolher os melhores frutos. Eu pusera o meu chapéu no meio do chão, julgando-o em sítio seguro; mas esses dois ratoneiros iam fazendo o seu ofício. O que estava atrás de mim foi bastante destro para esconder o meu chapéu debaixo das suas vestes, e foi-se embora antes de eu dar por tal; o outro não tardou a segui-lo. Desconfiava

tanto menos desta peça quanto não imaginara que eles se atrevessem a apoderar-se de um objeto tão volumoso, com risco de serem surpreendidos no recinto em que os tínhamos deixado entrar; demais, um chapéu não podia deixar de ser de pequeníssima utilidade para aqueles povos, que têm ordinariamente a cabeça descoberta. A destreza que tinham mostrado para me roubar provou-me que não era a primeira partida que faziam».

Os franceses estiveram em relações com um chefe que chamam Finau. É sem dúvida o mesmo de quem se fala, com o nome de Finaou na viagem do capitão Cook, a quem ele chamava Touté. Mas este era apenas um chefe secundário. O rei, o chefe supremo de Tonga-Tabou, de Vavao, de Annamooka, chamava-se Toubau. Veio visitar os navios e trouxe uma espingarda, que fora roubada, dias antes, a uma sentinela. Fez presente a D'Entrecasteaux de duas peças de fazenda de casca de amoreira de papel, tamanhas que qualquer delas, desenrolada, cobria facilmente o navio; depois foram esteiras e porcos, em troca dos quais lhe fizeram presente de um belo machado e de uma farda vermelha de general, de que se revestiu imediatamente.

Dois dias depois, uma mulher, de uma gordura descomunal, de idade de cinquenta anos pelo menos, e a quem os indígenas mostravam um respeito extraordinário, fez-se conduzir a bordo. Era a rainha Tiné. Provou de todos os manjares que lhe ofereceram, mas deu preferência às bananas de calda. O mestre-sala estava por trás dela e esperava o momento de lhe mudar o prato; ela, porém, poupou-lhe o trabalho, apropriando-se do prato e do guardanapo.

O rei Toubau quis dar uma festa a D'Entrecasteaux. O almirante foi recebido em terra pelos dois chefes, Finau e Omalai,

que o conduziram a uma esplanada muito extensa. Toubau chegou com as suas duas filhas; haviam espalhado nos seus cabelos uma grande quantidade de óleo de coco e tinha cada uma delas um colar feito com as bonitas sementes do *abrus precatorius*.

«Os insulares vinham — diz a relação — em grande afluência por todos os lados; calculámos que eram pelo menos em número de quatro mil.

O lugar de honra era sem dúvida à esquerda do rei, porque foi ali que ele convidou o almirante a sentar-se. Este mandou vir os presentes destinados para Toubau, que se mostrou muito reconhecido. Mas nada do que lhe foi oferecido excitou tanto a admiração dessa numerosa assembleia como uma peça de damasco carmesim, cuja cor viva fez com que eles gritassem de todos os lados: *Eho! Eho!*, que repetiram muito tempo, mostrando a maior surpresa. Fizeram ouvir o mesmo grito quando desenrolámos algumas peças de fita em que dominava a cor vermelha. O almirante deu depois uma cabra grávida, um bode e dois coelhos (um macho e um fêmea). O rei prometeu cuidar muito deles e deixá-los multiplicar na sua ilha.

Omalai, que Toubau nos disse que era seu filho, recebeu do almirante alguns presentes da mesma forma que outros chefes.

Tínhamos ao nosso lado, para nordeste, treze músicos que, sentados à sombra de uma árvore-do-pão, carregada de um número prodigioso de frutos, cantavam juntos, fazendo diferentes partes. Quatro deles tinham na mão direita um bambu de metro e meio de comprimento, com que batiam no chão para marcar o compasso; o mais longo desses bambus servia às vezes para lhes marcar todos os compassos. Esses instrumentos davam sons que se pareciam

bastante com os de um tamboril, e estavam entre si na proporção seguinte: os dois bambus de grandeza média formavam o mesmo som; o mais comprido estava a tom e meio abaixo, e o mais curto a dois tons e meio mais alto. O músico que cantava o contralto fazia-se ouvir muito acima de todos os outros, apesar de ter a voz um tanto rouca; ao mesmo tempo acompanhava-se batendo com dois pauzinhos de casuarina num bambu de seis metros de comprimento e fendido em toda a sua extensão.

Três músicos colocados diante dos outros procuravam ainda exprimir o assunto do seu canto por gestos, que sem dúvida tinham estudado bem, porque os repetiam juntos da mesma maneira. De tempos a tempos voltavam a cabeça para o lado do rei, fazendo com os braços movimentos que não deixavam de ser graciosos; outras vezes inclinavam a cabeça com rapidez até ao peito e sacudiam-na muito.

Neste meio tempo, Toubau ofereceu ao almirante peças de fazenda fabricadas com casca de amoreira de papel e mandou-as desdobrar com muita ostentação para nos fazer conhecer todo o valor do seu presente.

Aquele dos seus ministros que estava sentado à sua direita ordenou que se preparasse o *kava* e trouxeram logo, cheio desse licor, um vaso de madeira, lavrado em oval, cujo comprimento era de um metro.

Os músicos tinham sem dúvida reservado para este instante os seus mais belos trechos, porque a cada pausa que faziam ouvíamos gritar por todos os lados. *Mâli! Mâli!*, e os aplausos reiterados dos indígenas deram-nos a conhecer que essa música produzia neles uma impressão muito viva e muito agradável.

O *kava* foi depois distribuído aos diferentes chefes por aquele que tinha ordem de o preparar».

Este concerto estava bem longe de valer, como se vê, as festas esplêndidas que se haviam reduzido para a receção de Cook.

A rainha Tiné deu depois um grande baile, precedido de um concerto, que atraía um grande número de indígenas, entre os quais, é bom notá-lo, se tinham insinuado muitos ladrões, cuja impudência acabou por ser tal que se assenhorearam, à força, de uma faca. Vivamente perseguidos pelo ferreiro da *Busca*, voltaram-se, quando o viram só, caíram em cima dele e abriram-lhe a cabeça com uma cacetada. Felizmente essa rixa foi vista da *Esperança*, de onde se disparou um tiro de peça, que dispersou os assassinos. Muitos insulares, nessa ocasião, foram mortos por oficiais ou por marinheiros, que não sabiam exatamente o que se tinha passado e julgavam ver inimigos em todos os insulares que encontravam.

Não tardaram, contudo, a restabelecer-se as boas relações, e eram tão cordiais por ocasião da partida que muitos indígenas quiseram embarcar para ir a França.

«As noções que alguns insulares inteligentíssimos nos deram acerca dos navios que tinham fundeado nesse arquipélago — diz a relação —, fizeram-nos conhecer que La Pérouse não arribara a nenhuma dessas ilhas. Lembravam-se muito bem das diferentes épocas em que haviam visto o capitão Cook e, para nos fazerem conhecer o intervalo dessas visitas, contavam por colheitas de inhames e indicavam-nos duas por cada ano».

Esta informação relativa a La Pérouse está em contradição absoluta com as informações que Dumont d'Urville colheu, trinta e cinco anos depois, é verdade, da boca de Tamaha, então reinante.

«Quis saber — diz ele — se entre Cook e D'Entrecasteaux não tinham vindo outros europeus a Tonga. Depois de ter refletido alguns momentos, explicou-me muito claramente que, poucos anos antes da passagem de D'Entrecasteaux, dois grandes navios, semelhantes aos seus, com artilharia e muitos europeus, haviam fundeado em Annamooka, onde se tinham demorado dez dias. O seu pavilhão era todo branco e não parecido com os dos ingleses. Os estrangeiros davam-se muito pouco com os indígenas; deram-lhes estes uma casa em terra onde faziam trocas. Um indígena, que vendera, a troco de uma faca, uma almofada de madeira a um oficial, foi morto com um tiro de espingarda, por ter querido levar a mercadoria, depois de lhe ter recebido o preço. Isso não perturbou a paz, porque nessa circunstância o indígena não tinha razão».

A responsabilidade de Dumont d'Urville punha-o ao abrigo de qualquer suspeita de logro e não se pode deixar de reconhecer que muitas partes deste depoimento circunstanciado apresentam um grande caráter de verdade. O que se refere à cor do pavilhão, diferente do dos ingleses, é especialmente uma verdadeira prova. Devemos concluir daí que D'Entrecasteaux fez umas investigações superficiais? Isso seria grave. Vamos, contudo, referir daqui a pedaço duas circunstâncias que parecem próprias para o fazer incorrer nessa censura.

Foi com mostras de vivo pesar que os indígenas viram partir as fragatas francesas a 21 de Germinal. Seis dias depois, a *Esperança* avistava Erronan, a mais oriental das ilhas do Espírito Santo, descoberta por Queirós em 1606; depois sucessivamente Annatom, Tanna, cujo vulcão está sempre em erupção, etc., e as ilhas Beautemps-Beaupé. Arrastadas em breve pelas correntes, as

fragatas chegaram à vista das montanhas da Nova Caledónia e fundearam no porto de Balade, onde o capitão Cook lançara ferro em 1774.

Os selvagens conheciam o ferro, mas não o apreciavam tanto como outros povos, sem dúvida porque as pedras de que se serviam eram extremamente duras e faziam com que lhes fosse menos sensível a privação desse metal. As suas primeiras palavras, ao entrarem a bordo, foram para pedir que comer, e não havia ilusão possível, porque mostravam o ventre, que estava extremamente achatado. As suas pirogas não eram tão artisticamente construídas como as das ilhas dos Amigos e manobravam-nas muito mal, observações que o capitão Cook já fizera. A maior parte desses insulares, de carapinha, de pele quase tão preta como os indígenas de Van-Diemen, estavam armados de azagaias e de clavas; traziam, além disso, no cinto, um pequeno saco de pedras ovoides, que atiravam com as suas fundas.

Depois de um passeio em terra, durante o qual visitaram as choussas, em forma de cortiços, dos indígenas, os oficiais e os naturalistas pensaram em voltar para os navios.

«De volta para o sítio do nosso desembarque — diz a relação —, achámos mais de setecentos indígenas, que tinham vindo de todos os lados.

Pediram-nos fazendas e ferro em troca dos seus fatos, e logo alguns deles nos provaram que eram ladrões muito descarados.

Entre as suas diferentes partidas, citarei uma que me fizeram dois desses gatunos. Um deles ofereceu-se para me vender um saquinho, que encerrava pedras cortadas em oval e que levava à cintura. Imediatamente o desatou e fingiu querer dar-mo com uma

das mãos, enquanto recebia com a outra o preço que tínhamos combinado. Mas, no mesmo instante, outro selvagem, que se colocara por trás de mim, deu um grande grito para me fazer virar a cabeça para o seu lado, e imediatamente o gatuno fugiu com o saco e com o que eu lhe dera, procurando esconder-se na multidão. Não quisemos puni-lo, apesar de estarmos pela maior parte armados de espingardas. Contudo, era de temer que esse ato de brandura fosse considerado por esses povos como um ato de fraqueza e os tornasse ainda mais insolentes. O que sucedeu pouco tempo depois parece confirmá-lo.

Muitos deles foram tão atrevidos que atiraram pedras a um oficial que estava só a uns duzentos passos de distância de nós. Não quisemos proceder ainda contra eles, porque a narrativa de Forster tão vantajosamente nos prevenira a seu respeito que nos eram necessários mais alguns factos para destruir a boa opinião que tínhamos de brandura do seu carácter; mas tivemos em breve provas incontestáveis da sua ferocidade.

Um deles, com um osso torrado de fresco e devorando um resto de carne que ainda estava pegada ao osso, dirigiu-se ao cidadão Piron e convidou-o a partilhar da sua refeição; este, julgando que o selvagem lhe oferecia um pedaço de algum quadrúpede, aceitou o osso, que estava coberto de partes tendinosas, e, tendo-mo mostrado, reconheci que pertencia à bacia de uma criança de catorze para quinze anos. Os indígenas que nos rodeavam indicaram-nos, numa criança, a posição desse osso; concordaram sem dificuldade que a carne de que estivera coberta servira para as refeições de algum insular, e deram-nos até a conhecer que era para eles um acepipe.

A maior parte dos homens da nossa expedição, que tinham ficado a bordo, não quiseram acreditar na narrativa que lhes fizemos do gosto bárbaro desses insulares; não podiam persuadir-se de que esses povos, de que o capitão Cook e Forster haviam feito uma pintura tão vantajosa, se aviltassem com tão horrível vício, mas não foi difícil convencer os mais incrédulos. Eu tinha trazido o osso já ruído, que o nosso cirurgião-mor reconhecera ser o de uma criança; apresentei-o aos dois habitantes que tínhamos a bordo; imediatamente um desses antropófagos o agarrou com avidez e arrancou com os dentes os ligamentos e as cartilagens que ainda aderiam; passei-o depois para o seu camarada, que também ainda achou que roer.

Os indígenas, que tinham vindo a bordo, roubaram tantos objetos e com tal impudência, que foi necessário expulsá-los. No dia seguinte, apenas os franceses desembarcaram, encontraram os selvagens tomando a sua refeição.

Esses ofereceram-lhes logo, para comer, carne assada recentemente, que se reconheceu que era carne humana.

Alguns aproximaram-se até dos franceses e apalparam-lhes por muitas vezes as partes mais musculosas dos braços e das pernas, pronunciando a palavra *karapek* com um ar de admiração e até de desejo, que não era extremamente tranquilizador para nós.

Muitos oficiais foram assaltados e roubados com o maior descaramento. As intenções dos indígenas não eram duvidosas; em breve, até, procuraram apoderar-se dos machados de muitos marinheiros, que tinham desembarcado para cortar lenha, e foi necessário fazer fogo para se verem livres deles».

Estas hostilidades renovaram-se por muitas vezes e terminaram sempre pela fuga dos indígenas, que tiveram muitos homens mortos ou feridos. O pouco êxito dessas tentativas não os impediu de as recomeçar, sempre que julgaram encontrar ensejo favorável.

La Billardière foi testemunha de um facto, muitas vezes observado depois, mas que por muito tempo parecera inverosímil. Viu esses indígenas comerem esteatite.

«Esta terra serve para amortecer a sensação da fome, enchendo-lhes o estômago e amparando assim as vísceras pegadas ao diafragma, e, apesar de essa substância não dar o mínimo alimento nutritivo, é contudo muito útil a esses povos, que devem estar muitas vezes expostos a longas privações de alimento, porque se dão muito pouco à cultura das suas terras, que demais a mais são muito estéreis. Nunca se imaginaria que houvesse antropófagos que recorressem a semelhante expediente quando estão apertados pela fome».

Os navegadores não tinham podido colher durante a sua permanência na Nova Caledónia informação alguma nova de La Pérouse, Contudo, uma tradição, que o Sr. Júlio Garnier colheu diz que, pouco tempo depois da passagem de Cook, dois grandes navios se aproximaram da extremidade setentrional da ilha dos Pinheiros e ali mandaram embarcações.

«Passado o primeiro momento de terror — diz o Sr. Júlio Garnier numa comunicação inserida no *Boletim da Sociedade de Geografia*, de novembro de 1896 —, os indígenas aproximaram-se desses estrangeiros e fraternizaram com eles; ficaram primeiro maravilhados com todas as suas riquezas; a cobiça impeliu-os depois a oporem-se pela força à partida dos nossos marinheiros; mas estes,

com uma fuzilaria que atirou muitos indígenas a terra, acalmaram o seu ardor. Pouco satisfeitos dessa selvagem recepção, os dois navios afastaram-se na direção da terra grande, depois de terem disparado um tiro de peça, que os habitantes julgaram que era um trovão».

É pasmosíssimo que D'Entrecasteaux, que esteve em relações com os indígenas da ilha dos Pinheiros, não ouvisse falar destes acontecimentos. Esta ilha não é muito extensa, a sua população nunca foi muito numerosa. Por força que os indígenas entenderam que deviam conservar secretas as suas relações com La Pérouse.

Se na sua navegação ao longo do recife madrepórico, que defende dos assaltos do oceano a costa ocidental da Nova Caledónia, D'Entrecasteaux soubesse descobrir um dos numerosos cortes que ali se encontram, poderia, ali também, encontrar algum rasto da passagem de La Pérouse, navegador cuidadoso e atrevido, émulo de Cook, que decerto desembarcou em muitos pontos desse litoral. Um baleeiro, cuja narrativa Rienzi cita, afirmava ter visto nas mãos dos neocaledónios medalhas e uma cruz de S. Luís provenientes da expedição francesa.

O Sr. Júlio Garnier, durante uma viagem de Nouméa a Canala, viu, no mês de março de 1865, nas mãos de um dos indígenas da sua escolta, «uma velha espada enferrujada, afiada como eram as do século passado, e tendo no punho flores-de-lis». Tudo o que se pôde saber do seu proprietário foi que a possuía havia muito tempo.

Não é provável que um membro qualquer da expedição fizesse presente de uma espada a esses selvagens, e ainda menos de uma cruz de S. Luís. Algum oficial sem dúvida fora morto numa rixa, e assim chegariam esses objetos às mãos dos indígenas.

Esta hipótese tem a vantagem de estar de acordo com a explicação, dada pelo Sr. Garnier, das contradições flagrantes que se encontram na pintura do caráter do povo de Balade por Cook e D'Entrecasteaux. Para o primeiro, esses indígenas têm todos os predicados: bons, francos, pacíficos; para o segundo, todos os defeitos: ladrões, traidores, antropófagos.

Alguns factos extraordinários não teriam, no dizer do Sr. Garnier, modificado, entre essas duas visitas, o modo de proceder desses indígenas? Não teria havido uma rixa? Não teriam sido obrigados os Europeus a fazer uso das suas armas? Não teriam destruído plantações, queimado choupanas? Não se deveria atribuir a algum acontecimento desse género o acolhimento hostil que foi feito a D'Entrecasteaux?

La Billardière, contando uma excursão que fez às montanhas de que se forma a serrania da divisão das águas na extremidade setentrional da Nova Caledónia e de onde se vê o mar de ambos os lados, diz:

«Não éramos já seguidos senão por três indígenas, que sem dúvida nos tinham visto um ano antes seguir ao longo da costa ocidental da sua ilha, porque, antes de nos deixar, falaram-nos em dois navios que tinham avistado desse lado».

La Billardière fez mal em não os interrogar bastante a esse respeito. Eram os navios de La Pérouse ou os de D'Entrecasteaux que tinham visto esses selvagens? Seria bem um ano antes?

Vê-se pelos pormenores, que aqui damos, como é lamentável que D'Entrecasteaux não apertasse com mais zelo as suas investigações. Encontraria sem dúvida os rastos dos seus

compatriotas. Veremos logo que, com mais um pouco de sorte, os teria encontrado vivos, se não todos, pelo menos em parte.

Durante esta arribada, o capitão Huon de Kermadec sucumbira aos ataques de uma febre héctica, que o devorava havia muitos meses. Foi substituído no comando da *Esperança* pelo Sr. Hesmivy d'Auribeau.

Partindo da Nova Caledónia a 21 de Floreai, D'Entrecasteaux reconheceu sucessivamente as ilhas de Moulin, Huon e a ilha Santa Cruz, de Mendana. Esta ilha era separada da ilha de Nova Jérсия por um canal em que foram atacados os navios franceses.

A sueste aparecia uma ilha, que D'Entrecasteaux chamou a ilha da Busca, e que poderia chamar da Descoberta se pensasse em aproximar-se dela. Era Vanikoro, ilhota rodeada de recifes madreporicos onde os navios de La Pérouse tinham naufragado, e onde, segundo todas as probabilidades, habitavam ainda nesta época uma parte dos infelizes navegadores. Fatalidade inconcebível! Chegar tão perto do fim e passar ao lado! Mas o véu que escondia a sorte dos companheiros de La Pérouse não devia ser rasgado senão muitíssimo tempo depois.

Após ter reconhecido minuciosamente a extremidade meridional de Santa Cruz sem poder colher a mais leve informação acerca do objeto das suas investigações, D'Entrecasteaux dirigiu-se para a Terra dos Arsácidas, de Surville, cuja extremidade meridional reconheceu; depois alcançou as costas da Luisiada, que La Pérouse dissera que queria visitar ao deixar as de Salomão, e levantou, a 7 de Pradial, o cabo do Livramento. Esse cabo não pertence à Nova Guiné, como imaginara Bougainville; forma a extremidade de uma

ilha, que foi chamada Rossel, do nome de um dos oficiais, que devia ser o principal historiador da expedição.

Depois de ter navegado ao longo de uma série de ilhas baixas e pedregosas, de recifes que receberam o nome dos principais oficiais, as duas fragatas chegaram às costas da Nova Guiné, na altura do cabo do Rei Guilherme; depois governaram, para entrar no estreito de Dampier. Seguiu-se depois ao longo da costa setentrional da Nova Bretanha, ao norte da qual se descobriram muitas ilhotas bastante montuosas, até então desconhecidas. No dia 17 de julho, estava-se à vista de uma ilhota, próxima da dos Anacoretas.

D'Entrecasteaux, atacado havia muito de disenteria e de escorbuto, estava então na última extremidade. Cedendo às instâncias dos seus oficiais, resolveu-se a separar-se da *Esperança* para alcançar mais rapidamente Waigiou. No dia seguinte, 20 de julho, faleceu, depois de longos e dolorosos padecimentos.

Depois de uma arribada a Waigiou e a Bourou, cujo residente encheu os franceses de amabilidades, e em que alguns habitantes tinham conservado a lembrança de Bougainville, a expedição, primeiro debaixo do comando de D'Auribeau, que em breve caiu doente, depois debaixo do comando de Rossel, atravessou o estreito de Bouton, o de Saleyer, e chegou a 19 de outubro diante de Sourabaya.

Graves notícias ali surpreenderam os membros da expedição. Luís XVI fora decapitado, a França estava em guerra com a Holanda e com todas as potências da Europa. Apesar de a *Busca* e a *Esperança* precisarem de numerosos consertos e a saúde das suas tripulações exigir um longo descanso, D'Auribeau preparava-se para voltar para a ilha de França, quando foi retido pelo governador

holandês. A desinteligência que logo rebentou entre os membros da expedição, cujas opiniões políticas eram muito diferentes, fez requeixar ao governador que viessem a rebentar discórdias na sua colónia, e quis submeter os seus «prisioneiros» a condições humilhantíssimas, que não houve remédio senão aceitar. A irritação e o ódio rebentaram quando D'Auribeau julgou a propósito arvorar a bandeira branca. Mas a maior parte dos oficiais e dos sábios, entre eles La Billardière, recusaram-se a isso obstinadamente, e, presos pelas autoridades holandesas, foram repartidos pelos diferentes portos da colónia.

Tendo morrido D'Auribeau a 21 de agosto de 1794, Rossel passou a ser o chefe da expedição. Encarregou-se de fazer chegar à França os documentos de todos os géneros que tinham sido coligidos durante a viagem; mas, aprisionado por uma fragata inglesa, foi despojado, com desprezo do direito das gentes, e quando a França recuperou a posse dos objetos de história natural que lhe tinham sido roubados (a expressão não é demasiadamente forte, se nos lembrarmos das instruções dadas pelo Governo francês acerca da expedição do capitão Cook), estavam em tão mau estado, que se não pôde tirar deles todo o fruto que se esperava.

Assim acabou esta infeliz campanha. Se o seu fim principal completamente se malograra, pelo menos operara algumas descobertas geográficas, retificara ou completara as que eram devidas a outros navegadores, e trazia uma ampla messe de factos, de observações, de descobertas nas ciências naturais, devidas em grande parte à dedicação do naturalista La Billardière.

III

Um capitão da marinha mercante, chamado Estêvão Marchand, voltava de Bengala em 1788 quando encontrou, na enseada da ilha de Santa Helena, o capitão inglês Portlock. A sua conversação naturalmente caiu para o comércio, para os objetos de troca, para os artigos cuja venda proporcionava maiores lucros. Como homem ajuizado, Marchand deixou falar o seu interlocutor e só lhe respondeu as poucas palavras necessárias para alimentar a conversação. Tirou de Portlock esta informação interessante: que as peles todas, em geral, e especialmente as peles de lontra, estavam por vil preço na costa ocidental da América do Norte e chegavam na China a preços fabulosos; ao mesmo tempo, facilmente se podia obter no Celeste Império uma carga para a Europa.

De volta para França, Marchand deu parte aos seus armadores, os Srs. Baux, de Marselha, da informação preciosa que obtivera, e estes resolveram aproveitá-la imediatamente. A navegação nos mares do Pacífico exigia um navio de uma força excepcional, provido de qualidades especiais. Os Srs. Baux mandaram por conseguinte construir um navio de trezentas toneladas, cavilhado e forrado de cobre, e forneceram-no de tudo o que era necessário para o defender em caso de ataque, consertá-lo em caso de desastre, facilitar as operações comerciais e conservar a saúde das tripulações durante essa campanha, que devia durar três ou quatro anos.

Ao capitão Marchand, comandante do *Sólido*, foram agregados dois capitães, os Srs. Masse e Próspero Chanal, três tenentes, dois

cirurgiões e três voluntários. Era, com os trinta e nove marujos, uma tripulação de cinquenta pessoas.

Quatro canhões, dois obuses, quatro pedreiros, com as munições e as armas necessárias, completavam o armamento.

Apesar de não se dever chegar aos mares do cabo Horn senão no princípio do inverno, o *Sólido* partiu de Marselha a 14 de dezembro de 1790. Depois de uma curta arribada na Praia, nas ilhas de Cabo Verde, Marchand dirigiu-se para a Terra dos Estados, que reconheceu no dia 1 de abril de 1791, dobrou a Terra do Fogo e penetrou no grande oceano. A tenção do capitão Marchand era dirigir-se, sem fazer arribada, para a costa noroeste da América; mas, do princípio de maio para diante, a água por tal forma se corrompera nas bilhas que não houve remédio senão tratar de a renovar.

O capitão Marchand decidiu-se pelas Marquesas, de Mendocça, ilhas situadas no paralelo de 10° sul e 141° meridiano ao ocidente de Paris. «A situação destas ilhas — diz Fleurieu, que publicou a interessantíssima relação desta viagem — convinha tanto mais quanto, com a intenção de evitar as calmarias em que se cai muitas vezes dirigindo-se o caminho demasiadamente para leste, deliberar cortar a ilha a 142 graus de longitude ocidental».

Descoberto em 1595 por Mendocça, esse arquipélago fora visitado por Cook em 1774.

A 12 de junho, levantou-se a ilha da Madalena, a mais meridional do grupo. Os cálculos de Marchand e do capitão Chanal tinham sido feitos com tal precisão que o *Sólido* fundeava nas ilhas Mendocças «depois de uma travessia de setenta e três dias, desde a vista do cabo S. João, da Terra dos Estados, sem tomar

conhecimento de mais nenhuma terra, e tirando apenas do emprego constante das observações astronómicas toda a segurança da sua navegação, no meio de um mar em que as correntes atuam em direções e com efeitos que desconcertam e tornam inúteis todos os meios, todos os cálculos, todos os métodos ordinários da pilotagem».

Marchand dirigiu-se para S. Pedro, que lhe ficava a oeste. Logo avistou a Dominica, Santa Cristina e a ilha Hood, a mais setentrional do grupo, e fundeou na baía de Madre de Dios, em que os indígenas lhe fizeram um acolhimento dos mais entusiásticos, ao som dos gritos, mil vezes repetidos, de «Tayo! Tayo!»

A impossibilidade de obter o número de porcos de que precisava determinou o capitão Marchand a visitar muitas outras baías da ilha de Santa Cristina, que achou mais povoadas, mais férteis e mais pitorescas do que a de Madre de Dios.

Os ingleses haviam-se demorado tão pouco tempo nas Marquesas que não tinham podido reunir observações exatas e minuciosas acerca do país e dos homens que o habitam. Tomaremos por conseguinte algum traços da descrição de Estêvão Marchand.

«Os habitantes são altos, fortes e extremamente ágeis; a cor da sua pele é de um moreno-claro, mas há muitos que quase que não diferem dos Europeus da classe do povo. Não têm outras vestes senão a pintura picada na pele, porque o clima nenhuma exige. Esses desenhos estão distribuídos com a maior regularidade; os de um braço ou de uma perna correspondem exatamente aos do outro, e esse pintalgado, em razão da simetria, não faz mau efeito. O penteado varia com os indivíduos e a moda reina como soberana nas Marquesas, tanto como em qualquer outro país. Uns usam

colares de sementes vermelhas, outros uma espécie de gravata, composta de bocadinhos de uma madeira leve. Apesar de terem todos, tanto homens como mulheres, as orelhas furadas, não se vê que usem geralmente brincos. Contudo, viu-se uma jovem mendoçana pavonear-se, trazendo, à moda de colar, a bacia de barba de folha enferrujada que roubara ao barbeiro do *Sólido*, e um homem trazer descaradamente a vareta da espingarda do capitão Marchand enfiada no buraco da orelha e pendente ao lado».

Cook afirma que conhecem o *kava* dos Taitianos. O que se pode afirmar é que davam o nome da planta da pimenta à aguardente que lhes deram a beber a bordo do *Sólido*. Deve-se acreditar que não abusam desse licor porque nunca se viu nem um só em estado de embriaguez.

Os ingleses não falam de um ato de civilidade praticado pelos habitantes da Madre de Dios, de que o capitão Chanal entendeu dever fazer menção particular: consiste em oferecer ao seu amigo o bocado que se mastigou, para ele só ter o trabalho de o engolir. Pode-se imaginar que, por muito sensíveis que fossem os franceses a essa prova distinta de benevolência e de amizade dos indígenas, tinham discernimento bastante para não abusarem a tal ponto da sua complacência.

Outra observação muito curiosa, que se deve a Marchand, é que as suas choupanas, estabelecidas em plataformas de pedra, e as andas de que se servem indicam que Santa Cristina está exposta a inundações. Pode-se ver uma dessas andas, muito bem trabalhada e lavrada, na exposição do Trocadero, e deve-se ao Sr. Hamy, cuja competência para tudo o que diz respeito às coisas da Oceânia é

bera conhecida, uma interessantíssima dissertação sobre este curioso objeto.

«A principal ocupação dos indígenas de Santa Cristina, depois da pesca, do fabrico accidental das suas armas, das suas pirogas e dos utensílios para uso da habitação, é dançar, cantar, divertirem-se. A expressão vulgar de «matar o tempo» parece ter-se criado para tomar sensível a nulidade das ações em que se reparte o círculo da sua vida».

Durante os primeiros dias da sua arribada à baía da Madre de Dios, Marchand fizera uma observação que o conduziu à descoberta de um grupo de ilhas de que nem os antigos navegadores nem o próprio Cook tinham tido conhecimento. Ao pôr do Sol, por um tempo dos mais claros, observara no horizonte uma nódoa fixa, que apresentava a aparência de um pico elevado, e esta observação pudera renová-la muitos dias. Não se podia duvidar de que fosse uma terra, e, como os mapas não indicavam nenhuma outra nesta direção, não podia ser senão uma ilha desconhecida.

Deixando Santa Cristina a 20 de junho, Marchand resolveu certificar-se disso. Teve a satisfação de descobrir a noroeste, por sete graus de latitude sul, um grupo de ilhotas, das quais a mais importante recebeu o seu nome. Os habitantes pertenciam evidentemente à raça que povoou as Marquesas. Logo depois se descobriram muitas outras ilhas, tais como a ilha Blux, que é simplesmente Nouka-Hiva, os Dois Irmãos, as ilhas Masse e Chanal, e designou-se esse arquipélago, que foi reunido pelos geógrafos às Marquesas, com o nome de ilhas da Revolução.

O rumo, logo que se deixaram estas paragens, foi dirigido para a costa da América. A estação ia tão adiantada que se não podiam

já elevar até ao sexagésimo paralelo no «Williams Sound» e no «Cooks' River». Marchand resolveu por conseguinte alcançar o cabo do Engano e fazer o tráfico da escravatura na baía Norfolk, de Dixon, que não é senão a baía de Guadalupe dos espanhóis.

A 7 de agosto, teve-se conhecimento da terra e do cabo do Engano, e, depois de cinco dias de calmaria, caiu a âncora na baía de Guadalupe. Até então nenhum homem a bordo fora atacado de escorbuto, e, depois de duzentos e quarenta dias de navegação, dos quais dez apenas gastos nas arribadas da Praia e a Madre de Dios, depois de cinco mil e oitocentas léguas de percurso, era um resultado magnífico, unicamente devido aos armadores, que de nada se tinham descuidado que pudesse referir-se à saúde das tripulações, e aos capitães, que haviam sabido fazer executar todas as medidas que lhes ditava a experiência.

O capitão Marchand, durante a sua estada nessa baía, cuja denominação indígena era Tchinkitané, comprou um grande número de peles de lontra, entre as quais um cento de primeira qualidade.

Os indígenas, baixos, de corpo atarracado, ainda que muito bem proporcionado, de cara redonda e chata, são bastante desgraciosos. Olhos pequenos, encovados e ramelentos, assim como maçãs do rosto salientes, não contribuem para os embelezar. Quanto à cor da sua pele, é muito difícil percebê-la debaixo da espessa camada de porcaria e da mistura de substâncias negras e vermelhas que a recobrem. O seu cabelo duro, espesso, hirsuto, coberto de ocre, de penugem de pássaros e de todas as porcarias que a negligência e o tempo ali acumularam, contribui ainda para tornar o seu aspeto hediondo.

Menos negras do que os homens, as mulheres são ainda mais feias: a sua estatura espessa, curta, os seus pés voltados para dentro, a sua inaudita porcaria, fazem delas uns entes repugnantes. A garridice que é inata nas mulheres determinou-as, para aumentar a sua beleza natural, a empregar um ornamento labial tão extravagante como incómodo, de que já dissemos algumas palavras a propósito da estada de Cook nestas mesmas paragens.

«Pratica-se, perto de seis linhas abaixo do lábio inferior, por meio de uma incisão, uma fenda longitudinal, paralela à boca; insere-se-lhe ali no princípio uma rolha de ferro ou de pau e aumenta-se gradualmente, e de tempos a tempos, o volume desse corpo estranho segundo os progressos da idade. Chega-se enfim a introduzir nessa fenda uma peça de madeira asseadamente trabalhada, cuja forma e cuja grandeza são pouco mais ou menos as de uma colher de sopa. O efeito desse ornamento é derribar, pelo peso da sua parte saliente, o lábio inferior para o queixo, desenvolver os encantos de uma grande boca escancarada, que toma a forma da de um forno, e pôr a descoberto uma fileira de dentes amarelos e sujos. Como essa colher se tira e se põe à vontade, quando se suprime, a fenda transversal do lábio apresenta uma segunda boca, que não é inferior em abertura à boca natural, e nalgumas mulheres tem mais de três polegadas de comprimento».

O *Sólido* deixou a baía de Tchinkitané a 21 de agosto, e dirigiu-se para sueste, para reconhecer as ilhas da Rainha Carlota, vistas em 1786 por La Pérouse. Estendem-se num comprimento de quase setenta léguas. A 23, Estêvão Marchand viu a baía das Capas (Cloak-Bay, de Dixon), cujo reconhecimento foi feito com o maior cuidado pelo capitão Chanal.

No dia seguinte as chalupas entraram no canal de Cox e trataram com os índios da compra de algumas peles. Foi grande o espanto dos navegadores à vista de dois imensos quadros, pintados muito antigamente, e de esculturas gigantescas, que, apesar de terem apenas as relações mais remotas com as obras-primas da Grécia, não deixavam por isso de testemunhar predileções artísticas, que se estava bem longe de esperar dessas populações miseráveis.

As terras que formam a baía e o estreito de Cox são baixas e cobertas de pinheiros. O solo, composto de restos de plantas e de rochedos, não parece ter grande profundidade, e as produções são as mesmas que em Tchinkitané.

O número dos habitantes pode ser avaliado em quatrocentos. A sua estatura não difere sensivelmente da dos Europeus. São menos hediondos que os Tchinkitanéanos.

Como esta arribada a Cloak-Bay não produzira o número de peles com que Marchand contara, expediu, debaixo do comando do capitão Chanal, uma embarcação que visitou as ilhas situadas ao sul. Esse reconhecimento teve por fim levantar a maior parte das ilhas que ainda não tinham sido visitadas. Só o navio de Dixon percorrera essas paragens, mas ninguém da sua tripulação desembarcara. Não nos devemos, por conseguinte, espantar se muitas das suas asserções forem desmentidas ou retificadas por esse exame mais profundo.

Depois de ter visto a entrada de Nootka, dirigiram-se à de Berkley; mas, no momento em que o *Sólido* ia a entrar, apareceu uma barca que, pelo rumo que levava, anunciava dever visitar o litoral ao sul, justamente o que tencionava fazer o capitão Marchand.

Esta descoberta levou o navegador francês a alcançar logo as costas da China, a fim de se desfazer da sua carga antes de o navio que acabava de avistar ter tempo de lá ir e de lhe fazer concorrência.

O melhor caminho a seguir era o das ilhas Sanduíche, e, a 5 de Outubro, os franceses puderam avistar os cumes dos Mauna-Loa e Mauna-Koa inteiramente despojados de neve, o que está em contradição formal com a asserção do capitão King.

Logo que a ilha O-Whyhee foi reconhecida, Marchand tomou a sensata resolução de fazer todas as suas compras debaixo de vela. Levou desta ilha porcos, galinhas, cocos, bananas e outros frutos, entre os quais se reconheceram abóboras e melões, provenientes, sem dúvida, das pevides semeadas pelo capitão Cook.

Foram consagrados quatro dias à aquisição destes refrescos; depois seguiu-se o rumo da China, tomando conhecimento de Tinian, uma das Marianas.

Recordam-se os leitores de quanto era encantador o quadro dessa ilha traçado pelo comodoro Anson. Byron, dissemos nós, ficara espantado de lhe achar um aspeto muito diferente. É que, uns cinquenta anos antes, Tinian era florescente e contava trinta mil habitantes. Mas uma doença epidémica, trazida pelos conquistadores espanhóis, dizimara a população, cujos miseráveis restos foram em breve arrancados a essa terra para serem transportados para Guaham.

Marchand não desembarcou em Tinian, de que a natureza selvagem retomara posse, no dizer de todos os viajantes que ali tinham arribado desde Byron, e manobrou para tomar conhecimento da ponta meridional da Formosa.

Em Macau, aonde chegara a 28 de novembro, Marchand teve notícias que o desconcertaram. O Governo chinês acabava de proibir, sob as penas mais severas, qualquer introdução de peles nos portos do sul do império. Era uma cláusula ignorada de algum tratado secreto feito com a Rússia? Essa proibição era devida à avareza e à cobiça de alguns mandarins? Não se sabe; mas o que é certo é que era absolutamente impossível infringi-la.

Marchand escreveu aos representantes da casa Baux, em Cantão. A mesma proibição existia nessa cidade e não se devia pensar mesmo em ir a Whampoa, onde o navio seria taxado em direitos cujo total não se elevaria a menos de seis mil piastras.

Estêvão Marchand não tinha já senão que ir à ilha de França, e daí a Marselha, porto de onde saíra. Foi o que ele fez. Não temos motivo algum para nos demorarmos com essa viagem de regresso, que não apresentou senão os incidentes normais de todas as travessias desse género.

Quais eram os resultados científicos da viagem? Pouco consideráveis debaixo do ponto de vista geográfico, decompunham-se do seguinte modo: descoberta da parte das ilhas Marquesas que escapara a Cook e aos seus predecessores, reconhecimento mais profundo do país, dos usos e costumes dos habitantes de Santa Cristina, do mesmo arquipélago, das baías Tchinkitané e das Capas, do arquipélago da Rainha Carlota, na costa da América. Seria bem pouco para uma expedição oficial, era muito para um navio armado por simples particulares. Ao mesmo tempo, os capitães Marchand, Chanal e Masse tão bem tinham sabido aproveitar os métodos novos, estudado com tanto fruto as relações dos seus predecessores, que chegaram a dar ao seu rumo uma precisão que

muito poucos navegadores haviam podido alcançar. Iam contribuir pela sua vez para a instrução dos seus sucessores, pela exatidão dos seus mapas e dos seus levantamentos.

As circunstâncias não deviam ser igualmente favoráveis, pelo contrário, para a publicação da narrativa de uma expedição científica que o Governo francês ia enviar, anos depois, com o fim de reconhecer as costas da Austrália. Apesar de os resultados da campanha do capitão Baudin terem sido dos mais abundantes, parece que, até esse dia, perseguira a má sorte essa expedição, e que todos os dicionários biográficos e as relações de viagem se tinham combinado para falarem dela o menos possível.

Desde o dia em que Tasman reconhecera a costa ocidental da Nova Holanda, muitos progressos se tinham realizado no conhecimento desse imenso continente misterioso. Cook levantara toda a costa oriental, marcara o estreito do Endeavour, e calorosamente recomendara ao seu Governo as vantagens que se poderiam tirar de um estabelecimento em Botany-Bay. Em 1788, Philipp lançara, com os seus *convicts*, os primeiros alicerces de Port-Jackson e do poder inglês nessa quinta parte do Mundo.

Em 1795 e 1796, o *midshipman* Flinders e o cirurgião Bass, com uma insignificante embarcação, o *Tom-Pouce*, tinham explorado numa extensão de vinte milhas o rio Jorge e reconhecido minuciosamente uma longa série de costas.

Em 1797, Bass assinalara a existência de um porto espaçoso, que chamara Western, por causa da situação em que estava.

«As suas provisões estavam então esgotadas — diz Desborough Cooley —, e, apesar do seu desejo ardente de fazer um levantamento exato e minucioso da sua nova descoberta, viu-se

obrigado a voltar para trás. Só levava provisões para três semanas, e, contudo, com auxílio do peixe e das aves marítimas que encontrou com abundância, conseguiu fazer durar a sua viagem cinco semanas a mais, apesar de trazer a bordo dois *convicts* fugidos que encontrara. Esta viagem de setecentas milhas, numa barca sem convés, é uma das mais notáveis que se conhecem. Não foi empreendida debaixo do império de uma necessidade rigorosa, mas com a intenção decidida de explorar praias desconhecidas e perigosas».

Acompanhado por Flinders, Bass, em 1798, descobrira o estreito que hoje tem o seu nome, e que separa a Tasmânia da Nova Holanda, e fizera numa escuna de vinte e cinco toneladas o périplo da Terra de Van-Diemen. As informações que traziam estes audaciosos exploradores acerca dos rios e dos portos desse país, eram das mais importantes para a sua colonização futura. Por isso Bass e Flinders foram recebidos com entusiasmo em Port-Jackson.

De volta a Inglaterra, Flinders recebera, com a patente de primeiro-tenente, o comando do *Investigador*, especialmente armado para uma viagem de descoberta nas praias da Austrália. As costas meridionais e de noroeste, o golfo de Carpentaria e o estreito de Torres, tais deviam ser as estações desta viagem.

A atenção pública em França estava havia algum tempo atraída para a Nova Holanda pelas narrativas de Cook e D'Entrecasteaux. País singular, de produções animais estranhas, umas vezes coberto de bosques de eucaliptos gigantes, outras vezes escalvado, alimentando apenas algum magro *spinifex*, esse continente devia ainda por muito tempo esquivar-se aos nossos olhares curiosos e opor aos exploradores obstáculos quase insuperáveis.

Foi o Instituto que se fez porta-voz da opinião pública, reclamando do Governo uma expedição às terras austrais. Por apresentação sua, vinte e quatro sábios foram designados para tomar parte na viagem.

Nunca se dera tão considerável desenvolvimento a essa parte da composição das viagens de descobertas; nunca se tinham preparado meios tamanhos de êxito. Astrónomos, geógrafos, mineralogistas, botânicos, zoólogos, desenhadores, jardineiros, todos ali se encontravam em número duplo, triplo ou até quántuplo.

Notavam-se neste estado-maior científico Leschenaut de Latour, Francisco Péron e Bory de Saint-Vincent. Os oficiais e os marinheiros tinham sido escolhidíssimos. Entre os primeiros devemos citar Francisco André Baudin, Peureux de Mélay, Jacinto de Bougainville, Carlos Baudin, Manuel Hamelin, Pedro Malius, Mangin, Duval d'Ailly, Henrique de Freycinet, que chegaram todos ao posto de almirante ou de contra-almirante, Le Bas Saint-Croix, Pedro Guilherme Gicquel, Tiago Filipe Montgery, Tiago de Saint-Cricq, Luís de Freycinet, futuros capitães de mar e guerra.

«Os resultados vantajosos que a composição desta viagem e o seu objeto prometiam — diz a relação — pareciam dever ser garantidos pelo plano das suas operações. Tudo o que a experiência dos outros navegadores aprendera até aí acerca das paragens que devíamos percorrer, tudo o que a teoria e o raciocínio podiam daí deduzir e acrescentar-lhe, servia de base para esse trabalho importante. Os ventos irregulares, as monções, as correntes, tinham-se calculado de um modo tão exato que a origem principal das contrariedades que sentimos depois foi o termo-nos afastado muitas vezes dessas preciosas instruções».

Depois de terem equipado na ilha de França um terceiro navio, que demandava pouquíssima água, os navegadores deviam reconhecer toda a Terra de Diemen, os estreitos de D'Entrecasteaux, de Bass e de Banks; em seguida, depois de terem fixado a situação das ilhas Hunter, meter-se por trás das ilhas de S. Pedro e de S. Francisco, visitar a porção do continente que elas ocultavam e procurar o estreito que, ao que se pensava, ia dar ao golfo de Carpentaria e cortava ao meio a Nova Holanda.

Terminada esta primeira parte da campanha, deviam-se reconhecer as terras de Leuwin, de Edels, de Endracht, subir o rio dos Cisnes o mais longe possível, levantar o mapa da ilha Rottneest e da costa que lhe fica próxima, completar o reconhecimento da baía dos Cães-Marinheiros, fixar certas posições da Terra de Witt, e, depois de terem deixado a costa no cabo Noroeste, ir buscar a Timor, nas Molucas, um descanso bem ganho.

Logo que as tripulações estivessem restabelecidas das suas fadigas, devia-se percorrer a costa de Nova Guiné, a fim de ver se alguns estreitos a não dividiam em muitas ilhas, visitar depois a fundo o golfo da Carpentaria, reconhecer algumas partes da Terra de Arnheim, para chegar, enfim, à ilha de França, de onde se voltaria para a Europa.

Era esse um magnífico programa, em que se reconhece a mão de quem traçara as instruções de La Pérouse e de D'Entrecasteaux. Os resultados dessa expedição, se fossem conduzidos com habilidade, deviam ser consideráveis.

Uma corveta de trinta canhões, o *Geógrafo*, e uma grande gabarra, o *Naturalista*, haviam sido armados no Havre para essa expedição. Nada fora desprezado para que os abastecimentos

fossem abundantes e de boa qualidade: instrumentos de física e de astronomia, construídos pelos mais hábeis fabricantes, biblioteca formada das melhores obras em cada navio, passaportes os mais lisonjeiros assinados por todos os Governos da Europa, créditos ilimitados, abertos em todas as praças da Ásia e da África. Numa palavra, tinham-se tomado todas as medidas para assegurar o êxito dessa importante exploração.

A 19 de outubro de 1800, os dois navios saíram do Havre entre as aclamações de uma turba imensa. O porto de Santa Cruz, em Tenerife, reteve algum tempo os navegadores, que só pararam depois na ilha de França, onde foram deixados, a 25 de Abril de 1801, muitos oficiais tão gravemente doentes que não podiam continuar a campanha.

Essa estreia não era animadora. O descontentamento não fez senão aumentar com a notícia de que daí por diante não haveria mais de meio arrátel de pão mole por semana, que a ração de vinho seria substituída por três dezasseis avos de garrafa de mau tafiá da ilha de França, que o biscoito e as salmouras constituiriam para o futuro o sustento habitual. Essas precauções prematuras iam ser a origem das doenças que deviam experimentar as tripulações e do descontentamento de uma parte do estado-maior científico.

A duração da travessia da Europa para a ilha de França, a longa permanência nesta última ilha, fizeram perder uma parte da estação favorável. Baudin, temendo dirigir-se para a Terra de Diemen, resolveu começar a sua exploração pela costa noroeste da Nova Holanda. Não refletia que, procedendo assim, teria sempre de descer para as regiões austrais, e que os seus progressos nesse sentido coincidiriam com a marcha da estação.

A 27 de maio, descobriu-se a costa da Nova Holanda. Era baixa, estéril, arenosa. Sucessivamente se reconheceu e se nomeou a baía do Geógrafo, o cabo do Naturalista, a enseada Depuch e a ponta Picquet. Neste sítio os naturalistas saltaram em terra, onde fizeram uma riquíssima messe de plantas e de conchas. Mas, durante esse tempo, a violência do mar afastara os dois navios, e vinte e cinco homens da tripulação tiveram de passar muitos dias em terra, não tendo para beber senão uma água salobra, não podendo matar caça nem de pele nem de pena, não tendo para se sustentar senão uma espécie de pica-pedra, que dá uma grandíssima quantidade de carbonato de sódio e contém um suco muito acre.

Foram obrigados a abandonar uma chalupa, que as ondas tinham atirado à terra, espingardas, espadas, cartuchos, cabos e uma grande quantidade de objetos.

«Mas o que houve de mais deplorável neste último desastre — diz a relação — foi a perda de um dos melhores marinheiros do *Naturalista*, um fulano Vasse, da cidade de Dieppe. Arrastado três vezes pelas vagas no momento em que procurava reembarcar, desapareceu no meio delas, sem que fosse possível dar-lhe socorro algum ou certificarem-se mesmo da sua morte, tamanha era então a violência das vagas, tão profunda era a escuridão».

Esse mau tempo devia durar. O vento soprava em rajadas; caía continuamente uma chuva fina, e um nevoeiro espesso fez em breve perder de vista o *Naturalista*, que só em Timor tinha de se tomar a encontrar.

Apenas teve conhecimento da ilha de Rottnest, que se marcara como ponto de encontro ao capitão Hamelin, Baudin, com surpresa

geral, deu ordem de seguir caminho para a baía dos Cães-Marinheiros, na Terra de Endracht.

Toda essa parte da Nova Holanda é apenas um prolongamento de costas baixas, de um nível quase uniforme, arenosas, estéreis, avermelhadas ou pardacentas, sulcadas em diferentes sítios por quebradas superficiais, quase por toda a parte cortadas a prumo, defendidas muitas vezes por inabordáveis recifes e justificando completamente o epíteto de «costas de ferro» que lhes dá o engenheiro hidrógrafo Boullanger.

Desde a ilha Dirck-Hatichs, em que principia a Terra de Endracht, as ilhas Doore, Bernier, em que se encontram bandos de cangurus, e a enseada de Dampier, foram sucessivamente reconhecidas até à baía dos Cães-Marinheiros, que foi explorada a fundo.

Depois da Terra de Endracht, que não oferecia recurso algum, foi a Terra de Witt, que se estende desde o cabo Noroeste até à Terra de Arnheim, compreendendo quase dez graus de latitude sobre quinze de longitude, que foi seguida em todas as suas particularidades. Os mesmos incidentes, os mesmos perigos, ali experimentaram os exploradores, que deram nome sucessivamente às ilhas Lhermite, Forestier, Dupuch, de solo vulcânico, as Baixas do Geógrafo, escolho que muito custou a evitar, as ilhas Bedout e Lacépède, os cabos Borda e Mollien, as ilhas Champagny, Arcola, Freycinet, Lucas, etc.

«No meio dessas ilhas numerosas — diz a relação — nada sorri à fantasia: o solo é escaldado; o céu ardente mostra-se sempre puro e sem nuvens; as ondas não são agitadas senão pelas tempestades noturnas; o homem parece ter fugido dessas plagas ingratas; em

parte nenhuma pelo menos se encontram rastros da sua residência ou da sua presença.

O navegador, assustado, por assim dizer, com esta horrenda solidão, salteado por perigos sempre renascentes, espanta-se e afasta os seus olhares fatigados dessas margens infelizes, e, quando vem a pensar que essas ilhas inóspitas confinam, por assim dizer, com as do grande arquipélago da Ásia, em que a natureza se comprova em derramar os seus tesouros e os seus benefícios, custa-lhe a conceber como é que uma esterilidade tão profunda se pode encontrar ao lado de tamanha fecundidade».

O reconhecimento dessa costa desolada acabou pela descoberta do arquipélago Bonaparte, a 13° 15' de latitude austral e a 123° 30' de longitude do meridiano de Paris.

«Os alimentos detestáveis a que estávamos reduzidos desde a nossa partida da ilha de França tinham fatigado os temperamentos mais robustos; o escorbuto exercia já as suas devastações e muitos marinheiros estavam gravemente enfermos. A nossa provisão de água chegava ao seu termo, e tínhamos adquirido a certeza da impossibilidade de a renovar nessas tristes plagas. A época da inversão das monções aproximava-se e os furacões que ela traz consigo deviam ser evitados nessas costas; enfim, precisávamos de obter uma chalupa e de operar a nossa reunião com o *Naturalista*.

Todas essas considerações determinaram o comandante a dirigir-se para a ilha de Timor, onde fundeou, a 22 de agosto, na baía de Cupang».

Não entraremos na descrição minuciosa da receção que foi feita aos navegadores. O coração, sem dúvida, alegra-se sempre com a afabilidade das maneiras; mas, se a sua lembrança é preciosa

sempre para quem dela foi objeto, não tem o mesmo encanto a narrativa para o leitor desinteressado. O que é preciso saber é que a tripulação tinha a maior necessidade de descanso e que dez homens violentamente atacados de escorbuto tinham sido desembarcados. Quantos outros havia cujo mísero estado se manifestava nas gengivas ensanguentadas!

Se o escorbuto cedeu rapidamente à aplicação dos remédios usados em tais casos, foi infelizmente substituído pela disenteria, que em poucos dias atirou para as macas dezoito homens.

Enfim, a 21 de setembro, apareceu o *Naturalista*. Esperara com a maior paciência o *Geógrafo* na baía dos Cães-Marinhos, ponto de encontro que Baudin fixara e em que não aparecera. Os oficiais tinham-se aproveitado dessa longa arribada para levantar, com as maiores minuciosidades, a planta da costa e das ilhas Rottnest, no rio de Cisnes e dos Abrolhos.

Na ilha Dirck-Hatichs, o capitão Hamelin descobrira duas inscrições holandesas gravadas em pratos de estanho. Uma provava a passagem, no dia 25 de outubro de 1616, do navio *Eendragt*, de Amesterdão; a outra, a passagem, neste sítio, do *Geelwinck*, debaixo do comando do capitão Vlaming, em 1697.

Resulta dos trabalhos do *Naturalista* «que a suposta baía dos Cães-Marinhos forma uma grande reentrância de perto de cinquenta léguas de profundidade, tomando-a do cabo Cuvier ao norte até à extremidade do golfo Henri-Freycinet; que toda a costa oriental é exclusivamente formada pelo continente, que a oeste se compõe da ilhota de Kooks, da ilha Bemier, da ilha de Doore, da ilha Dirck-Hatichs e de uma parte das terras continentais. O meio dessa vasta

reentrância é ocupado pela península Péron, a leste e a oeste da qual se encontram as angras Hamelin e Henri-Freycinet».

As doenças, de que eram presa os infelizes navegadores, não tinham tido outro resultado senão o de produzir uma pacificação momentânea entre o comandante Baudin e o seu estado-maior. Ele mesmo fora atacado por uma febre perniciosa atáxica de tal violência que, durante muitas horas, o supuseram morto.

Isso não impediu, todavia, Baudin, oito dias depois do seu restabelecimento, de mandar prender um dos seus oficiais, o Sr. Picquet, guarda-marinha, a quem os estados-maiores dos dois navios não cessaram de dar as provas mais lisonjeiras de estima e de amizade. Quando voltou para França, o Sr. Picquet foi promovido a primeiro-tenente. Equivalia a dizer que não era culpado.

O capitão Baudin invertera o plano de operações que o Instituto lhe entregara. Devia agora fazer-se de vela para a Terra de Diemen. Partindo para Timor a 13 de novembro de 1801, os franceses descortinaram dois meses depois, dia a dia, as costas austrais dessa ilha. A doença continuava com a mesma violência, e o número das suas vítimas era relativamente considerável.

Os dois navios entraram no estreito D'Entrecasteaux, estreito que escapara a Tasman, a Fumeaux, a Cook, a Marion, a Hunter e a Bligh, e cuja descoberta era fruto de um erro que se poderia tornar perigoso.

Essa arribada tinha por fim renovar a provisão de água. Por isso muitas embarcações foram logo enviadas à descoberta.

«Às nove horas e meia — diz Péron — estávamos à entrada do porto dos Cisnes. De todos os sítios que pude ver durante o curso da nossa longa viagem, foi este o que me pareceu mais pitoresco e

mais agradável. Sete planos de montanhas, que se elevam como que em degraus para o interior das terras, formam a perspectiva do fundo do porto. À direita e à esquerda, colinas elevadas cingem-no de todos os lados e apresentam no seu desenvolvimento um grande número de pequenos cabos arredondados e de pequenas angras românticas. Em todos os pontos a vegetação mais ativa multiplica as suas produções; as margens são orladas de árvores poderosas, por tal forma juntas que é quase impossível penetrar nas florestas que elas compõem. Inumeráveis bandos de papagaios, de catatuas, revestidas das cores mais ricas, volteavam no seu cume, e encantadores passarinhos de coleira azul doidejavam à sua sombra. As ondas, nesse porto, eram extremamente tranquilas e a superfície mal era agitada pela marcha de numerosas legiões de cisnes pretos».

Nem todos os destacamentos enviados à procura de uma aguada ficaram tão satisfeitos nas suas relações com os habitantes como o de Péron. O capitão Hamelin, acompanhado pelos Srs. Leschenant e Petite, por muitos oficiais e marinheiros, encontraram alguns indígenas, a quem fizeram numerosos presentes.

Porém, no momento em que embarcavam, os franceses foram alvejados por uma nuvem de pedras, uma das quais fez uma contusão bastante grave no capitão Hamelin. Debalde os selvagens brandiam as suas azagaias e multiplicavam os gestos ameaçadores; nem um só tiro de espingarda foi disparado contra eles. Raro exemplo de moderação e de humanidade!

«Os trabalhos geográficos do almirante D'Entrecasteaux na Terra de Diemen são de uma perfeição tamanha — diz a relação —, que seria talvez impossível encontrar noutra parte coisa superior

neste género, e o Sr. Beautemps-Beaupré, o seu principal autor, conquistou com isso direitos incontestáveis à estima dos seus compatriotas, ao reconhecimento dos navegadores de todos os países. Em toda a parte onde as circunstâncias permitiram a esse hábil engenheiro fazer investigações suficientes, não deixou aos seus sucessores nem uma só lacuna a preencher. Sobretudo o canal D'Entrecasteaux, as baías e os portos numerosos que a ele se ligam estão nesse caso. Infelizmente não acontece o mesmo à porção de Terra de Diemen que se encontra a nordeste do canal e que só foi muito superficialmente visitada pelos escaleres do almirante francês».

Foi essa parte da costa que principalmente procuraram levantar os hidrógrafos, de modo que ligassem as suas observações com as dos seus compatriotas, e que formassem um conjunto que nada deixasse a desejar. Esses trabalhos, que retificaram e completaram os D'Entrecasteaux, retiveram os navios até 5 de fevereiro. Procederam então ao reconhecimento da costa sueste da Terra de Diemen. As particularidades desta navegação são sempre as mesmas. Os incidentes pouco variam e só oferecem interesse ao geógrafo. Por isso, apesar da importância e do cuidado desses levantamentos, não nos demoraremos com eles senão quando pudermos respigar alguma anedota.

Foram depois a costa oriental da Tasmânia, os estreitos de Banks e de Bass que o *Naturalista* e o *Geógrafo* exploraram.

«A 6 de março, pela manhã, prolongámos a grande distância as ilhotas Taillefer e a ilha Schouten. Ao meio-dia, pouco mais ou menos, achávamo-nos pelo través do cabo Forestier, quando o nosso engenheiro geógrafo, o Sr. Boullanger, partiu, na canoa comandada

pelo Sr. Maurouard, para ir levantar de mais perto as particularidades todas da costa. O navio devia seguir um caminho paralelo ao da canoa e nunca a perder de vista; porém, mal se passara um quarto de hora depois da partida do Sr. Boullanger, quando o nosso comandante, fazendo-se de súbito e sem motivo algum aparente ao largo, se afastou; em breve a embarcação desapareceu dos nossos olhos. Foi só à noite que se tornou a virar de bordo para a terra. Levantara-se uma brisa violenta; a cada instante refrescava mais; as nossas manobras foram indecisas, sobreveio a noite e roubou-nos a vista das costas, ao longo das quais acabávamos de abandonar os nossos infelizes companheiros.

Os três dias imediatos foram empregados, mas debalde, em os procurar».

Nos termos tão moderados da relação, não parece transparecer uma indignação verdadeira contra o modo de proceder do comandante Baudin? Qual podia ser o seu projeto? De que lhe podia servir o abandono dos marinheiros e de dois dos seus oficiais? Mistério que não pode para nós esclarecer a leitura assídua da relação de Péron.

Penetrar nos estreitos de Banks e de Bass era seguir as pisadas deste último e de Flinders, que tinham feito destas paragens o seu domínio privilegiado e o teatro das suas descobertas. Mas, quando, a 29 de março de 1802, o *Geógrafo* principiou a seguir a costa sudoeste da Nova Holanda, só era conhecida a porção que vai do cabo Leuwin às ilhas de S. Pedro e de S. Francisco; quer dizer, que o espaço que se estende desde o limite oriental da Terra de Nuyts até ao porto Western ainda não fora pisado por um pé europeu. Perceber-se-á toda a importância desta navegação quando se souber

que se tratava de determinar se a Nova Holanda não formava senão uma única ilha e se não vinham deste lado grandes rios desembocar no mar.

A ilha Latreille, o cabo de Monte Tabor, o cabo Folard, a baía Descartes, o cabo Boufflers, a baía D'Estaing, a baía de Rivoli, o cabo Monge, foram sucessivamente reconhecidos e nomeados. Acabava de se fazer uma pesca miraculosa de golfinhos quando uma vela foi assinalada no horizonte. Ao princípio julgou-se que era o *Naturalista*, que se havia separado por violentas rajadas na noite de 7 para 8 de março. Não tardou a aparecer pelo través do *Geógrafo*. Arvorou as cores inglesas. Era o *Investigador*, que partira da Europa havia oito meses debaixo das ordens de Flinders, com o fim de completar o reconhecimento da Nova Holanda. Havia três meses que Flinders explorava a costa; tivera tanto que padecer como os franceses com os furacões e as tempestades; uma das últimas fizera-lhe perder, no estreito de Bass, a sua canoa com oito homens e o seu primeiro-oficial.

O cabo Crétet, a península Fleurieu, do comprimento de vinte milhas pouco mais ou menos, o golfo de S. Vicente, assim chamado por Flinders, a ilha dos Cangurus, as ilhas Altorpe, o golfo Spencer, na costa ocidental do qual se encontra o porto Lincoln, um dos mais seguros que a Nova Holanda possui, as ilhas de S. Francisco e de S. Pedro, foram sucessivamente visitados pelo *Geógrafo*. Certamente, para completar essa campanha hidrográfica, seria necessário penetrar, como o reclamavam as instruções náuticas dadas ao capitão Baudin, por trás das ilhas de S. Pedro e de S. Francisco, mas as tempestades opuseram-se a isso e essa devia ser a tarefa de uma nova campanha.

Demais, o escorbuto continuava a fazer assustadoras devastações nas fileiras dos exploradores.

Mais de metade dos marinheiros estavam incapazes de servir. Somente dois dos timoneiros estavam a pé. Como poderia suceder de outra forma sem vinho, sem aguardente, quando não havia para matar a sede e a fome senão uma água pútrida e insuficiente, biscoito crivado de larvas de insetos, salmouras apodrecidas, cujo gosto e cujo cheiro bastavam para enjoar?

Demais, o inverno principiava para as regiões austrais. A tripulação tinha a mais instante necessidade de descanso. O porto de arribada mais próximo era Port-Jackson, o caminho mais curto para lá se chegar, o estreito de Bass. Baudin, que parece não ter querido nunca seguir os caminhos banais, entendeu as coisas de outro modo e deu ordem para se dobrar a extremidade meridional da Terra de Diemen.

A 20 de maio lançou-se ferro na baía da Aventura. Os doentes em estado de andar foram levados para terra e ali se fez facilmente a aguada necessária.

Mas já estes mares tempestuosos eram insuportáveis; envolvia-os um nevoeiro espesso e não se era avisado da vizinhança da costa senão pela bulha assustadora das vagas enormes, que quebravam nos rochedos. O número dos doentes aumentava. Todos os dias engolia o oceano alguma nova vítima.

A 4 de junho já não restavam senão seis homens em estado de se conservarem de pé na tolda, e nunca a tempestade fora mais terrível. E, contudo, o *Geógrafo* chegou ainda uma vez a escapar ao perigo!

A 17 de junho avistou-se um navio, que informou os navegadores de que o *Naturalista*, depois de ter esperado o *Geógrafo* em Port-Jackson, partira à sua procura, que a canoa abandonada fora recolhida por um navio inglês e que a sua tripulação embarcara então para bordo do *Naturalista*. O *Geógrafo* era esperado com a mais viva impaciência em Port-Jackson, onde socorros de toda a espécie lhe tinham sido preparados. Havia três dias que o *Geógrafo* estava diante de Port-Jackson, sem que a fraqueza dos seus marinheiros lhe permitisse entrar, quando uma chalupa inglesa se destacou da praia, trazendo-lhes um piloto e os homens necessários para as manobras.

«De uma entrada que não tem mais de duas milhas em transversal — diz a relação —, estende-se o Port-Jackson até formar uma bacia espaçosa, que tem bastante água para os maiores navios, oferecendo amplo espaço para conter em plena segurança todos quantos ali se quiserem reunir; mil naus de linha ali poderiam manobrar facilmente, dissera o comodoro Phillip.

Ao meio deste porto magnífico e na sua praia meridional, numa das enseadas principais, eleva-se a cidade de Sydney. Assente nas encostas de duas colinas próximas uma da outra, atravessada na sua extensão por um pequeno regato, essa cidade nascente oferece um panorama agradável e pitoresco.

O que dá primeiro nas vistas são as baterias, depois o hospital, que pode albergar duzentos ou trezentos doentes e cujas peças foram todas trazidas de Inglaterra pelo comodoro Phillip. Depois são grandes armazéns, junto dos quais os maiores navios podem ir descarregar as suas cargas. Nos estaleiros estavam em

construção goletas e brigues feitos completamente com as madeiras do país.

Consagrada por assim dizer, pela descoberta do estreito que separa a Tasmânia de Nova Holanda, a chalupa do Sr. Bass é conservada no porto com uma espécie de respeito religioso; algumas caixas de rapé feitas com a madeira da sua quilha são relíquias de que se ufanam e se mostram ciosos os seus possuidores, e o seu governador entendeu que não podia fazer um presente mais honroso ao nosso comandante do que o de um pedaço de madeira dessa chalupa, engastado numa larga faixa de prata, em tomo da qual estavam gravados os principais pormenores da descoberta do estreito de Bass».

Devemos admirar depois a cadeia, que pode encerrar cento e cinquenta a duzentos presos, os depósitos de vinho e de outros abastecimentos, a praça de armas, para onde deita a casa do governador, os quartéis, o observatório e a igreja, cujos fundamentos nessa época estavam ainda à flor do solo.

A metamorfose que se operara nos *convicts* não era menos interessante de observar.

«A população da colónia era para nós um novo motivo de espanto e de meditação. Nunca talvez mais digno objeto de estudo se ofereceu ao estadista e ao filósofo; nunca talvez a feliz influência das instituições sociais foi provada de um modo mais evidente e mais honroso do que nas praias remotas de que falamos. Ali se acham reunidos esses bandidos terríveis, que foram por tanto tempo o terror do Governo da sua pátria; repelidos do seio da sociedade europeia, relegados para as extremidades do Globo, colocados desde o primeiro instante do seu exílio entre o receio do castigo e a

esperança de uma sorte mais feliz, rodeados sem cessar por uma vigilância tão inflexível como ativa, foram obrigados a abandonar os seus costumes antissociais.

A maior parte deles, depois de terem expiado os seus crimes por dura escravidão, entraram nas fileiras dos cidadãos. Obrigados a interessarem-se eles mesmos pela manutenção da ordem e da justiça, pela conservação das propriedades que adquiriram, transformados quase ao mesmo tempo em esposos e pais, acham-se presos ao seu estado presente pelos laços mais poderosos e mais queridos.

A mesma revolução, determinada pelos mesmos meios, se operou nas mulheres, e miseráveis raparigas, insensivelmente restituídas a normas de proceder mais regulares, são hoje mães de família inteligentes e laboriosas».

O acolhimento que se fez em Port-Jackson à expedição francesa foi o mais cordial possível. Concederam-se aos sábios todas as facilidades possíveis para continuarem as suas observações. Ao mesmo tempo os víveres, os refrescos, os socorros de todo o género lhes eram prodigalizados pela autoridade militar e pelos simples particulares.

As excursões nos arredores foram das mais frutíferas. Os naturalistas tiveram ocasião de examinar os famosos vinhedos de Rose-Hill. As melhores cepas do Cabo, das Canárias, da Madeira, de Xerez e de Bordéus tinham sido transportadas para este sítio.

«Em nenhuma parte do mundo — respondiam os vinhateiros interrogados — cresce a vinha com mais força e com mais vigor do que nesta. Todas as aparências se reúnem, durante dois ou três meses, para prometer aos nossos desvelos colheitas abundantes;

mas, apenas vem do noroeste o mais ligeiro sopro, está tudo perdido sem recurso: pimpolhos, flores e folhas, nada resiste ao seu ardor devorador; tudo murcha, tudo morre».

Tempo depois, a cultura das vinhas, transplantadas para um meio mais favorável, ia tomar considerável extensão, e as vinhas australianas, sem estarem sendo hoje das mais afamadas, produzem um vinho muito agradável de beber e muito carregado de álcool.

A trinta milhas de Sydney desenrola-se a cordilheira das Montanhas Azuis, que foi por muito tempo o limite dos conhecimentos dos Europeus. O tenente Dawes, o capitão Teuck Paterson, que subiu o rio Hawkesburgo, esse Nilo da Nova Holanda, Hacking, Bass e Barraillier tinham até ali tentado sem êxito subir essas montanhas escarpadas.

Já nesta época, o afastamento das árvores nas florestas próximas da cidade, a abundância e a excelsa qualidade das ervas tinham feito considerar a Nova Gales do Sul como uma excelente pastagem. Animais corníferos e carneiros haviam sido importados em grande quantidade.

«Por tal forma ali se multiplicaram que só nos currais do Estado se contavam, numa época pouco afastada da nossa residência em Port-Jackson, 1800 animais corníferos, sendo 514 touros, 121 bois e 1165 vacas. A progressão do acrescentamento destes animais é tão rápida que, no espaço de onze meses apenas, o número dos bois e das vacas subiu de 1800 a 2450, o que supõe para todo o ano um aumento de 650 unidades ou do terço da totalidade.

Calcule-se agora a marcha de um tal acrescentamento de animais num período de trinta anos, e todos ficarão persuadidos de

que, mesmo reduzindo-se a metade, a Nova Holanda se acharia então coberta nesse ponto de inumeráveis rebanhos de gado.

Os carneiros deram resultados ainda mais vantajosos, e tal é a rapidez da sua multiplicação nessas praias remotas que o capitão Mac Arthur, um dos mais ricos proprietários da Nova Gales do Sul, não receia assegurar, numa memória publicada para esse efeito, que em menos de vinte anos a Nova Holanda poderá dar sozinha à Inglaterra toda a lã que para ali se importa hoje dos países vizinhos e cujo preço de compra todos os anos se eleva, diz ele, a 1800000 libras esterlinas».

Sabe-se hoje quão pouco exagerados eram esses cálculos, que então pareciam maravilhosos. Mas era interessante sem dúvida tomar essa indústria pastoril, hoje tão florescente, nos seus primórdios e colher a impressão de espanto que os resultados já adquiridos haviam produzido nos navegadores franceses.

As equipagens tinham em parte recuperado a saúde, mas o número dos marinheiros capazes de continuar a viagem era por tal forma restrito que não houve remédio senão resignarem-se a mandar para França o *Naturalista*, depois de terem tirado de lá os homens mais válidos. Foi substituído por uma goleta de trinta toneladas, chamada *Casuarina*, cujo comando foi confiado a Luís de Freycinet. O facto de este navio demandar pouca água devia torná-lo precioso para o serviço do litoral.

O *Naturalista*, com o relatório de expedição, os resultados das observações de todo o género feitas durante as duas viagens, levava também, diz Péron, «mais de 40000 animais de todas as espécies, colhidos em tantas plagas durante os dois anos que acabavam de decorrer. Trinta e três grandes caixotes estavam cheios dessas

coleções, as mais numerosas e as mais ricas que nunca um viajante levara para a Europa e que, expostas em parte na casa que eu ocupava com o Sr. Bellefin, fizeram a admiração de todos os ingleses instruídos e especialmente do célebre naturalista o Sr. Paterson».

O *Geógrafo* e a *Casuarina* deixaram Port-Jackson a 18 de novembro de 1802. Durante essa nova viagem, os navegadores descobriram e exploraram sucessivamente a ilha King, as ilhas Hunter, a parte noroeste da Terra de Diemen, o que completava a geografia do litoral dessa grande ilha; depois, desde 27 de dezembro até 15 de fevereiro de 1803, o capitão Baudin reconheceu, na costa sudoeste da Austrália, a ilha dos Cangurus e os dois golfos que se abrem defronte.

«É um fenómeno muito estranho — diz Péron — este carácter de monotonia, de esterilidade, tão geralmente gravado nas diversas partes da Nova Holanda e nas ilhas numerosas que a ela se ligam; um tal fenómeno ainda se torna mais inconcebível pelo contraste que existe entre esse continente e as terras vizinhas. Assim, para o lado do noroeste, tínhamos visto as ilhas férteis do arquipélago de Timor oferecer aos nossos olhares as suas altas montanhas, os seus rios, os seus regatos numerosos e as suas florestas profundas, quando apenas quarenta e oito horas haviam decorrido desde a nossa partida das costas alagadas, áridas e nuas da Terra de Witt; assim, para o sul, tínhamos admirado os potentes vegetais da Terra de Diemen e os montes sobranceiros que se elevam em toda a superfície dessa terra; mais recentemente ainda, havíamos exalçado a frescura da ilha King, e a sua fecundidade.

A cena muda; tocamos nas praias da Nova Holanda e, para cada ponto das nossas observações, será indispensável de ora em

diante reproduzir esses quadros sombrios que já tantas vezes fatigaram o espírito do leitor, como espantam o filósofo, como afligem o navegador».

Os engenheiros, destacados com a *Casuarina* para reconhecerem o golfo Spencer e a península de Iorque, que o separam do golfo de S. Vicente, depois de terem operado os seus levantamentos com a maior minuciosidade e de terem verificado que nenhum grande rio se lança no mar nesse sítio, foram obrigados a abreviar o seu reconhecimento do porto Lincoln, porque o prazo prescrito para voltarem à ilha dos Cangurus estava a expirar. Certos de serem abandonados se se demorassem, não se apressaram contudo bastante, porque, quando chegaram a essa ilha, no dia 1 de fevereiro, o *Geógrafo* fizera-se à vela, sem se importar com a *Casuarina*, que tinha contudo apenas pouquíssimos víveres.

Baudin continuou sozinho a exploração da costa e o levantamento do arquipélago de S. Francisco, trabalho importantíssimo, porque, desde a descoberta dessas ilhas por Peter Nuyts, em 1627, nenhum navegador as visitara minuciosamente. Flinders acabava, é certo, de operar esse reconhecimento, mas Baudin ignorava-o, e este navegador julgava-se o primeiro europeu que viera a estas paragens desde a sua descoberta.

Quando o *Geógrafo* chegou, a 6 de fevereiro, ao porto do Rei Jorge, encontrou ali a *Casuarina* por tal forma avariada que fora necessário encalhá-la na praia.

Descoberto em 1791, por Vancouver, o porto do Rei Jorge é de uma importância tanto maior quanto, numa extensão de costas pelo menos igual à distância de Paris a Petersburgo, é o único ponto bem

conhecido da Nova Holanda onde seja possível arranjar água doce em todo o tempo.

Apesar disso, é estéril todo o perímetro da enseada. «O aspeto do interior do país nesse ponto — diz o Sr. Boullanger, no seu diário — é verdadeiramente horrível; os pássaros mesmo ali são raros; é um deserto silencioso».

No fundo de uma das denticulações desta baía, que se chama a angra das Ostras, um naturalista, o Sr. Faure, descobriu um rio, o dos Franceses, cuja foz tinha a largura do Sena em Paris. Tentou subi-lo e internar-se assim o mais possível pelo país.

A duas léguas pouco mais ou menos da embocadura, a embarcação achou-se embaraçada por dois diques solidamente construídos de pedras secas, que se ligavam com uma pequena ilha e intercetavam toda a passagem.

«Essa muralha tinha canhoneiras colocadas pela maior parte acima da linha de baixa-mar, sendo muito larga a parte voltada para o mar, ao passo que a outra, voltada para o interior das terras, era muito mais estreita. Desse modo, o peixe, que na preia-mar subia o rio, podia facilmente atravessar a calçada; mas sendo-lhe quase impossível o retirar-se, achava-se o peixe numa espécie de reservatório, onde era fácil aos pescadores apanhá-lo depois à sua vontade».

O Sr. Faure tinha de encontrar ainda cinco muralhas apenas no espaço de menos de um terço de milha. Singular exemplo de engenho destes povos bárbaros e tão próximos de brutos.

Foi neste mesmo porto do Rei Jorge que um dos oficiais do *Geógrafo*, o Sr. Rançonnet, mais feliz que Vancouver e D'Entrecasteaux, pôde ter uma entrevista com os habitantes desse

país. Era a primeira vez que um europeu conseguia aproximar-se deles.

«Apenas aparecemos — diz o Sr. Rançonnet —, logo oito indígenas, que debalde nos tinham chamado com os seus gestos e os seus gritos, no primeiro dia da nossa aparição nesta costa, se apresentaram, primeiro todos reunidos, e depois três deles, que eram mulheres, afastaram-se. Os outros cinco, depois de terem atirado para longe as suas azagaias, provavelmente para nos convencerem de que as suas intenções eram pacíficas, vieram ajudar-nos a desembarcar. Os marinheiros, seguindo o meu exemplo, ofereceram-lhes presentes, que eles aceitavam com ar de satisfação, mas sem calor. Ou por apatia, ou por confiança, depois de terem recebido esses objetos, restituíam-nos com uma espécie de prazer e, quando lhes entregávamos de novo esses mesmos objetos, abandonavam-nos no meio do chão, ou em cima dos rochedos próximos.

Muitos cães, muito bonitos e muito grandes, vinham com eles; fiz o que pude para os levar, cederam-me um; ofereci-lhes para isso tudo o que estava ao meu poder, mas a sua vontade foi inabalável. Parece que se servem deles sobretudo para a caça dos cangurus, de cuja carne se alimentam, assim como de peixe, que eu mesmo lhes vi matar a tiro de azagaia. Beberam café, comeram biscoitos e carne salgada, mas negaram-se a comer tocinho, que lhes oferecemos, e deixaram-no em cima de pedras sem lhe tocar.

Esses homens são altos, magros e muito ágeis, têm o cabelo comprido, as sobrancelhas pretas, o nariz curto, achatado e metido para dentro quando nascem, os olhos encovados, a boca grande, os

lábios salientes, os dentes muito bonitos e muito brancos. O interior da sua boca parecia negro como o exterior do seu corpo.

Os três mais idosos de entre eles, que podiam ter quarenta para cinquenta anos, usavam longas barbas negras, tinham os dentes como que limados, e a parede que separa as ventas furada; os cabelos eram cortados à roda e naturalmente anelados. Os outros dois, que entendemos que teriam dezasseis anos, não tinham a mais ligeira espécie de pintura picada; o seu longo cabelo estava reunido numa cuia, polvilhada com barro vermelho, com que os velhos esfregavam o corpo.

Demais, todos estavam nus e não usavam outro enfeite senão uma espécie de largo cinto, composto de uma infinidade de pequenos cordões tecidos de pelo de canguru. Falam com volubilidade e cantam com intervalos, sempre no mesmo tom, e acompanhando-se com os mesmos gestos. Apesar da boa harmonia que não cessou de reinar entre nós, nunca nos quiseram permitir que fôssemos para o sítio onde os outros indígenas, provavelmente as suas mulheres, se tinham ido esconder».

Depois de uma arribada de doze dias no porto do Rei Jorge, os navegadores voltaram ao mar. Completaram e retificaram os mapas de D'Entrecasteaux e de Vancouver, relativos às terras de Leuwin, de Edels e de Endracht, que foram sucessivamente prolongadas e levantadas de 7 a 26 de março. Daí Baudin passou para a Terra de Witt, cujas particularidades eram quase inteiramente desconhecidas, quando ali chegara pela primeira vez. Esperava ser mais feliz que Witt, Vianen, Dampier e Saint-Allouam, que tinham sido constantemente repelidos desta terra, mas os recifes, os escolhos e

os bancos de areia tornavam esta navegação extremamente perigosa.

A estes perigos veio em breve juntar-se uma ilusão singular, a miragem. O efeito era tal que «o *Geógrafo*, que navegava a mais de uma légua dos cachopos, parecia estar cercado deles por todos os lados, e não havia pessoa alguma a bordo da *Casuarina* que não a julgasse em perigo iminente. A magia da ilusão só foi destruída pelo seu próprio excesso».

A 3 de maio, o *Geógrafo*, acompanhado pela *Casuarina*, lançou ferro pela segunda vez no porto de Cupang, em Timor. Exatamente um mês depois de se ter abastecido completamente, o capitão Baudin deixava Timor e fazia-se de vela, primeiro para a Terra de Witt, onde esperava encontrar brisas terreaís ou marítimas, próprias para o fazerem caminhar para leste, e em seguida para a ilha de França, onde morreu a 16 de setembro de 1803. O estado, cada vez mais precário, da sua saúde não influiria singularmente no caráter desse chefe de expedição, e o seu estado-maior teria tantas razões de queixa de outro homem cujas faculdades estivessem em pleno equilíbrio? Aos fisiologistas é que cabe responder.

A 23 de março, o *Geógrafo* entrava na enseada de Lorient, e três dias depois começavam a desembarcar-se as diversas coleções de história natural que ele trazia.

«Afora uma imensidade de caixas de minério, de plantas secas, de peixes, de répteis, e de zoófitos conservados em álcool, de quadrúpedes e de aves empalhadas ou dissecadas, tínhamos ainda setenta grandes caixas de vegetais verdes, compreendendo perto de duzentas espécies de plantas úteis, perto de seiscentas espécies de sementes, enfim, um cento de animais vivos».

Completaremos estas informações com algumas particularidades extraídas do relatório apresentado ao Governo pelo Instituto. Referem-se principalmente à coleção geológica, reunida pelos Srs. Péron e Lesueur.

«Compõe-na mais de cem mil espécimes de animais de espécies grandes e pequenas; já deu muitos géneros importantes; restam ainda muitos mais a fazer conhecer, e o número de espécies novas, segundo o relatório do professor do Museu, eleva-se a mais de duas mil e quinhentas.

Se nos lembrarmos agora de que a segunda viagem de Cook, a mais brilhante que até aí se fizera, só deu contudo duzentas e cinquenta, e que todas as viagens reunidas de Wallis, de Carteret, de Furneaux, de Meares, do próprio Vancouver, não produziram todas juntas um número tão considerável; se observarmos que sucede o mesmo com todas as explorações francesas, resulta daí que os Srs. Péron e Lesueur, só à sua parte, fizeram conhecer mais animais novos do que todos os naturalistas viajantes destes últimos tempos».

Quanto aos resultados geográficos e hidrográficos, eram consideráveis. O Governo inglês sempre se recusou a reconhecê-los, e Desborough Cooley, na sua *História das Viagens*, subordina completamente as descobertas de Baudin às de Flinders. Demais, chegou-se até a supor que Flinders não fora conservado prisioneiro na ilha de França durante seis anos e meio senão para dar aos redatores franceses tempo de lhe consultarem as cartas e de combinar de acordo com elas a relação da sua viagem. Esta suposição é por tal forma absurda, que basta reproduzi-la. Não faremos a nós mesmos a injúria de a combater.

Os dois navegadores inglês e francês representaram, cada um pela sua parte, tão brilhante papel na história da descoberta das costas da Austrália que não é necessário elevar um à custa do outro. O quinhão que pertence a cada um deles parece-nos ter sido distribuído com muito discernimento e justiça no prefácio da segunda edição da *Viagem de Descobertas Austrais*, de Péron, correta e revista por Luís de Freycinet. Para lá mandaremos o leitor que se interessar por esta questão de anterioridade de descobertas.

Capítulo 7 — Os Exploradores da África

Um inglês chamado Tomás Shaw, agregado como capelão à feitoria de Argel, aproveitara-se dos seus doze anos de residência nos Estados barbarescos para reunir uma rica coleção de curiosidades naturais, de medalhas, de inscrições e de objetos de arte. Se não visitou ele próprio as partes meridionais da Argélia, soube, pelo menos, rodear-se de homens sérios, bem informados, que lhe deram, acerca de muitas localidades pouco conhecidas, um volume de esclarecimentos exatos e de informações preciosas. O seu trabalho, que publicou debaixo da forma de dois grossos in-4.^o, com figuras numerosas no texto, refere-se a toda a antiga Numídia.

É antes obra de um erudito do que de um viajante, e essa erudição, devemos confessá-lo, é muitas vezes pessimamente digerida. Mas seja qual for esse trabalho de geografia histórica, não deixava de ser apreciável para a época, e ninguém estaria, mais e melhor do que Shaw, em estado de reunir a quantidade prodigiosa de matérias que ali se empregam.

O seguinte extrato poderia dar uma ideia da maneira como esta obra é concebida:

«A principal manufatura dos Cabilas e dos Árabes é fazerem *hykes* (é assim que chamam aos seus cobertores de lã) e tecidos de pelo de cabra, com que cobrem as suas tendas. Só as mulheres é que se ocupam deste trabalho, como faziam outrora Andrômaca e Penélope; não se servem de lançadeira, mas conduzem com os dedos cada fio da trama. Cada um desses *hykes* tem habitualmente

seis varas de Inglaterra de comprimento e cinco ou seis pés de largura e serve aos Cabilas e aos Árabes de fato completo de dia, e de leito e de cobertura de noite. É um fato ligeiro, mas muito incómodo, porque se desarranja e cai muitas vezes, de forma que os que o usam são obrigados a levantá-lo e a arranjá-lo a cada momento. Isso faz compreender facilmente a imensa utilidade dos cintos, quando a ação é necessária, e por conseguinte toda a energia de expressão alegórica que se emprega frequentemente na Escritura: *cingir os rins*.

O modo de vestir esse traje e o uso que sempre dele se fez para servir de cobertura, quando se está deitado, poderiam fazer-nos acreditar que, pelo menos, a espécie mais fina dos *hykes*, tais como usam as mulheres e as pessoas de certa classe entre os Cabilas, é a mesma que os antigos chamavam *peplus*. É também muito provável que o fato chamado *toga* entre os Romanos, que o atiravam apenas para cima dos ombros e em que se embrulhavam, era dessa espécie, porque, a avaliar pelas roupagens das suas estátuas, a *toga* ou o manto arranja-se quase da mesma forma que o *hyke* dos Árabes».

É inútil demorarmo-nos mais tempo com esta obra, cujo interesse, debaixo do ponto de vista que nos ocupa, é quase nulo.

É melhor que nos alarguemos um pouco com a viagem de Frederico Conrad Hornemann ao Fazzan.

Era debaixo dos auspícios da Sociedade fundada em Londres para a exploração da África que esse jovem alemão devia fazer tal expedição. Tendo aprendido a língua árabe e adquirido alguns conhecimentos em medicina, foi definitivamente aceito pela

Sociedade Africana, que, depois de lhe ter entregue cartas de recomendação e salvos-condutos, lhe abriu um crédito ilimitado.

Deixou Londres no mês de julho de 1797 e veio a Paris. Lalande apresentou-o no Instituto, entregou-lhe a sua *Memória sobre a África*, e Broussonet pô-lo em relação com um turco, que lhe deu as cartas de recomendação mais instantes para certos mercadores do Cairo, que tinham negócios no interior da África.

Hornemann aproveitou a sua estada no Cairo para se aperfeiçoar na língua árabe e para estudar os usos e costumes dos indígenas. Apressemos-nos a acrescentar que o viajante fora apresentado ao comandante-chefe do Exército do Egito por Monge e Berthollet. Bonaparte fez-lhe um excelente acolhimento e pôs à sua disposição todos os recursos do país.

Para Hornemann o modo mais seguro de viajar era disfarçar-se em mercador maometano. Apressou-se por conseguinte a aprender certas rezas, a adotar certos hábitos suficientes no seu entender para enganar gente desprevenida. Demais, partia com um dos seus compatriotas, José Frendenburg, que havia doze anos abraçara a religião maometana, fizera três viagens a Meca e falava com facilidade os diversos dialetos turcos e árabes mais usados. Devia servir de intérprete a Hornemann.

A 5 de setembro de 1798, o viajante deixou o Cairo com uma caravana de mercadores, e começou por visitar o famoso oásis de Júpiter Ámon ou de Siouah, situado no deserto, a leste do Egito. É um pequeno Estado independente, que reconhece o sultão, mas sem lhe pagar tributo. À roda da cidade de Siouah acham-se muitas aldeias a uma ou duas milhas de distância. A cidade está construída num rochedo, onde os habitantes cavaram as suas moradas. As ruas

são tão estreitas, tão embrulhadas, que um estrangeiro não pode atinar com o seu caminho.

A extensão deste oásis é considerável. O seu distrito mais fértil é um vale bem regado, de perto de cinquenta milhas de circuito, que produz trigo e vegetais comestíveis. O seu produto mais remunerado consiste em tâmaras de excelente gosto, cuja fama é proverbial nos árabes do Sara.

Primeiro Hornemann avistara ruínas que tencionava visitar, porque os esclarecimentos que recebera dos habitantes não o tinham adiantado muito. Mas, quando penetrou no recinto desses monumentos, foi seguido, de todas as vezes, por certo número de habitantes, que lhe não permitiam fazer um exame minucioso. Um dos árabes ali disse-lhe: «Por força que sois ainda cristão no fundo de alma, porque vindes com tal frequência visitar as obras dos infiéis.»

Por aqui se perceberá que Hornemann teve de renunciar a qualquer pesquisa ulterior. Tanto quando pôde avaliar por esse exame superficial, é esse deveras o oásis de Ámon, e as ruínas parecem ser de origem egípcia.

Uma prova da densidade da antiga população deste oásis é o número prodigioso das catacumbas, que se encontram a cada passo e sobretudo debaixo da colina em que está a cidade.

Foi debalde que nessas necrópoles o viajante procurou arranjar uma cabeça inteira; entre os occipícios que juntou, não pôde encontrar a prova de que tivessem sido cheios de resina. Quanto às vestes, achou numerosos fragmentos, mas em tal estado de decomposição que lhe foi absolutamente impossível marcar-lhes origem ou proveniência.

Depois de ter passado oito dias neste sítio, Hornemann dirigiu-se, a 29 de setembro, para Schiacha, e atravessou a cordilheira que encerra o oásis de Siouah. Até então nenhum acontecimento viera perturbar a passagem do viajante. Mas em Schiacha foi acusado de ser cristão e de percorrer o país como espia. Foi necessário mostrar audácia. Hornemann mostrou-a. O que o salvou foi um Alcorão que levou para o aposento em que era interrogado e que leu à primeira vista. Mas entretanto o seu intérprete, receando que lhe dessem busca às bagagens, atirara ao lume os fragmentos de múmias, os espécimes de botânica, o diário minucioso da viagem e todos os livros. Foi uma perda irreparável.

Um pouco mais adiante, a caravana chegou a Augila, cidade bem conhecida de Heródoto, que a coloca a dez dias do oásis de Ámon. Isso concorda com o testemunho de Hornemann, que gastou nove dias, a marchas forçadas, para fazer o trajeto entre essas duas localidades. A caravana aumentara em Augila com a agregação de certo número de mercadores de Bengazi, Merote e Mojabra, e não contava menos de cento e vinte indivíduos. Depois de uma longa marcha através de um deserto de areia, penetrou num país semeado de colinas e cortado por quebradas, onde se encontrava de quando em quando relva e árvores. É o deserto de Harutsch. Foi necessário atravessá-lo para alcançar Temissa, cidade pouco importante, construída numa colina e cingida por uma alta muralha. Em Zuila, entrou-se no território de Fezzan. As *fantasias* costumadas reproduziam-se a cada entrada da cidade, assim como os cumprimentos intermináveis e os desejos de boa saúde.

Essas saudações, muitas vezes tão enganadoras, parecem ocupar grande lugar na vida dos Árabes; a sua frequência teve por

mais de uma vez o dom de espantar o viajante.

A 17 de novembro, a caravana descobriu Murzuque, a capital de Fezzan. Era o fim da viagem. A maior extensão da parte cultivada do reino de Fezzan, pelo que diz Hornemann, é de trezentas milhas, pouco mais ou menos, de norte a sul, a sua maior largura de duzentas milhas, de oeste a leste, mas deve-se-lhe acrescentar a região montanhosa de Harutsch a leste e os outros desertos ao sul e a oeste. O clima nunca é agradável; no verão o calor encontra-se com uma intensidade prodigiosa, e, quando o vento sopra do sul, quase que não é suportável nem para os indígenas. No inverno o vento do norte é tão penetrante e tão frio que obriga os habitantes a acender fogueiras; as tâmaras em primeiro lugar, depois os vegetais comestíveis, constituem quase as únicas riquezas dessa região. Murzuque é o principal mercado do país. Veem-se ali reunidos os produtos do Cairo, de Bengazi, de Tripoli, de Rhadamés, do Toat e do Sudão. Os artigos deste comércio são os escravos dos dois sexos, as penas de avestruz, as peles de animais ferozes, o ouro em pó ou em pepitas. O Bornu manda cobre, o Cairo, sedas, fustões, fatos de lã, imitações de coral, braceletes, mercadorias das Índias. Os mercados de Tripoli e de Rhadamés importam armas de fogo, espadas e facas, etc.

O Fezzan é governado por um sultão que descende da família dos Xerifes. O seu poder é ilimitado, mas paga contudo ao bei de Trípoli um tributo de quatro mil dólares. A população do país pode avaliar-se (Hornemann não nos diz em que bases se firma) em setenta e cinco mil habitantes, que professam, todos, o maometismo.

Encontram-se ainda na narrativa de Hornemann algumas outras particularidades acerca dos usos e costumes deste povo. O viajante termina o seu relatório à Sociedade Africana, dizendo que tenciona voltar ao Fezzan e que espera mandar novos pormenores.

O que nós sabemos a mais é que em Murzuque morreu o fiel companheiro de Hornemann, o renegado Frendenburg. Atacado também por uma febre violenta, Hornemann foi obrigado a fazer neste sítio uma permanência muito mais longa do que tencionava. Apenas se restabeleceu, Hornemann voltou a Tripoli, a fim de descansar e de se retemperar na companhia de alguns europeus. A 1 de dezembro de 1799 tomava de novo o caminho de Murzuque, donde partia definitivamente a 7 de abril de 1800 com uma caravana. O Bornu atraía-o, e esse abismo, que devia fazer tantas vítimas, não no-lo restituiu.

Durante o curso todo do século XVIII, a África é cercada como uma praça forte. De toda a parte os exploradores apalpam a praça, procuram introduzir-se lá dentro, alguns conseguem penetrar no interior, mas são repelidos ou encontram lá a morte. Foi só nos nossos dias que este misterioso continente entregou os seus segredos e descobriu com surpresa geral os tesouros da fecundidade que bem longe se estava de suspeitar que ali haveria.

Do lado do Senegal as informações colhidas por Brue tinham necessidade de ser completadas; mas a nossa preponderância já não era indiscutida como outrora. Tínhamos rivais muito sérios, muito empreendedores, os Ingleses. Estavam persuadidos da importância que teriam para o desenvolvimento do seu comércio os esclarecimentos que poderiam obter. Contudo, antes de empreender a narrativa das explorações do major Houghton e de Mungo-Park,

precisamos de dizer algumas palavras da missão que assumira o naturalista francês Miguel Adanson.

Entregue desde a infância ao estudo da história natural, Adanson quis ilustrar o seu nome com a descoberta de novas espécies. Não podia contar encontrá-las na Europa. Contra o que todos esperavam, Adanson escolheu o Senegal para campo de investigações.

«É porque era — diz ele numa nota manuscrita —, de todos os estabelecimentos europeus, o que oferecia mais dificuldades para ali se penetrar, o mais quente, o mais doentio, o mais perigoso a todos os respeito, e por conseguinte o menos conhecido dos naturalistas».

Não é necessária uma rara dose de coragem e de ambição para se tomar uma determinação por semelhantes motivos?

Adanson não era, sem dúvida, o primeiro naturalista que afrontava tais perigos, mas nunca se vira até então afrontá-los alguém com tanto entusiasmo, à sua custa, sem esperança alguma de recompensa, porque nem sequer lhe restava dinheiro bastante para empreender no seu regresso a publicação das descobertas que ia fazer.

A 3 de março de 1749, Adanson embarcou no *Cavaleiro Marino*, comandado por DAprés de Manneville, arribou a Santa Cruz de Tenerife e efetuou o desembarque na embocadura do Senegal, que é para ele o Níger dos antigos geógrafos. Durante perto de cinco anos, percorreu a nossa colónia em todos os sentidos, indo sucessivamente a Podor, a Portudal, a Albreda, à embocadura do Gâmbia, e juntou, com uma perseverança e um ardor inauditos, riquezas imensas nos três reinos da natureza.

A ele se devem as primeiras informações exatas acerca de uma árvore gigante, o baobá, que é muitas vezes designado com o nome de adansónia; acerca dos costumes dos gafanhotos, que formam a base do sustento de certos povos selvagens; acerca das formigas-brancas, que constroem para si verdadeiras casas; acerca de certas ostras da embocadura do Gâmbia, que se empoleiram nas árvores.

«Os negros — diz ele — não têm tanto trabalho como se poderia imaginar para as colher; não fazem senão cortar o ramo a que estão presas. Só um tem às vezes mais de duzentas, e, se tem muitos ramos, faz um ramalhete de ostras com que um homem só mal poderia carregar».

Mas no meio de todas essas observações, por muito interessantes que sejam, bem pouco tem o geógrafo que respirar; alguns esclarecimentos novos, ou mais completos, acerca dos Jalofos, acerca dos Mandingas, e mais nada. Se, com Adanson, travamos mais íntimo conhecimento com países já visitados, o que não aprendemos é nada de novo.

Não sucede o mesmo com a expedição cujas peripécias vamos narrar.

O major Houghton, capitão do regimento 69 e major da praça de Goréa, tivera, desde a sua extrema mocidade, durante a qual fez parte da legação inglesa em Marrocos, ocasião para se pôr ao facto dos usos e costumes dos mouros e dos negros da Senegâmbia. Ofereceu-se em 1790 à Sociedade Africana para alcançar o Níger, explorar o seu curso, visitar as cidades de Tungubutu e de Haoussa e voltar pelo Sara. Esse plano maravilhoso só tinha de sofrer uma modificação, mas essa ia bastar para fazer com que se malograsse completamente.

Houghton deixou a Inglaterra a 16 de outubro de 1790 e fundeou a 10 de novembro em Gillifrie, na embocadura do Gâmbia. Bem recebido pelo rei de Barra, subiu o Gâmbia por espaço de trezentas léguas, atravessou por terra o resto da Senegâmbia e chegou até Gonka-Konda, no Yani.

«Ali, comprou a um negro — diz Walckenaer na sua *História das Viagens* — um cavalo e cinco burros, e preparava-se para passar com as mercadorias que deveriam servir para pagar as despesas da sua viagem para Medina, capital do pequeno reino de Wooli. Felizmente para ele, algumas palavras saídas da boca de uma negra, em mandinga, língua de que tinha um ligeiro conhecimento, informaram-no de que se formara uma conspiração para o matar. Os mercadores que negociavam pelo rio, julgando que o comércio era o único fim do major e receando que lhes tirasse os seus lucros com a sua concorrência, tinham resolvido matá-lo.

Para se subtrair ao perigo que o ameaçava, julgou a propósito deixar o caminho habitual. Atravessou com os seus burros o rio a nado e achou-se na margem meridional, no reino de Cantor».

Houghton passou depois segunda vez o rio e penetrou no reino de Wooli.

Ali apressou-se a enviar ao rei um mensageiro, para lhe levar presentes e pedir-lhe a sua proteção. Este recebeu o viajante com benevolência e hospitalidade na sua capital. Medina, no dizer do viajante, é uma cidade importante, rodeada de campos férteis, onde pastam numerosos rebanhos.

O major Houghton podia esperar um bom resultado da sua viagem; pelo menos tudo o fazia pressagiar, quando um acidente veio dar um primeiro golpe nas suas esperanças. Pegou fogo numa

das choupanas próximas daquela em que ele morava e em breve a cidade toda foi presa das chamas.

O seu intérprete, que já fizera muitas tentativas para o roubar, aproveitou a ocasião e fugiu com um cavalo e três burros.

O rei de Wooli continuava, porém, a proteger o viajante e enchia-o de presentes preciosos, não pelo seu valor, mas pelo afeto de que eram prova. Esse rei protetor dos Europeus chamava-se Djata; bom, humano, inteligente, desejava que os Ingleses construíssem uma feitoria nos seus estados.

«O capitão Littleton — escrevia Houghton a sua mulher — ganhou, viajando aqui quatro anos, uma fortuna considerável; possui atualmente muitos navios que comerceiam no rio. Alcança-se aqui, em todo o tempo e em troca de bagatelas de pouco valor, ouro, marfim, cera, escravos, e é fácil ganhar oito capitais por um. As aves, as ovelhas, os ovos, a manteiga, o leite, o mel, o peixe acham-se em abundância extrema, e com dez libras esterlinas sustentar-se-ia aqui no bem-estar uma família numerosa. O solo é seco, o ar é muito saudável, e o rei de Wooli disse-me que nunca morrera um único branco em Fatatenda».

Houghton chegou depois, pelo Falemé, até Caculo, o Cacoulou do mapa de D'Anville, e procurou, em Bambouk, algumas informações sobre o Djoliba, rio que corre no interior do Sudão. A sua direção é primeiro de sul a norte até Djenné, depois de leste a oeste até Tungubutu, informações que deviam ser em breve confirmadas por Mungo-Park. O rei de Bambouk recebeu o viajante com cordialidade, deu-lhe um guia para o levar a Tungubutu, e cauris para pagar as despesas durante a viagem.

Havia todos os motivos para esperar que o major chegasse felizmente até ao Níger, quando uma nota a lápis, meio apagada, chegou às mãos do Dr. Laidley. Datada de Simbing, fazia conhecer que o viajante fora despojado das suas bagagens, mas continuava o seu caminho para Tungubutu. Logo depois, novas informações, vindas de diversos lados, fizeram pensar que Houghton fora assassinado no Bambara. Não se soube nada ao certo sobre a sorte do major senão por Mungo-Park.

«Simbing — diz Walckenaer —, onde o major Houghton traçou as últimas palavras que se receberam dele, é uma pequena cidade fronteira do reino de Ludamar, rodeada de muralhas. Neste lugar, o major Houghton viu-se abandonado pelos seus criados negros, que não quiseram segui-lo ao país dos mouros. Nem por isso deixou de continuar o caminho, e, depois de ter vencido um grande número de obstáculos, avançou para o norte e tentou atravessar o reino de Ludamar. Chegou enfim a Jarra e travou conhecimento com alguns mercadores mouros, que iam comprar sal a Tischet, cidade situada perto dos pântanos salgados do grande deserto e a dez dias de marcha para o norte de Jarra. Ali, por meio de uma espingarda e de um pouco de tabaco, que o major deu a esses mercadores, decidiu-se levá-lo a Tischet. Quando se pensa que tomou um tal partido, não se pode deixar de crer que os mouros tinham procurado enganá-lo, ou a respeito do caminho que devia seguir, ou então sobre o estado do país entre Jarra e Tungubutu».

No fim de dois dias de marcha, Houghton, vendo que o enganavam, quis voltar para Jarra; os mouros despojaram-no de tudo o que ele possuía e fugiram. Foi obrigado a voltar a pé para

Jarra. Morreu lá de fome? Foi assassinado pelos mouros? Não se sabe ao certo, mas mostrou-se a Mungo-Park o sítio onde morreria.

A perda dos diários e das observações de Houghton tornaram quase nulas para o adiantamento da ciência as suas fadigas e a sua dedicação. Para achar pormenores sobre a sua exploração, é necessário procurá-los nos *Proceedings* da Sociedade Africana. Nesse momento, Mungo-Park, jovem cirurgião escocês, que acabava de militar nas Índias Orientais a bordo do *Worcester*, soube que a Sociedade Africana procurava um viajante que quisesse penetrar no interior do continente pelo Gâmbia. Mungo-Park, desde muito tempo desejoso de observar as produções do país, os costumes e o caráter desses povos, ofereceu-se para essa tarefa, ainda que ele tivesse razões para recear que o seu predecessor, o major Houghton, perecera na tentativa.

Imediatamente aceito pela Sociedade, Mungo-Park tratou dos preparativos da viagem e partiu de Portsmouth, a 22 de maio de 1795, com valiosas recomendações para o Dr. Laidley e um crédito de duzentas libras esterlinas.

Desembarcando em Gillifrie, na embocadura do Gâmbia, no reino de Barra, o viajante subiu o rio e chegou a Pisanía, feitoria inglesa do Dr. Laidley. O seu primeiro cuidado foi aprender a língua mais corrente, o mandinga; depois reuniu as informações necessárias para a execução dos seus projetos.

Esta demora de iniciação permitira-lhe colher informações mais exatas que as dos seus predecessores sobre os Felupes, os Jalofos, os Fulas e os Mandingas. Os primeiros são tristes, desordeiros e vingativos, mas corajosos e fiéis; os segundos formam uma nação poderosa e belicosa, têm a pele extremamente negra. Oferecem,

exceto pela cor da sua pele e pela linguagem, grandíssima semelhança com os Mandingas. Estes são brandos e sociáveis. Altos e bem feitos, possuem mulheres relativamente bonitas. Enfim, os Fulas, que são os que têm a cor menos carregada, parecem muito dedicados à vida pastoril e agrícola. A maior parte destas populações são maometanas e praticam a poligamia.

A 2 de dezembro, acompanhado de dois negros intérpretes e de pequena bagagem, Mungo-Park avançou para o interior. Penetrou primeiro no pequeno reino de Wooli, cuja capital, Medina, encerra um milheiro de casas. Visitou depois Kolor, cidade considerável, e chegou, depois de ter atravessado um deserto de dois dias de marcha, ao reino de Bondou. Os habitantes são Fulas, professam a religião maometana e enriquecem com o comércio de marfim, quando não são agricultores e pastores.

O viajante não tardou a chegar ao Falemé, rio saído das montanhas de Dalava, que, perto da sua nascente, banha importantes jazigos auríferos. Em Fatteconda, capital do Bondou, foi recebido pelo rei, que se negava a admitir que ele viajasse por curiosidade.

A entrevista do viajante com as mulheres do monarca é muito engraçada.

«Apenas entrei na sua corte — diz Mungo-Park —, vi-me rodeado por todo o serralho. Umas pediam-me purgas, outras âmbar, e todas queriam experimentar o grande específico dos africanos, a sangria. Essas mulheres eram dez ou doze, quase todas novas e bonitas, com enfeites de ouro e contas de âmbar na cabeça.

Zombaram de mim com muita jovialidade acerca de diferentes assuntos. Riam-se, sobretudo, da alvura da minha pele e do

comprimento do meu nariz, sustentando que uma coisa e outra eram artificiais. Diziam que me tinham embranquecido a pele molhando-me em leite, quando eu era pequeno, que me tinham estendido o nariz, beliscando-o todos os dias até ele adquirir essa conformação desagradável e contra a natureza».

Saindo de Bondou, pelo norte, Mungo-Park entrou no Kajaaga, a que os Franceses dão o nome de Galam. O clima desse país pitoresco, banhado pelas águas do Senegal, é muito mais saudável do que o das regiões que se aproximam da costa. Os habitantes chamam-se Serawoullis e são chamados Seracolets pelos Franceses. A cor da pele é de um negro de azeviche, e a esse respeito não se podem distinguir dos Jalofos.

«Os Serawoullis — diz Mungo-Park — entregam-se habitualmente ao comércio. Faziam-no outrora com os Franceses, a quem vendiam ouro em pó e escravos. Hoje fornecem de alguns escravos as feitorias inglesas, estabelecidas nas margens do Gâmbia. São afamados pela facilidade e pela lealdade com que tratam os negócios».

Em Joag, os enviados do rei roubaram a Mungo-Park metade das suas bagagens, a pretexto de lhe fazerem pagar um direito de passagem. Felizmente para ele, o sobrinho de Demba-Jego-Jalla, rei de Kasson, que se preparava para voltar para o seu país, tomou-o debaixo da sua proteção. Chegaram juntos a Gongadi, onde se acham belas plantações de tamarindos, e a Samie, nas margens do Senegal, na fronteira do Kasson.

A primeira cidade que se encontra neste território é a de Tiesie, onde Mungo-Park entrou no dia 31 de dezembro. Bem acolhido pela população, que lhe vendeu muito barato as provisões de que ele

precisava, o viajante sofreu ali da parte do irmão e do sobrinho do rei toda a espécie de vexames.

Mungo-Park deixou essa cidade, a 10 de janeiro de 1796, para se dirigir a Kounia Kari, capital do Kasson, país fértil, rico e bem povoado, que pode pôr quarenta mil homens em armas.

O rei, cheio de benevolência pelo viajante, queria que este se demorasse nos seus Estados, enquanto durasse a guerra entre os reinos de Kasson e de Kajaaga. Nessa guerra não podiam deixar de se meter o Kaarta e o Bambara, que Mungo-Park queria visitar. Esse conselho era prudente, e Mungo arrependeu-se por mais de uma vez de o não ter seguido.

Mas, impaciente de avançar para o interior, o viajante não quis dar ouvidos a coisa alguma e entrou no Kaarta, de planícies lisas e arenosas. No caminho encontrou uma multidão de habitantes, que fugiam para o Kasson, para evitar os horrores da guerra. Esse espetáculo não o fez parar e continuou o seu caminho até à capital do Kaarta, situada numa planície fértil e descoberta.

O rei Daisy-Kourabari recebeu com afabilidade o viajante, quis desviá-lo de entrar no Bambara, e, vendo que os seus esforços eram inúteis, aconselhou-lhe evitar passar por meio dos combatentes, que entrasse no reino de Ludamar, habitado por mouros. Dali poderia penetrar no Bambara.

No decurso desta viagem, Mungo-Park viu os negros sustentarem-se de um alimento com um gosto de pão de espécie, feito com as bagas do lódão. Esta planta, o *rhamnus lotus*, cresce espontaneamente na Senegâmbia, na Nigéria e no país de Tunes.

«Assim — diz Mungo-Park — não se pode duvidar de que seja com o fruto desse mesmo lódão que Plínio diz que se sustentavam

os Lotófagos da Líbia. Comi pão de lódão e entendo que um exército pode perfeitamente ter vivido dele como Plínio refere que viveram os Líbios. O gosto desse pão é até tão doce e tão agradável, que é muito provável que os soldados se não queixassem».

Mungo-Park chegou a 22 de fevereiro a Jarra, cidade considerável de casas de pedra, habitada por negros, vindos do sul, para se colocarem debaixo da proteção dos mouros, a quem pagam um tributo importante. O viajante obteve de Ali, rei de Ludamar, licença de atravessar os seus Estados, sem receber injúrias. Apesar dessa promessa, Mungo-Park foi quase inteiramente roubado pelos mouros fanáticos de Deena. Em Sampaka, em Dalli, cidades consideráveis, em Saméa, pequena aldeia otimamente situada, recebeu o viajante tão bom acolhimento, que já se via chegado ao interior da África quando apareceu um bando dos soldados de Ali, que o levaram a Benowan, acampamento desse soberano.

«Ali — diz Mungo-Park —, sentado num coxim de marroquim negro, estava ocupado em aparar alguns pelos, do seu bigode, enquanto uma mulher escrava segurava um espelho diante dele. Era um velho da raça dos árabes. Usava comprida barba branca e tinha um modo sombrio e de mau humor. Encarou-me muito atentamente. Depois perguntou aos meus condutores se eu falava a língua árabe. Responderam-lhe que não. Pareceu com isso muito espantado e guardou silêncio. As pessoas que estavam ao pé dele, e sobretudo as mulheres, não faziam o mesmo. Enchiam-me de perguntas, olhavam para todas as partes do meu fato, exploravam-me as algibeiras e obrigavam-me a desabotoar o colete para examinarem a cor da minha pele. Chegaram a ponto de me contar os dedos dos

pés e das mãos, como se duvidassem de que eu pertencesse, efetivamente, à espécie humana».

Estrangeiro, desprotegido, cristão passando por espia, Mungo-Park deu aos mouros ensejo de exercerem à sua vontade a insolência, a ferocidade e o fanatismo que os distinguem. Insultos, ultrajes, pancadas, nada se lhe poupou. Uma vez quiseram transformá-lo em barbeiro; mas a sua falta de jeito fez que desse um lanho no couro cabeludo do filho de Ali, que o dispensou desse ofício pouco honorífico. Durante esse cativeiro, Mungo-Park colheu alguns esclarecimentos acerca de Tungubutu, essa cidade cujo acesso é tão difícil para os Europeus, esse desiderato de todos os viajantes africanos.

«Houssa — disse-lhe um xerife — é a cidade maior que eu tenho visto. Walet é maior que Tungubutu; mas como fica longe do Níger e o seu principal comércio é o do sal, veem-se ali muito menos estrangeiros. De Bemown a Walet são dez dias de marcha.

Quem vai de um destes sítios para o outro não vê nenhuma cidade notável e é obrigado a sustentar-se com o leite que compra aos árabes, cujos rebanhos pastam à roda dos poços ou das lagoas. Atravessa-se, durante dois dias, um país arenoso, em que se não encontra água.

São necessários depois onze dias para se ir de Walet a Tungubutu. Mas a água é muito menos rara nestes caminhos, onde se viaja normalmente montado em boi. Veem-se em Tungubutu um grande número de judeus, que todos falam árabe e se servem das mesmas orações que os mouros».

Entretanto os acontecimentos da guerra determinaram Ali a dirigir-se a Jarra. Mungo-Park, que soubera fazer uma aliada da

sultana favorita, Fátima, obteve licença para acompanhar o rei. Aproximando-se assim do teatro dos acontecimentos, o viajante esperava encontrar ensejo favorável para se escapar.

Efetivamente, o rei de Kaarta, Daisy-Kourabari, não tardou a avançar vitoriosamente contra a cidade de Jarra. A maior parte dos habitantes deitaram a fugir e Mungo-Park fez o mesmo.

Achou, em breve, meio de fugir, mas o seu intérprete recusou-se a acompanhá-lo. Teve por conseguinte de partir para o Bambara, sozinho, sem recurso algum.

A primeira cidade que encontrou foi Wawra, pertencente propriamente ao Kaarta, que, nesse momento, era secretário de Mansony, rei de Bambara.

«No dia 7 de julho, pela manhã, quando eu estava prestes a partir — diz Mungo-Park —, o meu hospedeiro, com muito embaraço, pediu-me que lhe desse um pouco dos meus cabelos. Tinham-lhe dito, acrescenta ele, que cabelos de um branco eram um *saphis* (talismã), que dava a quem os tinha toda a instrução dos brancos. Eu nunca ouvira falar num modo tão simples de educação, mas prestei-me imediatamente aos seus desejos. O pobre homem tinha tamanha vontade de aprender que, meio cortando, meio arrancando, tosquiou-me rente um lado todo da cabeça; faria o mesmo ao outro, se eu não tivesse mostrado um certo descontentamento e se lhe não tivesse dito que queria reservar para alguma outra ocasião uma parte dessa preciosa matéria».

Gallou e depois Mourja, grande cidade, famosa pelo seu comércio de sal, foram atravessadas numas peripécias de fadigas e de privações inúmeras. Aproximando-se de Segou, Mungo-Park pôde enfim avistar o Djoliba.

«Olhando para diante de mim — diz ele —, vi com extremo prazer o grande objeto da minha missão, o majestoso Níger, que eu procurava havia muito tempo. Da largura do Tamisa a leste de Westminster, cintilava com os raios do Sol e corria vagarosamente para o Oriente. Corri à praia e, depois de ter bebido das suas águas, ergui as minhas mãos ao céu, agradecendo fervorosamente ao Ordenador de todas as coisas o ter coroado os meus esforços com tão complexo êxito.

Contudo a inclinação do Níger para leste e os pontos colaterais desta direção não me causaram a mínima surpresa, porque apesar de ter, quando parti da Europa, grandes dúvidas a esse respeito, fizera, no decurso da minha viagem, tantas perguntas a respeito desse rio, e negros de diversas nações me tinham afirmado tantas vezes e tão positivamente que o seu curso ia para o sol levante, que não me restava nesse ponto quase incerteza alguma, tanto mais que eu sabia que o major Houghton colhera do mesmo modo informações semelhantes.

A capital do Bambara, Segó, aonde eu chegava então, consiste propriamente em quatro cidades distintas, duas das quais estão situadas na margem setentrional do rio e se chamam Segó-Korro e Segó-Bou. As outras duas estão na margem meridional e têm os nomes de Segó-Sou-Korro e Segó-See-Korro. Todas estão rodeadas de grandes muros de terra. As casas são construídas de argila; são quadradas e têm os tetos chatos. Algumas têm dois andares e algumas são brancas.

Além destes edifícios, veem-se em todos os bairros mesquitas construídas pelos mouros. As ruas, apesar de estreitas, são bastante largas para todos os usos necessários num país em que as

carruagens de roda são absolutamente desconhecidas. Segundo todas as noções que pude colher, tenho motivo para acreditar que Segó encerra na sua totalidade trinta mil habitantes, pouco mais ou menos.

O rei do Bambara reside normalmente em Segó-See-Korro; emprega grande número de escravos em transportarem os habitantes de um lado para o outro do rio. O salário, que recebem por esse trabalho, apesar de ser apenas dez cauris por pessoa, fornece ao rei no decurso do ano um rendimento considerável».

Influenciado pelos mouros, o rei não quis receber o viajante e proibiu-lhe residir na sua capital, onde demais a mais o não poderia subtrair aos maus tratamentos. Mas para tirar à sua recusa todo o carácter de má vontade mandou a Mungo-Park um saco de cinco mil cauris para comprar víveres. O mensageiro do rei havia, além disso, de servir de guia do viajante até Sansanding. Qualquer protesto, qualquer recriminação era impossível; não havia senão obedecer; foi o que fez Mungo-Park.

Antes de chegar a Sansanding, assistiu à colheita da manteiga vegetal, produzida por uma árvore chamada *shea*.

«Esta árvore — diz a relação — cresce abundantemente em toda esta parte de Bambara. Não é plantada pelos habitantes, mas encontra-se crescendo naturalmente nos bosques. Parece-me muito com o carvalho americano, e o fruto, com cujo caroço, seco ao sol e cozido em água, se prepara a manteiga vegetal, parece-se um pouco com a azeitona de Espanha. O caroço é envolvido com uma polpa doce, recoberta por uma delgada casca verde. A manteiga que dele provém, afora a vantagem de se conservar todo o ano sem sal, é mais branca, mais dura, e, para meu gosto, mais agradável que

qualquer manteiga de leite de vaca que eu tenho comido. É um dos principais artigos do comércio interior destas regiões».

Sansanding, cidade de oito a dez mil habitantes, é um mercado frequentado pelos mouros, que levam para ali, do Mediterrâneo, missangas, que trocam por ouro em pó e panos de algodão. Mungo-Park não teve liberdade de parar neste sítio e foi obrigado, por causa das impertinências dos habitantes e das pérfidas insinuações dos mouros fanáticos, a continuar a sua viagem. Estando o seu cavalo exausto pelas fadigas e pelas privações, teve de embarcar no Níger, ou Djoliba, como dizem os habitantes.

Em Mourzan, aldeia de pescadores, situada na margem setentrional do rio, não teve remédio Mungo-Park senão renunciar a levar mais adiante as suas descobertas. Quanto mais se metia para leste, descendo o rio, mais se metia nas mãos dos mouros. Tinha principiado a estação das chuvas, e em breve não seria possível viajar senão de canoa. Ora, a sua extrema miséria impedia Mungo-Park de alugar uma embarcação, e estava reduzido a viver da caridade pública. Meter-se mais para diante nesta direção era, não só correr ao encontro da morte, mas também querer sepultar consigo o fruto dos seus trabalhos e das suas fadigas. Certamente, a volta para Gâmbia não era fácil. Havia muitos centos de milhas a percorrer a pé através de regiões difíceis, mas a esperança do regresso o sustentaria sem dúvida!

«Antes de deixar Silla — diz o viajante — julguei conveniente tomar, dos negociantes mouros e negros, todas as informações que pudesse arranjar, ou acerca do curso ulterior do Níger para leste, ou acerca da situação e extensão dos reinos que se lhe avizinham.

A dois dias de marcha de Silla fica a cidade de Djenné. Está situada numa pequena ilha do rio, e encerra, ao que se diz, mais habitantes do que Segou e até que qualquer outra cidade do Bambara. A dois dias de distância do rio estende-se e forma um lago considerável, chamado Dibly (o lago escuro). Tudo que pude saber acerca da extensão deste lago é que as canoas, atravessando-o de oeste para leste, perdem a terra de vista durante um dia inteiro. A água sai desse lago em muitas torrentes e acaba por formar dois grandes braços de rio, um dos quais corre para nordeste e o outro para leste. Mas esses braços reúnem-se em Kabra, que fica a um dia de marcha ao sul de Tungubutu e que forma o porto ou o sítio de embarque desta cidade. O espaço que encerram as duas correntes chama-se Jimbala; é habitado por negros. A distância inteira por terra de Djenné a Tungubutu é de doze dias.

Ao nordeste de Marsina fica o reino de Tungubutu, o grande objeto das buscas dos Europeus. A capital desse reino é um dos principais mercados do grande comércio que os mouros fazem com os negros. A esperança de adquirir riquezas nesse negócio e o zelo desses povos pela sua religião povoaram esta grande cidade de mouros e de maometanos convertidos. O próprio rei e os principais oficiais do Estado são mais severos, mais intolerantes nos seus princípios do que qualquer das outras tribos mouras desta parte da África».

Mungo-Park teve, por conseguinte, de voltar para trás e por caminhos que as chuvas e a inundaçãõ tinham alagado, de atravessar Mourzan, Kea, Modibou, onde tornou a encontrar o seu cavalo, Nyara, Sansanding, Samea, Saia, rodeada de fossos profundos e de altas muralhas de torres quadradas, Jabbea, cidade

considerável, de onde se avistam altas montanhas, e, finalmente, Taffora, onde foi recebido com pouca hospitalidade.

Na aldeia de Souha, Mungo-Park tentou obter por caridade alguns cereais do Douty, que lhe respondeu que não podia dispensar nenhuns.

«Enquanto eu examinava a fisionomia deste homem inospitaleiro — diz Mungo-Park — e procurava descobrir a causa de um ar de mau humor e descontentamento que exprimiam as suas feições, chamou ele um escravo, que trabalhava num campo próximo, e ordenou-lhe que trouxesse consigo a sua enxada; mostrando-lhe depois um sítio pouco afastado, disse-lhe que fizesse um buraco no chão. O escravo, com a sua enxada, começou a cavar a terra, e o Douty, que parecia um homem impaciente, resmungou e falou sozinho até estar quase acabado o buraco. Pronunciou então duas vezes a fio as palavras *Dankatou* (que não serve para nada), *Jankra Lemen* (uma verdadeira peste), expressões que eu julguei que não se podiam aplicar senão a mim.

Como o buraco tinha bastante aparência de uma cova, achei prudente montar outra vez a cavalo, e ia safar-me quando o escravo, que acabava de ir à aldeia, voltou trazendo o corpo de uma criança do sexo masculino, de nove ou dez anos, perfeitamente nu. O negro trazia o corpo por um braço e uma perna, e atirou com ele para a cova com uma indiferença bárbara, de que eu nunca vira exemplo. Enquanto o cobria de terra, o Douty repetia: *Naphula attiniata* (dinheiro perdido), de onde eu concluí que a criança fora um dos seus escravos».

A 21 de agosto, Mungo-Park deixou Koulikorro, onde arranjava alimentos escrevendo *saphis* para muitos habitantes, e chegou a

Bammakou, onde se faz um grande mercado de sal. Perto dali, do alto de uma eminência, o viajante pôde avistar uma grande cordilheira, situada no país de Kong, cujo soberano podia pôr em pé de guerra um exército mais numeroso do que o do rei do Bambara.

Despojado por bandidos do pouco que possuía, o desgraçado Mungo-Park, no meio de um imenso deserto, durante a estação chuvosa, a quinhentas léguas do estabelecimento europeu mais próximo, teve um momento em que sentiu fugir-lhe a força e a esperança. Mas foi uma crise de pouca duração. Recobrando ânimo, chegou à cidade de Sibidoulou, cujo *mansa* ou chefe lhe fez encontrar o seu cavalo e o seu fato, que tinham sido roubados pelos bandidos Fulas, depois a Kamalia, onde Karfa Taura lhe propôs dirigir-se para o Gâmbia, passada a estação das chuvas, com uma caravana de escravos. Exausto, sem recursos, atacado durante cinco semanas pela febre, que o impediu de sair, Mungo-Park foi obrigado a tomar essa resolução.

O dia 19 de abril foi o dia da partida da caravana para a costa. Com que alegria Mungo-Park saudou a sua aurora, pode-se facilmente adivinhar! Depois de ter atravessado o deserto de Jallonka e passado o braço principal do Senegal, em seguida o Falemé, a caravana chegou enfim às margens do Gâmbia e a Pisania, onde Mungo-Park caiu, a 12 de junho de 1797, nos braços do Dr. Laidley, que já não contava tomar a vê-lo.

No dia 22 de setembro, Mungo-Park voltava para Inglaterra. O entusiasmo foi tal, quando se anunciaram as suas descobertas, tamanha era a impaciência com que se esperava a relação dessa viagem, seguramente a mais importante que se fizera nessa parte

da África, que a Sociedade Africana teve de lhe permitir publicar em seu proveito uma narrativa abreviada das suas aventuras.

Deviam-lhe acerca da geografia, dos usos e costumes do país mais factos importantes do que tinham recolhido todos os viajantes que o haviam precedido. Era ele que acabava de fixar as posições das fontes do Senegal e do Gâmbia, e de levantar o curso do Níger ou Djoliba, correndo para leste, quando o Gâmbia descia para oeste.

Era pôr termo por factos positivos a um debate que até então dividira os geógrafos. Ao mesmo tempo já não havia meio de confundir esses três rios, como fizera em 1707 o geógrafo francês Delisle, que nos apresentava o Níger correndo para leste de Bornu e terminando pelo rio de Senegal a oeste. Mas ele mesmo reconhecera esse erro nos seus mapas de 1722 a 1727, sem dúvida pelas informações colhidas por André Brue, governador do Senegal em nome da Companhia.

Houghton recebera, é certo, dos indígenas, informações bastante exatas acerca da nascente do Níger, no país de Mandinga, acerca da posição aproximativa de Segou, de Djenné e de Tungubutu; mas cabia a Mungo-Park fixar definitivamente *de visu* a posição dessas duas primeiras cidades e dar-nos, acerca da natureza do país e dos diferentes povos que o habitam, pormenores muito mais circunstanciados do que aqueles que se possuíam.

Por isso, também, como dissemos mais atrás, a opinião pública não se iludira com a importância dessa viagem, com a habilidade, coragem e veracidade daquele que a executara.

Um pouco depois, o Governo inglês quis confiar a Mungo-Park o comando de uma expedição para o interior da Austrália, mas o

viajante recusou.

Alguns anos depois, em 1804, a Sociedade Africana, resolvida a completar a descoberta do Níger, propôs a Mungo-Park a direção de uma nova campanha de exploração. Mungo-Park entendeu que desta vez não podia recusar, e a 30 de janeiro de 1805 deixou a Inglaterra. Dois meses depois desembarcava em Gorea.

Mungo-Park ia acompanhado pelo cirurgião Anderson, seu cunhado, pelo desenhador Jorge Scotte e por cinco artilheiros. Estava além disso autorizado a agregar o número de soldados que julgasse necessário e abria-se-lhe um crédito de cem mil francos.

«Estes recursos — diz Walckenaer na sua *História das Viagens* —, tamanhos, em comparação dos que tinham podido dar-lhe as subscrições particulares da Sociedade Africana, foram no nosso entender o que contribuiu em parte para a sua perda. A rapinadora exigência dos monarcas africanos aumentou em proporção das riquezas que supunham ao nosso viajante, e a necessidade de se subtrair à enormidade de pedidos, que não poderia satisfazer, foi em parte a causa da catástrofe que pôs termo a esta expedição».

Quatro carpinteiros, um oficial e trinta e cinco soldados de artilharia, assim como um negociante mandinga, chamado Isaac, que devia servir de guia, compunham, com os chefes da expedição já nomeados, uma importante caravana. A 27 de abril de 1805, Mungo-Park deixou Cayee, chegou no dia seguinte a Pisania, donde partira dez anos antes para empreender a sua primeira viagem, e dirigiu-se para leste, seguindo o caminho outrora percorrido até Bambakou, nas margens do Níger. De todos os europeus só restavam, quando a caravana ali chegou, seis soldados e um carpinteiro. Todos os outros haviam sucumbido à fadiga, às febres,

às doenças causadas pelas inundações. As exações dos pequenos potentados, cujos Estados a expedição atravessara, tinham sido tais que o *stock* das mercadorias de troca estava consideravelmente reduzido. Em breve Mungo-Park cometeu uma grave imprudência. Em Sansanding, cidade de onze mil habitantes, notara que o mercado era muito assiduamente frequentado e que ali se vendiam contas de colar, anil, antimónio, anéis, braceletes, e mil outros objetos, que não tinham tempo de se deteriorar antes de serem levados pelos compradores.

«Abriu — diz Walckenaer — uma loja grandiosa, e expôs um sortimento escolhido das mercadorias da Europa, para vender por grosso ou por miúdo. Mungo-Park julga que a grande venda que fez lhe atraiu a inveja dos mercadores seus confrades. A gente de Djenné, os mouros, os mercadores de Sansanding aliaram-se aos de Segou, e ofereceram, em presença de Modibinne, que foi mesmo quem contou o facto a Mungo-Park, dar a Mansong uma grande quantidade de mercadorias de maior preço que todos os presentes que recebera do nosso viajante, se quisesse assenhorear-se da sua bagagem e em seguida matá-lo ou expulsá-lo do Bambara. Mungo-Park não deixou de continuar a abrir todos os dias a sua loja, e recebeu num só dia de mercado vinte e cinco mil setecentas e cinquenta e seis moedas ou cauris».

A 28 de outubro, Anderson morreu depois de quatro meses de doença, e Mungo-Park viu-se, pela segunda vez, sozinho no meio da África. Recebera licença do rei Mansong para construir em Sansanding uma embarcação que lhe permitisse descer o Níger; deu-lhe o nome de Djoliba e fixou a sua partida no dia 16 de novembro.

É aí que termina o seu diário com pormenores acerca das populações marginais do rio e acerca da geografia dessas regiões, que ele fora o primeiro a descobrir. Chegado à Europa, esse diário, apesar de informe, foi publicado, logo que se obteve a triste certeza de que o seu autor morrera nas águas do Djoliba. Para dizer a verdade, não encerrava descoberta nova, mas sabia-se que seria útil à ciência geográfica. Mais instruído, efetivamente, Mungo-Park determinara a posição astronómica das cidades mais importantes, o que ia dar bases sérias a um mapa da Senegâmbia. Esse mapa foi confiado a Arrow-Smith, que numa curta advertência se limitou a declarar que, achando grandes diferenças entre as posições dos lugares dados pelos dias de marcha e as indicadas pelas observações astronómicas, fora-lhe impossível conciliá-las, mas que, referindo-se a estas últimas, fora obrigado a passar mais para o norte o caminho seguido por Mungo-Park durante a sua primeira viagem.

Havia um facto extravagante, que tinha de ser desembrulhado por um homem de espírito enciclopédico, o francês Walckenaer, sucessivamente, ao mesmo tempo, prefeito, geógrafo e literato. Descobriu no diário de Mungo-Park um erro singular, em que nem o editor inglês nem o tradutor francês, que cometeu as mais grosseiras leviandades, tinham reparado. Esse diário continha a narrativa do que Mungo-Park fizera no dia «31 de abril». Ora toda a gente sabe que este mês só tem trinta dias. Resultava daí que, durante a viagem toda, Mungo-Park cometera o erro de um dia inteiro e empregara nos seus cálculos as declinações da véspera, julgando fazer uso das do próprio dia.

Houve, por conseguinte, modificações importantes a fazer no mapa de Arrow-Smith, mas não deixa, por isso, de resultar daí, logo que as inexatidões de Mungo-Park se reconheçam, que era ele que apresentava a primeira base séria do mapa da Senegâmbia.

Apesar de as informações dadas ao Governo inglês não poderem deixar a mínima dúvida, contudo, como certas narrativas anunciavam que se tinham visto alguns brancos no interior da África, o governador do Senegal mandou uma expedição, cujo comando confiou ao mercador negro Isaac, antigo guia de Mungo-Park, que fielmente entregara o diário deste último nas mãos das autoridades inglesas. Não nos demoraremos com a narrativa desta viagem, que não encerra facto algum novo, e dela só aproveitaremos a parte relativa aos últimos dias de Mungo-Park.

Em Sansanding, Isaac encontrara Amadi Fatouma, negro que acompanhava Mungo-Park pelo Djoliba quando morreu, e recebeu dele o depoimento seguinte:

«Embarcámos em Sansanding e em dois dias chegámos a Silla, sítio onde Mungo-Park terminara a sua primeira viagem.

Dois dias de navegação nos conduziram depois a Djenné. Quando passámos por Dibby, três canoas cheias de negros, armados de chuços, de lanças e de arcos, mas sem armas de fogo, vieram atrás de nós. Passou-se sucessivamente por diante de Racbara e de Tungubutu, onde fomos de novo perseguidos por três canoas, que foi necessário repelir com a força e matando sempre muitos indígenas. Em Gouroumo, sete canoas quiseram ainda atacarmos e foram repelidas. Deram-se ainda muitos combates, com grande perda de negros, até Kafto, onde houve demora de um dia, depois desceu-se o rio até Carmusse e fundeou-se em Gourmou. No dia

seguinte viu-se um exército de mouros que deixaram tranquilamente passar a canoa.

Entrou-se então no país de Haoussa. No dia seguinte chegou-se a Yaour. Amadi Fatouma foi enviado a esta cidade para levar presentes aos chefes e comprar provisões. Esse negro perguntou, antes de aceitar os presentes, se o viajante branco voltaria a visitar o seu país. Mungo-Park, a quem essa pergunta foi transmitida, entendeu dever responder que não voltaria nunca. Pensou-se que essas palavras causaram a sua morte. O chefe negro, certo de nunca mais tomar a ver Mungo-Park, tomou desde então a resolução de se apoderar dos presentes destinados ao rei.

Entretanto, Amadi Fatouma dirigiu-se à residência do rei, situada a alguns centos de passos do rio. Esse príncipe, avisado da passagem dos viajantes brancos, mandou no dia seguinte um exército para a pequena aldeia de Boussa, à beira do rio. Quando a embarcação apareceu foi assaltada por uma chuva de pedras e de setas. Mungo-Park mandou atirar as bagagens para o rio e precipitou-se nas águas com os seus companheiros. Todos morreram».

Assim acabou miseravelmente o primeiro europeu que navegou no curso de Djoliba e visitou Tungubutu. Muitos outros esforços deviam ser feitos na mesma direção. Quase todos tinham de se malograr.

No fim do século XVIII, dois dos melhores discípulos de Lineu percorriam como naturalistas o sul da África. Eram Sparrman, que estudava os quadrúpedes, e Thunberg, as plantas. A história da expedição de Sparrman, interrompida, como dissemos, pela sua viagem à Oceânia com Cook, foi a primeira que apareceu e foi

traduzida em francês por Le Tourneur. No seu prefácio, Le Tourneur deplorava a perda desse sábio viajante, que morrera durante uma viagem à Costa do Ouro. Na própria ocasião em que a obra aparecia, veio Sparrman tranquilizar acerca da sua morte o bom Le Tourneur, ligeiramente atordoado com a sua tolice.

No dia 30 de abril de 1772, Sparrman pôs o pé na terra de África e desembarcou no cabo da Boa Esperança. Nessa época a cidade era pequena e não contava mais de dois mil passos de comprimento e outros tantos de largura, contando mesmo com os jardins e os pomares, que a terminam de um lado.

As ruas eram largas, plantadas de carvalhos, orladas de casas brancas no exterior ou pintadas de verde, o que não deixou de espantar Sparrman. Tendo vindo para o Cabo para servir de preceptor aos filhos do Sr. Kerste, só o encontrou em False-Bay, sua residência de inverno. Assim que voltou a primavera, Sparrman acompanhou o Sr. Kerste a Alphen, propriedade que este possuía perto de Constança. O naturalista aproveitou-se disso para fazer algumas excursões nos arredores e escalar a montanha da Mesa, o que não foi sem perigo. Estes passeios permitiram-lhe ao mesmo tempo conhecer o modo de viver dos bures e as suas relações com os seus escravos. As disposições destes últimos eram tais que cada habitante era obrigado a fechar durante a noite a porta do seu quarto e a ter junto de si as armas carregadas. Quanto aos colonos, eram pela maior parte de uma bonomia rude, de uma hospitalidade brutal, de que Sparrman dá muitas provas singulares.

«Cheguei — diz ele — a casa de um rendeiro chamado Van der Spoei, que era viúvo, nascera na África e era pai daquele que

conheceis como proprietário do Constança Tinto ou Constança Velho.

Fingindo que me não via, deixou-se estar imóvel na passagem que conduzia a sua casa. Quando me aproximei dele não deu nem um só passo para vir ao meu encontro, mas, agarrando-me na mão, saudou-me com estas palavras: «Bons dias, seja bem-vindo. — Como está? — Quem é? — Um copo de vinho? — Um cachimbo? — Quer comer alguma coisa?» Respondi às suas perguntas com o mesmo laconismo e aceitei os seus oferecimentos à medida que os ia fazendo. Sua filha, nova, bonita, de um génio agradável, de idade de doze para catorze anos, pôs em cima da mesa um magnífico peito de cordeiro, estufado com cenouras; depois do jantar, ofereceu-me o chá com tanta amabilidade, que eu mal sabia o que havia de preferir, se o chá, se a minha jovem hospedeira. A discrição e a bondade do coração estavam legivelmente pintadas nas feições e no porte do pai e da filha. Dirigi muitas vezes a palavra ao dono da casa para o levar a romper o silêncio; as suas respostas foram curtas e discretas, mas notei, sobretudo, que nunca encetou a conversação, exceto para insistir comigo para eu ficar com eles até ao dia seguinte. Entretanto despedi-me dele, não sem ir vivamente impressionado por tão rara benevolência».

Sparrman fez depois muitas excursões, especialmente a Hout-Bay e a Paarl, durante as quais teve ocasião de verificar a exageração que reina a maior parte das vezes nas narrativas de Kolbe, viajante que tinha sido seu predecessor nesse país.

Tencionava multiplicar o número das suas excursões durante o inverno, e projetara uma expedição ao interior durante a estação calmosa, quando as fragatas *Resolução* e *Aventura*, comandadas

pelo capitão Cook, chegaram ao Cabo. Forster instou com o jovem naturalista sueco para que o acompanhasse, o que permitiu a Sparrman visitar sucessivamente a Nova Zelândia, a Terra de Van-Diemen, a Nova Holanda, Taiti, a Terra do Fogo, os gelos do pólo antártico e a Nova Geórgia antes de voltar ao Cabo, onde desembarcou a 22 de março de 1775.

O primeiro cuidado de Sparrman foi preparar a sua viagem para o interior, e, a fim de aumentar os seus recursos pecuniários, exerceu a medicina e a cirurgia durante o inverno.

Uma carregação de sementes, de medicamentos, de facas, de fuzis, de caixas de isca, de álcool para conservar os espécimes, foi reunida e posta num imenso carro puxado por cinco juntas de bois.

«É necessário — diz ele — que o condutor tenha não só muita destreza e conhecimento prático destes animais, mas também que saiba usar habilmente do chicote dos carreiros africanos. Esses chicotes são de quinze pés de comprimento, com uma correia um pouco mais comprida e uma tira de couro branco de três pés de comprimento. O condutor pega nesse terrível instrumento com ambas as mãos e, sentado no assento do carro, pode apanhar com ele a quinta junta de bois. Deve distribuir as suas chicotadas sem descanso, saber aplicá-las onde quer e de modo que os pelos do animal sigam a ponta do chicote».

Sparrman devia acompanhar a cavalo o seu carro e agregara a si um jovem colono chamado Immelman, que já fizera, para se divertir, uma viagem ao interior. Foi a 25 de julho de 1775 que partiu. Atravessou primeiro o Rente-River, escalou o Hottentot-Holland-Kloof, atravessou o Palmit e penetrou num país inculto, cortado de planícies, de montes e vales, sem água, mas frequentado

por muitos rebanhos de antílopes de diversas espécies, zebras e avestruzes.

Chegou em breve aos banhos quentes ferruginosos, situados nas faldas do Zwarteberg, então frequentadíssimos, onde a Companhia mandara construir uma casa encostada ao monte.

Foi ali que se lhe reuniu o moço Immelman, e ambos partiram então para Zwellendam, aonde chegaram a 2 de setembro. Colheram ali particularidades preciosas acerca dos habitantes. Resumimo-las com gosto.

Os hotentotes são da altura dos Europeus. As suas extremidades são pequenas e a sua pele é de um amarelo-escuro. Não têm os lábios espessos dos cafres e dos moçambicanos.

O seu cabelo é uma carapinha escura, mas não muito espessa. Em geral besuntam-se, da cabeça até aos pés, de banha e de ferrugem. Um hotentote, que está no costume de se pintar, parece menos nu, e é mais completo, por assim dizer, do que aquele que se lava. Por isso se diz vulgarmente que «a pele de um hotentote com banha é como um sapato com graxa».

Estes indígenas usam habitualmente uma capa chamada *kross*, feita de uma pele de carneiro com a lã virada para dentro. As mulheres adaptam-lhe uma comprida ponta, que forma uma espécie de capuz, e metem para dentro os filhos, a quem dão o seio por cima do ombro. Homens e mulheres usam habitualmente, nos braços e nas pernas, argolas de couro, o que dera origem à fábula de que os hotentotes enrolam em torno das pernas chouriços para os comer quando lhes apetece. Têm igualmente argolas de ferro ou de cobre, mas essas são de um preço elevado.

O *kraal*, ou aldeia hotentote, é a reunião em círculo das choças, que apresentam todas a forma de cortiços de abelhas. As portas que se abrem para o centro são tão baixas que é necessário ajoelhar para entrar nas cabanas. A lareira fica no meio e o teto não tem buraco que permita ao fumo sair.

Não se devem confundir os hotentotes com os Boximanes. Estes não vivem senão de caça e de roubo. A sua destreza em atirar setas envenenadas, a sua bravura, o seu hábito da vida selvagem, tornam-nos terríveis.

Em Zwellendam, Sparrman viu o cuaga, espécie de cavalo, que se parece muito com a zebra pelo tamanho, mas cujas orelhas são muito curtas.

O viajante visitou depois Mossel-Bay, angra pouco frequentada, porque está demasiadamente aberta aos ventos de oeste, e a terra dos Houtniquas ou dos Antiniquas do mapa de Burchell. Coberta de bosques, parece fértil, e os colonos que ali se estabelecerem hão de seguramente prosperar. Sparrman teve ocasião de ver e de estudar nessa comarca a maior parte dos quadrúpedes da África, elefantes, leões, leopardos, tigres, hienas, macacos, lebres, antílopes e gazelas.

Não podemos acompanhar passo a passo Sparrman a todas as pequenas localidades que visitou. A enumeração dos rios, dos *kraals*, ou das aldeias que atravessa, nada ensinaria aos leitores. Preferimos tomar-lhe alguns pormenores bastante curiosos e novos acerca de dois animais, que teve ocasião de observar: o carneiro do Cabo e o cuco das abelhas.

«Quando se quer matar um carneiro — diz o viajante —, procura-se sempre o mais magro do rebanho; seria impossível

comer os outros. As suas caudas são de uma forma triangular, têm um pé a pé e meio de comprido e às vezes mais de seis polegadas de espessura em cima. Uma só dessas caudas pesa ordinariamente oito a doze arráteis; é principalmente formada de uma banha delicada, que algumas pessoas comem com pão, em vez de manteiga; servem-se dela para temperar as carnes, e às vezes fazem-na em velas de sebo».

Depois de uma descrição do rinoceronte de duas pontas, até então desconhecida, do gnu, que é meio cavalo meio boi, do hipopótamo, cujos hábitos eram até então pouco conhecidos, e de outros animais ainda, Sparrman aponta uma ave singular, que presta grandes serviços aos habitantes. Chama-lhe o cuco das abelhas.

«Este pássaro — diz ele — não é notável nem pelo seu tamanho, nem pela sua cor. À primeira vista, parece um pardal vulgar, com a diferença de ser um pouco mais grosso, de uma cor mais clara, de ter uma pequena mancha amarela em cada espádua, e de as penas da sua cauda serem guarnecidas de branco.

É no seu próprio interesse que este pássaro descobre aos homens os ninhos de abelhas, porque é muito guloso do seu mel, e sobretudo dos seus ovos, e sabe que, todas as vezes que se destrói um destes ninhos, entorna-se sempre um pouco de mel, que ele aproveita, ou que os destruidores lhe deixam em recompensa dos seus serviços.

A noite e a manhã são provavelmente as horas em que o seu apetite desperta; pelo menos é então que sai mais habitualmente, e com os seus gritos agudos parece procurar excitar a atenção dos hotentotes ou dos colonos. É raro que uns ou outros se não apresentem no sítio donde parte o grito; então o pássaro,

continuando a repeti-lo sem cessar, voa lentamente, e de espaço a espaço, para o sítio onde o enxame de abelhas se estabeleceu; enfim, quando chega ao ninho, quer este seja construído numa fenda dos rochedos, na cavidade de uma árvore, ou em algum sítio subterrâneo, paira imediatamente por cima durante alguns segundos (fui eu mesmo por duas vezes testemunha deste facto) e depois disso pousa em silêncio, e conserva-se geralmente escondido à espera do que vai suceder, na esperança de apanhar o seu quinhão dos despojos».

A 12 de abril de 1776, voltando ao Cabo, Sparrman soube que se descobrira recentemente um grande lago, um pouco ao norte da comarca de Sneeuwberg, o único que existia na colónia. Pouco tempo depois o viajante voltava ao Cabo e embarcava para a Europa com as numerosas coleções de história natural que juntara.

Na mesma época (1772-1775) o sueco Thunberg, que Sparrman encontrara no Cabo, fazia no interior da África três viagens consecutivas. Não são, como não foram as viagens de Sparrman, viagens de descoberta, e não se deve a Thunberg o conhecimento de nenhum facto geográfico novo. Reuniu apenas uma prodigiosa quantidade de observações curiosas acerca das aves do Cabo e devem-se-lhe esclarecimentos interessantes acerca das diferentes populações que entre si dividem este vasto território, muito mais fértil do que se poderia imaginar.

Thunberg foi imediatamente seguido nas mesmas paragens por um oficial inglês, o tenente William Paterson, cujo fim principal era colher plantas e objetos de história natural. Penetrou no Norte, um pouco para lá do rio Orange, e a leste até ao país dos Cafres, muito para além do rio dos Peixes. É a ele que se deve a primeira

descrição da girafa, e encontram-se na sua narrativa observações importantes acerca da história natural, da constituição do país e dos seus habitantes.

Uma observação curiosa a fazer é que o número dos europeus, atraídos à África Austral só pelo atrativo das descobertas geográficas, é muito menos considerável que o dos viajantes cuja principal preocupação é a história natural. Acabamos de citar sucessivamente Sparrman, Thunberg, Paterson; a essa lista deve-se acrescentar o nome do ornitologista Le Vaillant.

Nascido em Paramaribo, na Guiana Holandesa, de pais franceses, que negociavam em pássaros, Le Vaillant voltou com eles à Europa e percorreu desde a sua mais tenra infância a Holanda, a Alemanha, a Lorena, os Vosges, antes de chegar a Paris. É fácil de perceber que esta existência cosmopolita pudesse fazer nascer nele o gosto das viagens. A sua paixão pelas aves, ainda excitada pela vista das coleções nacionais ou particulares, fez nascer nele o desejo de enriquecer a ciência com a descrição e representação de espécies desconhecidas.

Que região lhe oferecia debaixo desse ponto de vista mais rica messe? Os países próximos do Cabo tinham sido explorados por um botânico e por um sábio que fizera dos quadrúpedes o principal objeto das suas pesquisas. Ninguém os percorrera ainda para arranjar pássaros.

Chegado ao Cabo a 29 de março de 1781, Le Vaillant, depois de uma catástrofe que fez ir pelos ares o seu navio, achou-se sem outros recursos que não fossem o fato que vestia, dez ducados e a sua espingarda.

Outros teriam ficado desanimados. Le Vaillant não perdeu a esperança de se tirar dessa desgraçada posição. Confiando na sua destreza em atirar à espingarda e ao arco, na sua força e na sua agilidade, assim como no seu talento para preparar as peles de animais e empalhar as aves, a que sabia dar o aspeto que lhes era próprio, Le Vaillant entrou logo em contacto com os mais ricos colecionadores do Cabo.

Um deles, o fiscal Boers, forneceu-o de todos os recursos necessários para viajar com proveito; carros, bois, provisões, cavalos, objetos de troca, e até criados e guias que deviam acompanhá-lo. O género de pesquisas a que Le Vaillant projetava entregar-se influiu no seu modo de viajar. Longe de procurar os sítios frequentados e as aglomerações, esforçou-se sempre por se lançar para fora das estradas, para as comarcas deixadas de parte pelos Europeus, porque pensava que só ali devia encontrar novos tipos de pássaros, desconhecidos dos sábios. Resultou desse modo de proceder que Le Vaillant apanhou quase sempre a natureza em flagrante e que teve relações com indígenas cujos costumes não tinham sido modificados pelo contacto dos brancos. Por isso as informações que lhe devemos exprimem muito melhor a realidade da vida selvagem do que as dos seus predecessores ou dos seus sucessores. A culpa única de Le Vaillant foi confiar a redação das suas notas de viagem a um moço que as modificou, para as adaptar às suas próprias ideias. Longe de ter o respeito escrupuloso dos editores modernos, este redator exagerou os acontecimentos, e, carregando excessivamente na habilidade do viajante, deu à narrativa desta expedição um tom de fanfarronada que lhe foi extremamente nocivo.

Depois de três meses de residência no Cabo e nos arredores, Le Vaillant partiu, a 18 de dezembro de 1781, para uma primeira viagem para leste, na Cafraria. O seu comboio compunha-se de trinta bois, a saber, vinte bois para os dois carros e outros dez para as mudas, de três cavalos, de nove cães e de cinco hotentotes.

Ao princípio, Le Vaillant percorreu a Holanda hotentote, muito conhecida pelas explorações de Sparrman; encontrou ali hordas imensas de zebras, de antílopes e de avestruzes, e chegou enfim a Zwellendam, onde comprou bois, uma carreta e um galo, que desempenhou, durante a viagem toda, o ofício de despertador. Outro animal lhe foi igualmente de grande ajuda. Era um macaco que ele domesticara e que promovera ao posto, tão útil como honroso, de provador. Se se encontrava um fruto, uma raiz que os hotentotes não conhecessem, ninguém lhe devia tocar sem mestre «Kées» se ter pronunciado.

«Kées» servia ao mesmo tempo de sentinela, e os seus sentidos, aguçados pelo hábito e pela necessidade da luta pela vida, excediam em finura os do pele-vermelha mais subtil. Era ele que avisava os cães da aproximação do perigo. Se uma serpente estava próxima, se desabava um bando de macacos nas florestas vizinhas, o terror de «Kées», os seus gritos lamentáveis, faziam em breve conhecer a natureza dos desmancha-prazeres.

De Zwellendam, que deixou a 12 de janeiro de 1782, continuou Le Vaillant a dirigir-se para leste, a alguma distância do mar. Nas margens do rio do Pombal (Duywen-Hoek), Le Vaillant levantou o seu acampamento e fez muitas caçadas frutíferas nesse território que abundava em caça. Alcançou depois Mossell-Bay, onde os gritos das hienas assustaram os seus bois.

Mais adiante chegou ao país dos Houtniquas, palavra que, no idioma hotentote, significa «homem carregado de mel». Nesta região não se pode dar um passo sem encontrar enxames de abelhas. As flores nascem debaixo dos pés do viajante; o ar carregado com os seus perfumes, as suas cores variadas, fazem deste lugar uma residência encantadora. A tentação de se deixarem ali ficar podia assaltar alguns dos criados do viajante. Por isso Le Vaillant apressou a partida. Esse país todo, até ao mar, é ocupado por colonos, que fazem criação de gado, fabricam manteiga, cortam madeira de construção e apanham mel, que transportam para o Cabo.

Um pouco para além do último posto avançado da Companhia, Le Vaillant, tendo reconhecido um território onde voavam milhares de turacos e de outras aves raras, estabeleceu um campo de caça; mas as chuvas, que vieram a cair bruscamente, com violência e continuidade, contrariaram singularmente os seus projetos e puseram os viajantes em vésperas de morrer de fome.

Depois de diversas peripécias e de numerosas aventuras de caça, cuja narrativa seria divertida de fazer, mas que não entra no nosso quadro, Le Vaillant chegou a Mossell-Bay. Foi ali que foram ter com ele — imagine-se com que alegria da sua parte — cartas de França. As correrias e as caçadas continuaram em diversas direções, até que a expedição penetrou no país dos Cafres. Foi bastante difícil ter relações com estes últimos, porque evitavam cuidadosamente os brancos. Os colonos tinham-lhes feito sofrer perdas consideráveis em homens e em animais, e os Tamboukis, aproveitando-se da sua situação crítica, haviam invadido a Cafraria e cometido mil depredações; enfim, os Boximanes faziam-lhes uma caça muito

séria. Sem armas de fogo, apertados por diversos lados ao mesmo tempo, os Cafres esquivavam-se e retiravam-se para o Norte.

Era inútil, em presença destes esclarecimentos, prosseguir mais para diante neste país, que se tornava montanhoso, e Le Vaillant voltou para trás. Visitou então as Montanhas de Neve, as planícies áridas de Karrou, as margens do Buffalo-River, e estava de volta no Cabo no dia 2 de abril de 1783.

Os resultados dessa longa campanha eram importantes. Le Vaillant trazia esclarecimentos exatos acerca dos Gonaquas, povo numeroso, que se não deve confundir com os hotentotes propriamente ditos, e que, por todos os seus caracteres, parece resultar da mistura dos cafres com estes. Quanto aos hotentotes, os pormenores colhidos por Le Vaillant estão, em quase todos os pontos, de acordo com os Sparrman.

«Os cafres que Le Vaillant teve ocasião de ver — diz Walckenaer —, são geralmente de estatura mais alta que os hotentotes e mesmo do que os Gonaquas. A sua fisionomia não tem esse estreitar do rosto para o queixo, nem essa saliência das maçãs das faces, tão desagradável nos hotentotes, e que já principia a enfraquecer nos Gonaquas. Não têm também nem a cara chata e larga, nem os lábios espessos dos negros de Moçambique, seus vizinhos; têm pelo contrário a fisionomia redonda, um nariz elevado, não demasiadamente achatado, e uma boca povoada de belíssimos dentes. A sua cor é de um belo negro brunido, e, fazendo-se abstração dessa diferença, há, diz Le Vaillant, mulheres cafres que passariam por lindíssimas ao lado das europeias».

Dezasseis meses de ausência no interior do continente tinham bastado para que Le Vaillant não reconhecesse já os habitantes da

cidade do Cabo. Quando partira, admirava a modéstia holandesa das mulheres; quando voltou, já as mulheres não pensavam senão em divertimentos e enfeites. As penas de avestruz estavam sendo tanto da moda que fora necessário mandá-las vir da Europa e da Ásia. Todas as que o nosso viajante trazia foram em breve consumidas. Quanto aos pássaros, que enviara sempre que tivera ocasião, o seu número elevava-se a mil e oitenta, e a casa do Sr. Boers, onde estavam depositados, achava-se metamorfoseada num verdadeiro gabinete de história natural.

Le Vaillant realizara uma viagem tão frutuosa que não podia deixar de ter desejos de recomeçar. Apesar de o seu companheiro Boers ter voltado para a Europa, pôde, com auxílio dos numerosos amigos que soubera granjear, reunir o material de uma nova expedição. Foi no dia 15 de junho de 1783 que partiu, à testa de uma caravana de dezanove pessoas. Levava treze cães, um bode e dez cabras, três cavalos, três vacas leiteiras, trinta e seis bois para carros, catorze de mudas e dois para levar a bagagem dos criados hotentotes.

Percebe-se que não acompanhemos o viajante nas suas caçadas. O que importa saber é que Le Vaillant chegou a reunir uma maravilhosa coleção de pássaros, que levou para a Europa a primeira girafa que na Europa se viu, e que percorreu o imenso espaço compreendido entre o trópico de Capricórnio a oeste e o grau 14 do meridiano oriental. Voltando ao Cabo em 1784, embarcou para França e chegou a Paris nos primeiros dias de 1785.

O primeiro povo selvagem que Le Vaillant encontrou nessa segunda viagem foram os Pequenos Namácuas, raça pouco numerosa, por isso mesmo destinada a desaparecer antes de pouco

tempo, tanto mais que ocupava um terreno estéril e achava-se exposta aos ataques dos Boximanes.

Apesar de serem ainda de boa estatura, os Pequenos Namácuas são inferiores aos Cafres e aos Namácuas, e os seus costumes não diferem muito dos desses povos.

Os Caminouquas ou Comeinacquas, acerca dos quais Le Vaillant nos dá em seguida alguns pormenores, são mais altos.

«Parecem mesmo — diz ele — mais altos de que os Gonácuas, ainda que talvez o não sejam realmente; mas os seus ossos mais pequenos, o seu modo franzino, o seu corpo esgalgado, as suas pernas delgadas e magrizelas, tudo enfim, até os seus compridos mantos, pouco espessos, que dos ombros descem até ao chão, contribuem para o engano. Ao ver esses corpos aguçados como hastes de arbustos, dir-se-iam homens passados pela fieira. Menos escuros de que os Cafres, têm um rosto mais agradável do que os outros hotentotes, porque o nariz é menos achatado e as maçãs das faces são menos proeminentes».

Mas de todas as nações que Le Vaillant visitou durante essa longa viagem, a mais curiosa e a mais antiga é a dos Houzouanas. Essa tribo não foi tornada a encontrar por nenhum viajante moderno, mas julgam alguns reconhecê-la nos Betjouanas, apesar de que a localidade que o viajante lhes atribui não corresponde de modo algum à que estes ocupam há uma longa série de anos.

«O Houzouana — diz a relação — é de pequeníssima estatura; os mais altos quase não chegam a ter cinco pés de altura. Esses pequenos corpos, perfeitamente proporcionados, reúnem, a uma força e a uma agilidade surpreendentes, um ar de firmeza e de audácia que impõe e que agrada. De todas as raças de selvagens

que Le Vaillant reconheceu, nenhuma lhe pareceu dotada de uma alma tão ativa e de uma constituição tão infatigável. A sua cabeça, apesar de ter os principais caracteres da do hotentote, é contudo mais arredondada pelo queixo. Enfim, os seus cabelos, mais encarapinhados, são tão curtos, que primeiro Le Vaillant os julgou tosquiados. Uma coisa que distingue a raça dos Houzouanas é essa enorme anca natural que as mulheres têm, massa enorme e carnuda que, a cada movimento do corpo, contrai uma oscilação e uma ondulação muito singulares. Le Vaillant viu correr uma mulher houzhouana, com um filho, de idade de três anos, posto em pé em cima da anca, exatamente como um jóquei na traseira de um cabriolé».

O viajante entra depois em muitas particularidades, que somos obrigados a passar em silêncio, relativamente à conformação e aos hábitos desses diversos povos, hoje completamente extintos ou fundidos em algumas tribos mais poderosas. Não é a parte menos curiosa da obra, mas nem sempre é a mais verídica, e é exatamente a exageração dessas pinturas que nos leva a não as mencionar.

Na costa oriental da África, um viajante português, Francisco José Lacerda e Almeida, partia em 1797 da costa de Moçambique, e metia-se pelo interior. A narrativa desta expedição a localidades, que só foram visitadas depois nos nossos dias, seria extremamente interessante. Infelizmente, o diário de Lacerda nunca foi publicado, ao menos que o saibamos. O nome de Lacerda é muitas vezes citado pelos geógrafos; sabe-se em que regiões viajou; mas é impossível, em França, pelo menos, achar uma obra que trate com alguma largueza desse explorador e nos conte as particularidades da sua excursão. Tudo quanto se sabe de Lacerda, em poucas linhas o

diremos, com o pesar vivíssimo de não termos podido alargar-nos mais na história de um homem que fez importantíssimas descobertas e com o qual a posteridade é soberanamente injusta, deixando o seu nome no esquecimento.

Lacerda, de quem se ignora a data e o lugar do nascimento, era engenheiro. Nessa qualidade foi encarregado de proceder à delimitação das fronteiras entre as possessões espanholas e portuguesas da América do Sul. É assim que se lhe deve um grande número de observações interessantes acerca da província de Mato Grosso, cujos pormenores foram impressos na *Revista Trimensal do Brasil*. Quais foram as circunstâncias que o levaram, depois dessa expedição, tão bem conduzida, às possessões portuguesas da África? Qual era o seu fim procurando atravessar a África Austral desde a costa oriental até ao reino de Luanda? Não sabemos, mas o que sabemos é que partiu em 1797 de Tete, cidade bem conhecida, à testa de uma caravana imponente, para se dirigir aos estados do Cazembe.

O déspota que governava este país era afamado tanto pela sua benévola humanidade como pelos altos feitos. Parece que habitava uma capital que se designava pelo nome de Lunda, que não tinha menos de duas milhas de extensão e que estava situada na margem oriental de um certo lago. Seria por conseguinte muito interessante identificar estas localidades com as que hoje conhecemos nas mesmas paragens; mas a ausência de pormenores mais característicos obriga-nos a conservar-nos em reserva, sem deixarmos de observar que o nome de Lunda era bem conhecido, graças aos viajantes portugueses; quanto ao Cazembe, a sua situação está há muito tempo fora de debate.

Muito bem recebido pelo rei, Lacerda demorou-se uma dúzia de dias junto dele, depois declarou que queria continuar a sua viagem. Infelizmente a uma ou duas jornadas de Lunda, sucumbia às fadigas do caminho e à insalubridade do clima.

O rei negro reuniu os cadernos e os apontamentos do viajante português e deu ordem para que fossem transportados, assim como os seus restos, para a costa de Moçambique. Mas, durante o trajeto, a caravana, encarregada desses preciosos despojos, foi atacada e os ossos de Lacerda ficaram abandonados na terra africana. Quanto às suas observações, um dos seus sobrinhos, que fazia parte da expedição, trouxe-as para a Europa.

Devemos agora dar volta completa ao continente africano e contar as explorações tentadas pelo lado do oriente durante o século XVIII. Uma das mais importantes, pelos seus resultados, é a do cavalheiro Bruce.

Nascido na Escócia, como um grande número dos viajantes da África, James Bruce fora destinado pela sua família para o estudo do direito e para a profissão de advogado. Mas essa posição, eminentemente sedentária, não podia convir às suas predileções. Assim foi com prazer que aproveitou ocasião de entrar na carreira comercial. Tendo morrido sua mulher, depois de alguns anos de casamento, Bruce partiu para Espanha, onde se apaixonou pelo estudo dos monumentos árabes. Queria publicar a descrição de todos os que conserva o Escorial, mas o Governo espanhol negou-lhe autorização.

De volta para Inglaterra, Bruce pôs-se a estudar as línguas orientais e especialmente o etíope, que se não conhecia ainda senão pelos trabalhos incompletos de Ludolf.

Numa conversação com Lord Halifax, este propôs-lhe, sem ligar grande importância às suas palavras, o tentar a descoberta das fontes do Nilo. Imediatamente Bruce entusiasma-se, abraça este projeto com ardor e emprega todos os esforços para o realizar. As objeções são combatidas, os obstáculos vencidos pela tenacidade do viajante, e, no mês de junho de 1768, Bruce deixa o céu brumoso de Inglaterra pelas paisagens banhadas de sol das praias do Mediterrâneo.

À pressa e para se ir costumando, Bruce percorre sucessivamente algumas ilhas do arquipélago, a Síria e o Egito. Partindo de Djedda, o viajante inglês visita Meca, Lohlia e desembarca em Maçuá a 19 de setembro de 1769. Tivera cuidado de se munir de um firmão do sultão, de cartas do bei do Cairo e do xerife de Meca. Foi uma precaução acertada, porque o naibe ou governador dessa ilha fez todos os esforços para o impedir de penetrar na Abissínia e para lhe arrancar avultados presentes.

Os missionários portugueses tinham outrora explorado a Abissínia. Graças ao seu zelo possuíam-se já algumas noções sobre este país, mas estavam longe de igualar em exatidão as que Bruce ia colher. Apesar de muitas vezes se ter posto em dúvida a sua veracidade, os viajantes que o seguiram nos países que ele visitara fizeram justiça à segurança das suas informações.

De Maçuá para Adowa, a estrada sobe gradualmente e escala as montanhas que separam o Tigré das costas do mar Vermelho.

Adowa não era outrora a capital do Tigré. Estabelecera-se ali uma manufatura dessas grossas fazendas de algodão que circulam em toda a Abissínia e servem de moeda corrente. Nos arredores o solo é bastante profundo para se cultivar o trigo.

«Há nestas regiões — diz Bruce — três colheitas por ano. As primeiras sementeiras fazem-se em julho e agosto. As chuvas caem então em abundância. Apesar disso, semeia-se trigo *tocusso*, *teff* e cevada. Aí por 20 de novembro começam a colher a cevada, depois o trigo, e depois o *tocusso*. Subitamente, semeiam de novo, em lugar de todos esses cereais, cevada, que colhem em fevereiro, depois semeiam pela terceira vez *teff*, e a maior parte das vezes uma espécie de ervilha, chamada *shimbra*, e colhe-se antes das primeiras chuvas de abril. Mas, apesar da vantagem desta tríplice colheita, que não custa nem adubo nem trabalho, os cultivadores abissínios são sempre muito pobres».

Em Fremona, não longe de Adowa, estão situados os restos de um convento de jesuítas, que mais parece um forte do que habitação de homens de paz. A dois dias de marcha mais adiante encontram-se as ruínas de Axum, a antiga capital da Abissínia.

«Numa grande praça, que eu creio ter sido o centro da cidade — diz Bruce —, veem-se quarenta obeliscos, dos quais nem um só é ornado de hieróglifos. Os dois mais belos estão caídos; mas um terceiro, um pouco mais pequeno do que esses dois e maior do que todos os outros, está ainda de pé. São todos de um só pedaço de granito, e, no cimo do que está de pé, vê-se uma pátera superiormente esculpida no gosto grego...

Depois de ter passado para diante do convento de Abba-Pantaleão, chamado Mantilhas na Abissínia, e do pequeno obelisco que está situado num rochedo por cima deste convento, seguimos um caminho conduzindo para o sul e aberto numa montanha de mármore extremamente vermelho, onde tínhamos à esquerda um muro de mármore, formando parapeito de cinco pés de altura. De

distância a distância veem-se nessa muralha pedestais sólidos, nos quais há muitas indicações de que serviram para carregar com as estátuas colossais de Sirius, do ladrador Anúbis ou de Canícula. Existem ainda no seu lugar cento e trinta e três desses pedestais com as indicações de que acabo de falar. Mas só ali restam duas figuras de cão, que, apesar de muito mutiladas, mostram facilmente que são esculpidas no gosto egípcio.

Há também pedestais em que estiveram colocadas figuras de esfinges. Dois magníficos renques de degraus de granito, de muitos centos de pés de comprimento, superiormente trabalhados e ainda intactos, são os últimos restos de um templo soberbo. A um canto de plataforma onde esse templo se elevava, vê-se hoje a pequena igreja de Axum. Pequena, mesquinha, muito maltratada, essa igreja está cheia de estrume de pombos».

Foi ao pé de Axum que Bruce viu três soldados cortarem, de uma vaca viva, o bife que devia servir para o seu jantar.

«Deixaram inteira — diz ele muito seriamente — a pele que recobria o sítio onde eles tinham cortado a carne e pregaram-na com alguns pedacinhos de madeira. Não sei se meteram alguma coisa entre o couro e a carne, mas o que é certo é que cobriram a ferida toda com lama; depois obrigaram o animal a levantar-se e fizeram-no caminhar adiante deles, sem dúvida para que lhes pudesse fornecer uma nova refeição à noite quando se juntassem com os seus camaradas».

Do Tigré passou Bruce para a província do Siré, que tira o nome da sua capital, cidade maior que Axum, mas onde reinam continuamente febres pútridas. Perto dali corre o Takazzé, o antigo Siris, de águas piscosas, de margens ensombradas por majestosas

árvores. Na província de Samen, onde Bruce foi inquietado pelos leões e pelas hienas, onde grossas formigas negras devoraram uma parte das suas bagagens no meio das montanhas de Waldubba, país doentio e ardente, para onde numerosos frades se tinham retirado, a fim de se entregarem à penitência e à oração, Bruce parou o tempo necessário para o descanso das suas bestas de carga. Tinha pressa de chegar a Gondar, porque o país estava dilacerado pela guerra civil e a situação dos estrangeiros não era nada segura.

No momento em que Bruce chegou à capital, a febre tifoide fazia aí grandes devastações. Os seus triunfos como médico foram-lhe muitíssimo úteis. Não tardou a alcançar uma situação muito vantajosa, debaixo de todos os pontos de vista, com um comando, que lhe permitiu percorrer à testa de corpos de tropas o país em todas as direções. Colheu assim uma infinidade de observações interessantes acerca do país, do seu governo, dos seus costumes, dos seus habitantes e dos acontecimentos da sua história, que fizeram do seu trabalho a obra mais importante que até então se publicara acerca da Abissínia.

Foi durante uma dessas excursões que Bruce descobriu as fontes do Nilo Azul, que ele julgava que era o verdadeiro Nilo. Chegando à igreja de S. Miguel Géesh, onde o rio tinha apenas quatro passos de largura e quatro polegadas de profundidade, Bruce reconheceu que as suas fontes deviam estar próximas, mas o seu guia assegurou-lhe que ainda era necessário escalar uma montanha para lá chegar. Como era natural, o viajante não se deixou iludir.

«Vamos, vamos — disse Bruce —, basta de palavreado! Já é tarde, conduza-nos a Géesh e às fontes do Nilo e mostre-me a montanha que delas nos separa. — Fez-me passar então para o sul

da igreja, e, tendo saído do bosque de cedros que a rodeiam: — É aquela, disse ele, encarando-me maliciosamente, é aquela montanha que, quando estava do outro lado da igreja, o separava das fontes do Nilo. Não há outra. Veja esta eminência coberta de relva, no meio deste terreno húmido. É ali que se encontram as duas fontes do Nilo. Géesh está situada no alto rochedo, onde se veem estes arbustos tão verdes. Se for até ao pé das fontes, tire os sapatos, como fez no outro dia, porque os habitantes deste território são todos pagãos e não acreditam em nada daquilo em que o senhor acredita, a não ser no Nilo, que invocam todos os dias como um deus, como talvez o senhor o invoque também.

Tirei os sapatos, desci precipitadamente a colina, e corri para a pequena ilha vicejante, que estava a perto de duzentos passos de distância. Toda a encosta da colina achava-se atapetada de flores, cujas grossas raízes rasgavam a terra. E como, à medida que ia correndo, ia observando essas raízes ou cebolas, caí duas vezes muito desastradamente, antes de chegar à borda da lagoa, mas aproximei -me, enfim, da ilha alcatifada de relva.

Achei-a semelhante a um altar, forma que deve sem dúvida à arte, e fiquei enlevado contemplando a fonte principal que repuxa no meio desse altar.

Certamente, é mais fácil imaginar do que descrever o que então senti. Conservava-me de pé em frente dessas fontes a que há três mil anos o génio e a coragem dos homens tinham debalde tentado chegar».

A viagem de Bruce encerra ainda muitas observações curiosas, mas temos de nos restringir. Por isso só referiremos o que ele diz do lago Tzana.

«O lago Tzana — pelo que diz a relação — é, sem dúvida, o mais vasto reservatório que há nestes países. Contudo, a sua extensão foi muito exagerada. A sua maior largura é de Dingleber a Langué, quer dizer, de leste a oeste, e tem trinta e cinco milhas em linha reta, mas estreita-se muito pelas extremidades. Não tem mesmo talvez mais de dez milhas em alguns sítios. O seu maior comprimento é de quarenta e nove milhas de norte a sul, e vai do Bab-Baha um pouco para o sudoeste quarto de oeste desse sítio em que o Nilo, depois de ter atravessado o lago por uma corrente sempre visível, volta para Dara, no território de Allata. Na estação das secas, quer dizer, do mês de outubro ao mês de março, o lago diminui muito; mas, quando as chuvas engrossam, todos os rios, que vêm reunir-se como os eixos de uma roda, se reúnem no centro, e o lago aumenta e trasborda numa parte da planície.

Se dermos crédito aos Abissínios, que são sempre uns grandes mentirosos, há no lago Tzana quarenta e cinco ilhas habitadas. Mas parece-me que esse número se pode reduzir a onze. A principal é Dek, Daka ou Daga; as mais consideráveis em seguida são Halimoon, do lado de Gongora, Briguida, do lado de Gorgora, e Galila, que fica para além de Briguida. Todas essas ilhas eram outrora as prisões para onde se enviavam os grandes da Abissínia ou então escolhiam-nas eles mesmos para se retirar, quando estavam descontentes da corte, ou quando enfim, em tempos de discórdia, queriam pôr em segurança os seus objetos mais preciosos».

Depois de termos visitado a Abissínia com Bruce, subamos para o norte.

Começava a fazer-se luz acerca da antiga civilização do Egito. As viagens arqueológicas de Pococke. de Norden, de Niebuhr, de

Volney, de Savary, tinham sido sucessivamente publicadas e a Comissão do Egito trabalhava na redação da sua grande e magnífica obra. Os viajantes tornavam-se todos os dias mais numerosos e foi assim que W. C. Browne, a exemplo de tantos outros, quis conhecer a terra dos Faraós.

A sua obra oferece-nos ao mesmo tempo o quadro dos monumentos e o das ruínas que tornam este país tão interessante e a pintura dos costumes dos povos que o habitam. A parte absolutamente nova é a que se refere ao Darfur, país em que nunca penetrara um só europeu. Enfim, o que assegura um lugar à parte a Browne entre tantos viajantes é que foi o primeiro que compreendeu que o Bahr-el-Abiad era o verdadeiro Nilo, e que procurou, não descobrir-lhe a nascente — não podia contar com isso —, mas aproximar-se dela o bastante para lhe determinar a direção e a latitude.

Chegando ao Egito a 10 de janeiro de 1792, Browne fez a sua primeira viagem a Siouah, onde reconheceu, como Hornemann reconheceu depois, o oásis de Júpter Ámon. Não teve muito mais do que o seu sucessor a faculdade de explorar as ruínas e as catacumbas, onde viu um grande número de crânios e de ossos humanos.

«As ruínas de Siouah — diz ele — parecem-se tanto com as do Alto Egito, que não se pode duvidar de que os edifícios de que elas provêm foram construídos pela mesma raça de homens. Ali se distinguem facilmente, entre as esculturas, as figuras de Ísis e de Anúbis, e as proporções da sua arquitetura são, ainda que mais pequenas, as mesmas que as dos tempos egípcios.

Os rochedos que vi na vizinhança das ruínas de Siouah eram de uma natureza arenosa, que não tinha relação alguma com a qualidade das pedras destas ruínas, de forma que penso que, quando se construíram os edifícios, não é possível que os materiais fossem alcançados nesse mesmo sítio. Os habitantes de Siouah não conservaram, acerca desses objetos, tradição alguma verosímil; o que unicamente imaginam é que encerram tesouros e que são frequentados por demónios».

Assim que deixou Siouah, Browne fez muitas excursões no Egito e foi estabelecer-se no Cairo, onde aprendeu o árabe. Deixou esta cidade a 10 de setembro de 1792 e visitou sucessivamente Kaw, Achmin, Girgeh, Denderah, Kous, Tebas, Assuão, Kosseir, Mênfis, Suez, o monte Sinai; depois, desejoso de penetrar na Abissínia, mas certo de que o não poderia fazer por Maçuá, partiu de Assiout, para o Darfur, no mês de maio de 1794, com a caravana do Sudão. Ainé, Dizé, Charjé, Boulak, Sheb, Seliné, Leghéa, Bir-el-Malha, tais foram as estações da caravana antes de chegar ao Darfur.

Retido em Soneini, doente, Browne não pôde alcançar El-Fascher senão depois de uma larga demora. Nesta cidade os vexames e as exações recomeçaram, e Browne não pôde conseguir ser recebido pelo sultão. Teve de passar o inverno em Cobbé, esperando uma convalescença, que só veio durante o verão de 1794. Contudo esta inação forçada não significou perfeitamente tempo perdido para o viajante: aprendeu a conhecer os costumes e o dialeto do Darfur.

Quando voltou o estio, Browne regressou a El-Fascher e recomeçou as suas tentativas. Tinham sempre o mesmo resultado

negativo, quando uma injustiça, mais grave do que as outras, fez com que Browne obtivesse enfim a entrevista com o sultão que pedia há tanto tempo.

«Achei o monarca (Abb-el-Raschman) no seu trono e debaixo de um dossel de madeira muito elevado, guarnecido de diversas fazendas da Síria e das Índias, flutuantes e indistintamente misturadas. O lugar do trono estava coberto de pequenos tapetes da Turquia. Os *meleks* (oficiais da corte) estavam sentados à direita e à esquerda, mas a alguma distância do trono. Detrás deles havia uma fileira de guardas, cujos bonés eram ornados na frente com uma pequena chapa de cobre e com umas penas de avestruz negras. A armadura desses guardas consistia numa lança, que seguravam com a mão direita, e num escudo de pele de hipopótamo, que cobria o seu braço esquerdo. A única vestimenta era uma camisa de algodão fabricado na terra. Detrás do trono viam-se catorze ou quinze eunucos, vestidos de ricas fazendas de diferentes espécies e cujas cores eram o mais disparatadas possível. O número dos solicitadores e dos espectadores, que ocupavam o lugar diante do trono, elevava-se a mais de mil e quinhentos.

Um louvaminheiro pago conservava-se de pé à esquerda do príncipe e gritava continuamente com toda a sua força: «Vejam o búfalo! O filho de um búfalo! O touro dos touros! O elefante de uma força extraordinária! O poderoso sultão Abb-el-Raschman-el-Raschid! Que Deus proteja a tua vida, ó senhor! Que Deus te auxilie e te torne vitorioso!»

O sultão prometeu justiça a Browne e entregou o seu negócio nas mãos de um dos *meleks*. Contudo, não lhe restituíram senão a sexta parte do que lhe fora roubado.

O viajante só entrara no Darfur para o atravessar; percebeu que lhe não seria fácil deixá-lo e que tinha de, em todo o caso, renunciar a levar mais adiante a sua exploração.

«A 12 de dezembro de 1795, quer dizer depois de seis meses de residência, acompanhei — diz Browne — o *chatib* (uma das primeiras personagens do império) à audiência do sultão. Repeti-lhe sucintamente o que eu pedira, o *chatib* secundou as minhas solicitações, mas não com todo o zelo que eu desejaria.

O sultão não deu a mínima resposta ao pedido que eu lhe fazia de me deixar continuar a viagem; esse déspota iníquo, que recebera de mim o equivalente a setecentas e cinquenta piastras de mercadorias, não consentia em dar-me senão vinte bois magros, que avaliava em cento e vinte piastras! O fraco estado das minhas finanças não me permitia recusar este injusto pagamento. Aceitei-o e disse adeus a El-Fascher, na esperança de nunca mais lá voltar».

Foi só na primavera de 1796 que Browne pôde deixar Darfur e juntar-se à caravana que voltava para o Egito.

A cidade de Cobbé, apesar de não ser a residência dos mercadores, deve ser considerada como a capital do Darfur. Tem mais de duas milhas de comprimento, mas é muito estreita. Cada casa fica situada no meio de um campo cercado de paliçadas, entre cada uma das quais se acha um terreno baldio.

A planície, onde a cidade se levanta, estende-se para oeste e para sudoeste até uma distância de vinte milhas. Quase todos os habitantes são mercadores, que comerceiam com o Egito. O número de habitantes pode elevar-se a seis mil, e ainda assim são muitos mais os escravos do que as pessoas livres. A população total do Darfur não deve exceder duzentos mil indivíduos, mas Browne não

pôde chegar a essa avaliação senão pelo número de recrutas reunidos para a guerra contra o Cordofão.

«Os habitantes do Darfur — diz a relação — são de diferente origem. Uns vêm das margens do Nilo, os outros saem das regiões ocidentais; são ou *foukharas* (sacerdotes) ou comerciantes. Há muitos árabes, alguns dos quais residem permanentemente no país. Esses árabes pertencem a diferentes tribos. Levam, pela maior parte, uma vida errante nas fronteiras do Darfur, onde fazem pastar os seus camelos, os seus cavalos e os seus bois, e não são tão sujeitos ao sultão que sempre lhe deem socorros em tempo de guerra ou que lhe paguem sempre tributo em tempo de paz... Depois dos árabes vem a gente do Zéghawa, país que formava outrora um Estado independente, cujo chefe podia, segundo se diz, pôr em campanha mil cavaleiros tomados entre os seus próprios súbditos. Os Zéghawas falam um dialeto diferente do de Darfur.

Podem-se contar depois os habitantes do Bego ou Dageau, agora súbditos do Darfur, descendentes de uma tribo que dominava outrora este país».

Os Darfurianos podem suportar por muito tempo a sede e a fome, e, contudo, entregam-se com paixão ao uso de um licor fermentado, o *bouza* ou *mérissé*. O roubo, a mentira, a fraude nos mercados e todos os vícios que os acompanham, são as prendas dos Darfurianos.

Vendendo e comprando, o pai que pode enganar seu filho e o filho que pode enganar seu pai — gloriam-se disso. É atestando o nome de Deus e do Profeta que se cometem as mais atrozes ladroeiras e que se pronunciam as mentiras mais impudentes.

«A poligamia é, como todos sabem, tolerada pela religião maometana, e os habitantes do Darfur abusam disso com excesso. Quando o sultão Teraub partiu para ir fazer guerra ao Cordofão, levava consigo quinhentas mulheres e deixava outras tantas no seu palácio. Isto à primeira vista pode parecer ridículo, mas deve-se pensar que estas mulheres estavam encarregadas de moer o trigo, de ir buscar água, de cozinhar e de fazer todos os trabalhos da casa para um grandíssimo número de pessoas».

A relação de Browne encerra ainda interessantíssimas observações médicas, conselhos sobre a maneira de viajar na África e pormenores acerca dos animais, dos peixes, dos metais e das plantas do Darfur. Não nos demoramos com isso, porque nada encontramos que chame a atenção de um modo especial.

Capítulo 8 — A Ásia e os Seus Povos

No fim do século XVII, o viajante Nicolau Witzen percorrera a Tartária Oriental e Setentrional e trouxera uma curiosíssima história de viagem, que publicou em 1692. Essa obra, escrita em holandês e que não foi traduzida em língua alguma europeia, não obteve para o seu autor a notoriedade a que tinha direito. Ilustrada com gravuras numerosas, pouco artísticas, é verdade, mas cuja fidelidade parece demonstrada pela sua própria ingenuidade, esse livro foi reeditado em 1705, e os últimos exemplares desta grande edição foram renovados em 1785 por um novo título. Não havia contudo necessidade disso, porque existiam já, nessa época, relações muito mais curiosas e muito mais completas.

Desde o dia em que os jesuítas haviam conseguido pôr pé no Celeste Império, tinham trabalhado, por todos os meios ao seu alcance, em reunir documentos de todo o género acerca desse imenso país, que não era conhecido, antes deles, senão pelas narrativas maravilhosas de Marco Polo. Apesar de a China ser a pátria da estagnação e de os costumes ali se conservarem constantemente os mesmos, tantos acontecimentos se tinham passado que se não podia deixar de desejar obter informações de um modo mais exato acerca de um país com o qual a Europa podia encetar vantajosas relações.

Os resultados das investigações dos padres da Companhia de Jesus, que até aí tinham sido publicados na com pilção preciosa das *Cartas Edificantes*, foram reunidos, revistos, aumentados por um dos

seus mais zelosos representantes, pelo padre Du Halde. O leitor não espera sem dúvida que resumamos essa obra imensa: um volume não bastaria para isso, e demais as informações que hoje possuímos são mais completas do que aquelas que se devem à paciência e à crítica esclarecida do padre Du Halde, que compôs a primeira obra verdadeiramente séria acerca do Celeste Império.

Ao mesmo tempo que se entregavam a esses trabalhos, o mais meritorios possível, os jesuítas entregavam-se às observações astronómicas, juntavam para os herbários espécimes de história natural e publicavam mapas que ainda se consultavam com lucro não há muito tempo, com relação a algumas províncias remotas do império.

No fim do século XVIII, um cônego de S. Luís do Louvre, o abade Grosier, publicava a seu turno, e debaixo de uma forma resumida, uma nova descrição da China e da Tartária. Ali se aproveitava dos trabalhos do seu antecessor, o padre Du Halde, que retificava e completava também. A obra avolumada do abade Grosier, depois de uma descrição das quinze províncias da China e da Tartária chinesa, assim como dos Estados tributários, tais como a Coreia, o Tonquim, a Cochinchina e o Tibete, consagra longos capítulos à população e à história natural da China. Depois passa em revista o governo, a religião, os costumes, a literatura, as ciências e as artes dos Chineses.

Nos últimos anos do século XVIII, o Governo inglês, querendo abrir relações comerciais com a China, enviou a esse país, como embaixador extraordinário, Jorge de Macartney. Esse diplomata já percorrera a Europa, a Rússia, e, sucessivamente, governador das Antilhas inglesas, governador de Madrasta, depois governador-geral

das Índias, adquirira, nessa longa convivência com os homens, em latitudes e em climas tão diferentes, uma ciência profunda dos motores que os impelem na vida. Por isso a história da sua viagem encerra uma infinidade de factos ou de observações que permitiram aos Europeus formar uma ideia bem mais exata dos Chineses.

Pela narrativa de aventuras ou de observações pessoais sempre o leitor se interessa mais do que por um trabalho anónimo. O eu é odioso, diz um provérbio conhecido; não é exato no que respeita a relações de viagem, e aquele que pode dizer: «Estava eu presente, e sucedeu tal coisa», encontrará sempre um ouvido atento e favoravelmente prevenido.

Uma esquadra de três navios, composta do *Leão*, do *Indostão* e do *Chacal*, partiu de Portsmouth a 26 de dezembro de 1792, levando Macartney e a sua comitiva. Depois de muitas arribadas, ao Rio de Janeiro, às ilhas de S. Paulo e de Amesterdão, onde foram vistos caçadores de vitelos-marinhos, a Batávia e a Bantão, na ilha de Java, a Poulo-Condor, os navios fundearam em Turon (Han-San), na Cochinchina, vasta baía de que só se tinha uma péssima carta. A chegada dos navios ingleses inspirou ao princípio alguma inquietação aos Cochinchineses, mas assim que souberam os motivos que forçaram a esquadra a parar neste sítio, foi um alto dignitário enviado com presentes a Macartney, que logo depois foi convidado pelo governador para uma refeição seguida por uma representação dramática. Estes pormenores são completados com algumas observações, colhidas com tanta rapidez que não podem ser muito exatas, acerca dos costumes e das variedades de raça dos Cochinchineses.

Os navios tornaram a dar à vela logo que os doentes recuperaram a saúde e que as provisões se renovaram. Depois de uma arribada às ilhas dos Ladrões, a esquadra penetrou no estreito de Formosa, onde foi assaltada por mau tempo, e entrou no porto de Chusan. Aproveitou-se esta arribada para corrigir o mapa deste arquipélago e visitar a ilha de Tiug-Hai, onde os ingleses excitaram tanta curiosidade como era a que sentiam ao verem tantas coisas novas para eles.

As casas, os mercados, os fatos dos chineses, a pequenez dos pés das suas mulheres, tudo o que nós agora conhecemos, excitavam, no mais elevado grau, o interesse dos estrangeiros. Demorar-nos-emos contudo a referir os processos empregados pelos Chineses para a cultura das árvores anãs.

«Esta espécie de vegetação enfezada — diz Macartney — parece ser estimada pelos curiosos da China, porque se encontram exemplares em todas as casas importantes. Uma parte do talento do jardineiro consiste em saber produzi-la, e é essa uma arte inventada na China. Independentemente do mérito de vencer uma dificuldade, tem-se, graças a essa arte, a vantagem de introduzir, em aposentos ordinários, vegetais que de outra forma a sua grandeza natural não permitiria fazer entrar lá para dentro.

O método que se emprega na China para produzir as árvores anãs é como vamos referir. Depois de se escolher a árvore de que se quer tirar uma anã, põe-se sobre o seu tronco, e o mais perto possível do sítio onde se divide em ramos, uma certa quantidade de argila, que se ampara com um invólucro de panos de cânhamo ou de algodão, e que se tem cuidado de se regar muitas vezes para se conservar húmido. Essa argila fica ali algumas vezes o ano todo, e

durante esse tempo o lenho que ela cobre deita fibras tenras, que parecem raízes. Então a parte do tronco donde saem essas fibras, e o tronco imediatamente superior, são separados com precaução do resto da árvore e plantados numa terra nova, onde as fibras em breve se tomam verdadeiras raízes, ao passo que o ramo forma a haste de um vegetal, que se acha de certa forma metamorfoseado. Esta operação não destrói nem altera a faculdade produtiva de que gozava o ramo antes de ser separado do tronco paternal. Assim, se tinha flores ou frutos, continua a cobrir-se deles, apesar de não estar já no seu primeiro tronco. Arrancam-se sempre os pimpolhos das extremidades dos ramos que se destinam a passar a ser árvores anãs, o que os impede de se estenderem e os obriga a deitar outros pimpolhos e ramos laterais. Esses ramos, presos com arames, tomam o efeito que o jardineiro lhes quer dar.

Quando se deseja que a árvore possua uma aparência velha e decrépita, unta-se, por muitas vezes, com teríaca ou com melão, o que atrai legiões de formigas, que, não contentes com devorar essas matérias, atacam a casca da árvore e corroem-na de forma que em breve produz o efeito desejado».

Deixando Chusan, a esquadra penetrou no mar Amarelo, que nunca fora sulcado nem por um só navio europeu. É nesse mar que se lança o rio Hoang-Ho, que, na sua longa e tortuosa carreira, arrasta uma enorme quantidade de limo amarelado, donde vem o nome dado a esse mar.

Os navios ingleses fundearam na baía de Tenchou-Fou, entraram em breve no golfo de Pequim e pararam diante da barra do Pei-Ho. Como não restavam senão três ou quatro pés de água nesta barra, na baixa-mar, os navios não a puderam passar.

Uns mandarins, nomeados pelo Governo para receber o embaixador inglês, chegaram quase imediatamente, trazendo uma grande quantidade de presentes. Aqueles que, em troca, eram destinados para o imperador, foram baldeados para juncos, enquanto o embaixador devia passar para um iate que lhe fora preparado.

A primeira cidade, diante da qual parou o cortejo, foi Takou, onde Macartney recebeu a visita do vice-rei da província e do mandarim principal. Eram dois homens de modos nobres e veneráveis, muito polidos, e isentos dessa obsequiosidade e dessas prevenções que se encontram nas classes inferiores.

«Com razão se diz — observa Macartney — que o povo é o que o fazem, e os ingleses disso tiveram continuadas provas no efeito que produzia no vulgo dos chineses o medo da mão pesada do poder. Quando estavam ao abrigo desse receio, pareciam ter um caráter alegre e confiado, mas na presença dos seus magistrados pareciam extremamente embaraçados e tímidos».

Subindo o Pei-Ho não se caminhava senão com extremo vagar para Pequim, por causa das inumeráveis voltas do rio. O campo, admiravelmente bem cultivado, as casas e as aldeias espalhadas à borda da água ou no interior das terras, os cemitérios, as pirâmides de sacos cheios de sal, desenrolavam-se num quadro encantador e sempre variado; depois, quando caía a noite, as lanternas de diversas cores, penduradas nos mastros dos juncos e dos iates, lançavam na paisagem tintas singulares, que lhe davam um aspeto fantástico.

Tien-Tsing quer dizer «lugar celeste», e a cidade deve esse nome ao seu clima agradável, ao céu puro e sereno, à fertilidade dos

seus arredores. O embaixador foi ali recebido pelo vice-rei e pelo legado, enviados pelo imperador. Disseram a Macartney que o imperador estava na sua residência de estio, na Tartária, e que ali queria celebrar, no dia 17 de setembro, o aniversário do seu nascimento. A embaixada devia, por conseguinte, subir por água até Tong-Schou, a doze milhas de Pequim, e alcançar por terra Zhé-Hol, onde se achava o imperador. Quanto aos presentes, acompanhariam o embaixador. Se a primeira parte desta comunicação agradou a Macartney, a última foi-lhe singularmente desagradável, porque os presentes que trazia consistiam em instrumentos delicados, que tinham sido desmanchados à partida e empacotados peça a peça. O legado não queria consentir em que esses instrumentos ficassem depositados num sítio donde não tornassem a sair! Foi necessária a intervenção do vice-rei para salvar esses monumentos do génio e dos conhecimentos da Europa.

A flotilha que levava Macartney e a sua comitiva seguiu ao longo de Tien-Tsing. Esta cidade pareceu tão comprida como Londres e não encerrava menos de setecentas mil almas. Uma multidão considerável orlava a praia para ver passar a embaixada, e no rio toda a população aquática dos juncos se apinhava com risco de cair à água.

As casas são feitas de tijolos azuis — há muito poucos vermelhos — e algumas são de dois andares, o que é contrário à moda geral. A embaixada ali viu funcionar esses carros de velas, cuja existência pareceu por muito tempo fabulosa. São carros duplos de vimes, que têm uma grande roda no meio.

«Quando não há vento bastante para fazer andar o carro — diz a relação —, um homem, que lhe está verdadeiramente atrelado, o

puxa pela frente, enquanto outro o conserva em equilíbrio e o empurra por trás. Quando o vento é favorável, a vela torna inútil o trabalho do homem que vai na frente. Esta vela consiste numa esteira amarrada a dois paus espetados nos dois lados da carreta».

As margens do Pei-Ho estão, em alguns sítios, revestidas de parapeitos de granito para impedir as inundações, e encontram-se, de longe a longe, diques de granito, com uma comporta que permite regar os campos que ficam por baixo.

Apesar de todo este país parecer admiravelmente cultivado, era muitas vezes devastado por fomes, que sobrevinham em consequência de inundações, ou produzidas pelas devastações dos gafanhotos.

Até então a embaixada navegara no meio da imensa planície e aluvião de Petché-Li. Foi só no quarto dia depois de sair de Tien-Tsing que se descortinou no horizonte a linha azul das montanhas. Aproximavam-se de Pequim. A 6 de agosto de 1793 os iates fundearam a duas milhas desta capital e a meia milha de Tongchou-Fou.

Era necessário desembarcar para depor no palácio, chamado *Jardim da verdura perpétua*, os presentes que não podiam ser transportados sem perigo para Zhé-Hol. A curiosidade dos habitantes de Tongchou-Fou, já tão vivamente sobre-excitada pela presença dos ingleses, foi levada ao seu auge pela aparição de um criado negro.

«A sua pele, a sua cor de azeviche, a sua cabeça encarapinhada, as feições particulares da sua espécie, eram absolutamente novas para esta parte da China. Ninguém se lembrava de ter visto coisa semelhante. Alguns dos espectadores

duvidavam de que semelhante ente pertencesse à raça humana e as crianças gritavam que era um diabo preto *fanquée*. Mas o seu modo de bom humor não tardou a reconciliá-los com a sua fisionomia, e continuaram a encará-lo sem receio e sem desprazer».

Uma das coisas que mais surpreenderam os ingleses foi ver num muro o desenho de um eclipse da Lua, que devia realizar-se daí a alguns dias. Verificaram igualmente que o dinheiro era uma mercadoria para os Chineses, porque estes não têm moeda cunhada, e servem-se de barras, que só têm uma letra representativa do seu peso. A espantosa semelhança das cerimónias do culto de Fo com as da religião cristã não podia escapar aos ingleses. Macartney lembra que certos autores afirmaram que o apóstolo Tomé fora à China, enquanto o missionário Prémore afirma que foi uma peça que o diabo quis pregar aos jesuítas.

Foram necessários oitenta carros pequenos, quarenta e quatro carros de mão, mais de duzentos cavalos e perto de três mil homens para transportar os presentes oferecidos pelo Governo britânico. O embaixador e mais três ingleses acompanharam de palanquim esse comboio; os outros membros da embaixada iam a cavalo, da mesma forma que os mandarins, rodeando o embaixador. Uma multidão enorme se apinhava no caminho do cortejo. Quando Macartney chegou às portas de Pequim, foi acolhido por detonações de artilharia; assim que entrou para dentro dos muros, achou-se numa larga rua, não calçada, mas ornada de casas de um e de dois andares. Esta rua era atravessada por um belo arco de triunfo, de madeira, de três portas, tendo por cima tetos revirados e ricamente ornados.

«A embaixada — dizem — dava amplo assunto aos contos que cativavam nesse momento a imaginação do povo. Dizia-se que os presentes que ela trazia ao imperador consistiam em tudo o que era raro nos outros países e desconhecido na China. Afirmava-se gravemente que, entre os animais compreendidos nessas raridades, havia um elefante, que não era maior que um macaco, mas tão feroz como um leão, e um galo que se sustentava de carvão. Tudo quanto vinha de Inglaterra se supunha que era diferente do que até então se vira em Pequim, e que possuía qualidades absolutamente contrárias às que se sabia que lhe eram próprias».

Chegaram defronte da muralha do palácio imperial, suficientemente designado pela sua cor amarela. Avistavam pela porta montanhas artificiais, lagos, rios com pequenas ilhas e edifícios de fantasia semeados no meio das árvores. Ao fim de uma rua, que terminava ao norte das muralhas da cidade, os ingleses puderam entrever um vasto edifício, de altura considerável, que encerrava um sino de prodigiosa grandeza; depois continuaram a caminhar, atravessando a cidade de lés a lés.

O resultado das suas impressões não foi favorável. Por isso ficaram convencidos de que, se um chinês, atravessando Londres, visse as suas pontes, as suas praças, os seus inumeráveis navios, os seus *squaws*, os seus monumentos públicos, teria levado melhor ideia da capital da Grã-Bretanha do que eles formavam de Pequim.

Quando se chegou ao palácio, onde deviam estar postos em ordem os presentes do rei de Inglaterra, o governador entendeu-se com Lord Macartney sobre o modo de colocar e classificar esses objetos. Foram postos numa vasta sala, bem decorada, mas onde não havia senão o trono e algumas velhas jarras de porcelana.

Não entraremos nas particularidades das negociações intermináveis a que deu lugar a pretensão dos chineses de quererem que o embaixador de Inglaterra se prostrasse diante do imperador, pretensão humilhante, suficientemente indicada pela inscrição posta por cima dos pavilhões dos iates e dos carros da embaixada: *Embaixador trazendo tributo do país de Inglaterra.*

É na cidade chinesa, em Pequim, que fica situado esse campo que o imperador semeia todas as Primaveras, conforme o costume antigo. É ali que também se abre o *Templo da Terra*, aonde vai o soberano, no momento do solstício do estio, para reconhecer o poder do astro que ilumina o mundo e render-lhe graças pela sua benéfica influência.

Pequim é apenas a sede do governo; ali não há nem manufaturas, nem porto, nem comércio.

A população de Pequim é avaliada por Macartney em três milhões de habitantes. As casas de um só andar da cidade parece que não podiam bastar para semelhante população, mas é bom saber que só uma casa basta para uma família compreendendo três gerações. Esta densidade dos habitantes explica-se igualmente pela precocidade dos casamentos. Essas uniões prematuras são, nos Chineses, uma medida de previdência, porque os filhos, e especialmente os rapazes, são obrigados a tomar os pais a seu cargo.

A 2 de setembro de 1793, a embaixada deixou Pequim. Macartney fez a viagem em carruagem de posta e é provável que fosse a primeira vez que semelhante carruagem rodasse na estrada da Tartária.

À medida que se afastavam de Pequim, a estrada subia, o solo tornava-se mais arenoso e encerrava menos argila e menos terra preta. Em breve se encontraram imensas extensões de terreno plantadas de tabaco; Macartney entende que o uso dessa planta não veio da América, que o hábito de fumar devia ter nascido espontaneamente no solo asiático.

Com a qualidade do solo diminuía a população. Não se tardou a dar por isso. Ao mesmo tempo aumentava o número dos tártaros, e a diferença entre os costumes dos Chineses e dos seus conquistadores tomava-se menos sensível. No quinto dia da sua viagem avistaram os ingleses a grande muralha, que se tornou legendária.

«Tudo o que a vista pode abranger ao mesmo tempo — diz Macartney — desta muralha fortificada, prolongada pelas cordilheiras e pelos mais elevados cumes, descendo aos mais profundos vales, atravessando os rios por arcos que a sustentam, dupla, tríplice em muitos sítios, para tornar as passagens mais difíceis, e tendo torres ou fortes bastiões, pouco mais ou menos de cem em cem passos, tudo isso, digo eu, apresenta à alma a ideia de um empreendimento de uma grandeza assombrosa...

O que causa surpresa e admiração é a extrema dificuldade de conceber como se puderam levar materiais e construir muros em sítios que parecem inacessíveis. Uma das montanhas mais altas, pelas quais se prolonga a grande muralha, tem, segundo uma medida exata, cinco mil duzentos e vinte e cinco pés de altura.

Esta espécie de fortificação, porque o simples nome de muralha não dá uma ideia exata da sua estrutura, esta fortificação tem, diz-se, mil e quinhentas milhas de comprimento; mas, a falar a

verdade, não é igualmente perfeita. Esta extensão de mil e quinhentas milhas era a das fronteiras que separavam os chineses civilizados das diversas tribos dos tártaros vagabundos. Não é dessas espécies de barreiras que pode depender hoje a sorte das nações que se guerreiam.

Muitas das obras secundárias para dentro destes grandes baluartes vão cedendo aos esforços do tempo e principiam a cair em ruínas; outras foram consertadas; mas a muralha principal parece, quase por toda a parte, haver sido construída com tanta habilidade que, sem quase ter sido necessário tocar-lhe, se conserva inteira há perto de dois mil anos e parece ainda tão pouco suscetível de ruína como os baluartes de rocha que a própria natureza elevou entre a China e a Tartária».

Para além da muralha, a natureza parecia anunciar também que se entrava noutro país. A temperatura era mais fria, os caminhos mais escabrosos, as montanhas menos ricamente enfeitadas. O número dos homens de papeira era considerável nesses vales da Tartária e elevava-se, no dizer do Dr. Gillan, médico da embaixada, à sexta parte da população. A parte da Tartária em que essa doença é comum oferece uma grande semelhança com alguns cantões da Suíça e da Saboia.

Enfim, avistou-se o vale de Zhé-Hol, onde o imperador possui um palácio e um jardim em que habita de verão. O palácio chama-se *Residência de agradável frescura* e o parque *Jardim das árvores inumeráveis*. A embaixada foi recebida com as honras militares no meio de imensa multidão, entre a qual se notava um grande número de pessoas vestidas de amarelo.

Eram lamas inferiores, ou monges da seita de Fo, a que o imperador era afeiçoado.

As negociações que se tinham realizado em Pequim acerca da prostração diante do imperador recomeçaram. Enfim, Tchien-Lung dignou-se contentar-se com a forma respeitosa com que os ingleses costumavam aproximar-se do seu soberano. A receção fez-se com toda a pompa e cerimónia imagináveis. O concurso dos cortesãos e dos funcionários era prodigioso.

«Pouco depois de ser dia — diz a relação —, o som de muitos instrumentos e vozes confusas de homens ao longe anunciaram a aproximação do imperador. Daí a pouco apareceu, vindo detrás de uma alta montanha, orlada de árvores, como se saísse de um bosque sagrado, e precedido por certo número de homens, que celebravam em alta voz as suas virtudes e o seu poder. Vinha sentado numa cadeira descoberta e triunfal, transportada por dezasseis homens. Os seus guardas, os oficiais de sua casa, os porta-estandartes, os porta-umbelas e a música acompanhavam-no. Vestia uma túnica de seda de cor sombria e tinha na cabeça um barrete de veludo, bastante semelhante na forma aos dos montanhese da Escócia. Via-se na sua fronte uma pérola muito grossa, única joia ou enfeite que parecia trazer consigo».

Entrando na tenda, o imperador subiu ao trono pelos degraus da frente, pelos quais só ele tem o direito de passar. O grão-colau (primeiro-ministro) Ho-Choo-Taung e dois dos oficiais principais da sua casa estavam junto dele e nunca lhe falavam senão de joelhos. Quando os príncipes da família imperial, os tributários e os oficiais-mores do Estado se colocaram segundo a sua hierarquia, o presidente do tribunal dos costumes conduziu Macartney até ao

fundo do lado esquerdo do trono, lado que, segundo o uso chinês, é considerado como o lugar de honra. O embaixador ia seguido pelo seu pajem e pelo seu intérprete. O ministro plenipotenciário acompanhava-o.

Macartney, instruído pelo presidente, segurou com ambas as mãos e levantou acima da cabeça a grande e magnífica caixa de ouro, enriquecida com diamantes e de forma quadrada, em que vinha metida a carta do rei de Inglaterra ao imperador. Então, subindo os poucos degraus que conduzem ao trono, dobrou o joelho, fez um cumprimento brevíssimo e apresentou a caixa a Sua Majestade Imperial. Este monarca recebeu-a graciosamente com as suas mãos, colocou-a ao seu lado, e disse: «Que sentia muita satisfação pelo testemunho de estima e de benevolência que lhe dava Sua Majestade Britânica, enviando-lhe uma embaixada com uma carta e vários presentes; que pela sua parte nutria iguais sentimentos pelo soberano da Grã-Bretanha e que a harmonia seria sempre mantida entre os seus respectivos súbditos.»

Depois de alguns minutos de conversação particular com o embaixador, o imperador fez-lhe diversos presentes, assim como ao ministro plenipotenciário. Depois esses dignitários foram conduzidos a almofadas, diante das quais se achavam mesas cobertas de uma pirâmide de vasos encerrando uma grande quantidade de carnes e de frutas. O imperador comeu também, e distinguiu, durante esse tempo todo, os embaixadores com testemunhos de estima e obséquios, que deram em resultado levantar singularmente o Governo inglês na opinião pública. Mais ainda, Macartney e a sua comitiva foram convidados a visitar os jardins de Zhé-Hol. Durante o seu passeio, os ingleses encontraram o imperador, que parou para

receber as suas saudações, e os mandou acompanhar pelo seu primeiro-ministro, que todos consideravam como um vice-imperador, e por muitas outras personagens.

Esses chineses deram-se ao trabalho de conduzir o embaixador e a sua comitiva através de vastos terrenos plantados para recreio, e formando apenas parte desses imensos jardins. O resto estava reservado para as mulheres da família imperial, e a entrada era tão rigorosamente vedada aos ministros chineses como à embaixada inglesa.

Macartney percorreu em seguida um vale verdejante, onde havia muitas árvores, e sobretudo salgueiros de prodigiosa grossura. Entre essas árvores a relva era abundante, e nem o gado nem os ceifeiros lhe diminuían a vigorosa pujança. Os ministros chineses e os ingleses, tendo chegado à beira de um vasto lago, de forma irregular, embarcaram em iates e chegaram até uma ponte que atravessava o lago na sua parte mais estreita, e para além da qual parecia perder-se num longe muito obscuro.

Alguns dias depois, a 17 de setembro, Macartney e a sua comitiva assistiram à cerimónia que se realizou por ocasião do aniversário do nascimento do imperador. No dia seguinte e nos dias imediatos houve festas esplêndidas, a que Tchien-Lung assistiu com toda a sua corte. Os dançarinos de corda, os equilibristas, os prestidigitadores, cuja habilidade foi por tanto tempo sem rival, os lutadores, sucederam uns aos outros; depois apareceram habitantes das diversas regiões do império com os seus fatos nacionais, exibindo as diferentes produções do seu país. Chegou em seguida a vez dos músicos e dos dançarinos e, por fim, dos fogos-de-vistas,

que, apesar de queimados em pleno dia, produziram belíssimo efeito.

«Algumas invenções eram novas para os espectadores ingleses — diz a relação. — Vamos citar uma. Levantou-se uma grande caixa a uma altura considerável, e, tendo-se despegado o fundo, como se fosse por acaso, viu-se descer uma infinidade de lanternas de papel. Ao sair da caixa vinham todas dobradas e achatadas, mas desdobraram-se a pouco e pouco, afastando-se umas das outras.

Cada uma delas tomou uma forma regular, e de súbito viu-se aparecer dentro delas uma luz admiravelmente colorida... Os Chineses parece que têm a arte de vestir o fogo a seu capricho. De cada lado da grande caixa havia outras pequenas, que lhe correspondiam e que, abrindo-se da mesma maneira, deixaram cair uma rede de fogo, com divisões de forma diferente, brilhando como cobre brunido e flamejando como um relâmpago a cada impulso do vento. Tudo terminou com a erupção do vulcão artificial».

Ordinariamente, depois das festas do aniversário do seu nascimento, o imperador vai caçar animais ferozes para a Tartária; mas, como a sua muita idade não permitia a Tchien-Lung entregar-se a esse divertimento, resolveu voltar para Pequim, onde a embaixada inglesa o devia preceder.

Entretanto, Lord Macartney sentia que era tempo de fixar um termo à missão. Por um lado, os embaixadores não tinham o costume de residir de modo permanente na corte da China; por outro lado, os gastos consideráveis que a presença da embaixada causava ao imperador, que pagava todas as suas despesas, levaram-no naturalmente a abreviar a sua residência. Não tardou a receber de Tchien-Lung a resposta às cartas do rei de Inglaterra, os

presentes que o encarregavam de entregar ao rei e os que lhe eram destinados, assim como a todos os oficiais e funcionários que faziam parte da sua comitiva. Era uma despedida.

Macartney voltou para Tongchou-Fou pelo canal Imperial. Durante essa viagem de volta, os ingleses puderam ver o famoso pássaro *leut-zé* pescar por conta do seu dono. É tão bem ensinado que não há necessidade de lhe pôr ao pescoço um cordão ou um anel para o impedir de engolir uma parte da sua presa.

«Em cada escaler ou jangada há dez ou doze destes pássaros, que mergulham no mesmo instante em que o seu dono lhes faz um sinal. Não se podem ver, sem pasmo, os peixes enormes que estes pássaros apanham e trazem no bico».

Macartney conta um modo singular de caçar patos bravos e aves aquáticas. «Deixam-se flutuar na água jarras vazias e cabaças durante muitos dias, a fim de que os pássaros tenham tempo de se costumar a vê-las. Depois um homem entra na água, põe um desses vasos na cabeça, avança devagarinho, e, puxando pelas patas da ave de que se pôde aproximar, estrangula-a debaixo de água e continua, sem bulha, a sua caçada até encher o saco que leva consigo».

O embaixador dirigiu-se a Cantão, depois a Macau, e retomou o caminho de Inglaterra. Não precisamos de insistir nas peripécias da sua viagem de regresso.

Devemos transportar-nos agora para essa outra parte da Ásia, a que se poderia chamar a Ásia interior. O primeiro viajante com quem teremos de nos demorar um pouco é Volney.

Não há ninguém que não conheça, pelo menos de nome, o seu livro das *Ruínas*. A narrativa da sua viagem no Egito e na Síria é-lhe

muito superior. Não há nada de declamatório nem de pomposo: um estilo sóbrio, exato, positivo, faz desta obra uma das melhores e das mais instrutivas que se podem ler. Os membros da expedição do Egito nela encontraram, ao que se diz, indicações preciosas, uma apreciação exata do clima, dos produtos do solo, dos costumes dos habitantes.

Demais, Volney preparara-se, com sério entusiasmo, para essa viagem. Era para ele uma grande empresa, e não queria deixar ao acaso senão o menos que fosse possível. Fora assim que, apenas chegara à Síria, percebera que não podia penetrar intimamente nos mistérios da existência do povo senão habilitando-se, aprendendo a língua, a colher pessoalmente todas as suas informações. Retirou-se portanto para o mosteiro de Mar-Hanna, no Líbano, para aprender o árabe.

Tempo depois, a fim de compreender a vida que levam as tribos errantes dos desertos da Arábia, ligou-se a um xeque, habituou-se a pegar numa lança e a «correr a cavalo», e pôs-se em estado de acompanhar as tribos nas suas correrias através do deserto. Foi graças à proteção dessas tribos que pôde visitar as ruínas de Palmira e de Balbek, cidades mortas, de que nessa época quase apenas se conhecia o nome.

«A sua expressão — diz Sainte-Beuve —, isenta de fraseado e sóbria de cor, distingue-se por uma propriedade singular e por um rigor perfeito. Quando nos define a qualidade do solo do Egito e em que é que esse solo se distingue do deserto da África, «esse torrão preto, rico e leve» que o Nilo arrasta e deposita; quando nos pinta também a natureza dos ventos quentes do deserto, o seu calor seco, «cuja impressão se pode comparar à que se recebe da boca de um

forno banal, no momento em que se tira o pão para fora»; o aspeto inquietador dos ares, assim que eles começam a soprar; esse ar «que não é nebuloso, mas cinzento e pulverulento, e realmente cheio de um pó muito solto, que se não deposita e que penetra por toda a parte»; o Sol, «que não oferece já senão um disco arroxeadado» — Volney atinge uma verdadeira beleza, se esta expressão é permitida, aplicando-se a tal rigor de linhas uma beleza física, médica até certo ponto, e que faz lembrar o toque de Hipócrates no seu *Tratado do Ar, dos Lugares e das Águas*».

Se Volney não fez descoberta alguma geográfica que ilustrasse o seu nome, devemos pelo menos reconhecer nele um dos primeiros viajantes que tiveram consciência da importância da sua tarefa. Procurou reproduzir o aspeto «verdadeiro» das localidades que visitou, e não é pequeno merecimento esse, numa época em que nenhum explorador se privava de alindar as suas narrativas, sem suspeitar, nem por sombras, a responsabilidade em que incorria.

Pelas suas relações sociais, pela sua situação científica, o abade Barthélemy, que devia publicar em 1788 a sua *Viagem do Jovem Anacársis*, principiava a exercer uma certa influência e a pôr na moda a Grécia e os países circunvizinhos. Fora evidentemente nas suas lições que o Sr. Choiseul bebera o seu gosto pela história e pela arqueologia.

Nomeado embaixador em Constantinopla, resolveu este empregar as horas de ócio, que lhe deixavam as suas funções, em percorrer, como arqueólogo e como artista, a Grécia de Homero e de Heródoto. Essa viagem devia servir para completar a educação desse jovem embaixador de vinte e quatro anos, que, se se conhecia a si mesmo, não conhecia decerto os homens.

Demais, devemos crer que o Sr. Choiseul tinha consciência da sua insuficiência, porque se rodeou de sábios e de artistas sérios: o abade Barthélemy, o helenista Ansse de Villoison, o poeta Delile, o escultor Fauvel e o pintor Cassas. O único papel que representou na publicação da sua *Viagem Pitoresca da Grécia* foi o de um Mecenas.

O Sr. Choiseul-Gouffier empregara como secretário particular um professor, o abade João Batista Le Chevallier, que falava com facilidade a língua de Homero. Le Chevallier, depois de uma viagem a Londres, onde os interesses pessoais do Sr. Choiseul o demoraram o bastante para que tivesse tempo de aprender inglês, partiu para Itália, onde uma grave doença o reteve em Veneza durante sete meses.

Pôde somente então reunir-se em Constantinopla com o Sr. Choiseul-Gouffier.

Os estudos de Le Chevallier versaram principalmente sobre os campos onde existiu Troia. Profundamente versado no conhecimento da *Ilíada*, Le Chevallier procurou e julgou encontrar todas as localidades designadas no poema homérico. Este engenhoso trabalho de geografia histórica, esta restituição levantou, quase em seguida à sua aparição, numerosas controvérsias. Uns, como Bryant, declararam ilusórias as descobertas de Le Chevallier, por esta boa razão: que Troia e, com maior motivo, a guerra de Dez Anos, nunca tinha existido senão na imaginação daquele que a cantara. Muitos outros, e quase todos são ingleses, adotaram as conclusões do arqueólogo francês. Julgava-se havia muito a questão esgotada quando as descobertas do Sr. Schliemann vieram, recentissimamente, dar-lhe de novo atualidade.

Guilherme António Olivier, que percorreu uma grande parte do Oriente, no fim do século passado, teve uma singular fortuna. Empregado por Berthier de Sauvigny na redação de uma estatística da intendência-geral de Paris, viu-se privado do seu protetor e do prémio dos seus trabalhos pelos primeiros furores da Revolução. Procurando utilizar longe de Paris os seus talentos de história natural, Olivier recebeu do ministro Roland uma missão para as possessões remotas e pouco conhecidas do império otomano.

Deram-lhe como associado um naturalista chamado Bruguière.

Partindo de Paris no fim de 1792, os dois amigos esperaram quatro meses em Marselha que lhes encontrassem um navio próprio, e chegaram no fim de maio do ano seguinte a Constantinopla, portadores de cartas relativas à sua missão para o Sr. Sémonville. Mas este embaixador fora chamado. O seu sucessor, o Sr. Sainte-Croix, nunca ouvira falar na sua viagem. O que haviam de fazer enquanto não vinha a resposta às instruções que o Sr. Sainte-Croix pedia para Paris?

Os dois sábios não se podiam conservar ociosos. Resolveram-se por conseguinte a visitar as costas da Ásia Menor, algumas ilhas do Arquipélago e o Egito. Como o ministro da França tivera excelentes razões para não pôr à sua disposição senão pouquíssimo dinheiro, como eles mesmos só tinham limitadíssimos recursos, não puderam visitar senão de corrida todos esses países tão curiosos.

À sua volta para Constantinopla, Olivier e Bruguière encontraram um novo embaixador, Verminac, que estava encarregado de os mandar para a Pérsia, onde deviam esforçar-se por desenvolver as simpatias do Governo pela França e resolvê-lo, se fosse possível, a declarar guerra à Rússia.

A Pérsia estava, nessa época, num estado de anarquia horrorosa, e os usurpadores sucediam-se uns aos outros, para maior mal dos habitantes. Méhémet-Khan estava então no trono. Guerreava no Khorassan, quando chegaram Olivier e Bruguière. Ofereceram-lhes o irem ter com o xá a esse país, que ainda nenhum viajante visitara. O estado de saúde de Bruguière impediu-o de o fazer e reteve-os, durante quatro meses, numa aldeia perdida no meio das montanhas.

Em setembro de 1796, Méhémet voltou para Teerão. O seu primeiro ato foi mandar matar um cento de marinheiros russos, que tinham sido aprisionados nas praias do mar Cáspio, e mandar pregar os seus membros palpitantes nas portas do seu palácio. Tabuleta repugnante, bem digna de semelhante algoz!

No ano imediato, Méhémet foi assassinado, e seu sobrinho Fehtah-Ali-Shah sucedeu-lhe, mas não sem combate.

No meio destas incessantes mudanças de soberano, era difícil a Olivier desempenhar a missão de que o Governo francês o encarregara. Com cada novo príncipe era necessário recomeçar as negociações. Os dois diplomatas-naturalistas e viajantes, compreendendo que nada alcançariam enquanto o Governo tivesse esta instabilidade, incapaz de consolidar o poder nas mãos de um xá qualquer, retomaram o caminho da Europa e adiaram para melhor ensejo ou deixaram para outros mais hábeis o cuidado de concluir a aliança da França e da Pérsia. Bagdade, Ispão, Alepo, Chipre, Constantinopla, tais foram as estações da sua viagem de regresso. Se falhara o fim diplomático a que se aspirava, se, debaixo do ponto de vista geográfico, nenhuma descoberta, nenhuma observação se fizera, afirma Cuvier, no seu elogio de Olivier, que, no que respeita a

história natural, as informações alcançadas não deixaram de ter valor. Assim o devemos acreditar, visto que, três meses depois da sua volta, Olivier era nomeado membro do Instituto em substituição de Daubenton.

Quanto à sua relação, publicada em três volumes in-4.º, recebeu do público o mais distinto acolhimento, diz Cuvier no seu estilo acadêmico.

«Disse-se que seria mais interessante — continua ele — se a censura nada lhe tivesse cortado; mas então encontravam-se alusões em toda a parte, e nem sempre se podia dizer o que se pensava, nem mesmo acerca de Thamas-Kouli-Khan.

O Sr. Olivier não preferia as alusões à sua fortuna; apagou tranquilamente tudo o que quiseram e restringiu-se, com inteira submissão, à narrativa pura e simples do que observara».

Da Pérsia para a Rússia não é muito brusca a transição; ainda o era menos do que hoje no século XVIII. A bem dizer, é só no tempo de Pedro o Grande que a Rússia entra no concerto europeu. Até então este país, pela sua história, pelas suas relações, pelos costumes dos seus habitantes, conservara-se todo asiático. Com Pedro o Grande, com Catarina II, abrem-se estradas, o comércio toma importância, cria-se a marinha, reúnem-se as tribos russas num corpo de nação. Já o império submetido ao czar é imenso. Esses soberanos, pelas suas conquistas ainda o engrandecem. Fazem mais: Pedro o Grande levanta mapas, envia expedições para todos os lados, para ser informado acerca do clima, das raças, das produções de cada uma das suas províncias; enfim, manda Behring descobrir o estreito que tem de ser conhecido pelo nome desse navegador.

Catarina II segue as pisadas do grande imperador, do iniciador por excelência. Chama sábios à Rússia, põe-se em relações com os literatos do mundo inteiro. Sabe criar uma poderosa agitação a favor do seu povo. Despertam a curiosidade e o interesse, e a Europa Ocidental tem os olhos cravados na Rússia. Sente-se que uma grande nação está em vésperas de se constituir e não deixa de se estar inquieto acerca das consequências que deverá ter infalivelmente a sua intervenção nos negócios europeus. Já a Prússia acaba de se revelar, e a sua espada, atirada por Frederico II à balança, mudou todas as condições do equilíbrio europeu. A Rússia possuía muito mais recursos em homens, em dinheiro, em riquezas de todo o género ainda inexploradas.

Por isso todas as publicações relativas a este país são logo lidas com ardor pelos homens políticos, por todos os que se interessam pelos destinos da sua pátria, assim como por esses curiosos que folgam com a descrição de costumes tão diferentes dos nossos, tão variados entre si.

Nenhuma obra fora publicada ainda que excedesse a do naturalista Pallas, *Viagem através de muitas províncias do Império Russo*, traduzida em francês de 1788 a 1793. Nenhuma teve tanto êxito, e devemos confessar que o merecia a todos os respeitos.

Pedro Simão Pallas era um naturalista alemão, que Catarina II chamara em 1768 para S. Petersburgo, que fizera logo nomear adjunto da Academia das Ciências, e a quem soubera cativar pelos seus benefícios. Pallas, em testemunho de reconhecimento, publicou logo a sua memória sobre as ossadas fósseis da Sibéria. A Inglaterra e a França acabavam de enviar expedições para observar a passagem de Vénus pelo disco do Sol. A Rússia não quer ficar atrás,

e manda à Sibéria um numeroso grupo de sábios, de que Pallas faz parte.

Sete astrónomos e geómetras, cinco naturalistas e muitos discípulos devem percorrer em todos os sentidos este imenso território. Durante seis anos completos, Pallas não se poupa, explorando sucessivamente Oremburgo, à beira do Jaik, ponto de encontro das hordas nómadas que vagueiam nas praias salgadas do Cáspio; Gouriel, situada à beira deste mar, ou, antes, desse grande lago, que todos os dias vai secando; as montanhas de Ural e as numerosas minas de ferro que encerram; Tobolsk, a capital da Sibéria; o governo de Koliwan, na vertente setentrional do Altai; Krasnojarsk, à beira do Yenissei; o grande lago Baical e a Daouria, que toca nas fronteiras da China. Depois foi Astracã, foi o Cáucaso, com os seus povos tão diversos e tão interessantes, foi o Dom, que ele estudou antes de entrar em S. Petersburgo, no dia 30 de julho de 1774.

Não devemos crer que Pallas seja um viajante vulgar. Não viaja só como naturalista. É homem, e nada do que respeita à humanidade lhe é indiferente. Geografia, história, política, comércio, religião, belas-artes, ciência, tudo para ele tem interesse, e isso é tão verdade que se não pode ler a narrativa da sua viagem sem se admirar a variedade dos seus conhecimentos, sem se prestar homenagem ao seu esclarecido patriotismo, sem se reconhecer a perspicácia da soberana que soube cativar um homem de tal valor.

Apenas a sua relação foi coordenada, escrita e publicada, Pallas não pensou nem em descansar sobre os seus louros, nem em se deixar inebriar pelos fumos de uma glória nascente. Para ele o

trabalho é um descanso, e toma parte nas operações necessárias para o estabelecimento do mapa da Rússia.

Em breve o seu espírito, sempre entusiasta, o leva a entregar-se mais especialmente ao estudo da botânica, e as suas obras lhe asseguram um lugar dos mais distintos entre os naturalistas do império russo. Uma das suas últimas obras foi uma descrição da Rússia Meridional: *Quadro Físico e Topográfico da Táuride*, obra que Pallas publicou em francês e traduziu em alemão e russo. Apaixonado por esse país, que visitou em 1793 e 1794, mostra desejo de se ir lá estabelecer. A imperatriz fez-lhe logo presente de muitas terras pertencentes à coroa, e o sábio viajante transporta-se com a sua família para Symphéropol.

Pallas aproveitou-se da circunstância para fazer uma nova viagem às províncias meridionais do império, às estepes do Volga e às regiões que orlam o mar Cáspio até ao Cáucaso; enfim, percorreu a Crimeia em todos os sentidos. Já vira uma parte desse país uns vinte anos antes; pôde observar profundas mudanças. Se lamenta a exploração excessiva das florestas, Pallas é obrigado a reconhecer que em muitos sítios a agricultura se desenvolveu, que se criaram centros de indústria e de exploração, numa palavra, que o país marcha no caminho do progresso.

Quanto à Crimeia, a sua conquista é muito recente e contudo já nela também reconhece melhoramentos sensíveis. O que serão esses melhoramentos dentro de alguns anos!

O excelente Pallas, tão entusiasta dessas províncias, teve de sofrer, na sua nova residência, toda a espécie de perseguições da parte dos Tártaros. Sua mulher morreu na Crimeia; e, farto, enfim,

do país e dos seus habitantes, Pallas foi acabar os seus dias em Berlim, a 8 de setembro de 1811.

Deixou obras de uma importância capital, onde o geógrafo, o naturalista, o estadista, o comerciante, podiam colher com abundância informações seguras e exatas acerca de países até então pouquíssimo conhecidos e cujos recursos e cujas necessidades iam modificar profundamente as condições do mercado europeu.

Capítulo 8 — As Duas Américas

Por muitas vezes temos tido ensejo de contar certas expedições que tinham por fim reconhecer as costas da América. Falámos nas tentativas de Fernão Cortês, nas correrias e nas explorações de Drake, de Cook, de La Pérouse e de Marchand. É bom que voltemos algum tempo atrás e que encaremos, com Fleurieu, a série de viagens, que umas às outras se sucederam na costa ocidental da América até ao fim do século XVIII.

Em 1537, Cortês, com Francisco de Ulloa, reconheceu a grande península da Califórnia e visitara a maior parte desse golfo longo e estreito que tem hoje o nome de mar Vermelho.

Depois dele, Vasquez Coronado, por terra, e Francisco Alarcon, por mar, tinham-se arrojado à procura desse famoso estreito que punha em comunicação, segundo se dizia, o Atlântico e o Pacífico, mas não haviam podido passar para diante do paralelo 36.

Dois anos depois, o português Rodrigues de Carrilho chegara ao grau 44 de latitude. Ali, o frio, as doenças, a falta de provisões e o mau estado do seu navio tinham-no obrigado a retrogradar. Não fizera descoberta alguma, é certo, mas verificara que, desde o porto de Natividade, por 19 graus e três quartos até ao ponto a que chegara, a costa continuava sem interrupção. O estreito parecia recuar diante dos exploradores.

Devemos acreditar que o pouco êxito destas tentativas desanimou os Espanhóis, porque, nessa época, desaparecem da lista dos exploradores. É um inglês, Drake, que, depois de ter seguido a

costa ocidental desde o estreito de Magalhães e devastado as possessões espanholas, chega ao grau 48, explora a costa toda, descendo de novo numa extensão de dez graus, e dá a este imenso território o nome de Nova Álbion.

Vem depois em 1592 a viagem, em grande parte fabulosa, de Juan de Fuca, que afirmou que encontrara o estreito de Anian, que havia tanto tempo que se procurava, quando não descobrira na realidade senão a passagem que separa do continente a ilha Vancôver.

Em 1602, Vizcaino lançava os alicerces do porto de Monterey, na Califórnia, e quarenta anos depois realizava-se essa expedição tão contestada do almirante Fuente ou Fonte, conforme se fizer dele um espanhol ou um português, expedição que deu lugar a tantas dissertações eruditas e a tantas discussões engenhosas.

Deve-se-lhe a descoberta do arquipélago de S. Lázaro acima da ilha Vancôver; mas deve-se repelir para o domínio do romance tudo o que Fonte conta dos lagos e das grandes cidades que afirma ter visitado e da comunicação que diz ter descoberto entre os dois oceanos.

No século XVIII, não se aceitavam já cegamente as narrativas dos viajantes. Examinavam-se, analisavam-se, e só se conservavam as partes que concordavam com as relações já conhecidas. Buache, Delisle e sobretudo Fleurieu foram os primeiros que abriram o caminho tão fecundo da crítica histórica, e deve-se-lhes agradecer isso o mais possível.

Os Russos, como vimos, tinham consideravelmente estendido o domínio dos seus conhecimentos, e havia todo o motivo para julgar pouco afastado o dia em que os seus batedores e os seus cossacos

chegariam à América, sobretudo se, como se supunha, os dois continentes estavam reunidos pelo norte. Mas não seria em todo o caso uma expedição séria e que pudesse dar esclarecimentos científicos em que alguém se pudesse fiar.

O czar Pedro I traçara, com a sua mão, o plano e as instruções de uma viagem cujo projeto formara desde muito: certificar-se se a Ásia e a América estão reunidas ou separadas por um estreito. Não era possível encontrar os recursos necessários nos arsenais e nos portos do Kamtchatka. Por isso foi necessário mandar ir da Europa capitães, marinheiros, equipamentos e víveres.

O dinamarquês Vitus Behring e o russo Alexis Tschirikow, que ambos tinham dado muitas provas de saber e de habilidade, foram encarregados do comando da expedição. Compunha-se esta de dois navios, que se construíram no Kamtchatka. Não estiveram prontos para se fazerem ao mar senão a 20 de julho de 1720. Dirigindo o seu caminho para nordeste, ao longo da costa da Ásia, que não perdeu um instante só de vista, Behring chegou a 15 de agosto, por 67° 18', à vista de um cabo para além do qual a costa se curvava para o oeste.

Não só, nesta primeira viagem, Behring não tivera conhecimento da costa da América, mas acabava de atravessar, sem dar por isso, o estreito a que a posteridade pôs o seu nome. O fabuloso estreito de Anian era substituído pelo estreito de Béringue.

Uma segunda viagem, empreendida pelos mesmos viajantes, no ano imediato, não dera também resultado.

Foi só em 1741, a 4 de junho, que Behring e Tschirikow puderam partir de novo. Desta vez, assim que chegassem aí por 50 graus de latitude norte, tencionavam dirigir-se para leste, até

encontrarem a costa da América. Mas os dois navios, separados desde o dia 20 de junho por forte ventania, não puderam reunir-se durante o resto da viagem. A 18 de julho foi descoberto por Behring o continente americano por 58° 28' de latitude.

Os dias imediatos foram consagrados ao levantamento de uma grande baía, compreendida entre os dois cabos de Santo Elias e de Santo Hermógenes.

Durante todo o mês de agosto, Behring navegou no meio das ilhas que orlam a península de Alasca, deu nome ao arquipélago Schumagin, lutou até 24 de setembro com ventos contrários, reconheceu a extremidade da península, e descobriu uma parte das ilhas Aleutianas.

Mas, doente havia muito, esse navegador em breve se viu na incapacidade de marcar o caminho que o navio andava, e não pôde evitar dar à costa numa pequena ilha que tomou o nome de Béringue. Ali morreu miseravelmente, a 8 de dezembro de 1741, esse homem intrépido, esse explorador hábil.

Quanto ao resto da tripulação, muito diminuída pelas fadigas e pelas privações de uma invernagem neste lugar desolado, conseguiu construir uma grande chalupa com os restos do navio e voltou ao Kamtchatka.

Por seu lado, Tschirikow, depois de ter esperado o seu comandante até 25 de junho, arribou à costa da América, entre o quinquagésimo quinto e quinquagésimo sexto grau. Perdeu aí duas embarcações com a tripulação toda, sem poder descobrir o que era feito delas. Não tendo então já meio de comunicar com a terra, voltara ao Kamtchatka.

O caminho estava aberto. Aventureiros, negociantes, oficiais, entraram nele resolutamente. As suas descobertas foram principalmente nas ilhas Aleutianas e na península de Alasca.

Entretanto as expedições que os Ingleses enviaram à costa da América e os progressos dos Russos tinham excitado o ciúme e a inquietação dos Espanhóis. Estes receavam ver os seus rivais estabelecer-se em países que lhes pertenciam nominalmente, mas onde não tinham o menor estabelecimento.

O vice-rei do México, o marquês da Cruz, lembrou-se então da descoberta feita por Vizcaino de um porto excelente e resolveu estabelecer nesse porto um presídio. Duas expedições simultâneas, uma por terra, debaixo do comando de D. Gaspar de Portola, a outra por mar, composta de dois paquetes, o *São Carlos* e o *Santo António*, deixaram La Paz a 10 de janeiro de 1796, chegaram ao porto de San Diego, e tomaram a encontrar, depois de um ano de pesquisas, a enseada de Monterey, indicada por Vizcaino.

Em seguida a esta expedição, os Espanhóis continuaram a explorar as costas da Califórnia. As mais célebres viagens são as de D. Juan de Ayala e de La Bodega, durante as quais foram reconhecidos o cabo do Engano e a baía de Guadalupe; depois as expedições de Arteago e de Maurelle.

Tendo sido contados precedentemente os reconhecimentos de Cook, de La Pérouse e de Marchand, cumpre-nos agora demorar com alguma pausa na expedição de Vancouver. Este oficial, que acompanhara Cook na segunda e terceira viagem, achava-se naturalmente designado para tomar o comando da expedição que o Governo inglês mandara à costa da América, com o fim de pôr termo

às contestações sobrevindas com o Governo espanhol em relação à baía de Nootka.

Jorge Vancouver recebeu ordem de obter, das autoridades espanholas, uma cedência formal desse porto, tão importante para o comércio das peles. Devia depois levantar toda a costa de noroeste, desde o trigésimo grau de latitude até ao rio de Cook no sexagésimo primeiro grau. Enfim, chamava-se muito particularmente a sua atenção para o estreito de Fuca e para a baía explorada em 1789 pelo *Washington*.

Os dois navios, a *Descoberta*, de 340 toneladas, e o *Chatham*, de 135, este último debaixo do comando do capitão Broughton, partiram de Falmouth no dia 1 de abril de 1791.

Depois de duas arribadas a Tenerife e à baía Simon, em seguida ao cabo da Boa Esperança, Vancouver meteu-se para o sul, reconheceu a ilha de S. Paulo, e singrou para a Nova Holanda, entre os rumos de Dampier e de Marion, para paragens que ainda não tinham sido percorridas. A 27 de setembro foi reconhecida uma parte da costa da Nova Holanda, terminada por um cabo, formado de fraguedos elevados, que recebeu o nome de cabo Chatham. Como um certo número de marinheiros iam atacados de disenteria, Vancouver resolveu arribar ao primeiro porto que encontrasse, a fim de se munir de água, de lenha e sobretudo de víveres frescos que lhe faltavam. Foi no porto do Rei Jorge III que parou. Ali encontrou patos, cisnes, uma grande quantidade de peixe, ostras, mas não pôde entrar em comunicação com habitante algum, apesar de se ter descoberto uma aldeia de umas vinte choças recentissimamente abandonadas.

Não precisamos de seguir o cruzeiro de Vancouver na costa sudoeste da Nova Holanda; nada nos diria que não soubéssemos já.

A 26 de outubro foi dobrada a Terra de Van-Diemen e a 2 de novembro reconheceu-se a costa da Nova Zelândia, onde os dois navios ingleses foram fundear na baía Dusky. Vancouver ali completou os levantamentos que Cook deixara incompletos. Em breve um vendaval separou da *Descoberta o Chatham*, que foi encontrado na baía de Matavai, em Taiti. Durante esta última travessia, Vancouver avistara algumas ilhas pedregosas, a que chamou as Ciladas (*the Snares*), e uma ilha mais considerável, chamada Oparra. Pela sua parte, o capitão Broughton descobrira a ilha Chatham, a leste da Nova Zelândia. Os incidentes da arribada a Taiti lembram tanto os da demora de Cook que não há utilidade alguma em referi-los.

A 24 de janeiro de 1792, os dois navios partiram para as Sanduíche e demoraram-se algum tempo em Owyhee, em Waohoo e em Attoway. Desde o assassinio de Cook, muitos acontecimentos tinham sobrevindo no arquipélago. Principiavam a visitá-lo navios ingleses e americanos, que andavam na pesca da baleia ou no comércio das peles. Os seus capitães tinham dado aos indígenas o gosto da aguardente e o desejo de possuir armas de fogo. As discórdias entre os pequenos chefes tinham-se tornado mais frequentes, a anarquia mais completa reinava por toda a parte, e já diminuía singularmente o número dos habitantes.

A 17 de março de 1792, Vancouver abandonou as ilhas Sanduíche e seguiu caminho para a América, onde logo reconheceu a parte da costa chamada, por Drake, Nova Álbion. Ali encontrou quase imediatamente o capitão Gray, que passava por ter penetrado

com o *Washington* no estreito de Fuca e ter reconhecido um vasto mar. Gray apressou-se a desmentir as descobertas que se lhe tinham tão generosamente atribuído. Não andara senão cinquenta milhas no estreito que corria de oeste para leste, até um sítio para diante do qual os indígenas afirmavam que se metia para o norte.

Vancouver penetrou pela sua vez no estreito de Fuca, reconheceu o porto da Descoberta, a entrada do Almirantado, a Birch-Bay, a Desolation Sound, o estreito de Johnson e o arquipélago de Broughton. Antes de chegar à extremidade desse longo braço de mar, encontrara dois pequenos navios espanhóis debaixo das ordens de Quadra.

Os dois capitães comunicaram um ao outro os seus trabalhos recíprocos e deram os seus dois nomes à ilha principal desse numeroso arquipélago, que foi designado pelo nome de Nova Geórgia.

Vancouver visitou em seguida Nootka, o rio Colúmbia, e veio arribar a S. Francisco. Compreende-se que não podemos acompanhar em todas as particularidades esta exploração minuciosa, que não exigiu menos de três viagens sucessivas. A imensa extensão de costas, compreendida entre o cabo Mendocino e o porto de Conclusão por $56^{\circ} 14'$ norte e $225^{\circ} 37'$ este, foi reconhecida pelos navios ingleses.

«Agora — diz o viajante — que conseguimos o fim principal que o rei procurara atingir ordenando esta viagem, lisonjeio-me de que o nosso reconhecimento rigorosíssimo da costa noroeste da América dissipará todas as dúvidas e afastará todas as falsas opiniões concernentes a uma passagem pelo noroeste; que se não

tornará a supor que há comunicação entre o mar Pacífico do Norte e o interior do continente da América na extensão que percorremos».

Partindo de Nootka para fazer o reconhecimento da costa meridional da América, antes de voltar à Europa, Vancouver parou na pequena ilha dos Cocos, que merece pouco o seu nome, como já tivemos ocasião de dizer; arribou a Valparaíso, dobrou o cabo Horn, fez aguada em Santa Helena, e entrou no Tamisa, a 12 de setembro de 1795.

Mas as fadigas dessa longa campanha tinham por ta] forma alterado a saúde desse hábil explorador, que morreu no mês de maio de 1798, antes de ter podido terminar a redação da sua viagem, que foi concluída por seu irmão.

Durante os quatro anos que tinham sido empregados nesse rude trabalho de fazer o levantamento de nove mil léguas de costas desconhecidas, a *Descoberta* e o *Chatham* só haviam perdido dois homens. Como se vê, o hábil discípulo do capitão Cook aproveitava as lições do seu mestre, e não se sabe o que se deve admirar mais em Vancouver, se os cuidados com que tratou os seus marinheiros, assim como a sua humanidade com os indígenas, se a prodigiosa habilidade de que deu provas no decurso dessa perigosa navegação.

Entretanto, se os exploradores sucediam uns aos outros na costa ocidental da América, também os colonos não estavam inativos. Estabelecidos primeiro nas plagas do Atlântico, onde haviam fundado uma longa série de Estados até ao Canadá, não tinham tardado a meter-se para o interior. Os seus caçadores, os seus batedores de mato, haviam reconhecido imensos espaços de terreno próprios para a cultura, e os *squatters* ingleses tinham-nos invadido progressivamente. Não se dera isso sem uma luta

continuada contra os índios, esses primeiros possuidores do solo, que todos os dias eram repelidos para o interior. Chamados pela fertilidade de uma terra virgem e pelas constituições mais liberais dos diversos Estados, os colonos não tinham tardado a afluir.

Tornou-se tal o seu número que, no fim do século XVII, os herdeiros de Lord Baltimore avaliavam em três mil libras o produto da venda das suas terras, e que no meio do século imediato, em 1750, os sucessores de William Penn arranjavam do mesmo modo um rendimento dez vezes mais considerável. E contudo não se achava ainda a emigração bastante numerosa; puseram-se a deportar os condenados — o Maryland tinha 1971 em 1750 —, mas sobretudo recrutaram-se emigrados a quem se fazia assinar uma escritura, o que foi origem de abusos escandalosos.

Apesar de que todas as terras, que se tinham comprado aos índios ou que se lhes haviam tomado, estavam longe de estar ocupadas, o colono inglês ia sempre para diante, em risco de ter contendas sérias com os legítimos possuidores do solo.

Ao norte, a Companhia da Baía de Hudson, que tem o monopólio do comércio das peles, está sempre à procura de novos territórios de caça, porque aqueles que explorou não tardam a esgotar-se. Impele para diante os seus caçadores, colhe dos índios, que emprega ou que embriaga, esclarecimentos preciosos. É assim que tem conhecimento da existência de um rio que se lança ao norte, ao pé de ricas minas de cobre de que alguns indígenas trouxeram ao forte do Príncipe de Gales magníficas amostras. A Companhia toma logo a sua resolução, e, em 1769, confia a Samuel Hearne o comando de uma expedição de pesquisas.

Para uma viagem nesses países gelados, onde com dificuldade se encontram provisões, onde o rigor do frio é extremo, são necessários homens de boa têmpera, em pequeno número, capazes de suportar as fadigas de uma penosa marcha no meio da neve e de resistir às torturas da fome. Hearne s  levou consigo dois brancos e alguns índios em quem tinha confiança.

Apesar da extrema destreza desses guias, que conhecem o país e estão ao facto dos hábitos da caça, as provisões em breve faltam. A duzentas milhas do forte do Príncipe de Gales, os índios abandonam Hearne e os seus companheiros, que são obrigados a voltar para tr s.

Mas o chefe da empresa é um rude marinheiro, habituado a sofrer tudo. Por isso não perde o ânimo. Se a primeira falhou, não pode ser mais feliz uma segunda tentativa?

No mês de fevereiro de 1770, Hearne arroja-se de novo através desses países desconhecidos. Dessa vez vai só com cinco índios, porque percebeu que a inaptidão dos brancos para suportar as fadigas inspira desprezo aos indígenas. Está já a uma distância de quinhentas milhas, quando o rigor da esta o o obriga a parar e a esperar uma temperatura mais clemente.

Foi um terrível momento que teve de passar.

Umaz vezes na abundância, com mais ca a do que a que pode consumir, a maior parte das vezes sem ter nada que meter na boca, ser até obrigado, durante sete dias, a mastigar couros velhos, a roer ossos que já se tinham deitado fora, ou a procurar nas árvores algumas bagas, que nem sempre se encontram, suportar, enfim, terríveis frios, eis a existência do descobridor nestes países gelados.

Hearne parte de novo no mês de abril, continua até agosto a percorrer os bosques, e prepara-se para passar o inverno junto de uma tribo Índia, que o acolheu bem, quando um desastre, que o priva do seu quadrante, obriga a continuar o seu caminho.

As privações, as misérias, as deceções, não abalam a indomável coragem de Samuel Hearne. Torna a partir a 7 de dezembro, e, metendo-se para oeste no sexagésimo grau de latitude, encontra um rio. Ei-lo a construir uma canoa e a descer essa corrente de água, que se lança numa série interminável de lagos grandes e pequenos.

Finalmente, a 13 de julho de 1771, chega ao rio de Cobre. Os índios que o acompanhavam achavam-se, havia algumas semanas, nos territórios frequentados pelos esquimós, e prometiam a si próprios, se os encontrassem, matá-los desde o primeiro até ao último.

Esse acontecimento não devia fazer-se esperar.

«Vendo — diz Hearne — todos os esquimós entregues ao descanso nas suas tendas, os índios saíram da sua emboscada e caíram de improviso sobre essas pobres criaturas; eu contemplava essa matança, obrigado a conservar-me neutro».

Dos vinte indivíduos que compunham essa tribo, nem um só escapou à fúria sanguinária dos índios, e deram morte com as mais horrorosas torturas a uma velha que ao princípio escapara ao morticínio.

«Depois dessa horrível carnificina — continua Hearne —, sentámo-nos na relva e comemos com apetite salmão fresco».

Nesse lugar o rio alargava-se singularmente. Chegara portanto o viajante à sua embocadura? Contudo a água era absolutamente

doce. Na praia apareciam, todavia, como que os vestígios de uma maré. As focas brincavam em grande número no meio das águas. Uma grande quantidade de barbas de baleia tinham sido encontradas nas tendas dos esquimós. Tudo se reunia enfim para fazer supor que era o mar. Hearne agarra no seu telescópio. Diante dele desenrola-se a perder de vista uma imensa extensão de água, interrompida, num e noutro sítio, por ilhas. Já não pode haver dúvida — é o mar.

A 30 de junho de 1772, Hearne chegava aos estabelecimentos ingleses, depois de uma ausência que não durara menos de um ano e cinco meses.

A Companhia reconheceu o imenso serviço que Hearne acabava de lhe prestar, nomeando-o governador do forte de Gales. Durante a sua expedição à baía de Hudson, La Pérouse apoderou-se deste estabelecimento, e ali encontrou o diário de viagem de Samuel Hearne. O navegador francês restituiu-lho com a condição de que o publicaria. Não sabemos que circunstâncias puderam demorar até 1795 o cumprimento da palavra que o viajante inglês dera ao marinheiro francês.

Só no último quartel do século XVIII é que foi conhecida essa imensa cadeia de lagos e de rios, que, partindo do Lago Superior, junta todas as águas que caem das Montanhas Rochosas e as despeja no oceano Glacial. Foi aos negociantes de peles, os irmãos Frobisher, e ao Sr. Pond, que chegou até Atabasca, que em parte se deve a sua descoberta.

Graças a estes reconhecimentos, o caminho toma-se menos difícil, os exploradores sucedem-se, os estabelecimentos aproximam-

se, o país descobre-se. Em breve mesmo se ouve falar num grande rio, que se dirige para o noroeste.

Foi Alexandre Mackenzie que lhe deu o nome. Partindo, a 3 de junho de 1789, do forte Chippewayan, na praia meridional do lago das Colinas, levava consigo alguns canadianos e muitos índios, um dos quais acompanhara Samuel Heame. Chegando a um ponto situado a $57^{\circ} 45'$ de latitude, Mackenzie soube que não estava longe do mar para leste, mas que estava ainda mais perto dele para oeste. Aproximava-se efetivamente da extremidade noroeste da América.

A 12 de julho, Mackenzie chegou a uma grande toalha de água que, pela sua pouca profundidade e pelos gelos que a recobriam, se não podia tomar pelo mar, apesar de se não ver terra alguma no horizonte. E contudo era deveras ao oceano Boreal que Mackenzie acabava de chegar. Disso se convenceu, quando viu as águas subirem apesar de o vento não ser violento. Era a maré. O viajante passou então para uma ilha que se avistava a alguma distância da costa. Viu daí muitos cetáceos, que brincavam no meio das ondas. Por isso esta ilha, que fica a $69^{\circ} 14'$ de latitude, recebeu do viajante o nome de ilha das Baleias.

A 12 de setembro a expedição estava felizmente de volta no forte Chippewayan.

Três anos depois, Mackenzie, que não sentia apagada a sede das descobertas, subiu o rio da Paz, que nasce nas Montanhas Rochosas.

Em 1793, depois de ter conseguido abrir caminho através dessa cordilheira difícil, reconhecia do outro lado das montanhas um rio, o Tacoutchetesse, que corria para o sudoeste. No meio de perigos e de privações que é mais fácil imaginar do que exprimir,

Mackenzie desceu esse rio até à sua embocadura, quer dizer, até abaixo das ilhas do Príncipe de Gales. Ali, na parede de um rochedo, traçou, com uma mistura de banha e de vermelhão, esta inscrição, tão eloquente como lacónica: «Alexandre Mackenzie, vindo do Canadá por terra, 22 de julho de 1793». A 24 de agosto, entrava de novo no forte Chippewayan.

Na América Meridional não se realiza nenhuma viagem científica na primeira metade do século XVIII. Já não há que falar senão de La Condamine. Contámos mais acima as investigações que o tinham levado à América e dissemos que, terminadas as medidas, deixara Bouguer voltar para a Europa, e Jussieu prolongar uma residência que devia enriquecer a história natural com uma infinidade de plantas e de animais desconhecidos, enquanto ele ia descer o Amazonas até à sua embocadura.

«Poderíamos chamar a La Condamine — diz Maury, na sua *História da Academia das Ciências* — o Alexandre de Humboldt do século XVIII.

A um tempo homem de espírito e sábio de profissão, deu provas nesta expedição memorável de uma heroica dedicação à ciência. Como os fundos concedidos pelo rei não bastaram para a sua viagem, pôs mais mil libras da sua algibeira; as fadigas e os padecimentos fizeram-lhe perder as pernas e o ouvido.

Vítima da sua paixão pela ciência, não encontrou à sua volta, infelizmente, num público que não compreendia um mártir que não aspira ao céu, senão o sarcasmo e a malignidade. Não era já o infatigável explorador que tantos perigos afrontara que viam no Sr. La Condamine, mas apenas o distraído e o surdo aborrecido, que tinha sempre na mão a sua corneta acústica. Satisfeito com a estima

dos seus confrades, de que o Sr. Buffon se fez um dia o eloquentíssimo intérprete (resposta ao discurso de recepção de La Condamine na Academia Francesa). La Condamine consolava-se compondo canções, e conservava até ao túmulo, cujo caminho os padecimentos lhe abreviaram, esse ardor de observação de todas as coisas, até da dor, que o levou a interrogar o algoz no cadafalso de Damiens».

Poucos viajantes, antes de La Condamine, tinham tido ocasião de penetrar nas vastas regiões do Brasil. Por isso o sábio explorador esperava tornar a sua viagem útil levantando um mapa da corrente do Amazonas e colhendo as observações que tivesse ocasião de fazer, num país tão pouco frequentado, acerca dos costumes singulares dos índios.

Depois de Orellana, cuja viagem aventureira já contámos, Pedro de Ursua fora enviado, em 1559, pelo vice-rei do Peru, à procura do lago Purima e do El-Dorado. Morreu às mãos de um soldado rebelde, que cometeu, descendo o rio, toda a casta de ladroeiras, e acabou por ser esquartejado na ilha da Trindade.

Semelhantes tentativas não eram próprias para dar grandes luzes acerca do curso do rio. Os Portugueses foram mais felizes. Em 1636 e 1637, Pedro Teixeira, com quarenta e sete canoas e um numeroso destacamento de europeus e de índios, seguiu o Amazonas até ao Napo, seu tributário. Então subira este rio, depois o Coca, e chegara a trinta léguas de Quito, aonde foi ter com alguns homens. No ano imediato, voltara ao Pará pelo mesmo caminho, acompanhado pelos jesuítas Cunha e Artieda, que publicaram a relação dessa viagem, cuja tradução francesa apareceu em 1682.

O mapa, feito por Sanson sobre esta relação, copiado, como era natural, por todos os geógrafos, era extremamente defeituoso, e até 1717 não houve outros. Nesta época publicou-se no tomo XII das *Cartas Edificantes* — preciosa compilação onde se encontra um grande número de informações das mais interessantes para a história e para a geografia — a cópia de um mapa feito em 1690 pelo padre Fritz, missionário alemão.

Ali se vê que o Napo não era a verdadeira fonte do Amazonas, e que este último, com o nome de Maranhão, sai do lago Guanuco, a trinta léguas de Lima para o oriente. A parte inferior da corrente do rio estava muito mal traçada, porque o padre Fritz, quando o desceu, ia tão doente que não podia observar com exatidão.

Partindo de Tarqui, a cinco léguas de Cuenca, a 11 de maio de 1743, La Condamine passou por Zaruma, cidade outrora célebre pelas suas minas de ouro, e atravessou muitos rios nessas pontes de cipós, presas nas duas margens, que parecem uma imensa rede estendida de um lado para o outro. Depois chegou a Loxa, situada a quatro graus da linha. Esta cidade está colocada a quatrocentas toesas abaixo de Quito. Por isso se observa ali uma notável diferença de temperatura, e as montanhas, cobertas de bosques, não parecem senão colinas, comparadas com as de Quito.

De Loxa a Jaen de Bracamoros atravessam-se os últimos contrafortes dos Andes. Nessa comarca a chuva cai todos os dias durante os doze meses do ano; por isso não se deve fazer nessa cidade residência demorada. Todo esse país estava muito decaído da sua antiga prosperidade; Loiola, Valhadolid, Jaen e a maior parte das cidades do Peru, afastadas do mar e da estrada real de Cartagena a Lima, não eram então mais que pequenos lugarejos. E contudo toda

a região dos arredores de Jaen é coberta de árvores bravas de cacau, das quais os índios não fazem caso, como o não fazem da areia de ouro, acarretada pelos seus rios.

La Condamine embarcou no Chincipe, mais largo neste sítio que o Sena em Paris, e desceu-o até ao seu confluente com o Maranhão. A partir deste sítio, o Maranhão começa a ser navegável, apesar de ser interrompido por uma grande quantidade de saltos ou de rápidos, e apertado em muitos sítios até não ter mais do que vinte toesas de largo. O mais célebre destes estreitos é o *pongo* ou porta de Manseriché, leito cavado pelo Maranhão no meio da Cordilheira, cortado quase a pique, e cuja largura não é calculada em mais de vinte e cinco toesas.

La Condamine, ficando sozinho com um negro, numa jangada, teve aí uma aventura quase sem exemplo.

«O rio — diz ele —, cuja altura diminuiu vinte e cinco pés em trinta e seis horas, continuava a descer. No meio da noite, emaranhando-se um pedaço de um grande ramo de árvore, escondido debaixo de água, nas tábuas da minha jangada, onde penetrava cada vez mais à proporção que esta baixava com o nível da água, vi-me em perigo, se não estivesse presente e acordado, de ficar com a jangada presa e suspensa, no ar, de um ramo de árvore. O menos que me podia acontecer era perder os meus diários e cadernos de observações, fruto de oito anos de trabalho. Enfim, achei felizmente meio de desembaraçar a jangada e de a pôr a nado».

Perto da cidade arruinada de Santiago, onde La Condamine chegou a 10 de julho, habitam, no meio dos bosques, os índios

Xibaros, revoltados, havia já um século, contra os espanhóis, a fim de se subtraírem ao trabalho das minas de ouro.

Para lá do *pongo* de Manseriché havia um novo mundo, um oceano de água doce, um labirinto de lagos, rios e canais no meio de florestas inextricáveis. Apesar de estar, havia sete anos, costumado a viver em plena natureza, La Condamine não podia cansar-se desse espetáculo uniforme: água, verdura e nada mais. Deixando Borja a 14 de julho, o viajante passou logo para diante do confluente do Morona, que desce do vulcão de Songhai, cujas cinzas voam às vezes para além de Guaiquil. Depois atravessou as duas bocas do Pastaca, rio que estava então por tal forma transbordado que não foi possível medir embocadura alguma. No dia 19 do mesmo mês, La Condamine chegou a Laguna, onde o esperava, havia seis semanas, D. Pedro Maldonado, governador da província de Esmeraldas, que descera ao Pastaca. Laguna era nessa época uma grande vila de mil índios em estado de pegar em armas, reunidos debaixo da autoridade dos missionários de diversas tribos.

«Comprometendo-me a levantar o mapa da corrente do Amazonas — diz La Condamine —, preparara um recurso contra a inação, que me permitisse uma navegação tranquila, que a falta de variedade em objetos mesmo novos poderia tomar fastidiosa. Precisava de estar com uma atenção continuada para observar de bússola e de relógio na mão as mudanças de direção da corrente do rio, e o tempo que empregávamos de uma à outra volta, para examinar as diferentes larguras do seu leito e as das embocaduras dos rios que recebe, o ângulo que formam, entrando nele, o encontro das ilhas e o seu comprimento, e sobretudo para medir a velocidade da corrente e a da canoa, umas vezes em terra, outras

vezes na própria canoa, por diversas práticas, cuja explicação é escusada aqui. Todos os meus momentos estavam ocupados; muitas vezes sondei e medi geometricamente a largura do Amazonas e a dos rios que se lhe vão juntar, tomei a altura meridiana do Sol quase todos os dias e observei a sua amplitude na sua aurora e no seu ocaso em todos os sítios onde parei».

A 25 de julho, depois de ter passado diante do rio do Tigre, La Condamine chegou a uma nova missão de selvagens chamados Yameos, que os padres tinham tirado recentemente dos bosques. A sua língua era difícil e o modo de pronunciar ainda mais extraordinário. Algumas das suas palavras exigiam nove ou dez sílabas, e não sabiam contar senão até três. Serviam-se com muita destreza da sarabatana, com que atiravam pequenas frechas temperadas com um veneno tão ativo que matava num minuto.

No dia seguinte chegou-se à embocadura do Ucaiala, um dos rios mais importantes que avolumam o Maranhão e que pode ser a sua fonte. Desse confluente para diante a largura do rio cresce sensivelmente.

A 27 passou-se pela missão dos Omáguas, povo outrora poderoso, que povoava as margens do Amazonas numa extensão de duzentas léguas para baixo do Napo. Estranhos ao país, passam por ter descido a corrente de algum rio que nasce no reino de Granada, a fim de escaparem ao jugo dos espanhóis. A palavra «omágua» significa «cabeça chata» na língua de Peru, e esses povos têm efetivamente o costume extravagante de apertar entre duas tábuas a fronte dos recém-nascidos, no intuito, dizem eles, de fazer com que se pareçam com a lua cheia. Fazem também uso de duas plantas singulares, o floripôndio e o *curupa*, que lhes dão uma

embriaguez de vinte e quatro horas e sonhos muito estranhos. O ópio e o haxixe tinham portanto os seus similares no Peru.

A quinquina, a ipecacuanha, a simaruba, a salsaparrilha, o gaiaco, a baunilha, o cacau, encontram-se por toda a parte nas margens do Maranhão. Acontece o mesmo com o caucho, de que os índios faziam garrafas, botas e «seringas que não precisam de êmbolo», diz La Condamine. «Têm a forma de peras ocas, furadas por um buraquinho na sua extremidade, a que adaptam um canudo. Esse traste é muito usado pelos Omáguas. Quando se reúnem entre si para alguma festa, o dono da casa não deixa nunca, por amabilidade, de entregar uma a cada um dos convidados, e o seu uso precede sempre entre eles a refeição de cerimónia».

Mudando de tripulação em São Joaquim, La Condamine chegou à embocadura do Napo a tempo de observar, na noite de 31 de julho para o 1.º de agosto, uma emersão do primeiro satélite de Júpiter, o que lhe permitiu fixar com exatidão a longitude e a latitude deste sítio, observação preciosa em que se deviam basear todos os levantamentos do resto da viagem.

Pevas, a que chegou no dia seguinte, é a última das missões espanholas das margens do Maranhão. Os índios que ali estavam reunidos pertenciam a raças diferentes e não eram todos cristãos. Ainda usavam enfeites de ossos de animais e de peixes atravessados nas narinas e nos beiços, e as suas faces, crivadas de buracos, serviam de estojo a penas de pássaros de todas as cores.

S. Paulo é a primeira missão dos Portugueses. Nesse ponto o rio não tem menos de novecentas toesas e ali se elevam muitas vezes tempestades furiosas. O viajante ficou agradavelmente surpreendido de ver as mulheres Índias usar camisas de pano e

possuir cofres de fechadura, chaves de ferro, agulhas, espelhos, tesouras e outros utensílios da Europa, que esses selvagens comprem no Pará quando ali vão levar a sua colheita de cacau. As suas canoas são muito mais cómodas do que aquelas de que se servem os índios das possessões espanholas. São verdadeiros bergantinzinhos de sessenta pés de comprimento e sete de largura, manobrados por quarenta remeiros.

Entre S. Paulo e Coari lançam-se no Amazonas grandes e belos rios, chamados Yutay, Yuruca, Tefé Coari, pela margem meridional; Putumaio e Yupura, que vêm do norte. Nas margens deste rio habitavam ainda tribos antropófagas. Ali é que fora plantado, no dia 26 de agosto de 1639, por Teixeira, um marco que devia servir de fronteira. Até esse sítio tinham-se servido da língua do Peru para comunicar com os índios; foi necessário daí por diante empregar a do Brasil, que se usa em todas as missões portuguesas.

O rio Purus e o rio Negro, povoado de missões portuguesas, debaixo da direção de religiosos do Monte do Carmo, e que põe em comunicação o Amazonas com o Orenoco, foram sucessivamente reconhecidos. Os primeiros esclarecimentos sérios acerca desta grave questão de geografia são devidos aos trabalhos de La Condamine e à sua crítica sagaz das viagens dos missionários que o haviam precedido. Nestas paragens é que se tinham colocado o lago Dourado de Parimé e a cidade imaginária de Manoa-del-Dorado. É a pátria dos índios Manaus, que por tanto tempo resistiram às armas portuguesas.

A embocadura do rio Madeira — assim chamado pela grande quantidade de madeira que arrasta —, o forte de Pauxis, para além do qual o Maranhão toma o nome de Amazonas e onde a maré

principia a fazer-se sentir, apesar de se estar ainda afastado do mar mais de duzentas léguas, a fortaleza de Topaias, na embocadura de um rio que desce das minas do Brasil e nas margens do qual habitam os Tupinambás, foram sucessivamente deixados para trás.

Foi só no mês de setembro que se avistaram montanhas ao norte — espetáculo novo, porque havia dois meses que La Condamine navegava sem ter visto nem a mais leve colina. Eram os primeiros contrafortes da cordilheira de Guiana.

A 6 de setembro, em frente do forte do Peru, deixou-se o Amazonas, para se entrar, por um canal natural, no rio de Xinga, que o padre Cunha chama Paramaribo. Alcançou-se depois o forte de Curupá, e enfim o Pará, grande cidade de ruas direitas, de casas de pedra. La Condamine, que, para terminar o seu mapa, fazia empenho em visitar a embocadura do Amazonas, embarcou para Caiena, aonde chegou a 26 de fevereiro de 1744.

Esta imensa viagem tivera resultados importantes. Pela primeira vez o curso do Amazonas fora determinado de um modo verdadeiramente científico; podia-se pressentir a comunicação do Orenoco com este rio; enfim, La Condamine trazia um grande número de observações interessantes acerca da história natural, de física, de astronomia, e dessa ciência nova que tendia a constituir-se: a antropologia.

Devemos contar agora as viagens de um dos sábios que melhor compreenderam as relações da geografia com as outras ciências físicas: Alexandre de Humboldt. A ele pertence a glória de ter arrastado os viajantes por esse caminho fecundo.

Tendo nascido em Berlim, em 1769, Humboldt teve por primeiro professor Campe, o editor bem conhecido de muitas

relações de viagens. Dotado de uma predileção vivíssima pela botânica, Humboldt ligou-se, na Universidade de Göttingue, com Forster filho, que acabava de dar volta ao mundo na companhia do capitão Cook. Essa ligação e, especialmente, as narrativas entusiásticas de Forster contribuíram provavelmente para fazer nascer em Humboldt a paixão das viagens. Leva a par o estudo da geologia, da botânica, da química, da eletricidade animal, e, para se aperfeiçoar no estudo destas diferentes ciências, viaja na Inglaterra, na Holanda, na Itália e na Suíça. Em 1797, depois da morte de sua mãe, que se opusera às suas viagens fora da Europa, vai a Paris, onde trava conhecimento com Aimé Bonpland, jovem naturalista, com o qual logo formou muitos projetos de explorações.

Combinara-se que Humboldt acompanharia o capitão Baudin; mas as demoras a que esteve sujeita a partida desta expedição cansaram a sua paciência, e dirigiu-se a Marselha, com tenção de ir ter ao Egito com o exército francês. Dois meses inteiros esperou a partida de uma fragata que devia levar a Argel o cônsul sueco; depois, cansado de todas essas demoras, partiu para Espanha com o seu amigo Bonpland, na esperança de alcançar licença de visitar as possessões espanholas da América.

Não era coisa fácil; mas Humboldt era dotado de uma rara perseverança, tinha bons conhecimentos, calorosas recomendações, e possuía já uma certa notoriedade. Por isso, apesar da vivíssima repugnância do Governo foi autorizado a explorar essas colônias e a fazer nelas quantas observações astronómicas e geodésicas quisesse.

Os dois amigos partiram da Corunha a 5 de junho de 1799, e, treze dias depois, chegaram às Canárias. Para naturalistas,

desembarcar em Tenerife sem fazer a ascensão do pico, seria faltar a todos os deveres.

«Quase todos os naturalistas —diz Humboldt numa carta a La Mettrie — que (como eu) passaram às Índias, não têm tido tempo senão de chegar ao sopé desse colosso vulcânico e de admirar os jardins deliciosos do porto do Orotava. Tive a felicidade de a nossa fragata, a *Pizarro*, se demorar ali seis dias. Examinei minuciosamente as camadas de que é feito o pico de Tenerife... Dormimos ao luar, a 1200 toesas de altura. À noite, às duas horas, pusemo-nos em marcha para o cimo, aonde, apesar do vento violentíssimo, do calor do solo que nos queimava as botas, e apesar do frio agudo, chegámos às oito horas. Nada lhe direi desse espetáculo majestoso, das ilhas vulcânicas de Lançarote, Canária e Gomera, que vemos aos nossos pés; desse deserto de vinte léguas quadradas coberto de pedras-pomes e de lavas, sem insetos, sem pássaros, deserto que nos separa desses loureirais frondosos, dessas vinhas entremeadas de palmeiras e de dragoeiros cujas raízes são banhadas pelas ondas... Entrámos até à própria cratera, que tem apenas 40 a 60 pés de profundidade. O cume está a 1904 toesas acima do nível do mar, como Borda determinou por uma operação geométrica exatíssima. A cratera do pico, isto é, a do cume, há séculos que não deita lavas (estas saem unicamente dos flancos da montanha). Mas a cratera produz uma enorme quantidade de enxofre e de sulfato de ferro».

No mês de julho, Humboldt e Bonpland chegaram a Cumana, nessa parte da América do Sul conhecida pelo nome de Terra Firme.

Passaram ali primeiro algumas semanas a examinar os vestígios do grande tremor de terra de 1797. Fixaram depois a

posição de Cumana, colocada em todos os mapas meio grau demasiadamente ao sul — o que devia atribuir-se a que a corrente, que se dirige para o norte, para o pé da Trindade, enganou todos os navegadores. No mês de dezembro de 1799, Humboldt escrevia de Caracas ao astrónomo Lalande:

«Acabo de terminar uma viagem infinitamente interessante no interior de Paria, na cordilheira de Cocolar, Tumeri e Guiri; carreguei duas ou três mulas de instrumentos, de plantas secas, etc. Penetrámos nas missões dos Capuchinhos, que não tinham sido visitadas por naturalista algum; descobrimos um grande número de vegetais, principalmente novos géneros de palmeiras, e estamos a ponto de partir para o Orenoco, para nos internarmos, dali talvez até San Carlos do Rio Negro, para além do equador... Secámos mais de 1600 plantas, descrevemos mais de 500 pássaros, apanhámos conchas e insetos; fiz uns cinquenta desenhos. Parece-me que, tomando em consideração os calores ardentes desta zona, confessará que trabalhámos muito em quatro meses».

Nessa primeira viagem, Humboldt visitara as missões dos índios Chaimas e Guaraunos. Trepara ao cimo do Tumiriquiri e descera à gruta do Guacharo, «caverna imensa e habitação de milhares de aves noturnas, cuja banha dá o óleo de Guacharo. A sua entrada é verdadeiramente majestosa, ornada e coroada da vegetação mais luxuriante. Sai dali um rio considerável e no seu interior ressoa o canto lúgubre das aves. É o Aqueronte dos índios Chaimas, porque, segundo a mitologia destes povos e dos índios do Orenoco, a alma dos defuntos entra nesta caverna». Descer o Guacharo significa «morrer» na sua língua.

«Os índios entram na *cueva* do Guacharo uma vez cada ano, no meado do estio, armados de varas, com o auxílio das quais destroem a maior parte dos ninhos. Nesta estação muitos milhares de pássaros morreram assim de morte violenta, e os velhos guacharos, como se quisessem defender as suas ninhadas, pairam por cima das cabeças dos índios, soltando gritos horríveis. Os pequenos que caem no chão são abertos aí logo. O seu peritório reveste-se de uma espessa camada de banha, que se estende desde o abdómen até ao ânus, formando assim uma espécie de almofada entre as pernas das aves. Na época chamada em Caripe a colheita do óleo, os índios constroem à entrada, e mesmo debaixo dos vestíbulos da caverna, choças de folhas de palmeira; depois, acendendo então fogueiras de urzes e de tojos, derretem em vasos de argila a banha dos passarinhos que acabam de matar. Esta banha, conhecida pelo nome de manteiga ou de óleo de Guacharo, é meio líquida, transparente, inodora, e tão pura que se pode conservar um ano sem criar ranço».

Depois Humboldt continua dizendo: «Passámos uns quinze dias no vale de Caripe, situado a uma altura de novecentas e cinquenta e duas varas castelhanas acima do nível do mar e habitado por índios nus. Vimos ali macacos pretos com barbas ruivas; tivemos a satisfação de ser tratados com extrema benevolência pelos padres Capuchinhos do convento e pelos missionários que vivem com os índios um pouco civilizados.»

Do vale de Caripe voltaram os dois viajantes a Cumana pelas montanhas de Santa Maria e as missões de Catuaro, e a 21 de novembro chegavam por mar a Caracas, cidade que, situada no

meio de um vale fértil em cacau, algodão e café, tem o mesmo clima da Europa.

Humboldt aproveitou a sua permanência em Caracas para estudar a luz das estrelas do sul, porque notara que muitas, especialmente no Altar, no Tucano, nos Pés de Centauro e noutras constelações, parecem ter mudado desde o tempo de La Caille.

Ao mesmo tempo punha em ordem as suas coleções, expedia uma parte delas para a Europa e entregava-se a um exame profundo das rochas, a fim de estudar a construção do Globo nesta parte do mundo.

Depois de terem explorado os arredores de Caracas e de ter feito a ascensão de La Silla ou Sella, a cujo cimo nenhum dos habitantes da cidade trepara ainda, apesar de estar muito próxima da cidade, Humboldt e Bonpland partiram para Valência, seguindo as margens de um lago chamado Tacarigua pelos índios, e que excede em extensão o lago de Neuchâtel, na Suíça. Não há nada que possa dar uma ideia da riqueza e da diversidade da vegetação. Mas não são só as suas belezas pitorescas e românticas que dão interesse a este lago. O problema da diminuição gradual das suas águas não podia deixar de chamar a atenção de Humboldt, que atribui essa diminuição a uma exploração inconsiderada das florestas e por conseguinte ao esgoto dos mananciais.

Foi perto dali que Humboldt pôde convencer-se da realidade das narrativas que lhe tinham sido feitas acerca de uma árvore singular, *el palo de la vaca*, a árvore da vaca, que dá, por meio de incisões que se praticam no seu tronco, um leite balsâmico muito nutritivo. A parte difícil da viagem principiava em Puerto Cabello, na

abertura dos *llanos*, planícies de uma uniformidade absoluta, que se estendem entre as colinas da costa e o vale do Orenoco.

«Não sei — diz Humboldt — se o primeiro aspeto dos *llanos* excita menos espanto que o dos Andes».

Não há nada efetivamente mais impressionante do que este mar de ervas, sobre o qual se elevam continuamente turbilhões de pó, sem que se sinta o mais leve sopro no ar. No meio desta planície imensa, em Calabozo, Humboldt experimentou pela primeira vez a força dos gimnotos, enguias elétricas, que se encontram a cada passo em todos os afluentes do Orenoco. Os índios, que receavam expor-se à descarga elétrica, propuseram fazer entrar alguns cavalos no paul onde estavam os gimnotos.

«A bulha extraordinária causada pelas ferraduras dos cavalos — diz Humboldt —, faz sair os gimnotos do lodo e provoca-os ao combate. Estas enguias, amareladas e lívidas, parecem serpentes, nadam à superfície da água, e apinham-se debaixo da barriga dos quadrúpedes que vêm perturbar a sua tranquilidade. A luta, que se trava entre esses animais de uma organização tão diferente, oferece um espetáculo interessante. Os índios, armados de arpéus e de longos varapaus, rodeiam a lagoa de todos os lados e trepam às árvores cujos ramos se estendem horizontalmente sobre a superfície da água. Os seus gritos selvagens e os seus longos varapaus impedem os cavalos de deitar a fugir e de voltar para as margens da lagoa. As enguias, atordoadas pelo barulho, defendem-se por meio das descargas repetidas das suas baterias elétricas. Por muito tempo parecem vitoriosas; alguns cavalos sucumbem à violência desses abalos, que recebem de todos os lados nos órgãos mais essenciais

da vida, e, atordoados pela força e pelo número destes abalos, desfalecem e desaparecem debaixo das águas.

Outros, arquejantes, com a crina eriçada, os olhos desvairados, exprimindo a mais viva dor, procuram fugir para longe do campo de batalha, mas os índios repelem-nos impiedosamente para o meio da água. Aqueles, em pequeníssimo número, que logram iludir a vigilância ativa dos pescadores, voltam à praia, caem a cada passo, e vão estender-se na areia, exaustos de fadiga, com os membros todos entorpecidos pelos abalos dos gimnotos...

Não me lembro de ter nunca recebido, com uma descarga de uma garrafa de Leyde, comoção mais horrorosa do que senti ao pôr o pé imprudentemente em cima de um gimnoto, que acabava de sair da água».

Determinada a posição astronómica de Calabozo, Humboldt e Bonpland continuaram o seu caminho para o Orenoco. O Uritucu, cheio de crocodilos ferozes, o Apure, um dos afluentes do Orenoco, cujas margens estão cobertas com essa vegetação viçosa e luxuriante que só se encontra nos trópicos, foram sucessivamente atravessados ou descidos. As margens deste último rio estavam orladas de um mato espesso, em que se abriam de quando em quando arcadas, que permitiam aos pecaris, aos tigres e aos animais bravos ou ferozes vir dessedentar-se na corrente. Quando a noite estende o seu véu sobre a floresta, logo nos seus recessos, que pareciam até ali desabitados, ressoam rugidos, gritos ou cantos de feras e de pássaros que parecem lutar entre si para ver quem fará mais barulho.

Se o Uritucu tem crocodilos audaciosos, o Apure possui além disso um pequeno peixe, o *carabito*, que ataca com tal fúria os

banhistas que lhes arranca às vezes pedaços de carne relativamente consideráveis. Este peixe, que tem apenas quatro ou cinco polegadas de comprimento, é mais temível do que o mais formidável dos crocodilos. Por isso nenhum índio se arrisca a mergulhar nas águas que ele frequenta, apesar do prazer que sentem em banhar-se e da necessidade que eles têm de refrescar a pele, constantemente picada pelas formigas e pelos mosquitos.

O Orenoco foi depois descido pelos viajantes até ao Temi, reunido por uma portagem de pouca extensão ao Cano-Pimichin, afluente do rio Negro.

O Temi inunda muitas vezes ao longe as florestas das suas margens. Por isso os índios abrem, através das árvores, veredas aquáticas de um ou dois metros de largura. Não há nada mais curioso, não há nada mais imponente do que navegar no meio dessas árvores gigantescas, poi baixo dessas cúpulas de folhagem.

Ali, a trezentas ou quatrocentas léguas para o interior das terras, se encontram bandos de golfinhos de água doce, que arrojaram esses jorros de água e de ar comprimido a que devem o nome de sopradores.

Quatro dias foram necessários para se transportarem as canoas do Temi para o Cano-Pimichin, e não houve remédio senão abrir caminho a golpes de machete.

O Pimichin entra no rio Negro, que é também um afluente do Amazonas.

Humboldt e Bonpland desceram o rio Negro até S. Carlos, e subiram o Casiquiare, braço poderoso do Orenoco, que faz comunicar este último com o rio Negro. As margens do Casiquiare

são habitadas pelos Ydapaminos, que só comem formigas secas ao fumo.

Enfim, os viajantes subiram o Orenoco até perto das suas fontes, ao pé do vulcão de Duida, onde os fez parar a ferocidade dos Guaharibos e dos Índios Guaicas, hábeis atiradores de arco. É neste sítio que se encontra a célebre lagoa El-Dorado, em que se miram algumas pequenas ilhotas de talco.

Assim, pois, estava definitivamente resolvido o problema da junção do Orenoco e do Maranhão, junção que se faz na fronteira das possessões espanholas e portuguesas, dois graus acima do equador.

Os dois viajantes deixaram-se então arrastar pela força da corrente do Orenoco, que lhes fez percorrer mais de quinhentas léguas em menos de vinte e seis dias, pararam três semanas em Angostura para deixar passar os grandes calores e a época das febres, depois voltaram para Cumana no mês de outubro de 1800.

«A minha saúde — diz Humboldt — resistiu às fadigas de uma viagem de mais de mil e trezentas léguas, mas o meu pobre companheiro Bonpland foi atacado, logo depois da sua volta, por uma febre acompanhada de vômitos, de que a muito custo se curou. Era necessário um temperamento de um vigor excepcional para resistir às fadigas, às preocupações de todos os géneros, que salteiam os viajantes nestes países mortíferos. Andar continuamente rodeado de tigres e de crocodilos ferozes, ter o corpo magoado pelas picadas de formidáveis mosquitos ou de formigas, não ter durante três meses outro alimento senão água, bananas, peixe e mandioca, atravessar o país dos Otomacos, que comem barro, descer debaixo do equador as margens do Casiquiare,

em que durante cento e trinta léguas de caminho se não vê alma humana, não é grande o número dos que podem vencer essas fadigas e esses perigos, mas ainda menos numerosos são aqueles que, saindo vitoriosos da luta, têm bastante coragem e bastante força para a afrontar de novo».

Vimos que importante descoberta geográfica recompensara a tenacidade dos exploradores, que acabavam de percorrer todo o país situado ao norte do Amazonas, entre o Popayan e as montanhas da Guiana Francesa. Os resultados obtidos em todas as outras ciências não eram nem menos numerosos, nem menos novos.

Humboldt verificara que, entre os índios do alto Orenoco e do rio Negro, existem povoações extraordinariamente brancas, que constituem uma raça diferentíssima das da costa. Ao mesmo tempo observara a tribo tão curiosa dos Otomacos.

«Esta raça — diz Humboldt —, hedionda pelas pinturas que desfiguram o seu corpo, não come, quando o Orenoco vai muito alto e que já lá se não encontram tartarugas, durante três meses, nada ou quase nada, a não ser barro. Há indivíduos que comem um arrátel a arrátel e meio de barro por dia. Alguns frades disseram que eles misturavam o bano com a parte gorda da cauda do crocodilo; mas isso é falsíssimo. Encontrámos nas habitações dos Otomacos provisões de barro puro que eles comem; não lhe dão outra preparação senão a de o queimar ao de leve e de o humedecer».

Entre as mais curiosas descobertas que Humboldt fizera, devemos citar a do curare, esse veneno tão violento que vira fabricar pelos índios Catarapeni e Maquiritares, e de que mandara uma amostra ao Instituto, e do *dapiche*, que é um estado da goma-elástica até então desconhecido. E a goma que escapa naturalmente

das raízes das duas árvores, o *jacio* e o curcuma, e que seca no chão.

Esta primeira viagem de Humboldt acabou pela exploração das províncias meridionais de S. Domingos e de Jamaica, e por uma residência em Cuba, onde os dois viajantes tentaram diferentes experiências para melhorar o fabrico do açúcar, levantaram a planta das costas da ilha e fizeram observações astronómicas.

Esses trabalhos foram interrompidos pelo anúncio da partida do capitão Baudin, que devia, ao que se dizia, dobrar o cabo Horn e reconhecer as costas do Chile e do Peru. Humboldt, que prometera juntar-se à expedição, partiu logo de Cuba para atravessar a América Meridional e achar-se nas costas do Peru à chegada do navegador francês. Foi só em Quito que Humboldt soube que Baudin devia, pelo contrário, entrar no Pacífico, dobrando o cabo da Boa Esperança. Nem por isso deixa de ser verdade que todas as ações do viajante haviam sido subordinadas ao desejo de estar em prazo fixo nas paragens onde julgava que podia encontrar Baudin.

No mês de março de 1801, Humboldt, acompanhado pelo fiel Bonpland, desembarcou em Cartagena, donde tencionava passar para Santa Fé de Bogotá e depois para as planícies elevadas de Quito. Os dois viajantes residiram ao princípio, a fim de evitar os calores, na formosa aldeia de Tubaco, nas alturas que dominam a costa, e ocuparam-se de preparar a sua viagem. Durante uma das suas excursões pelos arredores, visitaram uma região extremamente curiosa, de que lhes tinham muitas vezes falado os seus guias índios e que se chama os *Volcanitos*.

É uma região pantanosa, situada no meio de uma floresta de palmeiras e de árvores tolu, a perto de duas milhas a leste de

Turbaco. Uma lenda que corre no país diz que toda essa região se incendiara outrora, mas um santo apagou esse fogo, arrojando-lhe simplesmente algumas gotas de água benta.

Humboldt achou no meio de uma vasta planície uns vinte cones de uma argila pardacenta, de altura de vinte e cinco pés pouco mais ou menos, cujo orifício, no cimo, estava cheio de água. Quando alguém deles se aproxima, ouve com intervalos regulares um som cavo, e, minutos depois, vê escapar-se uma forte quantidade de gás. Esses cones estão, no dizer dos índios, no mesmo estado há grande número de anos.

Humboldt reconheceu que o gás que sai desses pequenos vulcões é um azote muito mais puro do que o que se podia obter nessa época nos laboratórios de química.

Santa Fé está situada num vale que fica a oito mil e seiscentos pés acima do nível do mar, que está por todos os lados cercado por altas montanhas e que parece ter sido outrora um lago considerável. O rio Bogotá, que reúne todas as águas desse vale, abriu caminho ao sudoeste de Santa Fé e ao pé do casal de Tequendama; depois, deixando a planície por um estreito canal, passa para a bacia da Madalena. Daí resulta que, se se tapasse essa passagem, toda a planície de Bogotá se inundaria e o grande lago, que existia outrora, se reconstituiria. Da mesma forma que existe nos Pirenéus uma lenda acerca da brecha de Roldão, da mesma forma os índios contam que um dos seus heróis, Bochica, rasgou os rochedos que tapavam a passagem e secou o vale de Bogotá. Depois disso, contente com a sua obra, retirou-se para a santa cidade de Araca, onde viveu dois mil anos, fazendo penitência e impondo a si próprio as privações mais rigorosas.

A catarata de Tequendama, não sendo a maior do Globo, nem por isso deixa de oferecer um espetáculo grandioso. O rio, avolumado com todas as águas do vale, tem ainda cento e setenta pés de largura a pouca distância acima da sua queda; mas, no momento em que se engolfa na fenda, que parece ter sido formada por um tremor de terra, a sua largura não excede quarenta pés. Por cima dessa cascata prodigiosa eleva-se constantemente uma nuvem espessa de vapor, que recai quase logo depois, e contribui poderosamente, ao que se diz, para a fertilidade do vale.

Nada mais frisante do que o contraste entre o vale desse rio e o de Madalena. Em cima, o clima e as produções da Europa, o trigo, os carvalhos e as árvores das nossas regiões; em baixo, as palmeiras, a cana-de-açúcar e todos os vegetais dos trópicos.

Uma das curiosidades naturais mais interessantes que os nossos viajantes encontraram no seu caminho foi as pontes de Icononzo, que os Srs. Humboldt e Bonpland passaram no mês de setembro de 1801. No fundo de uma dessas gargantas, desses *canons*, tão profundamente encaixados que só nos Andes se encontram, um riachozito, rio de Suma-Paz, abriu caminho para si por uma fenda estreita.

Seria quase impossível atravessá-lo se a natureza não tivesse tido o cuidado de dispor aí, uma por cima da outra, duas pontes que são, com plena justiça, consideradas as maravilhas do país.

Três fragmentos de rocha, separados de uma das montanhas pelo tremor de terra que produziu este rasgão gigante, caíram de tal forma que se sustentam mutuamente e formam um arco natural, a que se chega por uma estreita vereda, que vai ao longo do precipício. No meio dessa ponte rasga-se uma larga abertura, por

onde se descobre a profundidade quase insondável do abismo, no fundo do qual rola a torrente, com um estrondo horrível, no meio dos gritos incessantes das aves que voam aos milhares.

A sessenta pés por cima dessa ponte há outra de cinquenta pés de comprimento e quarenta de largura e cuja espessura no meio não excede a oito pés. Os indígenas estabeleceram à beira dessa ponte, à moda de parapeito, uma fraca balaustrada de canas, e dali o viajante pode descortinar a cena majestosa que se desenrola debaixo dos seus pés.

As chuvas e as dificuldades do caminho tinham tornado extremamente penosa a viagem até Quito. Contudo, Humboldt e Bonpland não se demoraram nesta cidade senão o tempo estritamente necessário para descansar; depois foram ao vale da Madalena e entraram nas magníficas florestas que alcatifam as encostas do Quindiu, nos Andes centrais.

A passagem dessa montanha é considerada como uma das mais difíceis da Cordilheira. No momento da estação mais favorável, não se levam menos de doze dias a atravessar as suas florestas, onde se não encontra um homem, onde se não pode achar nem o mais insignificante alimento. O ponto culminante eleva-se doze mil pés acima do nível do mar, e a vereda que é preciso seguir não tem mais de um pé de largura. Os viajantes atravessam esse sítio geralmente sentados e amarrados numa cadeira, que os índios Cargueros levam às costas como um frete.

«Preferimos ir a pé — diz Humboldt numa carta a seu irmão —, e, como o tempo estava muito bonito, não passámos senão dezassete dias nessas solidões, onde se não encontra vestígio algum de que tivessem sido alguma vez habitadas. Dorme-se ali em

cabanas formadas de folhas de helicónia, que os viajantes levam de propósito consigo. Na descida ocidental dos Andes há paus em que os viajantes se enterram até aos joelhos. Mudara o tempo, chovera torrencialmente nos últimos dias; as botas apodreceram-nos nas pernas e chegámos de pés descalços e cobertos de pisaduras a Cartago, mas enriquecidos com uma bela coleção de novas plantas.

De Cartago fomos a Popayan por Buga, atravessando o belo vale do rio Cauca e tendo sempre ao nosso lado a montanha de Choca e as minas de platina que ali se encontram.

Passámos o mês de novembro de 1801 em Popayan, e fomos ali visitar as montanhas basálticas de Julusuito, as bocas do vulcão de Puracé, que, com uma bulha horrível, exalam vapores de água hidrossulfurosa, e os granitos porfiréticos de Pisché...

Restava-nos a vencer a maior dificuldade para ir de Popayan para Quito. Foi necessário passar os Paramos de Pasto, e isso na estação das chuvas, que principiara entretanto. Chama-se «paramo», nos Andes, qualquer sítio onde, na altura de mil e setecentas a duas mil toesas, cessa a vegetação e se começa a sentir um frio que penetra até aos ossos.

Para evitar os calores do vale de Patia, onde se apanham, numa só noite, febres que duram três ou quatro meses e que são conhecidas pelo nome de *calenturas de Patia*, passámos no cimo da Cordilheira por precipícios horríveis, para ir de Papayan a Almager, e dali a Pasto, situado ao pé de um vulcão terrível...»

Toda a província de Pasto é um planalto gélido, quase acima do ponto onde a vegetação pode durar e rodeado de vulcões e de solfataras, que exalam continuamente turbilhões de fumo. Os habitantes não têm para se sustentar senão a batata doce, e, se ela

lhes falta, veem-se reduzidos a sustentar-se de uma pequena árvore chamada *achupalla*, que os ursos dos Andes lhes disputam.

Depois de se terem molhado noite e dia durante dois meses, depois de terem corrido perigo de se afogar junto da cidade de Ibarra, em consequência de uma inundação súbita acompanhada de tremor de terra, Humboldt e Bonpland chegaram, no dia 6 de janeiro de 1802, a Quito, onde o marquês de Selva-Alegre lhes ofereceu uma hospitalidade esplêndida.

A cidade de Quito é bela, mas o frio vivíssimo e a vizinhança das montanhas escalvadas, que a rodeiam, tornam a sua residência muito triste. Desde o grande tremor de terra de 4 de fevereiro de 1797, a temperatura resfriara consideravelmente, e Bouguer, que reconhecera em Quito uma temperatura constante de 15° a 16°, ficara espantado de a ver a 4-10° de Réaumur. O Cotopaxi e o Pichincha, o Antisana e o Ilinça, essas bocas diferentes de um mesmo foco plutoniano foram examinadas minuciosamente pelos dois viajantes, que estiveram quinze dias ao pé de cada uma delas.

Duas vezes Humboldt chegou à beira da cratera da Pichincha, que ninguém vira ainda, a não ser La Condamine.

«Fiz a minha primeira viagem — diz ele — só com um índio. Como La Condamine se aproximara da cratera pela parte baixa do seu rebordo, coberto de neve, foi por ali que, seguindo as suas pisadas, fiz a minha primeira tentativa. Mas íamos morrendo. O índio enterrou-se até ao peito numa buraca; vimos com horror que tínhamos andado por cima de uma ponte de neve gelada, porque, a alguns passos de distância do sítio onde estávamos, havia buracos por onde passava a luz. Achávamo-nos, por conseguinte, sem o saber, sobre abóbadas que pertencem à própria cratera.

Assustado, mas não desanimado, mudei de projeto. Do recinto da cratera saem, arrojando-se, por assim dizer, para o abismo, três picos, três rochedos, que não estão cobertos de neve, porque os vapores que a boca do vulcão exala derretem-na sem cessar. Subi a um desses rochedos e encontrei no cimo uma pedra, que, estando segura só por um lado e minada por baixo, avançava em forma de sacada sobre o precipício. Mas esta pedra não tem senão doze pés de comprimento, pouco mais ou menos, sobre seis de largura, e é fortemente agitada por abalos frequentes de tremores de terra, chegando nós a contar dezoito em menos de trinta minutos. Para bem examinar o fundo da cratera, deitámo-nos de barriga para baixo, e não suponho que a imaginação pudesse fantasiar nada mais triste, mais lúgubre e mais assustador do que o que vimos então. A boca do vulcão forma um buraco circular de perto de uma légua de circunferência, cujos rebordos, cortados a prumo, são por cima cobertos de neve. O interior é de um negro carregadíssimo; mas o abismo é tamanho que se distingue o cimo de muitas montanhas que ali estão colocadas; o seu cume parecia estar a trezentas toesas abaixo de nós; imaginem onde estará a sua base.

Não duvido de que o fundo da cratera esteja no nível da cidade de Quito. La Condamine encontrara esse vulcão extinto e coberto até de neve, mas foi uma triste notícia que tivemos de levar aos habitantes de Quito a de que o vulcão que lhes fica próximo está atualmente abrasado».

No vulcão de Antisana, Humboldt elevou-se até duas mil setecentas e setenta e três toesas, mas o sangue que saltava dos lábios, dos olhos e das gengivas dos viajantes impediu-os de subir

mais acima. Quanto ao Cotopaxi, foi-lhes impossível chegar à boca da sua cratera.

No dia 9 de junho de 1802, Humboldt, sempre acompanhado por Bonpland, partiu de Quito para ir examinar o Chimborazo e o Tunguragua. Chegaram a aproximar-se a duzentas e cinquenta toesas do cimo do primeiro destes vulcões. Os mesmos incidentes que se deram no Antisana os obrigaram a retrogradar. Quanto ao Tunguragua, o seu cume desmoronou-se com o tremor de terra de 1797, e a sua altura, avaliada por La Condamine em duas mil seiscentas e vinte toesas, foi encontrada por Humboldt reduzida a duas mil quinhentas e trinta e uma.

De Quito partiram os viajantes para o rio Amazonas, passando por Lactacunga, Hambato e Rio Bamba, país devastado pelo tremor de terra de 1797, onde tinham sido sepultados em água e lama quarenta e tantos mil habitantes. Descendo os Andes, Humboldt e os seus companheiros puderam admirar as ruínas da calçada de Yepa, que vai de Cusco a Assuay, chamado o caminho do Inca. Era feita de pedra de cantaria e muito bem alinhada. Dir-se-ia um dos mais belos caminhos romanos. Nos mesmos arredores se encontram as ruínas do palácio do Inca Tupayupangi, cuja descrição La Condamine deu nas *Memórias da Academia de Berlim*.

Depois de dez dias de residência em Cuenca, Humboldt passou para o distrito de Jaen, levantou o mapa do Maranhão, até ao rio Napo, e satisfez, graças às observações astronómicas que pôde fazer, o desiderato que apresentava o mapa levantado por La Condamine. A 23 de outubro de 1802, Humboldt fazia a sua entrada em Lima, onde pôde observar com êxito a passagem de Mercúrio.

Depois de uma residência de um mês nesta capital, partiu para Guaiaquil, donde passou por mar para Acapulco da Nova Espanha.

O volume enorme de apontamentos que Humboldt tomou durante o ano que residiu nesse país, e que o habilitaram a publicar o seu *Ensaio sobre a Nova Espanha*, bastaria para provar, se isso fosse necessário depois do que dissemos das suas viagens anteriores, o que era a sua paixão de se instruir, e o que eram a sua indomável energia e a sua prodigiosa faculdade de trabalho.

Ocupava-se ao mesmo tempo das antiguidades e da história do México; estudava o caráter, os costumes e a língua dos habitantes; ao mesmo tempo fazia observações de história natural, física, química, astronomia e geografia. Esta universalidade é realmente maravilhosa.

As minas de Tasco, de Moran e de Guanajuato, que produzem muitos milhões de piastras por ano, chamam primeiro a atenção de Humboldt, cujos iniciais estudos se tinham dirigido para a geologia. Depois observa o vulcão de Jerullo, que a 29 de setembro de 1759, no meio de uma planície imensa, a trinta e seis léguas do mar, a mais de quarenta léguas de qualquer foco vulcânico, brotara do chão e formara uma montanha de cinzas e de escórias da altura de mil e setecentos pés.

Na Cidade do México os dois viajantes encontraram todos os recursos necessários para porem em ordem as coleções imensas que tinham reunido, para classificar e coordenar as suas observações, para preparar o Atlas geológico que iam publicar.

Enfim, no mês de janeiro de 1804, deixaram esta cidade a fim de reconhecerem a vertente oriental das Cordilheiras e medirem os dois vulcões gigantes de Puebla.

«O Popocatepelt — diz Desborough Cooley — está constantemente em atividade, apesar de há séculos a sua cratera ter vomitado apenas fumo e cinzas. Tem dois mil pés mais que as mais altas montanhas da Europa, e é a montanha mais elevada da Nova Espanha. A grande quantidade de neve caída recentemente não impediu Humboldt de fazer a ascensão do Cofre, mais elevado mil e trezentos pés do que o pico de Tenerife. Do alto desta montanha descobre-se uma vista tão extensa como variada sobre a planície de Puebla, e a vertente oriental da cordilheira do México, coberta de espessas florestas de liquidâmbar, de fetos arborescentes e de plantas sensitivas. Os nossos viajantes puderam distinguir o porto de Vera Cruz, o castelo de S. João de Ulloa e as praias do mar.

Esta montanha deve o seu nome de Cofre a um rochedo nu, de forma piramidal, que se levanta no seu cume, como uma torre, à altura de quatrocentos a quinhentos pés».

Humboldt, depois desta última exploração, desceu a Vera Cruz, teve a felicidade de escapar à febre-amarela que devastava essa região, partiu para Havana, onde depositara em 1800 a melhor parte das suas coleções, consagrou algumas semanas em Filadélfia ao estudo necessariamente sumário da constituição política dos Estados Unidos, e voltou à Europa no mês de agosto de 1804.

Os resultados da viagem de Humboldt eram tais que se pode dizer que é ele o verdadeiro descobridor da América equinocial. Antes dele explorava-se essa terra sem se conhecer, e uma grande quantidade das inumeráveis riquezas que ela produz eram absolutamente ignoradas. Devemos proclamá-lo em alta voz: nunca um viajante imprimira tamanho impulso à geografia física e a todas

as ciências que dela se aproximam. Humboldt é o tipo perfeito do viajante.